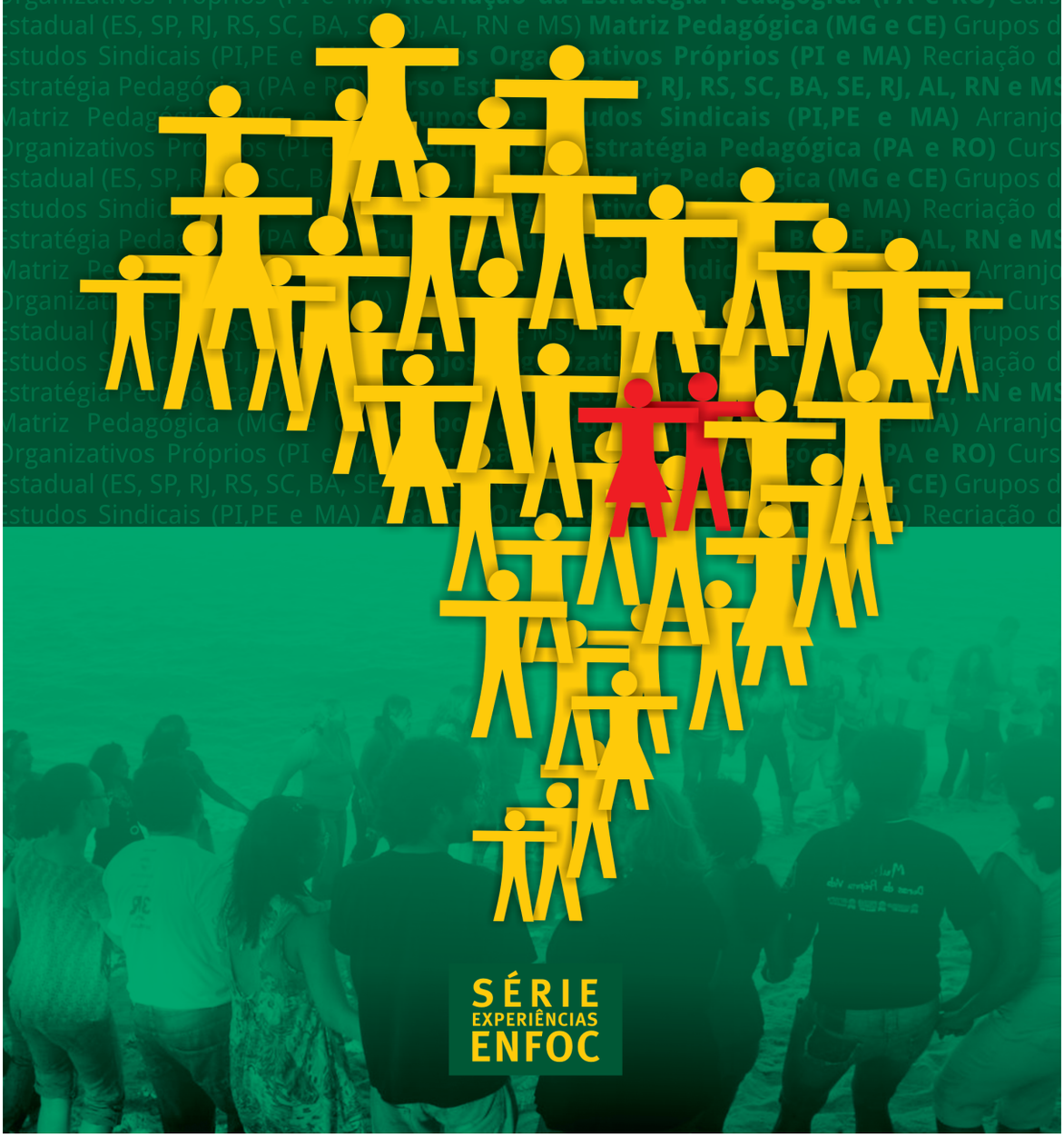
MULTIPLICAÇÃO
criativa, um entrelaçar de
PRÁTICAS E SABERES



SÉRIE EXPERIÊNCIAS ENFOC

ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO POLÍTICO SINDICAL DA CONTAG – ENFOC

Equipe Pedagógica

Amarildo Carvalho de Souza – Assessor de Org. e Formação
Antenor Martins de Lima Filho – Assessor de Org. e Formação
Antonio Gilberto Viegas da Silva – Assessor Regional Centro-Oeste
Antonio Ricardo F. de C. Matos – Assessor da Sec. Geral
Armando Santos Neto – Assessor da Secretaria de Jovens Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
Cléia Anice de M. Porto – Assessora de Políticas Agrárias
Decio Lauri Sieb - Assessor de Política Agrícola
Eliziário Noé Boeira Toledo – Assessor de Meio Ambiente
Givanilson Porfirio da Silva – Assessor Regional Nordeste
Iara Duarte Lins – Assessora de Org. e Formação
José Lourenço Cadoná – Assessor Regional Sul
Junior César Dias – Sub-Seção Dieese
Maria Aparecida Silva de Souza – Assessora Regional Norte
Maria Cavalcante Vicente – Assistente Técnica – Terceira Idade
Marleide Barbosa de Sousa – Assessora de Fin. e Administração
Raimunda Oliveira Silva – Assessora de Org. e Formação
Sara Deolinda C. Pimenta – Assessora de Mulheres Trabalhadoras Rurais
Silvia Helena De-Zan – Assessora Regional Sudeste
Tânia Dornelles – Assessora de Políticas Sociais

Secretário de Formação e Organização Sindical
Juraci Moreira Souto

Coordenadora Pedagógica
Raimunda de Oliveira Silva

Assessores/Assessoras
Amarildo Carvalho de Souza
Antenor Martins de Lima Filho
Iara Duarte Lins
Raquel Luiza C. dos Reis Silva

Secretária da ENFOC
Gisele Nunes de Sousa Lima
Simone Raquel Alves M. Lira - Auxiliar administrativo

Ficha Técnica

Coordenação: Juraci Moreira Souto, Diretor da Contag, Agricultor Familiar, Técnico em Contabilidade
Organizadoras: Iara Duarte Lins, Advogada, Educadora Popular
Elza Maria Fonseca Falkembach,Doutora em Ciências Humanas
Raimunda de Oliveira Silva,Coordenadora Pedagógica, Historiadora
Consultoria: Elza Maria Fonseca Falkembach, Doutora em Ciências Humanas
Colaboração: Amarildo Carvalho de Souza, Historiador, Educador Popular
Antenor Martins de Lima Filho, Sociólogo, Educador Popular

Equipes de elaboração dos textos

1. **O ITINERÁRIO FORMATIVO REINVENTADO**
   Maria Mirian Ferreira Gomes – Agricultora, Sócia do STTR de Marabá, Educanda da Enfoc e Graduanda em Pedagogia do Campo-Pronera/UFPA
   Laíssa Pollyana do Carmo – Assentada da Reforma Agrária e suplente da diretoria do STTR do Município de Silvânia-GO, Acadêmica da Turma Especial de Direito para Beneficiários da Reforma Agrária e Agricultores Familiares Tradicionais na Universidade Federal de Goiás. *Colaboração:* Celma Moreira, Assistente Social e Nachibe Alves Rocha, Assessor da Fetaeg
   Sueli Machado de Souza – Agricultora Familiar e Secretária de Formação do STTR de Ministro Andreazza
   Dilcimara Simmer (Mara) – Assistente Técnica da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Espírito Santo, Educadora Popular, Bacharel em Economia

2. **ESPAÇOS INTERMEDIÁRIOS E GRUPOS DE ESTUDOS SINDICAIS-GES**
   Theresa Rachel Mendes da Silva Rodrigues - Assessora da Fetag/PI, Socióloga
   Maria do Carmo Souza Ramos (Madrinha) - Assessora Educacional do Polo Sindical da Mata Sul-Fetape, Licenciatura em Letras. *Colaboração:*

MULTIPLICAÇÃO
criativa, um entrelaçar de
PRÁTICAS E SABERES

Iara Lins
Elza Falkembach
Raimunda de Oliveira
(Orgs.)

Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura - Contag

Brasília, 2012

Mônica Katarina Tavares Benevides, Assessora da Diretoria de Organização e Formação da Fetape, Elaine Maria das Neves, Assessora da Diretoria de Política para as Mulheres da Fetape, Maria Magly Colares de Moura Alencar, Graduação em Serviço Social e Thatiana Lima Vasconcelos, Geógrafa

Neusa Maria Gomes Duarte – Assessora Jurídica da Fetaema, Pós-Graduanda em Cidadania e Direitos Humanos pela Universidade Católica de Goiás *Colaboração:* Ana Maria Menezes Rodrigues, Assessora da Fetaema, Técnica em Agropecuária

Emanuel Barreto de Oliveira (Manu) – Assessor da Secretaria de Juventude da Fetraece, Licenciatura em Filosofia e História

Maria Rosa de Sousa Rodrigues – Assessora da Fetraece, Técnica em Fruticultura

3. MATRIZ PEDAGÓGICA

Maria Alves de Souza – Trabalhadora Rural, Quilombola, Coordenadora de Juventude e Educação da Fetaemg e Educadora Popular, Serviço Social

Marta da Cruz Coelho Temporim – Funcionária do STTR Parapuã-SP, Educadora Popular da Enfoc, Licenciada em Letras. *Colaboração:* Silvia Helena De-Zan, Assessora da Regional Sudeste da Contag, Educadora Popular da Enfoc, Técnica em Contabilidade

4. ENTRELAÇANDO PRÁTICAS E SABERES, RELATO DA VIVÊNCIA

Vânia Marques Pinto – Agricultora Familiar, Trabalhadora Rural, Dirigente Sindical, Diretora da Fetag/BA, Pedagoga da Terra

Ana Bisneto de Moura – Assessora Sindical e de Formação da Fetagri/MS. *Colaboração:* Rosilei Lopes de Oliveira, Secretária Geral do STR de Bodoquena. Suely Siqueira, ex-Secretária Geral do STRR de Antonio João

Silvia Helena De-Zan – Assessora da Regional Sudeste da Contag,Educadora Popular da Enfoc, Técnica em Contabilidade

Ezaquiel Siqueira da Conceição – Secretário de Formação e Organização Sindical da Fetag/RJ

Nicole Nicolluzi – Coordenadora de Jovens do STTR de Irineópolis – SC, Ensino Superior Incompleto - 4° semestre Engenharia Ambiental

Jocelia Maria da Silva (Jocelia Silva) – Trabalhadora Rural, Diretora do STTR e da Fetarn, Licenciada em Pedagogia, Cursando Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional. *Colaboração:* Maria Darione David Lima, Educadora Popular e Assessora Sindical da Fetarn, Técnica Agrícola

Thiago Santos Gomes – Agricultor Familiar, Secretário do Meio Ambiente da Fetag/AL

Vanubia do Nascimento Leal – Agricultora, sócia do STTR de Esperantina-TO, Educadora Popular da Enfoc, Serviço Social

Barea, Rudimar – Camponês, Vice-Presidente do STTR de Ciríaco, Membro da Comissão Estadual de Jovens da Fetag/RS. Técnico em Agropecuária Ecológica, Cursando Ensino Superior de Filosofia

Maria José Moura Santos – Trabalhadora Rural, Secretária Geral da Fetase e Suplente da Diretoria STTR de Cumbe/SE. *Colaboração*: Engrácia Viviane Rodrigues da Silva, Assessora da Fetase; Agnes Santos Melo e Sanadia Gama dos Santos, Assessoras da Fetase

Diagramação e arte-final: Raphael C. Freitas e Marcos Samarone dos Santos Carneiro (colaboração gráfica)
Revisão: Iolita Campos
Tiragem: Catalogação na Publicação

Catalogação na Publicação

E M961 Multiplicação criativa, um entrelaçar de práticas e saberes / organizadoras lara lins, Elza Falkembach, Raimunda de Oliveira. – Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag / Escola Nacional de Formação Político Sindical da Contag – ENFOC, 2012. -
303 p. - (Experiências Enfoc ; 3)

ISBN 978-85-63462-053

1. Educação. 2. Sistematização. 3. Formação político-sindical. 4. Prática política sindical. 5. Práticas pedagógicas. I. Lins, lara. II. Falkembach, Elza. III. Oliveira, Raimunda. IV. Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag. V. ENFOC – Escola Nacional de Formação Político Sindical da Contag. V. Título. VI. Série.

CDU : 37.01
37.013

Tania Maria Kalaitzis Lima
CRB 10 / 1561

APRESENTAÇÃO

A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag, por meio da sua Escola Nacional de Formação – Enfoc, vem apresentar a segunda publicação da *Série Experiências Enfoc: Multiplicação Criativa, um Entrelaçar de Práticas e Saberes*. Esta publicação foi construída a várias mãos, envolvendo dirigentes sindicais, funcionários/as e assessoria das Federações e Sindicatos. Esta escrita demonstra que os trabalhadores/as rurais são capazes de escrever a sua própria história.

A alegria de compartilhar esta obra com todos que fazem parte do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais-MSTTR, sejam lideranças, trabalhadores/rurais, educadores/as populares e a sociedade civil, é imensa. Se na primeira publicação sistematizamos as vivências do itinerário formativo da Escola nos Cursos Nacional e Regional, nesta publicação estão presentes a sistematização das vivências dos Cursos Estaduais, Grupos de Estudos Sindicais-GES e Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc.

A Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc se encarregaram da multiplicação criativa em seus estados e municípios, recriaram caminhos, refletiram sobre suas práticas sindicais no espaço de atuação militante e se apropriaram de novos conhecimentos para fortalecer o nosso projeto político (PADRSS).

Com esse jeito de fazer escola que democratiza o conhecimento, estamos cada vez mais próximos dos homens e mulheres do campo, por isso conclamamos todos/as a fazer uma leitura coletiva (reuniões das federações, sindicatos, polos/regionais e GES) deste livro, refletindo sobre as aprendizagens, questionamentos, desafios e perspectivas da ***Vida Sindical***.

Boa leitura a todos e todas.

Alberto Ercílio Broch
Presidente da Contag

Juraci Moreira Souto
Secretário de Organização e Formação da Contag

Sumário

INTRODUÇÃO 11

O ITINERÁRIO FORMATIVO REINVENTADO 17

A ATUAÇÃO DA ENFOC, A EXPERIÊNCIA DO PARÁ 18
Introdução 18
GES e Redes de Educadores/as fortalecem a formação proporcionada pela Enfoc 25
2ª Turma Estadual da Enfoc no Pará: aprendendo com as práticas sociais dos trabalhadores e trabalhadoras rurais 25
A construção de aprendizagens 27
Enfoc, provocações que desafiam a construção de novas práticas no MSTTR: repercussões da formação no cotidiano de luta dos militantes no MSTTR 35
Considerações finais 37

ESCOLA DE FORMAÇÃO SINDICAL DE GOIÁS 40
Introdução 40
Antecedentes da formação sindical 41
Criação da Escola Estadual – ESFOSGO 41
Critério de escolha dos participantes 43
Experiência de sistematização 44

MULTIPLICANDO CRIATIVAMENTE O QUE APRENDEMOS NA ENFOC: A EXPERIÊNCIA EM RONDÔNIA 46
Introdução 46
Cursos municipais – a experiência do município de Ministro Andreazza 48
Curso Estadual – construção de um jeito novo de fazer formação 51
Grupos de Estudos Sindicais e Rede de Educadores e Educadoras Populares 65
Considerações finais 66

A FORMAÇÃO INSPIRA UM NOVO OLHAR: A EXPERIÊNCIA DA ENFOC NO ESPÍRITO SANTO 67
Introdução 67
Curso Estadual de Formação – relato de uma experiência cheia de desafios 70
Recriação do itinerário 75
Considerações finais 79
Referências 81

ESPAÇOS INTERMEDIÁRIOS E GRUPOS DE ESTUDOS SINDICAIS – GES 83

A MULTIPLICAÇÃO DE PRÁTICAS E SABERES DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DA ENFOC NO PIAUÍ 84
Introdução 84
O processo formativo da 2ª turma do Curso de Formação da Enfoc no Piauí 89
Grupos de Estudos Sindicais: uma realidade 98
Ação da Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc no Piauí 104
Considerações finais 105

A EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO SINDICAL DA ENFOC EM PERNAMBUCO 109
Introdução 109
A estratégia de formação do MSTTR e o diálogo com momentos históricos do Brasil 110
Espaços intermediários e a construção dos GES 118
Considerações finais 121

CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL DA ENFOC NO MARANHÃO: NOVAS ESTRATÉGIAS FORMATIVAS NOS ESPAÇOS INTERMÉDIARIOS DE GES 123
Introdução 123
GES no Maranhão – desafios, iniciativas e caminhos 125
Equipe pedagógica e Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc no Maranhão 127
Considerações finais 128

FORTALECENDO A ESTRATÉGIA FORMATIVA DA ENFOC COM A CRIAÇÃO DA EQUIPE PEDAGÓGICA NO CEARÁ 129
Introdução 129
Equipe pedagógica 130
Rede de Educadores e Educadoras 131
Multiplicação criativa 132
Estratégia de formação na base 133
Referências 135

MATRIZ PEDAGÓGICA 137

ENSINAR APRENDENDO E APRENDER ENSINANDO: O CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL EM MINAS GERAIS 138
Introdução 138
Uma Rede 142

Uma nova percepção e um novo jeito de ser escola 145
Contextualizando a organização sindical 151
Considerações finais 157

SISTEMATIZAÇÂO DO PROCESSO FORMATIVO DE SÃO PAULO 159
Introdução 159
Curso Estadual de Formação 161
Nossas lutas e nossa história 163
Rede de Educadores e Educadoras e Grupos de Estudos Sindicais – GES 167
Considerações finais 169
Referências 170

ENTRELAÇANDO PRÁTICAS E SABERES, RELATO DA VIVÊNCIA 171

CURSO ESTADUAL DE FORMAÇÃO SINDICAL NA BAHIA, UM JEITO DIFERENTE DE REFLETIR A PRÁTICA SINDICAL 172
Introdução 172
O Curso Estadual 173
Vivendo um jeito diferente de fazer – metodologias participativas 179
A Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc na Bahia 185
O que este processo formativo nos ensina 187

CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICO-SINDICAL NO MATO GROSSO DO SUL 191
Introdução 191
Realização do Curso Estadual de Formação 193
Atividades realizadas durante os módulos 195
Metodologias participativas 196
Grupos de Estudos Sindicais – GES 198
Rede Estadual de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc 199
Considerações finais 202

CURSO ESTADUAL DE FORMAÇÃO POLÍTICO-SINDICAL: A EXPERIÊNCIA NO RIO DE JANEIRO 203
Introdução 203
O que nos desafia? 204
O que nos fortalece? 205
Sistematização, uma oportunidade de reviver a experiência 205
Rede de Educadores e Educadoras Populares e Grupos de Estudos Sindicais – GES 210
Considerações finais 211

CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICO-SINDICAL EM SANTA CATARINA 212
Introdução 212
Organização do funcionamento do processo e reconhecimento dos participantes 214
Percepção histórica do MSTTR pelos educandos e educandas 218
Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário – PADRSS 220
Considerações finais 223

A MULTIPLICAÇÃO CRIATIVA ENTRELAÇANDO PRÁTICAS E SABERES NO RIO GRANDE DO NORTE 225
Introdução 225
Vivendo uma experiência com a Enfoc 226
Desafios e aprendizados dos multiplicadores/as criativos 229
Compreendendo os Grupos de Estudos Sindicais – GES 229
Ação da Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc no Rio Grande do Norte 230
Considerações finais 231

CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA EM ALAGOAS 232
Introdução 232
Apropriação da estratégia formativa 234
Metodologias participativas 234
Vivência – Curso Estadual de Formação Sindical 236
Rede de Educadores/as Populares e Grupos de Estudos Sindicais – GES. 242
Considerações finais 244

ENFOC, UM JEITO DE SER ESCOLA REPERCUTINDO NO CURSO ESTADUAL DO TOCANTINS 245
Introdução 245
O Curso Estadual de Formação Político-Sindical da Enfoc no Tocantins 246
As repercussões do processo formativo da Enfoc sobre as praticas sindicais do MSTTR 248

CURSO ESTADUAL DE FORMAÇÃO POLÍTICO SINDICAL NO RIO GRANDE DO SUL 253
Introdução 253
Curso Estadual de Formação de Lideranças Sindicais 256
Grito da Terra Municipal – propositor de pautas municipais pela agricultura familiar 259
PADRSS 266
Mudando paradigmas no processo educativo 274
Considerações finais 276

VIVENDO UMA EXPERIÊNCIA: CURSO ESTADUAL DE MULTIPLICAÇÃO CRIATIVA EM SERGIPE 278
Introdução 278
Como se deu o processo formativo 279
Recursos pedagógicos e temas trabalhados 281
O significado da sistematização para o MSTTR 282
Grupos de Estudos Sindicais – GES 284
Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc em Sergipe 286
Considerações finais 286
Referências 287

APRENDIZAGENS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS 289

UMA REFLEXÃO SOBRE O CUIDADO 291

SIGLAS 301

Introdução

Iara Duarte Lins

Assessora de Organização e Formação,
Educadora Popular, Advogada

Raimunda de Oliveira Silva

Assessora de Organização e Formação,
Coordenadora Pedagógica, Historiadora

O desafio de alcançar a base sindical e a perspectiva de provocar mudanças na prática e fortalecer a luta sindical para a implementação do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PADRSS foi o que motivou a idealização do Itinerário Formativo da Escola Nacional de Formação Sindical da Contag – Enfoc, bem como a opção pela estratégia de multiplicação criativa[1].

A Enfoc, como escola sindical nacional voltada a atender às demandas por formação de trabalhadores/as rurais, organizados pelo Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – MSTTR, vem sendo fonte de inspiração para a criação de Escolas Sindicais junto às Federações e Sindicatos de Trabalhadores/as Rurais, sob a mesma orientação pedagógica e Itinerário Formativo.

O Itinerário Formativo compõe-se de Curso Nacional, Curso Regional, Curso Estadual e Grupos de Estudos Sindicais. Os cursos até o âmbito regional são de responsabilidade da Equipe Pedagógica da Enfoc, composta por uma pessoa da assessoria de cada uma das principais frentes de atuação da Contag[2]. Os Grupos de Estudos Sindicais – GES são parte da estratégia de multiplicação criativa, assim como os cursos estaduais. Por meio deles, a Enfoc chega até às comunidades

[1] Por multiplicação criativa compreende-se a recriação do curso de formação política da Enfoc nos âmbitos estaduais, municipais, microrregionais e a constituição de Grupos de Estudos Sindicais – GES nas comunidades. A recriação dos cursos nos estados seguem com a mesmo concepção e mesmos eixos temáticos e pedagógicos e acrescentam conteúdos demandados pelos/as trabalhadores/as a partir de cada realidade.

[2] As principais frentes de atuação da Contag são: políticas agrária, agrícola e social; enfrentamento aos problemas dos assalariados/as rurais, políticas para mulheres, juventude e pessoas da 3ª idade.

e municípios. Os educadores/as discutem com os trabalhadores rurais a estratégia formativa da Enfoc e desencadeiam um processo de reflexão sobre a "vida" do MSTTR, especialmente quanto às histórias de lutas e resistências, os desafios, limites e potencialidades para a construção de uma sociedade mais humana, a partir das experiências de vida dos trabalhadores/as.

Os GES são derivações dos cursos e sua constituição é de responsabilidade de cada educando/a e da organização (federação, sindicato) a que pertencem. Compreendeu-se que, com este itinerário, a Contag estaria anunciando, ao mesmo tempo, para o conjunto do MSTTR, suas pretensões com a criação da Escola. Estaria ainda comunicando sobre a corresponsabilização institucional (confederação, federações e sindicatos); os tempos formativos; os afazeres pedagógicos e, especialmente, o caráter de multiplicação criativa enquanto meio para se alcançar o espaço local de vida e militância dos trabalhadores/as rurais – o principal desafio que lhe deu origem.

O Curso Nacional recebe como educandos/as quatro pessoas por Federação e estas, por sua vez, compõem também uma turma regional, que acolhe mais seis novas pessoas, formando uma equipe de 10 educandos/as de cada uma das 27 Federações, por turma. São estes educandos/as que posteriormente organizam e coordenam os cursos de formação estaduais e promovem a animação de GES nas comunidades e municípios, assegurando o alcance e a capacidade mobilizadora do Itinerário Formativo.

Nestes 5 anos de existência, a Escola se mantém forte na perspectiva de formação transformadora e se espalha pelo Brasil marcando caminho com a realização de cursos estaduais, seguindo a mesma perspectiva pedagógico-metodológica da Enfoc, nos quais já foram envolvidos, diretamente, mais de 3 mil pessoas. Alguns destes vão criando e animando GES nas comunidades e demais espaços de militância, e outros vão compondo a Rede de Educadores/as Populares da Enfoc, que é composta por pessoas de boa parte das Federações de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – Fetags e professores/as de várias universidades e de organizações não governamentais.

Os Cursos Estaduais, um dos objetos desta sistematização, iniciaram em 2009 e foram realizados nas 27 (vinte sete) Federações como parte da dinâmica de multiplicação criativa, em que os educandos/as são protagonistas do processo que se desdobra, fortalecendo os GES e se preparando para enfrentar os desafios de um novo fazer sindical.

Esta publicação celebra os cinco anos da Enfoc e traz relatos das experiências com a multiplicação criativa – Cursos Estaduais e GES – da 2ª Turma dos Cursos Nacional e Regionais, as iniciativas decorrentes da estratégia da Enfoc, como as Redes de Educadores/as Populares, de colaboradores/as, os espaços intermediários dos GES, cursos microrregionais e municipais. As atividades formativas elencadas e sua sistematização estiveram sob a responsabilidade dos educandos/as da 2ª Turma dos Cursos Nacional e Regionais da Escola.

A sistematização da vivência se mostra como possibilidade para percebermos se a estratégia formativa da Escola vem influenciando mudanças à prática sindical e em que medida essas mudanças inovam para a perspectiva da transformação política a que a Escola se propõe incidir. Elza Falkembach (2006) nos lembra que a sistematização de experiências vem sendo utilizada como metodologia para narrar vivências coletivas, recuperar aprendizados e construir conhecimentos a partir de práticas sociais.

Antes mesmo de iniciar os cursos estaduais, foi criada uma equipe, constituída por uma pessoa de

cada Federação, dentre às que haviam participado dos cursos nacional ou regional, e em uma oficina dedicada a refletir sobre a estratégia de sistematização – concepção e caminhos –, foram construídas as bases para definição do projeto de sistematização de cada estado.

Essas pessoas, ao retornarem às Federações, organizaram reuniões com as demais (10 educandos/as) no estado, para elaborar o projeto e, durante a realização dos cursos estaduais de formação sindical, interagiram com os participantes, guiados por questões orientadoras constantes nos seus projetos.
Tais perguntas variaram de acordo com as pretensões e realidades de cada turma. Para este trabalho, cada equipe pôde contar com o apoio político das respectivas Federações através dos Secretários/as de Formação e Organização Sindical e das pessoas da Rede de Educadores/as Populares da Enfoc nos estados, que vivenciaram o processo de sistematização anterior e produziram o livro *Repercussões de um jeito de ser escola*[3] (2010).

A caminhada exigiu esforço individual de cada um e de cada uma, no entanto os encontros realizados nacionalmente e também nas regiões foram fundamentais para construir uma sintonia e retroalimentar a esperança de que seria possível cumprir com as fases do projeto e chegar ao 3º ENAFOR, comemorando a superação do desafio de elaborar um livro que traduzisse sentimentos e repercussões de uma caminhada cheia de significados.

Primeira vivência

A produção de conhecimentos tem sido desenvolvida pela Enfoc. Teve seu início com a sistematização das vivências nos cursos nacional e regionais no período de 2006 a 2009 (primeira turma), cujo eixo temático foi ***O que mudou em mim enquanto educador e educadora do MSTTR e o que mudou no meu espaço de atuação militante***, que resultou na publicação anteriormente referida.

Para que o projeto de sistematização pudesse se viabilizar, foram necessários a realização de seminários nacionais e oficinas de autoformação, espaços de reflexão, construção, reorientação de rumos e de fortalecimento da equipe de sistematizadores e sistematizadoras. Nesses espaços, a equipe foi conquistando mentes e corações de cada participante dos cursos, também sujeito da estratégia de sistematização, onde cada fio da Rede de Educadores e Educadoras Populares era costurado com muita dedicação e consciência. Foram feitas muitas descobertas.

Nesse primeiro processo de sistematização, foi possível constatar a transformação pessoal dos educandos e educandas que participaram dos cursos nacional e regionais. As narrativas sobre o andamento dos cursos e atividades correlatas foram recheadas com diversas vozes, decorrentes de uma escuta coletiva. Essas vozes que se faziam ouvir por procedimentos também diversos possibilitaram identificar o despertar da consciência política e crítica que o conhecimento produz, quando este é produzido mediante diálogo, interagindo assim com ***um jeito de ser escola,*** cujo objetivo é a transformação política dos sujeitos. Muitas aprendizagens aconteceram e o gosto pelo trabalho com o conhecimento começou a ser construído.

O conhecimento construído no processo formativo da Enfoc empodera os educandos e educandas que passaram a olhar para o mundo com visão crítica, oportunizando uma melhor intervenção nos seus espaços de atuação militante, seja na Federação, nos sindicatos, como também em espaços da sociedade

[3] ENFOC: Repercussões de um jeito de ser escola. Organizadora: Raimunda de Oliveira Silva [et al.].-Brasília:Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura-Contag,2010-166 p.:ii.-(Experiências Enfoc;1).

civil e no estado. Este empoderamento também estimula a disputa de poder, o que não acontece sem conflito. Isto tem levado a escola a refletir um pouco mais com seus educandos/as sobre a importância do cuidado consigo mesmo e com o outro, nas relações políticas, pois o espaço coletivo é quase sempre cheio de conflitos e contradições.

A primeira experiência de sistematização reafirma a importância de o MSTTR cuidar mais dos registros, revelando que os trabalhadores camponeses são capazes de escrever "sua própria história". A concepção que orienta este fazer na Enfoc contribuiu para refletir sobre a caminhada, sobre a prática sindical e como enfrentar os desafios propostos para a construção de uma nova sociabilidade.

Segunda vivência

Este segundo processo de sistematização da Enfoc tem como objeto a vivência nos Cursos Estaduais, Grupos de Estudos Sindicais e Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc (II turma) e como eixo temático ***O que mudou na minha prática militante e o que mudou no meu espaço de atuação militante?*** cujo resultado é esta publicação.

O que difere esta vivência da primeira é tanto o seu objeto quanto o eixo temático, que foca o olhar para a mudança na prática sindical e o que muda no espaço de atuação desses educandos/as, ou seja, as repercussões dessa atuação. Além disso, pretende-se que esta sistematização traga impressões sobre como está "acontecendo" a multiplicação criativa das atividades da Escola nas comunidades rurais por meio dos GES e como a Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc realiza essas atividades.

A equipe de sistematização da experiência que agora relatamos é também outra, composta pelos educandos/as da 2ª Turma dos Cursos Nacional e Regionais e responsáveis pela realização dos cursos estaduais. Assim como na primeira sistematização, a sua viabilização se deu a partir da realização de seminários nacionais, oficinas de autoformação e, em alguns casos, encontros regionais, a exemplos das regiões Nordeste, Sul e Sudeste.

Estão reunidos nesta publicação textos sobre as vivências da formação no âmbito de 19 Federações: Alagoas, Bahia, Ceará, Goiás, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins. Embora as outras Federações tenham participado da formação e de parte do processo de sistematização, seus textos serão direcionados a outras publicações, por não terem ficado prontos em tempo hábil.

Desde o início tínhamos consciência de que esta experiência seria um pouco mais complexa do que a primeira, pois o objeto e eixo da sistematização, embora comuns a todas as equipes, sugerem alcançar as peculiaridades objetivas e subjetivas, inerentes a cada realidade política e organizativa das Federações. Percebeu-se logo que cada texto guardava especificidades e, apesar de guiados pelo mesmo objeto, as ênfases de cada narrativa eram singulares a cada vivência e momento o que possibilitou agrupá-las em Núcleos de Singularidades.

Quando, na sistematização, falamos em "núcleo de singularidade" de uma prática social, afirma Falkembach (2006), não estamos nos referindo a algo fixo ou estrutural, mas a um conjunto de elementos – coisas, pessoas, ideias, significados, relações – que, ao se combinarem em um dado tempo e espaço, produzem certas configurações que tornam esta mesma prática distinta de outras, inclusive daquelas com as quais compartilha um mesmo ambiente ou campo

de manifestação (lugar), um mesmo momento de expressão (tempo) e temática.

Um "núcleo de singularidade" reúne movimentos e significados e pode concentrar e organizar a produção de conhecimentos e aprendizagens, que vão reverter sobre a prática, referendando ou transformando seu sentido, orientando atos, afetando relações e, com isso, o desenrolar da prática. Em razão disso, ao ser identificado em processos de sistematização, acaba atuando como motivação interna para que os integrantes da sistematização reflitam sobre as peculiaridades do então criado, vivido, apresentado e representado na e pela prática social. Concentra potencial para a transformação da prática em experiência. Por quê? Em razão de jogar o indivíduo na fronteira entre o vivido e a articulação de um discurso que represente o vivido, lugar de revelação do indivíduo como sujeito de discurso.

Identificar um "núcleo de singularidade" em uma prática social é uma forma de problematizá-la. Este é um trabalho para o pensamento: modo peculiar de interrogar a prática sobre um determinado problema de sua época e de examinar a forma historicamente singular como este problema se apresenta e é representado no âmbito da prática em questão; modo como esta prática social, em uma dada época, apresenta "um certo tipo de resposta a um certo tipo de problema" (FALKEMBACH, 2006, p. 13). Sobre este pode coincidir com o eixo temático da sistematização, extrapolá-lo, limitá-lo ou, mesmo, criar derivações analíticas.

Compreendendo assim, foi possível encontrar quatro Núcleos de Singularidades que concentram aspectos e características específicas, porém, guardando a perspectiva comum de incidir sobre a prática sindical. A primeira singularidade, **O *Itinerário Formativo Reinventado*** enfatiza como as Federações foram recriando o Itinerário da Escola, de forma a ampliar o número de participantes e o alcance à base sindical nos estados do Pará, Goiás, Rondônia e Espírito Santo. As ações, em âmbito municipal e microrregionais, seguiram a mesma lógica do curso estadual e, no caso destes quatro estados, fazem parte do objeto da sistematização.

A singularidade **Espaços Intermediários e GES** descreve as diferentes formas que as Federações foram reinventando para chegar até as comunidades e municípios com os GES. Nesta destacam-se também as iniciativas de criação de Redes de Educadores/as Populares, as equipes pedagógicas, equipes operativas, sinalizando para a possibilidade de criação de escolas estaduais com as mesmas características (espaços de gestão) e proposta pedagógica similar à da Enfoc. Fazem parte desta singularidade os Estados do Piauí, Pernambuco,Maranhão e Ceará.

A principal característica da singularidade **Matriz Pedagógica** é a diversidade de temas e conteúdos que foram agregados aos eixos temáticos e pedagógicos. De que maneira e com que intensidade os educandos/as recriaram a matriz pedagógica do curso é um aspecto que vale a pena destacar nesta singularidade. Ela contém uma descrição detalhada de cada conteúdo vivenciado e a produção do conhecimento protagonizado pelos educandos/as. Trabalharam a partir desta singularidade os estados de Minas Gerais e São Paulo.

A singularidade **Entrelaçando práticas e saberes, relato da vivência** ficou marcada pela diversidade de formas, momentos e intensidade com que os educandos/as vivenciaram a multiplicação criativa nos cursos estaduais e GES. Os depoimentos revelam os avanços, limites, desafios e perspectivas, situando em que medida a vivência altera a prática sindical e influencia a capacidade dos/as educandos/as fazerem a leitura de mundo a partir do olhar para sua realidade. Os estados que deram ênfase a esta singularidade foram: Alagoas, Bahia, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Rio

Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe e Tocantins.

As quatro singularidades demonstram que esse processo de sistematização, que destaca a Multiplicação Criativa, revelam que a trajetória de formação político-sindical da Enfoc vem se enraizando no MSTTR e ganhando formas variadas para dar conta das especificidades e peculiaridades de cada Federação. Contudo, percebe-se que a intencionalidade política e a perspectiva de transformação pretendida pela Escola se mantêm como caminho orientador e balizador das discussões especificas, demandadas pelas diversas realidades.

Se na primeira sistematização da vivência identificamos o empoderamento dos educandos/as, fica evidente que, neste segundo momento, a preocupação é verificar como esse empoderamento amplia os rumos da prática sindical, pois mais educandos/as se juntam na construção dessa "nova forma de vida" chamada Enfoc, que deverá influenciar a construção de uma nova sociedade, atitude que vem ressignificando a utopia de militantes homens e mulheres pelos vários cantos desse imenso Brasil.

O ITINERÁRIO FORMATIVO REINVENTADO

ATUAÇÃO DA ENFOC, A EXPERIÊNCIA DO PARÁ ESCOLA DE FORMAÇÃO SINDICAL DE GOIAS **MULTIPLICANDO CRIATIVAMENTE O QUE APRENDEMOS NA ENFOC, A EXPERIENCIA EM RONDÔNIA** A FORMAÇÃO INSPIRA UM NOVO OLHAR: A EXPERIENCIA DA ENFOC NO ESPÍRITO SANTO **ATUAÇÃO DA ENFOC, A EXPERIÊNCIA DO PARÁ** ESCOLA DE FORMAÇÃO SINDICAL DE GOIAS **MULTIPLICANDO CRIATIVAMENTE O QUE APRENDEMOS NA ENFOC, A EXPERIENCIA EM RONDÔNIA** A FORMAÇÃO INSPIRA UM NOVO OLHAR: A EXPERIENCIA DA ENFOC NO ESPÍRITO SANTO **ATUAÇÃO DA ENFOC, A EXPERIÊNCIA DO PARÁ** ESCOLA DE FORMAÇÃO SINDICAL DE GOIAS **MULTIPLICANDO CRIATIVAMENTE O QUE APRENDEMOS NA ENFOC, A EXPERIENCIA EM RONDÔNIA** A FORMAÇÃO INSPIRA

ATUAÇÃO DA ENFOC, A EXPERIÊNCIA DO PARÁ

Maria Mirian Ferreira Gomes

Agricultora, Sócia do STTR de Marabá,
Educanda da Enfoc e Graduanda em Pedagogia
do Campo-Pronera/UFPA

Introdução

A morte não é verdade quando se cumpre bem o papel da vida . Os trabalhadores/as provaram que mesmo com a morte a luta não parou. (Educanda/Enfoc)

Em resistência às agressões sofridas e afirmação da luta dos trabalhadores/as, vem sendo desenvolvida a formação da Escola Nacional de Formação da Contag[4] (Enfoc)[5], no Pará. Esse processo tem sido assumido em diferentes dimensões dos espaços educativos, uma vez que a escola, ao desenvolver suas atividades, enfrenta uma diversidade de situações para reunir educandos/as e educadores/as por conta de características diversas das comunidades em que vivem dentro do próprio estado, o que se torna um dos nossos maiores desafios.

O processo de sistematização tem como objeto de estudo as práticas de formação político-sindicais, vivenciadas durante o Curso Estadual de Formação Político-Sindical, acrescendo uma singularidade que foi a mudança no Itinerário Formativo mediante a realização de turmas nas regionais e municípios, no estado, sendo esta uma importante estratégia para constituição de Grupos de Estudos Sindicais[6] – GES.

Temos, por objetivo principal neste trabalho, sistematizar os processos e vivências ocorridos durante as formações da Enfoc no Pará, referenciando a mudança do Itinerário Formativo nos cursos estaduais, regionais, municipais, a constituição dos GES e da Rede de Educadores/as, procurando identificar os avanços e desafios ocorridos na prática formativa do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais[7] – MSTTR, para que assim possamos potencializar nossa prática sindical. Temos como objetivos específicos de nossas reflexões o conjunto a seguir:

- Registrar os acontecimentos da formação sindical;
- Construir uma narrativa dos processos e percepções dos sujeitos sobre sua 'participação na formação da Enfoc;
- Construir material sobre as diversas práticas educativas desenvolvidas no decorrer do processo de formação sindical do estado;
- Analisar as práticas de formação para que possamos avaliar o nosso fazer pedagógico;

[4] Contag é a sigla da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

[5] Doravante Enfoc.

[6] Doravante GES.

[7] Doravante MSTTR.

- Socializar as diferentes práticas formativo-educativas desenvolvidas pela Enfoc, no estado do Pará.

Para tanto, sistematizar as experiências que se desenvolvem nas práticas do MSTTR se faz necessário, uma vez que as reflexões dos sujeitos se constituem também como oportunidade e valorização da aprendizagem coletiva. Estarmos em contato com experiências diversas nos leva a ter como referência elementos reais que os sujeitos vivenciam, o que ressignifica nosso fazer.

Diante disso, o Movimento Sindical considera que os processos de transformação não se dão de forma espontânea, mas, sobretudo, nos espaços políticos, mediante a problematização da realidade vivida e que há a necessidade de uma formação de base, tendo em vista princípios e concepções que diferem e contrapõem as formações que historicamente têm se materializado.

Diferente da concepção de um conhecimento que é transferido a alguém que tem que aprender, o aprendizado torna-se uma construção coletiva decorrente do diálogo entre os distintos sujeitos e saberes, pois, "Ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser aprendido por ele e pelos educandos/as nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido" (FREIRE, 1996, p.27).

É nesse contexto que, nos últimos anos, o MSTTR tem investido na construção de novas proposições no que diz respeito à formação dos trabalhadores/as como forma de reconstruir as práticas realizadas, tendo apostado em um processo de formação que reafirma a luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais.

Desse modo, compreendendo que o movimento sindical desenvolve diferentes práticas educativas, temos como proposição sistematizar os processos de formação desenvolvidos pela Enfoc associado à Política Nacional de Formação[8] – PNF, que vem se construindo nas diferentes realidades e localidades do estado do Pará.

Diferente de apenas descrever as práticas tais como elas ocorrem, o trabalho também vem reafirmar a luta e as práticas formativas desenvolvidas pelos e com os trabalhadores e trabalhadoras rurais. Além disso, a sistematização se faz necessária para que estas práticas não permaneçam inviabilizadas, mas que reafirmem a memória de luta dos trabalhadores/as.

Nesses aspectos, os processos de formação realizados pela Enfoc vêm potencializar aquilo que os trabalhadores/as já realizam no dia-a-dia das lutas. Dessa forma, a escola tem contribuído para reflexão de uma prática que busca a transformação da realidade, prática que os sujeitos têm vivenciado em suas lutas no movimento sindical.

O MSTTR tem como instrumento norteador das transformações propostas ao campo o Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário[9] – PADRSS – e para a formação, o Projeto Político-Pedagógico[10]– PPP, e que ambos cumprem objetivos complementares focados na emancipação do sujeito, ação transformadora, na construção coletiva de novas práticas e valores a partir das realidades existentes.

Desse modo, ressaltamos que a reflexão sobre os processos de formação, mediante a sistematização, possibilita visualizarmos se chegamos aos resultados pretendidos, identifica as possibilidades e ainda os desafios a serem superados, pois estes necessitam de uma constante reflexão e avaliação para que possamos

[8] Doravante PNF.

[9] Doravante PADRSS.

[10] Doravante PPP.

lançar um novo olhar para os percursos formativos em construção.

Para realizar a sistematização, propusemos o seguinte eixo temático: como as experiências e as mudanças no Itinerário Formativo desenvolvidas durante os cursos de formação, a constituição dos GES e a rede no estado têm potencializado as mudanças de concepções e práticas nos diferentes espaços de atuação, sejam eles institucionais ou do movimento político-sindical?

- As perguntas orientadoras que desdobraram o eixo foram:

- Quais as mudanças surgidas na atuação sindical a partir dos processos formativos da Enfoc?

- Como a estratégia de realização da formação em três etapas (estadual, regional, municipal) alimenta a forma de ser e os princípios da escola?

- De que forma a construção e materialização dos GES dialogam com princípios norteadores da Política Nacional de Formação?

- Até que ponto existe comprometimento por parte dos dirigentes sindicais com a formação proposta pela Enfoc?

- Que estratégias estão sendo utilizadas para criação, acompanhamento e animação das redes e dos GES?

- Como a Rede se articula com um projeto de sociedade que reafirma a luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais tendo em vista o PADRSS?

- Que estratégias foram realizadas para o desenvolvimento dos cursos estaduais de formação no que diz respeito às metodologias, planejamento, resgate de simbologias na realização e recriação de um processo crítico e criativo?

- Quais as percepções dos sujeitos diante da sua participação nos cursos da Enfoc?

Sabendo da necessidade dos registros e a riqueza proporcionada em todo o momento do percurso formativo, buscamos sistematizar essas experiências de forma processual, nos apropriando de recursos como: relatórios dos módulos, registro fotográfico, entrevistas, falas/depoimentos dos educandos/as, cartas elaboradas durante as formações.

Os relatórios se configuram como um elemento importante em que podemos descrever o processo realizado, bem como as diversidades de situações ocorridas antes e durante a ação da formação e principalmente nossas reflexões – como educandos/as e educadores/as – sobre os processos desenvolvidos, o que nos possibilita pensar as ações futuras.

Ainda utilizamos registros fotográficos, uma vez que as imagens assumem aspectos de grande relevância, não só no que diz respeito à visualização dos processos desenvolvidos, como também pela própria estética

que elas representam no texto, pois tanto comunicam quanto ilustram o trabalho, demonstrando assim como aconteceu nas ações educativas.

Utilizamos também entrevistas – falas/depoimentos e cartas elaboradas pelos educandos/as. Tais elementos se fizeram necessários, por se tratar de uma forma em que os sujeitos expõem suas reflexões pessoais e interpretação do processo formativo do qual estes participaram e de que forma foram ou não alcançados os objetivos propostos pela formação sabendo que, ao falar, os educandos/as poderão apontar possíveis limites e desafios da formação, o que nos levará a avaliar o processo e pensar ações futuras.

Localizado na região Norte, o estado do Pará é composto por 143 municípios que somam uma população de 7.581.051 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística[11] (IBGE), em 2010. Sendo uma região das mais ricas, se considerada toda a sua biodiversidade de fauna e flora e recursos minerais, também é uma região que traz consigo muitos problemas sociais.

Os conflitos no campo são uma característica que ainda se configura uma marca da região Norte e principalmente do estado do Pará. Nesse contexto, o MSTTR tem sido um espaço de resistência e luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Em termos de representação, estamos organizados pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Pará – Fetagri, que é subdividida em nove coordenações regionais.

As práticas da Enfoc no estado do Pará vêm se desenvolvendo de diferentes formas. Um aspecto que se distinguiu de outras regiões do país é como ela vem sendo assumida no que diz respeito ao desenvolvimento do processo educativo tendo uma abrangência em todo o estado. Diante disso, as práticas vêm sendo realizadas em três instâncias: no estado, na região-regionais da Fetag-PA e nos municípios como demonstrado nas imagens abaixo.

Essa mudança no Itinerário Formativo tem sido um elemento importante do percurso formativo, pois possibilita a nós, educandos/as, termos uma formação desde o local em que vivemos e desenvolvemos nossa prática cotidiana como militantes/dirigentes do movimento sindical, o que tem causado muitos impactos positivos que potencializam nosso fazer nas organizações.

> Olha, o impacto na direção sindical teve com certeza, pois tinha muita coisa irregular no nosso sindicato onde a Enfoc nos ensinou como regularizar, como trabalhar com os nossos sócios, como organizar nossas associações, delegacias sindicais, cooperativa. A Enfoc foi uma peça fundamental na minha vida sindical e até mesmo familiar. A sabedoria que adquiri na Enfoc municipal, regional e estadual me deu mais firmeza no que eu vou falar e aprendi o quanto a Fetagri/PA deixa a desejar. Bom, se eu for falar ou relatar o que a Enfoc fez na minha vida, no nosso sindicato, levaria mais ou menos uns dois dias (Educanda 1).

Embora as mudanças verificadas no Itinerário Formativo, os procedimentos metodológicos adotados nos cursos regionais e municipais, promovidos no estado, asseguraram os princípios da educação popular assumidos pela PNF/Enfoc em seu trabalho educativo, há, por sua vez, flexibilidade no tratamento dos tempos e espaços da formação, característica que se estende aos conteúdos trabalhados, que dão ênfase aos elementos mais locais onde os educandos/as estão inseridos.

Quando tratamos dos cursos estaduais, os elementos da formação estão relacionados a temas mais gerais

[11] Doravante IBGE.

que marcaram o estado. Pensando nisso, é que os municipais tratam de aspectos mais específicos, o que traz uma compreensão maior das problemáticas locais, mas articuladas às temáticas regionais/estaduais. Procedimento similar ocorre nos cursos regionais.

Assim, partirmos da compreensão de conhecer o local, ao mesmo tempo, fazendo a reflexão sobre relações estabelecidas nesses diferentes espaços é conhecer nosso contexto sem o desvincular de uma realidade mais ampla, trazendo os elementos condicionantes de determinadas ações para que possamos compreender o contexto em que atuamos.

Ainda, esse itinerário em três dimensões tem propiciado a formação de um número maior de militantes, contemplando mais pessoas de uma mesma localidade, o que gera maiores resultados na base. É diferente de uma única pessoa no local para desenvolver atividade de multiplicação da formação. Quando proporcionadas ações a um grupo de militantes, a organicidade do fazer educativo é maior, tomando outros rumos antes e durante o desenvolvimento das práticas educativas.

Essas práticas dos cursos municipais têm ainda buscado desenvolver ações de (co)responsabilidades entre os militantes/dirigentes, tendo em vista que a formação, na esfera municipal, por mais que tenha um acompanhamento da secretaria de formação da federação, se faz na perspectiva de que possa ser assumida não como uma atividade pontual dos sindicatos, mas como uma ação contínua que proporcione à base novas compreensões do fazer no movimento sindical.

As ações desencadeadas pela Enfoc vêm potencializando os trabalhadores/as para que melhor se assumam na reivindicação dos seus direitos, na luta por um projeto de sociedade da classe trabalhadora. Nesse sentido, a formação tem se colocado principalmente como um instrumento de enfrentamento, de luta dos trabalhadores/as. Assim "O fundamental para a classe trabalhadora não é aumentar o seu saber técnico para melhor servir ao capital, mas conquistar maturidade suficiente para enfrentá-lo e tornar-se classe dirigente" (GADOTTI, 2004, p.192).

Ainda sobre a mudança do itinerário, esta tem nos ajudado a repensar nosso fazer e, ao mesmo tempo, tem potencializado nossa prática educativa proposta pela escola, uma vez que o processo se amplia, o que é diferente de reproduzir aquilo que foi proposto, mas tem nos desafiado a dar novos rumos às ações educativas e, de forma criativa, a cada dia estamos ressignificando nossas ações, dinamizando o processo e principalmente mobilizando novos sujeitos sociais na construção desse fazer educativo coletivo.

Nessa perspectiva, os processos têm por objetivo incentivar os trabalhadores/as e trabalhadoras a assumir o protagonismo no campo das lutas por dignidade e principalmente na construção de um projeto de desenvolvimento que dialogue com os anseios da classe trabalhadora, nesse caso assumindo o PADRSS como uma alternativa de contraposição e superação do atual modelo de desenvolvimento.

Em todo o estado, a escola já propiciou a formação de 302 (trezentos e dois) educandos/as na região, distribuídos nas 09 (nove) regionais, contemplando 85 (oitenta e cinco) dos 143 Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais[12] – STTRs que compõem a Fetag. Ainda é responsável nos municípios pelo desenvolvimento de 05 (cinco) turmas, totalizando a participação de 125 educandos e educandas, lideranças que militam no MSTTR.

Assumidos na mesma estrutura dos estaduais e regionais, os cursos municipais são trabalhados também em três módulos de 04 dias cada, e o público

[12] Doravante STTR.

da formação são os delegados de base, as lideranças comunitárias, os representantes de associações, incluindo mulheres, jovens e terceira idade, e cada turma é composta por aproximadamente 40 (quarenta) pessoas.

A metodologia tem sido orientada, como antecipamos, pelos princípios da Política Nacional de Formação, seguindo os princípios propostos pela Enfoc. Em relação ao desenvolvimento dos módulos, os STTRs e os educadores/as dos cursos regionais são responsáveis por coordenar todo processo pedagógico/metodológico, procurando envolver os educandos/as nos grupos de trabalho, místicas, dinâmicas, nas atividades do tempo-comunidade, enfim, em todo o processo educativo.

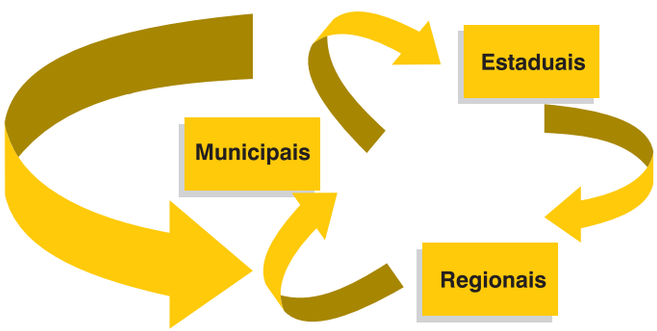
Em se tratando dos municipais, essa ação se intensifica de forma mais trabalhada e qualificada, o que tem como meta potencializar a construção e a consolidação dos Grupos de Estudos Sindicais de Base[13] (GESB), nas comunidades e delegacias sindicais, pois os educandos/as são responsabilizados a envolver outras pessoas, e os mais experientes a realizar o acompanhamento dos que estão iniciando e assim multiplicando as ações nas comunidades.

Sobre isso, é interessante lembrar que as pessoas que se envolvem nos cursos municipais, ao participarem dos regionais e/ou estaduais, têm uma participação mais clara, no sentido de melhor compreender a proposta metodológica da escola e principalmente com relação aos compromissos assumidos, pois, nas experiências anteriores dos municipais, os educando/as compartilham com atividades semelhantes às dos tempos-comunidades, dos estaduais, e na criação dos grupos de estudos.

[13] Doravante GESB.

Por se tratar de uma "escola itinerante", esse processo tem nos possibilitado a visualização e a construção de novos saberes a partir de experiências diversas. O contato com outras formas de lutas vem enriquecendo o processo formativo, haja vista que, nessa troca e construção de saberes, novas práticas podem ser visualizadas, o que permite aos sujeitos da formação a reflexão e autocrítica daquilo que desenvolvem nas práticas cotidianas do movimento sindical. “São saberes construídos socialmente, coletivamente, em que se entrecruzam a riqueza dos conhecimentos, saberes, experiências, sentidos das culturas populares, silenciadas, negadas, vividas no cotidiano [...]” (BATISTA, 2011, p. 6).

Reforçamos ainda que as atividades dos municipais, ao mesmo tempo em que surgem como ação resultante dos regionais, também se configuram como formação inicial, para que posteriormente o educando/a realize os cursos do regional e estadual, havendo assim um processo dialógico em que a atividade fim é uma atividade inicial e vice-versa, onde a lógica se inverte.



Dentre as mudanças, para além dos cursos municipais, as atividades da Enfoc ainda são articuladas a outras ações vinculadas aos atos políticos realizados pela Fetagri/PA. Nesse caso, podemos relatar as atividades desenvolvidas durante a realização de um acampamento de trabalhadores e trabalhadoras rurais que reuniu trabalhadores/as de diversos municípios.

Na oportunidade, articulamos muitas das atividades trabalhadas pela Enfoc ao cotidiano do acampamento, principalmente relacionadas às metodologias, quando discutimos coletivamente as temáticas relacionadas às estratégias políticas do movimento sindical e principalmente a realização de GESB, para planejarem as ações a serem desenvolvidas.

Dentre os grupos, formamos grupo de negociação – construção coletiva da pauta de negociação sobre as necessidades dos acampados; grupo de segurança, de formação, sendo este responsável por planejar e desenvolver atividades gerais e específicas neste último com as mulheres e crianças; grupo cultural, entre outros, onde cada segmento era responsável por articular, entre si e os demais, na construção e consolidação de todo o processo educativo.

Esse grupo foi composto pelas principais lideranças dos STTRs, que tinham como principais atividades refletir, avaliar e reorganizar sobre as demandas existentes na pauta construída pelos trabalhadores/as, no sentido de visualizar os limites e buscar novas alternativas, tendo em vista um processo participativo para a elaboração da pauta.

Para o desenvolvimento das ações, construímos um espaço-referência, uma escola onde realizamos diferentes momentos da formação, articulados aos momentos vivenciados na dinâmica do acampamento.

Porém, as atividades também se desenvolveram em outros espaços como nas ruas, durante as marchas; em frente ao muro da Justiça Federal, que ora era nosso quadro de sala de aula, ora se tornava a tela de cinema dos trabalhadores/as para a exibição de vídeos/documentários sobre as temáticas discutidas durante as noites. Também embaixo das árvores que por inúmeras vezes foram testemunhas de nossas reflexões coletivas.

> Esse fazer educativo é diferente daquele vivenciado na educação formal onde sujeitos distintos e diferentes são polarizados numa relação verticalizada, em que um sabe e ensina e o outro não sabe e aprende. Relação de poder própria da versão liberal tradicional da pedagogia adotada pela escola. Essa educação popular caracteriza-se como educação da rua, da pólis, do sujeito, que constrói o cidadão coletivamente, numa arena cotidiana de lutas

em que se constrói e se conquista uma cidadania com múltiplas dimensões (BATISTA, 2011, p. 5-6).

Nesse contexto, o acampamento foi um espaço propício de encontro e de expansão do sonho idealizado pela Enfoc sobre seu processo formativo, tendo em vista que o público que acampava era de diferentes localidades do sul e sudeste do Pará que, direta ou indiretamente, sabe da existência desse espaço de formação dos trabalhadores/as (as).

Outro aspecto considerável é que o local também possibilitou reunir educadores/as e educandos/as que colaboram na construção da Enfoc no Pará, onde estiveram presentes educandos/as dos cursos, nacionais, estaduais, regionais, municipais e colaboradores dos processos educativos.

Contudo, é pensando a escola e o processo educativo desenvolvido com trabalhadores/as que se faz necessário sempre estar ressignificando nosso fazer pedagógico que, diferente do que está socialmente proposto, é proporcionar o envolvimento de novos sujeitos numa outra dinâmica em que a escola possa ir ao encontro com os trabalhadores/as,contribuindo para uma nova possibilidade de reinventar nosso processo educativo.

GES e Redes de Educadores/as fortalecem a formação proporcionada pela Enfoc

No Pará, os GES ganham novos significados sendo então denominados GESB. Quando tratamos da formação dos grupos, partimos da compreensão de que estes surgem como uma das principais estratégias para que a formação possa chegar até a base. Sendo resultado das formações, os GESBs se configuram como uma ação em que as mudanças estão mais propícias, uma vez que atinge a base.

Assim as redes, dentro deste cenário, ocupam um espaço de muita relevância, uma vez que possibilitam aos educadores a troca de novas experiências vivenciadas antes e durante as práticas desenvolvidas nas diversas localidades nas quais esses momentos educativos se desenvolvem.

Na constituição dos GESBs, a mudança do Itinerário Formativo da Enfoc tem propiciado outra dinâmica às experiências, pois com cursos municipais isso tem atrasado sua construção. Por outro lado, essa mudança do itinerário tem possibilitado a multiplicação mais qualificada, mobilizando não só um grupo mais amplo de trabalhadores/as, mas principalmente criando um novo olhar sobre a continuidade das formações desenvolvidas pela Escola.

Nesse sentido, estar em contato com os sujeitos, tendo as experiências como *lócus* da aprendizagem, possibilita a ressignificação dos processos de formação e principalmente da luta dos trabalhadores e trabalhadoras, pois, politizados, os sujeitos adquirem novas estratégias de luta, bem como uma prática educativa diferente de um fazer estagnado; as reflexões possibilitam mudanças individuais e coletivas, impulsionando os sujeitos a questionarem sobre si e sobre as situações cotidianas vivenciadas.

2ª Turma Estadual da Enfoc no Pará: aprendendo com as práticas sociais dos trabalhadores e trabalhadoras rurais

O curso da 2ª turma do estado iniciou-se em maio de 2010. O I módulo foi realizado no período de 24 a 29 de maio em Mojú, próximo à capital, Belém do Pará. Por assumir uma característica de escola itinerante, os demais módulos foram realizados em outras localidades do estado. O II módulo ocorreu em Santarém, oeste

do Pará, no período de 02 a 07 de novembro de 2010, e o III módulo em dezembro de 2010, na cidade de Marabá, sudeste do Pará. Cada educando/a, ao voltar aos módulos, tinha o compromisso de socializar os trabalhos e reflexões feitas no seu espaço de militância.

Durante os módulos, as formas de abordagem dos momentos eram desenvolvidas de diferentes formas, pois em cada etapa trazíamos novas propostas para dinamizar a formação. As próprias atividades intermodulares incentivam isso, uma vez que nós, educandos/as, tínhamos o compromisso de buscar algumas das características marcantes das práticas do movimento.

Dentre os elementos identificados, os símbolos que se fazem presentes no MSTTR podem ser considerados o principal deles, sendo a mística, dinâmica que faz uso deles, uma característica que marca, ao revelar toda a trajetória do movimento sindical e na reafirmação da luta dos trabalhadores/as. As visitas pedagógicas assumiam um papel importante na formação, diferente de apenas conhecer outro espaço ao qual estávamos acostumado. Tinham um caráter educativo, possibilitando-nos olhar para a realidade de forma diferenciada da qual estávamos acostumados, e sempre estar nos questionando sobre os porquês das coisas, tendo em vista o contexto no qual estávamos problematizando as situações visualizadas.

A turma estadual foi composta por 48 (quarenta e oito) educandos/as oriundos das 09 (nove) regionais da Fetagri/PA. Desse contingente de militantes do movimento sindical e das assessorias que participaram do curso, tivemos 34 Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais envolvidos. Além de lideranças experientes e jovens, havia outros sujeitos, entre ele as pessoas ligadas a universidades.

A interlocução entre diferentes sujeitos tem possibilitado uma formação que vai além dos espaços em que os trabalhadores/as estão inseridos; também possibilita processos educativos enraizados nas histórias de vidas. Esse diálogo tem gerado novos aprendizados que por mais que sejam diferentes do que é socialmente aceito nos processos de escolarização, têm igual valor se considerarmos os sujeitos na sua totalidade.

Diante disso, novos aprendizados surgem e nos levam a uma maior compreensão da realidade e se apresentam os desafios que muitas vezes condicionam e interferem de forma mais ampla o nosso modo de pensar e agir.

Nos primeiros momentos da formação, era visível a ansiedade que demonstrávamos nos primeiros contatos com pessoas de diversas partes do estado do Pará; todos estávamos cheios de expectativas, ressaltando isto nas conversas em pequenos grupos e também nas falas nos momentos iniciais da formação, quando destacávamos a importância da formação para o conjunto do movimento sindical:

> Estamos desafiados a participar dessa escola que é um espaço de construção coletiva, de reflexão sobre as nossas práticas e concepções sindicais; este momento é propício de buscar conhecimentos que vai ajudar a conduzir a um novo modelo de desenvolvimento (Educanda 2).

Nesse momento inicial, foi relevante a reflexão sobre o contexto do MSTTR, pois, diferente de esperar que as coisas aconteçam, as lideranças percebem a necessidade de ter uma formação que venha potencializar a luta sindical. A formação difere, então, de tudo que já foi desenvolvido, algo que tem um jeito próprio, características que se constituem frente à diversidade. Diferenças de regiões, de pessoas, de experiências, mas com algo comum: a construção de novas práticas sindicais que possam potencializar o nosso projeto de classe, pois

> É nesse processo de formação sindical que se aprende e se constrói. Existem muito modelos de formação, mas não com

> a mesma metodologia que a CONTAG vem trabalhando, uma metodologia diferenciada de fazer formação, com um querer mudar a vida dos trabalhadores/as". Essa formação que ajudará a transformar. É a oportunidade de poder conhecer a história e também fazer a história acontecer (Educando 1).

Esse processo se configura como um espaço de diálogo constante, diferente de um espaço que pessoas conversam sobre vários contextos. É, sobretudo, um momento da construção de novos aprendizados, tendo como referência nossas práticas sociais. A formação, assim assumida como um espaço de sociabilidade, possibilita o contato com outras experiências que ajudam a pensar sobre possibilidades de reorganização da luta no movimento sindical, no qual os trabalhadores/as possam ser os protagonistas dos próprios processos educativos desde a prática vivida até a sistematização das experiências. É o movimento sindical investindo nos seus próprios intelectuais, como nos diria Gramsci:

> Todos os homens são intelectuais [...], mas na sociedade nem todos têm uma função intelectual[...]. Cada homem exerce uma certa atividade intelectual, adota uma visão de mundo, uma linha de conduta deliberada e contribui, portanto, para defender e fazer prevalecer uma certa visão de mundo, para produzir novas maneiras de pensar (GRAMSCI, 1968, p.7-8).

Durante as práticas no início de cada dia, era realizada a "mística de abertura". Neste sentido, a mística nos espaços de formação possibilita refletir sobre as problemáticas vivenciadas e que de forma silenciosa faz com que não só percebamos os desafios, mas também todo o potencial de mudança dentro do movimento e principalmente das pessoas.

Percebemos a necessidade de melhor trazer para os momentos de formação dinâmicas que por si só despertam muitos sentimentos, impulsionam a novos aprendizados, nos questionam e nos ensinam, cotidianamente, e nos fazem repensar sobre as diversas formas de luta.

A construção de aprendizagens

Nos módulos, as discussões trouxeram como temática: Memória, concepção e prática sindical; Metodologia da formação; Concepções de desenvolvimento; O papel

das organizações sociais (sindicatos, associações e cooperativas) no contexto do desenvolvimento rural sustentável; PADRSS: concepção e prática; Gênero e sexualidade e Assistência Técnica e Extensão Rural.[14]

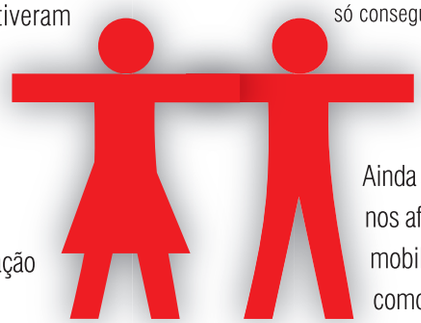
Dentre as temáticas discutidas, o resgate histórico do movimento sindical do estado do Pará foi um momento de muitos aprendizados entre os participantes. Os mais experientes tiveram a possibilidade de lembrar-se de suas formas de luta e pessoas que há muito tempo atuaram ou atuam nas diversas localidades do estado. Para os mais jovens, que estão se engajando, foi interessante, principalmente, porque tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a organização dos trabalhadores/as, o que propiciou muitas reflexões.

Desse modo, como um espaço de formação política e de sociabilidade, a Escola tem buscado trazer para as discussões temáticas que contribuem para que possamos não apenas nos apropriar de conteúdos, mas também da memória de luta dos trabalhadores e trabalhadoras e de como estes têm sido desafiados e ressignificados seu cotidiano de luta. Os relatos de memórias de pessoas mais experientes no movimento têm propiciado uma intensidade muito grande na comunicação.

> E um prazer muito grande estar aqui. Tem representação de todos os cantos do Pará, e eu tive a oportunidade de reencontrar companheiros/as e conhecer novos, e nós vamos continuar fazendo história e ter contribuído é motivo de alegria. Nós sempre estamos aprendendo e, em espaços como este, é um aprendizado a partir daquilo que queremos construir. Não existe sindicalismo separado da política. E aqueles que não são políticos acabam sendo massa de manobra daqueles que fazem política. Felizes aqueles militantes políticos sindicalistas que podem transformar e mudar (Colaborador 1).

O trabalho, a partir das memórias que os sujeitos trazem, ocupa um espaço de grande relevância na construção dos saberes entre os sujeitos, pois nos ajudam não somente a rememorar situações vividas, para pensar em outras possibilidades da e na atuação do movimento sindical, mas também uma forma de afirmação da identidade de ser do campo e ser militante em movimento,

> Uma das coisas mais bonitas dessa escola é o resgate histórico com os sujeitos que fizeram luta". A gente só consegue enxergar a história de hoje, se entendermos a história de antes (Educando 2).



Ainda sobre isso, Anjos e Medeiros (2009) nos afirmam que "as histórias de vida mobilizam reflexões sobre o ser humano como ser forjado historicamente, cuja subjetividade e consciência social vão se constituindo a partir das relações e interações culturais vivenciadas ao longo da vida [...]" (p.110).

Assim, em diálogo com as memórias e levando em conta a necessidade de afirmação, como categoria de trabalhadores/as rurais e militantes, não há como desvincular as discussões mais amplas sobre o projeto de sociedade que temos e o que queremos construir. Diante disso, a Escola tem apresentado tais temáticas com o propósito de fazermos a reflexão sobre qual projeto de sociedade almejamos.

> Talvez haja um projeto de sociedade. Hoje as condições no campo estão se modificando. As comunicações se modificaram muito. Nessa perspectiva de classe, quem é que detém os meios de produção? Se eles estão estabelecendo relação com as políticas públicas para sua categoria? A sociedade que queremos, de certa forma, podemos fazer uma reflexão de onde viemos; muitas

[14] Doravante ATER.

> vezes a gente não consegue se firmar no sentido pra onde ir. Às vezes falamos para os nossos filhos: olha, meu filho, estuda porque senão vai terminar como eu, na roça. Isso acaba negando como se o que a gente faz não tem valor. Às vezes reforçamos essa ideia negativa, a gente acaba se desvalorizando. E quando se pensa em que tipo de sociedade que queremos, fica um nó, e não sabemos responder, que tipo de sociedade. [...] A gente fica pensando o que de fato nós queremos, ter uma sociedade organizada, esclarecida e participativa, com saúde, educação de qualidade, geração de renda, para a melhoria da qualidade de vida dos nossos agricultores/as, ter terra, porque, sem a produção do campo, a cidade não avança e a valorização das nossas bases não é só participar, mas fortalecer (Educando 3).

Após o desenvolvimento da temática sobre "que tipo de sociedade queremos", foram discutidas questões de gênero, tendo em vista os papéis desempenhados por homens e mulheres, articulados às dimensões de raça/etnia e sexualidade. Tais discussões aconteceram com o objetivo de, em contato com novas compreensões, nos sensibilizarmos para a transformação de atitudes e valores.

Desse modo, o debate foi assumido como um espaço de diálogo e desconstrução de tabus, preconceitos, valores e ideias, socialmente pré-estabelecidos, no que diz respeito às questões apontadas. Ainda no mesmo módulo, tivemos a oportunidade de discutir temáticas como: Modos de Produção e Concepções de Estado, Sociedade e Ideologia. Os educandos/as se posicionaram nas discussões sempre revelando suas compreensões sobre as temáticas.

> Temos que ter clara nossa ideologia enquanto trabalhadores/as rurais; nosso posicionamento político. Essa ideologia deve ser muito clara dentro do MSTTR. O debate sobre ideologia estava meio adormecido, mas temos claro que isso deve ser retomado. Nós temos uma concepção de base e nosso debate ideológico está enraizado nos nossos dirigentes sindicais. Sempre falo que o momento é de debate ideológico (Educando 4).

Após os painéis propostos na formação, como encaminhamento para os módulos seguintes, os educandos/as tinham como responsabilidade realizar atividades intermódulos que pudessem trazer a memória da luta sindical e informações para que pudéssemos compreender todo o processo de organização dos trabalhadores/as rurais.

Essas atividades, para além de trazer parte da história da luta sindical do MSTTR no Pará, possibilitaram a nós, participantes, conhecer outras experiências de modo a articular os conhecimentos apreendidos na formação com a realidade na qual se desenvolviam atividades de militância.

A interlocução sobre os diferentes espaços educativos nos remete a questões primordiais a serem compreendidas, entre as quais a de que o conhecimento se faz nos mais diferenciados espaços e que esses não podem ser pensados de forma isolada, mas articulada com os interesses individuais e coletivos dos sujeitos, sendo isso a formação na ação.

Dentre as metodologias adotadas pela formação, um diferencial é que nada se repete nos espaços educativos, o que torna os momentos ricos, criativos, dinâmicos e menos cansativos. Os educandos/as estão sempre dispostos a aprender e a ensinar algo, sendo que a criatividade tem sido um aspecto marcante nas formações. Assim, desde as formas como são planejadas e vivenciadas na Escola, as metodologias compartilhadas entre educandos/as e educadores/as têm potencializado as práticas da Escola na construção de novos aprendizados e, consequentemente, na possibilidade de organização do MSTTR.

O II módulo se realizou no período de 02 a 07 de novembro de 2010, em Santarém/Pará, um grande desafio decorrente da localização. Esta é uma característica de nossa região, marcada pelas longas distâncias e que, na maioria das vezes, ainda é combinada

com o difícil acesso. No entanto, esses elementos não nos impossibilitaram de realizar o módulo.

A temática discutida foi "História, concepção, prática sindical e metodologia da formação". O local em que se realizou esta etapa foi bem diferente, à beira-mar, tendo como inspiração um cenário belíssimo proporcionado pela natureza; um espaço propício para a reflexão. A acolhida contou com a apresentação da cultura nativa da região; a comunidade mostrou sua dança, sua gastronomia, seus costumes, sendo estes moradores agricultores familiares, pescadores, pequenos empreendedores etc. Todos puderam saborear o bolo de macaxeira, bolinho de piracuí, peixe frito, licor, caju, castanha de caju, todos esses aperitivos produzidos pela comunidade.

Ainda tivemos a oportunidade de conhecer também o charutinho, uma espécie de peixe regional que encanta os visitantes, uma delícia! É um peixe popular e muito conhecido. Todo ano, a comunidade promove o Festival do Charutinho, quando reúne visitantes de diversos lugares, promovendo o turismo e ao mesmo tempo difundindo a cultura da região e contribuindo para gerar renda para toda a comunidade de Ponta de Pedras.

Já nas discussões, os educandos/as enfatizaram a importância da escola na realização das mudanças, pois, na sua compreensão:

> Temos que conhecer os caminhos, do contrário a gente pode se perder e não saber aonde quer chegar. E que a gente possa fazer a história acontecer; não só a história de derrotas, mas de vitórias (Educanda 3).

Na mesma perspectiva, os educadores/as contribuem falando que:

> O conhecimento na escola deve ser partilhado, socializado, é preciso acreditar que todos juntos podem fazer a mudança e essa mudança é necessária; quebrar paradigma, quebrar as algemas, as amarras, e para isso é preciso quebrar alguns costumes, algumas práticas que impedem esse processo de renovação, que algumas vezes gera medo, medo de conhecer o novo. É preciso conhecer a história do movimento sindical e poder se reconhecer dentro desta história. E a formação provoca uma reflexão, no sentido de entender o que eu posso mudar e o que eu devo mudar, onde eu estou e pra onde estou querendo ir (Educadora popular 1).

O curso ainda nos propiciou a reflexão sobre nossas percepções de ser militante, que rumos norteiam esse fazer no MSTTR, pois

> Precisamos saber, em primeiro lugar, quem somos nós; segundo, de onde viemos; e terceiro, pra onde vamos. Isso precisa ser refletido por todos. E se a gente não consegue responder, devemos aprender (Educadora popular 2).

Tendo em vista as reflexões, falar sobre as práticas que os sujeitos realizam cotidianamente, por mais que, em sua maioria, traz em sua realização aspectos construídos a partir da imposição do próprio sistema, sabemos que não será fácil quebrar com as práticas negativas que temos no MSTTR. No entanto é algo que precisamos buscar, caso contrário a mudança ficaria num plano mais distante. Sobre esses aspectos, as falas dos educandos/as apontam que:

> E dizer que não é fácil mudar as nossas práticas a gente sabe; que por isso mesmo a gente precisa estar aqui, pra nos fortalecer. Não adianta ficarmos aqui, fazer a formação, e em nossa região não poder fazer devido a muitos impasses (Educanda 4).

> A gente quando discute a estrutura e a prática sindical não é fácil. Pra alguns é fácil e pra outros é difícil. São conflitos [...] Hoje, a Enfoc vem nos preparar pra esse debate e pra essa luta. Quando chegou a soja, os grandes madeireiros, os latifúndios, se a gente tivesse tido essa formação antes, muitos companheiros não teriam morrido. O movimento sindical no Sudeste e Sul do Pará hoje está

mais organizado, mas, para isso, foram mortas maiores lideranças, muitos companheiros se foram. Uma luta mal presenciada. Isso não nos intimidou. A gente está aqui se preparando pra outro tipo de debate e outro embate (Educando 5).

Diante do que os educandos/as trazem em suas reflexões das práticas desenvolvidas e vivências de militantes, podemos visualizar que existe uma compreensão sobre seu processo de luta e que eles têm clareza da importância que a escola tem na formação dos trabalhadores/as.

Quando tratamos das práticas desenvolvidas no movimento sindical, no entanto, por mais que eles se deparem com muitos desafios, quando o assunto são as mudanças, apontam possibilidades para que estas aconteçam. A formação da base e a reconstrução histórica do MSTTR como sujeito coletivo, construído pelos próprios trabalhadores e trabalhadoras rurais, são elementos essenciais para potencializa, isto é, ao mesmo tempo, para a agregação de novos sujeitos sociais.

A gente precisa recuperar a história do movimento sindical, as nossas lutas, conquistas (Educadora popular 3).

Temos que fazer a formação política de todos os jovens, temos a responsabilidade de transformar isso, pra mudar. Temos que começar pelos jovens e pela base. O desafio tá posto e cabe a nós fazer isso acontecer (Educanda 5).

O verdadeiro sindicalismo não é aquele que o partidário diz o que nós temos que fazer, mas nós juntos deles dizer o que queremos. Tem que ter o valor da solidariedade entre nós, da ética, da transparência (Colaborador 2).

Precisamos continuar e retomar o debate ideológico do projeto que nós queremos e que nós ajudamos a construir. Há uma deficiência profunda no movimento sindical de uma reflexão no campo ideológico. É a luta de classe, não da burguesia contra o proletariado, mas numa nova conjuntura (Colaborador 3).

O III módulo aconteceu no município de Marabá, Sudeste do Pará, no período de 03 a 08 de dezembro de 2010. As temáticas discutidas foram: Concepções de desenvolvimento; o papel das organizações sociais no contexto de desenvolvimento rural sustentável – sindicatos, associações e cooperativas; reflexões sobre o PADRSS – concepção e prática. Gênero e sexualidade e o papel da ATER.

Diante das reflexões, os participantes falaram da importância das discussões sobre projetos de desenvolvimento e a formação que a escola vem trabalhando no Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.

É interessante a formação que o movimento está fazendo. Essa formação que é diferenciada da educação formal que é ofertada pelo estado. Sobre projeto de desenvolvimento, não basta somente eu falar que queremos desenvolvimento, se não sei qual o desenvolvimento que eu quero pra mim. Não dá pra dizer que temos desenvolvimento se não temos uma boa condição de vida. O nosso projeto da classe trabalhadora não pode ser igual ao dos grandes empresários. Nosso projeto de desenvolvimento deve atender todas as nossas necessidades, em todos os aspectos (Colaborador 4).

Por se tratar de uma região marcada pela presença de grandes projetos de mineração e agronegócio – sudeste do Pará – as reflexões dos educandos/as se deram tendo como referências esses elementos e principalmente sobre o projeto que norteia as utopias da classe trabalhadora.

Não vamos nos contentar só com a palavra desenvolvimento, pois não podemos perder de vista qual o desenvolvimento que queremos. E ter claro que projeto de

> desenvolvimento defendemos. O desenvolvimento para nós é levar em consideração o meio ambiente, a cultura, dentre outros. Vivemos numa contradição, estamos dentro de uma área de assentamento, mas esse empreendimento é de um grande e aqui do lado está a ALPHA que expropriou os agricultores de seus lotes. No projeto da agricultura familiar, nem sempre vai ter resultado urgente, mas não podemos deixar de perder de vista que projeto defendemos. Não dá pra negar que esses projetos de desenvolvimento não aquecem a economia local. Onde é implantado um grande projeto, o caos se instala com o inchaço populacional (Educando 6).

Dentro do cenário da região Sudeste do Pará, a instalação dos grandes projetos desde a ocupação da Amazônia tem-se feito presente na história. Se de certa forma esse conjunto de condicionantes tem contemplado o enriquecimento de alguns em detrimento de outros – trabalhadores/as rurais –, isso tem gerado intensos debates nos movimentos sociais do campo, em específico no MSTTR.

Se por um lado existe a inserção da mineração, agronegócio e outras atividades vinculadas ao ramo da monocultura, que tem uma visão distorcida da relação do que é sustentabilidade ambiental, quando sugere o reflorestamento com espécies exóticas que mais empobrece o solo e que visa atender interesses futuros das próprias empresas, desconsiderando as espécies regionais, por outro há um projeto que se contrapõe à lógica do grande capital. O primeiro, de caráter concentrador, seja de terras e renda e explorador dos recursos naturais e da força de trabalho dos trabalhadores/as, apoiado no discurso de "desenvolvimento" para região. O outro, à margem, busca se manter nesse território em disputa, mas tendo em vista uma lógica diferenciada do grande capital desde as concepções que norteiam suas práticas, tendo como referência a agricultura familiar, evidenciadas principalmente na democratização das terras e das riquezas, diversificação da produção, afirmação cultural dos trabalhadores/as rurais, e o respeito e uso adequado dos recursos naturais, o que difere da compreensão de desenvolvimento defendida pelos grandes projetos.

> O desenvolvimento para nós é levar em consideração o meio ambiente, a cultura dentre outros [...] aqui do lado está a ALPHA que expropriou os agricultores de seus lotes (Educando 7).

Diante desse debate, na formação, além de se discutir os principais problemas gerados pelo grande capital e transmitidos aos trabalhadores/as, foram evidenciados os desafios na materialização de um projeto de sociedade que contemple a classe trabalhadora:

> Discutir a partir do PADRSS o desenvolvimento, mas um desenvolvimento sustentável. Esse projeto tem sido muito desafiador. Os momentos de formação são muito importantes porque geram perguntas. Teve um tempo que achavam que a formação política era trazer a resposta e não é isso. Esse momento é para o debate e para a construção de novos questionamentos. Não dá para pensar em um modelo único padrão de desenvolvimento. Esse debate atual é muito desafiador, mas, quando a gente entra nesse processo sem um fundamento e estudo, isso pode deixar tudo mais confuso. Temos que ter uma visão do antes para compreender o hoje. Todo período tem seus pontos positivos e negativos, dependendo de quem estamos falando e, é claro, nosso público são os trabalhadores/as. Acho que se perdermos a história e um dia olharmos para trás não conseguiremos ver esses fatos que influenciam o hoje (Educadora popular 4).

> PADRSS – Significa um movimento capaz de se desenvolver em longo prazo com a articulação da dinâmica entre crescimento econômico, respeito à biodiversidade, ao meio ambiente, às tradições, relações culturais e saberes, organização e participação dos povos do campo. Refere-se aos modos de interagir e de se relacionar. Solidariedade se

constrói nas alternativas de convivência e organização dos diversos espaços da vida cotidiana (Colaborador 5).

Nessa perspectiva, temos que ter a compreensão de qual projeto de sociedade defendemos para se contrapor ao projeto neoliberal e ampliar um projeto político de sociedade. Assim o PADRSS tem sido pautado como um projeto não apenas dos camponeses, mas da sociedade, tendo como base de sua construção a sustentabilidade econômica, política, cultural e ambiental.

Significa um projeto que garanta a qualidade de vida das gerações presentes e futuras articulado ao crescimento econômico a partir de relações mais justas, o respeito às questões ambientais, à diversidade de culturas, formas como as pessoas se organizam cotidianamente a partir de relações de solidariedade e principalmente considerando os saberes construídos nas relações individuais e coletivas. "O PADRSS, dessa forma, se apresenta com três aspectos que conformam sua unidade política na construção de um campo ambientalmente produtivo, culturalmente dinâmico, socialmente justo, potencialmente viável e sustentável" (PNF, p.28).

A respeito do debate sobre as práticas sindicais e o papel desenvolvido nos espaços de atuação do MSTTR, o debate visou a trazer a reflexão da atuação dos diversos sujeitos e o papel por eles assumido. Diante de um contexto marcado de forma geral por práticas articuladas a relações orientadas por distintas concepções, o diálogo possibilitou que pudéssemos pensar sobre as ações desenvolvidas nos espaços do movimento sindical, pois, diferente de um discurso, é a transformação das práticas no cotidiano do movimento,

> "Temos medo de fazer o debate sobre o sindicato e defender esta estrutura que é o sindicalismo em geral que não condiz com a realidade local. Temos que ter cuidado com o discurso que fazemos, reproduzimos um discurso da elite" (Educando 8).

Ainda durante o módulo, o debate acerca das práticas nos espaços do movimento sindical demonstrou ser um desafio a ser superado, no entanto, a escola vem afirmar a concepção de novos valores no que se refere à atuação da militância. Assim, por mais que existam limites, a mudança se inicia à medida que participamos dos espaços de aprendizagens que a escola propicia, pois jamais sairemos como entramos, porque a nossa participação implica uma mudança de conceitos sobre o nosso fazer por mais que ainda não seja satisfatória como esperamos; romper com estruturas "de tempos" será uma tarefa difícil, porém não impossível, no entanto, a mudança tem que partir de cada pessoa.

> Primeiro tirar a trava que está em meu olho e depois ajudar a tirar o cisco que tem no olho do meu irmão. Se eu não mudar, como poderemos mudar lá na base? E na questão de arrumar nossa casa no sentido burocrático é desafiador. Se nós, dirigentes, não fizermos nosso dever de casa, as coisas não vão funcionar. Depois a gente procura os culpados. Nesse processo formativo não é a diretoria que está lá que tem que resolver, mas a responsabilidade é de vocês.

> Estamos numa escola, a ideia não é mudar aqui na sala, mas o que está lá na base. Não adianta fazer uma fala de revolucionário irritado e quando chegar lá na base fazer diferente do discurso.
> Esse lugar na escola dá uma inquietação no que ouvimos. Mas não dá pra pensar que quando sairmos daqui mudaremos tudo lá no STTR. E formação incomoda lá na base, temos que ter estratégia de como se colocar dentro da federação e dos STTRs. Se temos um estatuto no qual definimos regras e algum companheiro quebra, então não estamos levando as coisas a sério. Aqui é uma escola que nos faz questionar (Educando 9).

Ainda no módulo tivemos discussões sobre Gênero e Sexualidade[15], para estas discussões convidamos

[15] Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional – FASE.

nossa colaboradora Graça Costa. Sendo este um assunto que precisa ser tratado com maior frequência nos espaços do MSTTR, pois lidamos com muitas situações que precisam de atenção diferenciada. O momento foi muito reflexivo e trouxe ao debate muitas situações que, apesar de serem cotidianas, nem sempre tratamos com a atenção devida e, na maioria das vezes, naturalizamos em vez de discutir. A hora passou depressa, o debate prendeu a nossa atenção. Ainda tivemos trabalhos em pequenos grupos, o que garantiu a participação de todos. Após as discussões, tivemos momentos de socialização em que pudemos expressar nossas compreensões e entendimentos sobre a temática discutida.

> Patriarcado é um fato histórico: o homem como maior que a mulher. Esses papéis construídos pela sociedade são papéis de relação de poder que interfere na vida das pessoas. A sociedade criou uma chaga contra as mulheres que é a violência. E a sociedade diante dessas chagas criou algumas frases como "em briga de homem e mulher ninguém mete a colher". A maioria das mulheres não denuncia a violência sofrida. A gente não é nada disso e a família é o lugar do conflito, da desarmonia. A geração de violência gera "de uma discussão para um tapa" e a emocional. Nas primeiras agressões são pedidas desculpas e se dá desculpas de bebida e etc.
>
> A questão da sexualidade está além do ato sexual em si. Ela tem que ser debatida e discutida e temos que questionar
>
> A gente trouxe para a realidade que vivemos hoje. No movimento sindical, por exemplo, somos desvalorizadas. Como tratamos no movimento sindical as diferenças? (Colaboradora 2)

> Gênero é reconhecer as diferenças que geram conflitos e divisão, a partir da identidade de cada pessoa, favorecendo ou não uma relação de igualdade entre homens e mulheres. A igualdade entre homens e mulheres ainda é um mito. Quando se fala em relação de gênero no conceito entre homem e mulher, sempre penso na relação homem-homem, mulher-mulher (Colaborador 6).

No mesmo módulo fizemos a reflexão sobre o cooperativismo como uma prática que vem fortalecer a agricultura familiar, que traz novas formas de lidar com o mercado, que cultiva relações de cooperação. Diante das discussões, várias foram as compreensões sobre essa atividade:

> Na lógica de mercado, o que é produzido não é pra atender o mercado interno. Diferente do cooperativismo, em que a gente propõe que é para o fortalecimento da qualidade de vida e inclusão dos trabalhadores/as. Ou a gente tem clareza dos passos que quer dar ou não vamos avançar. Às vezes temos produção para três meses e acabou e quem recebe quer pro ano todo; esse é um problema que precisa ser superado. E o cooperativismo é isso, tem que passar pela formação, não é uma questão mágica. Cada município tem sua organização, sua especificidade. O papel do cooperativismo para o fortalecimento da agricultura familiar. Quais os passos que essas cooperativas precisam dar para que possam fortalecer o MSTTR e vice-versa? Vamos unir de novo, vamos juntar nossa gente e juntos fazer o debate entre sindicato e cooperativa. Tem que mobilizar e organizar estes para buscar melhores condições e saber qual o papel das organizações para fazer acontecer essa disputa de forma que não percamos o nosso espaço, de um lado economia solidária e do outro o capitalismo (Colaborador 7).

O que se almeja como prática é que o cooperativismo seja palco de relações sociais solidárias e democráticas que possam melhorar a qualidade de vida das pessoas, e que "a cooperativa seja mais uma ferramenta para estar contribuindo na melhoria da qualidade de vida de mulheres, homens e dos jovens

do campo", de modo que a economia possa propiciar a qualidade de vida não apenas de um, mas de um conjunto de pessoas, sabendo que essas relações não só contemplam o meio rural, mas os diversos espaços, pois isso causa um impacto em torno de todo o arranjo produtivo: desde quem produz até quem consome.

> A questão do cooperativismo se constrói, vemos que é a grande saída para a agricultura familiar. Essa vida de cooperativismo é isso, não posso pensar só em mim. Tenho que pensar no tamanho da minha propriedade que é pequena. Então tenho que pensar e me articular com a comunidade para aumentar a produção. [...] Uma das nossas funções é semear essa semente (Colaborador 8).

Diferentemente de um empreendimento na lógica capitalista, o cooperativismo agrega valor à produção dos agricultores e reafirma valores sociais.

> Hoje nós estamos incluindo, dentro do debate do cooperativismo, princípios diferentes do técnico em si. Nós precisamos ter uma clareza do que nos diferencia da lógica da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB) e que a cooperativa da OCB é criada na lógica do mercado, não em função do desenvolvimento e da inclusão (Colaborador 9).

O espaço de formação para além dos aprendizados, a partir do contato com os saberes das experiências vivenciadas pelas diferentes pessoas, e ainda os conhecimentos sistematizados com os quais estivemos em contato no período da formação durante os módulos, nos trouxeram muitos saberes que certamente vão nos auxiliar em toda a nossa vida, seja pessoal, profissional e principalmente em nossa atuação de militância no MSTTR. Ainda nos propiciaram, para além da troca de experiências de militância, a criação de novos vínculos de amizade.

Desse modo, a formação desenvolvida tem atingindo uma formação humana vinculada às nossas práticas sociais sem, contudo, nos desvincular de uma realidade mais ampla, buscando com que pudéssemos refletir sobre aquilo que somos, trazendo um pouco sobre nossas subjetividades, algo que nem sempre é considerado em uma escola formal.

Quando tratamos de subjetividade, as místicas tiveram um papel fundamental, pois elas deixavam o contexto propício para que acontecessem reflexão e aprendizados. Assim, considerar as subjetividades das pessoas acima de tudo é considerá-las como sujeitos de uma construção histórica e principalmente cultivar novas relações sociais, tendo como referência novos valores de solidariedade e de ser humano.

Enfoc, provocações que desafiam a construção de novas práticas no MSTTR: repercussões da formação no cotidiano de luta dos militantes no MSTTR

A escola tem possibilitado o empoderamento de um coletivo de pessoas, nos motivando à ressignificação das práticas sindicais, considerando que o processo de luta se faz junto aos sujeitos sociais, tendo em vista processos mais democráticos na formação de maneira a inserir diferentes sujeitos, desde as lideranças que estão à frente das entidades, até, principalmente, às bases.

Quando tratamos das percepções que os educandos/as da 2ª turma 2010 têm sobre o processo de formação, buscamos reafirmar a estratégia e refletir sobre as metodologias utilizadas. As cartas escritas pelos educandos/as sobre a vivência durante a formação possibilitaram uma reflexão sobre a formação que ajuda a compreender como cada um se vê nesse processo, como mostram os relatos que seguem:

> Não poderia deixar de escrever a você e dizer da minha alegria de poder estar participando desse processo de

formação e transformação. Sei que minhas chegadas e saídas você é quem mais sente a minha falta. Sei também que é muito pequeno pra entender o que vou dizer [...] A escola Enfoc fez na minha vida transformação, esta que veio acompanhada de compromisso, coragem, atitude, humildade, passos firmes, me fez sentir mais fortalecida para escalar as montanhas que possam surgir na minha caminhada. Sei também que não estou sozinha [...] (Educanda 6 – Carta para seu filho Mateus).

Vou sair daqui com vários objetivos: um deles é lutar e vencer, pois aqui na ENFOC me ensinaram que também sou capaz de alcançar todos os meus objetivos, realizar meus maiores sonhos. A Enfoc pra mim é isso, lugar de aprendizado (Educando 10 – Carta à turma).

Gostaria de socializar com você mais um passo vitorioso no processo de luta do movimento sindical. Estou me referindo à Enfoc, participei do curso da turma estadual realizado em três módulos [...] Nesses módulos, foram refletidos vários temas desafiadores que precisam ser discutidos por todos os dirigentes sindicais de nossa região, para que juntos possamos definir um plano de formação (Educando 11 – para um amigo).

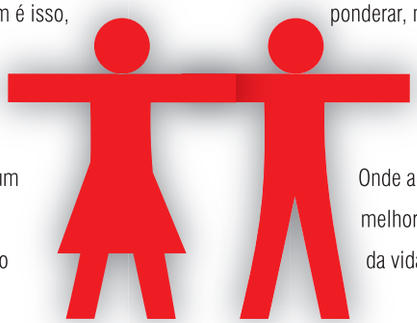
A Enfoc veio contribuir para minha formação e me fez refletir sobre a realidade de nossa região. Consigo agora mais do que nunca valorizar mais ainda as pessoas que fizeram parte no início da luta [...] Sinto-me orgulhosa de ser parte desse processo, apesar da pouca idade, pois tenho uma identidade assumida. Sou camponesa (Educanda 7).

Estamos saindo do curso com o compromisso de voltarmos para nossos municípios e mudar a nossa prática e concepção sindical com um grande objetivo de trabalhar a formação política de nossa categoria (Educando 12).

> Minha vivência no processo formativo vem mudando minha vida, na maneira de trabalhar, pensar, de me relacionar com as outras pessoas e de conviver com minha família (Educanda 8).

A formação ainda tem possibilitado a reflexão sobre o fazer das lideranças, uma vez que os processos atuais, em parte, têm sido marcados por práticas diversas, que são desde excludentes práticas autoritárias, até outras marcadas por características democráticas.

> Estamos todos lidando com poder na vida sindical, e o poder transforma. O formador mais antigo tem que saber ponderar, mediar e esse encontro, sem dúvida, vai render muitos frutos para o estado do Pará. [...] É possível ser gestor, ser um sindicalista, fazendo com um diferencial. Onde a gente está, temos que fazer diferente para melhorar sempre a educação e todos os setores da vida (Educando 13).



A escola tem procurado construir novos caminhos para o fortalecimento do MSTTR, um movimento de resistência e dinamismo. A busca e a troca de saberes são elementos fundamentais que estruturam o processo de formação em desenvolvimento na Enfoc, que tem possibilitado nos confrontarmos com os valores historicamente construídos, nos levando a pensar sobre processos mais humanos e que tenham referência ou enraizamento nas relações mais solidárias e recíprocas do nosso fazer sindical. Subsidia "um outro fazer" em nossas práticas sindicais, na direção da construção de uma realidade mais justa; de um projeto de sociedade da classe trabalhadora. Sobre essa prática, Batista (2011) nos afirma que:

> Os movimentos sociais são ações coletivas que se desenvolvem numa esfera sociocultural, onde os sujeitos coletivos interagem, criam espaços de solidariedade, praticam uma cidadania em processo, vivenciam práticas educativas que propiciam múltiplas aprendizagens,

> reivindicam direitos e que buscam mudar a sociedade em que vivem (p. 02).

Nesse processo educativo, trabalhar a sistematização implica narrar esse "todo" e buscar a compreensão dos sentidos que os sujeitos compartilham (ou confrontam) ao tomá-lo como objeto de reflexão e construção de novos aprendizados. Nessa reflexão, os sujeitos, por conseguinte, assumem outras posturas em relação às que mantinham sobre suas práticas, uma vez que é um coletivo que pensa sobre o que realiza, sobre o que pretende mudar e como pode reprogramar suas ações de forma a realizar as mudanças pretendidas.

Sabendo que somos "seres inacabados", esse processo tem nos ajudado nessa construção coletiva, sempre ensinando e aprendendo com as diversas experiências socializadas e experimentadas antes, durante e após a formação. "É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente" (FREIRE, 1996, p. 58), pois estamos sempre nos formando, seja individualmente e/ou coletivo; em consequência desses processos, vamos transformando nossas formas de luta, a realidade social e os espaços das nossas organizações e espaços institucionais nos quais atuamos.

Considerações finais

Esses processos coletivos desencadeiam mudanças diversas, individuais e coletivas, tendo em vista que elas interferem na subjetividade de quem participa desse fazer educativo e na cultura do Movimento. A ação da Escola mobilizou novos sujeitos, uma vez que já começa a se desdobrar em outras ações e organização, como a constituição dos GESBs, no estado do Pará, e a organização das Redes de Educadores e Educadoras. Ao mesmo tempo, nos proporciona mais condições para compreender as relações estabelecidas para além das nossas vivências cotidianas e da militância sindical, e também ver novas possibilidades de ação.

Ao conhecer novas experiências vivenciadas por outros sujeitos, militantes como nós, de algum modo nos reconhecemos nelas, o que nos leva a assumi-las e nos instiga a buscar estratégias para tornar a nossa prática mais significativa, tendo como objetivo a transformação da realidade.

As reflexões realizadas na Escola, para além de demonstrar as diferentes percepções que os sujeitos têm sobre os processos que compartilham, expressam principalmente aquilo que somos, uma vez que elas são permeadas por emoções e sentimentos que revelam muito daquilo que nos tornamos como pessoas, individualmente e como um coletivo. A formação ainda tem contemplado a junção de mulheres e homens pelo sentimento de inconformismo mediante uma realidade de muitas contradições. Mas principalmente com o propósito de fazer a mudança, considerando a construção de um projeto da classe trabalhadora.

Nesse sentido, a sistematização das experiências apontou como a formação se torna importante para esses sujeitos, uma vez que, ao terem condições para refletir sobre si e sobre a realidade onde vivem, são motivados a transformar os espaços em que atuam, trazendo para si a responsabilidade de conhecer mais e melhorar as alternativas de desenvolvimento existentes, criando e recriando saberes, se envolvendo cada vez mais nos espaços sociais e políticos, com intervenção e proposições qualificadas a partir da realidade e dos interesses dos sujeitos ali existentes, sem perder de vista as propostas do PADRSS.

Desse modo, refletir sobre nossas experiências formativas no Pará nos possibilita pensar as ações que realizamos, os modos de vê-las e significá-las e ainda nos possibilita deparar com o desejo

de mudança de orientações e significados ao que realizamos. É construir novos aprendizados; é nos conhecermos e nos reconhecermos naquilo que somos e no conjunto de condicionantes contraditórias da sociedade e da comunidade onde estamos inseridos; é ter oportunidade de promover mudanças na prática sindical.

É válido ressaltar que são inúmeras as dificuldades e obstáculos que tentam impedir o trabalho que estamos realizando; dentre estes estão ainda o medo das pessoas frente às mudanças, disputa por espaço, recursos financeiros escassos, infraestrutura deficiente, prática diferente do discurso, processo de seleção dos educandos/as que ainda precisa melhorar, pois nem todos os educandos/as continuam no processo de formação por várias razões: uma delas é a falta de apoio por parte da direção dos sindicatos, que não dá abertura à participação de novas pessoas, o que tem causado alguns conflitos.

Apesar dessa problemática, temos uma avaliação bastante positiva no que diz respeito à participação e intervenção mais qualificada de nossos dirigentes, principalmente nos espaços de deliberações da Fetagri/PA, a exemplo do Conselho Deliberativo.

O processo formativo tem nos possibilitado um olhar mais atento para nossas práticas e proporcionado a qualificação de nossa intervenção no movimento sindical. No entanto, avaliamos que muito ainda precisa ser realizado, posto que a formação dos trabalhadores/as deve ser uma ação contínua.

A mudança no Itinerário Formativo foi importante para a consolidação da estratégia no Pará e maior abrangência da Escola. Ainda se configurou como um espaço de troca entre diversos saberes e experiências formativas que nos trouxe grandes lições e aprendizados a partir da valorização de um saber construído na ação cotidiana "da escola de vida".

Além disso, as experiências, uma vez sistematizadas pelos sujeitos que vivenciaram o processo da formação, também se manifestaram como espaços de aprendizagem singular, gerando outro olhar sobre a importância de uma formação sistematizada, estimulando a autoconfiança, ao qual muito contribuíram as metodologias vivenciadas durante o processo educativo da Escola.

Desse modo, o ato de estar em contato com uma "nova forma de escrever" nos fez refletir sobre a importância do acesso a esse conhecimento, muitas vezes distante dos trabalhadores/as como um importante instrumento de luta e resistência para a ressignificação do cotidiano do MSTTR.

A prática, em sua complexidade, também nos mostrou que a formação é um espaço de conflitos que decorre principalmente de nossas concepções, pois, nos momentos da formação, questionamos e nos fazemos questionar sobre nossa própria prática educativa, sobre as suas orientações e sua importância como instrumento de luta no cotidiano das organizações.

Algumas lições aprendidas a partir dessa prática formativa que recomendamos para as próximas turmas:

- Não fazer dos limites elementos que dificultem as práticas, mas encará-los de forma criativa, buscando qualificar as ações, porém sem descaracterizá-las e sempre buscando responder aos objetivos propostos;
- Pensar, fazer, avaliar e continuar as ações que estão dando certo e buscar alternativas criativas para as situações difíceis e fazer dos limites potencialidades que possam melhorar nossa prática, na realização das práticas;

- Acreditar na formação dos trabalhadores/as como uma ação fundamental na tomada de consciência e principalmente na transformação da realidade;
- Realizar processos de seleção (para os processos formativos) por meio da sensibilização, tendo por base os princípios que a Escola propõe, para que a ação de fato possa acontecer, a partir de direcionamentos bem definidos, buscando na prática cotidiana os elementos que potencializam o fazer educativo dos trabalhadores/as rurais;
- Reconstruir nossos princípios éticos, fazendo dialogar a teoria com a prática enquanto dirigentes, militantes e assessoria mediante uma ação comprometida.

ESCOLA DE FORMAÇÃO SINDICAL DE GOIÁS

Laíssa Pollyana do Carmo

Assentada da Reforma Agrária e Suplente da Diretoria do STTR do Município de Silvânia-GO, Acadêmica da Turma Especial de Direito para Beneficiários da Reforma Agrária e Agricultores Familiares Tradicionais na Universidade Federal de Goiás.
Colaboração: Celma Moreira, Assistente Social e Nachibe Alves Rocha, Assessor da Fetaeg

Introdução

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás[16] – Fetaeg, criada em 1970, é a maior organização sindical de trabalhadores rurais do estado de Goiás, contando hoje com 121 sindicatos filiados. Atualmente a Fetaeg conta com 120 mil estabelecimentos da agricultura familiar; cerca de 15 mil famílias assentadas em 204 projetos de assentamentos da reforma agrária; uma média de 6 mil famílias acampadas e 169 mil assalariados rurais.

A Fetaeg compreende que o desenvolvimento rural sustentável e solidário deve incluir crescimento econômico, justiça, participação social e preservação ambiental. Este desenvolvimento deve privilegiar o ser humano na sua integralidade, possibilitando a construção da cidadania. Nesse sentido, valoriza e incentiva uma educação popular voltada para emancipação dos sujeitos. Esse modo novo de desenvolver a ação formativa e a construção de conhecimento, que foi possível com a realização do Encontro Nacional de Formação da Contag – Enafor[17], e ganhou contorno especial com a Enfoc. No Enafor, vivenciamos um novo jeito de caminhar com descobertas, sonhos e realizações e construção de diretrizes e princípios que nortearam a criação da Escola Estadual de Formação em Goiás.

Há muito tempo o movimento sindical vinha se deparando com a necessidade de realizar uma formação mais sistemática e planejada que conseguisse atender as várias demandas por formação e, em especial, para as lideranças e dirigentes (HEINEN e ROCHA, s/d).

A tomada de consciência do valor que o homem e a mulher têm, e a motivação para o exercício da cidadania por parte de cada trabalhador e de cada trabalhadora na luta pela melhoria da qualidade de vida no campo levaram à criação de inúmeras associações e cooperativas. A demanda dos trabalhadores/as por ações efetivas que melhorem a qualidade de vida tem exigido das lideranças, dirigentes e assessores do MSTTR a busca cada vez maior por formação.

Percebe-se que muitas das dificuldades encontradas para o desenvolvimento das lutas e condução dos trabalhos nos sindicatos, nas associações e cooperativas decorrem da falta de qualificação e preparo das nossas lideranças para agir com firmeza nas instâncias de organização, daí a importância de preparação constante para que estes respondam às demandas decorrentes das organizações

[16] Doravante Fetag/GO.

[17] Doravante ENAFOR.

dos trabalhadores/as. Qualificar hoje os trabalhadores e trabalhadoras para a ação sindical é uma necessidade da qual as entidades representativas da categoria em Goiás não podem eximir-se.

O processo de formação e qualificação dos dirigentes e lideranças dos Sindicatos, Federações e Contag, no que diz respeito às demandas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, tem sido muito importante, pois este tem contribuído para que as diretorias da Federação e Sindicatos desenvolvam com mais qualidade a sua função de representantes de uma categoria. Todas as frentes de lutas do MSTTR demandam formação: luta pela terra, por políticas públicas para a agricultura familiar, para os assalariados/as rurais, mulheres, jovens e pessoas da terceira idade. A formação liderada pela Enfoc em Goiás tem respondido bem a estas demandas.

Antecedentes da formação sindical

Após o 7º Congresso Contag, com a construção do PADRSS, o Programa de Desenvolvimento Local Sustentável[18] se constituiu como um processo amplo de formação em Goiás para os dirigentes e lideranças sindicais, trazendo para o interior do movimento o debate sobre a importância do MSTTR na construção e controle de políticas públicas. O PADRSS possibilitou que se avançasse nas lutas, ampliando as conquistas e a visibilidade do movimento perante a sociedade em geral. A Contag foi a organização que propôs um projeto de desenvolvimento do meio rural com atuação interna e externa ao movimento, articulado a um processo de formação sociopolítico para todo o movimento.

Em decorrência dos acúmulos que o MSTTR teve com o PDLS, no estado de Goiás, a Fetaeg desenvolveu um programa de formação de lideranças e elaborou uma cartilha para ser utilizada nos cursos de formação de dirigentes e lideranças. A cartilha teve como base os Cadernos de Educação Popular da Comissão Pastoral da Terra – CPT e Cartilhas de Formação da Contag. Eram eventos de três dias com prioridade para as diretorias de sindicatos recentemente eleitas.

Esse programa foi muito importante para o movimento sindical, porque tratava desde as leis que regem as organizações de trabalhadores, passando pelo papel dos dirigentes, até a importância das organizações na interação social com outros setores do campo e da cidade para a construção de processos de desenvolvimento dos municípios. O programa buscava envolver o poder executivo e legislativo na elaboração de propostas de ações locais com propósito de obter conquistas de políticas para a promoção do desenvolvimento e bem-estar nas comunidades rurais. A formação mais específica das secretarias era planejada pelos assessores/as de cada secretaria à medida que surgiam essas demandas específicas.

Criação da Escola Estadual-ESFOSGO

Concretizando um sonho coletivo do MSTTR/GO, viabilizar a formação de militantes, de modo que aprimorassem sua capacidade multiplicadora e potencializadora da ação formativa em suas áreas de atuação, foi criada, no ano de 2009, a Escola de Formação Sindical do Estado de Goiás.

Uma primeira turma foi formada ao comando do honrado sindicalista Alírio Correa, que infelizmente faleceu no mesmo ano. Contou com a participação de 15 (quinze) municípios: Itapaci, Jussara, Nova Veneza, Araguapaz, Mundo Novo, Silvânia, Santa Rita do Novo Destino, Itaberaí, Itaguari e Anápolis, Guaraíta, Inhumas, Nova Crixás, Edéia e Goianápolis. Em seguida, a Escola

[18] Doravante PDLS.

veio a ser acompanhada pelo atual diretor de formação e organização sindical, Vanderlei Ribeiro, que já formou duas turmas pela Escola.

Com três turmas formadas, a Escola contou com uma diversidade de educandos/as, entre eles jovens, mulheres, terceira idade, acampados/as, assentados/as, agricultores/as familiares, dirigentes e lideranças sindicais.

Desencadeou-se, a partir de então, a organização de GES, multiplicando os saberes, com a base, os sindicatos e as comunidades às quais as lideranças pertencem.

Seguindo a mesma estratégia da Enfoc, os cursos estaduais de formação da ESFOSGO são realizados em três módulos, de cinco dias cada. A Federação se faz presente, articulando toda estrutura e construindo as condições para que as atividades sejam realizadas com êxito.

O eixo temático do curso é Ação Sindical e Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário, sendo:

- 1ª. Unidade: Estado, Sociedade e Ideologia.
- 2ª. Unidade: História, concepções e prática sindical.
- 3ª. Unidade: Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário.

A metodologia também é similar a que a Enfoc utiliza, proporcionando momentos de reflexões e debates, explanações e diálogos que, de forma integrada, estabeleçam relações entre específico e geral, tendo como referência o mundo do trabalho, as relações sociais, a cultura vivida pela população do campo.

Proporciona também momentos lúdicos, por meio de dinâmicas, brincadeiras, elaboração de painéis, trazendo elementos de mística que ajudam a introduzir os temas e fazendo uso de recursos diversos como: papéis, tarjetas, pincéis, tintas, aparelhos de som, instrumentos musicais etc. Aproveita esses momentos para promover integração do grupo, trabalhando também a cooperação entre os educandos/as

Técnicas pedagógicas utilizadas:

- *Oficinas:* são entendidas como forma de produção coletiva do conhecimento, com base no princípio de que todos têm a aprender e a ensinar de maneira diferenciada. A oficina valoriza a contribuição pessoal e o trabalho em grupo, em que cada sujeito envolvido propõe sugestões e sistematiza os princípios de suas ações com o objetivo de construir um bem coletivo para o grupo. Para se concretizar um planejamento participativo, faz-se necessário realizar reflexões críticas entre os vários sujeitos envolvidos, além do engajamento político e consciente de todos.
- *Audiovisuais, filmes, slides e transparências:* técnicas que permitem observar indiretamente situações ocorridas em lugares e momentos diferentes. A utilização dessas técnicas complementa o conteúdo que está sendo desenvolvido.
- *Debate:* técnica que pretende desenvolver a habilidade mental dos participantes e favorecer a interlocução de saberes e a autoconfiança, desenvolver a argumentação lógica e a capacitar os participantes para a observação e respeito ao interlocutor, anotando seus pontos de vista para fazer as contra-argumentações. É incentivado principalmente quando são tratados temas polêmicos que geram blocos de posições diferentes.
- *Artes plásticas, desenhos, colagens, pinturas e outros:* possibilitam aos participantes a fixação dos conhecimentos adquiridos, desenvolvendo a imaginação, a criatividade, a sensibilidade e a capacidade de observação.
- *Estudo do meio:* proporciona condições para o conhecimento das comunidades. Possibilita ver, ouvir, sentir, perceber o ambiente e oferece meios para que se possa pensar sobre o que a percepção sensitiva informou, e refletir sobre a contribuição de cada um no meio do qual somos participantes e não meros espectadores.

- *Dinâmica de grupo:* técnica que estimula a interiorização e leva ao autoconhecimento.
- *Dinâmica de trabalho em grupo:* técnicas diversas que estimulam a interação entre os educandos/as, a interiorização dos conteúdos dos cursos e levam ao autoconhecimento.

Entre cada módulo são realizadas atividades intermódulos que visam fazer com que os educandos/as conheçam melhor a estrutura sindical, como por exemplo, buscar e organizar informações sobre a história e criação de seu sindicato de origem, captar as principais demandas dirigidas e atividades exercidas por este sindicato. Os educandos/as são também preparados para formar GES em seus municípios, compartilhando esta experiência com a Escola de Formação.

Ao final de cada módulo, é feita também uma avaliação dos educandos/as sobre o curso de formação, com o intuito de observar o que estes aprenderam e esperam da Escola e, principalmente, o que o curso de formação possibilitou de mudanças nas vidas (descobertas) e práticas sindicais (iniciativas). As avaliações impressionam, pois revelam o quanto a formação sindical é de valia na vida de cada participante.

Importa dizer que, entre um módulo e outro, é realizada uma oficina de autoformação, com uma equipe constituída pela Secretaria de Formação e Organização Sindical, Assessoria da Fetaeg, Sistematizadores/as e a Coordenação Regional da Enfoc. O objetivo é organizar cada momento do curso, planejando quais os temas a serem abordados, as metodologias mais apropriadas e definindo as responsabilidades.

Geralmente os cursos de formação contam com um total de 20 a 30 educandos/as, que podem ser funcionários ou dirigentes de sindicatos, trabalhadores/as rurais acampados/as, assentados/as, agricultores/as familiares, estudantes interessados na área, todos estes com “perfil de liderança”.

Assim é feita uma comunicação aos sindicatos aos quais estão associados, sobre a participação na Escola.

Experiência de sistematização

A sistematização dos cursos estaduais é realizada por uma equipe constituída por assessores/as e um responsável pela coordenação do processo.
Os educandos/as também auxiliam a sistematização, organizam, para isso, uma comissão de sistematização. Assim uma Rede é formada com o intuito de "colher" e trocar informações, favorecer a expressão dos sentimentos sobre os acontecimentos do curso e, especialmente, sobre os conteúdos partilhados e aprendidos.

Toda a formação é sistematizada, com destaque para a descrição da vivência dos educandos/as no curso. São incentivados os relatos das atividades ocorridas na formação, o registro dessas e também a apreensão dos conhecimentos trazidos por educandos/as, seus anseios e suas dúvidas. No fim de cada curso, tem-se conhecimento sobre as capacidades desenvolvidas por educandos e educandas e, principalmente, sobre o visível aumento de informações e aprendizados adquiridos durante a vivência na Escola.

Por meio da sistematização, é possível observar, inclusive, mudanças na vida pessoal de alguns educandos/as, de um módulo para outro.

A equipe de sistematização formada pelos educandos/as, acompanha e registra as atividades de cada dia de formação, passando depois o conteúdo relatado a um "sistematizador" geral. Objetiva-se também com isso fazer uma espécie de "apostila", a cada curso, a qual será entregue aos educandos/as, aos STTRs e à Federação, para que sejam reproduzidas e utilizadas nas várias ações formativas e também para acompanhar o desdobramento do processo formativo junto à base.

A sistematização também é feita por intermédio de fotos e filmagens, realizados pelos próprios educandos/as, assessores/as e/ou equipe de comunicação da Federação. São documentados os momentos da formação também por meio de bilhetes, cartas, versos, e outros recursos que expressem as aprendizagens e os sentimentos dos educandos/as.

É registrada também cada apresentação, seja ela feita por professores/as convidados, assessores/as, diretoria da Federação ou educandos/as no decorrer do curso.

Assim, como dito anteriormente, a sistematização é de extrema importância no processo formativo, pois guarda memórias, oportuniza a expressão de sentimentos e produz relatos que ajudam a construir a história do Movimento Sindical.

Os depoimentos a seguir são de educandos/as da primeira turma da Escola de Formação, em 2009.

> Estou achando muito bom e muito importante, pois estamos tendo noção do que é o movimento sindical. O curso em minha vida despertou para que eu possa mudar minha maneira de pensar, de trabalhar no sindicato. O importante deste curso é a participação dos próprios alunos, como protagonistas da história, o que não acontece em outras reuniões. A metodologia usada foi importante, pois podemos esclarecer as dúvidas e participar, aqui não somos criticados e temos liberdade de aprender, falar e debater sobre os assuntos. O fato de não ter um estudo, uma faculdade, não quer dizer que não sabemos das coisas, aqui todo mundo traz um pouco de aprendizado para contribuir (Educanda 1).

O curso é bastante construtivo, rico e com certeza a gente vai trabalhar bem melhor, pois muita coisa que não sabíamos agora aprendemos, melhorando a visão das coisas, para fazer um trabalho melhor daqui pra frente (Educanda 2).

Estou achando extremamente importante para todos que estão participando, tanto para os que estão começando, quanto para os que já têm história no movimento sindical. Este curso vai facilitar mais, pois agora temos compreensão de como funciona a questão, pois sempre gostei das questões sociais, e agora irei contribuir para o desenvolvimento do sindicato e município (Educanda 3).

Eu estou achando o curso muito bom. Na minha vida muitas coisas vão mudar com esta experiência do curso, e vou ter como ajudar bastante o sindicato. O meu projeto é reconquistar os trabalhadores rurais novamente, pois estão muito afastados do sindicato. A prioridade é trabalhar permanente com o pessoal da cana. E trabalhar no que dermos conta (Educando 1).

O curso está excelente, vou ganhar mais experiência e estar contribuindo com o sindicato, pois irei passar o que aprendi para a diretoria. Espero continuar nesta luta sindical. Estou feliz, pois já fui convidado para participar da diretoria do sindicato na próxima eleição (Educando 2).

O curso esta sendo importantíssimo, pois eu mesma quando cheguei aqui não tinha muita noção do que era o sindicato, e agora já aprendi o bastante pra chegar lá e repassar o conhecimento que aprendi. Vou voltar pro meu município com outra cabeça do que é o movimento sindical. Eu estou me sentindo mais madura, depois que comecei a participar deste curso; quando chegar em meu sindicato, vou fazer um bom trabalho, juntamente com meus companheiros lá. Cada história que se ouve aqui aprendemos mais, conhecendo as histórias de outros sindicatos. Eu já era apaixonada pelo movimento sindical e agora vejo que sou mais ainda (Educanda 4).

Estou achando muito importante, é uma boa aprendizagem, pois faz parte do nosso cotidiano, para defender os direitos humanos e estar ajudando em defesa dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais. Fui nascida e criada no campo, filha de trabalhadores rurais, conheço muito de lavouras e gosto de trabalhar na roça. Eu acho que vai ser de grande desenvolvimento para os sindicatos, pois vou estar dando uma força na formação sindical no campo, e ajudando buscar mais benefícios aos trabalhadores, além de repassar a formação de conhecimentos e aprendizagem de forma adequada, que o trabalhador precisa. Isso vai fortalecer a base, para que tenham melhores possibilidades de desenvolvimento da agricultura familiar, educação e saúde do campo (Educanda 5).

MULTIPLICANDO CRIATIVAMENTE O QUE APRENDEMOS NA ENFOC: A EXPERIÊNCIA EM RONDÔNIA

Sueli Machado de Souza

Agricultora Familiar e Secretária de Formação do STTR de Ministro Andreazza

Introdução

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Rondônia-Fetagro[19] é uma entidade sindical sem fins lucrativos e foi constituída para fins de estudo,defesa dos interesses profissionais e coletivos dos trabalhadores/as rurais do estado na ativa e aposentados, regendo-se pelas leis em vigor e pelo seu estatuto. A Federação foi fundada em 23 de junho de 1993 e possui 39 sindicatos de trabalhadores/as rurais filiados, e é coordenada por uma diretoria executiva composta por 10 membros.

A Federação compreende que a formação política de seus dirigentes é fundamental para um novo fazer sindical, por isso apoia a multiplicação criativa no estado.Mediante esse apoio, é possível constatar que os dirigentes e funcionários dos sindicatos que fizeram os cursos de formação política na Enfoc, nos âmbitos nacional, regional, estadual e municipal se destacam nas atividades do MSTTR, pois estes se fazem presentes em ações e discussões com abordagens sobre as polítcas sindicais de maneira mais contundente, reforçando as estratégias e os conteúdos das lutas da classe trabalhadora.

Rondônia é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está localizado na Região Norte e tem como limites os estados do Mato Grosso (a leste), Amazonas (ao norte), Acre (a oeste) e a República da Bolívia (a oeste e sul). O estado possui 52 municípios e ocupa uma área de 237.576,167 quilômetros quadrados, praticamente igual à da Romênia. Sua capital é a cidade de Porto Velho. Com 1.562.409 habitantes (IBGE/2010), Rondônia é o 3º estado mais populoso e o mais denso da Região Norte, sendo o 23º mais populoso do Brasil

Essa sistematização busca registrar a experiência de multiplicação criativa em Rondônia, com a realização de cursos estaduais e municipais e as repercussões dessa experiência na vida dos educandos/as e no espaço de atuação política (Federação e Sindicato). Busca também identificar possíveis limites, desafios, avanços e potencialidades para que se possa reorientar a prática sindical, especialmente a formação. Nas repercussões da experiência, haverá destaque para os GES, Rede de Educadores/as e os Cursos Municipais.

Nesse sentido, o eixo temático da sistematização foi: como as experiências desenvolvidas durante os cursos

[19] Doravante Fetagro

de formação, na constituição dos GES e da Rede nos estados tem potencializado para as mudanças de concepções e práticas nos diferentes espaços de atuação, sejam eles institucionais e/ou do movimento político-sindical no estado?

Esse eixo foi seguido de várias perguntas que foram abrindo caminhos para os momentos de polifonia e busca de materiais já escritos que auxiliassem as escritas.

- Quais as mudanças surgidas a partir dos processos formativos no MSTTR relacionadas a espaços de poder e atuação sindical decorrente dos processos?
- De que forma a construção e materialização dos GES dialogam com princípios norteadores da PNF?
- De que forma os coletivos estaduais de formação têm possibilitado a construção e animação da Rede de educadores?
- Até que ponto existe comprometimento por parte dos dirigentes sindicais com a formação ou com a sistematização?
- Que estratégias estão sendo utilizadas para criação, acompanhamento e animação das Redes e dos GES?
- Como é que as Redes provocam e animam os GES e vice-versa?
- Com qual conceito de rede nós estamos trabalhando?
- Que estratégias foram realizadas para o desenvolvimento dos cursos estaduais de formação no que diz respeito às metodologias, planejamento, resgate de simbologias com vistas à realização de um processo crítico e criativo?
- Quais as percepções dos sujeitos diante da sua participação nos cursos da Enfoc?

Utilizamos vários recursos para registro durante todos os cursos: relatórios, fotografias, depoimentos e cartas elaboradas pelos educandos e educandas contando como foi a realização do curso e quais foram os acontecimentos, conteúdos, momentos e vivências mais significativas.

O MSTTR em Rondônia tem se deparado com vários desafios e, para enfrentá-los, foi preciso tomar consciência de que investir em formação era o caminho mais eficiente para superar alguns deles.

A Enfoc tem provocado mudanças no jeito de conceber e desenvolver ações formativas e buscado interagir com o novo, quanto ao conhecimento e à prática, especialmente quando se propõe a provocar mudanças no espaço sindical. A Fetagro logo percebeu que realizar somente um curso estadual a cada dois anos não seria suficiente para dar conta de atender à demanda por formação política, devido a uma dívida histórica que tem com os trabalhadores e trabalhadoras rurais. Então definiu por fazer cursos municipais seguindo a mesma orientação da Enfoc e tendo como referenciais pedagógicos e políticos o PADRSS, a PNF e o PPP.

Essa atitude tomada pela Federação causou animação nas lideranças de base e estas foram demandando a realização de mais cursos nos municípios.

Os educandos/as do curso estadual chegavam de todos os cantos do estado, com muita alegria, entusiasmo e cheios de expectativa para aprender e fazer amizades. Dos 34 sindicatos, 20 participaram do Curso de Formação Estadual[20].

[20] Localização dos participantes em seus municípios: Ailton Nunes dos Santos e Vanessa Manete (Presidente Médici); Ana Claudia Dias Soares e Maria da Penha R.Vitorino (Urupá); Daiane Muniz Souto (Alvorada D'Oeste); Daniel Antônio de Carvalho e Gilson B. Melo (Corumbiara); Delicia A. da Silva Pereira, Marcio Rogerio Viana e Maria Lucia Rodrigues (Rolim de Moura); Denize Monteiro de Lima (Cerejeiras); Edevalde da Costa Neves (Nova União); Edirceu Jonas de Almeida (Porto Velho-CUT); Elias da Silva Antônio (Novo Horizonte D'Oeste); Geneci Bessert (Buritis); Gilmar Boa Morte e Valnice Pessoas dos Santos (São Miguel do Guaporé); Graciane F. de Oliveira (Seringueiras); João Marques da Silva (Vilhena); Jones Alves de Souza (Costa Marques); Juliano Dioguino e Ormi Pereira (Cacoal); Lélia B. da Silva Foerst e Sueli Machado de Souza (Ministro Andreazza); Lucinéia Ferreira Sales e Roseli Luciano Barbosa (Nova Mamoré); Marcio de Lima Porto e Queila Marcia Gonçalves (Ji–Paraná); Robson Silva Sena (Machadinho D'Oeste); Silvia Rodrigues de Lima (Governador Jorge Teixeira); Weder de Pireti (Nova Brasilândia); Alcides Martins de Assis (Campo Novo de Rondônia); Sidnei dos Santos Batista (Seringueiras).

Houve uma grande participação da juventude na Segunda Turma do Curso Estadual, o que nos leva a entender que a juventude está buscando ocupar de maneira mais eficiente os espaços políticos. Esperamos que a Escola esteja formando futuros dirigentes e que tenhamos mais lideranças com conhecimento sobre o que é realmente o MSTTR. Os jovens parecem ter mais interesse e gosto pela formação. Sabem que ela gera um conhecimento e um saber que pode lhes dar força para prosseguir com a luta, pois esta não pode parar.

Cursos municipais – a experiência do município de Ministro Andreazza

Ao participar da Enfoc Nacional, nossos educadores e educadoras voltaram querendo fazer acontecer o processo de formação em seus municípios. Duas participantes chamaram a diretoria dos sindicatos dos municípios Ministro Andreazza e Ji-Paraná e falaram da importância da multiplicação criativa da formação nos seus municípios. As direções dos sindicatos acolheram a proposta e conjuntamente iniciaram a recriação da proposta de formação da Enfoc.

As lideranças têm dificuldades de compreender suas condições de inserção no Movimento e os trabalhadores/as nas comunidades também, pois conhecem pouco, tanto a história do movimento sindical, quanto a das comunidades onde vivem. Neste sentido, os cursos foram recriados com o objetivo de fortalecer o trabalho de base (comunidades) e preparar os trabalhadores/as na base para se constituírem "mais militantes" em suas comunidades.

Os caminhos para o desenvolvimento da formação no estado de Rondônia estão abertos, mas ainda temos muito a percorrer. As lideranças de base vêm se organizando e demandando cursos de formação política. Infelizmente a perda do Manoel Francisco de Oliveira[21] e da Eliana Batista da Silva[22] provocou uma quebra enorme no andamento das atividades de formação da Enfoc e, somente agora, a Federação está conseguindo superar as lacunas deixadas por estas lideranças.

Assim como no Curso Estadual, cada módulo dos cursos municipais também foi antecedido por oficinas, para aprofundamento temático e preparação de cada módulo. Participaram das oficinas o secretário de formação do STTR e os educadores/as que já haviam participado de alguma atividade da Enfoc. As oficinas trataram também de cuidar de questões pedagógicas, metodológicas e operacionais para realização dos cursos.

I Módulo

Foi realizado no ano de 2009 o primeiro Curso Municipal do município Ministro Andreazza, em três módulos de três dias cada. O I módulo contou com 25 (vinte cinco) educandos/as e ocorreu no período de 30 de julho a 01 de agosto de 2009, com o tema Estado, Sociedade e Ideologia, e contou com a contribuição da professora Marcia Ângela Patrícia Marroco da Universidade de Machadinho D' Oeste-RO e do Secretário de Formação Estadual Manoel Francisco de Oliveira.

A dinâmica de apresentação teve como objetivo aproximar os participantes. Foram formadas duplas e um participante apresentava algumas características do outro, como: nome, motivação para fazer o curso e o que mais gosta de fazer.

[21] Secretário de Formação e Organização Sindical da Fetagro por dois mandatos, morreu em acidente de carro em 2010.

[22] Coordenadora de Mulheres da Fetagro, morreu em um acidente de carro em 2010.

O primeiro tema tratado no curso foi “Os modos de Produção”, tema que contou com a atuação da professora Márcia. Iniciou as atividades apresentando um vídeo intitulado “Ilha das Flores”, que retrata a desigualdade social. Em seguida, a professora fez um questionamento: O que move o mundo desde a idade primitiva até hoje? Após cochichos e uma breve discussão foi concluído que **o trabalho** move o mundo, e que através dele transformamos o meio em que vivemos.

Para melhor entendimento sobre o modo de produção capitalista, assistimos ao filme “Tempos Modernos” de Charlie Chaplin, que trata sobre a revolução industrial e a exploração capitalista. Foi nessa época que muitos movimentos sociais (em vários países do mundo) e sindicatos se firmaram pautando a luta por direitos, liberdade e trabalho e por acesso às políticas sociais e estruturais como educação, saúde, terra, moradia digna e previdência social.

Outro tema discutido nesse módulo foi a Política Nacional de Formação – PNF que norteia as ações formativas do MSTTR, especialmente o Itinerário Formativo da Enfoc como oficinas, cursos (nacional, regional e estadual), GES e os espaços decorrentes desse itinerário como Redes, seminários e espaços intermediários de GES.

Na recriação dos cursos municipais, também foram adotadas as atividades intermódulos a serem realizadas pelos educandos/as ao retornarem para a comunidade. Nesse primeiro módulo, a atividade indicada foi fazer uma pesquisa sobre as lutas, conquistas e dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais na sua comunidade, além de responder as seguintes perguntas: “Que sociedade temos nos dias atuais?” “Que sociedade queremos?”

II Módulo

Esse ocorreu no período de 10 a 12 de setembro de 2009 e teve como tema “História, concepção, estrutura e prática sindical”.

A atividade iniciou com uma mística para interiorização do tema, e em seguida foi feita a retrospectiva do módulo anterior e a apresentação da atividade intermódulo. Houve um debate e todos participaram contando como foi a experiência de pesquisa na base.

O que mais marcou o grupo foi perceber que, apesar das conquistas, o Movimento ainda tem muito por fazer, uma vez que em uma sociedade capitalista tudo vira mercadoria, predominando o ter e não ser, o que o grupo chamou de imperialismo globalizado.

Em seguida, Sandro Souza da Silva, educando da Enfoc, coordenou uma dinâmica chamada de “mapa da migração”, quando todos se posicionaram no mapa identificando o seu estado de origem, e fazendo um percurso pelo mapa, descrevendo o contexto e as razões que motivaram o seu deslocamento para outros estados, regiões municípios, até chegar ao lugar que reside atualmente. Este momento objetivou refletir sobre o processo de migração em Rondônia.

Na sequência, o vice-presidente da Fetagro, Fábio de Assis Menezes, contribuiu com a discussão incluindo também o debate sobre o tema "juventude", destacando as diferenças e os problemas que esta enfrenta atualmente para se posicionar diante da sociedade. Destacou também que um dos problemas que os jovens juventude enfrentam é a falta de políticas voltadas para a juventude do campo, e ainda o fato de a sociedade ver o jovem como futuro e não como presente.

É preciso construir as condições para que a juventude tenha presença marcante na sociedade e não apenas como uma passagem, pois sempre haverá jovens necessitando

de políticas que lhes assegure qualidade de vida. Chamou a atenção sobre a cartilha do "Jovem Saber", um bom material para apoiar o trabalho de formação de base.

O tema gênero também foi discutido e contou com a colaboração do Secretário Estadual de Formação Manoel Francisco de Oliveira. Para introduzir o tema, utilizou uma dinâmica de grupo com brinquedos masculinos e femininos, com os quais homens falavam das mulheres e mulheres falavam dos homens. Abriu discussões sobre as individualidades, e sobre porque determinadas coisas e cores são designadas socialmente como sendo de homens e outras de mulheres. Foi ilustrando com frases do cotidiano, como por exemplo, "homem não chora", "mulher não dirige bem", "azul é para homem e rosa para mulher", e assim por diante.

Vale destacar o envolvimento dos educandos/as nos debates. Muitos disseram que este tema precisaria retornar para o módulo seguinte, por tratar de questões muito profundas sobre nossas vidas e as relações sociais construídas historicamente. Não podemos deixar de aprofundar essa discussão dando-lhe um tempo maior para o debate e com uma pessoa especialista no assunto.

O presidente da Fetagro, Lázaro Aparecido Dobri (Lazinho), trabalhou a temática "História do sindicalismo". Destacou que a industrialização chegou primeiramente no meio urbano e mais tarde no campo.

Em 1930 já havia muitas organizações de camponeses especialmente nos estados do Nordeste, que contavam com uma liderança forte conhecida como Francisco Julião, que percorria o Brasil inteiro organizando os trabalhadores/as do campo. Pertencia a um movimento chamado Ligas Camponesas. Com o golpe militar, em 1964, este movimento foi desmantelado, muitas lideranças foram torturadas, assassinadas, muitas passaram a viver na clandestinidade durante toda a ditadura – de 64 até o início dos anos 80, quando ocorre a reabertura política.

Apesar da dureza da luta, os movimentos obtiveram muitas conquistas como as leis trabalhistas, Sistema Único de Saúde[23], Previdência Social e, mais recentemente, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultuta Familiar – Pronaf, Educação no Campo e a compra antecipada de alimentos para o Programa Nacional de Alimentação Escolar.

Finalizando o módulo, os educandos/as receberam, para orientar a atividade intermódulo, as seguintes perguntas: O que você entende por desenvolvimento rural sustentável? Em quais estruturas organizacionais os membros de sua comunidade estão envolvidos? Quais são as principais demandas e dificuldades encontradas na agricultura familiar? Também foram solicitados a observar as relações de gênero na família, como são distribuídas as atividades domésticas e de produção na lavoura e quem assume qual tipo de atividade.

III Módulo

Ocorreu no período de 05 a 07 de novembro de 2009 e teve como eixo o tema Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário e como subtemas Licenciamento Ambiental da Propriedade Rural, Políticas Públicas, Cooperativismo e Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PADRSS

O III módulo também se iniciou com uma mística, quando cada participante trouxe para o centro da sala uma palavra forte que representasse desenvolvimento. Neste momento, os educandos/as iam relatando o que encontraram ao fazer a atividade intermódulo. Com a apresentação desta atividade, foi constatado que o município tem dificuldades de planejar a agricultura familiar, por falta de incentivo de políticas públicas voltadas para o meio rural. Em nenhum dos municípios

[23] Doravante SUS

pesquisados foram encontradas políticas específicas para a agricultura familiar.

Em outro momento, foi organizada uma roda de conversa sobre as percepções relativas às questões de gênero para recolocar a temática e prosseguir a discussão iniciada no módulo anterior com a turma.

O professor da Universidade Federal de Rondônia, Marcelo Ferreira Tete, contribuiu com o tema Desenvolvimento Rural Sustentável. Segundo o professor, desenvolvimento rural sustentável e solidário permite à geração atual suprir suas necessidades sem comprometer gerações futuras. Desenvolvimento Econômico Territorial é a capacidade de uma sociedade local formular propósito coletivo de progresso material, equidade, justiça social e sustentabilidade e mobilizar recursos para sua obtenção. Destacou ainda a importância dos territórios, e que o município de Ministro Andreazza pertence ao território Rio Machado. Esclareceu que há dificuldades para uma boa prática territorial, tais como: desarticulação das políticas públicas nas diversas esferas do poder; baixa participação e baixa capacidade empreendedora dos produtores e comunidades pobres; mudanças frequentes nas políticas administrativas; visão imediatista dos atores.

O agrônomo da EMATER – RO, Francisco Pedro Vieira, colaborou com o tema Licenciamento Ambiental da Propriedade Rural, quando esclareceu algumas dúvidas sobre o Código Florestal e o que é averbar terra. Segundo ele, o objetivo da área averbada é trabalhar nela e não fazer cortes rasos nem desmatar áreas permanentes.

O companheiro Sérgio Souza Silva, Coordenador da Base da Cooperativa de Crédito no estado de Rondônia, colaborou com o tema Cooperativismo, destacando que cooperativismo é o instrumento pelo qual a sociedade se organiza por meio de ajuda mútua, da colaboração, da solidariedade para resolver diversos problemas relacionados ao seu dia-a-dia.

Creonice Vilarim, Secretária de Política Agrícola e o Assessor Ênio Queiroz, ambos da Fetag, contribuíram refletindo sobre políticas públicas e enfatizou que as frentes de lutas do PADRSS são importantes para alcançar o desenvolvimento que o campo precisa como: uma ampla e massiva reforma agrária, organização da produção, políticas sociais (saúde, educação, moradia, cultura e lazer).

Este primeiro curso municipal atingiu seu objetivo principal, que era capacitar as lideranças de base para o fortalecimento do movimento sindical, defender as lutas e ações da agricultura familiar além de despertar para luta mais geral na sociedade.

Curso Estadual – construção de um jeito novo de fazer formação

Tudo começa a partir das oficinas de autoformação com os educandos/as que fizeram o curso nacional e regional. As oficinas são momentos de aprofundamento temático, preparação do curso e acontecem entre os módulos, pois a construção e tomada de decisão, quando feita coletivamente, é mais expressiva e tende a dar certo, pois envolve muito mais gente.

As oficinas são também espaços de distribuição de tarefas. Enfim tudo que irá ocorrer durante o curso é organizado neste momento, por isso requer cuidados, uma vez que cada momento é importante no processo formativo e, a partir do bom desenvolvimento do módulo, os participantes sentem-se motivados/as a voltar para os próximos.

Esse caminho que a Escola escolheu parece ser mais complexo e mais exigente, no entanto a experiência tem mostrado que a possibilidade de não acontecer

o que foi planejado é bem menor, uma vez que as pessoas envolvidas cobram uma das outras como se formassem uma corrente e assim as coisas tendem a ir acontecendo.

O que aconteceu no I Módulo

No I Módulo foi feito um resgate do processo de construção e criação da Enfoc no MSTTR pelo então Secretário Estadual de Formação Manuel Francisco Oliveira, que falou como ela foi constituída e da opção pela formação político-sindical. Disse que a ideia partiu de uma discussão das mulheres na 3ª Plenária Nacional, realizada em novembro de 2004 e posteriormente aprovada pelo 9º Congresso Nacional de Trabalhadores/as Rurais-CNTTR.

Em 2005 foi realizado um Encontro Nacional de Formação e, na ocasião, foram definidos todos os encaminhamentos para criação da Enfoc e dos referenciais pedagógicos.

Na sequência, a discussão sobre relações sociais de gênero e identidade camponesa tiveram lugar privilegiado no curso. Configuram um grande caldeirão cultural cheio de expressões, significados e contradições que geram conflitos. Fazer este debate possibilitou compreender as razões pelas quais as mulheres lutam para ter espaço na sociedade.

Outro tema discutido foi Estado, Sociedade e Ideologia, no qual, dentre outros assuntos, o palestrante enfatizou que a exploração de trabalho e formação de monopólios vai fortalecendo o modo de produção capitalista que vai se recompondo, saindo das crises e aumentando ainda mais a exploração da força de trabalho. No Brasil o capitalismo chega mais tardiamente no campo e destrói culturas, tradições e impõe uma nova forma de os trabalhadores/as se relacionarem com a terra.

A sociedade capitalista vai criando regras e investindo em modernização de tecnologias para gerar mais valia e explorar cada vez mais os trabalhadores/as, sem que estes percebam que estão sendo explorados.

Os educandos/as interagiram no debate, colocando questionamentos e mais provocações sobre as questões do campo e como está a organização da produção em suas regiões e a relação das pessoas com o meio ambiente.

Márcio, de Ji-Paraná, diz que tem muitos produtos orgânicos ou ecologicamente produzidos e a luta do movimento é para que haja investimentos para otimizar a produção. Uma das discussões é sobre a autossustentação, ou seja, primeiro pensar na produção para família, depois no excedente, no que será para a comercialização. Para Teófilo, o problema do Cone Sul é que os produtores estão deixando de ser produtores para serem consumidores, indo à cidade buscar o que produzem no sítio.

Para as participantes Delícia e Daiane, tanto em Rolim de Moura quanto em Alvorada do Oeste, com o Programa de Aquisição de Alimentos – PAA a agricultura está retomando a diversificação de produtos nas propriedades.

Geneci falou que uma pesquisa feita no seu município, Buritis, relata que a causa da saída do produtor do sítio é que a renda familiar é muito baixa, por não haver incentivo por parte dos governos. Mas frisa também que, se o produtor não tiver interesse e consciência de que a produção deva ser diversificada, será difícil melhorar sua renda familiar.

O grupo entendeu que era preciso continuar com este debate nos próximos módulos e que era preciso mudar o jeito de trabalhar no campo, mudando a forma de trabalhar, agregando valores em suas propriedades.

Uma forma de provocar a mudança é participar das políticas públicas e isso o movimento sindical sabe fazer muito bem. A oportunidade desse debate só fortalece a atuação do movimento e foi para isto que a Enfoc foi constituída.

Durante cada módulo são formadas comissões de trabalho como forma de os educandos/as terem maior participação na construção de cada momento dos módulos. As comissões são espaços de autoaprendizagem, visto que dialogam o tempo todo com a prática formativa vivenciada.

Foram construídas as seguintes comissões: animação, meio ambiente, avaliação, sistematização, organização e mística.

A **Comissão de Animação** é responsável pela animação do grupo, estimulando para a reflexão sobre a temática do curso; organiza momentos breves que envolvem brincadeiras e músicas, além de pensar a Noite Cultural, que é um momento de diversão, descontração da turma e trocas de saberes, com gincanas usando os temas abordados no curso.

A **Comissão de Meio Ambiente** é responsável pelo cuidado do ambiente de trabalho, apresenta "dicas" de reaproveitamento dos materiais recicláveis, como a utilização do copo descartável por mais de uma vez (adote um copo), localização de onde estão as lixeiras, utilizar com consciência a quantidade de papel necessária para os trabalhos e apresentações de materiais informativos sobre o meio em que vivemos.

A **Comissão de Avaliação** é responsável por construir as condições para que toda turma reflita sobre a vivência, fazendo também sugestões (como uso de dinâmicas e recursos pedagógicos) que facilitem o processo de ensino-aprendizagem.

A **Comissão de Sistematização** é responsável por fazer registros, observar o desenvolvimento da turma, coletar depoimentos, fazer reflexão sobre o percurso, oportunizando aos educandos/as se apropriarem dos conteúdos para que se sintam mais protagonistas da geração do novo conhecimento.

A **Comissão de Mística** é responsável por fazer reflexões em momentos específicos, com o objetivo de sensibilizar para que a espiritualidade se expresse, usando símbolos do trabalho no campo, da luta e da vida, relacionando sempre com o cotidiano e buscando envolver os educandos/as com a temática do dia.

A **Comissão de Organização** é responsável por contribuir com a organização do processo do curso de formação, por auxiliar os colaboradores/as no cumprimento dos horários, arrumação da sala e outras iniciativas que viabilizem a harmonia e o bem-estar do grupo.

Ao final de cada módulo, os educadores/as são orientados a sugerir aos educandos/as que, durante o tempo que separa um módulo do outro, desenvolvam atividades que tenham relação com os temas estudados ou que introduzam as temáticas do módulo seguinte, o que chamamos de atividades intermódulo.

O que aconteceu no II Módulo

Nesse módulo, a unidade temática foi Concepção e Prática Sindical, um mergulho na história do movimento sindical do estado de Rondônia. Esse módulo começou com os educandos/as contando como e quais as razões que os levaram a participar do Movimento.

Sidnei, de Seringueiras, ingressou na EFA e hoje faz parte da direção do STTR de Seringueiras.

Lélia, de Ministro Andreazza, disse que iniciou no STTR e no começo não sabia nada sobre o sindicato, depois ficou como coordenadora de base e hoje participa dos eventos da Enfoc. Lélia disse que quer ir muito além.

Juliano, de Cacoal, disse que iniciou no sindicato, mas não sabia de nada sobre a entidade, pelo contrário não queria nem ouvia falar em sindicato. Depois, com a sua entrada na Escola Família Agrícola – EFA, teve conhecimento de como eram as lutas do sindicato e assim entrou no Movimento. Falou que tinha uma visão de sindicato como se fosse um movimento para os sem-terra; hoje compreende e vive dentro da luta.

Roseli, de Nova Mamoré, iniciou nas coordenações da Igreja Católica em Ji-Paraná e hoje mora e participa do STTR de Nova Mamoré. Disse que depois que se coloca um pé no Movimento não tem mais como sair.

Sr. Daniel, de Corumbiara, disse que é vindo das bases da Igreja Católica, participou da fundação do sindicato de Corumbiara e da fundação do PT. Falou que teve um período de descanso sem participar de nada do Movimento e retornou há uns três anos.

Silvia, de Jorge Teixeira, disse que iniciou em Jorge Teixeira, depois foi para Mato Grosso e retornou ao município.

Gilmar, de São Miguel de Guaporé, iniciou em Cacoal com os grupos de jovens, depois foi para São Miguel do Guaporé. Falou que era muito inibido e, depois que começou a participar dos eventos da Enfoc, perdeu o medo de falar em público.

Queila, de Ji-Paraná, falou que iniciou com a Igreja Católica na catequese, depois nas pastorais e em seguida no sindicato, mas entrou sem saber o que fazia no STTR e só depois com a participação ficou sabendo o que era e o que fazia um sindicato. Disse também que pretende fazer a diferença e elogiou muito a Enfoc.

Vanessa, de Presidente Médici, disse que veio para o movimento sindical há uns três anos através de festivais onde conheceu Ailton Nunes e falou que é apaixonada pelo Movimento.

Márcio, de Rolim de Moura, disse que foi convidado a participar do festival nacional e observou a organização dos jovens do MSTTR. Posteriormente participou do Grito da Terra Brasil – GTB e, a partir desse evento, observou a organização do MSTTR, pois pensava que era tudo uma baderna. Márcio falou que é apaixonado pelo MSTTR e faz parte da direção na pasta de jovens desde 2009.

Valnice, de S. Miguel, disse que está no sangue participar do MSTTR, o seu pai foi o espelho para ela e depois o seu irmão; que sempre estiveram juntos nas lutas. Disse que fez catequese e depois a liturgia.

Sr. Doca, de Campo Novo, falou que é bisneto de escravo e aprendeu a ler a Bíblia sem ir à escola. Sr. Doca disse que é sindicalista desde que o STTR nasceu e falou que é vice-presidente, mas confessou que seu sindicato é pelego.

D. Maria, de Urupá, iniciou a vida de sindicalista no Espírito Santo com o seu tio. Falou que quando veio para Rondônia a luta era diferente e se afastou um pouco do sindicato. Comentou que no Espírito Santo o sindicalismo era assistencialista. Em Rondônia, D. Maria disse que iniciou por meio da Igreja e hoje só sai do sindicato se eles a tirarem, pois é apaixonada pela luta.

Ana Cláudia, de Urupá, morou na cidade até os 16 anos e, quando chegou à zona rural, pegou um cargo de coordenadora de setor e disse que não sabia o que era sindicato. Falou que assumiu a vaga de uma pessoa que estava afastada do STTR, depois assumiu outra do setor de finanças; hoje foi eleita para a pasta de finanças e está gostando muito.

Robson, de Machadinho do Oeste, disse que desde adolescente em Ji-Paraná participou da Igreja por meio da catequese, falou que fez curso na pastoral, depois mudou-se para Machadinho do Oeste. Robson comentou que passou a organizar os jovens na comunidade onde residia e, depois que o sindicato observou os seus trabalhos, o convidou para ser coordenador de jovens na base.

Ormi, de Cacoal, disse que é sindicalizada desde 1997, mas está no Movimento desde 1987. Falou que na sua comunidade só participavam homens brancos e ela, como negra, e representante de seu pai, os encarava de frente. Comentou que falou com seu pai e seu marido e eles lhe deram força para entrar no MSTTR. Na primeira semana tomou parte da Marcha das Margaridas, em Brasília. Disse que hoje gosta muito do que faz e quer continuar na luta.

Denise disse que iniciou desde muito cedo nas comunidades de base. Comentou que vivia um dilema por causa do olhar dúbio por parte da sua família e do MSTTR que eram divergentes. Disse que só participava como colaboradora e, em 2007, entrou de vez no MSTTR, pois observou as causas e lutas do Movimento.

Marcos, de Vilhena, disse que foi batizado na Igreja Católica aos 21 anos. Participou de uma capacitação em Porto Velho e depois da análise de conjuntura feita durante evento que o levou ao passado. Disse que é um defensor da Teologia da Libertação e fez dois cursos sobre o assunto. Comentou que é a favor do fim do celibato, da votação para escolha do papa e de freira rezar missa e consagrar hóstias. Marcos falou que a Igreja massacrou muito as pessoas que lutavam pelo Movimento dizendo até que ele era comunista e por causa disso ficou 12 anos afastado, retornando há pouco tempo.

Márcio Porto, de Ji-Paraná, disse que fez crisma aos treze anos de idade e aos quatorze já estava coordenando grupos. Falou que na escola sempre estava organizando caravanas para participar de eventos. Comentou que a primeira participação no STTR foi como suplente, mas, a partir do Consórcio da Juventude, está com a pasta de jovens no STTR. Disse que fica um pouco triste pela pequena renovação que há por parte da juventude, pois muitos estão indo para a cidade e outros que ficam na zona rural não estão vindo para assumir o compromisso junto ao MSTTR.

Eliana, Secretária de Mulheres da Fetagro, falou que até sete anos de idade morava no sítio, quando perdeu o pai e sua mãe veio para a cidade. Depois que casou, foi residir no sítio e sempre tinha curiosidade sobre o sindicalismo rural, mas veio para o Movimento para ser beneficiada pelo salário maternidade em 1994, quando se filiou ao STTR, ao ter a primeira filha. Em 1987, 1998 e 1999 foi convidada para ser delegada de base e sempre participou das ações da Igreja. Falou do projeto PROTEGER[24] em que foi monitora e o pessoal do STTR foi na sua residência convidá-la para fazer parte da direção do sindicato e ficar também no projeto. Contou que na sua época não tinha quase mulheres participando do Congresso da Fetagro, sendo apenas ela (Eliana), Creonice e D. Elza. Encerrou dizendo que depois veio para Fetagro para Coordenação de Mulheres e hoje está no seu segundo mandato na Federação.

Manoel, de Nova União, disse que é capixaba de Ecoporanga, que seu pai era delegado sindical e na época só participava para ficar com os seus colegas. Manoel disse que chegou em Rondônia e no mesmo dia já foi participar de um encontro religioso e desde então participa das lutas. Falou que seu pai é um dos fundadores do STTR de Nova União e tanto ele (seu pai) quanto sua mãe são sindicalizados e todos dois têm o desconto direto. Encerrou dizendo que quem o trouxe para o MSTTR foi a Igreja.

[24] Projeto PROTEGER – Projeto que atende às comunidades ribeirinhas atingidas pelas enchentes do rio Madeira e também às famílias em situação de vulnerabilidade social nos distritos do Baixo Madeira.

Ailton, de Presidente Médici, disse que iniciou na Igreja trabalhando com a Pastoral da Juventude e que na escola sempre foi liderança de sala, organizando eventos e participando da vida ativa da escola. Falou que fez parte do Consórcio da Juventude Rita Quadros. Ailton disse que sua participação no STTR foi pouca, que veio para a direção dos jovens de Presidente Médici e hoje é Secretário de Jovens da Fetagro.

Sueli, de Ministro Andreazza, falou que seu início se deu por meio do auxílio-maternidade em 2002. Disse que foi catequista, trabalhou com a Alfabetização de Jovens e Adultos do Projeto Padre Ezequiel e tudo que aprendeu foi mediante a alfabetização. Foi secretária de formação, mas não sabia o que realmente fazer.

Graciane, de Seringueira, disse que só tem três anos de MSTTR, e seu início foi depois de o Sr. Adão visitar sua comunidade onde seu pai era da base sindical. Comentou que participou da comissão eleitoral do STTR e solicitou a Romilda que, quando houvesse uma capacitação, a chamasse que ela iria participar e assim foi. Graciane citou diversos nomes que lhe deram forças para participar dos eventos da Enfoc e são exemplos para sua vida Manoel, Sr. Daniel, Sueli, Gilmar Boa Morte, entre outros.

Esse primeiro momento do II módulo oportunizou conhecer bem quem era o grupo e que acúmulo político trazia para partilhar durante o curso. Como podemos observar nestes relatos, quase todos vieram para o MSTTR por intermédio da Igreja Católica, e alguns eram catequistas e participavam das pastorais sociais incentivados pelos pais.

Educação do campo: um tema de destaque

Outros temas também fizeram parte da matriz pedagógica deste módulo, no entanto, por haver uma necessidade maior de conhecer a problemática das escolas do campo e por ter sido demandado pela própria turma, este tema foi priorizado.

Para auxiliar nos debates, foi apresentada pelas estagiárias[25] do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia uma pesquisa sobre o ensino médio no/do campo da cidade de Ji-Paraná, quando foi identificado que os principais problemas para se construir um programa ou uma política pública educacional para o campo são a insuficiência de pessoas com conhecimento da realidade do campo.

As discussões fortaleceram a identidade da escola do campo quando afirmaram que esta tem que considerar a realidade dos trabalhadores/as rurais. Não deve ser um modelo urbano trazido e implantado no campo, e que a educação no e do campo precisa de profissionais que entendam esta realidade. Que a educação deve ser articulada com as atividades desenvolvidas pelos sujeitos do campo. A matriz curricular deve ter disciplinas que valorizem o trabalho rural e o material didático precisa ser produzido de forma a atender as necessidades da vida dos trabalhadores/as do campo. Um caminho para fortalecer a luta por um educação de qualidade é participando do Fórum Nacional de Educação do Campo e também criando o Fórum de Educação em Rondônia.

Esta apresentação ajudou o grupo a refletir sobre a educação do campo no estado de Rondônia, tema que está presente nas discussões promovidas pelo MSTTR.

Na matriz pedagógica construída durante uma oficina de autoformação, está presente um momento onde é possível conhecer a história do MSTTR do estado, chamado Memória Viva.

As discussões deste momento foram estimuladas por meio de testemunhos de pessoas que foram

[25] Anatália Daiane de Oliveira e Suzana das Candeias Biazatti, estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia.

importantes na construção do Movimento, como o Sr. Izaltino Paradela (Santinho) fundador do STTR de Presidente Médici o Sr. Urias Sérgio Dutra, sócio-fundador do STTR de Ji-Paraná .

Izaltino Paradela (Santinho) STTR de Presidente Médici

"A criação do movimento sindical não foi só para defender as categorias, mas também para conhecer sua origem e saber participar das discussões na sociedade. A fundação do STTR de Presidente Médici foi feito com muita dificuldade. No início nos reuníamos na paróquia com o apoio do Padre Silvio. O primeiro presidente foi o Magno Mendes. Hoje o sindicato tem uma estrutura física própria que está entre as três melhores do estado. Sempre compreendi que o que fazíamos naquela época iria render bons frutos para as novas gerações".

Urias (STTR de Ji-Paraná)

"Tudo começou em 24 de setembro de 1970, na Igreja João Bosco, com cerca de 170 sócios. A partir daí, surgem outros sindicatos em outros municípios, que ganham força e vão à luta, além da criação do departamento da Central Única dos Trabalhadores-CUT e em seguida cria-se a Fetagro. Na criação do Partido dos Trabalhadores-PT em Rondônia, todos eram muito radicais, mas, com o tempo, foi se verificando que é preciso respeitar as individualidades, diferenças e opções. Gostei muito de participar do Festival da Juventude deste ano, pois houve boas palestras e que, quanto maior for a capacitação dos jovens, melhor é a capacidade de construir políticas públicas para o campo. É preciso que todos fiquem no campo e nele devem residir médicos, advogados oriundos do próprio campo. Este não é um lugar ruim e tem de ser um local de trabalho, mas também de conforto e de várias oportunidades, iguais às que existem nas cidades".

Seguindo com as discussões, Manoel Carlos Dantas trouxe novas informações para o debate. Disse que no campo a luta mais forte sempre foi por terra e em Rondônia não foi diferente. Falou ainda que os conflitos são pela posse e exploração da terra: **Rondônia tem o Brasil dentro dele com sua formação, por várias pessoas, de diversos estados.** Destacou exemplos de como estes conflitos sempre foram muitos fortes em Rondônia, pela própria forma de ocupação do estado.

Com o resgate da "memória da história" do sindicalismo em Rondônia e com a contribuição do palestrante, o grupo se sentiu parte dessa construção histórica do MSTTR.

Como **atividade intermódulo,** foi orientado que cada educando/a buscasse conhecer melhor a história do sindicato, colhendo informações com as pessoas "mais históricas" do movimento, para socializar com a turma no próximo módulo.

O que aconteceu no III Módulo

O módulo começou com os educandos/as partilhando como foi e o que encontraram de informações sobre a história do movimento sindical. Em seguida iniciaram discussões sobre desenvolvimento rural sustentável e solidário a partir de uma questão problematizadora: É possível uma alimentação sem nenhum tipo de agrotóxico?

Há mitos que alguns agrotóxicos servem como adubos e que alguns até são biodegradáveis. Com o uso de agrotóxicos ao longo dos anos, as pessoas estão contraindo várias doenças, como o câncer, por exemplo. O Brasil é campeão mundial em uso de

agrotóxicos, basta ver algumas pesquisas ou jornais, a exemplo do Le Mond[26] que trouxe uma pesquisa, tempos atrás,na qual o Brasil aparece com maior índice em uso de agrotóxicos.

Para termos uma agricultura sustentável, segundo o palestrante Jurandir Batista de Mesquita, precisamos conhecer os conceitos de agroecologia. Somente para termos uma ideia, no Brasil, hoje, temos mais de 200 milhões de cabeças de gado e somente em Rondônia temos quase 12 milhões. Esses animais ocupam cada vez maiores áreas sem que se faça manejo ou recuperação de solos onde estão estas pastagens. Em alguns casos essas pastagens possuem mais de 15 anos sem sequer terem passado por um processo de calagem e/ou adubação.

Pesquisas mostram que a expectativa de vida do brasileiro aumentou, mas será que a qualidade de vida da população melhorou?

Vejamos alguns dados sobre o estrago que os agrotóxicos estão causando em Rondônia, segundo o palestrante: em Porto Velho, a capital do estado, 90% da água está contaminada, e em Ariquemes, que fica a aproximadamente 200 km de distância da capital, o percentual é de 70%.

Essas informações causaram estupefação aos participantes que, diante da situação, não veem saída imediata para o problema a não ser começar a dar importância à agroecologia que, além de produzir um alimento saudável, é um meio de preservar o meio ambiente. A Enfoc despertou nos participantes um novo conceito de alimentação, levou a refletir sobre o que os produtores e agricultores estão pondo em suas mesas. Que tipo de alimento estamos consumindo? Devemos observar que a saúde do ser humano está relacionada à alimentação e enquanto não nos educarmos para produzir e ingerir alimentos saudáveis, as filas dos hospitais continuarão crescendo por causa do adoecimento causado pelo agrotóxico.

O STTR de Ji-Paraná está trabalhando o Programa de Aquisição de Alimento-PAA, o que levou os educandos e educandas a fazerem uma visita ao sindicato no dia da entrega de alimentos. Este programa foi uma conquista do MSTTR durante o Grito da Terra Brasil[27] e, por ocasião da visita, os educandos/as se deram conta do quanto as lutas são importantes para melhorar a vida dos trabalhadores/as do campo.

Na matriz pedagógica do curso existe um momento dedicado à visita pedagógica, que consiste em uma saída dos educandos/as para visitarem uma experiência que dialogue com a unidade temática vivenciada em cada módulo do curso.

Neste módulo a unidade é Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário e a visita ocorreu na propriedade do senhor Angelino Moreira onde são produzidos alimentos agroecológicos. Os educandos/as tiveram a oportunidade de compreender que é possível viver bem e produzir sem o uso de agrotóxicos e também conheceram o trabalho de reciclagem de diversos materiais. Viram um belo exemplo de boas práticas do Sr. Angelin e sua família. Nessa visita, a turma plantou uma muda de árvore em homenagem ao nosso saudoso “MANOEL”.

“O homem é o que a terra faz dele –
solo sadio, planta sadia, homem sadio”
(Jurandir Batista de Mesquita)

[26] Le Monde diplomatique é um jornal francês de peridiocidade mensal.

[27] O Grito da Terra Brasil, doravante GTB, criado em 1995, é uma mobilização promovida pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), apoiada pelas Federações de Trabalhadores Rurais na Agricultura (Fetags) e pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs). Seu caráter é reivindicatório e sua pauta consiste em cobrar avanços nas políticas de reforma agrária e de combate à pobreza, além de envolver questões sobre melhorias das condições de trabalho dos homens, mulheres e juventude do campo. No GTB, trabalhadores e trabalhadoras rurais se concentram na capital do país e a Contag, munida da pauta, negocia com os ministérios melhorias para a categoria.

Ao final do III módulo foi realizada a formatura da turma que levou o nome Turma Manoel Francisco de Oliveira, pois foi ele quem lutou para que a Enfoc criasse raiz em Rondônia. A turma o tem como espelho. O seu entusiasmo, garra e amor pelo movimento sindical ficará para sempre no coração de cada educando e educanda.

Cartas pedagógicas

As cartas se constituíram em um recurso pedagógico utilizado para estimular a reflexão entre os educandos/as sobre os conteúdos, as relações construídas e sobre o que significou para cada um ter participado do curso. As cartas pedagógicas foram escritas pelos educandos/as para alguém da família ou da diretoria do sindicato contando como foi participar do Curso Estadual.

Essas cartas relatam os sentimentos dos educandos/as durante a sua partcipação no curso, além de propiciar um olhar para as mudanças ocorridas na vida de cada um. Concluímos, ao ler as referidas cartas, o quanto é importante a formação política e o quanto esta significa para compreender o sentido da luta por um país justo e mais humano.

10 / 12 / 2010

Caros companheiros do STR de Jaraguá, e com alegria que neste momento venho dizer o que representa para mim a formação Política Sindical que estou recebendo nessa entidade de representativa.

Relato a todos um pouco da minha vida no sentido de mostrar a importância da minha família, que sempre me sentiu a minha participação nos movimentos de organização social.

Portanto iniciei minha caminhada nos movimentos ainda cedo, coordenando grupos de jovens, comunidades, entre outros.

Sempre participei de formações sindicais porem nesse ano de 2010 iniciei juntamente com vários companheiro uma formação expecíficas do movimento Sindical de Rondônia, denominada Escola de formação da Contag, uma rede Nacional de Educadores Sociais, com essa formação digo que cada vez mais entendo o luta de nossos companheiros que iniciarão a construção dos sindicatos do estado de Rondônia.

Caros companheiros, Gostaria de informar a todos que foram 3 etapas, durante

____/____/____

5 DIAS CADA ETAPA, NA QUAL, ESTUDAMOS TEMAS SINDICAIS E POLÍTICOS, PORÉM TEMOS UMA RESPONSABILIDADE MUITO GRANDE APÓS A NOSSA FORMATURA, RESPONSABILIDADE DE JUNTOS COM VOCÊS CONTINUAR DANDO VIDA AO NOSSO MOVIMENTO, ANIMANDO E INFORMANDO A TODOS O NOSSO VERDADEIRO PAPEL DE TRANSFORMAÇÃO DO MODELO DE DESENVOLVIMENTO QUE EXISTE, PARA UM SUSTENTÁVEL E SOLIDÁRIO, ONDE A VIDA, SEJA MAIS VALORIZADA, ONDE TODOS VIVAM COM DIGNIDADE.

CAROS COMPANHEIROS ESTOU CIENTE QUE É DIFÍCIL O TRABALHO, MAS CERTO QUE JUNTOS SEREMOS FORTES E FORTES MUDAREMOS A REALIDADE.

Saudações!

Olá queridos companheiros e companheiras, venho por meio desta, agradecer a oportunidade que vocês me deram, ao me indicar para participar da Escola Estadual de Formação Sindical. Sei que a partir de agora o meu conceito de sindicalismo mudou e graças a ENFOC mudou para melhor. Com a realização do I módulo eu já havia percebido que quando terminasse estaria daqui com muito mais vontade e garra para realizar os trabalhos na base. Com o II módulo vi que sou uma educadora social, que serei multiplicadora e tenho a oportunidade levar ao conhecimento dos companheiros e companheiras mais bases do que é FETAGRO, CONTAG e CUT, terei bagagem e argumentos para tentar trazer para o movimento aqueles que não conhecem as lutas e conquistas do movimento.

Companheiros e companheiras o III módulo foi muito bom com relação a conteúdos, adquirimos conhecimentos que jamais teria em uma

Faculdade. Tivemos a formatura que foi muito emocionante, só não foi melhor pela falta "em presença" de Manoel, que infelizmente não pôde vir mas com certeza ele estava em espírito compartilhando da nossa Alegria. Com conteúdo de III módulo sairei com certeza uma nova pessoa.

Companheiros e Companheiras muito obrigada pela oportunidade.

Abraços Sindicais

Odélia

Ji-Paraná 10 de dezembro de 2010

Marcilene...

Minha querida irmã, venho através desta, lhe conta um pouco das minhas esperiências e conhecimento adiquirido ao longo do curso de formação da ENFOC, desde que comecei a fazer parte desta corrente desta espetacular esperiência tenho aprendido temas que nem as melhores faculdades ensinam, e uma troca de esperiência pois estamos reunidos com uma turma maravilhosa, pessoas especiais, e essa convivência nos leva a aprender a pensar no nosso proximo.

Sei que talvez esteja se perguntando quem são estais pessoa que (estão) digo estão nos ensinando estão coisas maravilhosa, mas aqui os nossos palestrantes são pessoas simples que a mesma linguagem que nós, (pessoas s) digo aprendemos em comum, através de troca de experiência.

Gostaria de te agradecer pela força que recebi de você e também de toda minha família, mas ainda não não estou totalmente realizado, pois nunca se aprende o suficiente, mas com o conhecimento que tenho já posso contribuir na formação de nossa base para juntos em comunidade constrirmos um mundo melhor.

Um super beijo deste que muito te Ama e que está muito feliz e agradecido.

Robson Silva Sena.

Grupos de Estudos Sindicais e Rede de Educadores e Educadoras Populares

A criação de GES no estado compreende que estes grupos devem ter no mínimo 05 (cinco) pessoas e no máximo 15 (quinze) para facilitar a realização dos estudos. No Estado de Rondônia foi criado um grupo de estudo sindical no município de Ministro Andreazza, em 2011, através do Programa "Jovem Saber". A coordenadora desse programa passou pelo processo de formação sindical do Curso Municipal em 2009.

Esse GES tem 07 (sete) participantes, envolvendo jovens e adultos, e se reúnem uma vez por semana na comunidade Santo Antônio, na linha 03 (três) Castanhal, no município de Ministro Andreazza, para estudar, debater e refletir sobre os temas acordados entre eles.

Um dos objetivos do GES é animar os trabalhadores/as da base para a luta, discutindo políticas públicas e questões específicas das comunidades. Este GES está com agenda de discussão com os seguintes temas: Desenvolvimento Rural Sustentável, Educação, Agroecologia, Organização da Produção, Cooperativismo, Histórico do Movimento Sindical, Planejamento, Gênero, Organização e Gestão Sindical e Metodologia do Trabalho em Comunidade.

Dentre as várias reflexões feitas pelo grupo, destacamos:

a) A reforma agrária como uma luta contínua do movimento de trabalhadores e trabalhadoras rurais, com o objetivo de valorização e fortalecimento da agricultura familiar como meio de segurar a juventude no campo.
b) A ausência de projetos do poder público local para a agricultura familiar no município e as iniciativas do STTR com o projeto de reflorestamento denominado Projeto Reviver I e II em parceria com o Ministério de Desenvolvimento Agrário-MDA.
c) Problemática da violência e do êxodo rural. O grupo compreende que fortalecer a pauta "por uma educação do campo" deve ser a estratégia de enfrentamento e o principal tema do Grupo.

Esse processo formativo que a Enfoc vem estimulando leva à corresponsabilização com a Escola e valoriza o saber de cada um, por isso fica mais fácil seguir com a caminhada. Cada um é importante e tem um papel na Escola. Portanto, quem assumiu o curso estadual de multiplicação criativa, a criação dos GES e a animação da Rede foram os educandos/as e a Secretaria de Formação e Organização Sindical da Fetagro, por acreditar que este processo formativo da Enfoc também é de responsabilidade nossa.

Falar de Rede nos remete a pensar em pessoas com interesses comuns e identidade partilhada, em fios que vão se unindo para acolher sonhos, alegrias, desafios, luta, amor, solidariedade. Fazer com que essa Rede permaneça viva é o nosso maior desafio.

Para Capra (2002), Rede Social é uma das formas dos relacionamentos afetivos ou profissionais dos seres humanos entre si ou entre seus agrupamentos de interesses mútuos. A rede é responsável pelo compartilhamento de ideias entre pessoas que possuem interesses e objetivos em comum. Assim, um grupo de discussão é composto por indivíduos que possuem identidades e anseios semelhantes. "[... uma rede social é dotada de múltiplos elos de realimentação através dos quais os valores, crenças e regras de conduta são continuamente comunicados, modificados e preservados" (p. 90).

A Rede de Educadores/as Populares da Enfoc, em Rondônia, está se consolidando nos municípios. Ao realizar os cursos municipais, contamos com a colaboração dos multiplicadores criativos (Rede) de outros municípios, que participaram dos processos formativos da Escola.

No estado passaram pelo processo de formação da Enfoc cerca de 100 pessoas e 25 educandos/as fazem parte da Rede e hoje desenvolvem as atividades de multiplicadores criativos, GES, cursos municiais e estaduais.

Considerações finais

A sistematização possibilitou que os educandos/as refletissem sobre a ação do MSTTR no estado, sobre o seu papel enquanto militante, educador/a, liderança, capacidade de inserção no espaço coletivo, mas também fez refletir sobre interação e respeito entre as pessoas, o que motivou a mudar posturas e práticas na direção da transformação que a Enfoc procura estimular nos educandos/as.

A estratégia formativa da Enfoc no estado de Rondônia foi restabelecida com a criação dos cursos municipais que mantêm os eixos temáticos da Escola, orientados pela sua Política Nacional de Formação, ampliando para os conteúdos que dialogam com a realidade local (municípios) dos educandos e educandas que participaram do curso.

A experiência apresentada da recriação do curso demonstra que o caminho percorrido deve ter continuidade, visto que, ao realizá-lo nos municípios, ficamos mais próximos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. É preciso que essa proposta de ***um novo fazer*** seja compreendida por outros sindicatos.

A formação de lideranças e dirigentes sindicais é um espaço ímpar de contribuição para alcançar os objetivos almejados pela categoria. Os espaços formativos da Enfoc vêm dando oportunidade para que os participantes possam atuar com melhor qualidade em defesa dos homens e mulheres do campo.

Para alcançar o objetivo comum da formação inicialmente proposto, foi necessário muito trabalho, esforço e dedicação dos mais diversos atores políticos e técnicos dos sindicatos, federações, confederação e das mais diversas organizações parceiras que atuaram no processo. Concluímos que os resultados só poderão ser mensurados a partir do momento em que os frutos do trabalho forem aparecendo, o que já é visível em alguns casos. Nossa utopia é que a Enfoc chegue cada vez mais perto dos nossos agricultores e agricultoras familiares.

Durante o processo de formação no estado, tivemos a perda de duas pessoas queridas, o Secretário de Formação Estadual Manoel Francisco de Oliveira e a Coordenadora da Comissão Estadual de Mulheres, Eliana Batista da Silva.

Manuel nos inspira – uma homenagem da turma a uma pessoa muito especial

Manoel foi protagonista do processo de formação da Enfoc no estado de Rondônia, abraçou a estratégia formativa da Escola e, em conjunto com a companheira Eliana, desenvolveu um belíssimo trabalho. Com a sua morte, o grupo **se enlutou,** sofrendo muito pelo acontecimento, prejudicando inclusive o processo de sistematização da vivência do curso estadual, pois era um dos responsáveis pelo registro dos cursos.

Apesar dessa perda, o grupo tem como lema uma frase dita pelo próprio Manoel: **É preciso dar continuidade ao processo,** e assim, com o espírito de luta e de ânimo, os educadores/as da Enfoc estão dando continuidade ao processo de formação política no estado.

A FORMAÇÃO INSPIRA UM NOVO OLHAR: A EXPERIÊNCIA DA ENFOC NO ESPÍRITO SANTO

Dilcimara Simmer (Mara)

Assistente Técnica da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Espírito Santo, Educadora Popular, Bacharel em Economia

Introdução

A essência da pedagogia é o compromisso com a defesa da vida, da justiça social, da libertação de todas as maneiras de opressão e da condenação de todas as formas de exclusão. Uma das finalidades da educação é humanizar a história. Portanto, negar a educação é obstruir o desenvolvimento do processo de humanização (FREIRE, 2005)

Porém não se trata apenas da educação escolar, formal; vai muito além disso, principalmente falando-se da educação popular como uma concepção realizada por meio de processos contínuos e permanentes de formação, que possui a intencionalidade de transformar a realidade a partir do protagonismo dos sujeitos.

A experiência de formação da Enfoc é certamente reveladora do quanto os sujeitos precisavam de um espaço como este para organizar, articular e montar as estratégias formativas para o MSTTR e para suas vidas de militantes e educadores/as, atendendo assim seus anseios e necessidades de protagonizarem as mudanças que o movimento precisa para responder a tantos desafios.

Uma experiência assim, ampla quanto ao alcance e diversa em várias dimensões políticas, precisa ser registrada de uma forma particular e própria do MSTTR para que a história não se perca. No Brasil, a história da luta da classe trabalhadora, no geral, não tem sido registrada e contada com a precisão e verdade que imaginamos ter acontecido, pois quem a conta é sempre a classe dominante.

> Nós estamos vivendo esse período da história e não podemos deixar que ele seja escrito por outros. Devemos nós mesmos escrever nossa própria história (Educando 1).

> Temos que tomar cuidado com os livros, com os escritos históricos, pois a história é escrita sempre pelos vencedores, nunca pelos perdedores, e são eles que sempre estão passando suas ideologias, dominando a política, o jurídico e contando a história da forma deles (Educando 2).

Portanto, é necessário que tudo seja registrado, para que a apropriação da experiência que vivemos possibilite a integração e socialização das estratégias e assim assegurar que mais pessoas se apropriem deste legado que estamos construindo agora; afinal, a formação precisa ser ampliada, fortalecida e apreendida por um número cada vez maior de pessoas que acreditam ser possível mudar o mundo a partir das práticas individuais.

A estratégia de sistematização que a Escola traz vem preencher essa lacuna que o MSTTR tem deixado a desejar. Ter a história contada a partir do nosso ponte de vista também nos fortalece para divulgar com mais segurança o que realmente estamos fazemos e qual nosso projeto, não só internamente, mas para a sociedade em geral.

Alem disso, a sistematização proporciona aos sujeitos envolvidos nos processos formativos revisitar o que já aconteceu, possibilitando avaliar estes processos e traçar novos caminhos, ou mesmo relembrar a história.

> Precisamos cada vez mais de proximidade com a universidade, para que as pesquisas sejam ao nosso favor. Precisamos ter em nosso meio pesquisadores, professores, advogados comprometidos com a causa, que possam contribuir na construção e registro de nossa história. Precisamos fazer mais pesquisas e diagnósticos de nossa agricultura, nosso povo. Precisamos mostrar a realidade, e não aceitar o que nos é imposto por pessoas que não têm os mesmos interesses, sem saber se é real ou não. E na maioria das vezes não é! (Educando 3)

Essa sistematização tem como Eixo Central refletir sobre **como a prática educativa tem contribuído para a mudança no espaço coletivo da formação e da ação sindical no estado do Espírito Santo,** tendo como objeto o curso estadual de multiplicação criativa, bem como as estratégias formativas desencadeadas, visando fomentar o GES e consolidar a Rede de Educadores/as Populares da Enfoc no estado, objetivando assim:

- Preservar e registrar os acontecimentos referentes à formação no MSTTR;
- Registrar e resgatar momentos da história dos trabalhadores e trabalhadoras no MSTTR;
- Contribuir para o direcionamento e desenvolvimento dos processos formativos das direções, lideranças e base;
- Contribuir para o fortalecimento (empoderamento) do sujeito trabalhador/trabalhadora rural;
- Contribuir com o processo de fortalecimento do MSTTR no estado e na região.

Início da organização dos trabalhadores e trabalhadoras rurais no Espírito Santo

O Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais no Espírito Santo toma força no início dos anos 60, inspirado pelos exemplos que aqui chegaram das "Ligas Camponesas". O processo de mobilização e organização da categoria era desenvolvido por militantes do PCB e por integrantes da Igreja Católica. Esses sindicalistas, inspirados na ULTAB – União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, organizaram a União dos lavradores do Espírito Santo, com o principal objetivo de coordenar a luta pela reforma agrária no Estado.

Toda essa dinâmica político-ideológica, no entanto, foi interrompida pelo Golpe Militar de 64. A partir desse momento, o Movimento Sindical no estado ficou à espera de novas possibilidades que só começaram a surgir no campo no final dos anos 60.

O estado do Espírito Santo, localizado na região Sudeste, tem área de 46.078 km2 e uma população de 3.453.648 habitantes, dividida em 78 municípios. Sua população economicamente ativa faz um total de 1.860.000, sendo 1.481.000 urbana e 379.000 rural[28]. A mistura de raças, as influências dos povos colonizadores e a herança indígena e africana fizeram a riqueza e a variedade cultural do Espírito Santo.

Um estado que, além das belezas naturais, possui um patrimônio que conta sua história, preserva suas tradições e incentiva o exercício da cultura de forma plural – valorizando suas manifestações populares. É o caso das bandas de Congo, das folias de reis, festas populares e de padroeiros, ritmos herdados de índios e negros, e das danças dos imigrantes europeus que foram incorporadas ao folclore capixaba[29].

[28] Fonte: PNAD/IBGE 2008 – IJSN.

[29] Fonte: http://www.es.gov.br/site/espirito_santo/patrimonio_cultural.aspx.

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Espírito Santo – Fetaes[30] – foi fundada em 11 abril de 1964, com 05 sindicatos e a efetiva presença da CONTAG. Atualmente existem 56 sindicatos de trabalhadores/as rurais filiados à Federação, representando em média 300 mil trabalhadores e trabalhadoras rurais associados/as ao sistema. É a maior entidade representativa de uma mesma categoria no Espírito Santo (comunicação Fetaes) .

Os Congressos Estaduais de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Espírito Santo[31] adquiriram cada vez maior importância política e capacidade no aprofundamento das questões de interesse da categoria. Pode-se considerar o 5º Congresso como um marco, pois o MSTTR do estado conseguiu incluir o conceito de agricultura familiar às suas formulações, dando passos iniciais para a construção de um Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável, que mais adiante acrescenta o conceito de solidariedade e se efetiva como o projeto político que orienta a ação do MSTTR em todo Brasil.

A filiação da Fetaes à Central Única dos Trabalhadores – CUT– também é considerada como um marco histórico, pois ampliou nossa capacidade de formular e negociar políticas para a categoria, uma vez que conseguimos com a filiação políticas públicas e alternativas voltadas para o campo. Desde junho de 1995, quando a Federação filiou-se à CUT, várias foram as ações nesse sentido.

A luta das mulheres, dos jovens e da terceira idade no Movimento Sindical tem sido intensa, e várias foram as conquistas desses segmentos organizados. Em 1998, no 4º CETTR-ES, as mulheres garantiram seu espaço no MSTTR do Espírito Santo com a criação da Comissão Estadual de Mulheres, a garantia da cota de no mínimo 30% (trinta por cento) de participação em todas as instâncias deliberativas com liberação integral de sua coordenadora. Já os jovens e a terceira idade conseguiram tal feito em 2001, no 5º CETTR-ES[32].

A Fetaes procura inovar a forma de fazer sindicalismo, tornando-se referência nacional ao realizar o projeto Mutirão do Sindicato pela Cidadania dos Trabalhadores/as Rurais. Esta ação foi motivada para superar as dificuldades da categoria em acessar os benefícios sociais e previdenciários. O mutirão surgiu como uma alternativa de levar informação e cidadania aos trabalhadores e trabalhadoras rurais de nosso estado, por meio de palestras, visitas e confecção gratuita de documentos. A realização dos mutirões melhorou nossa capacidade de responder as demandas da base.

Em 2005, a Fetaes inova mais uma vez e realiza eleições diretas, nas quais todos os associados em dia com suas obrigações políticas e estatutárias votam, ao mesmo tempo, para eleger as duas diretorias – do sindicato de sua base e também da Federação.

Além dessas iniciativas, nesses 43 anos, várias foram as lutas promovidas e coordenadas pela Fetaes. Destacamos algumas: em 1991, diante da morosidade do INSS em protocolar recursos de benefícios previdenciários, coordenamos uma ocupação no prédio do Instituto. Em 1995, participamos em Brasília com uma das maiores caravanas do Grito da Terra Brasil.

Formação no MSTTR do Espírito Santo

Podemos destacar algumas organizações e movimentos responsáveis pela formação política de dirigentes e lideranças do MSTTR no Espírito Santo, como a Igreja Católica, notadamente no envolvimento com os Movimentos de Jovens, nas Comunidades Eclesiais de Base – CEBS, e no Movimento Pastoral; os Partidos Políticos, as Centrais Sindicais e o Movimento

[30] Doravante Fetaes.

[31] Doravante CETTR/ES.

[32] Fonte: http://www.fetaes.org.br/historico.asp.

Estudantil. Vários dirigentes sindicais atribuem à militância, à participação nas lutas, à experiência, e ao aprender na ação sindical a estas organizações e também aos cursos de formação sindical oferecidos pelos sindicatos, federações e confederação.

A Fetaes sempre promoveu e participou de vários processos formativos, nas diversas áreas de atuação do MSTTR. Na década de 90, visando à revitalização do MSTTR, a Secretaria de Formação, juntamente com a Secretaria de Finanças, realizou no estado um processo de formação específico para orientar sobre a luta sindical e fomentar a elaboração de um projeto específico para o movimento, o que vinha também sendo discutido nacionalmente e se consolidou como PADRSS.

No entanto, a formação no estado era bastante limitada a pequenos cursos ou encontros, até que, em 2005, a realização do ENAFOR despertou em alguns dirigentes da Federação a necessidade de criação de um Programa Contínuo de Formação,[33] que iniciou no estado em 2006, ao mesmo tempo das atividades da Enfoc. E, com o passar do tempo, o Proforma adotou a mesma metodologia da Escola, e atualmente assume a agenda da Enfoc no estado, realizando os cursos de multiplicação criativa.

Ademais, a Fetaes vem realizando momentos de autorreflexão sobre a prática sindical, procurando viabilizar, articular e manter o processo de formação política permanente e com alcance para o conjunto das organizações do MSTTR, seguindo a mesma estratégia pedagógica da Enfoc.

A partir da 2ª turma, a equipe pedagógica, constituída pelos participantes dos cursos nacional e regional, vem elaborando estratégia de formação diferenciada e continuada, buscando alternativas para minimizar as dificuldades ainda postas, como atender efetivamente os trabalhadores da base; sensibilizar as direções para apoiar e assumir conjuntamente a estratégia formativa; buscar forma de superar a escassez de recursos para investir em formação.

Um caminho possível foi recriar o Itinerário Formativo da Enfoc no estado com ações microrregionais, possibilitando assim levar o processo formativo mais próximo possível da base sindical e com isso dar inicio à articulação de um processo amplo que, além de chegar à base, possa também dar visibilidade ao trabalho de formação da Rede de Educadores/as Populares e da equipe pedagógica. A continuidade das atividades da Enfoc no estado e a qualidade da formação estaria assegurada e também a efetivação dos GES nos municípios, comunidades e assentamentos rurais. Este processo já está sendo desenvolvido e sinaliza resultados bem interessantes. Mais adiante, quando as novas equipes forem sistematizar suas experiências, certamente encontrarão ensinamentos positivos desse novo processo formativo.

Curso Estadual de Formação – relato de uma experiência cheia de desafios

A Fetaes vem, pelo segundo ano consecutivo, participando das atividades da Enfoc. Os resultados ainda são tímidos, no entanto já é possível perceber mudanças nos rumos e na forma de fazer a formação político-sindical.

A vontade dos educadores/as da 2ª turma, que participaram dos módulos nacionais e regionais, era conseguir realizar o curso estadual de multiplicação criativa integralmente, pois a 1ª turma não conseguiu concluir todos os módulos. Percebe-se aí uma significativa mudança proporcionada pela Enfoc, na qual os educandos/as se sentem responsáveis pela transformação do lugar onde vivem, com ideias e práticas novas.

[33] Doravante Proforma

Essa vontade de multiplicar os conhecimentos e de mudar as velhas práticas somadas à integração e união da turma possibilitou a realização do Curso Estadual de Multiplicação Criativa e o fortalecimento da Rede de Educadores/as que atualmente está sendo consolidada no estado. Então, mesmo por um período sem assessoria na Secretaria de Formação da Fetag, a equipe pedagógica, com a ajuda da Rede, conseguiu concluir o curso.

Ao final do III Módulo, a equipe pedagógica fez uma avaliação dos acontecimentos – dos preparativos à realização do curso, levando em consideração também a avaliação feita pelos educandos e educandas. Desse modo, chegou-se à conclusão de que de modo geral o curso foi positivo. A atuação dos educadores/as, a participação dos educandos/as, as metodologias utilizadas e a estratégia formativa contribuíram para o sucesso da atividade e para o fortalecimento do MSTTR no estado. Contudo permanecem algumas dificuldades quanto à realização da formação política, como a pouca compreensão e falta de apoio de dirigentes, a falta de recursos para a continuidade do processo formativo e a dificuldade da criação dos GES nas comunidades.

Constatou-se então que era preciso criar outras estratégias para a multiplicação criativa, como por exemplo, criação de equipes específicas, visando assegurar o acompanhamento aos multiplicadores/as criativos e animação para o trabalho com os GES. Essas equipes também teriam o papel de sensibilizar dirigentes sindicais sobre a formação. Apesar da Fetaes não dispor de recursos próprios para tais processos, considera ser importante e vai se empenhar para buscar formas para que esta estratégia se materialize.

Educandos/as

Esta 2ª turma estadual foi composta por 13 homens e 17 mulheres, sendo boa parte deles e delas

acampados/as e assentados/as da reforma agrária, vindos de assentamentos coordenados pela Fetaes e pelo MST e assentados/as do Crédito Fundiário.

No primeiro momento, a expectativa dos educandos/as era relatar a realidade em que viviam nos municípios, assentamentos, acampamentos e sindicatos. Esses relatos e desabafos que chegavam a público fizeram com que cada um se motivasse a participar da formação e levar para sua prática sindical a transformação, com olhar crítico para as situações vividas na base. Percebemos isto nas palavras expressadas por eles e elas no decorrer da mística inicial: *comprometimento, conhecimento, transformação, apropriação, humildade e atitude, coragem, determinação, mudança*, entre outras.

A turma era muito heterogênea: assentados/as, acampados/as, dirigentes, funcionários, lideres comunitários e também de territórios culturalmente diferentes, apesar de viverem em um mesmo estado, com igual necessidade de se qualificar para o enfrentamento da luta sindical. Porém esta realidade não causou timidez no grupo e, em vez de se fechar em seu mundo, cada um procurou conhecer a realidade do outro, se envolvendo nas histórias de vida e luta de seu companheiro/a e admirando o outro/a pela sua vivência.

Essa a vontade de cada um em mudar suas atitudes, favorece e contribui para que a sociedade enxergue que a mudança é possível. Vimos isto através dos depoimentos, falas e expressões colhidas nos relatos dos módulos.

Podemos destacar também a participação dos acampados/as e assentados/as da reforma agrária, que trouxeram suas experiências nos assentamentos e acampamentos, seu dia-a-dia na comunidade, suas dificuldades, a divisão das tarefas, sua luta pela terra, por dignidade no campo, a união para conquistar seu objetivo, e o espírito de luta que contagiou todo o grupo. Essa troca de experiência mostrou para uma grande parte dos educandos/as uma realidade desconhecida, pois não são todos os municípios que pautam a luta pela reforma agrária.

> Estudar identidade ajudou a resgatar a nossa identidade de trabalhadores e a nossa ideologia (Educanda 1).

Os participantes partilharam conhecimentos, viveram experiências novas e fizeram novas descobertas. Ao chegar às suas bases, empoderados e com o olhar crítico sobre tudo que haviam vivenciado sentiram em si a capacidade de mudar e de fazer mudanças no lugar onde vivem. Isso foi percebido a partir de relatos trazidos no segundo módulo do curso.

A vivência com realidades diferentes fez com que os educandos/as pensassem não somente na sua realidade, mas se abrissem para um mundo em que ninguém vive isolado, e questionassem as ações em suas bases, ações estas de lideranças e organizações ligadas ao campo.

> O sindicato continua fechado desde quando abriu. (Educando 4).

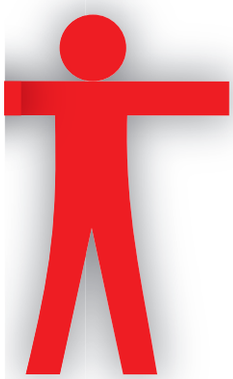
> Porem o movimento da União Democrática Ruralista-UDR contraria o MSTTR, continua ainda hoje no estado, mudou de nome e de estratégias, mas o latifúndio continua organizado, no estado, principalmente no Norte onde existe o MPC – Movimento de Paz no Campo que deseja acabar com a reforma agrária e lutar contra a causa dos quilombolas (Educanda 2).

Durante o processo formativo, surgiram algumas sugestões para que pudéssemos de alguma forma avaliar a vivência após o curso; uma delas foi através da coleta de depoimentos de pessoas que trabalham ou convivem com alguns participantes escolhidos para

relatar as mudanças e participação de cada um depois da formação. Este processo ainda está ocorrendo no estado, portanto não se tem o relatório completo.

> Não temos muitas histórias do movimento sindical em si, pois as diretorias de alguns sindicatos não eram e continuam não sendo de lutas. O sindicato não abre espaço para novas pessoas e, quando abre, são para aquelas que podem ser manipuladas e fizerem só o que os antigos diretores impõem. Não tem muitos sócios e vive de assistencialismo (Educando 5).

> Mediante a história de uma semente onde tudo começou, a agricultura familiar e os produtores rurais tiveram avanços, mas a semente continua sufocada, precisamos de ações concretas nas bases (Educanda 3).



> Atitudes de mudança, de comportamento e escolha, como ter orgulho de quem somos e de ter nossa própria identidade (Educanda 4).

> Na escola não aprendi apenas as coisas para a vida sindical, mas ainda a conviver com outras pessoas completamente diferentes, a me comportar melhor e até comer de um jeito melhor (Educando 6).

Transformando a realidade

> Então ele (o camponês) descobre que, tendo sido capaz de transformar a terra, ele é capaz também de transformar a história, de transformar a cultura, [...] ele renasce [...] não mais como objeto dela, mas também como sujeito da história (FREIRE, 2003, p. 21).

Selecionamos algumas falas que foram muito significativas para todos, no sentido de transparecerem a mudança na vida dos educandos/as, uma mudança que percebemos em todos os sentidos e que aparece espontaneamente no decorrer do processo, confirmando a estratégia transformadora da Enfoc, despertando nas pessoas o sentimento de mudar a sociedade a partir do eu. A mudança deve partir de cada um para que mude o lugar onde vive, iniciando essa mudança com pequenos gestos, pequenas atitudes.

> Percebo que preciso mudar minhas atitudes em minha casa com minha família (Educando 7).

> Temos que compreender esse processo de como chegamos até aqui para podermos compreender nossa realidade e assim fazermos as mudanças necessárias nos sindicatos, em casa, nas federações e nos espaços em que convivemos (Educanda 5).

> O resgate histórico nos proporciona refletir sobre como nos deixamos dominar por um regime capitalista, no qual a classe menos favorecida em nada foi beneficiada (Educando 8).

> Temos que ficar atentos às "ideologias" impostas e buscarmos alternativas na luta pelos ideais comuns a todos que almejam uma vida justa e igualitária, em especial o homem do campo (Educando 9).

> Decidi aceitar esse desafio de mudança. Se eu quero que a sociedade seja diferente, tenho que começar a mudança por mim, nem que seja em casa, ajudando minha mulher a lavar a louça e sendo mais gentil (Educando 10).

Um depoimento em especial foi selecionado pela história de vida do educando que o apresentou, ligada ao MSTTR, pela carga de emoção, verdade e simplicidade, e por percebermos como a Escola fez uma transformação em sua vida, e também como essa pessoa se deixou transformar e persistir na luta da vida sindical.

> Desde criança já presenciei a luta pela terra, junto com a minha família, que eram todos trabalhadores rurais meeiros. Morávamos em Rio Bananal, no norte do estado. Perdi um irmão assassinado na luta pela reforma agrária,

> onde conheci José Rainha, o líder do MST no estado. Vivenciei a formação de acampamentos, a luta dos trabalhadores a perseguição dos fazendeiros.
> Minha família não conseguiu terra, e dessa forma viemos para Vitória procurar melhores condições de vida. Na época em que morávamos no Norte, conheci Creuzimar, que era militante e entrara no MSTTR, e tempos depois se tornou diretor da Fetaes. Creuzimar então me chamou para trabalhar na Federação como auxiliar de serviços gerais. Exercia um bom trabalho, fazia de tudo: office-boy, motorista, serviço de banco e também um trabalho junto aos jovens, e foi aí que a comissão estadual de jovens se reuniu e pediu que eu fosse o assessor da Secretaria Estadual de Jovens. Mesmo contra alguns diretores e assessores, a comissão conseguiu a reivindicação e a secretaria passou a contar com assessor. Nesse tempo fiz o Curso Nacional da Enfoc, e me envolvi na formação, também auxiliando a Secretaria de Formação. Fui envolvido por esse novo jeito de fazer sindicalismo, que resgatou o que eu trazia desde a infância comigo, na luta pela terra, por justiça, igualdade. Hoje sou assessor da Fetaes, mas carrego comigo a militância, o sentimento de que, mesmo não sendo um diretor, posso fazer a diferença e mudar atitudes e pensamentos no MSTTR, fazendo com que essa transformação chegue às bases que tanto anseiam por melhores condições de vida no campo (Educando 11).

Estratégia formativa

A partir da realização da primeira turma estadual da Enfoc, formaram-se no estado alguns GES que tinham a finalidade de se reunirem para debater assuntos de interesse da comunidade como saúde, infraestrutura, lazer e assuntos ligados ao MSTTR, como formação de lideranças, participação da juventude, entre outros. No entanto, os grupos não permaneceram se reunindo por muito tempo.

Esses grupos ficaram pelo caminho, alguns até tinham vontade de continuar e propuseram reuniões na região, com ajuda da Fetag. Porém, devido a outras agendas e atividades, a Federação não pode acompanhar de perto a todos e então os GES não conseguiram caminhar sem suporte.

Outro fator que influenciou negativamente o caminhar dos GES foi o excesso de atividades que os sindicatos têm e o reduzido número de pessoas para executá-las, o que dificulta realizar tudo com acompanhamento das diretorias dos sindicatos.

A formação não estava chegando às comunidades, os sindicatos e a Federação não tinham pernas para acompanhar todo o processo. A Rede de Educadores/as também se perdeu, e não foi pensado um espaço para que essa Rede pudesse se reunir e se re-fortalecer. Não houve de fato incentivo à formação, as atividades ainda continuavam sendo isoladas e sem continuidade. Concluiu-se que o objetivo de chegar ate a base não foi alcançado.

Superando desafios

A Enfoc tem despertado a necessidade de desdobrar processos que alcancem as comunidades e municípios rurais e assim instigar a tão sonhada transformação política, conduzindo à emancipação de sujeitos, através da (re)significação da luta sindical, estudada na lógica do PADRSS.

Para isso, é fundamental não só ações que visem o acompanhamento e animação da Rede e dos GES, mas também a organização e a estruturação da Secretaria de Formação. E preciso fazer uma reavaliação da estrutura do conjunto do MSTTR no Espírito Santo, para atender a demanda por formação e capacitação dos dirigentes da Fetag e dos sindicatos, contemplando novas lideranças e novos militantes. Esta formação deve ser ancorada no PADRSS, a fim de que possa atender todas as secretarias e espaços constituídos para a multiplicação criativa da estratégia da Enfoc.

Então a Secretaria de Formação e Organização, juntamente com a equipe pedagógica, o coletivo estadual de formação e organização sindical, pensando numa estratégia para continuação da formação, deparou-se com esses desafios, percebendo que a problemática não estava em apenas realizar os cursos, mas em como conduzi-los e acompanhá-los, além de manter a Rede em comunicação, animada e atuante.

Diante desses desafios, as primeiras providências tomadas foram contratar mais uma pessoa para compor a equipe da Secretaria de Formação e Organização e fazer um planejamento que considerasse todos as dificuldades.

Uma ideia então surgiu no coletivo de formação e foi abraçada pela coordenação da Enfoc: a de não apenas realizar um curso estadual, formando 40 multiplicadores, mas um curso que se estendesse para as microrregionais, fazendo com que cada micro formasse pelo menos mais 40 multiplicadores, para fazer o trabalho de multiplicação criativa por meio da formação de GES nas comunidades, sindicatos e assentamentos.

Recriação do itinerário

Cursos microrregionais

A estratégia pedagógica da Enfoc possibilita sua recriação ou adaptação a realidades diferentes, a locais que tenham suas especificidades, desde que mantenha o foco político de uma formação emancipatória e transformadora. A ideia logo foi assumida pela Secretaria de Formação da Fetag, que buscou superar o problema da falta de recursos para realização dos cursos microrregionais. A secretaria, a equipe pedagógica e o coletivo de formação traçaram um cronograma para realização de 06 cursos em 06 microrregionais ainda no ano de 2011, priorizando os sindicatos que estavam precisando ser animados para a luta. Foi elaborado um projeto e saiu-se em campo, na busca de recursos para sua concretização.

Conseguindo alguns recursos iniciais através de parcerias com os próprios municípios onde seriam realizados os cursos, partiu-se então para a prática.

O primeiro passo foi fazer um diagnóstico de quais seriam as regiões que mais necessitariam da formação naquele momento. Coincidentemente, já havia uma agenda para a realização de Mutirões pela Cidadania em alguns municípios que careciam de uma ajuda na divulgação dos trabalhos do sindicato e na campanha de sindicalização.

Então foram selecionadas, prioritariamente, as microrregionais das quais estes sindicatos faziam parte, para que se pudesse realizar o curso de formação.

Dessa forma, essas duas ações passaram a ser mobilizadas e coordenadas pela Secretaria de Formação e Organização na microrregião. O Curso de Formação tem duração de 4 dias, participam lideranças de base, dirigentes e funcionários/as selecionados/as pelos sindicatos. Foi planejado para que, na solenidade de abertura do mutirão, fosse feita a entrega dos certificados aos multiplicadores criativos formados no curso.

Os cursos microrregionais seguem a metodologia pedagógica da Enfoc, articulando conteúdos gerais e específicos, distribuídos pelas unidades temáticas e integradoras – Campo, Sujeito e Identidade; Formação Social e Projetos de Desenvolvimento em Disputa; Histórias, Concepções e Práticas Sindicais; Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário.

O planejamento dos cursos microregionais é feito pela Secretaria Estadual de Formação, juntamente com a assessoria da Secretaria, a Rede de Educadores/as

Populares e os multiplicadores/as criativos/as; os temas são desenvolvidos pelos multiplicadores/as, cumprindo assim um propósito da Enfoc com a multiplicação criativa.

As microrregionais no estado do Espírito Santo reúnem de 5 a 7 municípios, o que possibilita que cada um possa estar participando do curso com cinco a seis pessoas que irão trabalhar esses temas nos locais onde moram. Trabalha-se com uma turma de no máximo 35 pessoas, facilitando a metodologia.

A Fetaes está atualmente em processo de planejamento para a realização do curso na terceira microrregional que será no Norte do estado, no município de São Domingos do Norte.

Grupos de Estudos Sindicais - GES

Desde a criação da Enfoc, que sua estratégia pedagógico-metodológica identifica a realidade local como foco central de sua atuação. Sendo o local esse espaço privilegiado para o estímulo de mudanças substantivas na prática política de dirigentes, funcionários, militantes e simpatizantes do MSTTR, a constituição de GES ganha importância política e estratégica.

Ainda que esse processo de (re)construção tenha desencadeado mudanças significativas na intencionalidade política de alcançar, dialogar e estimular mudanças no 'fazer sindical' do MSTTR e na realidade local, o GES mantém-se como uma das partes mais significativas e importantes de toda a estratégia pedagógico-metodológica da Enfoc. Suas constituição e animação devem ser compreendidas enquanto intencionalidade política do conjunto do MSTTR. Essas ações devem compor a agenda sindical das federações, polos e sindicatos, como uma das formas de fortalecer os sindicatos, qualificar a ação sindical, estimular mudanças na realidade local e estabelecer as condições para identificar novas lideranças comunitárias e sindicais.

Os GES têm como objetivo principal problematizar a realidade vivida, propiciar aprendizagens e estimular a construção coletiva de alternativas favoráveis aos interesses dos trabalhadores/as que vivem, produzem e reproduzem qualidade de vida no campo. Nesse sentido, contribuem para retroalimentar os sonhos e a capacidade transformadora e libertadora da formação do MSTTR. Como afirma Arroyo:

> Para a revitalização da teoria pedagógica, esse é o caminho mais fecundo, refletir sobre a condição humana, suas dimensões e virtualidades formadoras e deformadoras, humanizadoras ou desumanizadoras, presentes nos processos sociais e, sobretudo, nos movimentos de humanização e libertação (2003. p. 34-35).

Uma das expectativas quando estimulamos a sistematização é que eles possam escrever sua própria história, registrar suas discussões e proposições para que, dessa forma, consigam alcançar alguns propósitos como criar condições para despertar a consciência crítica nas pessoas, tornando-as sujeitos, com ideias e pensamentos próprios e com argumentos para defendê-los.

É importante que essas discussões atinjam outros espaços da sociedade, como conselhos, poder público, igrejas, escolas, etc., e retornem para a Escola em forma de diagnósticos, possibilitando identificar demandas específicas de cada região, e com isso culminar na produção de material para reflexão sobre a prática sindical.

Essa compreensão se articula com a intencionalidade política de fortalecer os Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, enquanto um meio de estimular mudanças no 'fazer sindical' em todo o Sistema CONTAG, já que os STTRs representam a base desse sistema.

O estímulo à militância e à prática política, renovada e transformadora, devem ser os referenciais para a ação político-pedagógica desse espaço. São espaços privilegiados para socializar e aprofundar o alcance das lutas e conquistas obtidas pelo MSTTR nas negociações com o estado e com o patronato, seja estadual ou nacionalmente. Ambiente propício para identificar as demandas e desafios que vivem aquela comunidade ou grupo específico, além de construir estratégias coletivas para superação dessa realidade.

GES no Estado

Atualmente o maior desafio para a formação é implementar os GES. Após a realização do Proforma, o Grupo de Apoio à Formação Sindical-GAFS,[34] formado por diretores e funcionários dos sindicatos, tinham como tarefa auxiliar nos processos formativos, ajudando e pensando estratégias para a formação no estado.

Os GAFS poderiam ser um espaço de animação de GES, pois o Proforma trazia também como proposta a implementação dos GES nas comunidades, associações ou sindicatos. Com isso o GAFS tinha a missão de auxiliar os grupos. Alguns GES foram criados e iniciaram suas reuniões.

Com a finalização do primeiro curso do PROFORMA, esses grupos não continuaram a se reunir, o GAFS também perdeu força e acabou, e com isso o processo de formação enfraqueceu no estado. Os educadores/as que fizeram o Curso Nacional da Enfoc retomaram o processo formativo no estado. Como esse processo não terminou, a tarefa de criar ou reanimar os GES não foi

[34] Doravante GAFS.

fomentada. O processo formativo não conseguiu com que as pessoas que passaram pela experiência da formação na Enfoc se sentissem realmente responsáveis pela sua continuidade, se sentissem pertencentes a uma Rede.

A partir de 2008, inicia-se um novo processo, com a participação dos educandos/as para o curso nacional, com o propósito de revigorar a formação no estado, dando continuidade ao Itinerário da Enfoc.

Entendemos que os GES sozinhos não terão vida longa, por isso terão necessidade de ser fomentados, acompanhados e animados; terão que conhecer bem a estratégia da Enfoc. E assim o grupo compreenderá porque de fato eles existem, e eles precisam existir. Os grupos devem interagir com os problemas e identidade das pessoas da comunidade e também com suas próprias estratégias de diálogo e intervenção nos espaços políticos.

A proposta da nova equipe pedagógica é a efetivação do GES, que terá a microrregional como um espaço de fomentação e animação, embora tenha consciência de que esse processo levará certo tempo para ser consolidado.

A princípio serão realizados seis cursos microrregionais de formação para o ano de 2011, e seis para o ano de 2012, seguindo a temática dos cursos da Enfoc. Com esta estratégia, vamos assegurar que mais pessoas participem dos cursos da Enfoc e que a estratégia consiga chegar aos municípios de forma mais qualificada. A expectativa é que em cada um dos municípios participantes dos cursos seja criado GES.

Rede de Educadores/as Populares da Enfoc

Do latim *rete, is* = "rede ou teia", originariamente exibe o significado de conjunto entrelaçado de fios, cordas, cordéis, arames, etc., com aberturas regulares, fixadas por malhas e nós, formando espécie de tecido aberto, destinado às aplicações, já presumivelmente pré-históricas, quer de caça quer de pesca, para fins de apresamento ou retenção do animal desejado.

Contudo, ao longo dos tempos, passou a indicar uma quantidade de pontos (nós) concretos ou abstratos, interligados por relações variadas.
Mais modernamente, redes passaram também a ser utilizadas noutras atividades, como na navegação, na construção de mecanismos de segurança, nos esportes. O conceito de rede foi adotado em várias áreas do conhecimento, que vão da sociologia (redes sociais) à informática (redes de computadores)[35].

Para este trabalho, utilizamos o conceito Rede para definir um conjunto de pessoas que fizeram cursos na Enfoc, que se tornaram educadores/as populares ou multiplicadores/as criativos e assumem responsabilidade com o desenvolvimento do Itinerário Formativo da Enfoc.

A Rede de Educadores/as está posta desde a criação da Enfoc (2006), como forma de envolver pessoas dos vários estados do Brasil e assim alcançar as comunidades rurais, assentamentos e municípios.

No entanto, a Rede de Educadores/as só se efetiva se as Fetags criarem as condições para que ela se mantenha funcionando, se não cai no esquecimento, como o que ocorreu com a Rede no Espírito Santo. Cada educando/a foi para seu município e não voltou para somar nas atividades de formação. Talvez por falta de articulação da própria Federação, mais especificamente da Secretaria de Formação e Organização, talvez pela própria dispersão, falta de interesse ou de tempo das pessoas que participaram do processo formativo. Ou seja, a Federação não conseguiu dar suporte e animar a Rede e os GES, e também não construiu espaços para a formação se desenvolver. A maioria dos sindicatos não se comprometeram com a estratégia.

[35] Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rede.

A ideia da Secretaria de Formação e Organização atualmente é não deixar acontecer o mesmo que ocorreu com a 1ª turma. As atividades da Enfoc no estado não devem ser apenas mais um curso, e sim uma formação continuada e abrangente, assim como consta na estratégia da Escola.

Rede estadual

A turma de educandos/as que se formou no segundo itinerário estadual compõe uma parte da Rede do estado, mesmo ainda não estando muito claro como se dá a participação. As pessoas que fizeram a formação na Enfoc sabem que têm compromisso com a multiplicação criativa e com os desdobramentos da estratégia da Enfoc no estado.

Para que essa Rede se mantenha em comunicação, possa compartilhar suas experiências, reivindicar ajuda para suas ações e auxiliar nos processos formativos futuros, é preciso que as pessoas se sintam parte e responsáveis pelo processo. Uma iniciativa foi tomada de imediato para não perder o contato com essas pessoas. Foi organizada uma lista com todos os contatos: telefone, endereço, e-mail. Tenta-se assim fazer com que num primeiro momento se possa ter acesso a todos, e todos terem acesso às informações decorrentes dos processos formativos em curso e de novos que possam interessar ao grupo.

Num segundo momento, serão feitas visitas da secretaria de formação sindical da Fetaes a cada pessoa na sua base, visita ao GES ou uma reunião promovida por eles a fim de conversar como anda a formação e como planejar ações para o futuro.

No terceiro momento, será feito o planejamento e a execução dos cursos microrregionais, que contarão com a contribuição da Rede de educandos/as e com os multiplicadores/as criativos.

Considerações finais

Com a constituição de um Estado de Direito Liberal, podemos reconhecer que cabem aos sujeitos a decisão de representantes de interesses gerais pelo povo, para compor diferentes esferas do poder público. Esta é a democracia representativa contemporânea. Entretanto, tal processo fica mais complexo, na medida em que apenas esta forma de representação é insuficiente para abarcar interesses que estão marcados por posições distintas de classe.

A questão então parte da possibilidade de superação do decisionismo pela deliberação argumentativa. Ou seja, a ideia de que a democracia precisa implicar procedimentos que possibilitem o debate, a construção de deliberações com base numa prática dialógica. Com isso, o desafio na reorganização da relação Estado/sociedade civil está na construção de espaços nos quais as pessoas possam agir como sujeitos que tenham consciência de seus direitos e lutem por eles.

Cabe então ao MSTTR, que é parte dessa sociedade civil organizada, oportunizar a capacitação de seus sujeitos para uma participação efetiva nesses espaços, bem como incentivar a capacitação de outros. A concepção pedagógica sugerida para orientar essa ação de formação sindical parte dos mesmos princípios da educação popular que inspirou Paulo Freire. Cada sujeito que dela participa é importante para concebê-la, e para a construção coletiva dos processos educativos que não são impostos, mas são construídos a partir da junção de saberes.

A essência da pedagogia freiriana é o compromisso com a defesa da vida, da justiça social, da libertação de todas as maneiras de opressão e da condenação de todas as formas de exclusão. Uma das finalidades da educação é humanizar a história. Portanto, negar a educação é obstruir o desenvolvimento do processo de humanização. A pedagogia freiriana acredita na pessoa humana e na sua capacidade de educar-se como sujeito da história, educar-se para transformar a realidade.

Essa educação se faz impregnada de esperança, tanto que Freire não hesitou em chamá-la de Pedagogia da Esperança. Essa educação traz consigo um coeficiente muito grande de Esperança, podendo mudar a realidade, dependendo de como a estudamos e da maneira como a concebemos. Mas as contribuições e inovações de Paulo Freire não param por aí, pois, além da educação ser embasada em uma esperança, é necessário

> [...] que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos [...] abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (FREIRE,1996, p. 136).

A metodologia que a Escola tem trabalhado para essa formação inovadora e transformadora também fundamenta-se na metodologia de Freire, a metodologia do diálogo, e isto é primordial nas relações de todas as coisas no mundo. O homem interage com o meio social mediado pelo diálogo. A educação é a dialogicidade entre educador e educando, sendo um ato comunitário, permanente e libertador (FREIRE, 1996).

Para que o diálogo aconteça, primeiramente, é preciso ter fé no ser humano, na sua capacidade de entender, de criar e recriar, acreditar na sua vocação de "ser mais", que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito de todos. O diálogo libertador, o não alienante, percebe a realidade como em permanente "perfazimento", portanto o homem é histórico e, na história, não se admite separar o homem de seu mundo.

A dinâmica pedagógica é criada no sentido de ter um formato adequado à realidade do campo, possibilitando que cada pessoa envolvida tenha compreensão dos processos e possa se tornar um multiplicador/a que pronuncia sua palavra e instiga o outro a dizer a sua, dialogando com sua realidade. Tem como tarefa favorecer a construção coletiva das propostas, encaminhamentos e concepções para uma sociedade orientada pelos princípios do PADRSS.

Princípios ou objetivos do PADRSS:

- Realização de uma ampla e massiva reforma agrária;
- Expansão, valorização e fortalecimento da agricultura em regime de economia familiar, centrado na inclusão social;
- Geração de empregos, renda e qualidade de vida e de trabalho no campo;
- Desenvolvimento social, econômico, ecológico e ambientalmente sustentável;
- Garantia de direitos e qualidade de vida no campo, valorização do espaço rural e dos modos de vida e produção.

A formação é um processo que viabiliza a construção permanente de uma prática sindical inovadora que compreenda as mudanças de cada tempo, e de cada indivíduo, permitindo aos seus sujeitos uma compreensão da realidade com um olhar crítico sobre o processo histórico da humanidade, assim como dos acontecimentos contemporâneos. Seu desenho é estabelecido a partir das necessidades, potencialidades e definições do MSTTR, sendo orientada pela luta dos trabalhadores rurais.

O campo não pode mais ser considerado apenas como espaço puramente agrícola ou composto apenas de atividades agropecuárias, mas um espaço múltiplo, diverso, heterogêneo, com diversos atores e que precisa também de políticas públicas, por exemplo, para a terceira idade, juventude e mulheres rurais.

A formação se faz no sentido de auxiliar a compreensão dessas ações pelos sujeitos do campo, para que a proposição e fiscalização das políticas públicas sejam feitas por eles, que conhecem e são sabedores de suas necessidades e que essas proposições possam ser melhor orientadas.

Dentro desse processo de formação do MSTTR, o que significa sistematizar? Sistematizar é construir a memória de uma vivência, divulgar saberes relacionados a práticas, lições e ensinamentos, estimular o intercâmbio e a confrontação de ideias, bem como contribuir para a reconstituição dos processos e obter novos olhares a partir das experiências vividas. Ou seja, sistematizar neste momento é contar o que a Enfoc, enquanto instrumento de luta do MSTTR, está fazendo na sua prática, a fim de divulgar as ações para dentro e fora do Movimento e ajudá-la a aprender com seus próprios processos.

A realização dos cursos microrregionais no estado ainda é uma prática recente e inovadora que tem destacado a formação política e sindical no MSTTR, no entanto ainda tem enfrentado dificuldades quanto à resistência de alguns dirigentes sindicais em encarar a formação como importante para a sobrevivência do movimento.

O processo de recriação pedagógica que está sendo realizado no estado ainda não passou por um processo avaliativo como um todo, tem se avaliado os cursos ainda separadamente de forma positiva, porém ainda sem resultados concretos de realização pós-curso, até porque é recente no estado. O processo de avaliação dos seis primeiros cursos está previsto para acontecer no final de 2011, no Encontro Estadual do Espírito Santo – ENESFOR.

Já se pode adiantar que o objetivo de formação dos GES no estado ainda não foi atingido, mesmo porque os cursos estão se iniciando. Cresce, contudo, a consciência da necessidade de estes grupos serem assumidos com intensidade. Após a avaliação no ENESFOR, todas as experiências serão registradas, refletidas e relatadas. Com isso, poderá haver maior compreensão do já feito e subsídios para as novas ações.

Referências da Singularidade

ANJOS, Maura Pereira dos; MEDEIROS, Evandro Costa de. Pedagogia do Campo: Histórias de vidas e a formação de Educadores no Sudeste do Pará. In: LUNAS, Alessandra da Costa; ROCHA, Eliene Novaes. *Práticas Pedagógicas e Formação de Educadores (as) do Campo*. Brasília: Dupligráfica, 2009.

ARROYO, Miguel G. Pedagogias em movimento – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? *Currículo sem Fronteiras*, V.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003. Universidade Federal de Minas Gerais.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. *Educação em movimentos sociais:* construção coletiva de concepções e práticas educativas emancipatórias. Disponível em: http://educampoparaense.eform.net.br/site/media/biblioteca/pdf/18Ed_popular_em_mov_sociais.pdf. Acesso em: 06 ago.2011.

BOBBIO, N. *O futuro da democracia.* 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CALDART, R. S. *Projeto popular e escolas do campo.* Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999.

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas:* ciência para uma vida sustentável. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2002.

CONSTANT, Benjamin. *Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos.* In: *Filosofia política*, nº 2, Porto Alegre, L&PM, 1985, p. 9-25.

COUTINHO, C. Nelson. *O marxismo na batalha das ideias.* São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Gramsci.* Um estudo sobre seu pensamento político. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COUTINHO, C. Nelson. *Marxismo e política.* A dualidade de poderes e outros ensaios. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Crítica e utopia em Rosseau. *Lua Nova,* São Paulo, n. 38, dez. 1996. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-6445199 6000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 jul. 2011. http://dx.doi.org/10.1590/ S 0102-64451996000200002.

DAMASCENO, Maria Nobre e BESERRA, Bernadete. Estudos sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas. *Educação e Pesquisa*, vol. 30, ano 1, São Paulo, jan./abr. 2004.

ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO DA CONTAG – ENFOC. Equipe operativa. *Relatórios da I, II e III etapas do Curso Estadual de Formação* – 2010. Disponível em: www.enfoc.org.br. Acesso em 24 mai. 2010.

_____. Equipe operativa. *Relatórios da I, II e III etapas do Curso Municipal de Formação* – 2009. Disponível em: www.enfoc.org.br. Acesso em 24 mai. 2010.

_____. Equipe operativa. *Relatórios do Grupo de Estudo Sindicais – GES* – 2010-2011. Disponível em: www.enfoc.org.br. Acesso em 24 mai. 2010.

_____. Equipe operativa. O que são os GES. Disponível em: www.enfoc.org.br. Acesso em 24 mai. 2010.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado da Cultura – SECULT. *Patrimônios culturais.* Disponível em: www.es.gov.br/site/espirito_santo/patrimonio_cultural.aspx . Acesso em: 30 mar. 2011.

FETAGRO. Federação dos Trabalhadores na Agricultura em Rondônia. *Relatórios.* Rondônia: s/d.

FERNANDES, Bernardo M. *MST:* formação e territorialização. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 285p.

FREIRE, Madalena. *O que é um grupo!* Certezas, dúvidas, conflitos, inquietudes, prazeres e laços afetivos nas relações grupais. Arquivo ENFOC. Disponivel em http://www.enfoc.org.br/: Acesso em 12 de abril de 2011.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

_____. Pedagogia do oprimido. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Práxis.* 4 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Intelectuais e a organização da cultura.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HEINEN, Milton Inácio e ROCHA, Nagibe Alves. *Manual de formação sindical*. Goiania: FETAEG, s/d.

IBGE, 2010. *Perfil dos estados.* Disponível em: <http:/www.ibge.gov. br/estadosat/perfil.php?sigla=pa>. Acesso em: 20 jul. 2011.

Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – STTR de Ministro Andreazza.

ESPAÇOS INTERMEDIÁRIOS E GRUPOS DE ESTUDOS SINDICAIS – GES

A MULTIPLICAÇÃO DE PRÁTICAS E SABERES DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DA ENFOC NO PIAUÍ A EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO SINDICAL DA ENFOC NO MARANHÃO: NOVAS ESTRATEGIAS FORMATIVAS NOS ESPAÇOS INTERMÉDIARIOS DE GES FORTALECENDO A ESTRATÉGIA FORMATIVA DA ENFOC COM A CRIAÇÃO DA EQUIPE PEDAGÓGICA NO CEARÁ **A MULTIPLICAÇÃO DE PRÁTICAS E SABERES DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DA ENFOC NO PIAUÍ** A EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO SINDICAL DA ENFOC EM PERNAMBUCO **CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL DA ENFOC NO MARANHÃO: NOVAS ESTRATEGIAS FORMATIVAS NOS ESPAÇOS INTERMÉDIARIOS DE GES** FORTALECENDO A ESTRATÉGIA FORMATIVA DA ENFOC COM A CRIAÇÃO DA EQUIPE PEDAGÓGICA NO CEARÁ **A MULTIPLICAÇÃO DE PRÁTICAS E SABERES DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DA ENFOC NO PIAUÍ** A EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO SINDICAL DA ENFOC EM PERNAMBUCO **CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL DA ENFOC NO MARANHÃO: NOVAS**

A MULTIPLICAÇÃO DE PRÁTICAS E SABERES DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DA ENFOC NO PIAUI

Theresa Rachel Mendes da Silva Rodrigues

Assessora da Fetag/PI, Socióloga

Introdução

Em consequência do crescimento do MSTTR em todo o Brasil, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Piaui-Fetag/PI[36] foi fundada em 19 de dezembro de 1970. Ela é proveniente da ação de cinco sindicatos de trabalhadores/as rurais no estado: Teresina, Monsenhor Gil, Angical, Campo Maior e Amarante.

Com a constituição da Fetag/PI estabelecida, foi iniciada uma trajetória de luta e acertos para edificar sua estrutura organizacional e administrativa, no intuito de participar ativamente da política sindical no estado. Contudo, em seu primeiro instante, ainda não havia forças concentradas para a transformação da realidade nem fomento para reunir sujeitos que contribuíssem para as mudanças sociais. Dentre as bandeiras de luta do MSTTR no PI, a formação político-sindical é uma das que vem alcançando patamares cada vez maiores nos últimos cinco anos (2006-2011), embora não se tenham registros das primeiras ações internas realizadas por meio da Fetag/PI e dos sindicatos existentes.

Na última década (2000-2010), o MSTTR vem realizando processos formativos que apontam avanços na formação político-sindical de dirigentes sindicais, assessores/as e funcionários/as de suas esferas – sindicatos, Fetags e Contag–, de forma a preencher a lacuna existente na proposição desta formação, que antes era realizada somente para as lideranças sindicais filiadas aos partidos políticos e suas centrais de trabalhadores/as.

Para efetivar a proposta de formação político-sindical para as lideranças sindicais e militantes do MSTTR, fundamentada na Política Nacional de Formação, constituiu-se a Enfoc (2006), que é exemplo desse avanço na/para a formação política do MSTTR em âmbito nacional e, principalmente, no Piauí. O MSTTR aceitou o desafio de levar adiante a estratégia pedagógica da Enfoc no estado, realizando dois cursos estaduais (1º curso 2008 e o 2º curso 2010) fundamentados nos eixos temáticos Estado, Sociedade e Ideologia; História, Práticas e Concepções Sindicais, Gênero, Geração, Raça e Etnia; e Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário e eixos metodológicos Memória e Identidade; e Pedagogia para uma Nova Sociabilidade, seguindo os objetivos da Enfoc.

Desse modo, a Enfoc reafirma a importância de desencadear processos formativos que sejam

[36] Doravante Fetag/PI

capazes de contribuir com a mudança de realidades, conduzindo à emancipação de sujeitos, buscando ressignificar a luta sindical pela construção de uma sociedade igualitária, como proposto no PADRSS[37].

Para avaliação dos avanços e limites dos processos formativos estabelecidos pela PNF e promovidos por via da Enfoc, faz-se uso da sistematização como um instrumento político-pedagógico que possibilita apropriação da experiência e das vivências dos sujeitos inseridos na formação, em especial nos cursos estaduais e nos GES. Assim, a sistematização vem com força para reorientar caminhos percorridos e práticas estabelecidas, com a finalidade de conduzir o próprio MSTTR a realizar uma leitura crítica das práticas sindicais internas exercidas em suas instâncias de forma a reavaliá-las e caminhar em direção a mudanças.

No Piauí, o desafio de sistematizar vem sendo uma mola propulsora para o desenvolvimento do trabalho com a formação no estado. Isso proporciona avanços e reflexões pertinentes sobre as mudanças propostas nas práticas sindicais, na vivência do coletivo, no sentimento de classe e na valorização e reafirmação da identidade camponesa. A Equipe Operativa[38] e a Rede de Educadores/as da Enfoc-PI, sob a coordenação da Secretaria Estadual de Formação e Organização Sindical, buscam reafirmar o compromisso com a formação, usando os instrumentos pedagógicos e operacionais que visualizem os avanços do MSTTR, de maneira a fundamentar com firmeza os caminhos trilhados frente a esta nova "estrada pedagógica", na qual todos e todas se envolvem individualmente e coletivamente.

Os versos da canção "Pra não dizer que não falei das flores", composta por Geraldo Vandré (1968) em um momento histórico importante, em que a militância dos partidos de esquerda lutava pelas causas sociais e por um país democrático e emancipatório, exercem a função de mediar uma reflexão sobre nosso passado (de lutas e conquistas), presente de ações e o futuro enquanto movimento sindical de trabalhadores/as rurais. Esta música nos convida a compor as fileiras das lutas, dentre elas a de romper as barreiras que nos impedem de avançar nas bandeiras que nos caracterizam enquanto movimento, e refletir internamente sobre nossa ação igualitária nas instâncias do movimento sindical dos trabalhadores/a rurais.

A sistematização proposta desenvolve, dentre outras funções a ela atribuídas, o resgate de práticas coletivas. Assim contribui com a produção de conhecimentos gerados não apenas em decorrência da 2ª Turma Estadual, mas nos remete a outros momentos e espaços formativos do/no MSTTR. Esta prática de sistematização deve inspirar as demais áreas do MSTTR, pois, ao sistematizar, avaliamos, descobrimos potencialidades e apontamos perspectivas para o desdobramento das ações e os caminhos a serem seguidos. Ao sistematizar nossa prática, estamos alargando nossos horizontes e alimentando nossa utopia em buscar a emancipação dos sujeitos.

[37] O Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PADRSS, que se contrapõe ao modelo neoliberal. Com essa iniciativa, o MSTTR afirma para a sociedade a importância social e econômica do meio rural para o desenvolvimento sustentável e solidário, o que só é possível com gente no campo em condições de produzir e viver com dignidade. Portanto, o PADRSS se efetiva se construído com a participação dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, porque é essencial a democratização do acesso a terra, políticas públicas com igualdade de oportunidades e exercício pleno da cidadania – acesso à saúde, educação, lazer, cultura, habitação, etc. Sem essas condições, permanece a migração de homens e mulheres para as cidades, sobretudo da juventude, indicando a falta de alternativas para seguir vivendo no campo. Essas desigualdades sociais marcam as relações de poder, que precisam ser superadas para a construção do desenvolvimento sustentável e solidário. Assim o respeito às diferenças e o combate a todas as formas de desigualdade, e discriminação, em especial de gênero, geração, raça e etnia, são princípios fundamentais do PADRSS (Anais do 5º Congresso dos Trabalhadores/as Rurais da FETAG-PI, 1ª edição, 2010).

[38] Para efetivar a realização dos cursos estaduais da Enfoc no Piauí, a Fetag/PI, por meio da Secretaria de Formação e Organização Sindical, responsabilizou diretamente as assessoras da entidade que já haviam participado dos cursos nacionais (1º, 2º e 3º) – Joyce Maia (trabalhou na entidade de 2006 a 2011 como Assessora de Formação), Adriana Cavalcanti, Rachel Rodrigues e Regina Barros (trabalhou na entidade de 2004-2011, como Assessora de Política Agrária e Meio Ambiente), com o objetivo de operacionalizar os cursos desde a logística até ao aspecto pedagógico e formativo. Essa equipe foi constituída de forma a vir diminuir as barreiras e percalços que dificultam a participação dos demais membros da rede de educadores/as da Enfoc no estado do Piauí.

É com esse sentimento e ação, "caminhando e cantando", que nós vamos destinados a sistematizar, cheias e cheios de esperança e ansiosos para semear esse jeito de fazer o conjunto de práticas sindicais, políticas e administrativas. As relações de poder que alimentamos é a constante busca de "ensinar e aprender uma nova lição". Esse verso traduz nossos sentimentos durante o curso em Piauí:

> Caminhando e cantando e seguindo a canção/ Somos todos iguais, braços dados ou não./ Nas escolas, nas ruas, campos, construções/ Caminhando e cantando, e seguindo a canção./ Vem, vamos embora, que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.
>
> (...) Os amores na mente, as flores no chão/ A certeza na frente, a história na mão./ Caminhando e cantando e seguindo a canção/ Aprendendo e ensinando uma nova lição.

Nuances na história da formação político-sindical no Piauí (1970-2010)

A história do MSTTR perpassa pela influência recebida das primeiras organizações do campo em destaque nas décadas de 1940 do século XX, como as Ligas Camponesas, a União dos Lavradores/as e Trabalhadores/as Agrícola do Brasil, ULTAB, e Movimento dos Agricultores/as Sem Terra, MASTER, que, motivadas pelos ideais socialistas, iniciaram a organização dos camponeses/as no Brasil. As lutas por direitos universais, como a reforma agrária, saúde e educação foram os primeiros alicerces das lutas do MSTTR, que já ocorria isoladamente em sindicatos dos trabalhadores/as rurais e em algumas federações. Elas se fortaleceram de forma que, na década de 1960, os trabalhadores/as rurais fundaram a Contag.

Nas décadas seguintes após a formação da Contag, o MSTTR buscou unificar ainda mais as lutas em prol dos direitos dos trabalhadores/as rurais. Como resultado de sua estrutura organizativa sindical, as instâncias Contag, Fetags e STTRs surgiram para que ocorressem avanços maiores, como sobrepujar entraves políticos, sociais, culturais e econômicos para a classe trabalhadora. Entretanto foi necessário que os sujeitos que compõem esse Movimento dessem passos mais largos, os quais seriam possíveis por meio da formação política e sindical.

Então, no final da década de 1970, com o 3° Congresso da Contag, foi apontada, nas discussões e debates desse espaço deliberativo, a necessidade de ser realizado um processo formativo que fosse constante e crescente, devendo conduzir o trabalhador à transformação de sua realidade. Mas como e quando realizar o processo formativo para conduzir a transformação a partir da prática sindical?

As questões feitas nesse momento inicial foram importantes para se pensar na construção de uma PNF do MSTTR, a qual se fortaleceu nas décadas seguintes, de forma a viabilizar os objetivos, estratégias e diretrizes. A PNF conduz os trabalhadores/as à reflexão e à crítica de sua realidade. Um dos objetivos da PNF sempre foi promover o debate pluralista e a implementação de seu projeto sindical para construir uma nova sociabilidade.

Em 2005, o 1° Encontro Nacional de Formação, ENAFOR, tornou-se um marco histórico de ação formativa do MSTTR, em que o esforço e a vontade política dos dirigentes sindicais e assessoria das federações fora essencial para a sistematização dos princípios, diretrizes e fundamentos pedagógico-metodológicos que deram origem à PNF, e que consolidariam também as bases (pedagógica, política e sindical) para a Enfoc.

Em 2006, houve a materialização da Enfoc, um espaço de formação político-sindical de/para trabalhadores/as

rurais, dirigentes, assessoria, funcionários/as e militantes do MSTTR, os conduzindo à reflexão e à mudança de suas práticas políticas, sindicais e administrativas, bem como possibilitando preparo para dialogar e responder aos novos e velhos desafios históricos da ação sindical como as relações de gênero, geração, raça e etnia.

Como consequência imediata desse avanço interno de formação no MSTTR, por meio da Contag, a formação política e os processos formativos são constantemente reinventados e ressignificados em cada estado brasileiro; neles, as Federações são essenciais para implementação da PNF e para a promoção das mudanças que a luta sindical precisa tanto internamente no MSTTR quanto para todo o Brasil.

O histórico das ações formativas no estado do Piauí foi registrado a partir dos anais congressuais da Fetag/PI; estes sempre estiveram orientados pelas deliberações congressuais da Contag, vindo a serem executadas no estado.

Nos anais do 3° Congresso Estadual dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais da Fetag/PI (2002), foi afirmado o compromisso da entidade para com ações formativas do MSTTR, na difusão do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável (projeto político dos trabalhadores/as rurais), que, no congresso seguinte da Contag, fora acrescentado o termo Solidário – PADRSS, junto à base sindical. Todavia, estes anais apontam para a valorização da construção coletiva, que deve ser o princípio metodológico adotado em todas as ações formativas a serem implementadas pelo MSTTR no Piauí. Isso garante a coerência interna entre o discurso e a prática, bem como a elaboração e implementação de programas formativos que se constituam como processos permanentes[39].

A garantia da participação de mulheres, jovens e da 3ª idade nas ações formativas também é apontada nesta mesma resolução.

No 4º congresso estadual da categoria (2006), foram construídas as deliberações prescritas no 9º congresso da Contag no ano anterior (2005), referentes à consolidação de uma política estadual de formação com base nas referências dos ciclos de debates ocorridos. Esses debates tiveram os seguintes momentos: sensibilização; reflexão e comprometimento; instrumentalização; aplicação do conhecimento e mudança de comportamento; mudança de uma prática anterior para uma nova prática orientada pelos princípios pedagógicos: a) princípios pedagógicos da formação sindical; b) análise dos fatos a partir de uma visão de Movimento; c) compreensão da formação de modo sistêmico; d) interpretação dos interesses das partes a partir da dinâmica do todo; e) o trabalho não somente sobre uma verdade, mas a percepção de estabelecer consensos; f) o direcionamento da ação sindical no caminho do fortalecimento da cooperação; g) avaliação permanente da prática sindical; e h) o repensar da ação sindical de forma que esteja pautada num processo de democratização das relações políticas no interior do MSTTR[40].

De fato, os registros feitos nos anais congressuais são uma prestação de contas do que vem ocorrendo e do que se dispõe a acontecer nos anos seguintes. Dessa forma, no Piauí, a Fetag vem trilhando um caminho condizente com as decisões efetuadas nos congressos da categoria (nacional e/ou estadual).

A formação desenvolvida pela Fetag/PI, nesse período, já percebia as fragilidades e necessidades específicas da formação política e sindical, reconhecendo a urgência de desenvolver uma política de formação

[39] Anais do 4º Congresso de Trabalhadores/as Rurais da Fetag/PI, 2006, p. 24.

[40] Anais do 4º Congresso de Trabalhadores/as Rurais da Fetag-PI, 2006, p. 25.

que articulasse os diversos níveis da organização do MSTTR, destacando o caráter político-pedagógico (consiste numa prática social com intencionalidade e objetivo político – a consolidação do PADRSS) *do* caráter transformador (contribuindo para a transformação da sociedade, construindo uma nova sociabilidade que atenda às aspirações da classe trabalhadora rural e urbana), por meio de seus conteúdos (valorização e resgate das experiências, a luta sindical, o saber e a cultura local) e ainda de seu caráter democrático (tratando de "não somente educar para a democracia, mas de educar na democracia"[41]). Dessa forma, o terreno estava sendo adubado para dar início ao plantio de novas sementes.

Essa trajetória faz o registro de todas as atividades e experiências formativas do MSTTR no estado, região e país, com a intencionalidade de compreender e melhorar nossa própria prática, tirar ensinamentos e compartilhá-los.

Holliday (2006) define com precisão nossa intencionalidade ao sistematizar, quando aponta suas múltiplas possibilidades e utilidades. Afirma que é preciso ter uma compreensão mais profunda das experiências que realizamos, com fim de melhorar nossa própria prática; compartilhar com outras práticas semelhantes os ensinamentos surgidos com a experiência; e conduzir à reflexão teórica (e em geral à construção de teoria) os conhecimentos surgidos de práticas sociais concretas.

> Ter uma compreensão mais profunda das experiências que realizamos, com fim de melhorar nossa própria prática; compartilhar com outras práticas semelhantes os ensinamentos surgidos com a experiência; e conduzir à reflexão teórica (e em geral à construção de teoria) os conhecimentos surgidos de práticas sociais concretas (p. 29).

Dessa forma, percebe-se que é preciso refletir e sistematizar a prática, principalmente pelo fato de que a formação político-sindical deva ter na sua essência os princípios emancipatórios, em que os participantes do processo formativo sejam os sujeitos de sua transformação. Esses sujeitos e educandos/as (os trabalhadores e as trabalhadoras rurais, lideranças sindicais, assessores/as) devem ter suas vivências valorizadas no processo de ensino-aprendizagem; como afirma Paulo Freire (1976, p. 39): "Ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo", devendo reconhecer os seus saberes.

No modelo neoliberal, ainda vigente no contexto político, econômico, social e cultural no Brasil, não tem espaço para a implementação de um projeto de sociedade que venha tanto proporcionar condições igualitárias de vida em todas as dimensões, com educação, saúde, terra, geração de renda dentre outros, quanto incentivar culturalmente relações de gênero, raça e etnia dignas. Contudo essa realidade fez com que o MSTTR buscasse viabilizar o PADRSS, para que os trabalhadores/as rurais pudessem viver no campo com dignidade.

Para que isso ocorra, os trabalhadores/as rurais da base precisam estar conscientes do processo de mudança – por isso tem-se investido na formação político-sindical. A Enfoc apresenta, em sua estratégia formativa, uma ampla discussão sobre as ações políticas macro e sua relação com o processo formativo com a mesma importância. Sobre isso, recorremos a um diálogo entre Gadotti, Freire e Guimarães (1995), no livro *Pedagogia, diálogo e conflito*, que traz questões sobre "ato político e pedagógico"; em especial, Freire afirma que "No ato político há, portanto, a natureza ou a marca do pedagógico, assim como no pedagógico há a marca do político" (p. 26); pedagogia e política, assim, possuem uma relação intrínseca.

Assim, a formação proposta pela Enfoc perpassa por esses âmbitos, mostrando a importância do conhecimento para a construção das mudanças.

[41] Anais do 4º Congresso de Trabalhadores/as Rurais da Fetag-PI, 2006, p. 27.

É preciso que, no debate sobre a construção e implementação de ações e políticas que venham a impulsionar as mudanças necessárias para o campo, os sujeitos que habitam nele sejam os protagonistas.

O processo formativo da 2ª Turma do Curso de Formação da Enfoc no Piauí

Os processos formativos no estado do Piauí tomaram um rumo que tem trazido resultados positivos. Desde o 4° Congresso Estadual de Trabalhadores/as Rurais da Fetag/PI ocorrido em 2006, foi reafirmado que as atividades formativas do MSTTR no Piauí deveriam estar voltadas para despertar e o surgimento de novas lideranças sindicais empenhadas na melhoria da estrutura político-administrativa, partindo da valorização das mulheres, juventude e terceira idade e do agir democrático.

Como meios de concretizar essa afirmação, a Fetag/PI tem assumido as deliberações congressuais do MSTTR em nível nacional, de maneira tal que os resultados são reais, desde a participação da 1ª Turma Nacional da Enfoc. Com ela, foram dados passos firmes e promissores de um envolvimento sério e afirmativo para compromissos, os quais contribuiram com a implementação da proposta pedagógica da Escola Nacional de Formação da Contag no estado.

O apoio do Piauí para a concretização dessa nova estratégia pedagógica e novo jeito de fazer formação se deu com a garantia da participação das lideranças sindicais, funcionários/as, assessores/as na Fetag e militantes nas turmas de âmbito nacional da Enfoc (1ª, 2ª e 3ª). Em princípio, participaram 12 educadores/as populares certificados pela Escola, dentre dirigentes sindicais e assessores/as, e mais outros 18 foram acrescidos nesse processo durante o Curso Regional Nordeste das mesmas turmas concluídas (1ª, 2ª) e na 3ª turma que está em andamento.

A formação político-sindical de militantes para levantar e defender as bandeiras de luta do MSTTR de forma qualificada e interventiva promove a motivação dos sujeitos envolvidos para impulsionar a transformação no meio em que vivem e atuam. O impacto provocado pelo curso tem motivado as lideranças sindicais, comunitárias nas bases, de forma que estas projetem um olhar mais apurado sobre suas realidades, atuações e práticas sindicais, administrativas e políticas com o intuito de levar adiante a estratégia formativa como prova de seu compromisso com a Enfoc e sua proposta pedagógica.

Devido ao envolvimento da 2ª turma da Enfoc no Piauí, percebe-se uma expansão da estratégia formativa pedagógica, principalmente em relação à constituição dos grupos de estudos sindicais em todo o estado do Piauí, tendo como prioridade também a qualidade destes grupos.

Vivência do grupo e I módulo

O processo de organização para a 2ª Turma Estadual da Enfoc-PI passou pela realização das oficinas de autoformação com os membros da Rede de Educadores/as atuantes no estado, e o que chamamos de Equipe Operativa e Pedagógica que também faz parte da rede, sob a coordenação da Secretaria de Formação e Organização Sindical da Fetag/PI.

A seleção dos participantes do curso estadual busca atender aos critérios estabelecidos pela escola, como as cotas de jovens e mulheres. A Diretoria Executiva da Fetag/PI selecionou para esse curso todos os coordenadores/as dos polos sindicais que ainda não haviam participado da Enfoc, as demais vagas foram destinadas a dirigentes dos STTRs e a alunos das

Escolas Família Agrícola[42] – EFAs, formando assim a turma com 40 futuros multiplicadores/as criativos. É importante ressaltar que as vagas voltadas para os STTRs são indicadas, em sua maioria, pela diretoria da Fetag/PI, nos polos sindicais de cada diretor/a. Depois de formada a turma, a Secretaria de Formação e Organização Sindical juntamente com a Equipe Operativa e Pedagógica (assessoria da Fetag/PI envolvida diretamente com a organização, planejamento e execução do curso estadual) mobiliza a primeira oficina de autoformação.

Essa oficina pedagógica de autoformação ocorreu no dia 20/05/2010, no auditório da Fetag/PI, na perspectiva de ser um dia e meio, contudo logo pela manhã foram feitos ajustes para que a pauta proposta para a oficina fosse conduzida para um único dia. Os participantes da oficina foram: Adonias Higino, Joyce Maia, Maria José, Adriana Cavalcanti, Rosalina Rodrigues, Wanderley Carvalho, Francisco Marques, José Ilton, Jose Salmos e Rachel Rodrigues.

No primeiro momento da oficina, foi realizada uma rememoração pelos membros da Rede de Educadores/as da Escola sobre os cursos nacional e regional desde os conteúdos, temas e metodologias a partir do questionamento "O que foi a escola pra mim?". Os comentários foram os seguintes:

> A escola ajudou-me a perceber e introjetar [sic] a importância da mística e da sistematização em um processo formativo, bem como diferenciá-las. As metodologias e recursos didáticos utilizados durante a formação contribuem para o aprendizado (Colaborador 1).

Os temas desenvolvidos na escola foram marcantes, a exemplo do tema trabalho, que teve destaque devido à forma em que foi apresentado, privilegiando a história de vida das pessoas envolvidas no processo formativo.

Contudo, é importante evidenciar falas como as que seguem.

> Participar do curso estadual ajudou a preencher as lacunas que ficaram do curso regional. A vivência na escola foi primordial, apesar da angústia provocada, à medida que associava a teoria à prática no cotidiano do Sindicato. Vi o quanto a realidade da base se distancia do ideal democrático, me fazendo ver a necessidade de mudança na prática sindical (Educando 1).

E também falas que destacam um novo olhar a partir da vivência na escola, instigando para o exercício de uma nova prática sindical em suas bases e na sua ação militante retratam:

> O processo de formação me trouxe um despertar. Antes da escola era uma coisa, mas durante a escola, os meus olhos foram se abrindo; pois as histórias e conceitos impostos a nós começam a serem rompidos. Saber sobre o início da organização dos camponeses no Brasil é fundamental para refletir sobre onde chegamos, onde estamos e onde devemos chegar, isso me sensibilizou de forma a fazer um compromisso em busca de um viver melhor para os trabalhadores/as rurais (Educando 2).

> A Enfoc te dá uma vasta experiência, te propiciando uma transformação. Muita coisa a Enfoc contribuiu para mudar em mim, mas ainda tenho dificuldades de colocar em prática aprendizados adquiridos durante o processo formativo. Mas também é em momentos como esses de reflexão é que desabafamos sobre nossas angústias do trabalho cotidiano, por querer fazer o certo e usar uma postura diferente do que se era esperado. Foi com esse jeito e a ajuda da Enfoc que tenho conseguido levar adiante o trabalho à frente da Secretaria de Mulheres da Fetag/PI (Educanda 1).

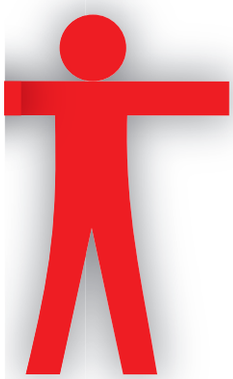
> A Enfoc te proporciona um despertar não somente para a ação sindical, mas na família, na vida individual (Educadora 1).

[42] Doravante EFAs.

> A Escola não resolverá tudo, mas contribuirá para o início da aplicação e busca de soluções. A escola é um passaporte par avançarmos e adentrarmos nas lutas e causas defendidas pelo MSTTR (Educando 3).

O segundo momento tratado na oficina foi sobre o que marcou durante o aprendizado na escola, e as falas manifestadas foram nessa direção:

> O uso da linha do tempo foi marcante pra mim, pois me ajudou a compreender sobre a história do MSTTR, os acontecimentos ocorridos, os sujeitos que compuseram esta história, despertando-me para a valorização das primeiras pessoas que iniciaram a luta nos seus municípios, estados e no país. Exemplo o Sr. Jé, que já é idoso e foi um dos pioneiros a se filiar no STTR de Campo Maior. Infelizmente muitos/as estão no STTR por dinheiro, sem valorizar o trabalho e envolvimento dos sujeitos que os antecederam. Acho importante mostrar para a 2ª turma este tema (Educador 1).



> O conflito foi o que mais me marcou, pois a disparidade ente teoria e prática foram gritantes. A Enfoc tem a proposta de respeitar a diversidade, da valorização dos vários saberes, tanto o popular quanto o acadêmico (Educadora 2).

Partindo dessas falas e reflexões, passamos para o momento de construção da matriz pedagógica, com o eixo temático: Estado, sociedade e ideologia, principal tema do primeiro módulo do 2º Curso Estadual. Os principais conteúdos foram: trabalho; surgimento do Estado-Nação e sociedade civil; papel das entidades sindicais e centrais de trabalhadores/as; e ideologia. [43]

Nessa matriz para o I módulo, ainda foram acrescentadas duas oficinas temáticas. Enquanto a primeira trabalhou questões de gênero, geração, raça e sexualidade por meio de poesias e músicas para instigar o debate, a segunda tratou especificamente das problemáticas raciais, levantando questões de nosso cotidiano, desde os programas e comerciais na mídia, até artefatos culturais, como a música, o tipo de roupa, e os nomes. [44]

O referido curso aconteceu entre os dias 21 e 25 de Junho de 2010, em Teresina – PI, com a participação de 47 participantes e 38 municípios. O I módulo foi feito em cinco dias, totalizando uma carga horária de 42 horas/aula, distribuídas entre os turnos manhã, tarde e por dois dias à noite.

O eixo temático já citado anteriormente foi guiado pelos eixos pedagógicos Memória e Identidade e Pedagogia para uma Nova Sociabilidade. O módulo gerou muitas expectativas quanto ao cumprimento dos objetivos, pois sua intencionalidade de formar dirigentes, partindo da particularidade do tema, era muito desafiadora.

As metodologias utilizadas foram participativas por entender que a construção do conhecimento se dá de forma mais espontânea quando construída coletivamente, com o objetivo sempre de que todos compreendessem, cada um no seu tempo, os conteúdos refletidos.

Os diálogos pedagógicos deram oportunidade para que os educandos/as se dedicassem mais ao tema, interagindo entre eles e o mediador.

Alguns encaminhamentos foram feitos para que no módulo seguinte ocorresse um aproveitamento maior e melhor, como:

- Revisitar os textos trabalhados para uma melhor apropriação da temática;

[43] Adriana Cavalcanti (Assessora da Fetag/PI), Elton Arruda (Presidente da CTB estadual) e Moura (Diretor da CUT estadual).

[44] Os colaboradores/as desse momento foram Rachel Rodrigues (Socióloga, Rede de educadores/as e Assessora da Fetag/PI) e Stânio Vieira (Historiador, Militante do Movimento Negro e Ouvidor do INCRA).

- Trabalhar a importância da memória como exercício do II módulo, mediante estímulo para que todos pesquisassem sobre a história dos Sindicatos, observando os sujeitos envolvidos na fundação e consolidação das entidades. Bem como observassem as necessidades que fundamentaram a luta pela criação dos Sindicatos e os impasses estabelecidos pelas condições externas e internas para a organização dos trabalhadores/as e trabalhadoras rurais locais;
- Fortalecer a estratégia formativa da Enfoc, discutindo a importância do estudo na base para o fortalecimento da ação e da luta do MSTTR em cada município. Nesse sentido, orientamos que cada um formasse pelo menos um GES e que usassem os temas do I módulo. Ao retornar para o II módulo do curso, todos teriam que expor como foi a experiência, trazendo as principais dificuldades para a formação dos GES e as possibilidades que esse estudo aponta.

Durante todo o I módulo, foram trabalhados alguns instrumentos com a intenção de perceber os impactos de um curso como esse na vida de cada participante, como os conteúdos se relacionam com a sua atuação e o que eles significaram para todos. Assim, perceberem-se para além do ser diretor e ser diretora, ultrapassar as fronteiras do presente, mergulhar nas suas histórias de vida para se reconhecer mais adiante, resgatando os elementos que reafirmam a opção de abraçar uma luta e uma causa, as suas lutas e as suas causas. E uma forma de contribuir para a expressão e descrição dos sentimentos referentes a esse primeiro momento do curso foi o uso do diário – como instrumento de registro pessoal que motivou uma parcela significativa da turma para utilizá-lo sobre suas reflexões, observações e dúvidas durante as aulas, debates e místicas.

Como resultado dos recursos didático-pedagógicos utilizados nesse momento, as falas descrevem o subjetivo dos participantes:

> Eu busquei dentro de mim a minha verdadeira identidade, serviu para ver mais ainda os sentimentos que muitos deixam de expressar por medo ou vergonha (Educanda 2).
>
> Um momento de reflexão onde nos sentimos mais responsáveis com os nossos objetivos (Educando 4).
>
> Sentir de volta ao passado como e quando pegamos uma semente sentir que temos que plantar este curso (Educador 2).
>
> Eu me senti muito bem, lembrei de muitos momentos bons e de alguns ruins, voltei ao passado sem sair do lugar. Sei o que quero e onde pretendo chegar (Educanda 3).
>
> Motivado para avaliar o que fui e o que sou, buscando dividir o bom de mim e melhorar; se for o caso, as ideologias, os sonhos de luta na classe e pela classe (Educadora 3.)
>
> Eu senti mais força e acho que estou começando a aprender o que eu antes não sabia do que era mesmo esses cursos e eles não falavam nada. Lá é muito difícil e quando eu vim, as pessoas disseram que eu não iria aprender nada (Educanda 4).
>
> Eu senti uma paz comigo e, ao refletir sobre a minha infância, pude perceber que fui uma criança feliz, porque lá no sindicato eu perguntava aos diretores o que eram esses cursos e também descobri que esses momentos são dos mais importantes que passei e estou passando (Educando 5).

Uma característica marcante da 2ª turma, logo detectada no 1° módulo, é a religiosidade, a qual se tornou expressa nos momentos para iniciar as atividades cotidianas, quando se fazia sempre uma oração (Pai Nosso) ou cantava-se um cântico de louvor, de maneira que essa ação atendia à diversidade religiosa da turma, entre católicos e evangélicos.

No final do I módulo, ficou encaminhado com a turma que a tarefa entre módulos seria a realização de uma

pesquisa dos participantes sobre a história do Sindicato ao qual cada um pertence, objetivando evidenciar os sujeitos (principalmente mulheres e juventude) envolvidos no processo de organização, fundação e gestão das entidades sindicais locais.

II Módulo

Em preparação para o 2º módulo, foi realizada uma oficina pedagógica com a finalidade de mais uma vez planejar, organizar e distribuir tarefas para a efetivação de ações para o desenvolvimento do módulo. Contudo esse momento ficou resumido à Equipe Operativa Pedagógica, ao Secretário de Formação, Diretora de Mulheres e ao tratamento dos assuntos pertinentes ao módulo.

O ponto tratado no início foi a avaliação do 1º módulo, no tocante à atuação e ao envolvimento dos membros da Rede de Educadores/as no estado do Piauí, às metodologias utilizadas, aos conteúdos, aos colaboradores/as, à participação dos multiplicadores/as criativos nesse primeiro momento; bem como sobre os instrumentos de sistematização usados, como diários (cadernos de registros). Essa oficina teve a duração de um dia, ocorrendo no dia 07/07/2010, na sala da Secretaria de Formação e Organização Sindical.

Participaram da oficina: Jusivano Pereira (Secretário de Formação), Joyce Maia (Assessora de Formação), Rosalina Rodrigues (Secretária de Mulheres), Adonias Higino (Coordenador do Polo Sindical de Teresina), Adriana Cavalcantti (Assessora de Assalariados), Rachel Rodrigues (Assessora de Juventude), Simão Reinaldo (Secretário de Assalariados/as Rurais), Mazé Morais (Secretaria de Jovens).

Nessa oficina, foram levantadas as propostas para a matriz pedagógica, os colaboradores/as e as metodologias.
A programação para a oficina foi a seguinte:

Pela manhã:

- Reviver Enfoc a partir do seu lugar: relembrar toda a matriz pedagógica da Enfoc no itinerário nacional/regional, os conteúdos, os temas e a metodologias;
- Recolocar os grandes eixos em cada lugar e falar da sua importância;
- Aprofundar o primeiro módulo estadual desenhando os temas, as metodologias, os recursos pedagógicos a serem usados e os objetivos a serem alcançados a partir de cada tema.

No período da tarde:

- Possíveis nomes para abordagem dos temas;
- Diálogo sobre os critérios para a participação na escola e conversa sobre os nomes apresentados pela direção da Fetag/PI;
- Recomendações sobre o material didático a ser usado no I módulo;
- Como e qual tarefa intermódulo trabalhar nessa 1ª etapa e quais resultados esperados;
- Apresentação do projeto de sistematização em andamento e definição de quais os nomes estarão à frente desse no estado;
- Agendamento da próxima oficina de construção.

Durante a avaliação do I módulo, a existência do conflito foi inevitável. Nesse momento, tratou-se de quatro (04) pontos para serem avaliados: a participação da turma, a atuação dos colaboradores/as, as temáticas e o envolvimento dos membros da Rede de Educadores/as.

O ponto avaliado sobre o envolvimento dos membros da Rede foi instigante para o levantamento de críticas e conflitos, resultando em atrito entre alguns membros da Rede de Educadores/as, e conduzindo uns a se ausentarem durante a continuidade do processo de construção do II módulo.

O II módulo do curso aconteceu no período de 19 a 23 de julho de 2010, em Teresina – PI, com a participação de 45 pessoas e 37 municípios, totalizando uma carga horária de 42 horas/aula.

A unidade temática trabalhada foi História, concepção, estrutura e prática sindical; e como eixo pedagógico, Memória e identidade, e Pedagogia para uma nova sociabilidade. Objetivou-se conhecer sobre o passado do movimento sindical e refletir sobre as consequências disso para os dias atuais, percebendo as semelhanças que possuímos das mais variadas concepções sindicais e porque se deu dessa forma no Brasil e no Piauí.

Quanto à proposta da matriz pedagógica e seus colaboradores/as, foram trabalhados temas como: organização do MSTTR do Piauí; inserção e organização das mulheres e dos jovens no movimento sindical; a história de consolidação da Fetag/PI; a luta pela terra e os desafios da reforma agrária no Piauí; correntes e concepções sindicais; gênero e sexualidade; e a importância do registro.

Participaram da exposição, discussão e debates desses temas oito colaboradores/as, dentre eles professores/as, pesquisadores/as das temáticas, representantes de órgãos federais e diretores/as da Fetag/PI[45]. Os ajustes quanto aos temas e colaboradores/as ficaram distribuídos na programação durante o II módulo.

Quanto às metodologias, optou-se por trabalhar aquelas que garantissem um ambiente menos formal e mais próximo deles, já que essa etapa pretendia tratar de histórias, de práticas e de concepções sindicais. Nesse sentido, os diálogos pedagógicos foram de grande relevância para que fossem atingidos os objetivos esperados a partir desse eixo temático.

Lançar mão de momentos de criação, escrita e do lúdico foi também muito importante para a realização do II módulo. Estimular a recriação, proporcionando a construção coletiva do conhecimento, foi um diferencial nesse momento, pois junto a isso vem a valorização e a necessidade de leitura.

Durante o II módulo, a Equipe Operativa Pedagógica da Enfoc no Piauí aplicou um questionário de forma a vir somar para a produção da sistematização e de seus resultados. Este questionário teve a intencionalidade de elucidar tanto os sentimentos e o exercício de novas metodologias sobre/durante o processo formativo quanto ao desenvolvimento das percepções dos participantes durante o referido módulo.

Como resultado do II módulo do curso, ficaram encaminhados, no momento já pensando para o III módulo, bem como tarefa intermodular, os seguintes pontos:

Criação dos Grupos de Estudos Sindicais – GES

A partir do que foi trazido pelos participantes em relação aos Grupos de Estudos Sindicais, foi orientado que todos deverão criar mais GES na base e que no próximo módulo trariam registros dos grupos como fotos, vídeos e relatos sobre os sentimentos dos participantes após essa prática de estudo, demonstrando o que este estudo acrescenta ou não na vida dessas pessoas.

Instrumentos da Sistematização – Cadernos de Memória

Revisitando os Cadernos de Memória, pôde-se perceber o cuidado e o carinho que todos têm pelo caderno. Dar voz aos sujeitos é, sobretudo, criar mecanismos que os possibilitem expressar seus sentimentos a partir da sua realidade. Foi percebido o olhar carinhoso de cada um para a necessidade de se estabelecer uma outra lógica nas relações e percepções sobre a questão racial, de gênero, de geração e de classe; e, além do olhar novo, foram percebidas vontades de recriar um outro cenário, um outro lugar onde se viva sem tantas diferenças.

[45] Os colaboradores e as colaboradoras na exposição dos temas foram: Rosalina Rodrigues (Secretária de Mulheres da Fetag/PI), Mazé Morais (Secretária de Jovens da Fetag/PI), Joyce Maia (Rede de educadores/as da Enfoc e Pedagoga), Osmar Araújo (ex-presidente da Fetag-PI e ex-vice-governador do Estado), Antonio Soares (Presidente do MSTTR de Piripiri), Adriana Marcia (rede de educadores/as da Enfoc e militante social) e Rachel Rodrigues (Socióloga e Rede de educadores/as da Enfoc).

Uma avaliação foi aplicada, com a intenção de dar início aos acertos finais para o III módulo do curso. Os resultados da avaliação foram:

- Os colaboradores foram muito bons, apenas o tempo é curto pra tanta coisa, deveria ser prolongado para discutirmos tudo com mais calma;
- Foi muito importante conhecer a nossa história, os companheiros que por aqui passaram deixaram um legado e uma bela história de luta;
- Este curso é muito bom, deveríamos reproduzir nas nossas regiões e nas EFAs;
- Esta oportunidade é única na vida militante de cada um de nós;
- O conteúdo foi rico e emocionante de ouvir;
- Foi muito bom estar juntos novamente pra fazer algo tão prazeroso como um curso desses;
- O ideal é que a gente volte com um número dobrado de GES no próximo módulo;
- Estar aqui é um privilégio;
- Ter pessoas como Osmar Araújo, Euzenice e Totonho ainda no meio de nós é motivo de orgulho para cada trabalhador rural do nosso estado;
- Seria legal se a nossa história fosse contada num livro como as outras histórias.

III módulo

Para o III módulo do curso estadual, houve a pretensão de ser realizada a oficina de autoformação com todos os membros da Rede de Educadores/as, contudo, o trabalho que deveria ser construído em conjunto ficou resumido à Equipe Operativa e Pedagógica no estado (Assessoras Joyce, Adriana e Rachel e o Secretário de Formação, Jusivano) em

reuniões rápidas devido à agenda de trabalho na Federação.

Nas discussões sobre as temáticas a serem trabalhadas entre os colaboradores/as, ficou decidido enquanto temas: as concepções de desenvolvimento, ruralidades e territorialidades; novas relações produtivas e sociais, PADRSS, sistematização e escuta coletiva. Os colaboradores e colaboradoras dessa última etapa do curso foram em sua maioria membros[46] da Rede de Educadores/as e de colaboradores/as da Enfoc em contexto estadual, regional e nacional.

Com a construção da matriz pedagógica do II módulo, dentre as finalidades estavam as de fortalecer e de reavaliar a ação sindical numa perspectiva transformadora, estimulando processos de mudança de atitudes, comportamentos e práticas coerentes com os ideais do PADRSS; bem como contribuir para o fortalecimento dos GES e da estratégia formativa da Enfoc e da PNF. Essas medidas aprofundariam e potencializariam os referenciais teóricos, políticos e ideológicos que fundamentam e alimentam a luta sindical, sem perder a oportunidade para repensar os valores produtivos, econômicos, sociais e ambientais a partir do trabalho no campo.

O terceiro módulo do curso estadual aconteceu entre os dias 20 e 24 de setembro de 2010, em Teresina – PI, com a participação de 46 pessoas. Esse módulo do curso aconteceu em cinco dias, totalizando uma carga horária de 42 horas/aula, distribuídas entre os turnos manhã e tarde. O eixo temático do III módulo foi desenvolvimento rural sustentável e solidário; o eixo metodológico foi memória e identidade camponesa, e pedagogia para uma nova sociabilidade. Pretendeu-se atingir os objetivos gerais partindo da intencionalidade de formar dirigentes mais críticos e com os objetivos mais específicos partindo da particularidade do tema tornar mais compreensíveis os conteúdos.

Nesse módulo continuamos a utilizar metodologias participativas, como uma maneira de facilitar a apropriação dos conteúdos e a interação da turma com a aprendizagem. Isso por entender que a construção do conhecimento se dá de forma mais espontânea quando construído coletivamente e partilhando saberes, com o objetivo sempre de que todos atinjam o entendimento sobre cada conteúdo e despertem o sentimento de pertencimento do ser multiplicador/a criativo da estratégia formativa da Enfoc. O resultado foi que os diálogos pedagógicos facilitaram a compreensão das temáticas e todos puderam presenciar o conhecimento acadêmico, valorizando o saber popular trazido por cada um deles.

Mesmo tendo esse módulo uma temática que se aproxima das realidades de trabalhadores/as rurais, como o desenvolvimento rural vinculado às novas práticas produtivas e sociais, tivemos o cuidado de trabalhar de forma lúdica. Um bom exemplo se deu no momento em que trabalhamos a oficina literária e musical, quando fizemos uso de músicas e poesias que dão o foco ao sertanejo e catingueiro, como meio de tratar de suas vivências, suas lembranças e anseios de uma vida digna no campo.

Nesse momento, recitamos poetas como Patativa do Assaré, Rachel de Queiroz, Cineas Santos (poeta da terra) e ouvimos músicas de Luiz Gonzaga, Rappa, Rita Ribeiro, dentre outros. Esse foi um momento muito receptivo, em que as recordações das vidas dos participantes trouxeram emoção à atividade.

O último momento que consideramos marcante nessa etapa foi a colheita de informações sobre as mudanças e os sentimentos provocados e aflorados

[46] Adriana Cavalcanti, Sílvio Sepúlveda, Rachel Rodrigues, Adriana Márcia, Mazé Morais, Rosalina Rodrigues, Joyce Maia e Alexandre Merrem (Educador e animador popular, membro da rede de colaboradores/as da Enfoc-Contag).

nos espaços de atuação de cada multiplicador/a criativo, a partir da participação do processo formativo da Enfoc no Piauí.

Para gerar reflexão sobre esse ponto, o educador popular desse momento, Alexandre Merrem, colocou a turma em sintonia de forma a conduzi-la para a reflexão. Inicialmente fora solicitado que todos envolvidos no grupo desenhassem em uma folha branca algo que pudesse representar cada um. Em seguida lançou quatro perguntas: 1) Quais as principais mudanças na forma de ver o mundo a partir da Enfoc-PI? 2) O que mudou na forma de fazer MSTTR? 3) Qual/is a/s mudança/s na forma de se organizar com outros? 4) Vocês se relacionam com outros grupos ou movimentos a partir da Enfoc? O que mudou?

Esse exercício gerou depoimentos que seguem organizados em blocos por perguntas:

QUESTÃO 1

Eu vejo que é possível mudar o mundo, o nosso espaço de atuação; que eu posso contribuir para mudar o mundo e que não devo me calar, mas fazer a minha parte (Educando 6).

Aprendi mais, sou dinâmica com meus companheiros/as, [...] consigo passar segurança nas discussões das reuniões no município, tenho conseguido capacitar outras pessoas na visão da Enfoc, através do GES, onde consigo respeitar as diferenças agora (Educadora 4).

Estou animada, mais cheia de segurança, de otimismo para continuar lutando (Educanda 5).

Eu mudei na forma do reconhecimento do movimento sindical; pra mim foi uma mudança total na minha vida (Educando 4).

Percebi que o mundo é para todas as classes sem distinção de raça e etnia, me ajudando a mudar práticas que tinha antes (Educanda 6).

Hoje vejo o MSTTR como organismo que tem um grande potencial para avançar na consolidação do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário e que os métodos usados na Enfoc ajudam a compreendê-lo melhor (Educando 8).

QUESTÃO 2

Sinto-me mais forte para ingressar na luta em defesa dos trabalhadores/as rurais (Educanda 7).

Mudou minha forma de agir dentro do sindicato. Tenho mais independência e segurança (Educanda 8).

Através da Enfoc, sofri uma transformação política e sindical, me tornando uma multiplicadora criativa. A cada módulo que participei aprendi com as experiências de outros municípios e levei isso para meu sindicato (Educadora 5).

Superação das diferenças com as pessoas (Educando 9).

O MSTTR não é apenas para se tratar de identificar um determinado grupo, mas sim para tentar transformar a sociedade (Educanda 9).

QUESTÃO 3

Antes da Enfoc, via o MSTTR de forma diferente, não o levava a sério [...] mas com este curso percebo que o MSTTR é o caminho que se deve seguir para lutar pelos direitos da classe trabalhadora rural (Educando 10).

No meu jeito de trabalhar é que foi a mudança. Hoje participo das atividades, de reuniões, assembleias e planejamento, sem problematizar as discussões, tentando envolver todos no debate (Educando 11).

Mudou a minha forma de dialogar, de pensar, de agir e trabalhar sendo transparente e seguro (Educando 12).

> A mudança foi na forma dinâmica de trabalhar, dando atenção para as opiniões dos participantes, valorizando as experiências do seu saber, suas vivências e experiências (Educanda 10).

QUESTÃO 4

> Precisamos dos outros movimentos e organizações, conhecer seus objetivos e lutas para saber em que podemos unir forças para lutar e fortalecer a classe trabalhadora (Educador 3).

> Articular com parceiros, intervindo nos debates de discussões sobre assuntos da categoria (Educando 13).

> A necessidade de fortalecer o movimento sindical através da articulação com outros movimentos, mostrando que não pode ficar isolado (Educanda 11).

> Aprendi que deve buscar parceiros e manter um diálogo entre pontos comuns (Educanda 12).

Finalizamos o curso fazendo alguns encaminhamentos, dentre eles o de aprofundar entendimentos acerca dos GES. Para isso, deveria haver um encontro para que tratássemos apenas disso, quando pensaríamos uma estratégia para divulgar os resultados. Esse encontro seria em nível estadual, e de preferência no litoral, como forma de contribuir para que muitos multiplicadores/as criativos possam conhecer "Praia", pois os que moram na região semiárida do estado não a conhecem.

Percepções e avaliação

Durante o terceiro módulo, todos pareciam mais envolvidos com a estratégia da Enfoc e da PNF, estavam mais comprometidos com a continuação desse processo, porém agora cada um nos seus lugares de atuação.

A certeza de que não haveria um quarto módulo motivou a maioria deles a se entregarem mais, a aproveitarem mais cada instante o que estava acontecendo ao seu redor; as relações se acolhem agora não apenas numa dimensão profissional ou pessoal, elas se acolhem numa dimensão maior, de laços mais firmes e concretos, de pertencer a uma estratégia que estabelece um outro horizonte para a categoria trabalhadora rural do estado.

A contribuição do educador popular Alexandre Merrem, fortaleceu a estratégia da rede de educadores da Enfoc no Piauí, que era provocá-los a uma reflexão maior do papel de cada um após esse processo formativo.

Grupos de estudos sindicais: uma realidade

O grupo de estudos sindicais, GES, como proposto pela Enfoc, enquanto estratégia formativa, constitui-se como espaço de formação próximo da base sindical (trabalhadores/as rurais, associações, grupos produtivos, lideranças comunitárias, sindicais, e a comunidade em geral), com a finalidade de realizar atividades formativas que provocam a reflexão política, discussão, debate de temas, de ações voltadas para os sujeitos do campo, principalmente dos resultados e impactos sobre a vida destes. O MSTTR, por meio de suas instâncias estaduais, Fetag/PI, e municipais, STTRs, deve protagonizar os espaços formativos.

No estado do Piauí, o desafio de constituir GES ocorreu ainda em 2007, com a realização da tarefa intermodular do II módulo da 1ª Turma Regional. Na ocasião, os educandos/as participantes se envolveram nesse processo inicial para a organização dos grupos dentro dos Coletivos Estaduais de Formação e Organização Sindical. Esse foi o início do processo de constituição de GES no estado do Piauí. A partir daí, a Fetag foi criando formas de estabelecer, animar e ampliar a quantidade de GES, sob a orientação da Enfoc,

contudo não afirmamos que estes ainda estejam em vigor, pois nesse primeiro momento não se pensava nas estratégias, formas e meios para se conduzir, monitorar, acompanhar e avaliar o andamento destes grupos. Afirmamos que esses são registros da dinâmica de constituição dos GES, nesta primeira etapa. Quanto ao registro dos temas trabalhados pelos primeiros GES constituídos no estado, ocorreu como uma forma de ter controle do que se estava discutindo na base, e que esse mesmo registro forneceu informações sobre os temas mais solicitados para o estudo. A Secretaria Estadual de Formação da Fetag/PI inicialmente se colocou como fornecedora de material didático e pedagógico para dar início às primeiras discussões.

GES fomentados a partir do Coletivo Estadual de Formação da Fetag/PI, 2007:

1º ETAPA			
Nº	**MUNICÍPIO**	**QUANTIDADE DE GRUPOS**	**TEMÁTICAS**
01	Colônia do Piauí	01	Meio Ambiente/Impactos
02	São José	01	História do Sindicalismo no Brasil
03	Picos	01	História do Sindicalismo no Brasil
04	Várzea Grande	01	Agroecologia e Meio Ambiente
05	Francinópolis	01	Agroecologia e Meio Ambiente
06	Teresina	03	Desenvolvimento na Ótica Ambiental e História do Sindicalismo
07	União	01	Desenvolvimento na Ótica Ambiental e História do Sindicalismo
08	Fartura	01	História do Sindicalismo e Meio Ambiente/Impactos
09	Canto do Buriti	01	História do Sindicalismo e Meio Ambiente/Impactos
10	Pedro Laurentino	01	História do Sindicalismo no Brasil
11	Guadalupe	01	História do Sindicalismo no Brasil
12	Curimatá	01	História do Sindicalismo no Brasil
13	Corrente	01	História do Sindicalismo no Brasil
14	Elizeu Martins	01	História do Sindicalismo no Brasil
15	Barras	06	Educação Ambiental com Ênfase em Gênero e Geração e História do Sindicalismo no Brasil
16	Madeiro	01	Educação Ambiental com Ênfase em Gênero e Geração e História do Sindicalismo no Brasil
17	Barro Duro	01	Inserção de Jovens e Mulheres no MSTTR
18	Buriti dos Lopes	01	Economia Solidária
19	Paulistana	01	Inserção das Mulheres no MSTTR
20	Piripiri	04	História do Sindicalismo no Brasil
21	Juazeiro	01	Agroecologia e Agricultura Orgânica
Total		**31**	

FONTE: Assessoria da Secretaria Estadual de Formação e Organização Sindical da Fetag/PI/2007

Com a realização do Primeiro Curso Estadual (2008-2009), a Equipe Operativa Pedagógica (Diretoria de Formação e Assessoria da Fetag/PI), juntamente com alguns membros da Rede de Educadores/as no Estado do Piauí, buscou viabilizar a constituição de grupos de estudos sindicais, a partir do cumprimento da tarefa intermodular, na transição do II para o III módulo. A 1ª turma foi constituída por 39 educandos/as representando os 15 polos sindicais, e os alunos/as das EFAs, com as quais iniciamos parceria. Nesta primeira experiência, os educandos/as foram certificados como educadores/as populares, que mais tarde viriam a se tornar multiplicadores/as criativos, denominação criada para esses que enfrentariam o desafio de constituir e animar os GES na base.

Com a formação de novos GES e a primeira turma estadual, não foram definidos os temas a serem trabalhados nos grupos, de forma que a autonomia instituída aos GES levou a Equipe Operativa Pedagógica a não focar na importância de manter o registro de informações sobre a temática discutida nos grupos, bem como um perfil dos participantes.

Grupos fomentados pelos multiplicadores/as criativos do 1º curso estadual da Enfoc/PI/2008-2009:

2ª ETAPA		
Nº	**MUNICÍPIO**	**QUANTIDADE DE GRUPOS**
01	Barra de Alcântara	01
02	Monsenhor Gil	01
03	Paulistana	01
04	Piripiri	07
05	Floresta	01
06	Campo Grande	01
07	Madeiro	01
08	Pedro Laurentino	01
09	Elesbão Veloso	01
10	Buriti dos Lopes	01
11	Nazaré do Piauí	01
12	Teresina	01
13	Tanque do Piauí	01
14	Oeiras	01
15	Elizeu Martins	01
16	Caraúbas	01
17	Milton Brandão	01
18	Monsenhor Hipólito	01
19	Castelo	01
20	São Raimundo Nonato	01
21	Curimatá	01
22	Sigefredo Pacheco	02
23	Barras	04
TOTAL		**33**

FONTE: Assessoria da Secretaria Estadual de Formação e Organização Sindical da FETAG/PI/2009

Os educandos e as educandas do estado do Piauí que participaram da 2ª turma nacional e regional (2008-2009) também receberam a mesma tarefa de criação de GES a ser executada na transição entre o 2º e 1º módulo do curso regional, quando foram formados dois grupos, localizados nos municípios de Ipiranga do Piauí.

Durante a realização do Segundo Curso Estadual (2010), os avanços concernentes à constituição de GES na base sindical foram significativos, inclusive a criação e promoção em outros espaços sociais e políticos para a implementação e constituição de GES, como o exemplo das EFAs. Os multiplicadores/as criativos tiveram dois momentos para a implementação e constituição dos GES durante o curso, os quais foram firmados na transição do I módulo para o II, e do II módulo para o III, de forma a vir contribuir para o estabelecimento de estratégias futuras para um maior acompanhamento destes.

Para dar suporte à sistematização do Segundo Curso Estadual, a Equipe Operativa e Pedagógica da Enfoc/PI construiu instrumentos, como ficha de apropriação pedagógica[47]; ficha de inscrição do GES (com os itens nome, endereço, escolaridade, idade, cor, e-mail, telefone); relatórios dos multiplicadores/as criativos sobre o andamento dos GES, de forma que pudessem auxiliar nesse processo de registros, principalmente com intuito de apreender os sentimentos, as percepções dos participantes; ainda: monitorar esses grupos em suas atividades e na recriação do processo formativo.

Seguem alguns trechos extraídos das fichas, que foram escritas pelos participantes dos GES.

> Através destes estudos, eu já tive conhecimento de muitas coisas, não quero parar. Quero continuar, porque a gente nunca sabe tudo, é importante aprender um pouco mais. Aqui termino porque não tenho uma boa caligrafia. Abraço (Educanda 13).

[47] Ficha construída com a intencionalidade de capturar as percepções, sentimentos e apreensão de conhecimento dos participantes dos GES.

Participar do GES foi de suma importância na minha vida, através dos encontros fiz novas descobertas, pois a cada reunião nos deparávamos com assuntos diversos dentro do nosso cotidiano. Espero que a ENFOC continue tendo ideias tão brilhantes como o GES (Educador 4).

No dia 04/09 tive oportunidade de participar da 1ª reunião do GES. Foi uma reunião muito proveitosa, aprendi muitas coisas, uma delas foi como tudo começou: o sofrimento das mulheres no passado, as injustiças, falta de liberdade e igualdade, entre outras coisas. A união entre as mulheres foi a base de tudo, pois antes elas nem sequer tinham direito de trabalhar, mas se uniram e, aos poucos, conseguiram entrar no mercado de trabalho, mas não foi tão fácil assim, pois no começo elas trabalhavam muito e não recebiam nada, depois conseguiram ganhar uma quantia bem menor que o homem, conseguiram até diminuir o expediente.
Com o passar do tempo, a mulher conseguiu mais ainda seu espaço na sociedade, hoje ela está em toda parte, nos sindicatos, nos bancos, administrando grandes empresas nas fazendas e até na política. Antes o marido saía e a mulher ficava em casa. Hoje esse quadro se inverte cada vez mais. Mas a mulher conseguiu tudo isso porque lutou, mesmo diante das dificuldades não desistiu.
Participar desse grupo é muito bom, pois o GES trouxe conhecimentos sobre muitas coisas que não sabia, aprendizado sobre os direitos de cada um e estou aprendendo cada vez mais. Espero que o grupo não pare que continue e não desista, pois só temos a aprender (Educadora 6)

Minhas expectativas estão sendo ótimas, estou aprendendo coisas novas, quais direitos temos, o que devemos cobrar das autoridades e estou gostando muito e é sempre bom estar aprendendo e debatendo coisas novas. Minha sugestão seria tentar reunir o máximo de pessoas da comunidade, principalmente aqueles que não sabem muito como são as leis e discutir o direito que temos. O tema seria muito bom, a questão da saúde e do que se trata nas leis da prefeitura que cabe a nós saber também o direito. Na minha opinião, acho maravilhoso essa prática de estudo coletivo e pretendo continuar até onde for possível (Educador 5).

Eu gostei muito por a Cleonice (multiplicadora criativa) ter me convidado a participar de um grupo tão importante como esse. Através do estudo sindical se pode analisar como funcionam as organizações sindicalistas e ele só tem a nos proporcionar boas informações e também nos preparar. Por enquanto não tenho nenhuma sugestão, pois está indo muito bem, mas na frente conversando com o grupo vamos analisar o que precisa ser mudado (Educando 14).

Foi uma estratégia maravilhosa, aqui estava precisando de um grupo desenvolvido como esse. Através dos GES vamos ficar por dentro do que acontece no sindicato e vamos ficar sabendo como as mulheres venceram esses obstáculos, porque elas tiveram que lutar muito para conquistar seu espaço no sindicato. Como a gente já estudou, foi uma luta muito difícil. Pretendo dar continuidade nos estudos coletivos, estou aprendendo coisas que eu não sabia que já tinha acontecido. Só posso dizer que foi uma iniciativa muito boa e espero que continue, estou achando maravilhoso (Educanda 14).

Nesse segundo curso, houve a preocupação em dar mais ênfase aos efeitos multiplicador, criativo e à estratégia dos GES, definindo esta para os multiplicadores/as no II Curso Estadual da Enfoc. Inclusive dando incentivo à construção de relatórios por meio de uma ficha de apropriação com perguntas geradoras, para que a Secretaria Estadual de Formação da Fetag/PI e a Equipe Operativa Pedagógica com os demais membros da Rede de Educadores/as pudessem estar à parte do desenvolvimento desses grupos de estudo mediante os relatos feitos.

As informações sobre os grupos constituídos nesse período, fomentados pelos multiplicadores/as criativos da 2ª Turma Estadual, seguem abaixo em forma de tabela. Mas lembramos de que, a partir da 2ª etapa, a Equipe Operativa Pedagógica deixou a cargo dos multiplicadores/as criativos a escolha dos temas a serem trabalhados pelos GES, assumindo que todas as temáticas para a discussão deveriam estar associadas à realidade da vida no campo.

3ª ETAPA		
Nº	**MUNICÍPIO**	**QUANTIDADE DE GRUPOS**
01	Canto do Buriti	02
02	Palmeira do Piauí	02
03	Vera Mendes	01
04	Elizeu Martins	01
05	Jacobina	01
06	Nossa Senhora de Nazaré	01
07	São Lourenço	02
08	Agricolândia	01
09	Palmeirais	01
10	Novo Oriente	01
11	Vila Nova	01
12	Pedro II	01
13	Julio Borges	01
14	Acauã	01
15	São João do Arraial	01
16	Fartura	01
17	Tanque do Piauí	01
18	Floriano	01
19	Colônia do Gurguéia	01
20	Colônia do Piauí	01
21	Bela Vista	01
22	Guadalupe	01
23	Alvorada do Gurguéia	01
24	Queimada Nova	01
25	São Raimundo Nonato	01
26	Simplício Mendes	01
27	Piripiri	01
28	Caraúbas	02
29	Elizeu Martins	01
30	Curimatá	01
TOTAL		**34**

FONTE: Equipe Operativa e Pedagógica da ENFOC no PI/2010

Ação da Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc no Piauí

A Rede de Educadores/as no Estado do Piauí vem se estruturando a partir das pessoas que passaram pelos cursos nacionais e regionais da Enfoc, de forma que regressam ao estado com a missão de expandir e fundamentar a proposta de formação da PNF.

No estado do Piauí já foram formados pela Enfoc vinte e quatro (24) pessoas, sendo na primeira turma dez (10) participantes, nacional e regional; na segunda, dez (10) nacional e regional; e na terceira turma quatro (04) pessoas no nacional e seis (06) no regional em andamento. A atuação da Rede de Educadores e Educadoras no Piauí tem fragilidades, as quais foram identificadas a partir do compromisso dos participantes que devem tecer a rede para essa executar seu papel.

Talvez seja importante levantar alguns questionamentos, como: "O que me motiva a fazer parte da Rede?", "Ou se me sinto fazer parte 'desse' espaço formativo?", "O que me impede de estar mais presente na Rede?".

Sabemos que a forma como cada um e cada uma são interpelados a se sentirem como parte desse espaço, desse lugar chamado Rede, diferencia de pessoa para pessoa. As experiências formativas de cada educador e educadora popular devem ser uma das linhas que tecem essa Rede, unidas ao sentimento de compromisso com a estratégia de formação. Essas questões de ordem subjetiva podem também revelar insegurança ou dúvida quanto ao papel que se deve desempenhar na base sindical. Quanto ao papel da Rede, a definição construída pela Enfoc contribui para essa compreensão da atuação:

> Compreendemos Rede enquanto uma articulação horizontal, onde seus integrantes, nesse caso

> educadores/as do MSTTR, mantêm uma articulação entre si, e buscam fazer desse espaço um lugar de experiências vivenciadas, de reflexões sobre essa prática e de construção coletiva de orientações que venham a expressar qualidade nas atividades de formação. É um lugar de potencialização da PNF, sendo ao mesmo tempo, lugar de autoformação e de execução da ação formativa. (Informativo da ENFOC-2009).

Com essa perspectiva, constrói-se a Rede de Educadores e Educadoras da Enfoc, delineando assim seu papel na/para ação formativa.

A estruturação dessa Rede no Piauí vem sendo um desafio enfrentado a cada curso planejado e meta estabelecida, pois o fato dos membros que tecem essa rede no estado terem passado pelos cursos nacional e regional não é fator determinante para que se sintam parte deste espaço.

No entanto, é importante destacar que a realização dos cursos estaduais da Enfoc e atividades formativas ficam centralizadas nas pessoas que compõem a Equipe Operativa Pedagógica da Enfoc no estado, de forma a evitar que o trabalho não seja concluído ou que não tenha qualidade. Constituir esta Rede operativa e pedagógica (assim que denominamos) foi uma alternativa para efetivar os cursos estaduais, já que os membros da Rede estão espalhados por todo o estado do Piauí, e possuem suas dificuldades e limitações para acompanhar de perto a organização e desenrolar de todo o processo, que vai desde o planejamento, organização e efetivação.

Embora alguns membros da Rede de Educadores e Educadoras no estado participem das oficinas de autoformação para planejar os módulos dos cursos estaduais, ainda persiste uma grande ausência destes durante a realização dos cursos. A Equipe Operativa Pedagógica era composta pelas assessoras da Fetag/PI, que passaram pelos cursos nacionais (1ª e 2ª turmas). Entretanto, atualmente, sofreu perdas com a demissão de companheiras assessoras da Fetag/PI, porque contribuíam para a realização dos cursos estaduais. Contudo isto não significa que estas deixaram de fazer parte da Rede de Educadores e educadoras da Enfoc, elas continuam compartilhando os ideais e objetivos sociais da Rede. Para Capra (2002, p. 85), "As redes sociais são, antes de mais nada, redes de comunicação que envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais, as relações de poder e assim por diante". Podemos ainda ilustrar o poder da Rede com a afirmação: "A rede é responsável pelo compartilhamento de ideias entre pessoas que possuem interesses e objetivos em comum. Assim, um grupo de discussão é composto por indivíduos que possuem identidades e anseios semelhantes[48].

Esse pensamento sustenta a rede de educadores/as populares da Enfoc, ele extrapola os muros das organizações do MSTTR, espalha-se para todos os lugares e fortalece o sentimento de militância e compromisso com a causa dos trabalhadores/as rurais. Por sua vez, esse sentimento mostra que, quando despertado em nós a luta e carregamos a marca da militância na mente e na alma, estamos sempre prontos para a realização e promoção de mudanças nos mais variados contextos, para assim fortalecer a luta do MSTTR e da classe trabalhadora.

Considerações finais

A realidade que construímos no estado do Piauí, quanto à implementação das estratégias formativas por meio dos GES, que conduzem ao êxito do processo formativo orientado pela Escola, conduz à reflexão e à percepção de outras necessidades a serem supridas devido às lacunas ainda existentes

[48] Disponível em http://www.fiec.org.br/artigos/tecnologia/Rede%20Social.pdf.

para/com a implementação o estabelecimento dos GES. A cada etapa em que concretizamos a constituição dos GES, percebemos pontos a serem corrigidos como também a necessidade de aprimorar as formas e assim preencher as lacunas identificadas em cada momento dessa caminhada.

Uma possibilidade sinalizada pela 2ª Turma do Curso Estadual foi priorizar a realização de um encontro estadual de formação para tratar especificamente sobre GES e suas singularidades no estado, com o objetivo de formular diretrizes para orientar estratégias de expansão dos grupos no Piauí.

Mediante o contexto estadual de implementação da estratégia de formação da Enfoc, a Secretaria Estadual de Formação e Organização Sindical e a Rede de Educadores/as da Enfoc no Piauí, foi realizada uma avaliação pela qual se chegou às seguintes conclusões:

- Os grupos estão sendo criados, mas não há um monitoramento mais direto para ter um controle maior do funcionamento;
- O contexto em que os GES estão sendo implementados no Piauí vem mudando a cada etapa de criação, pois percebemos uma preocupação maior por parte de alguns membros da Rede, principalmente daqueles que compõem a Equipe Operativa Pedagógica da Enfoc no estado com o funcionamento dos Grupos;
- O fortalecimento da Rede de Educadores está diretamente ligado ao fortalecimento da estratégia dos GES, pois só com um olhar mais criterioso e cuidadoso para essa estratégia fomos percebendo as fragilidades a serem superadas na "malha" que compõe esta Rede;
- Dar mais ênfase ao efeito multiplicador/criativo e à estratégia GES no II Curso Estadual da Enfoc foi fundamental para algo mais palpável em relação aos grupos, pois conseguimos inclusive olhar mais adiante e planejar um encontro estadual de formação para tratar especificamente dessa estratégia no estado;
- A necessidade agora é elaborar um material que dê conta de falar para esses grupos o porquê desses estudos, levantar algumas hipóteses e dar andamento a um debate sobre a importância disso para as suas vidas, como isso é fundamental para o fortalecimento de uma classe, como pode estimular uma visão mais crítica desses sujeitos do campo;
- E como desafio nesse contexto, temos: perceber que esse estudo na base pode proporcionar realizações grandiosas num horizonte mais adiante do MSTTR no estado, quem sabe, inclusive, propiciar um olhar mais cuidadoso para esta base a partir da Federação.

Para contribuir com o projeto de sistematização do estado, a Secretaria de Formação da Fetag/PI, a Equipe Operativa Pedagógica e alguns membros da Rede vêm realizando um monitoramento em alguns GES no estado, localizados principalmente na região Norte, nos polos sindicais de Piripiri (Piripiri), Campo Maior (Sigefredo Pacheco) e Parnaíba (Caraúbas). As visitas realizadas aos grupos proporcionaram perceber de perto a vivência dos grupos, sua dinâmica (ritmo) de trabalho, potencialidades e fragilidades. Identificamos durante as visitas a fragilidade do conhecimento sobre a PNF, já que os grupos, ao serem constituídos, começam a trabalhar temas que tratam diretamente com suas necessidades. Constatou-se também a necessidade da presença e colaboração de um facilitador/a (multiplicador/a) criativo de forma a incentivar o estudo e discussão, uma vez que este se torna referência de conhecimento sobre as temáticas a serem estudadas.

Contudo é importante dar destaque também à criatividade que existe entre as pessoas do grupo, a exemplo do GES da comunidade Ingazeira, no

município de Piripiri, que trataram em um de seus encontros sobre meio ambiente, com base no lema da Campanha da Fraternidade CNBB 2011: "A criação geme em dores de parto". Durante o encontro eles discutiram a realidade do lugar em que vivem, referenciando aos cuidados com o meio ambiente, preservação dos recursos sustentáveis e a importância de cuidar desses recursos para as gerações futuras. Para o desenvolvimento da discussão, uma mística foi utilizada (uso de imagens de catástrofes ambientais, lixo, doenças, dentre outras) para sensibilizar os presentes no momento. É importante frisar que houve uma preparação do ambiente onde foram utilizados símbolos que estão associados à vida no campo e ao meio ambiente (cada participante do grupo levou um elemento para compor o momento da mística, como sementes, cartazes, vasilhas de veneno, plantas, ferramentas). Este encontro levantou discussões que também direcionaram a tratar do PADRSS e de sua proposta de desenvolvimento sustentável e igualitário.

No município de Sigefredo Pacheco, uns dos grupos de estudo constituídos traz a experiência de associar teoria com a ação, ao debaterem sobre a previdência social, solicitando uma audiência com o responsável pelo INSS do município para tratar das questões voltadas para os trabalhadores/as rurais e obtendo êxito com esta iniciativa. No município de Caraúbas, os dois grupos constituídos (formados principalmente por jovens) vêm discutindo temáticas voltadas para a juventude, e os temas são trabalho e desenvolvimento rural sustentável.

Podemos identificar, de um modo geral, que os temas discutidos, debatidos e pesquisados pelos GES constituídos no Estado têm seu conteúdo temático centralizado na história do MSTTR, agroecologia, desenvolvimento sustentável, inserção de mulheres e jovens, protagonismo juvenil e meio ambiente.

À medida que os GES vêm se constituindo no estado do Piauí, a Secretaria Estadual de Formação da Fetag/PI e a Equipe Operativa Pedagógica – que estão mais próximos do acompanhamento dos processos formativos e das estratégias para o desenvolvimento da proposta pedagógica da Escola Nacional de Formação da Contag – vêm buscando alternativas para gerar um monitoramento e avaliação qualificados junto aos GES já constituídos e dos que virão a se constituir.

Por isso, encontramos dentre as alternativas a realização do 1º Encontro Piauiense de Formação, que denominamos de EPIFOR[49], com a temática: "Processos e estratégias formativas no MSTTR do Piauí: Avanços e Impasses". Esse encontro foi uma ação da Secretaria Estadual de Formação e Organização Sindical da Fetag/PI, para que fosse possível realizar monitoramento e avaliação dos processos formativos desenvolvidos no estado, com base na PNF e nos referenciais pedagógico-metodológicos difundidos pela Enfoc. Esse encontro contou com a participação dos multiplicadores/as criativos certificados nos dois cursos estaduais (2009-2010).

As finalidades propostas a serem alcançadas foram a de reunir os multiplicadores/as criativos formados nos cursos estaduais de formação da Enfoc no PI, educandos/as da Rede de Educadores/as e colaboradores/as da Enfoc no PI, para integrar, avaliar e monitorar os avanços e impasses dos/nos processos formativos – curso estadual (Enfoc-PI), GES, e atuação da Rede de Educadores/as no estado, bem como construir estratégias que contribuam para os avanços da formação político-sindical no estado e forneçam elementos para a sistematização do curso

[49] Encontro Piauiense de Formação, realizado no período de 01, 02 e 03/06/2011, em Parnaíba, Piauí, com a participação de representantes de outros estados do país, como: Mato Grosso, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul e Tocantins, com o intuito de conhecerem a experiência de GES no estado.

estadual de formação em andamento.
Esse espaço foi de suma importância para se construir as diretrizes e possíveis ações que devem ser executadas para o avanço e rompimento de impasses que ainda obstacularizam os alicerces da constituição de GES e dos processos formativos no Piauí, que vão desde as ações das instâncias internas do MSTTR estadual ao levantamento de experiências, construção de estratégias, e fortalecimento dos GES e dos multiplicadores/as criativos para fortalecer as ações iniciais.

A sistematização foi peça-chave para acompanhar e registrar as experiências vivenciadas pelos participantes dos grupos de estudo, sem deixar de mencionar a fragilidade identificada como a ausência de uma forma de monitorar e acompanhar os GES já formados no estado.

A EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO SINDICAL DA ENFOC EM PERNAMBUCO

Maria do Carmo Souza Ramos (Madrinha)

Assessora Educacional do Polo Sindical da Mata Sul-Fetape, Licenciatura em Letras
Colaboração: Mônica Katarina Tavares Benevides, Assessora da Diretoria de Organização e Formação da Fetape,
Elaine Maria das Neves, Assessora da Diretoria de Política para as Mulheres da Fetape e
Maria Magly Colares de Moura Alencar, Graduação em Serviço Social e Thatiana Lima Vasconcelos, Geógrafa.

Introdução

O trabalho ora apresentado faz parte de uma estratégia que visa garantir que a sistematização dos processos formativos, desenvolvidos pelo MSTTR, se torne instrumento político-pedagógico para a preservação da memória das suas vivências formativas. Acredita-se que essas memórias são fundamentais para a orientação política que leve a rever práticas, recriando fazeres e formas de ação para a condução das mudanças necessárias à construção de uma sociedade mais justa e inclusiva e para a emancipação dos sujeitos.
O objetivo é preservar a memória, e, sobretudo, difundir as ações formativas do MSTTR, como também possibilitar a reflexão sobre um novo jeito de proporcionar conhecimentos. A intenção é registrar a vivência dos educandos/as do Segundo *Curso Estadual de Formação Político-Sindical* da Rede de Educadores/as do MSTTR e a constituição dos GES.

Refletindo sobre as práticas existentes, que muitas vezes resistem a novos modelos, uma vez que o novo inspira insegurança, incertezas quanto ao que a nosso ver está dando certo, acreditamos ser necessário, para constituir o GES, um espaço de sensibilização capaz de garantir que os dirigentes de fato incorporem a ideia da importância dessa estratégia. Que eles possam reconhecê-la como algo que venha somar e fortalecer a organização no tocante ao enraizamento do Movimento nas bases. Por isso a necessidade de incorporar, ao objeto de estudo, o espaço intermediário de GES.

Diante desse contexto, a proposta de sistematização teve como **objeto** *a experiência de formação político-sindical vivenciada durante o Segundo Curso Estadual, a consolidação dos espaços intermediários para a constituição do GES e Rede de Educadores/as, enfatizando, nos conteúdos programáticos em cada unidade temática, a metodologia trabalhada, significados na percepção dos educadores/as e educandos/as, refletindo, a partir dessas percepções, as diferentes reações entre educadores/as e/ou educandos/as e quais dinâmicas foram vividas frente aos conflitos encontrados.*

Considerando os processos formativos, estabeleceram-se dois eixos temáticos para focar a sistematização, a saber: o que está mudando em mim enquanto educador e educadora do MSTTR? E o que está mudando no espaço coletivo da minha atuação militante?

O desenvolvimento da sistematização orientou-se pelas seguintes questões:

- Como se deu o processo de construção dos cursos estaduais?
- Como está acontecendo a recriação do processo formativo no curso estadual e GES?
- Quais as estratégias que antecederam a criação do GES?
- Como eu me percebo na Rede?
- Quais os desafios deste lugar?
- Como me sinto frente a este novo fazer?

A elaboração do texto foi feita a partir da concepção de que uma experiência bem-sucedida precisa e deve ser socializada com outros sujeitos que serão capazes de ressignificá-la, buscando novos saberes. Neste trabalho estão inclusos conteúdos referentes às práticas sindicais, sentimentos, impressões e inquietações dos sujeitos inseridos nos diversos âmbitos dos processos formativos da Enfoc, desenvolvidos no estado de Pernambuco.

A estratégia de formação do MSTTR e o diálogo com momentos históricos do Brasil

Fundada em 1962, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco – Fetape é uma entidade sindical de segundo grau, sem fins lucrativos, comprometida com a construção de uma sociedade justa e inclusiva. Encampa a luta em defesa da melhoria de vida e das condições de trabalho para as pessoas trabalhadoras rurais. Nesse sentido, o processo de criação dos sindicatos no estado de Pernambuco é contínuo e a formação destes é pensada e pautada olhando as especificidades da luta em cada uma das regiões do estado e considerando o momento conjuntural.

No início da década de 60, a conjuntura mostrava-se favorável à organização e participação dos trabalhadores/as. Nesse momento, os processos formativos dão ênfase à formação de lideranças sindicais, delegados/as, na perspectiva da organização sindical para o enfrentamento da luta pela terra, por garantia de direitos dos assalariados/as rurais e políticas públicas capazes de contribuir com o fortalecimento dos agricultores familiares (pequenos proprietários, meeiros, posseiros, rendeiros etc.) Os eixos temáticos versam sobre o papel do dirigente sindical, processo de distribuição de terras no Brasil, legislação trabalhista e tantos outros, animados por textos bíblicos, textos da educação libertadora como o livro *Pedagogia do Oprimido* do educador Paulo Freire. Nesse período, o MSTTR contou com a contribuição do Serviço de Orientação Rural de Pernambuco (SORPE) na caminhada da formação política e organizativa de suas lideranças.

Com o golpe militar em 1964, foi necessário rever a estratégia do conjunto das ações para o enfrentamento e convivência com a nova ordem, as organizações sindicais foram atreladas ao estado e outras caíram na clandestinidade. Assim muitas Federações fizeram convênio com o Ministério do Trabalho e outras instituições do governo. Em meio a esse cenário, a Fetape criou o departamento de educação e nove programas radiofônicos, já que era difícil chegar até ao trabalhador. A comunicação via rádio foi uma grande aliada. Sem perder de vista os objetivos do movimento sindical, os processos formativos priorizaram os cursos sobre produção e apresentação de programas radiofônicos, sindicalismo, política agrícola, alfabetização de jovens e adultos, medicina preventiva, carpintaria, corte e costura, entre outros.

Com o processo da reabertura política na década de 1980, um novo jeito de fazer formação foi traçado: reconhecia-se a necessidade de ampliação dos horizontes dos militantes sindicais na busca de ocupar os espaços e de compreender a realidade na sua diversidade e as condições para intervir nas políticas públicas, atuando efetivamente enquanto sujeitos das transformações sociais. A partir da estratégia deliberada

no 5º congresso da categoria, quanto à construção do PADRSS, foram propostas mudanças na prática sindical, no sentido de democratizar e descentralizar o poder político nas organizações sindicais, orientando, como estratégia prioritária, a criação de comissões, coletivos e secretarias específicas.

Desde então se amplia a questão sobre qual política, qual formação e qual estratégia político-pedagógica daria conta de instrumentalizar o debate de modo a responder aos novos e históricos desafios da ação sindical, sem, contudo, secundarizar os princípios educativos da formação humana, dialogando com o saber da experiência e conhecimento "científico". Considera-se este processo como um momento pedagógico, no qual há o aprendizado da autoridade e da liberdade verdadeiras, onde se procura a transformação da realidade dos envolvidos nos processos educativos (FREIRE, 1987). Com esse olhar, o debate em torno da construção da política de formação do MSTTR toma como referência os ciclos de capacitação, em momentos permeados pela sensibilização –, reflexão e comprometimento; instrumentalização – aplicação do conhecimento e mudança de atitude, adotando novas práticas, compreendendo a formação como um meio para reflexão e reformulação da ação e prática sindical, de modo a permitir e facilitar o avanço das lutas e conquistas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais.

Com a participação de dirigentes da Federação, dos sindicatos e assessores do Itinerário Formativo da Enfoc, o MSTTR de Pernambuco vem integrando com os processos formativos e seus participantes: dirigentes sindicais, assessores/as, lideranças e funcionários/as, mediante a realização dos cursos estaduais de formação político-sindical, possibilitando a qualificação de novos sujeitos.

Na ocasião de sua constituição, a Federação contava com cinco sindicatos reconhecidos pelo Ministério do Trabalho e 12 (doze) em processo de reconhecimento, localizados nas regiões da Zona da Mata e Agreste. A primeira diretoria eleita foi composta de presidente, secretário e tesoureiro (Fetape, acervo.)

Atualmente são 179 sindicatos, dos quais 53 estão situados na região da Zona da Mata, 55 na região do Sertão e 71 na região do Agreste.

A Federação está organizada em 10 polos sindicais, é coordenada pela Diretoria Executiva composta por nove membros: Diretor Presidência, Diretor Vice-Presidência, Diretor de Administração e Finanças, Diretor de Organização e Formação Sindical, Diretor de Política Agrária e Meio Ambiente, Diretor de Política Agrícola, Diretora de Política para as Mulheres, Diretor de Política para a Juventude, Diretor de Assalariados/as e duas coordenações: Coordenação da Terceira Idade e Coordenação do Meio Ambiente com mandato de quatro anos[50].

Mesorregiões pernambucanas

O estado de Pernambuco é dividido geograficamente em cinco mesorregiões:

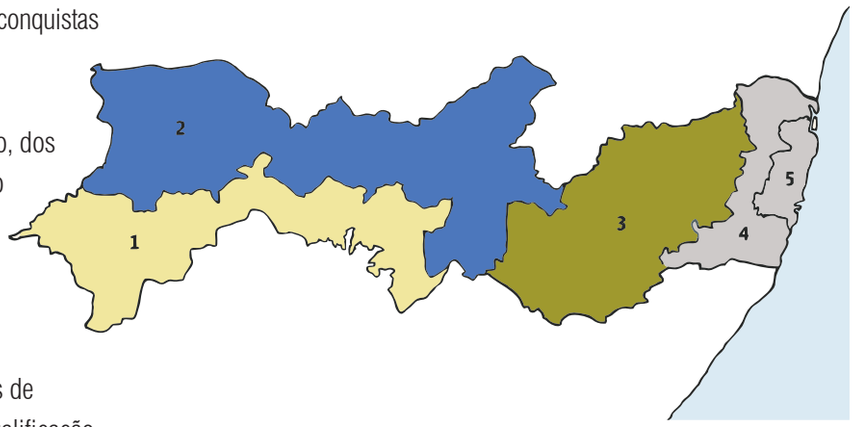


Figura 1 – Mesorregiões Pernambucanas
Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pe Acessado em 07/2011.

[50] Fonte: Estatuto Social da Federação.

1. **São Francisco Pernambucano:** estende-se por uma área de 24.531.50km², com uma população total de 578.925 habitantes (IBGE,2010) e densidade demográfica de 23.2 hab./km². Abrange 15 municípios e é banhado pelo Rio São Francisco.
2. **Sertão Pernambucano:** estende-se por uma área de 32.450 km² com uma população total de 1.011.712 habitantes (IBGE, 2005) e densidade demográfica de 31.17 hab./km².
3. **Agreste Pernambucano:** estende-se por uma área aproximada de 24.400km², inserida entre a Zona da Mata e o Sertão, representa 24,7% do território pernambucano e conta com uma população de cerca de 1.800.000 habitantes (25% da população do Estado).
4. **Zona da Mata Pernambucana:** está inserida entre o Agreste pernambucano e a Região Metropolitana do Recife-RMR. É densamente povoada com uma área de 8.641 km², população total de 1.193.661 habitantes (IBGE, 2005) e densidade demográfica de 138.13 hab./km².
5. **Região Metropolitana do Recife:** Estende-se por uma área de 2.783km² e apresenta-se como a mais populosa (3.845.377 habitantes) e densamente povoada (1.751 hab./km²), com um total de 14 municípios.

Sistematização do processo formativo de Pernambuco – Curso Estadual

O Curso Estadual de Formação realizou-se em três módulos e três momentos distintos. No primeiro momento, ocorreu a sua divulgação e a escolha dos participantes; no segundo, foram realizadas oficinas de autoformação e, no terceiro, houve o desenvolvimento do curso. Cada etapa aconteceu em um período de cinco dias, com a participação de homens e mulheres de diferentes idades, cuja escolha se deu em cada polo sindical, observando compromisso, disponibilidade e interesse na construção de um novo fazer sindical. O curso aconteceu no prédio do Juvenato Maria Auxiliadora, no município de Carpina - Pernambuco.

Foram reunidos 35 dirigentes sindicais e dois funcionários de sindicatos, representando os 10 polos sindicais nas três regiões do estado (Mata, Agreste e Sertão). Cada grupo trouxe a riqueza da cultura de sua região, suas crenças, formas de ver o outro e a si mesmo, jeito de se organizar e de conviver com a diversidade regional. O curso teve como objetivo geral favorecer a qualificação da organização social dos trabalhadores/as pelo fortalecimento de sua ação e participação na vida em comunidade de forma ativa e propositiva.

O curso estadual seguiu a mesma concepção do curso nacional e regional do itinerário da Enfoc, que tem como referencial teórico o pensamento do estudioso Paulo Freire, segundo o qual as pessoas educam-se mutuamente, tendo como mediador o mundo, uma educação problematizadora, na qual se deve desmistificar e criticar a realidade posta, e favorecer o diálogo que, em Freire (1987), exerce função pedagógica relevante na medida que colabora para uma educação libertadora, autonomia e formação humana. Neste sentido, e visando o alcance dos objetivos do curso, buscou-se construir uma programação que envolvesse momentos de construção do conhecimento, com base na experiência de vida das pessoas, olhando para sua realidade, sua identidade (identidade individual, coletiva e de classe), bem como momentos de descontração e intercâmbio, favorecendo a integração entre os participantes.

A abertura de todos os módulos foi sempre contemplada com uma "mística" que cumpria o objetivo de envolver os participantes em um clima de construção coletiva do conhecimento e, sobretudo, de ressignificar a importância de cada um na construção/desconstrução/re-construção da forma de ver, pensar e viver em sociedade. Considerou-se "mística" a

dinâmica que possibilita as relações interpessoais entre os membros do curso, processo que "[...abarca aspectos relacionados à dimensão subjetiva humana, como sentimentos, afetos, emoções, força interior. Mas tais aspectos estão diretamente relacionados à força que os mantêm na luta política pela transformação da sociedade. A mística integra o sentir, o pensar, o fazer/agir" (BATISTA e LIMA, 2003, p. 30), sabendo-se ser esta dinâmica consonante com a proposta do curso.

Após a mística, era então o momento da abertura política do curso com a participação de dirigentes da Federação, moderadores dos painéis e toda a equipe envolvida no processo. Nesses momentos, se estabeleciam também acordos de convivência, tarefas e responsabilidades: grupos de apoio e organização, animação e relatoria.

Cada um desses momentos foi sempre marcado por um clima de sensibilização para a ação formativa durante os cinco dias, valorizando, durante o curso, a participação de todos, articulando as experiências acumuladas de cada um dos educandos/as aos conteúdos pensados para o curso, que realçaram a memória histórica da construção de nossa sociedade. No primeiro módulo, abordou-se a temática "Estado, Sociedade e Ideologia"; no segundo módulo, "História, Concepção e Prática Sindical" e, no terceiro, "Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário".

Para a realização dos módulos, embora próximos um do outro, não foi possível realizar as oficinas de planejamento com todos que compõem a Rede Estadual de Educadores e Educadoras, devido aos desencontros das "agendas", já que cada um é vinculado a uma atividade específica, seja na assessoria da sede ou das sub-sedes, os polos sindicais. Construiu-se assim a proposta pedagógica de cada módulo com quem pôde participar, contando com a contribuição dos demais por e-mails e conversas por telefone.

A Rede de Educadores/as é constituída por educando/as, egressos dos cursos nacional e regionais da Enfoc, que no estado tem como atribuições articular, animar e coordenar os processos formativos em sintonia com os princípios pedagógicos da Política Nacional de Formação (PNF).

No primeiro módulo, que se realizou em novembro de 2009, os facilitadores foram todos externos, advindos de instituições como a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), a Prefeitura da Cidade do Recife, por intermédio da Gerência de Igualdade Racial, o Dieese e ex-diretores da Fetape.

Já nos módulos II e III, que aconteceram em abril e junho de 2010, respectivamente, buscou-se envolver os educadores/as da rede estadual na moderação de painéis, mesas-redondas, palestras, oficinas de leitura de acordo com temas de seu domínio, bem como diretores da Federação e dirigentes de sindicatos e representantes de organização agroflorestal.

Esse envolvimento foi muito positivo, pois, segundo depoimentos dos participantes, puderam dedicar-se a estudar e preparar o tema a ser desenvolvido de acordo com sua disponibilidade, o que contribuiu muito para o entendimento dos conteúdos, posto que com exemplos ilustravam as exposições e dialogavam com a realidade das pessoas que vivem e trabalham no campo.

A participação da Rede de Educadores/as Populares de Pernambuco se deu de formas diversas: uns atuando como facilitadores, outros responsáveis pela organização do evento. O êxito do curso estadual foi fruto da integração e participação de boa parte daqueles que compõem a nossa Rede de Educadores/as.

Durante os módulos, buscou-se criar momentos descontraídos com o cinema pedagógico exibindo filmes

que ilustrassem os conteúdos trabalhados e favorecessem a aprendizagem, como por exemplo: *Canudos e Cangaço* estiveram associados ao tema dos movimentos sociais do campo em luta por liberdade; *Vidas secas* e T*apete Vermelho*, às condições de vida no campo; e *Voz do Campo*, à historia do sindicalismo rural em Pernambuco.

Foram também garantidas visitas pedagógicas pensadas estrategicamente de modo a articular o conteúdo trabalhado em sala de aula com as marcas de um acontecimento histórico, memória real, material e imaterial de nossa historia. Assim as visitas possibilitaram conhecer a organização de nosso povo por liberdade. Foram realizadas visitas ao Monte dos Guararapes, Forte das Cinco Pontas, Marco Zero e Museu do Estado.

Para se conhecer a realidade de vida e de trabalho do morador de engenho, foi visitado um engenho de cana-de-açúcar na região da Zona da Mata. Isso foi importante por permitir aos participantes do curso conhecer melhor a história de organização dos trabalhadores/as nas suas regiões e polos sindicais.

As atividades realizadas fortaleceram positivamente para a construção do documento-base do 8º Congresso Estadual de Trabalhadores Rurais, no sentido de favorecer o intercâmbio de trabalhadores/as das diversas regiões.

O 8º Congresso Estadual dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Pernambuco, em seu artigo 12, como instância máxima de deliberação, apresenta, entre outras, as seguintes atribuições:

I – Avaliar o desempenho do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Estado e da Diretoria cujo mandato se encerra;
II – Analisar a realidade social, econômica e política do país e do Estado;

Por fim, foram realizadas visitas aos sindicatos que desenvolvem ações com gestores locais, no sentido de fortalecer a agricultura familiar e o desenvolvimento rural sustentável, com foco nas pessoas. No PADRSS, o foco na agricultura familiar busca, entre outras dimensões, reconhecer o papel das pessoas na família, a valorização de trabalho e o reconhecimento da atuação produtiva das mulheres, jovens e idosos em toda a sua pluralidade, superando, inclusive, a invisibilidade da dupla jornada do trabalho. A invisibilidade do trabalho da mulher do campo é produto da divisão sexual do trabalho, a qual, de acordo com Maia e Lopes (2001, p.8), "[... conduz a mulher a uma jornada de trabalho bem mais intensa, cansativa e invisível". Neste sentido, a luta das mulheres vem se ampliando, fortalecendo sua organização, re-configurando as relações entre homens e mulheres e intensificando o combate a todas as formas de discriminação e desigualdade.

O alvo da luta são as relações que se estabelecem a partir do que se convencionou ser próprio do feminino e próprio do masculino, quando o III módulo do curso trata do Desenvolvimento Rural Sustentável.

As visitas pedagógicas foram planejadas de maneira a dar conta de aprofundar temas abordados durante as aulas. As visitas foram feitas nas Cooperativas de Crédito no município de Caruaru e a Cooperativa de Organização e Comercialização da Produção da Agricultura Familiar localizada no município de Brejo da Madre de Deus. Estas visitas tiveram como objetivo possibilitar a identificação de elementos constitutivos do desenvolvimento econômico na perspectiva da sustentabilidade e da solidariedade, bem como propiciaram aos participantes perceber que, para que haja melhoria da qualidade de vida e das condições de trabalho, é preciso que os segmentos que compõem a sociedade trabalhem juntos. O caso da cooperativa visitada no município de Brejo da Madre de Deus foi um exemplo do trabalho conjunto, haja

vista que a prefeitura tem fortalecido a agricultura familiar local, através da compra da produção para a merenda escolar.

É importante registrar que, durante todo o curso, se trabalhou momentos com oficinas de leitura e reflexão de textos e comunicação das atividades realizadas, pelos grupos então constituídos.

Realizar o curso foi uma experiência memorável. Aprendeu-se a superar desafios, muitos deles de forma dolorosa, pois nem sempre foi possível contarmos com toda a equipe de trabalho. Vale dizer que muitas vezes a participação ficou prejudicada por conta das demais atividades que acontecem simultaneamente aos cursos, pois as atividades da Federação não param enquanto eles acontecem. Nem sempre temos governabilidade quanto ao que acontece. Mesmo havendo planos alternativos ("planos B"), para enfrentar os imprevistos, houve momentos em que a maturidade e sabedoria dos educadores/as foi demandada para fazer com que a estratégia do curso se mantivesse clara e que este motivasse as pessoas a continuar e a contagiar outras pessoas a participarem da formação Estamos construindo isso juntos, mesmo que em pedaços e, por vezes, sem a presença de algum ou alguma integrante da equipe, e isso tem sido muito gratificante.

Atividade intermódulo

A partir do I módulo, os educandos/as do curso foram estimulados a pesquisar sobre a história de organização do sindicato do seu município e/ou região, e foi riquíssima a contribuição dessa atividade no processo de interação e vivência dos educandos e educandas com base na trajetória de organização dos trabalhadores/as, suas lutas, seus sonhos, bem como pela percepção das diferenças regionais, tais como: culturas, atividades laborais, envolvimento das lideranças, dificuldades. Enfim, foi possível, inclusive, refletir sobre a superação do preconceito entre as regiões.

Durante a apresentação da história de constituição dos sindicatos, ficou visível o impacto e reconhecimento de cada um dos participantes quanto à capacidade histórica dos trabalhadores/as no enfrentamento dos mais diversos acontecimentos e momentos históricos. Com todas as dificuldades, não se intimidaram a lutar, movidos pela crença na organização enquanto possibilidade de superação das injustiças e manutenção de uma chama viva, o sonho de libertação da classe trabalhadora. Foram capazes muitas vezes de doar o que há de "mais sagrado", que é a própria vida.

Foi marcante para todos nós como se deu o processo da construção e organização dos trabalhadores/as em Pernambuco. O sindicalismo nasce na Zona da Mata, segue para o Agreste e Sertão, caracterizado pela luta dos assalariados/as da palha da cana, por posse e uso da terra, por direitos trabalhistas, assistência por ocasião das secas, políticas sociais e tantas outras frentes de lutas. Por sua vez, a organização das mulheres trabalhadoras rurais nasce no Sertão, segue para a Zona da Mata e depois para o Agreste. No Sertão tem como foco a inclusão das mulheres e jovens nas frentes de trabalho na seca ocorrida na década de 1980.

Processo de Construção e Organização dos Trabalhos Rurais

Figura 2

Reconhecimento de uma luta

Por ocasião do segundo módulo, a turma definiu que seriam homenageadas da turma as seguintes pessoas:

– Euclides Almeida Nascimento – nome da turma, em reconhecimento à importância de sua trajetória e luta na construção e consolidação do MSTTR neste estado;
– Maria Aparecida (Mulica) – madrinha da turma, pelo seu desempenho frente à Diretoria de Políticas para as Mulheres no Estado;
– Raimunda Celestina de Mascena (Raimundinha) – homenageada pelo significado de sua luta e determinação na construção desse chão chamado Enfoc;
– Maria Severina de França (Silvia) - paraninfa e Diretora de Formação – homenageada pelo seu empenho na realização do curso;
– Adriana do Nascimento Silva – oradora;
– Paulo Silvestre – juramentista;
– Mônica, Eliete e Andrade – representantes da turma no recebimento do grau.

Falando em nome da turma e ouvindo depoimentos

A construção da atividade mediada pelo diálogo proporcionou uma reflexão sobre os temas desenvolvidos durante o curso. A exposição destas reflexões foi um momento muito rico para a equipe, que pode avaliar, por meio dos depoimentos recolhidos, os impactos trazidos pelas atividades que vinham sendo desenvolvidas.

Citamos, por exemplo, o texto *Falando em nome da 2ª turma,* elaborado e lido durante a cerimônia de certificação dos educandos/as, pela oradora Adriana do Nascimento Silva, atualmente Diretora de Política para a Juventude da Federação. No texto, Adriana reconstitui, de forma muito acolhedora, a trajetória, e particularmente os sentimentos, as aprendizagens, as amizades construídas, o confronto de ideias e a boa convivência durante o curso.

"A vida começa a partir de uma partícula, que por seu tamanho parece insignificante. E até não acreditamos que aquilo tão pequeno pode se tornar mulher e homem, que farão parte de uma sociedade, sociedade esta que necessita, por sua vez, da ação desses indivíduos para que seja transformada de acordo com as especificidades de seu povo. E o que fazer para transformar esta sociedade? Ninguém melhor do que o movimento sindical para responder tal questão.

A transformação se dá a partir de organização, primeiramente do indivíduo, depois de um coletivo, de um segmento específico. Nós, rurais, em especial nós, pernambucanos, na década de 1960, percebemos que os direitos não chegariam até nós se não nos uníssemos, se não levantássemos bandeiras de luta. Lutas que até hoje persistem, porque ainda não conseguimos, de fato, transformar a nossa realidade [...]

[...] A partir de hoje, se tornará quase impossível sermos novamente uma turma. Cada um de nós seguirá em frente na tarefa de, em nosso município, em nosso polo sindical, propagar o que aqui conseguimos construir. Hoje é dia de festa, não porque concluímos um curso de formação sindical, mas por ser o marco do início da ressignificação de uma postura inovadora perante um modelo repressor de sociedade culturalmente constituído. Não saímos daqui de tudo sabendo, porque na vida não se aprende tudo, se aprende sim, de tudo um pouco e, enquanto há vida, há aprendizagem [...]

A Enfoc tem este propósito, de fazer com que o movimento sindical não pare no tempo, porque o tempo não para. Ele nos atropela se não o acompanharmos. Finalizando, é com um enorme prazer que aqui falo em nome da 2ª Turma do Curso Estadual de Formação Sindical, agradeço pela boa convivência que tivemos durante todo o processo de estudos. Desejo sucesso na execução e desempenho das tarefas que nos são apresentadas cotidianamente. Despeço-me dizendo: que hoje seja o início de uma vida

> nova dentro do Movimento Sindical e que não percamos o encanto nunca, porque se algo está errado, somos nós que temos que reescrever esta história, somos nós que temos que transformar essa sociedade, nossa realidade."

Na cerimônia de formatura, algumas pessoas foram homenageadas, e para as falas de agradecimento demonstram o quanto o curso estadual tem significado para as pessoas que colaboram com a formação.

> A felicidade, a emoção marcam cada rosto dos formandos, em cada certificado recebido o brilho da alegria se multiplica, o sentimento de empoderamento expressado em cada rosto é impossível de ser esquecido (Educadora 1).

> Quero dizer a você, Raimundinha, que você foi um grande instrumento dessa escola de formação. Pois para mim foi uma emoção muito grande na minha vida, nunca me formei, sempre trabalhei na roça, e esse processo que vem se constituindo é uma formação diferente daquela escola que muita gente passa e não conhece a escola da vida. E nós, trabalhadores/as rurais, somos agora construtores/as da escola da vida (Educadora 2).

> Oi, gente. Chego a me arrepiar, me sinto felicíssimo por esta escolha do meu nome, de onde vem esta honra que esta turma me escolheu? Sempre entendi que o MSTTR foi criado para libertação do homem e da mulher do campo. Pois as coisas foram criadas para servir as pessoas, não as pessoas para servir as coisas, escravizarem-se. A dignidade da pessoa humana está acima das coisas. O sindicalismo hoje está avançando muito na colheita dos frutos, mas está esquecendo-se de plantar as castanhas (Educador 1).

Avaliação e encaminhamentos

O último dia do I módulo do curso foi reservado para a avaliação da caminhada durante toda a semana, planejamento e orientação sobre a atividade intermódulo sobre a história de construção e organização dos trabalhadores/as rurais dos respectivos municípios de cada um dos participantes. Foi indicado também que os participantes deveriam trazer para o II módulo alimento produzido pela agricultura familiar nas três regiões, para compor um momento de reflexão sobre o alimento, a cultura como parte da metodologia de formação, enquanto recurso pedagógico. Para contribuir com a organização comunitária dos trabalhadores/as rurais, foi sugerido que identificassem potenciais GES.

Ao final do II módulo, aconteceu também o processo de avaliação bem como a discussão e encaminhamentos sobre a organização da formatura.O terceiro e último módulo foi um dos momentos mais esperados do curso. Foi marcado pela vivência da temática Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário e visitas pedagógicas orientadas por um roteiro de observação à luz dos temas abordados nas aulas.

Foram elaboradas orientações no sentido de participar das experiências existentes nas regiões em torno da constituição dos GES, para animar permanentemente as pessoas para a participação cidadã em espaços de interesse coletivo dos trabalhadores e trabalhadoras rurais.

Encerramos o curso com a avaliação coletiva de toda nossa caminhada de desenvolvimento do curso. A avaliação baseou-se na ideia de construção do conhecimento em que todos foram convidados a falar sobre o que estavam deixando (de bom ou ruim no sentido de proporcionar à equipe que organizou o curso, elementos para melhorar cada vez mais), o que estavam levando para suas vidas e suas ações cotidianas, e o significado de toda esta caminhada.

No que se refere ao que estavam deixando, os educandos/as trouxeram “As conversas fora das atividades”, “A timidez”, “A falta de interesse”, “A dificuldade de cumprir horários”, “As dúvidas”, “O vazio”, “A falta de entendimento”, “A não participação nos debates”.

Quanto ao que estavam levando para suas vidas e ações cotidianas, afirmaram que levavam “A amizade conquistada”, “O aprendizado construído junto”, “As descobertas feitas”, “Fortalecimento da ação no dia-a-dia”, “Companheirismo”, “Entusiasmo pela mudança”, “A vontade de aprender sempre”.

E, quanto ao que foi significativo, foram trazidas as expressões “foi possível aprender e refazer o aprendizado”; “que tudo tem a ver com a história, nada está desconectado”; “a gente precisa ser mais unido”; “serviu para ampliar os conhecimentos”; “melhorou a autoestima”; “que a gente não sabe tudo e precisa trocar experiência; compartilhar a vida”; “os facilitadores apresentaram conteúdos para nossa reflexão e para melhorar nossa prática”; “é preciso saber o que quer para saber onde ir”; “contribuiu para fortalecer o trabalho.”

Finalmente houve o momento da confraternização e a entrega dos certificados que, para muitos, representa e desperta o mesmo sentimento de quem recebe um certificado na academia.

Espaços intermediários e a construção dos GES

Os GES são espaços de formação vinculados aos sindicatos de trabalhadores/as rurais que estabelecem vínculo com o cotidiano sindical, trazendo a realidade dos trabalhadores/as rurais para uma reflexão coletiva e crítica, numa perspectiva transformadora e de emancipação dos sujeitos. A criação de um espaço intermediário de polo sindical é destinada à formação de dirigentes, em especial secretários e secretárias de formação, por meio do estudo de temas pertinentes ao movimento sindical de trabalhadores e trabalhadoras rurais, assim como construir estratégias que possibilitem a implantação dos GES nas bases. Para tanto, optamos como encaminhamento realizar, em cada um dos dez polos sindicais, momentos de estudo com os secretários e secretárias de organização e formação dos sindicatos. No primeiro momento, apresentamos a PNF, analisamos a nossa prática cotidiana de formação, o jeito que cada um faz, organizarmos um calendário para os próximos encontros, elencando temáticas de interesse e elegemos uma coordenação com o papel de mobilização e animação do grupo. Essa estratégia se consolidou entre dezembro de 2009 e fevereiro de 2010, nos seguintes polos sindicais[51]: Caruaru, Mata Norte, Mata Sul, Surubim e Sertão Central.

A constituição de mais cinco desses espaços nos demais polos está inclusa no Planejamento das Ações de Formação Sindical no ano de 2010. Assim, buscamos, a partir destes espaços e da Rede de Educadores/as e da multiplicação criativa, contribuir com a criação dos GES nos sindicatos com as diretorias, e na base (comunidades e assentamentos).

O ano de 2010 foi atípico para o MSTTR com as eleições gerais, realização do congresso e mudança na direção da Fetag; a enchente ocorrida em junho do ano em tela, que atingiu duramente os municípios da região da Zona da Mata, entre outros imprevistos, dificultaram a continuidade da implementação da estratégia. Mesmo assim, as lideranças do MSTTR avaliam positivamente as iniciativas e esforços feitos no sentido de manter as pessoas animadas para as atividades seguintes.

[51] Polos sindicais são instâncias da Federação compostas por grupos de Sindicatos de uma mesma região ou sub-região, com o objetivo de discutir e tirar encaminhamento sobre as diversas demandas. Cada polo está localizado em uma cidade central e conta com uma sede, funcionários e assessoria política.

MAPA DO ESTADO DE PERNAMBUCO
POLOS SINDICAIS DA FETAPE

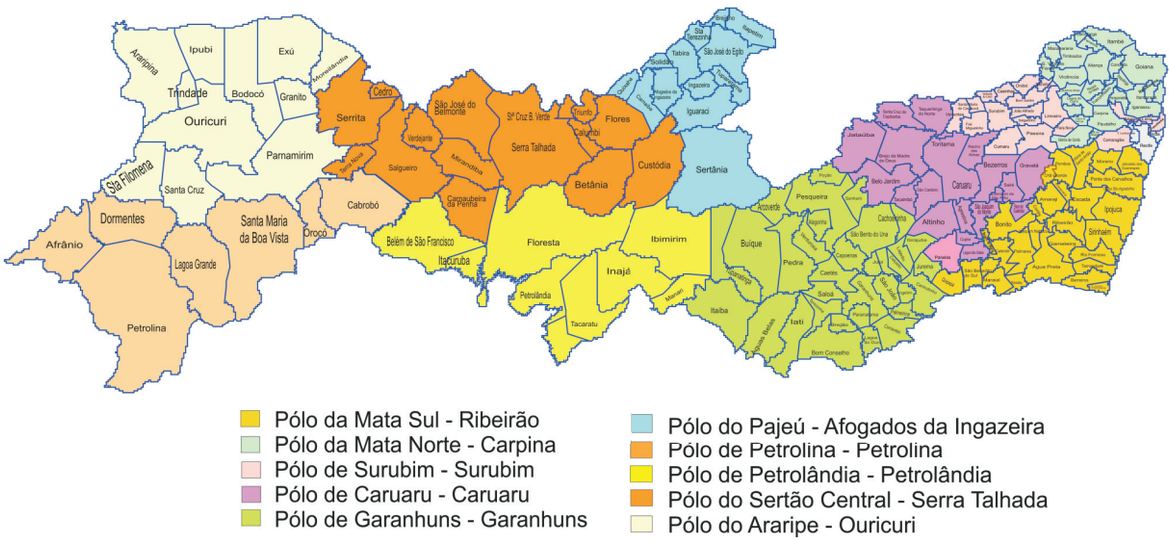


Figura 3 - Polos sindicais da Fetape . Fonte:Fetape 2010

Os polos favorecem a criação dos GES e o seu funcionamento. Segue alguns depoimentos de lideranças sindicais sobre os GES.

Paulo José Silvestre da Silva, Secretário de Organização e Formação Sindical do STR de Barreiros e que participa da Comissão de Ética e do Coletivo de Finanças da Fetape, considera que:

> Desde sua criação, os GES sempre apresentaram como princípio a construção da consciência crítica dos trabalhadores/as rurais. Assim, a reflexão acerca da realidade que os cerca condicionará mudanças que incidem nas lutas sindicais. A escola se configura, na prática, um espaço de transformação política, de liberdade, transformação e emancipação.
> A formação proporcionada pela Fetape tem contribuído para esclarecer aos dirigentes quanto ao seu papel e atuação na condução do sindicato e para que os secretários de organização e formação atuem em parceria com os companheiros nas comunidades e nos assentamentos.

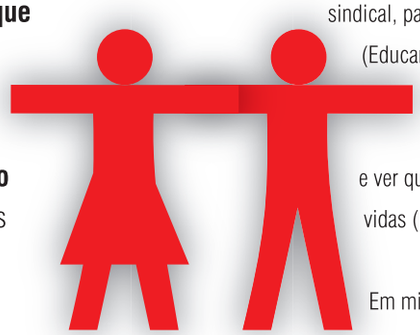
Rejane Maria da Silva, primeira mulher na executiva do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Escada, e atualmente Diretora de Organização e Formação Sindical, Coordenadora de Mulheres do STR, Suplente da Comissão Estadual de Mulheres e Suplente da Diretoria de Política para as Mulheres da Fetape, avalia que:

> Eu acredito na formação sindical, porque ela promove nas pessoas o conhecimento de suas funções e uma melhor atuação na defesa do direito dos trabalhadores/as. Nesse processo, me vejo como multiplicadora da ação formativa, preparando a base e qualificando os sócios. Também participo do curso de formação da Enfoc, e lá a gente aprende como e porque as coisas acontecem.

Este processo de formação por meio dos GES tem me ajudado a alcançar os objetivos da luta pelos direitos dos trabalhadores rurais. Hoje me vejo descoberta e mais segura para atuar como sindicalista, pois percebo que a formação é mais que informar a base sobre seus direitos: é refletir acerca das ações e do que pretendemos com elas.

Agora tenho mais condições de me expressar a respeito dos direitos dos trabalhadores/as, graças ao que o MSTTR tem proporcionado e, como estudei pouco, este espaço tem sido uma escola de fato pra mim.

Na escuta realizada com participantes do curso e membros da Rede de Educadores, considerando o eixo temático com a orientação **- O que está mudando em mim enquanto educador e educadora do MSTTR? E o que está mudando no espaço coletivo de minha ação militante?** - obtivemos depoimentos como os que seguem:



A Enfoc tem como proposta fazer das pessoas que estão inseridas no Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – MSTTR agentes multiplicadores/as da continuidade da luta por melhorias de vida na categoria de trabalhadores e trabalhadoras rurais, dentro do sindicalismo rural. A existência desses multiplicadores/as se torna crucial para que a vida sindical tenha prosperidade. E a cada turma de educadores/as, formados pela Enfoc, a esperança se renova, pois pessoas surgem para colaborar com esse processo, e outras reconstroem a visão em relação ao meio sindical, como sendo espaço que agrega homens e mulheres, jovens e terceira idade (Educanda 1).

Com melhor domínio da trajetória do MSTTR, a partir do conhecimento de sua história, com mais segurança e propriedade para a defesa da bandeira de luta, podemos desempenhar melhor nosso papel de militante, uma vez que só temos condições de defender aquilo que vivenciamos ou temos conhecimento de que foi vivenciado, o que propicia uma relação de confiança e qualidade no trabalho desempenhado (Educanda 2).

Mudou a forma de agir e pensar, o modo de ver o movimento sindical no geral, podendo através deste fazer a divulgação da nossa política com segurança. (Educando 2).

Integração dos diretores, passamos a trabalhar em conjunto (Educando 2).

O incentivo a buscar conhecimento sobre o movimento sindical, para poder manter a base informada (Educando 3).

O curso me ajudou a ver melhor as coisas e ver que elas não acontecem por acaso em nossas vidas (Educando 4).

Em mim, mudou a maneira de enxergar como as pessoas que iniciaram a construção dos sindicatos foram corajosas, o que hoje aumenta a minha responsabilidade com o MSTTR (Educando 5).

Hoje tenho mais condição de contribuir no espaço onde vivencio a luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais (Educando 6).

Antes do curso eu só via o sindicato como um lugar de assistencialismo, agora compreendo que seu principal papel é manter viva a história de luta e organização dos sujeitos do campo e lutar para garantir os nossos direitos (Educanda 3).

A partir da minha participação no Itinerário Formativo nacional e regional, fiz uma reflexão crítica quanto à minha atuação militante e percebi quantas limitações ainda preciso vencer, tais como: compreender a grandeza

do saber empírico, ter paciência para ouvir, analisar com mais cautela algumas posturas de companheiros/as e/ou dirigentes sem fazer julgamentos precipitados; e que só a vivência por si só não é suficiente para dar conta desse lugar militante, é preciso ler mais, ouvir mais, procurar conhecer outras experiências e valorizar sempre o trabalho coletivo. E assim percebo a mudança acontecendo (Educadora 3).

Mudando não, mas reafirmando minha crença de que o processo formativo pode ser um mobilizador, animador e, sobretudo, colaborador para o empoderamento, para a ação em prol das transformações (Educadora 4).

No momento, percebo pontualmente alguns dirigentes que conseguem melhorar sua prática e ter uma visão um pouco mais abrangente e mais clara da sociedade e das organizações e lutas sociais e sindicais (Educadora 5).

E em relação à pergunta orientadora **como você se vê nesta Rede de Educadores/as e quais os desafios deste lugar**?

No início foi bastante difícil compreender o papel da Rede. Aos poucos fui me identificando e hoje me vejo na condição de educadora, reconhecendo que este é um lugar de muitos desafios, ser membro de uma Rede de Educadores/as do MSTTR exige conhecimento, dedicação, compromisso com a luta, responsabilidade e habilidade para lidar com as diferentes posturas da própria equipe (Educadora 6).

Como alguém que está podendo contribuir e realizar um antigo desejo de programar ações formativas, e que, portanto, aprende e ensina, podendo assim me qualificar mais para somar-me à Rede de Educadores/as. Sinto-me aprimorando meus conhecimentos tanto pessoal, individual, quanto social e coletivo. Isso me possibilita sempre estar vigilante em relação às minhas práticas pessoais quanto coletivas (Educadora 7).

Em relação à pergunta orientadora **Como você se sente frente a esse novo fazer?**

Sinto-me feliz por fazer parte, mas ao mesmo tempo sinto algumas angústias, quando ainda vejo dirigentes que "resistem" ao processo formativo, não se integrando e favorecendo o desenvolvimento desta importante ação. Vejo que os desafios ainda são imensos para de fato poder efetivar o processo formativo (Educadora 8).

Considerações finais

A partir de todos os elementos considerados neste documento, demonstrando a experiência de narrar a experiência da Escola no estado, com toda uma orientação para a observação, faremos a seguir uma sintética reflexão sobre nossos sentimentos de forma que sirvam para qualificar ainda mais a estratégia formativa do MSTTR.

Nesse sentido, desde o início da caminhada até a consolidação do documento final, em vários momentos, ressignificamos a narrativa, inclusive os conhecimentos obtidos oportunizaram uma reflexão da própria concepção da Rede de maneira mais aprimorada.

Outro elemento importante a ser considerado é o fato do que se almeja com essa construção: possibilitar, ao conjunto do MSTTR, elementos que fortaleçam as ações formativas, a consolidação dos GES, e cabe um destaque à consolidação da Rede. O olhar privilegiado a essa estratégia é fruto de um entendimento da importância da construção coletiva e de coletivos para a construção e recriação dos saberes.

Em relação aos espaços legitimamente formativos, percebe-se a importância da continuidade da estratégia da escola, do quanto foi importante a introdução do "Espaço Intermediário nos polos regionais" antecedendo os GES, demonstrando que é o caminho para nos fortalecer.

O processo de sistematização associado a um novo momento da gestão da Federação já apresenta frutos: o terceiro curso estadual já está sendo planejado e executado

com o envolvimento de toda a Rede e do conjunto da Direção, no qual se percebe um novo sentido para esta estratégia. O processo pedagógico foi enriquecido não só com interação desses atores, mas os conteúdos dos módulos foram qualificados, conseguimos mais uma vez trazer colaboradores das universidades, dirigentes e ex-assessoria da Federação valorizando o itinerário.

Outro aspecto se relaciona aos GES: a vivência da sistematização provocou a Direção e a Rede a refletir essa estratégia, e foi planejado um encaminhamento concreto, que os educando/as estarão, no III módulo, construindo conjuntamente já como integrantes da Rede, um planejamento para o GES em seus municípios, retomando a discussão de forma genuína, não mais a partir do Espaço Intermediário, que num primeiro momento foi primordial como estratégica pedagógica e política, para que agora seja possível a concretização da implantação do GES nas comunidades.

Ainda no âmbito das sugestões e considerando que a nossa Rede hoje está presente em todo o estado e constituída com representantes da diretoria da Federação, dirigentes dos sindicatos, assessorias dos polos sindicais e das diretorias e educadores/as, recomendamos a realização de um encontro estadual que envolva a Rede de Educadores/as que estão envolvidos com os processos formativos da Federação, de modo que se avalie a caminhada já percorrida, e identifique quais passos deverão ser assumidos coletivamente para que cada vez mais a formação seja um instrumento para fortalecer a luta sindical e possibilitar a transformação política e social dos sujeitos.

Vale ressaltar que, à luz do eixo temático que orientou este trabalho, percebem-se avanços e mudanças significativas nos educandos/as do curso estadual no estado. Seus depoimentos revelam novas posturas, atitudes e novos jeitos, tanto no fazer sindical, quanto nos laços relacionais, nos espaços de militância e na maior compreensão acerca das desigualdades sociais.

Outro aspecto relevante é que muitas pessoas – dirigentes, assessores/as e funcionários/as do movimento sindical que ainda não passaram pelo processo de formação da Enfoc – vêm demonstrando interesse em participar.

Esse é mais um testemunho de que a estratégia formativa definida pela escola vem alcançando os objetivos propostos, e assim nos animando a continuar abraçando essa causa tão importante, na condução do processo de mudança do nosso fazer sindical.

Por fim, reafirmamos que o avanço percebido nas ações do estado foi, sem dúvida, potencializado pelo acompanhamento efetivo da diretoria da Federação e da Rede, o que nos faz considerar também a necessidade de se manter esta estrutura, cada vez mais reconhecida e legitimada.

CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL DA ENFOC NO MARANHÃO: NOVAS ESTRATÉGIAS FORMATIVAS NOS ESPAÇOS INTERMEDIÁRIOS DE GES

Neusa Maria Gomes Duarte

Assessora Jurídica da Fetag/MA,
Pós-Graduanda em Cidadania e Direitos Humanos pela Universidade Católica de Goiás
Colaboração: Ana Maria Menezes Rodrigues, Assessora da Fetag/MA, Técnica em agropecuária

Introdução

A história marcante de luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais maranhenses, coordenada pela FETAEMA[52], Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura do Estado do Maranhão, é fruto das ações formativas que a permearam desde as décadas de sessenta e setenta do século passado, com relevante influência da Igreja Católica. É importante esclarecer que o MSTTR sempre teve espaços próprios de formação, os quais, até a década de 70, eram financiados pelo Ministério do Trabalho.

A partir da década de 80, graças à atuação do setor da Igreja Católica, vinculado à Teologia da Libertação, por meio das Comunidades Eclesiais de Base, Animação dos Cristãos no meio Rural e Movimento de Evangelização Rural, foi criada a Escola de Formação de Militantes, com três núcleos no estado.

Essa Escola era dirigida por militantes e financiada pela Cáritas e outras organizações, normalmente estrangeiras, vinculadas à Igreja Católica. Vale ressaltar que inexistia uma política de formação consolidada; o que se fazia era discutir temas específicos como: democracia; reforma agrária; novo sindicalismo; sindicato como instrumento de luta pela reforma agrária, entre outros. À época, grandes encontros de lavradores/as eram realizados, focados na formação de militantes, porém esses eventos aconteciam fora dos Sindicatos.

O marco da retomada da política de formação genuinamente protagonizada pelo MSTTR, com grande repercussão na organização e formação sindical praticadas no Maranhão, foi o I ENAFOR, realizado em 2005. Nele, o conjunto dos trabalhadores e trabalhadoras rurais assumiu o compromisso e a missão de criar uma Escola Nacional de Formação Político-Sindical do MSTTR, que fosse orientada por uma Política Nacional de Formação, PNF, e por um Projeto Político Pedagógico, PPP. Esse foi, também no âmbito estadual, o marco deste novo modo de realizar uma formação político-sindical, alicerçada na emancipação dos sujeitos e centrada no fortalecimento do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário.

Seguindo a matriz pedagógica do I ENAFOR, bem como as diretrizes da PNF e do PPP, realizou-se no Maranhão, no ano de 2007, o I Encontro Estadual de

[52] Doravante Fetaema

Formação Sindical[53], denominado EMAFOR, com o tema Formação como Estratégia de Fortalecimento da Estrutura Sindical e objetivo de diagnosticar, avaliar e propor rumos para formação político-sindical do MSTTR no estado.

Saliente-se que, até então, inexistia no estado uma política de formação sistemática e contínua dos dirigentes, dos assessores/as e da base. A formação político-sindical era, então, extremamente dispendiosa e pouco abrangente, do ponto de vista quantitativo, porque, via de regra, os eventos concentravam-se em Brasília, fato que restringia a participação.

O EMAFOR foi coordenado pela I Turma de Educadores e Educadoras Populares, formados e em formação pela Enfoc, no âmbito nacional e regional, a qual contava com 12 representantes, dentre estes três assessores/as. Esta ação impulsionou, no estado, um maior compromisso com o processo de constituição de uma Escola Estadual de Formação.

Durante a realização do I EMAFOR, o Maranhão elaborou um diagnóstico da formação sindical no estado, definiu estratégias para custeio das ações formativas, orientou pela estruturação de espaço próprio para realização permanente e articulada dos cursos de formação e a importância da constituição de parcerias e definição do público a ser investido inicialmente.

Trilhando o itinerário da Escola e após a formação da I Turma Regional Nordeste em 2008, os educadores uniram-se na construção e realização de oficinas de autoformação que precederam cada módulo do Curso de Multiplicação Criativa.

A I Turma Estadual foi formada em 2009 e contou com a participação de 45 (quarenta e cinco) pessoas, entre dirigentes, assessores e assessoras sindicais, provenientes dos nove Polos Sindicais Regionais da Fetaema, quais sejam: Alto Turí, Baixada Oriental, Baixada Maranhense, Baixo Parnaíba, Cocais, Pindaré, Mearim, Tocantina e Sul. Do total de participantes, 38 (trinta e oito) lograram se formar.

É válido destacar que o Curso de Multiplicação Criativa orientou-se pela matriz pedagógica do curso nacional, respeitando as peculiaridades do estado, as quais estiveram também presentes na grade e temáticas desenvolvidas durante o curso. Esse fato permite que os educadores/as possam valorizar, na prática, o domínio dos conteúdos abordados nos espaços nacional e regional, além de possibilitar aos educandos/as da turma estadual o conhecimento de temas e questões relevantes ao sindicalismo e ao cotidiano do MSTTR.

Após a realização de cada módulo, os educandos/as recebem tarefas para serem cumpridas na própria comunidade, chamadas de tarefas intermódulos. Nesse contexto, sempre foram atribuídas atividades que dialogassem com a prática sindical, sendo destaque, como primeira tarefa, o levantamento de dados e construção da história do sindicato de origem, o que gerou na turma um maior comprometimento com o curso e aproximação com a luta sindical.

Duas outras tarefas também reforçaram a proposta de mudança que a Escola se propõe; a primeira foi uma pesquisa sobre a realidade e prática das delegacias sindicais e, por último, os GES.

Após a realização do I Curso Estadual de Multiplicação Criativa, os educadores/as promoveram, em cada Polo Sindical Regional, três encontros dos Grupos de Estudos Sindicais, os quais inicialmente foram chamados de “GES REGIONAL”.

Dentre os participantes do GES Regional, foram escolhidos integrantes da II Turma Estadual de

[53] Doravante I EMAFOR.

Multiplicação Criativa, sendo o curso realizado no ano de 2010, com um total de 51 formandos. O grande diferencial dessa turma foi a familiaridade com as temáticas abordadas, já introduzidas na fase de GES, promovendo maior comprometimento com a proposta política da Enfoc.

Ainda em 2010, o Maranhão realizou o II EMAFOR, que reuniu todos os educadores e educadoras já formados/as nos cursos nacional e regional, bem como nos espaços de multiplicação criativa no estado. Esse encontro se propôs a aprofundar os debates e compreensões sobre PNF e PPP, sistematização, GES, Rede de Educadores e Educadoras do MSTTR e criar estratégias para criação da Escola Estadual de Formação Sindical.

Os objetivos desse encontro foram: fortalecer o compromisso dos educadores e educadoras formados nos cursos estaduais com a criação dos GES; refletir e articular as práticas formativas desenvolvidas pela Federação por meio das diversas secretarias; e avaliar a eficácia da formação desenvolvida em nível estadual na ação político-sindical dos dirigentes;

O tema "sistematização" foi aprofundado numa oficina específica durante o II EMAFOR. A perspectiva era provocar maior comprometimento dos educadores e educadoras com o processo de sistematização das práticas formativas, além de colher sentimentos, percepções e desafios acerca de realizar a sistematização na prática.

Como resultado desse processo, foram feitas intervenções muito significativas, no tocante à importância da sistematização e relevância do GES, como é possível observar nas palavras dos envolvidos:

> Essa formação veio no momento certo. O nosso grande problema é sistematizar essa experiência, organizar as ideias e mudanças a partir daqui (Educador 1).

> Nós, que passamos pelos Grupos Regionais de GES, estamos preparados para sair daqui e criar GES (Educador 2).

> O MSTTR sempre teve escola (formação), mas não com essa cara e essa qualidade. Uma coisa é ser sindicalista e outra é ser dirigente. Para nós, hoje, é um desafio sonhar que o nosso projeto vai acontecer e o GES é um instrumento (Educadora 1).

> A sistematização é fundamental para o registro histórico da nossa caminhada, porque sem memória a gente não consegue construir o futuro (Educadora 2).

> A minha participação nos curso de formação está fazendo com que eu seja mais respeitada como dirigente (Educadora 3).

> Para ver o motivo de tanta dificuldade em criar GES nos nossos municípios é só analisar a prática de alguns sindicatos. Se existem dirigentes que passam anos sem andar numa comunidade, ele vai ter vontade política de criar GES? A acomodação de certos dirigentes em se relacionar com a base é um entrave (Educador 3).

> A participação nos cursos e no EMAFOR está me fazendo mudar a forma de ser dirigente (Educador 4).

GES no Maranhão – desafios, iniciativas e caminhos

As vivências da 1ª Turma Estadual evidenciaram a necessidade de seus integrantes dialogarem com o conjunto dos dirigentes sindicais do estado e de inseri-los no processo formativo. Esta se tornou uma estratégia para transformar medos, concepções distorcidas e resistências, que grande parte nutria em relação à Política Nacional de Formação, em combustível para fazer o processo em curso avançar de maneira mais ágil, abrangente e impactante na ação e organização sindical. Desencadeou-se, assim, o processo de criação dos GES regionais.

Antes de adentrar propriamente na criação de GES, é importante contextualizar como o estado recebeu e se posicionou diante desse desafio.

O Maranhão, como já dito, participou desde o início da proposta de implementação de GES, percebendo essa estratégia como uma forma de ampliar o alcance da PNF junto à base do MSTTR.

É válido destacar que o primeiro desafio para criação de GES nasceu como tarefa intermódulo da 1ª Turma Nacional da Enfoc no ano de 2006, a qual se renovou, durante o Primeiro Curso Regional Nordeste. Entretanto, embora envolvido com a proposta, na prática, o Maranhão não constituiu nenhum grupo durante esses dois cursos citados, pois o grupo de educadores/ras considerava que vários questionamentos, tais como temas, materiais, acompanhamento, relação do grupo com o MSTTR, precisariam ser politicamente definidos.

Outro fator relevante era definir como se daria a participação do STTR local, no sentido de compreender e assumir essa proposta. Para nós, não bastava criar o grupo, era preciso ter uma conexão, uma espécie de vínculo do GES com a organização e estrutura sindical.

Durante o I Curso Estadual de Multiplicação Criativa, realizado em 2009, o desafio renasce e, dessa vez, foi decidida a realização de uma oficina específica para discutir a criação dos GES no estado. Realizada em 2009, ela apontou para necessidade de inicialmente se criar GES, tendo como referência os Polos Sindicais Regionais, sendo que cada grupo seria animado pelos educadores/as que concluíram o curso estadual.

Foram criados oito grupos regionais, com participação de um dirigente por sindicato que integrava o polo sindical. Cada grupo reuniu-se no mínimo três vezes para debater temas como história do MSTTR, PADRSS e uma terceira temática de acordo com a aptidão de cada grupo. Nessa etapa, conseguimos envolver em média 200 lideranças sindicais. Cada participante do GES regional, então, assumiu o compromisso de criar

um novo grupo, dessa vez diretamente na base, para divulgar a PNF e outras temáticas ligadas ao cotidiano sindical e interesses da agricultura familiar.

Outro compromisso firmado, que é destaque nessa proposta, foi que esses espaços de formação serviriam como um processo de animação e preparação para definir critérios de escolha para a Segunda Turma Estadual de Multiplicação Criativa. Certamente foi um dos maiores acertos nessa trajetória, pois, além de ampliarmos a ação formativa chegando direto à base, construímos uma identidade com o GES e com a Escola de Formação.

Dessa forma, após a realização do I Curso de Multiplicação Criativa, tivemos oito grupos regionais e cerca de 30 GES nas bases, envolvendo lideranças, delegados/as sindicais e trabalhadores/as associados/as ou não.

O ciclo de GES está em constante processo de realimentação, pois a primeira turma continua com o compromisso de ampliar os GES direto na base, e a segunda, com a criação de mais 09 grupos regionais, os quais indicarão quem integrará a Terceira Turma Estadual.

Durante esse processo de construção, houve um desencontro da proposta do estado com a proposta nacional, pois, desde o início, a ideia para os GES era promover exclusivamente o envolvimento da base, realizando ações diretamente nas comunidades, assentamentos ou povoados.

O conflito girava em torno da denominação, pois, para o Maranhão, o espaço regional era GES. Entretanto, não atendia a proposta pensada na PNF, que era fazer a formação chegar direto à base sindical. Tal conflito foi resolvido durante o II EMAFOR, realizado em 2010, quando foi adotado para o estado duas estratégias:

- Espaço 1: "animadores de GES" que são os grupos regionais, com um participante por sindicato, que indica os participantes para os cursos de multiplicação criativa e cria um novo grupo no município;
- Espaço 2: "GES" realizado com lideranças, dirigentes e trabalhadores/as da base sindical.

Todos os que participam desses espaços assumem compromisso com a criação de um novo grupo no âmbito local. Dessa forma, a cada ciclo de estudos, temos tantos novos GES quanto o número de participantes.

Equipe pedagógica e Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc no Maranhão

Durante o II EMAFOR, foi promovido um debate sobre a constituição de uma equipe político-pedagógica e uma Rede de Educadores e Educadoras do MSTTR. Os debates consolidaram o projeto de criação de uma Escola Estadual de Formação Sindical, que adotasse as diretrizes da PNF, mas com identidade própria e estrutura permanente. Visando a avançar no processo de constituição da Escola Estadual, foi apontada como estratégia a criação de uma equipe político-pedagógica, composta por dirigentes e assessores/as, para pensar e encaminhar as demandas relacionadas à criação.

Essa equipe favorecerá o diálogo interno, integração das ações e o compromisso das diversas secretarias com a política de formação, pois é preciso definir como se dará o funcionamento da Escola, bem como os responsáveis pela sua gestão. Não se tem ainda uma proposta consolidada de Rede de Educadores e Educadoras no estado, mas o EMAFOR, ao propiciar o debate, já aponta para o caminho do reconhecimento da importância de não se perder os laços criados durante esse processo de formação da

Enfoc. Além disso, é preciso considerar o potencial já disponível, diante do número de educadores/as formados pela Enfoc nos espaços nacional, regional e estadual.

Assim, definiu-se pela necessidade de construir espaços permanentes de aproximação dos educadores, tanto nas regiões sindicais, como nos encontros de âmbito estadual. Além da otimização do espaço virtual, já criado anteriormente, onde os educadores possam continuar trocando experiências e se informando das ações que estão sendo realizadas na base.

Por fim, outra forma encontrada para manter a identidade e integração da Rede foi o intercâmbio, pelo qual a troca de vivências já vem sendo adotada pelos educadores/as durante os encontros dos GES. Dessa forma, estamos caminhando rumo à constituição de uma Escola Estadual de Formação Político-Sindical no Maranhão e a consolidação de uma Rede Estadual de Educadores e Educadoras do MSTTR.

Considerações finais

A trajetória aqui demonstrada coloca o Maranhão numa posição de avanço em relação à formação político-sindical articulada com a PNF do MSTTR, mas ainda é preciso lutar pela criação e consolidação de uma Escola Estadual de Formação, funcionando de forma articulada e permanente.

A Rede de Educadores e Educadoras, também em fase de consolidação, deve ser estimulada cotidianamente, por meio de ações, encontros e revitalização dos compromissos assumidos durante os processos formativos desenvolvidos nos cursos da Enfoc.

O GES, tanto no espaço "animadores de GES" como no "GES de base", já é realidade, expandindo-se numa proporção cada vez maior. O GES aproxima os sujeitos da luta sindical, do projeto político e dos princípios defendidos pela PNF. Assim, acredita-se estar no caminho certo, construindo, através dessas mais diversas formas de fazer formação, um jeito de transformar realidades e emancipar sujeitos.

FORTALECENDO A ESTRATÉGIA FORMATIVA DA ENFOC COM A CRIAÇÃO DA EQUIPE PEDAGÓGICA NO CEARÁ

Emanuel Barreto de Oliveira (Manu)

Assessor da Secretaria de Juventude da Fetraece, Licenciatura em Filosofia e História

Maria Rosa de Sousa Rodrigues

Assessora da Fetraece, Técnica em Fruticultura

Introdução

Iniciamos, no final da década de 90, a implementação do projeto de formação para trabalhadores e trabalhadoras rurais. O ambiente na Federação era de muita expectativa em relação à proposta pedagógica e metodológica, pois tínhamos em nossas mãos a possibilidade de construir e implementar uma política estadual de formação.

Até o momento, o que existia na área de formação no MSTTR no estado do Ceará eram focos de experiências. Algumas bem sucedidas, a exemplo das escolinhas sindicais, localizadas na região de Crateus. A ideia era ter um projeto que conseguisse responder à demanda existente no movimento sindical em todo o estado.

Em 1998, o projeto tinha como proposta conteúdo e metodologia que articulavam, de forma dialética, os diversos temas de trabalho do MSTTR e suas diferentes instâncias organizativas.

Partíamos da compreensão de que era necessário ampliar a capacidade de análise do Movimento Sindical. Algo que só teria sentido se devidamente colado aos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora e que, consequentemente, conduzisse ao desenvolvimento de ações e práticas transformadoras.

Foi em meio às incertezas do fazer formativo e à convicção da necessidade de um espaço formativo que considerasse as pessoas nas suas mais diversas especificidades que foi concebido o Projeto "Raizes – Cidadania e Desenvolvimento para o Campo".

A proposta do projeto foi levar para a base sindical uma discussão político-ideológica que oportunizasse aos sujeitos uma visão mais crítica sobre o espaço rural e sindical. Podemos afirmar que nossa experiência formativa contribuiu para dialogar e construir os passos que levaram à Política Nacional de Formação. Foi alicerçado na nossa vivência formativa e nos aprendizados "degustados e aceitos" pela Enfoc, o que nos permitiu fazer algumas descobertas. O processo nos mostrou os passos que precisavam ser dados.

A Enfoc tem uma vida, porque as pessoas se permitiram o envolvimento, a imersão. Nada aconteceu sem a permissão dos sujeitos. A partir de tudo isso, fomos aprendendo que algumas mudanças se faziam necessárias. A dinâmica da nossa prática foi ganhando novas formas, novos desenhos, novas cores, isto se evidencia a partir da nossa prática pedagógico-metodológica, recheada de

dinâmica e alegria. Algo na vida das pessoas havia acontecido, por isso a frase anunciada por todos e todas: “Minha vida não é mais a mesma depois que estive na Escola”.

A partir desse mundo diferente e de várias possibilidades, criamos e recriamos formas e jeitos bem particulares e específicos de fazermos formação e ação político-sindical. Cada estado fez um caminho, mas todos levaram para o mesmo lugar ideológico. O lugar onde todas as pessoas são bem-vidas, acolhidas. Onde os saberes se completam, se ajudam, as relações de poder são móveis e as decisões compartilhadas. Onde todas as pessoas são vistas como gente importante, essenciais. Esse é nosso jeito de fazer Escola, porque nosso investimento político-ideológico é no ser humano, propondo e trabalhando, desde seu cotidiano, sua transformação e emancipação.

O estado do Ceará vem seguindo esse caminho, construindo coletivamente as estratégias que nos levem ao encontro da base sindical. São esses sujeitos que pretendemos e vamos conseguir, oportunizando que se embriaguem com o gosto da formação. São eles que irão, a partir da formação, desenhar um mundo diferente que começa na comunidade rural, no assentamento e nos vários lugares onde eles estão presentes. Para tanto, precisamos continuar a construir na Federação os jeitos pedagógicos/metodológicos de formar, constituir equipes e desenhar as estratégias que nos conduzem ao lugar da transformação política.

Equipe pedagógica

O desenho da equipe pedagógica no estado se deu em função da participação do conjunto da assessoria no processo formativo da Enfoc. Esta composição foi consequência. A criação dela foi uma decisão política a partir da compreensão e necessidade de uma ação pontual. No entanto, é válido ressaltar que esta equipe foi, aos poucos, percebendo a importância da articulação dos processos formativos e criando vida e a própria dinâmica do MSTTR reafirmou sua continuidade. Em consequência disso, e considerando a movimentação intensa de demanda decorrente do planejamento estratégico e anual da Federação, a equipe criou uma sintonia e o entendimento que o fazer coletivo resulta numa ação mais forte e qualificada. Assim sendo, transformou-se em prática a ação, pois intencionada e refletida, e o fazer em produção coletiva.

Dar vida à equipe pedagógica não é fácil, simples. Exige que as pessoas tenham, minimamente, algo parecido, semelhante, com espírito de militância e uma prática em torno da qual construir convergências é enfrentar as diferenças e os conflitos decorrentes. Porque o ato de fazer coletivo nem sempre é espontâneo, e requer dos envolvidos entrega, dedicação, aceitação, críticas. A equipe aprende a cada fazer, pois as várias mãos têm ritmos e jeitos diferentes.

Ser grupo é ter um olhar diferente, é aceitar que minha ideia não foi aceita naquele momento não por não ser boa, e sim, porque ela não cabe para o feito que se pretende. As várias ideias, proposições daqueles que são parte da equipe precisam ser acolhidas e dialogadas por todos. As decisões e encaminhamentos precisam ter o caráter e a responsabilidade coletiva.

Esse exercício de fazer coletivo precisa ser mais intensificado no conjunto do MSTTR. Na dinâmica da escola, não cabe mais o “eu fiz”, a construção coletiva foi algo semeado pela escola e disseminado sobre todos aqueles que acolherem a arte do aprender-ensinar-aprender.

A Fetraece vem exercitando, praticando o fazer coletivo. A resposta de tudo isso se encontra na nossa escrita, no nosso fazer, nos vários momentos de conversas, planejamentos, encontros, seminários, cursos, etc. Estamos aprendendo todos os dias que algo feito por várias mãos tem um significado e um resultado

diferente, proveitoso. A Enfoc foi, sem dúvida, o lugar que mais nos estimulou a esta prática.

Rede de Educadores e Educadoras

Os educadores e educadoras vêm de um processo histórico cheio de acontecimentos e recheado de diálogo político, reflexões, afirmações, criação e recriação que permite contribuir para a formação sindical. Aprendemos com a nossa militância, nos diversos lugares onde estivemos, que a formação deve ser vista como um processo contínuo de ação-reflexão-ação que estimule a mudança em nós e nos demais sujeitos envolvidos no processo com quem construímos coletivamente.

A caminhada formativa foi determinante na vida dos assessores e assessoras, pelos menos para aqueles e aquelas que se deixaram seduzir pelo "charme" da Escola. Os assessores e assessoras, agora também educadores e educadoras, deixaram-se ser conduzidos pelos ensinamentos e orientações preconizados pela Escola de formação.

Passar pelo processo formativo da Enfoc não significa que você é um nó na Rede de Educadores/as. Ser parte de tudo isso requer entrega, imersão e ajuda na implementação das estratégias definidas.

Assim como ser parte da Rede requer entrega das pessoas, o MSTTR também precisa propiciar momentos que aprofundem o estudo e a reflexão que vão fortalecer a Rede e elevar a competência dos

educadores/as e militância. As Federações, assim como a Contag, por meio da Escola nos vários lugares onde acontece o processo formativo, têm que investir mais nessas pessoas, criando momentos de reflexão e aprofundamento sobre a importância e necessidade de termos uma Rede de Educadores/as que alimente e dê continuidade ao investimento na formação político-sindical.

O desafio está posto, compete ao conjunto do MSTTR fazer florescer a semente que foi semeada em solo fértil.

Multiplicação criativa

O curso estadual foi alicerçado pelas lições e aprendizados acumulados ao longo de nossa história formativa. Não podemos dizer que "inventamos a roda" ao realizarmos a multiplicação criativa, assim como não podemos negar que a experiência absorvida na Enfoc foi fundamental para "reanimar nosso ânimo" e dar novo rumo à caminhada formativa.

A escola de formação político-sindical nos mostrou um novo jeito de fazer formação. O que nos orientou à construção e ao desenho do momento foi o olhar coletivo que fizemos para os sujeitos envolvidos no processo. Este foi o cuidado que a Rede de Educadores/as teve ao pensar, dialogar e esboçar cada passo.

Antes, porém, revisitamos o primeiro Itinerário Formativo, observando as particularidades vivenciadas e percebidas nos cursos e oficinas nacional e regional. Foi com esse cuidado e considerando a dimensão da Política Nacional de Formação do MSTTR que nos debruçamos e construímos cada módulo do Curso Estadual de Multiplicação Criativa.

Pensar cada momento significou, inicialmente, olharmos para nós. Afinal, também estivemos nesta condição de educando/a. Daí algumas perguntas vieram para o espaço de diálogo. O que gostaríamos de aprofundar? Que olhar faremos às pessoas envolvidas? Que músicas, poesias, mensagens, ludicidade agregaríamos mais ao curso? Dentre as várias interrogações, estas foram as que mais perseguimos para construir o melhor de nós para os outros.

Nesses três módulos, o curso teve como objetivo viabilizar a formação de militantes do MSTTR do estado do Ceará, de modo a aprimorar sua capacidade multiplicadora criativa e potencializar a ação formativa em suas áreas de atuação.

Os momentos místicos foram importantes porque incentivaram os participantes a sentirem-se mais à vontade para falar, externar sentimentos, libertar-se das amarras, da timidez e do medo.

Fizemos uso de diferentes técnicas participativas a exemplo da mandala, ciranda, janela da memória, mosaico, teatro, oficinas metodológicas. Tudo isso para que os educandos/as pudessem expressar seu olhar e compreensão sobre os conteúdos trabalhados.

As técnicas participativas permitem a imersão e a compreensão que eles são corresponsáveis pelo curso. Assim, partindo deste entendimento, criamos as comissões de trabalho para dar melhor andamento à dinâmica do curso. As equipes ficaram assim distribuídas: animação e mística; relatoria e sistematização; organização e avaliação. Assumindo estas responsabilidades, os educandos/as sentiam-se mais envolvidos e os momentos fluíram com mais clareza e tranquilidade.

As tarefas intermodulares foram outro momento avaliado pelo grupo de aprendizagem, pois estas exigiam leituras, pesquisas, visitas aos sindicatos, à história do Movimento sindical. Eles tiveram a oportunidade de conhecer sujeitos protagonistas do

MSTTR numa época e contexto diferentes. Foram histórias contadas por quem fez a história.
Está claro que, a partir da Política Nacional de Formação, encontramos um novo jeito de fazer Escola. Esta afirmação se materializou nos cursos ofertados pela Enfoc. O Curso de Multiplicação Criativa não foi diferente. Aqui, os participantes perceberam que é possível promover uma formação que mexe com as pessoas, que toca de alguma forma a vida delas. A concepção, os feitos metodológicos estimulam a participação, o envolvimento, a imersão. A alegria contida nas músicas, as lições de vida escritas nas mensagens, os ensinamentos trazidos pelas experiências vivas são elementos que enriquecem a vida. Eles motivaram os participantes a fazer a reflexão sobre sua ação e prática sindical.

O espaço da multiplicação criativa permite às pessoas revisitar sua história de vida, sua prática sindical. Essa imersão estimula a reflexão, traz fragmentos da história que eles/as querem socializar.

> Quando veio a pergunta: quem é você? Me lembrei de 10 anos atrás e eu estava em casa, e ouvi dizer que fora do Nordeste é que era bom. Saí mundo a fora e, depois de conhecer muito a vida aí fora, percebi que o melhor lugar para morar é o lugar em que a gente é feliz e este lugar é aqui (Educando 1).

Os sentimentos são externados à medida que compreendem que estão em um espaço diferente, inovador.

> Quero complementar dizendo o seguinte: a Fetraece, nesse caso, aqui, nós somos a semente, a ENFOC é o sol que irá fazer com que cresçamos. Me sinto nesse momento um multiplicador, gostaria que todo mundo tivesse esse pensamento, que fosse multiplicador e que levasse para as nossas bases o que a ENFOC irá nos ensinar nesses cinco dias de curso (Educando 2).

> O verdadeiro papel social da Enfoc é despertar a necessidade dessa integração coletiva, abrangendo todas as raças, cores, etnias, religiões, culturas. Oportunidade igual para um mundo desigual (Educando 3).

Sabemos que, para continuar acertando o caminho, exige -se rever os passos dados, encontrar coletivamente uma sintonia, reavaliar, reescrever, montar e desmontar vários "quebra-cabeças". Mas sabemos que estamos na trilha certa. E esta trilha está nos levando a várias descobertas e a pensar outras tantas possibilidades. A escola está, aos poucos, cumprindo seu papel, criando as veredas que nos levam ao encontro da formação na base.

Estratégia de formação na base

Estamos vivendo um momento de efervescência formativa. Este jeito diferente de fazer formação nos oportunizou vários ensinamentos. A começar da proposta formativa da Escola e da história específica de organização e fortalecimento do MSTTR no Ceará, que teve a formação como lugar estratégico, a Fetraece tem investido na formação de base com muita força. Nossa história é marcada pela formação na base, as escolinhas sindicais são prova viva que investir na formação é o melhor e mais acertado caminho para termos, no conjunto do Movimento sindical, lideranças fortes e militantes entregues à causa.

Os focos de formação na base sindical do Ceará são diversos. Cada lugar tem sua vida e dinâmica próprias. As mulheres, a juventude, os grupos mistos são lugares de investimento formativo que têm trazido saldos qualitativos para o conjunto do movimento. Podemos aqui citar os vários GES, o Programa Jovem Saber, as escolinhas sindicais e tantos outros lugares que se organizam, buscando no

diálogo, na conversa coletiva meios que fortaleçam o espírito comunitário em seus mais diversos lugares.

Ter vários grupos em vários lugares nos desafia a construir uma estratégia que articule os focos formativos. Nossos passos precisam ser direcionados para a construção de um caminho que faça com que as pessoas se encontrem e troquem as experiências vividas. Precisamos promover espaços que estimulem a prática do encontro, da troca. A ação formativa não é algo solitário, os grupos precisam saber e ter a segurança de que não estão sozinhos nessa caminhada.

Como consequência desse investimento, a Fetraece tem promovido encontros regionais e estadual, e orienta os sindicatos a seguir a mesma trilha. São nesses lugares que as pessoas se encontram, revisitam suas histórias e aprofundam temas pertinentes ao universo sindical. É assim que os grupos vêm reafirmando que o chão pisado é firme e que o caminho escolhido é acertado.

Referências da Singularidade

CAPRA, Fritjop. As conexões ocultas. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2002.

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA DO ESTADO DO PIAUÍ. Construindo cidadania por um desenvolvimento rural sustentável e solidário. *ANAIS* do 4º Congresso de Trabalhadores/as Rurais da FETAG/PI, 2006, p. 24-27. Teresina: FETAG/PI, 2006.

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA DO ESTADO DE PERNAMBUCO – FETAPE. Equipe operativa. *Relatório do II Curso Estadual 2009-2010.* Disponível em: http://www.fetape.org.br/index.php. Acesso em: 20 jul. 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido.* 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia:* Diálogo e Conflito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

HOLIDAY, Oscar Jara. *Para Sistematizar Experiências.* 2. ed. Trad. Viviana V. Resende. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006. (Série Monitoramento e Avaliação).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Perfil dos estados. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pe Acesso em: 23 jul. 2011.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier e LIMA, Joselita Ferreira de. *A Dimensão Educativa da Mística na Luta Política do Movimento dos Sem Terra – MST.* Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, João Pessoa, 2003.

MAIA, C.; LOPES, M. F. As desigualdades de gênero no contexto do desenvolvimento humano. In: *Revista Unimontes Científica*, Montes Claros, v. 1, Nº. 1, mar/2001, p. 75-87.

SIEBERT, Célia. *Geografia de Pernambuco.* São Paulo: FTD, 2001.

MATRIZ PEDAGÓGICA

ENSINAR APRENDENDO E APRENDER ENSINANDO: O CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL EM MINAS GERAIS CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL EM SÃO PAULO: SUPERANDO DESAFIOS **ENSINAR APRENDENDO E APRENDER ENSINANDO: O CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL EM MINAS GERAIS** CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL EM SÃO PAULO: SUPERANDO DESAFIOS **ENSINAR APRENDENDO E APRENDER ENSINANDO: O CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL EM MINAS GERAIS** CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL EM SÃO PAULO: SUPERANDO DESAFIOS **ENSINAR APRENDENDO E APRENDER ENSINANDO: O CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL EM MINAS GERAIS** CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL EM SÃO PAULO: SUPERANDO DESAFIOS **ENSINAR APRENDENDO E APRENDER ENSINANDO: O CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL EM MINAS GERAIS** CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL EM SÃO PAULO: SUPERANDO DESAFIOS **ENSINAR APRENDENDO E APRENDER ENSINANDO: O CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL EM**

ENSINAR APRENDENDO E APRENDER ENSINANDO:O CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL EM MINAS GERAIS

Maria Alves de Souza

Trabalhadora Rural, Quilombola, Coordenadora de Juventude e Educação da Fetaemg e Educadora Popular, Serviço Social

Introdução

A Fetaemg foi fundada em 27 de abril de 1968, com a missão de representar os interesses da categoria trabalhadora rural de Minas Gerais. Atualmente é organizada em 12 polos regionais e desenvolve ações voltadas para acampados e assentados da reforma agrária, agricultores familiares, assalariados rurais, meeiros, arrendatários, mulheres, jovens e pessoas da terceira idade, totalizando mais de um milhão de trabalhadores e trabalhadoras rurais associados.

Todas as ações da Fetaemg são orientadas pelo PADRSS e atualmente tem viabilizado, no espaço institucional, momentos de autorreflexão da prática sindical de modo a articular e manter um processo de formação político e sindical permanente que agrega o conjunto das ações formativas do MSTTR, a partir da proposta pedagógica da Enfoc. A 2ª Turma do Curso Estadual proporcionou a realização de atividades educativas envolvendo participantes das turmas anteriores, pondo em diálogo todas as pessoas que fizeram cursos na Escola. Essa foi uma definição da 2ª turma, para garantir que houvesse elo entre as turmas, assegurando a interação e a relação no trabalho de construção do conhecimento e na criação dos GES, sem prejuízo às demais ações da Federação.

Os educadores/as da 2° turma da Enfoc em Minas Gerais, durante o período de realização dos módulos estaduais, debateram sobre o funcionamento e organização dos GES no estado. Perceberam que naquele momento ainda não havia GES algum funcionando e passaram a aprofundar o debate, a fim de garantir a constituição desses grupos e consolidar um processo de formação dinâmico e contínuo pós-curso.

Apontamos que, para minimizar os desafios mencionados, teremos que articular um processo comunicativo entre os educandos/as para possibilitar a criação e a continuidade dos grupos e também conduzir a continuidade da proposta e a qualidade da formação desenvolvida pela Enfoc. Temos, em âmbito nacional, uma formação num nível de profundidade incomparável com o regional e o estadual. É importante que cada pessoa que participa dos espaços citados possa ter uma formação que contemple a singularidade de cada espaço, mas com o cuidado de que esses mantenham os princípios e orientações traçados na Enfoc.

Nesse sentido, após terminar o curso estadual, segunda turma, e avaliando alguns GES já existentes e outros que estavam em fase de criação, realizamos uma reunião sobre estes grupos, no dia 19 de março

de 2011, no STTR de Iapu, região do Rio Doce, com a participação da região de Montes Claros e Sul de Minas, e também com a participação da Federação. Tivemos um diálogo que reafirmou que precisamos avançar nas questões dos GES, mas de forma orientada e organizada, recriando caminhos e estratégias de atuação enquanto Rede, para possibilitar o acompanhamento dos GES e o seu fortalecimento, pois os mesmos seguirão a política da Enfoc/Contag.

O funcionamento da Rede estadual, como mecanismo para fomentar o processo de mudança na formação no estado, poderá animar as relações entre os educadores e educadoras da Enfoc. A manutenção da Rede é sobretudo uma ação que perpassa a Secretaria de Formação, ou seja, pessoas responsáveis para fomentar a Rede e assim garantir o diálogo entre seus membros, no sentido de se apoiarem para desenvolverem o trabalho de multiplicação criativa.

Definiram pela criação de um cadastro dos GES no estado, para viabilizar a identificação e monitoramento destes grupos, e assim estimular as demandas e possibilitar o processo contínuo de informação e diálogo na troca de experiências. Dentre os grupos, destacamos o do município de Cabo Verde, que funciona na comunidade, e a direção do STTR acompanha suas atividades fazendo palestras. Este mecanismo, também orienta a criação de GES, possibilita a ligação entre os processos nacional, estadual e municipal/comunitário, garantindo que todos os participantes destes grupos se sintam integrados ao conjunto das atividades da Enfoc. Além disso, um cadastro sobre os GES dará dimensão para a Contag/Federações da realidade, da amplitude que alcançam e assim pensar a partir da demanda e dos processos existentes.

> É uma experiência legal, mas é importante pensar nos STTRs que não têm essas condições, por isso acredito que estes devem ser acompanhados, mas precisam ser grupos contínuos. Às vezes as pessoas não são contra nossa proposta, elas apenas têm medo do que somos capazes de fazer (Educanda 1).
>
> Seria muito bom se conseguíssemos realizar um módulo regional por polo da Fetaemg, já que a Federação tem estrutura nas regiões do estado e assim poderíamos garantir um número maior de pessoas da região envolvidas e essas se comprometeriam em ajudar, articular, em seus municípios, com criação e funcionamento dos GES (Educador 1).

A reunião entre os educadores/as da mesma região com participação da Federação foi interessante, uma vez que possibilitou a articulação e a troca de experiências, com a discussão sobre criação de GES nos municípios. Houve a sugestão de que a Escola mantenha um jornal informativo com experiências dos grupos de estudos no estado, e também que cada GES faça uma seleção prévia dos destaques de seu grupo, assuntos ligados à pauta do MSTTR e envie para o Departamento de Formação e Organização Sindical da Fetaemg, com o objetivo de propor à direção que publique trimestralmente um informativo sobre os GES, bem como sobre a prática sindical no estado de Minas Gerais.

Os GES devem ser orientados a trabalhar com uma metodologia que tenha como princípios orientadores:

- Trabalhar a Política Nacional de Formação: O que é a escola, seus princípios e por que ela propõe a criação dos GES?
- A história do MSTTR;
- Dialogar sobre a relação entre as conquistas do MSTTR com o processo de desenvolvimento do país;
- Realidade do STTR;
- Seguir com outros temas a partir da realidade de cada grupo e com atividades de intercâmbio com outros GES.

Tais definições foram concebidas com o pensamento de que os GES precisam ser fomentados e este é um compromisso de cada educador/a que participa do Curso Estadual de Formação. A partir de então, todos passarão a se articular nos polos regionais da Federação, dando acompanhamento, providenciando material didático e financeiro, por meio do Departamento de Formação da Federação.

Entendemos que os GES sozinhos não terão vida longa, por isso terão necessidade de ser fomentados e os educandos/as e educadores/as compreenderem "por que" eles existem, e "qual" a proposta da Enfoc para eles, ou seja, grupos com identidade e com clareza de pertencimento construirão suas próprias estratégias de diálogo e intervenção na base e nos espaços políticos.

Construindo caminhos

A Rede de Educadores/as da Enfoc articula outra Rede, a de colaboradores/as, com aproximação das

Minas Gerais é uma das 27 unidades federativas do Brasil, a quarta maior em extensão territorial, 586.528 km^2, superior à França. Localiza-se no Sudeste e limita-se a sul e sudoeste com São Paulo, a oeste com o Mato Grosso do Sul e a noroeste com Goiás, incluindo uma pequena divisa com o Distrito Federal; a leste com o Espírito Santo, a sudeste com o Rio de Janeiro e a norte e nordeste com a Bahia.

Antes de se chamar Minas Gerais, o estado teve outros nomes como: "Campos de Cataguá", na época das Entradas e Bandeiras; "Minas Gerais dos Goitacazes", "Minas Gerais do Ouro Preto", "Capitania de Minas Gerais", "Província de Minas Gerais" e outros. O desbravamento da região teve início no século XVI, por bandeirantes paulistas que buscavam ouro e pedras preciosas no território da Capitania do Espírito Santo.

Minas se destaca pela grande plantação de café, cana-de-açúcar, produtos da agricultura familiar e produção de minérios, sendo espaço das principais ações de luta na organização sindical, e tendo o 2º e 3º sindicatos de trabalhadores rurais do país criados em seu território. Minas segue atualmente sediando a maior federação de trabalhadores rurais do sistema Contag, com 516 sindicatos filiados, uma direção de 20 diretores eleitos em congresso, mais uma coordenação de jovens eleita em plenária estadual e um corpo de assessoria técnica e jurídica, possibilitando condições à realização de grandes atividades.

universidades, no sentido de propiciar condições de diálogo entre o conhecimento dos trabalhadores e o da academia, visando dar mais harmonia e qualidade ao processo formativo, ampliando a capacitação de entender e interagir com o PADRSS e formulando as políticas públicas de interesse da categoria. Neste sentido, promove, juntamente com as entidades parceiras e apoiadores, a organização de jovens rurais, além de reforçar a política de formação de trabalhadores e trabalhadoras rurais, levando em conta as questões de gênero, geração de emprego e renda, afetividade, saúde, etnia, e a ética da solidariedade e reciprocidade.

A Enfoc visa capacitar lideranças, dirigentes e educadores/as do MSTTR para formar uma consciência crítica sobre a prática sindical. Evidencia a importância do processo de formação, que ocorre mediante a socialização de saberes e conhecimentos, intensificando o conhecimento com a base. Observar, organizar e sistematizar os gestos, os símbolos e as vivências fornecem elementos para aprofundar o diálogo e preservar os acontecimentos do MSTTR, favorecendo o processo formativo na base com as lideranças e dirigentes.

Resgatar momentos da história do MSTTR, propiciar condições necessárias para o direcionamento dos processos formativos e articular com capacidade de sensibilizar os educandos/as e aprender com a própria prática fortalece o processo de formação em Minas Gerais e implementa a estratégia advinda da Enfoc.

A Enfoc tem despertado para a importância de transformação da realidade, a partir de processos de formação política que estimule a emancipação de sujeitos, através da (re) significação da luta sindical, pela construção de uma sociedade igualitária, como proposto no PADRSS.

A experiência de formação da Enfoc aponta novo horizonte para as ações formativas do MSTTR. É que o Movimento precisava ressignificar também a formação em áreas temáticas. A sistematização se apresenta como uma estratégia pedagógica fundamental para assegurar que a história não se perca e para que a prática seja constantemente problematizada e, quando necessário, recriada.

Na história do MSTTR, a juventude sempre fez parte desde a criação da Contag e de algumas federações. Pessoas como Joaquim de Poté (Diretor da Fetaemg) e João Dalicio (Assessor Sindical), quando jovens foram protagonistas da luta sindical, criando sindicatos antes da Fetaemg estar constituída. No entanto, a pauta da juventude é bem recente na história do MSTTR, isso porque o movimento começou a discutir juventude como uma categoria organizada, dando visibilidade às necessidades e especificidades políticas, recentemente.

Foi com o governo Lula que a juventude conquistou um conselho nacional e uma secretaria nacional para construir políticas específicas destinadas ao segmento. É impossível negar que a juventude sempre esteve e é peça fundamental na história da sociedade e do MSTTR, pois é visível sua participação, muitas vezes majoritária, nas ações de massa como: Grito da Terra Brasil e Marcha das Margaridas. Contudo é bem diferente quando nos referimos aos conselhos da Contag e das Federações, pois estes são espaços dos quais a juventude ainda está distante. A juventude não está nas direções, uma situação que vem mudando, mas que ainda se põe como um grande desafio.

A juventude tem conquistado algumas políticas como: Pronaf Jovem, Nossa Primeira Terra, ProJovem Campo, Segundo Tempo que pontualmente têm atendido o campo. O Consórcio Social foi uma iniciativa importante e tem atualmente alguns espaços com Grupos de Trabalhos de Juventude dentro dos Territórios da Cidadania. O mais interessante é que a juventude se destaca em programas como Crédito Fundiário, que

atualmente representa mais de 40% dos beneficiários e no Pronaf-B é um público importante. Tem assumido, juntamente com os demais companheiros/as das federações, as questões referentes à Educação do Campo em especial nos cursos de Licenciatura, nos quais prevalece uma grande maioria de jovens. Como se vê, a juventude tem assumido grandes projetos e se comprometido com o fortalecimento da categoria.

É necessário que tudo isso seja registrado, para que a apropriação das experiências e das vivências dos sujeitos da formação possa integrar as estratégias políticas, garantindo a construção e reconstrução de espaços formativos que deem ênfase aos GES, para fortalecer a política de formação e a mudança da prática sindical.

É preciso assegurar tempos para encontros da Rede para fortalecer a equipe de sistematização, mantê-la em sintonia com o seu fortalecimento, a partir de um processo contínuo e dialógico ao longo de toda formação.

Nessa segunda turma, observa-se maior direcionamento da sistematização para a compreensão da prática educativa no estado, na sua contribuição para a mudança no espaço coletivo da ação sindical, com envolvimento de lideranças, dirigentes, funcionários e parceiros que integram o processo formativo. Estes têm suas vozes contempladas nas narrativas do processo de sistematização.

Uma Rede

Compreendemos, a partir da 2ª Turma Estadual de Formação, que a Rede é um espaço de interlocução entre passado, presente e futuro; que na atualidade

ainda não consegue agrupar todos os educadores/as do estado, como um espaço que garanta o fomento, crie estratégia e anime os processos educativos, e que lhe dê sequência e força no estado.

No entanto, observamos que é necessário promover uma articulação entre os educadores/as provenientes da primeira e segunda turmas, como também com as turmas que virão, para que todas dialoguem com as diversas experiências, aproximando os integrantes das diversas turmas. Percebemos ainda que vários educadores/as que fizeram os cursos regional e estadual da primeira turma não se encontram mais no espaço sindical.

Em termos objetivos, queremos consolidar uma Rede capaz de criar, potencializar, animar e articular, ou seja, fomentar os GES e os processos formativos dos polos sindicais, sem perder de vista a metodologia e os conteúdos da Escola e sem se perder frente aos conflitos internos. Queremos também usar a capacidade política e os espaços existentes para atuação enquanto rede dos mediadores de mudanças, cuidando para que sejam anunciadores de novas práticas. Isso é necessário para que as forças acumuladas no desenrolar da história se voltem para dentro e não para fora do Movimento, pois afinal não devemos cometer os mesmos equívocos dos que nos antecederam, mas aprender com os acertos e erros deles. Acreditamos com isso possibilitar uma Rede de educadores/as que crie mecanismos para permitir a vivência de uma nova sociabilidade.

> **Nova sociabilidade** - [...] Ciente da necessidade de contraponto a esse modelo, a perspectiva posta para a formação sindical realizada pela Enfoc é a de construir uma lógica favorável ao resgate da identidade de classe e à emancipação dos sujeitos, um convite ao encontro com os fundamentos da educação popular crítica e libertadora,com a intencionalidade de transformar a prática sindical.Vivenciar os princípios e a dimensão da "nova sociabilidade" é que orienta o PADRSS pela construção de um novo mundo (ENFOC,2010, p. 35).

Temos o entendimento da existência dos vários desafios que fazem parte da trajetória histórica do MSTTR, que implicam e criam novo saberes, conhecimentos e práticas transformadoras. Por outro lado, compreendemos que a Rede deve ser composta por pessoas que compreendem a importância de fazer transformação, independentemente das situações a que esteja exposta.

Acontecimentos e processos

A organização do curso estadual se deu a partir das oficinas de preparação realizadas antes de cada módulo, reunindo educandos/as dos cursos nacional e regional (Rede de Educadores/as), em uma dinâmica que ninguém pudesse sobrepor seu conhecimento ao outro de maneira que cada um, com seu jeito, contribuísse, garantindo assim a participação de toda a Rede. Pensávamos em cada momento do curso o que iríamos realizar, sentindo o desafio de garantir o envolvimento das pessoas de forma que alcançasse todos educandos/as. O apoio de duas colaboradoras (Janaína e Julia) que nos acompanharam na realização das oficinas, assumindo o compromisso e fazendo parte da equipe, possibilitou e contribuiu para o sucesso na realização dos módulos. "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém" (FREIRE, 1996, p. 12).

Nas oficinas eram construídas a matriz pedagógica e os cadernos de textos, um desafio que foi enfrentado com êxito, pois havia quem acreditasse que não daríamos conta de construir os tais cadernos, visto que não tínhamos assessoria de formação para apoiar e ajudar no trabalho e também não podíamos contar com ajuda de outras secretarias como as de Mulheres e Jovens, porque estas também não tinham assessoria. Mas conceber e realizar a partir de uma matriz pedagógica bem feita, com conteúdos que atendessem às expectativas dos educandos/as era o pensamento de cada um e os cadernos de textos também foram feitos com outros materiais de apoio, como: CDs, vídeos, mensagens, etc.

As oficinas foram realizadas nos seguintes períodos: a primeira, em maio; a segunda, em outubro e a terceira, em dezembro, com nove pessoas participando diretamente desse processo. A distribuição das tarefas para realização do trabalho durante cada módulo deu-se a partir das indicações da matriz pedagógica que envolveu três eixos temáticos: 1) Estado Sociedade e Ideologia; 2) História, Concepção, Estrutura e Prática sindical; 3) Desenvolvimento Rural, Sustentável e Solidário, além de oficinas. A matriz pedagógica orienta todo o processo formativo desde a construção coletiva entre os educandos/as e a Rede de Educadores/as, e foca na realidade do estado.

As visitas foram momentos interativos que desencadearam a autorreflexão e a reflexão sobre o conteúdo do curso e a relação desses com os objetos, espaços e lugares visitados, além de garantir entre os educandos/as condições de falar, avaliar, refletir sobre as vivências, como também possibilitar a interação entre as pessoas e a construção de laços de afetividade.

A seleção dos participantes para a turma estadual se deu com base no envolvolvimento das pessoas que estivessem no conjunto do MSTTR, que contribuíssem de alguma forma a longo prazo, ou seja, de garantir que as pessoas fossem ligadas diretamente às direções dos STTRs, Comissão de Jovens e Comissão de Mulheres e tivessem pretensão de atuar na base e nas regionais da Fetag, levando em conta que, na turma anterior, boa parte das pessoas que participaram do curso saíram do espaço sindical. Foram respeitadas as questões de gênero, geração e etnia, 75% jovens e 45% mulheres, que representaram as diversas regiões do estado.

O grupo tinha como objetivo garantir um processo formativo que envolvesse as pessoas de tal modo que elas voltassem de cada módulo com mais saudade do espaço de convivência e aprendizagem. Tivemos, como esperado, as lágrimas das pessoas que, ao se abraçarem, diziam sentir vontade de voltar, entretanto estavam acabando de se despedir e, segundo relatos, não foi diferente nos módulos seguintes. Podemos afirmar que a garra e a vontade de cada um gera determinação. É preciso querer ser militante para que o trabalho coletivo seja bem feito.

Tivemos muitos diretores de base e da direção da Federação participando, situação que possibilitou uma reflexão profunda sobre a nossa prática e atuação sindical no estado,e também sobre as avaliações das ações do MSTTR no estado. Esta participação desencadeou uma reflexão sobre o envolvimento de cada departamento da Federação no curso, pois estiveram presentes a partir de uma metodologia pensada para viabilizar esta presença; e observou-se que tivemos no primeiro módulo a participação mais intensa e efetiva de alguns diretores da Federação.

> Esta Escola nos traz um olhar crítico sobre o MSTTR (Educanda 2).

> A Escola me ofereceu os melhores momentos de minha vida, descobertas e valorização do eu para poder contribuir com o outro (Educanda 3).

Ao iniciar cada módulo, era debatida com os participantes a programação feita pela equipe pedagógica, educadores/as das etapas anteriores, e todos sugeriam acréscimo, quando achavam que era necessário, prevalecendo uma dinâmica na qual todos se sentiam parte do processo formativo. A Rede de Educadores/as convidou alguns palestrantes que "somaram" com a proposta pensada pela equipe, dentro da metodologia educativa que propõe a Enfoc (com base na PNF e no PPP).

> A Escola é um espaço que dá condição para podermos avaliar nossas atitudes (Educanda 4).

A metodologia utilizada nos mostrou a capacidade de articulação e novos horizontes para a vida do sindicalismo em Minas, como também possibilidades para o Brasil, com mecanismos simples, baseados em coletivos. Os sujeitos apontaram caminhos, contaram histórias e encantaram propondo ações, articulações e produtos de forma simples e atraente.

Nas atividades intermódulos, os educandos/as tiveram a oportunidades de descrever ações do seu sindicato, articulações políticas e perspectivas futuras.

No III módulo, foram envolvidos todos os departamentos da Federação, para viabilizar uma avaliação crítica do processo, a fim de conduzir para uma nova prática sindical no estado. Realizou-se também um passeio educativo na cidade de Ouro Preto, cidade histórica de Minas Gerais, e a cerimônia de formatura, que lidou com a ansiedade de todo o conjunto sindical, contou com a presença da Contag, por meio do diretor de Formação e Organização Sindical, o presidente da Fetaemg e outros diretores/as.

Uma nova percepção e um novo jeito de ser escola

Foi um momento grandioso o de ouvir cada pessoa expressar seus sentimentos, transmitir uma energia contagiante que possibilitava um novo sentimento que doía, apertava e transportava cada um numa viagem de desejos de mudança e de sonhos, vontade e esperança e de busca de uma nova sociabilidade "coletiva" na ação sindical.

Isso oportunizou os sujeitos a descobrirem sua própria história, se identificarem enquanto sujeitos mediadores e fomentadores de um dinamismo transformador da realidade. Mostrou que cada pessoa está aberta a mudanças e sensibilizada a participar de novas vivências e ser promotora de novas oportunidades, com sujeitos diversos, mas que também estes precisam ser informados e convencidos de que é preciso criar e eles são capazes de assumir o fazer.

A Enfoc estimula, orienta e constrói as condições para cada pessoa se envolver e se comprometer com a mudança. Deparamo-nos com sujeitos que viveram mais de 30 anos dentro do MSTTR e só a partir do curso estadual tiveram a percepção do que poderiam ter feito melhor, diferente e somado com outros sujeitos.

> A Enfoc foi a coisa mais gostosa de toda a minha vida (Educanda 5).

A proposta e visão ideológica trazidas pela Enfoc possibilitaram a reflexão da prática sindical no estado de Minas, garantindo mecanismo para a construção de um novo olhar sobre a formação sindical, oportunizando a autorreflexão, a descoberta de novas lideranças sindicais para recriar mecanismos e estratégias politicas a fim de atuar nos espaços políticos estaduais.

> A Enfoc é uma escola de vida, de compromisso e de oportunidade (Educanda 6).

Essa proposta construiu um espaço que deu oportunidade de expor pensamentos, anseios, demandas política e social contextualizadas. Uma dinâmica de percepção de coerência entre os módulos, como um trenzinho, onde cada vagão foi sendo preenchido a cada modulo, no qual cada educando colocava uma bagagem cheia de vontade própria, estimulando a interlocução coletiva do grupo. Entre um debate e outro, principalmente no I módulo, havia o objetivo de garantir que cada participante sentisse vontade de voltar ao próximo módulo e se visse como parte do grupo nas propostas e ações.

Eram realizadas dinâmicas de grupo, reflexões individuais, utilizando símbolos que sensibilizavam para a energia positiva do grupo, levando as pessoas a se identificarem como sujeitos e voltarem-se "para si", reencontrarem-se, se verem no outro. Imbuírem-se da capacidade de mudança a partir de si e do outro, não permanecerem do mesmo jeito, estagnadas. Estes momentos foram espaços abertos a cada pessoa, para se indignar, ser capaz, provocar seus parceiros e expor-se a grandes desafios. Os símbolos (bandeiras, corações, caixas de surpresas, vídeos, instrumentos e outros) utilizados nos módulos criaram uma energia positiva e contagiante entre os participantes, motivando as pessoas a se identificarem como sujeitos, se relacionarem, criarem e recriarem.

> Às vezes temos de usar nossa indignação e nossa esperança para construirmos uma realidade diferente: o diálogo sobre o "lugar escola", lugar de troca de experiências, de sonhos, desejos [...] Lugar de transformação política; é muito mais do que transmissão de conhecimentos. É feita de acreditar, de crenças: mudança, transformação, fazer diferente, provocar crítica ao movimento [...] As estruturas sindicais não existem sem as pessoas (sujeitos), portanto somos responsáveis pelo sucesso ou pelo fracasso dessas entidades (Educadora 1).

Com o processo de sistematização, delinearam-se caminhos para a aproximação dos quatro estados da região Sudeste, pois percebemos que somos uma grande potência regional, o que interfere nas decisões estaduais, interferem na troca de saberes, de vivências e conhecimentos. Cada conversa interestadual possibilitou novos horizontes, para melhor desenvolver e melhorar cada ação nos estados.

> Quando investimos no local em que estamos, avançamos e conseguimos atingir nossos objetivos (Educando 1).

A Escola foi, para cada um, lugar amplo que faz formação político-militante, que propõe transformação e mudança na atuação e prática sindical. Cada sujeito se apresentou da maneira como se via no meio em que atuava: ia tecendo a própria conscientização, entendida como Paulo Freire deixou escrito em seus livros. A cada etapa realizada, se reviveram os sonhos, as certezas, as incertezas e a vontade de mudança que renasce de forma avassaladora, mas vinha logo a compreensão da necessidade de reflexão. Como? O que está mudando em mim enquanto educador/a? Como vou fortalecer o espaço coletivo em que atuo?

Nessa lógica, cada um se percebeu enquanto Movimento. Suas atitudes e as novas ações a serem realizadas, sentindo que as transformações não ocorrem sem que cada um se envolva enquanto parte do conjunto. Como contribuir com o processo de mudanças, refletindo e reconstruindo ações, momentos e espaços, dialogando e propiciando parcerias e estratégias coletivas, revendo caminhos e respeitando sujeitos? Cada um viu a necessidade de usar os conhecimentos para fazer a mudança acontecer.

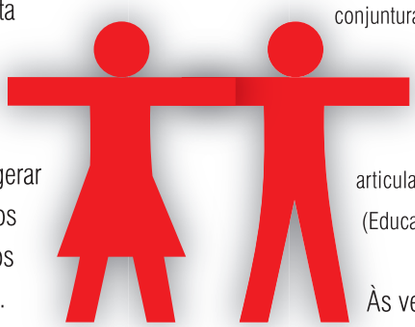
> Ideologia é tudo [...] o que nos envolve, nos convence, sem que percebamos (Educando 2).

> A escola não deve se ocupar de formação temática, mas de processos que levam o sujeito à transformação de sua

> prática [...] Transformar o espaço coletivo é transformar a si mesma (Educando 3).

Na trilha do conhecimento

Adquirir conhecimento novo é muito importante. É o processo que a Escola faz; atua de forma ideológica e pedagógica. Não é tanto a quantidade, mas saber o que fazer com o conhecimento e qual estratégia usar para articular tal conhecimento com o que já possuía e com as ações que lhe demandam. É importante refletir a ação individual e a coletiva a partir do acesso ao novo conhecimento. Durante os módulos estaduais, foi dialogado sobre a importância de saber articular os novos saberes e conhecimentos com a prática diária de cada um, porque não basta ter conhecimento, é preciso saber lidar com ele, pois o conhecimento também é poder e, não sendo bem utilizado, pode gerar um efeito não desejado, e queremos garantir a transformação dos nossos espaços e não o fechamento deles.



> Se não consigo transferir meu conhecimento, minhas ideias a partir de uma nova prática, é necessário "reavaliar" como tenho percebido e interpretado o novo saber. Para que assim tenha condições de atuar frente às situações expostas no dia a dia e no conjunto do MSTTR, possibilitando transformação político-sindical (Educando 4).

É nosso objetivo fortalecer o conjunto a começar da reconstrução do saber, do fazer e do revolucionar, porque, se não há uma interação nesse proposto, é necessário buscar uma reavaliação. Por quê? Para quê? Fortalecerá? Qual a estratégia? Nunca esquecer: eu avanço quando reconstruo caminhos e estratégias.

Os condicionamentos sociais são muito fortes e definem as preferências, mas é por meio da formação que se realizam as transformações nas pessoas.

Vivemos em um processo constante de mudanças e isso aperfeiçoa as relações, afeta atitudes e saberes. O conhecimento está associado ao poder, e conhecimento não se adquire somente na escola formal, mas também lendo, estudando e participando nos espaços públicos e políticos.

> Nós fomos escolhidos para estar na Escola, porque temos possibilidade de realizar mudanças ou porque somos fáceis de ser manobrados e de fazermos o que alguns querem de nós no Movimento sindical e na sociedade (Educanda 7).

> Estou relatando aqui um pouco do conhecimento que recebi neste 1º módulo da Escola Nacional de Formação Política e Sindical da Contag, a Enfoc, como: análise de conjuntura, ideologia, patriarcado, capitalismo, modo de produção. Aprendi a me conhecer melhor para melhor poder trabalhar em grupo. Hoje tenho mais conhecimento de como planejar e articular para ter melhor resultado nos trabalhos de base (Educanda 8).

Às vezes quando refletíamos sobre "o que vou fazer com o conhecimento adquirido? De que forma vou colocar em prática o conhecimento novo? Está aqui uma oportunidade única [...]" acabávamos por repensar: com que objetivo cada um foi convidado a estar neste espaço? Será que, quando se pensou em cada um, a ideia era abrir possibilidade de contribuir para o desenvolvimento e transformação da prática sindical ou para nos tornarmos cúmplices de uma prática com a qual não concordamos? Entendemos que é tudo e mais um pouco, mas que a ação transformadora dependerá de cada um de nós, e que o mais importante não é por que e quem nos convidou para estar na Enfoc, e sim o que eu vou fazer de agora em diante. Afinal queremos passar e obter conhecimento para melhorar e transformar realidades e não para nos resguardar ou interromper processos. É preciso entender que temos diversos tipos de pessoas que atuam nos espaços políticos e se fazem

prisioneiros de uma lógica de estado. O nosso objetivo não é este: é ter uma estratégia e poder argumentar a partir dela.

Tivemos a percepção de que o Estado é um orgão regulador, opressor, violento, seja em modelos de segurança, em relação a proteger a propriedade, ou em outras situações. Sempre com um viés para o proprietário e outro para o trabalhador. O povo que banca o Estado, principalmente com sua força de trabalho, é o que não é protegido por ele. O estado não premia ninguém por méritos, mas reprime em qualquer situação de infração, por menor que seja. O Estado mostra que alguns são mais cidadãos que outros. O trabalhador/a sustenta o Estado com sua força de trabalho, e é, quase sempre, esmagado por ele.

> O Curso foi de muita importância; com ele estou aprendendo muitas coisas que não sabia, coisas que pensava serem simples, mas não são. Este curso tem que ser levado até os polos sindicais para que os dirigentes de "cabeça dura" possam abrir suas mentes e mudar o modo de ser. Precisamos de pessoas que abracem a causa (luta) dos trabalhadores/as rurais, e não aqueles que se acomodam diante dela. Sou outra pessoa, com novas formas de ser, pensar e agir, com mais vontade de lutar pelos trabalhadores/as (Educando 5).

> Quantas pessoas conhecemos, quantas histórias ouvimos, quantas experiências compartilhamos e, principalmente, quantos conhecimentos adquirimos que nos fizeram refletir muito sobre nossas possibilidades de atuação? (Educando 6).

Foi importante perceber claramente que quem está no campo não é "coitado", é quem produz vida (alimento); já na cidade, não havendo emprego, não há onde buscar alternativas.

A agricultura familiar ganhou força com a Lei 11.326 de 2006, com atividades vinculadas ao próprio estabelecimento familiar. Tem garantido alimentos na mesa dos brasileiros e emprega mais de 77% do total de pessoas que vivem da agricultura. Tem se afirmado contra o agronegócio que utiliza grandes extensões de terras e se dedica à monocultura, se especializa em um só produto, utiliza alta tecnologia, mecanização, pouca mão de obra, baixos salários, uso intensivo de agrotóxicos, sementes transgênicas e, em geral, produz para a exportação.

Quebrando correntes

Foi bem debatido que carregamos uma herança histórica que vem desde a sociedade primitiva, que temos um processo educacional opressor, machista, que não reconhece a igualdade dos direitos e o respeito à diversidade cultural e étnica.

Somos movidos por um sistema que nos diz todos os dias o que temos de fazer, de qual forma tem que ser feito, o que valemos, qual posição social devemos ocupar. E mais: nas salas de aulas recebemos um selo ideológico, que reafirma a condição social imposta, em que a cada dia mais somos tratados como mercadoria posto que, desde crianças, nos ensinam a ser mercadoria.

Uma escola que tem como propósito fomentar o sistema perverso, manipulador e que aliena as pessoas para o benefício de poucos e que aceita uma sociedade capitalista que transforma trabalho e trabalhador em mercadoria, isto é, desvincula o trabalhador de seus meios de produção, ficando ele apenas com a sua força de trabalho para vender. Este processo de dominação vem de longe e está na sociedade capitalista desde quando a chamamos de acumulação primitiva de capital.

A Enfoc chega propondo uma nova forma de ser Escola, que trabalha a formação continuada e propõe novas práticas e mudança de atitudes e valores. Saímos do

processo de formação estadual com muita vontade de problematizar, reinventar, refazer, transmitir, formar informando sujeitos, possibilitando estratégias novas de criar espaços.

Vários elementos determinam a organização de uma sociedade (cultura, economia, relações familiares etc.), porém pode-se afirmar que um dos elementos determinantes para a organização e funcionamento da sociedade, que caracteriza cada um dos diferentes tipos de sociedade, são as relações de produção. São as relações que os indivíduos estabelecem entre si, para produção, distribuição e troca de bens e serviços. Na história da humanidade, os homens estabeleceram diferentes tipos de relação de produção, que chamamos de modos de produção que é a maneira como a sociedade produz a sua sobrevivência.

Com base nesta afirmação, pode-se compreender o desenvolvimento econômico na sociedade capitalista hoje. Está diretamente ligado a uma concepção de progresso, isto é, posse de bens materiais e aumento da capacidade de consumo, buscando o aumento da capacidade produtiva da economia e a produção de bens e serviços de um determinado país.

Nesse contexto, Karl Marx (1844-1991) argumentou que a sociedade capitalista pode ser dividida entre os donos dos meios de produção (as fábricas, as terras, os equipamentos etc.) e os donos da força de trabalho (os trabalhadores, que só possuem os seus braços para trabalhar). É esta divisão que vai determinar a relação entre os indivíduos na sociedade capitalista. Pode-se dizer que esta relação acontece na infraestrutura, isto é, na base da sociedade, onde ocorre o processo produtivo. Porém, para que a sociedade não entre em conflito (luta de classe), são criadas, no desenrolar da história, instituições que têm o papel de amenizar os problemas gerados por esta relação (leis, estado, escola, igreja, família, etc.).

Todos querem ter qualidade de vida, bem-estar social, mas somos obrigados, cada vez mais, a vender nossa força de trabalho sem o reconhecimento dos nossos valores, sendo oprimidos por uma força sufocadora que perpassa nossas instituições sociais.

O desenvolvimento econômico leva em conta o crescimento econômico, acompanhado pela melhoria dos padrões de vida de uma população, entretanto, no modo de produção capitalista, o lucro vem da relação entre Capital X Trabalho, que gera a desigualdade, portanto, a melhoria do padrão de vida é sempre para uma pequena parcela da população. Mediante a automação e a robótica, o trabalhador só intervém no processo para fazer o controle e a supervisão (ex. maquinização agrícola etc.). Com a diminuição da absorção de mão de obra, desemprego (entre 1995 e 2002, houve a eliminação de 31 milhões de empregos fabris no mundo), surgem novas formas de produzir: o licenciamento de marcas (Nike, C&A); as franquias, as terceirizações.

A vida útil dos produtos diminui, há mudanças nos padrões de consumo decorrentes de necessidades impostas pela propaganda. O modelo agrícola se ajusta ao neoliberalismo e o agronegócio se apresenta como uma das principais formas de produzir no campo. O controle do comércio agrícola se faz pelos grandes grupos transnacionais, com o controle da exportação e monopólio.

As grandes empresas continuam comprando várias pequenas e médias empresas do setor e, assim, o controle se mantém concentrado em apenas alguns grupos econômicos, ficando poucas empresas transnacionais mantendo o monopólio das principais atividades agrícolas no país.

O domínio dos indivíduos passa por questões objetivas e outras subjetivas: as questões religiosas, questões ligadas à família, costumes, moral, etc. desde

antigamente e até hoje. Basta observar as práticas na campanha eleitoral de 2010, para presidente da República, que enfatizaram questões de cunho moral e religioso. As elites brasileiras não se mostraram preocupadas com a situação das pessoas, nem com a melhoria de vida dos cidadãos, e sim com o "poder", poder que gera vantagens para alguns e massacra muitos.

O atual projeto do governo brasileiro (desde 2002) tem trazido maior divisão de renda, mais igualdade social, maior acesso a bens e serviços, e maior poder aquisitivo para a classe trabalhadora, o que, de certa forma, tem incomodado os que se sentem ameaçados pela ascensão dessas classes. Mesmo assim, entendemos ser necessário avaliar os desafios ainda postos.

Desse modo, é importante implementar e consolidar o PADRSS, que propõe um desenvolvimento ecologicamente sustentável, políticas públicas que levam em conta as diversidades regional e local, os diversos saberes gerados pela experiência, em diversas esferas da vida social, e que o Estado atue favorecendo, de forma crescente, a distribuição de renda com justiça social, ou seja, garanta o progresso material e bem-estar social, resguardando os recursos e o patrimônio natural do país.

Observa-se que a fundação dos STTRs passou por objetivos comuns ao assistencialismo social, mas também aconteceram mudanças consideráveis, propondo o verdadeiro papel do sindicato: o de representar a classe trabalhadora, defendendo seus direitos e orientado-a quanto ao acesso às políticas públicas.

A partir da Constituição de 1988, houve crescimento nas filiações sindicais. A ampliação das frentes de lutas do MSTTR trouxe o crescimento da luta pela terra e ampliação do acesso às políticas públicas. Os convênios com entidades de incentivo e capacitação profissional para agricultores também trouxeram crescimento para os sindicatos, o que beneficiou a região Sudeste. Atualmente, as mulheres têm superado os homens na filiação em alguns STTRs de MG. Oficialmente a maioria dos STTRs não tem limite de mandato regulamentado por estatutos sociais, assim como orienta as deliberações dos Congressos da Contag.

É necessária a participação ativa dos trabalhadores e trabalhadoras na vida do país, com igualdade de gênero, geração, raça e etnia, possibilitando um novo olhar para o campo que queremos, com equidade quanto às formas de vida, supressão das relações de exploração na produção, possibilidade de sucessão rural, acesso a políticas sociais e liberdade aos sujeitos, para que se construam protagonistas do seu próprio desenvolvimento.

Os camponeses não podem ser obrigados a sair do campo, e isso vem acontecendo ao logo da nossa história, devido à falta de incentivo e de políticas que retornem para o campo condições de valorizar a vida e possibilidades de reprodução. O desenvolvimento do país foi baseado na saída das pessoas do campo para a cidade, sem menhum compromisso com a vida humana e sim com o capital, colocando o campo como um espaço ruim e sem perspectivas. Isso acarretou o êxodo rural que se arrasta até hoje.

A juventude começa, desde que põe o pé na sala de aula, a ouvir que tem que estudar para não ser como o pai, como se os pais tivessem culpa da vida que eles tiveram. Não é dito que podemos melhorar de vida no campo e que, se temos essa realidade hoje, é por conta do modo de produção capitalista, concentrador e excludente. Os trabalhadores/as do campo não querem viver nas condições que as periferias da cidades oferecem, com violência, sem trabalho e em espaços reduzidos.

Temos a experiência de oito jovens que pretendiam sair da sua comunidade de origem, porém, com a

organização e acesso a condições viáveis de produção e comercialização, permanecem na comunidade. Isso comprova que, tendo estrutura, moradia, políticas públicas, valorização da cultura, diversão, saúde, crédito, conhecimento e educação que valorize a vida, é possível permanecer no campo.

Contextualizando a organizaçao sindical

> Um povo sem conhecimento do seu passado cultural é como árvore sem raiz (Bob Marley).

O curso estadual trouxe o regate histórico do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais no Brasil, e apontou como ele surgiu no país, em meados do século XIX, no processo de transformação econômica no período pós-colonial. Os trabalhadores/as egressos da escravidão continuaram vítimas da exploração da força de trabalho, inclusive mulheres e crianças. Os salários pagos eram extremamente baixos, havendo reduções salariais como forma de punição e castigo. Todos eram explorados sem qualquer direito ou proteção legal.

Nesse período, chegavam imigrantes (europeus) com expectativa em um Brasil de sonhos e promessas. Os trabalhadores europeus, com experiência sindical, começavam a criar organizações que deram base ao Movimento sindical no campo.

Com a "Revolução de 1930", liderada por Getúlio Vargas, iniciou-se o processo de modernização e consolidação de um Estado Nacional forte e atuante em todas as relações fundamentais da sociedade. Vargas atrelava a estrutura sindical ao Estado, destruindo as iniciativas independentes.

A partir da década de 30, o Brasil passou a ser um país industrial e a classe operária foi se expandindo. O conflito entre capital e trabalho passou a ser tratado como uma questão política. Criou-se uma estrutura sindical corporativista, dependente, atrelada ao Estado, inspirada no fascismo italiano. O Ministério do Trabalho foi criado em 1930, por meio do Decreto nº 19.433, de 26 de novembro, assinado pelo presidente Getúlio Vargas e a Justiça do Trabalho, em 1934, fora do âmbito do Poder Judiciário, só vindo a ser a ele integrada pela Constituição de 1946. A Consolidação das Leis Trabalhistas - CLT surgiu como uma necessidade institucional após a criação da Justiça do Trabalho em 1939.

A fundação dos sindicatos oficiais, a criação do imposto sindical e a política populista de Getúlio Vargas selaram os acontecimentos do início do século. A prática sindical oficial possibilitou o surgimento do sindicalismo pelego, mas também o do sindicalismo combativo.

O golpe que levou à ditadura militar significou um freio às reformas de base: educação, saúde, habitação, reforma agrária, e repressão às iniciativas de mudanças sociais que ocorriam no país na metade do século 20. O controle do Movimento foi acompanhado de uma nova política de arrocho de salários. A ditadura passou a se utilizar de práticas de tortura, assassinatos e censura, acabando com a liberdade de expressão, organização e manifestação política e provocando o desmantelamento do Movimento sindical.

Com a crise do petróleo em 1972, surgem as dificuldades salariais, o desemprego aumenta, a inflação sobe desordenadamente e o Movimento sindical retoma a luta. Em Contagem-MG, surge a 1ª greve de trabalhadores contra a situação da época. Em São Paulo, surge a greve geral: "ninguém liga máquina alguma". As greves vão se expandindo e criando forças contra a ditadura e pela democratização em todo o país. A Central Única de Trabalhadores (CUT) e a Central Geral dos Trabalhadores (CGT) são criadas para impor a luta política pela liberdade.

Em 1989, acontece a primeira eleição geral no Brasil, quando foram apresentadas duas propostas: uma com um

projeto popular, de luta política, visando o desenvolvimento e o rompimento com as amarras do capitalismo e outra apresentada pelo Estado neoliberal (tendo à frente Collor de Melo), para o aprofundamento do projeto capitalista.

Há de se esclarecer que a proposta do Estado neoliberal vence, mas Collor perde o poder e é derrubado. O governo seguinte, o de Fernando Henrique Cardoso, mantém o projeto neoliberal e intensifica as privatizações, o desemprego e a carestia. Esse foi o momento de surgimento de grande parte dos movimentos sociais e lutas sindicais, fortalecendo as bases para a criação do projeto democrático e popular que possibilitou a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002.

Com a eleição de Lula, houve avanços em muitas frentes sindicais, entretanto problemas crônicos como a reforma agrária, por exemplo, não ganharam prioridade nas políticas públicas. Diferentes compreensões e formas de lutas levaram à criação de novas organizações de trabalhadores. Atualmente existem várias centrais que, por vezes, se juntam para enfrentar alguns desafios da classe trabalhadora.

As principias centrais existentes hoje são:
a) Central Única dos Trabalhadores, com índice de representatividade de 38,32%;
b) Força Sindical, com índice de representatividade de 14,12%;
c) UGT - União Geral dos Trabalhadores, com índice de representatividade de 7,89%;
d) CTB - Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, com índice de representatividade de 7,77%;
e) NCST - Nova Central Sindical de Trabalhadores, com índice de representatividade de 7,04%;
f) CGTB - Central Geral dos Trabalhadores do Brasil, com índice de representatividade de 7,02%.

Por que ainda ocupamos apenas pontualmente espaços pùblicos?

O processo eleitoral no Brasil ainda é pouco democrático, pois está sob o controle de investimentos financeiros. Apesar de a bancada do campo popular no Congresso ter avançado, ainda não conseguiu imprimir diferencial ao processo. Pensamos que, se houver financiamento de campanha pelo Estado, todos terão o mesmo valor para fazer a campanha eleitoral e poderá haver maior controle.

Em Minas Gerais, tem faltado empenho de nossa parte para participar do processo eleitoral. O movimento sindical ainda não elegeu representante e o debate sobre esse assunto precisa ser feito no sentido de propor novos rumos para alcançar este objetivo. Se tivéssemos o poder dos meios de comunicação para fazer uso dele de forma democrática, poderia ser diferente. Enquanto não houver reforma política, democratização dos meios de comunicação e um movimento sindical e social forte, não conseguiremos avançar de fato nem participar das câmaras municipais, estaduais e federal.

O Movimento tem que continuar aproveitando as oportunidades e utilizando as armas que tem para a conscientização do trabalhador (rádios comunitárias, por exemplo). Temos que nos preparar para a disputa dos meios de comunicação e estarmos prontos para ocupar espaço na mídia, a fim de informar os trabalhadores/as sobre questões centrais de debate e suas implicações para a sociedade.

Manter a divisão dos trabalhadores é uma tendência?

Todo espaço político constitui-se de articulações, movidas por algum tipo de interesse. Nesse sentido, entendemos que a sociedade é composta por pessoas que pensam e agem por si mesmas, mas mediante condicionamentos desses espaços políticos. O MSTTR não foge a esses condicionamentos, o que o fragiliza na ocupação dos espaços.

Parte das ações do movimento sindical são apoiadas pelo Estado, criando assim acomodação de algumas

lideranças que estão nas direções das organizações; uma situação em que o Movimento aparece num cenário de "pernas curtas", agindo com pouca capacidade, como quem "chove no molhado", e o governo e o Estado atuando como protagonistas de demandadores de ações para os movimentos; podemos dizer ainda como "alienadores".

O Brasil é um país relativamente jovem que, diante de todas as lutas sindicais, mesmo que copiadas de outros países, avançou com a eleição de um operário para a presidência da República, e que no final do mandato apresentou mais de 80% de aprovação, possibilitando a continuidade do projeto popular até então construído.

Avaliamos que faltou ao Movimento sindical o redirecionamento de suas lutas frente às novas orientações e desafios governamentais, mesmo quando o próprio governo afirmava ser necessário pressionar. Isso poderia ter ampliado as conquistas dos trabalhadores e levar a direção do processo político a convergir para os interesses dos trabalhadores/as.

A CONTAG e as Federações, embora com alguns limites, ocupam espaços públicos, realizam mobilizações de massa como a "Marcha das Margaridas", o "Grito da Terra Brasil", ocupações, campanhas e festivais de juventude. A campanha pelo limite da propriedade rural mostrou que as lutas nem sempre são abraçadas com garra e foco definido por todo o conjunto do MSTTR. Apesar do tema da reforma agrária ter sido a principal razão da existência do MSTTR, na atual conjuntura, o movimento não tem feito muito esforço para fazer a reforma agrária acontecer, resguardando-se frente à atual política do governo e se mantendo neutro nas questões de conflito.

O que aconteceu antes?

A Lei de Terras de 1850 foi a principal ação legal contra os camponeses livres, quando associa a posse da terra ao registro de compra e venda em cartório. Pode-se dizer que ela representa o casamento do capital com a propriedade da terra. "Quando o povo era escravo, a terra era livre; quando o homem fica livre, a terra fica escrava" (José de Souza Martins). Os primeiros trabalhadores/as, embora cultivando as terras, historicamente, encontram barreiras para a apropriação dos seus frutos. As principais lutas ocorridas no país até o início do século XX contaram com ampla participação popular e de alguma forma se articulam com o acesso à terra, por exemplo:

- Lutas por liberdade (luta contra a escravidão e por liberdade);
- Lutas pela emancipação (Revolta dos Malês na Bahia e a Balaiada no Maranhão);
- Lutas messiânicas – (Canudos, Contestado...).

O sindicalismo, de tempos em tempos, se depara com dificuldades para se organizar. A era Vargas foi uma época de sindicalismo organizado com muitas dificuldades. A Lei de Sindicalização, firmada pelo decreto 19.770/19-03-1931, não alcançou os trabalhadores/as rurais e o primeiro sindicato de trabalhadores rurais, que foi fundado em Campos, Rio de Janeiro, já existia lá há mais de dez anos e só foi reconhecido em 1947. Os integrantes desse sindicato eram chamados de capoeiras, portanto, o sindicato nasceu da luta de resistência dos negros. Logo a seguir aconteceu a criação do segundo sindicato de trabalhadores rurais, em Ilhéus, Bahia, base de assalariados. O Código Civil não permitia a organização e os proprietários reprimiam diretamente e acionavam a polícia para reprimir as tentativas de organização e lutas dos trabalhadores/as rurais (hoje a situação mudou, apesar de ainda haver uma certa repressão regulamentada e modernizada).

> Evidentemente, a nova educação, que no fundo deve ser entendida como uma educação em processo de permanente renovação, não se cria em sua totalidade

> depois da chegada da revolução ao poder. Ela começa, em algumas de suas dimensões, muito antes: na mobilização e na organização populares para a luta (FREIRE,1985, p.49).

Só em 1944, com o decreto 7.038, é que o Estado autoriza de forma explícita a sindicalização rural. Na década de 40, enquanto acontece a 2ª Guerra Mundial, os países ricos começam a injetar capital nos países que não estavam em guerra; grandes empresas se instalam no Brasil, a exemplo da Bayer. Há acentuada separação campo/cidade e subordinação da agricultura à indústria. Com o fim da 2ª Guerra, começa uma nova fase, os países são classificados em três níveis: Primeiro Mundo (países capitalistas desenvolvidos); Segundo Mundo (países socialistas) e Terceiro Mundo (países capitalistas subdesenvolvidos).

> [...] então ele (o camponês) descobre que tendo sido capaz de transformar a terra, ele é capaz também de transformar a história, de transformar a cultura; então, da posição fatalista, ele renasce numa posição de inserção, de presença na história, não mais como objeto dela, mas também como sujeito da história (FREIRE, 2003, p. 21).

Nesse contexto, foi criada a ULTAB em 1954, na 2ª Conferência Nacional de Lavradores, com a presença de 303 delegados de 16 estados. As principais bandeiras de luta foram: leis trabalhistas para os camponeses, direito de greve, reforma agrária e a construção e implantação do Estatuto do Trabalhador Rural. Era muito difícil naquela época, para as pessoas que estavam no Movimento, no entanto, apesar das dificuldades, eles fizeram a luta e contribuíram diretamente para chegarmos ao estágio que estamos hoje. Os trabalhadores tinham que dividir sua produção com o dono da fazenda, pagavam a ele mais uma parte por utilizar água e outras coisas, entregavam mais uma parte para adquirir crédito na sua "venda"; no final, nada lhe sobrava, por isso o empenho em regulamentar leis trabalhistas para o campo.

Esse Movimento criou organismos nomeados "ligas" – denominação utilizada na Europa para os comunistas. Com essa denominação, o Estado pretendia amedrontar as pessoas quanto às organizações iniciadas. A 1ª liga data de 1955, momento em que os donos do Engenho Galileia, em Vitória de Santo Antão/PE, impuseram o aumento do foro e tentaram expulsar os foreiros da terra. Os foreiros resistiram ao processo de despejo e começaram a participar da formação da Sociedade Agrícola dos Plantadores e Pecuaristas de Pernambuco (SAPPP).

A base social da luta, no momento, eram os arrendatários, parceiros, moradores de engenho. As ligas eram tão fortes que elegeram o deputado federal Francisco Julião. Sua atuação na região Sudeste foi bastante forte, principalmente no Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O movimento de luta pela terra continua até a atualidade. O campo nunca ficou de braços cruzados, nossos sindicatos hoje são o resultado dessas lutas: em 1960 foi criado o MASTER pela ação de Leonel Brizola, partidos políticos de esquerda e setores da Igreja Católica. Com o Golpe Ditatorial de 1964, o MASTER perdeu força, mas não desapareceu (algumas lideranças desapareceram como num passe de mágica). Os militantes do MASTER se inseriram nas pastorais e comunidades de igreja. Alguns estiveram presentes na construção do MST tempos depois.

Intensificam–se os conflitos e a organização no campo

Em 1960, só havia oito sindicatos reconhecidos e, em 1964, já eram mais de mil legalizados. Em 1963, é promulgado o Estatuto do Trabalhador Rural pelo presidente João Goulart. O principal motivo da deposição de João Goulart foram as reformas propostas por ele, principalmente a reforma agrária (construir assentamentos ao lado das grandes rodovias que estavam sendo construídas, isso a partir da contribuição dos movimentos sociais).

Conforme a Portaria do Ministério do Trabalho e Previdência Social publicada no Diário Oficial da União, Seção I, Parte I em 27 de novembro de 1962, antes do Golpe de 1964, existiam diferentes tipos de organizações no campo, vejamos: "*...trabalhadores na lavoura; trabalhadores na pecuária e similares; trabalhadores na produção extrativista rural; produtores autônomos (pequenos proprietários e arrendatários e trabalhadores autônomos,que explorem atividade rural sem empregados,em regime de economia familiar ou coletiva).* Com o governo militar, houve intervenção em todas as entidades sindicais do campo e da cidade que tinham uma postura autônoma e crítica ao regime, com a prisão de muitos, as vezes ou ainda, mortos pelo regime. A Contag foi uma dessas entidades. O Ministério do Trabalho, Emprego e Indústria editou uma portaria que determinava a existência de apenas um único sindicato de trabalhadores rurais na base municipal. Aí começam a organização e estrutura sindicais vividas ainda hoje.

Em 22 de dezembro de 1963, foi fundada, no Rio de Janeiro, a maior entidade sindical de trabalhadores/as rurais da atualidade, a Contag. Na época, existiam 14 federações e 475 sindicatos de trabalhadores rurais. Hoje são 27 federações que reúnem cerca de 4 mil sindicatos rurais e representam 20 milhões de trabalhadores/as do campo.

Lindolfo Silva, primeiro presidente da Contag, era alfaiate. O partido comunista formava quadros para atuar junto aos trabalhadores, pessoas de categorias autônomas como alfaiates, que tinham disponibilidade de tempo para fazer os trabalhos junto aos trabalhadores, uma vez que tinham autonomia em seus horários.

O golpe militar de 1964 resultou em intervenção na entidade, prisão e exílio de vários dirigentes. Os dirigentes do MSTTR retomaram a entidade em 1968, derrotando o interventor por apenas um voto de diferença. Com essa retomada, a chapa encabeçada por José Francisco da Silva derrota a outra liderada pelo interventor José Rota. Não era fácil votar contra a ditadura, as pessoas tinham muito medo, a ditadura era cruel, daí a necessidade de um grande trabalho de base para exercer esse convencimento.

> Acredito que aprendemos, através das rupturas, que a grande lição da vida está em que a vida é uma corrente de rupturas, uma ruptura que precisa ser destruída, para ser superada, e essa nova ruptura tem de ser superada por uma outra ruptura (FREIRE,1985, p.19).

Durante toda a ditadura, a Contag também fez parte das lutas libertárias vivenciadas pela sociedade brasileira, portanto, quando nos dizem, ou ainda quando falamos que não sabemos fazer política, é porque desconhecemos nossa própria história. É preciso lembrar que sobrevivemos à ditadura com muita luta.

Em 1968, ocorreu a fundação da Fetaemg. No final da década de 70, as principais derrotas da ditadura (a greve dos metalúrgicos e a dos canavieiros do Nordeste organizadas pela Contag e Federações) a enfraqueceram muito.

As lideranças sindicais urbanas e rurais defendiam abertamente uma plataforma política por democracia e participação política. Uma das principais propostas nesse sentido era a criação de uma central sindical única de trabalhadores. Em 1981, aconteceu a 1ª CONCLAT – Conferência Nacional da Classe Trabalhadora – antecedida pelos ENCLATs[54] – que foi coordenada por grandes lideranças como Lula e José Francisco. Na composição da 1ª coordenação pró CUT, estiveram presentes a maioria das federações filiadas à Contag.

Nos anos de retomada da democracia no Brasil, a Contag, Federações e sindicatos construíram novos rumos para o campo, dentre eles a assistência médica dentro dos sindicatos (muitos tiveram que vender

[54] Encontro Nacional da Classe Trabalhadora.

suas sedes para pagar as despesas acumuladas com a cessação do repasse de recursos pelo estado) que era uma das suas principais atividades. Estas atividades de cunho assistencialista resultaram no enfraquecimento da atuação de base e muitos dirigentes, ainda hoje, não conseguem fazer lutas por políticas mais amplas para a classe trabalhadora. Continuam com uma visão apenas de atendimento assistencialista ou previdenciário.

A Contag tem como missão representar a categoria de trabalhadores e trabalhadoras rurais assalariados, permanentes ou temporários; dos agricultores e agricultoras familiares, assentados pela reforma agrária ou não; e, ainda, daqueles que trabalham em atividades extrativistas. Sua trajetória possibilitou que, em meados de 1990, fosse elaborado e implementado o Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável Solidário (PADRSS), que propõe novo tipo de relação entre o campo e a cidade, e a perspectiva de um projeto de desenvolvimento com igualdade de oportunidades, justiça social, preservação ambiental, soberania e segurança alimentar, e crescimento econômico.

Toda essa trajetória de lutas e conquistas possibilitou a proposição e negociação de muitas das demandas da categoria na Constituição Brasileira de 1988. Reconhecimento das mulheres como trabalhadoras rurais, com garantia de aposentadoria aos 55 anos; os homens passaram a aposentar-se aos 60 anos. Atuou fortemente para que na Constituição fosse garantida a reforma agrária e a função social da propriedade da terra, também pelo reconhecimento das mulheres como trabalhadoras rurais e não como domésticas. Entre outras grandes iniciativas da Contag, estão as negociações coletivas de trabalho para assegurar os direitos trabalhistas dos assalariados/as no campo, construindo políticas para manter a agricultur familiar e, assim, evitando o êxodo rural.

A Contag desenvolveu um amplo projeto de pesquisa e formação em parceria com a CUT, que apontou demandas importantes e deu início à discussão da organização da produção e à construção do PADRSS. Esse projeto foi elaborado como alternativa do Movimento Sindical ao projeto neoliberal e com a intencionalidade de qualificar nossa ação e prática sindicais.

A filiação da CONTAG à CUT foi um acontecimento muito importante nesse período. Criada em 1983, por

militantes ligados ao PT, igrejas e outras lideranças de organizações de esquerda. Não podemos nos esquecer que "o hoje" é consequência "de ontem", portanto, tudo isso foi possível a partir das lutas anteriores dos trabalhadores/as.

Consolidando o desenvolvimento rural sustentável e solidário

No PADRSS se interligam, formando um círculo, o cultural ⇨ político ⇨ social ⇨ ambiental ⇨ tecnológico ⇨ econômico com dimensões transversais: gênero/geração/solidariedade. A realização de uma ampla e massiva reforma agrária e a valorização e fortalecimento da agricultura familiar são os pilares centrais do PADRSS e isso tem que ser enxergado e reconhecido por nós, sem perder de vista os diversos sujeitos como os assalariados/as rurais, a fim de valorizar nossas lutas, contribuições e vitórias.

Nos anos 1998 a 2004, deu-se a criação de secretarias específicas de mulheres e jovens com critérios e regras definidas e assumidas pelo MSTTR, a partir do 2º Congresso Extraordinário realizado em 1999, o que permitiu às mulheres e juventude conquistas, visibilidade política e espaços nas direções da CONTAG, FETAGs e STTRs. Houve também a ampliação do mandato das direções das entidades sindicais para 4 anos, intercalado por uma plenária de avaliação e correção de rumos após os primeiros dois anos do mandato.

No período entre 2005 e 2010, houve o I Encontro Nacional de Formação, o Primeiro Festival dos Jovens Trabalhadores Rurais da Contag e a criação da Enfoc. Houve, ainda, a ampliação das coordenações de jovens nas diversas federações do país – cumprimento da cota de 20% de jovens – a realização da I Plenária Nacional de Jovens, o Grito da Terra Brasil, constituído em evento tradicional do Movimento e a Marcha das Margaridas. No último congresso nacional da categoria, a Contag foi desfiliada da CUT.

Considerações finais

Sistematizar o processo de formação do estado de Minas Gerais ajudou a compreender melhor como foram constituídas as relações de poder ao longo da história e como estas ainda são guiadas por práticas nascidas de épocas passadas. O exercício da sistematização possibilitou também descrever as vivências, os gestos, avaliar, rever sentimentos e registrar a memória dos seus processos educativos. Construir esse processo trouxe uma compreensão dos desafios e das conquistas do MSTTR, possibilitou uma autoavaliação da prática sindical e do processo de desenvolvimento do nosso país. Foi um processo dinâmico que exigiu muito esforço, dedicação, diálogo, interação do coletivo, que nos fez acreditar que somos capazes de construir algo muito maior do que às vezes acreditamos poder construir, e que o MSTTR é um movimento em construção; os sujeitos que atuam nele podem optar por desenvolver uma nova prática sindical para não permanecerem acomodados. Vencer essa etapa foi uma vitória importante para Minas Gerais e para a formação sindical. Dizer que atingimos todas as expectativas que tínhamos com a formação e com a sistematização é muita audácia, portanto dizemos apenas que cumprimos nosso papel e construímos caminhos que serão sempre avaliados e reconstruídos pelas pessoas que continuarão chegando e chegarão integrando esse processo contínuo de formação sindical, dando força à Rede de Educadores e Educadoras Populares no estado, e atuando com vontade na formação dos GES, por meio dos quais se ampliarão a militância e as ações de base.

> A Educação do Campo passa a ser pauta importante e estratégica para o movimento.
> O diálogo pode acontecer entre iguais, ou desiguais, mas nunca antagônicos (Educando 7).

Incorporamos um sentimento de mudança e transformação de atitudes, vontades, forma de agir, de ensinar e aprender e de revolta a tudo o que nos impede de "ser mais", como dizia Freire, quando tocava na questão da emancipação dos sujeitos. Descobrimos uma nova forma de fazer sindicalismo e, depois desta autorreflexão, podemos afirmar que estamos nos construindo como sujeitos de transformação, capazes de dialogar e resgatar a energia da luta de base, enquanto trabalhadores/as do campo. Somos capazes de repensar e de nos posicionarmos diante da necessidade de rever as práticas sindicais, pois o que vivemos e o que "revivemos" nos leva a concluir que é preciso e urgente reconstruir caminhos para fortalecer o MSTTR e trabalhar a nova postura sindical: crítica, curiosa, militante, solidária e animada pela alegria que acompanha o ato de criar.

Sabemos que ainda continua forte em nosso país uma agricultura machista que coloca a mulher em situação de submissão e que é necessário expressar esta submissão; fazer a reflexão e a revisão da metodologia que usamos para atuar internamente, no MSTTR. "Dialogar" de fato com o governo nas nossas ações de massa, principalmente no GTB, que traz a mesma pauta há dez anos e, frente a ela, o governo responde a mesma coisa ou usa a mesma estratégica de resposta, que desmobiliza o Movimento. O MSTTR mantém a disposição de negociar em todos os níveis, mas, no fim, pouco negocia. Às vezes pensamos que o próprio MSTTR é quem blinda o governo, haja vista os atuais processos de negociação, em especial com a presidenta, quando nem a direção da Contag usou da fala, a não ser o presidente. Quando é o caso de mais alguém falar, tem sido necessário criar um fato. Reconhecemos certa omissão do MSTTR em discutir questões polêmicas para não ter que se definir. As políticas de juventude e a política de educação, mesmo nos governos populares, não dialogam com a realidade do campo e o MSTTR não tem tomado posição firme para mudar, quando talvez fosse agora a hora de pressionar para mudar.

Acreditamos que a Enfoc chega ao MSTTR para dar direcionamento e pautar uma nova prática de formação político-sindical que possibilite construir um novo olhar para dentro e para fora do MSTTR e assim contribuir para elevar a um novo patamar o desenvolvimento do campo e principalmente a consciência dos trabalhadores e trabalhadoras.

SISTEMATIZAÇÃO DO PROCESSO FORMATIVO DE SÃO PAULO

Marta da Cruz Coelho Temporim

Funcionária do STTR Parapuã-SP, Educadora Popular da Enfoc, Licenciada em Letras.
Colaboração: Silvia Helena De-Zan, Assessora da Regional Sudeste da Contag, Educadora Popular da Enfoc, Técnica em Contabilidade

Introdução

O estado de São Paulo é caracterizado como grande centro de produção de bens e serviços, detentor de uma agricultura familiar que se especializa e se aprimora cada vez mais para permanecer e se fortalecer diante dos grandes empreendimentos empresariais. Outra face de São Paulo é a presença marcante do assalariamento, congregando milhares de homens e mulheres.

De herança cultural rica e responsável pela construção da identidade do estado, permeada pela imigração estrangeira e por representantes de todas as regiões brasileiras, que aqui se instalam em busca dos seus sonhos. Neste contexto, o MSTTR se constitui no estado, respeitando as diversidades existentes, considerando-as como potencial para seu fortalecimento e consolidação.

A Fetaesp, fundada em 1962, conta atualmente com 138 sindicatos filiados, representa cerca de 800 mil assalariados/as rurais e aproximadamente 210 mil agricultores/as familiares.

O estado de São Paulo está localizado no sul da região Sudeste e ocupa uma área de 248.808,8 quilômetros quadrados. Sua capital é a cidade de São Paulo, terceira unidade administrativa mais populosa da América do Sul, superada apenas pelo próprio país e ligeiramente pela Colômbia, à frente da Argentina e de todos os outros países sul-americanos. Possui a maior população do Brasil: são mais de 40 milhões de habitantes, distribuídos em 645 municípios.

Abriga cerca de três milhões de imigrantes, de 70 diferentes nacionalidades. Sua população, a mais diversificada do Brasil, responde por uma percentagem acima dos 31% do PIB do país.

A constante busca pelos direitos para os assalariados/as rurais e as políticas para os agricultores/as familiares constituem as principais bandeiras de luta da Fetaesp que, com os sindicatos filiados, buscou estar presente nos momentos de conflitos e negociações, assim como de mobilização dos trabalhadores/as do campo.

Implementar formação e capacitações para garantir a qualificação da equipe de funcionários/as e das

lideranças de bases sempre foi prioridade dessa Federação, mas ainda não havia assumido a proposta pela Enfoc de desenvolver uma estratégia de formação continuada e capaz de contribuir com a transformação da realidade, favorecendo a emancipação dos sujeitos, e a (re) significação da luta sindical na busca pela construção de uma sociedade sem desigualdades, como propõe o Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PADRSS.

Diante desse novo jeito de realizar formação, é fundamental organizar, estruturar e fortalecer a Federação e, em especial, a Secretaria de Formação, pela qual esses processos podem ser dinamizados. Fato que desafia não só a Fetaesp, mas também o conjunto das Federações da Região Sudeste, que a cada dia é desafiada a rever, repensar e re-construir suas práticas formativas.

O principal conteúdo da escola é o "sujeito e a ação coletiva". É a partir deles que percebemos as questões em seu entorno, tanto as que desafiam, como as que inspiram oportunidades. Esse perceber nos constituem como sujeitos das mudanças desejadas, e os conhecimentos construídos nos permitem realizar com propriedade a transformação que se dão do "eu" para o coletivo, e do "coletivo" para o eu. Uma Rede de Educadores/as é fundamental para revigorar e expandir o processo de formação continuada no estado e, desse modo, dar continuidade à implementação da política de formação para trabalhadores e trabalhadoras rurais, revendo e aprofundando suas orientações metodológico-pedagógicas a começar dos referenciais e itinerários da Enfoc.

A experiência de formação construída pela Enfoc deve ser o eixo norteador de toda a formação no MSTTR, sendo o instrumento primordial para o MSTTR desenvolver estratégias formativas articuladas.

Sistematizar para quê?

A sistematização propõe o registro do acontecido (Curso Estadual), assim como sua análise e problematização, garantindo que a proposta pedagógico-metodológica seja retratada como foi apresentada e desenvolvida durante o processo formativo.

Ela é fundamental para que a história não se perca, para que tudo seja refletido e registrado. Representa um instrumento político-pedagógico essencial, possibilitando a apropriação das vivências dos processos formativos, garantindo a valorização e a apropriação das experiências dos sujeitos neles inseridos, tornando possível e favorecendo o aprimoramento dos processos formativos futuros.

A sistematização foi construída como um processo contínuo e dialógico, perpassando toda a formação. No caso presente, segunda turma, será mais direcionada para a compreensão da prática educativa no estado e na contribuição da formação para mudanças no espaço coletivo da nossa ação sindical.

Para tanto, envolveu a todos que integraram o processo formativo em alguma de suas instâncias (nacional, regional e estadual), porém houve uma pessoa responsável por norteá-la e executar as narrativas e reflexões até a conclusão.

Oficinas de autoformação

As oficinas são espaços fundamentais para o aprofundamento dos temas a serem compartilhados no curso estadual, assim como propiciam momentos de reflexão e análise das experiências vividas nos módulos já realizados, contribuindo para a construção da proposta de como realizar o próximo módulo.

Em São Paulo, o processo de preparação do curso aconteceu através de uma oficina, a qual antecedeu ao I módulo do curso. No momento da oficina, foram debatidos os eixos temáticos e temas a serem desenvolvidos em todos os módulos, também propostas as místicas, as dinâmicas e as demais atividades a serem realizadas durante os três módulos do curso de formação (uma programação). Tal fato não possibilitou que questões relevantes apontadas pela turma fossem aprofundadas adequadamente. No intervalo do I para o II módulo, houve reunião entre a equipe e assessoria da Secretaria de Formação para uma avaliação e encaminhamentos para o próximo módulo.
O processo formativo teve sua intensidade reduzida porque não dinamizou o que recomenda a estratégia formativa da Enfoc,causando certa desconexão entre os módulos e também dos educadores/as da segunda turma com os da primeira, e tirou ainda a oportunidade de troca de experiências dificultando o funcionamento da Rede de Educadores/as Populares no estado, o que desfavoreceu uma relação e articulação com o processo realizado anteriormente.

A Rede de Educadores da Enfoc é composta por educadores e educadoras, educandos e educandas, multiplicadores e multiplicadoras criativos e colaboradores/as que passam pelos cursos de formação nos diversos âmbitos: nacional, regional, estadual e GES.

Contudo, não podemos deixar de valorizar o esforço da equipe em construir os momentos para que o grupo pudesse desenvolver suas atividades, identificar os colaboradores/as que iriam compartilhar os temas/debates e proporcionar momentos de lazer para que o período de trabalho fosse mais agradável e construtivo.

Diante disso, percebemos claramente a importância de todas as atividades propostas do Itinerário Formativo da Escola, provando mais uma vez que a Enfoc tem um novo jeito de fazer escola.

Os Sujeitos da Ação
MULHERES E HOMENS
assalariados/as, agricultores/as familiares, militantes, dirigentes e funcionários/as do MSTTR.

Curso Estadual de Formação

Estado, Sociedade e Ideologia – eixo mobilizador que propôs reflexões profundas sobre nossa história: trabalho, divisão de classes, ideologias, heranças históricas, lutas, (pré) conceitos, relações de gênero, raça e etnia. O I módulo foi marcado por ansiedade, entusiasmo, expectativas e muita vontade de aprender; todos acreditavam que seriam aulas comuns nas quais um professor transmite conhecimentos e os alunos os absorvem, anotam e dificilmente questionam.

A partir do ambiente gerado, todos perceberam que aquele espaço tinha algo de diferente, foram questionados, solicitados a relatar seu cotidiano, de onde vieram, o que trouxeram, o que faziam, tantas indagações, por quê? Afinal, se estava naquele espaço para aprender coisas novas ou para contar historinhas? Chegou ao ponto de um educando/a se indignar (por não entender o momento vivido): “o que tô fazendo aqui, perdendo meu tempo? Tanto serviço lá no Sindicato...”

Assim, entre surpresas, apreensões e novidades, o grupo começou a se integrar, entender o espaço em que se encontrava e aos poucos percebendo a sua importância para o processo. Afinal, para a Enfoc, a

"Descobri a importância desse lugar para minha vida e para minha atuação no Movimento..."

"Eu me arrependi de ter falado no primeiro módulo que o curso não servia pra nada, porque me mostrou a realidade do Movimento sindical, mostrou as conquistas das lutas do Movimento e sai daqui transformada com uma bagagem que jamais pensei que esse curso poderia me proporcionar".

valorização do sujeito vem em primeiro lugar e suas experiências, conhecimentos e opiniões são vitais para consolidar o processo formativo: ensinar aprendendo e aprender ensinando.

Portas se abrem

A percepção de que aquele seria um espaço de construção coletiva traz coragem e segurança para os educandos/as, que se descobrem como sujeitos de transformação e com capacidade de intervir nos espaços mediante expressão de suas opiniões e vivências. Descobrem a importância de partilhar: de onde vêm? O que construiram ao longo de suas vidas? E o que pretendem mudar no mundo?

A proposta da Escola começa a ser vivida e assim os saberes se completam e transformam as discussões não só em debates produtivos e agregadores de conhecimentos novos, mas também capazes de chamar à militância, fazendo com que os sujeitos se sintam responsáveis pelas mudanças que tanto desejam no espaço de sua atuação.

"Durante os três módulos, todo o conteúdo foi importante, mas o que achei mais interessante foi no I módulo, quando o Prof. Josemir nos falou sobre os Modos de Produção e Ideologia, porque pude compreender a sociedade em que vivemos hoje em dia e o porquê de tanta terra nas mãos de poucos – a desigualdade"

As reflexões nos levam a desconstruir "sins" e "nãos" (afirmações e negações) históricos, trazendo novas respostas, novas descobertas e novas formas de entender o mundo. Apontam também para novas formas de se relacionar com o Estado e despertam novos desejos de transformação para a sociedade.

Trabalho e Identidade

Por que trabalho do jeito que trabalho?
Por que sou sertanejo do jeito que sou?

Para desenvolver o tema Trabalho e Identidade, foi realizada uma visita à comunidade indígena a fim de identificar e conhecer como o trabalho se organiza nesse espaço e como ele cria identidade nas pessoas que ali vivem e constroem sua história. A partir do trabalho pode se perceber o mundo das pessoas, sua cultura e seus costumes e como isso tudo se interliga.

Identidade ⇨
[...] é entendida aqui como uma construção social, histórica, cultural e plural (GOMES, 2005, p. 43).

ALDEIA KOPÉNOTI

Tribo indígena existente na cidade de Avaí/SP (próximo à sede da Fetaesp, com uma população de aproximadamente 280 indígenas).

Tradições e Culturas da Aldeia (índios terenas) – com o passar dos anos e com a modernização que também chegou à tribo, as tradições são mantidas; na escola existente, as crianças são alfabetizadas com a língua portuguesa, mas também com a língua indígena, preservando assim a origem cultural e os costumes.

Os participantes fizeram uma trilha pela reserva onde conheceram as estratégias de caça indígena e as armadilhas utilizadas para a caça.

A tribo confecciona artesanato rústico (colares, brincos, pulseiras, arcos e flechas, utilidades domésticas, entre outros) que é vendido aos visitantes e em feiras, sendo a renda destinada ao índio que confeccionou as peças.

Importante lembrar que a alimentação é em parte produzida na aldeia e outra parte comprada no mercado da cidade. Com acesso à internet, TV, parabólica, celular, veículo próprio e residem em casas de alvenaria. Alguns deixam a aldeia à noite para fazer curso superior na cidade próxima.

Ter a tribo eleito um vereador entre seu povo para defender no Legislativo municipal os interesses da aldeia chamou a atenção dos educandos/as.

[...] de meu eu, do meu mundo, de minha cultura sejam traduzidos também através dele, de seu mundo e de sua cultura. Através do que há de meu nele, quando, então, o outro reflete a minha imagem espelhada e é às vezes ali onde eu melhor me vejo (BRANDÃO, 1986, p.7).

Ao final do I módulo foi sugerido como atividade intermódulo pesquisar e relatar sobre a história do sindicato de base dos educandos/as, o que deveria ser apresentado durante o II módulo.

Conhecer, (re) apropriar e valorizar as lutas do passado nos permite continuar escrevendo a história, realçando as práticas passadas e atuais do cotidiano e seus reflexos na transformação da sociedade que queremos.

Nossas lutas e nossa história

O contato direto com a própria história reanimou a militância dos sujeitos que não conheciam de fato nem a história do sindicato local, nem a do MSTTR no estado, país e mundo.

Puderam perceber que os desafios vêm acontecendo ao longo dos tempos e que eram ainda maiores no passado. Muitos companheiros em todo o país tombaram pelo caminho, mas foram suas lutas que permitiram a construção de uma história tão rica e cheia de vitórias.

Em São Paulo não foi diferente, companheiros lutaram em defesa dos trabalhadores/as rurais e construíram o MSTTR, iniciando pela fundação dos primeiros Sindicatos de Trabalhadores Rurais no início da década de 60. O Sindicato dos Trabalhadores/as Rurais de Juquiá foi o primeiro constituído no estado, sua fundação se deu no dia 13 de fevereiro de 1962.

A história do sindicalismo no Brasil e no mundo se constituiu no bojo da luta dos trabalhadores/as, pois não se escreve história sem luta e nem se faz luta sem militantes. Isso chamou a atenção dos educandos/as, pois se viram como parte importante dessa história a partir do local em que militam. Também trouxe a reflexão sobre a responsabilidade de cada um e as mudanças observadas desde a sua atuação. Só acontecem se há disposição em "se transformar" para "transformar o espaço". A metodologia da escola favorece essa construção e propõe mudanças a partir do eu (indivíduo)

para o espaço (eu/coletivo). A cada passo dado, o grupo se veste dessa a*utonomia de construção*, mas ainda *precisa de autonomia de atuação*.

Vivendo essa nova experiência, o sentido de ser militante abrange tanto autonomia de construção quanto de atuação, portanto ser militante é construir e atuar efetivamente junto à base, compartilhando de seus desejos, necessidades e lutas numa proposta de uma sociedade mais justiça, com igualdade e solidariedade.

> [...] quem faz os cursos, geralmente quando chega à base quer mudar o jeito que o sindicato trabalhava e às vezes encontra várias resistências com os dirigentes que [...] (Educando 1)

> [...] não tinha noção de quanta coisa eu sabia [...] (Educando 2)

> [...] hoje e sempre os trabalhadores/as vão poder contar comigo [...] (Educanda 1)

A atividade intermodular (tempo-comunidade) oportunizou que os educandos/as conhecessem a história local do MSTTR, através da história dos Sindicatos e dos projetos sustentáveis existentes, assim como promoveu uma grande aproximação com a base. Também favoreceu diretamente para que continuassem vivenciando a proposta formativa da escola enquanto aguardavam para desenvolverem o próximo módulo.

Esse tempo-comunidade se mostrou instrumento potencializador dos conteúdos e debates vivenciados no espaço escola.

> [...] Conhecer como se deram as fundações dos sindicatos trouxe ânimo para seguir na caminhada com a certeza de que muitos lutaram antes de nós, conquistaram menos e não desistiram [...] (Educando 3)

> [...] ..como podemos dar continuidade a uma história que não conhecemos? [...] (Educanda 2)

> [...] Momento de conhecer pessoas novas, conhecer a história do MSTR e de saber interagir com os companheiros [...] (Educanda 3)

> [...] Há muitas mudanças, pois aprendi fatos da história fundamentais para me tornar um dirigente sindical mais atualizado [...] (Educando 4)

Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário

Com foco no PADRSS se desenvolveu o III módulo do curso.

Com os educandos/as mais amadurecidos pela dinâmica da Escola e em um ambiente mais intenso de aprofundamento do desenvolvimento que queremos, os debates apontaram para novas concepções e rupturas necessárias para construção da ação diária na prática sindical.Os desafios e potencialidades existentes na base em relação a implementação e consolidação do PADRSS foram refletidos fortemente.

A abertura do diálogo com outros movimentos, a articulação local e global e nossa atuação na base representam elementos importantes na construção das parcerias necessárias para concretizar o avanço do nosso projeto, essa constatação propõe ao estado a necessidade de continuar construindo parcerias como é o caso da experiência vivenciada a princípio pela da inserção e participação do MSTTR nos Territórios de Identidade e da Cidadania, que tem proporcionado implementar ações previstas no PADRSS através da aprovação de projetos voltados para os grupos organizados na base. Esses planos têm facilitado algumas questões primordiais (produção/comercialização) para a vida dos homens e mulheres produtores e garantidores de alimentos para suas comunidades e para os centros urbanos próximos.

As concepções do PADRSS: sustentabilidade, solidariedade, alternativa, devem ser resguardadas em sua consolidação. Os educandos/as identificaram através da atividade intermodular, *situações concretas de vivência* do PADRSS.

A experiência sustentável da Agricultura Familiar

Grupo: Agroortipã

Nº de agricultores: 15 (atualmente com 13)

Atividade desenvolvida: olericultura

Periodicidade das reuniões: mensal

Objetivo: capacitação para melhor/maior acesso à assistência técnica, compras e vendas coletivas e autogerenciamento.

Mobilização: MSTTR

Apoio: Dater e Sebrae

A partir das experiências identificadas e apresentadas pelos educandos/as, ficou clara a grande proximidade dessas com o PADRSS, principalmente observando os princípios de sustentabilidade e solidariedade, mas, mesmo convergindo para a proposta do PADRSS, não são politicamente utilizadas para o fortalecimento e consolidação do projeto na base, nem como espaços que propiciem oportunidades aos processos formativos, tampouco convergem politicamente para o MSTTR.

As discussões do III Módulo levaram a concluir que a base ainda não tem governança sobre o PADRSS, ou seja, não tem maior conhecimento sobre o que é o projeto e suas propostas, nem cria momentos específicos para discuti-lo e entendê-lo. O que chama a atenção mais uma vez para o verdadeiro papel do militante e do dirigente sindical.

Quem compartilha da Escola tem oportunidades únicas e não pode guardá-las para si somente, é necessário agir diferente no local da prática diária, seja sindical ou não.

Disputas e divisões

A expansão de entidades representativas de trabalhadores/as no estado também foi muito debatida,

pois tem gerado muitas disputas de interesses, nem sempre pautados pela representação dos trabalhadores/as.

A grande questão é que os trabalhadores jamais deveriam ser atingidos negativamente por essas disputas.

A criação de entidades diferenciadas se deu, principalmente, a partir das disputas pelos espaços (internos) de direção (cargos, em especial pela presidência da Fetaesp, isso vem ocorrendo há mais de 20 anos). Outro fator foi a expansão do setor canavieiro, impulsionada pelo Proálcool, que ocasionou um crescimento desenfreado do setor em foco e, consequentemente, o crescimento do assalariamento no campo. Com maior número de assalariados, as demandas crescem e apontam oportunidades e espaços para as disputas por representação dessa categoria.

A partir disso, o quadro de filiados da Fetaesp sofreu uma queda de 30%. Desses, 20% aderiram às novas entidades e 10% está hoje na condição de independente (sem nenhuma filiação). As decisões (batalhas) judiciais também influenciaram esse panorama, tanto que propiciou um pleito referente à filiação de mais uma Federação (representativa dos rurais) à Contag.

Esse quadro continua estagnado, cada Federação se mantém com praticamente o mesmo número de sindicatos filiados desde o auge dessas disputas, mas ocorre uma "desorganização" gerada por essa situação com referência aos repasses/cobranças de contribuição confederativa e sindical. Alguns sindicatos filiados a uma Federação têm seus recolhimentos efetuados por outra e vice-versa. Enfim, a grande questão é que os trabalhadores/as rurais jamais deveriam ser atingidos negativamente por essas disputas.

Temos que nos preparar, ficar fortes, ou vamos perder espaço. Se não ocupamos os espaços, alguém vem e os ocupa.

Mídia e os trabalhadores/as

O MSTTR precisa intensificar os debates sobre a influência da mídia na vida dos trabalhadores/as, pois ela tem devorado consciências, promovido o consumo extremo e influenciado ainda mais o individualismo.

Para confirmarmos essa realidade, basta observar as manchetes dos jornais em ocasião de manifestações e mobilizações dos trabalhadores/as: "*Manifestação gera engarrafamento*...", a mídia coloca a sociedade contra os trabalhadores/as e esta última se esquece de que o trânsito em São Paulo é diariamente caótico.

A Mídia representa poder *econômico* e *ideológico,* pois está concentrada nas mãos de um pequeno grupo de empresários (em média 6 famílias detêm o domínio da mídia em todo o País) e vende ideias, ideologias e valores, capaz de informar e desinformar com padrões inteligentes de convencimento e manipulação da informação, de deformar comportamentos, tornando o ser humano compulsivo e propondo a desvalorização da ação coletiva.

É um complexo que reúne vários instrumentos – TV, jornal, revista, internet entre outras formas de se apresentar. Há bastante desconfiança e questionamentos em relação à postura da mídia, gerando uma crise em sua credibilidade, considerando a sua tendência em ser hegemônica.

A internet tem se mostrado eficiente e multifuncional, pois proporciona com rapidez o envio e a produção de informação, prejudicando as tiragens de jornais no Brasil e no mundo.

A população está migrando para a internet (principalmente a juventude), visto que oferece imediata interação com a informação.

O trabalhador precisa ter espírito crítico, não se deixando manipular e analisando as informações que chegam a sua casa todos os dias pela TV ou jornal.

O ideal seria que o MSTTR construísse a sua própria mídia e assim fortalecesse os instrumentos para obter mais qualidade, mas infelizmente o Movimento não investe em comunicação como deveria, pois, ao considerar um investimento desnecessário. Comunicação é "investimento em consciência". Significa rejuvenescer a linguagem do Sindicato e das Federações para atender/atrair principalmente a juventude (internet, radio comunitária, etc.).

Para democratizar realmente a comunicação, seria necessário alterar/mudar as leis, ou, pelo menos colocar em prática o plano nacional de banda larga, aprovado na última conferência de comunicação, esquecido em função do interesse de poucos.

A mídia cria novos valores para o ser humano.

Rede de Educadores e Educadoras e Grupo de Estudos Sindicais – GES

Não mencionamos a inexistência da Rede, mas a ausência de articulação dessa Rede. Os pontos existem, porém nem sempre estão conectados ao momento em que acontece a formação no estado.

Serão necessárias estratégias de acompanhamento e animação dessa Rede, garantindo que ela se fortaleça a partir das oportunidades criadas pelos educadores/as e pelas organizações das quais participam. Nessas oportunidades, educadores/as devem partilhar seus conhecimentos e experiências vivenciadas.

GES e Rede estão diretamente relacionadas. Se os GES se consolidam, a Rede se fortalece e se articula, mantendo os GES fortes, atuantes e servindo de inspiração para criação de novos grupos.

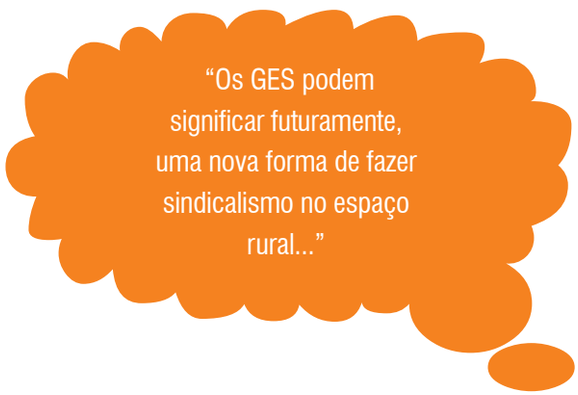
Também se faz primordial, nesse processo, o envolvimento e comprometimento direto da Federação, por meio da Secretaria de Formação e Organização Sindical e seu Departamento Específico de Formação.

A Primeira Turma Estadual fez um primeiro ensaio de constituição do GES, que não se consolidou de fato, talvez pela fragilidade da rede. Acreditamos que os GES serão frutos de uma Rede consolidada, forte e articulada.

Para isso, é preciso desenvolver uma nova forma de pensamento e promover ação sindical, tendo como ponto de partida as experiências refletidas e vivenciadas durante o processo formativo. O GES representa esse "novo" para o MSTTR de São Paulo, pois deve potencializar mudanças que o Movimento precisa para se fortalecer. Deve ser também um espaço de aperfeiçoamento e qualificação das ações/intervenções para fortalecer a ação na base, uma vez que propicia o acesso às informações, garantindo intervenção qualificada e proposições que interessem aos próprios sujeitos da ação. Ninguém melhor do que os próprios trabalhadores/as, para dizerem quais são suas necessidades.

Para concretizar esse processo, a Federação, por intermédio do Departamento de Formação, vem acompanhando e observando estrategicamente a realidade da base a partir dos processos formativos já realizados e de suas propostas de ação. Este exercício tem apontado lacunas importantes que devem ser preenchidas e que revelam, porque os grupos de estudo sindical não se consolidaram e o processo não avançou dentro do esperado.

Diante desse quadro, a Federação se prepara para a promoção de momentos estaduais que possam fortalecer e consolidar o compromisso dos educadores/as e multiplicadores/as criativos no sentido de que retomem e reconheçam seu papel fundamental para que os GES se consolidem. Esses instantes também serão estratégicos para o fortalecimento e integração da Rede, pois oferecerão a oportunidade de troca de experiências sobre o processo formativo entre a primeira e segunda turmas, assim como proporcionarão o aprofundamento de temas/questões primordiais para a manutenção da Rede e criação/consolidação dos GES no estado.



A começar desse pensamento, acordamos para a importância do empoderamento da base no fortalecimento e crescimento de um sindicalismo autêntico e comprometido com os sujeitos de direito.

Nossos sentimentos...

> Sentimento de querer fazer mais pelo MSTTR (Educador 1).

> O grande impacto dessa formação é a inquietação que temos notado (Educador 2).

Hoje sou muito mais segura, depois da Enfoc (Educanda 4).

Para mim o que mais marcou foi conhecer a história de cada um dos companheiros (Educando 5).

A mudança ocorreu em minha prática, que foi renovada através da observação e do respeito as diversidades de cada pessoa (Educando 6).

A minha visão referente ao sindicalismo, hoje (depois da escola), é totalmente diferenciada (Educanda 5).

Considerações finais

Doravante os sentimentos e as vivências do grupo, observa-se mudança nos comportamentos dos educandos/as, embora não podemos precisar o nível de transformação concreta na prática sindical na base.

O processo formativo não atingiu a todos os objetivos, uma vez que a prática cotidiana, a criação, organização e consolidação dos GES não se consumaram de fato. Observamos lacunas importantes que não foram preenchidas. Os sujeitos da ação (educandos/as) não se apropriaram totalmente do processo. O que acarretou prejuízos à continuidade das atividades/ações na base. Os GES foram apenas ensaiados e não prosperaram, entretanto o estado tem procurado corrigir a partir da reapropriação do processo formativo, propondo encontros estaduais para aprofundar o processo e reafirmar os compromissos dos educadores/as com o MSTTR e principalmente com a base.

Para ser educador e educadora, é preciso se comprometer em participar dos cursos/processos formativos e construir diariamente aprendizados e ensinamentos conjuntamente com os sujeitos de direito.

O processo formativo no estado foi acrescido de experiências da vivência de sua base; isso valorizou e aproximou os interesses dos educandos/as. Quando se tratou de assalariamento, acordos, contribuições, etc., os sujeitos se aproximaram a contar dos interesses comuns, tanto os diretores/as, quanto os assessores/as funcionários/as e também os/as trabalhadores/as da base. O que representou uma grande potencialidade para o fortalecimento do MSTTR em São Paulo, por meio dos processos formativos vindouros.

Não podemos negar as tensões geradas durante o processo e nem as situações desafiadoras apresentadas a começar dos diálogos/debates, principalmente nas questões das divisões e disputas geradas no campo a partir desses ou daqueles interesses e que podem contribuir ou penalizar os trabalhadores/as.

Outro desafio foi construir um processo coletivo desde o momento preparatório até o desenvolver do curso e das atividades tempo comunidade, como citado anteriormente em relação à *apropriação do processo pelos educandos/as.*

Iniciando dessas constatações, atentamos para algumas orientações/indicativos importantes que podem nos fortalecer e consolidar esses processos formativos no MSTTR:

- Partir da realidade da base para construir novos processos;
- Considerar as potencialidades geradas a partir dos conflitos;
- Garantir que os processos formativos cheguem à base, através do GES e de espaços de animação dos mesmos;
- Dar continuidade às ações capazes de consolidar os GES e consequentemente fortalecer a Rede (e vice-versa) – encontros e oficinas estaduais e regionais;
- Garantir a autonomia dos educadores/as e multiplicadores/as criativos, desde os momentos coletivos que gerem auto (re) conhecimento e

(co)responsabilidade de cada um enquanto agentes da ação/transformação política da sociedade.

Tudo isso foi identificado mediante a apropriação das constatações da Sistematização, que proporcionou uma nova concepção e forma de contar a história vivida / e não somente em razão das situações geradas por dela.

Referências

FREIRE, Paulo. *Por uma Pedagogia da Pergunta.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação: v. 15)

_____. Depoimentos ao MST. In: Paulo Freire, um educador do povo. Caderno de Formação nº 04. P. 20-21. Santo André (SP): Sindicato dos Professores do ABC (SIMPRO ABC), 2003.

_____. *Medo e Ousadia.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção Educação e Comunicação: v. 18)

_____. *Pedagogia do Oprimido.* 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (O Mundo, hoje, v. 21)

_____. *Pedagogia da indignação.* Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Identidade e etnia. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança.* 30 ed .São Paulo: Paz e Terra. 2007.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

_____. *Política e educação.* São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *Pedagogia da autonomia.* Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. Frei Betto e Ricardo Kotscho. *Essa escola chamada vida.* São Paulo: Ática, 1985.

_____. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Educação antirracista: caminhos abertos pela lei 10.639/03. Brasília. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. MEC, 2005, p 39-62.

MARX, K. *Terceiros manuscritos.* [Propriedade privada e trabalho]. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

SILVA, Antonio Fernando Gouvêa da. *A busca do tema gerador na práxis da educação popular.* Curitiba: Gráfica Popular/CEFURIA, 2005.

ENTRELAÇANDO PRÁTICAS E SABERES, RELATO DA VIVÊNCIA

CURSO ESTADUAL DE FORMAÇÃO SINDICAL NA BAHIA, UM JEITO DIFERENTE DE REFLETIR A PRÁTICA SINDICAL **CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICO SINDICAL NO MATO GROSSO DO SUL** **CURSO ESTADUAL DE FORMAÇÃO POLÍTICO SINDICAL: A EXPERIÊNCIA NO RIO DE JANEIRO** **CURSO ESTADUAL DE FORMAÇÃO POLÍTICA SINDICAL EM SANTA CATARINA** **A MULTIPLICAÇÃO CRIATIVA ENTRELAÇANDO PRÁTICAS E SABERES** **CURSO ESTADUAL DE FORMAÇÃO POLÍTICA EM ALAGOAS** **ENFOC, UM JEITO DE SER ESCOLA REPERCUTINDO NO CURSO ESTADUAL DO TOCANTINS** CURSO ESTADUAL DE FORMAÇÃO POLÍTICO SINDICAL NO RIO GRANDE DO SUL **VIVENDO UMA EXPERIÊNCIA: CURSO ESTADUAL DE MULTIPLICAÇÃO CRIATIVA EM SERGIPE** CURSO ESTADUAL DE FORMAÇÃO SINDICAL NA BAHIA, UM JEITO DIFERENTE DE REFLETIR A PRÁTICA SINDICAL **CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICO SINDICAL NO MATO GROSSO DO SUL** CURSO ESTADUAL DE FORMAÇÃO POLÍTICO SINDICAL: A EXPERIÊNCIA NO RIO DE JANEIRO

CURSO ESTADUAL DE FORMAÇÃO SINDICAL NA BAHIA, UM JEITO DIFERENTE DE REFLETIR A PRÁTICA SINDICAL

Vânia Marques Pinto

Agricultora Familiar, Trabalhadora Rural, Dirigente Sindical, Diretora da Fetag/BA, Pedagoga da Terra

Introdução

Este texto é resultado da experiência de formação da Escola Nacional de Formação Sindical da Contag[55] – Enfoc. É uma narrativa construída a partir da sistematização, aqui entendida como um instrumento político-pedagógico que permite a apropriação da experiência e das vivências dos sujeitos inseridos no processo formativo. Aqui nos debruçaremos sobre a *vivência* do curso estadual, o processo de constituição dos GES e seu desenvolvimento, os desafios, impasses e estratégias para sua operacionalização, bem como a atuação da Rede de Educadores/as no Estado.

Procuramos compreender o espaço formativo da Enfoc, apontando os impasses e avanços, para poder repensar e transformar a prática sindical e para isto lançamos mão das seguintes perguntas: (a) como a nossa prática educativa tem contribuído para a mudança no espaço coletivo da ação sindical? (b) quais as estratégias que estão sendo utilizadas para a criação, acompanhamento e animação dos GES? (c) quais as estratégias que estão sendo utilizadas para a criação e acompanhamento e animação das Redes de Educadores e Educadoras? (d) o que está mudando em mim enquanto educador e educadora do MSTTR?

A organização das informações que possibilitaram este trabalho ocorreu durante os módulos do curso estadual e em conversas quando se encontravam educandos/as e educadores da Enfoc ao término do curso. Estas apresentam revelações importantes para o fazer pedagógico da Escola.

O texto está organizado em quatro itens com subtítulos: O Curso Estadual; Grupos de Estudos Sindicais – GES; A Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc na Bahia; O que este processo formativo nos ensina, que trata sobre as percepções das mudanças nas práticas político-sindicais. No primeiro item, falaremos como se constituiu o curso estadual, descrevendo como ele foi realizado, como foram as oficinas de autoformação e como elas contribuíram para a preparação dos módulos; traz os resultados obtidos com o curso através da vivência coletiva, as aprendizagens e as amizades que se construíram com muita relevância em uma oficina realizada no último módulo, bem como o uso de metodologias participativas durante o curso e as percepções de mudanças das práticas dos educandos/as e

[55] A Contag é a maior entidade sindical de trabalhadores e trabalhadoras rurais da atualidade. Foi fundada em 22 de dezembro de 1963, no Rio de Janeiro. Na época, existiam 14 federações e 475 Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais. Hoje, são 27 federações que reúnem cerca de 4 mil sindicatos rurais e 20 milhões de trabalhadores e trabalhadoras do campo (site da Contag.).

dos educadores/as com o processo formativo da Escola. O segundo item fala sobre o GES, abordará os grupos que foram constituídos no estado, apresentando um breve panorama da atual situação, as estratégias que vêm sendo pensadas pelo estado para ampliar o número desses grupos e apontando as dificuldades e as possibilidades.

O terceiro capítulo falará sobre a Rede, qual a concepção que temos sobre rede, como ela se articula e como o estado está animando e estimulando-a. O último capítulo trata das mudanças: como os educandos/as se veem neste lugar e o que eles percebem enquanto mudança na prática decorrente das aprendizagens obtidas na escola Procura, também, explicitar o que esse processo formativo nos ensina.

O Curso Estadual

O Curso Estadual de Formação, também chamado de Multiplicação Criativa do Processo Formativo da Enfoc, acontece em três módulos de cinco dias cada um, tendo como eixos temáticos: Estado, Sociedade e Ideologia; História, concepção e prática sindical e Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário. Tem como eixos transversais: Pedagogia para uma nova sociabilidade e Memória e Identidade. A Fetag/Ba[56] manteve este formato, aproximando os temas com a realidade do Estado, ou seja, dando cor e tempero baiano para a escola.

O curso estadual da Bahia coincidiu com uma agenda superlotada em que a conjuntura se refletia em eleições

[56] A Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado da Bahia - Fetag/BA foi criada em 1º de setembro de 1963, por Arlindo Ambrósio Mateus, Carlos dos Santos Frederick e Domingos Vicente Ferreira, com o nome de Federação dos Trabalhadores Agrícolas do Estado da Bahia. Em dezembro do mesmo ano, a Fetag participou do Congresso de Fundação da Contag – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

As raízes da Fetag surgiram no primeiro Sindicato de Trabalhadores Rurais do Brasil, fundado em meados de 1930, pelo socialista e administrador da Companhia Agrícola Wildberger Joaquim Cunha Filho, em Pirangi, distrito de Ilhéus, atualmente município de Itajuípe, sul da Bahia. Esse sindicato foi fechado em 1937, durante o governo de Getúlio Vargas.

A repressão por parte do governo e dos grandes latifundiários não impediu que militantes comunistas do Brasil continuassem suas inserções pelo Sul da Bahia, na reorganização do movimento sindical rural.

Em 1952, foram fundados os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Ilhéus e Itabuna, mas estes só foram reconhecidos cinco anos após a fundação. Em 1954, foi criada a ULTAB – União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil que lutava contra a exploração nas fazendas de cacau. Neste mesmo ano, aconteceu a I Conferência Sul-Baiana de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, sendo novamente realizada, em 1956.

Em 1961, ocorreram novos conflitos, como o de Nova Brasília (Itapebi) onde foi criada a FALTAB – Federação das Associações de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas da Bahia. De 10 a 13 de maio de 1962, foi realizado o I Congresso dos Trabalhadores Rurais, em Itabuna, reunindo delegações de vários municípios da Bahia e também de outros estados. Setores da Igreja começaram a participar do movimento sindical e neste mesmo ano surgiram a Liga Camponesa e a Associação dos Trabalhadores Agrícolas de Camacã.

No ano seguinte (1963), o então presidente João Goulart assinou a Lei 4214 – o Estatuto do Trabalhador Rural, o que tornaria mais fácil a fundação de sindicatos e o reconhecimento pelo Ministério do Trabalho. Nesse período, foram fundados alguns sindicatos na Bahia, a exemplo do de Uruçuca-Ipiaú, Ibirataia, Coaraci, entre outros, que serviram de base para a criação da Fetag/BA em 1º de setembro. Mas em 1964, com o Golpe Militar, a Fetag foi desarticulada, a intervenção dos militares dividiu os trabalhadores. Em 1965, ela foi reconhecida, mas sua 1ª eleição só aconteceu em 23 de julho de 1966.

Em 1987, aconteceu o Primeiro Congresso Eleitoral. A partir daí, a entidade passou por um período conturbado, oito anos com problemas e afundada em dívidas. Só em 1995, após o Terceiro Congresso Eleitoral, a Fetag começou a se transformar e ganhar novos rumos em toda sua estrutura. Hoje ela é uma das maiores federações de trabalhadores rurais do Brasil e conta com mais de 400 sindicatos filiados. Em sua trajetória, sempre desenvolveu a formação de seus militantes, quer seja a formação na ação quer seja de forma sistematizada, através de cursos para formação de lideranças ou cursos temáticos para áreas específicas. Hoje, abraça a Enfoc porque acredita que é uma formação que pode transformar as pessoas e o movimento, dando novos rumos ao MSTTR e fortalecendo o PADRSS para a sua efetiva implementação.

governamentais e na realização do 7º Congresso [57] da Federação. Sendo assim, até o congresso e as eleições todo o MSTTR baiano estava envolvido nas campanhas políticas e na composição das chapas para o congresso.

Desse modo, houve um atraso na realização dos módulos estaduais, em relação às outras federações do Brasil, mas, mesmo assim, o Secretário de Formação junto com a Rede Estadual de Educadores e Educadoras assumiram o compromisso de realizar os módulos que aconteceram nas seguintes datas: 23 a 27 de agosto; 8 a 12 de novembro e 13 a 17 de dezembro de 2010.

No primeiro módulo, que teve como eixo "Estado, Sociedade e Ideologia", foram discutidas a PNF e os processos formativos do MSTTR, com o objetivo de refletir sobre a importância da política de formação e compreender este processo, para então seguir em frente com temas como: Identidade do povo do campo – História social, memória e cultura dos povos do campo; Gênero e sucessão rural; Modos de produção e Sociedade e Relação de trabalho. No *intermódulo**, os educandos realizaram uma reunião com a diretoria dos STTRs no intuito de apresentar a proposta de formação e já articular a formação de um grupo de estudo sindical – GES – e, integrado à reunião, fizeram o levantamento da história do STTR.

*O curso tem a dinâmica da Pedagogia da Alternância, de modo que, no espaço em que eles retornam para suas comunidades, recebem trabalhos para realizarem e estes recebem o nome de trabalhos intermódulos.

No retorno do segundo módulo, que teve como eixo temático "História, Concepção, e Prática Sindical, procurou-se estabelecer uma conexão com o módulo anterior. Para tanto, foi feita a (re) apropriação da memória do I módulo, trazendo ao segundo elementos do primeiro, através de fotos e de frases. Para ampliar a integração da turma e fazer um olhar para cada indivíduo, foi construída uma *mandala**, que trazia elementos da vivência de cada um, promovendo a integração do grupo e criando um ambiente de corresponsabilização. No dia seguinte, o professor Antônio Dias conversou com a turma sobre a origem e papel do sindicalismo, evidenciando pontos da história que poucos conheciam. Foi debatida também a constituição e organização do MSTTR no Nordeste, e Jean contou a História da Fetag, que foi aprofundada por um diálogo de experiências com *José da Silva*, *Josefa Rita* e *D. Cecília**.

*Mandala é uma metodologia.

*José Antonio da Silva, atual Sec. de Finanças da Fetag-Ba, foi o primeiro Sec. de Formação e Organização Sindical, foi presidente no último mandato e é uma das principais lideranças no estado.

*Josefa Rita da Silva foi umas das primeiras mulheres do MSTTR da Bahia, nascida no Piauí, veio para a Bahia e participou das mobilizações dos atingidos por barragem no norte da Bahia. Hoje é a atual Sec. de Pol. Sociais da Federação.

*D. Cecília foi casada com Wilson Furtado, forte liderança do oeste baiano, já falecido. Ela participou das primeiras organizações das mulheres no estado e hoje continua em organizações comunitárias, mobilizando e organizando as trabalhadoras.

Para aprofundar o eixo temático do módulo, foram apresentados os trabalhos intermódulos, quando formamos um painel com as histórias dos sindicatos e os produtos das regiões; os educandos/as trouxeram fotos e produções locais como: biscoitos

[57] O 7º Congresso da Fetag/Ba foi o primeiro congresso temático, em que os delegados puderam debater o documento- base. Na comissão temática sobre formação e organização, a Enfoc apareceu como o ponto mais debatido, onde todos queriam conhecê-la mais e participar.

de polvilho de mandioca, frutas e cachaças. Mantivemos conversas sobre centrais sindicais com Adilson Araújo – presidente da Central dos Trabalhadores do Brasil – CTB da Bahia e realizamos uma oficina de mística, quando captamos o depoimento:

> Eu pensava que mística era uma dinâmica, mas depois da oficina eu vi que era diferente, o texto que lemos ajudou muito (Educando 1).

Para reafirmar o compromisso com o processo formativo, e, na tentativa de sensibilizar os educandos/as, fizemos uma roda de conversa sobre os GES e já os indicamos como atividade intermódulo, de modo que no encontro seguinte tivéssemos um diagnóstico dos pontos facilitadores e das dificuldades de constituí-los.

O terceiro e último é marcado como o módulo da formatura, da conclusão, mas, para a Política de Formação, é o módulo de reafirmar compromissos. É o módulo que vai aprofundar os conhecimentos sobre o Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário. Neste procuramos fazer um diálogo profundo sobre o tema e contamos com a participação do Secretário de Formação da Contag, que retomou a Política Nacional de Formação-PNF, apresentada no primeiro módulo. Fizemos um "diálogo pedagógico" sobre a identidade do homem e da mulher do campo, dando visibilidade às diversas identidades; esta conversa foi interessante, porque levou a um debate amplo sobre o papel da educação na construção das identidades. Debatemos sobre a agricultura familiar e a territorialidade, o desenvolvimento rural, as perspectivas e desafios para o Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – DRSS, e discutimos também sobre as novas práticas sindicais. Nesse módulo, além da solenidade de formatura, fizemos o "passeio pedagógico", conhecendo espaços históricos em Salvador e dando visibilidade a assuntos já discutidos no decorrer do curso.

O último módulo também possibilitou a participação de dois educadores da Rede Nacional. Contamos com a presença de Amarildo, Assessor da Contag e Educador da Escola, que conversou com a turma sobre Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – DRSS e Viviane, Educadora Popular de Enfoc e Assessora do Estado de Sergipe que, no último dia, fez uma oficina de sistematização, reafirmando conceitos como o de Rede e a necessidade do fortalecimento da Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc. Esta Rede contou colaboradores/as e com convidados que tiveram presença neste curso e não poderíamos deixar de registrar seus nomes[58]. Estes foram os nomes das pessoas que ajudaram a realizar o curso estadual; outras pessoas do movimento estiveram presentes, passaram para cumprimentar a turma e participaram da solenidade de formatura como Davi, Secretário Geral da Contag e Diretor da Fetag e o Presidente da Federação Claudio Bastos, dentre outros que demonstraram seu apreço pela Escola de formação.

A solenidade de formatura foi "marcada" por uma mesa composta por quase toda a diretoria da Fetag e Secretário Geral da Contag, o que reforçou ainda mais a importância do curso para o Estado. Os formandos firmaram o compromisso de serem multiplicadores criativos em seus municípios e nas suas regiões, articulando-se e se propondo desenvolver a política de formação no Estado e a turma recebeu o nome

[58] D. Cecília, convidada por ser uma das mulheres que iniciou a luta no MSTTR; professor Antônio Dias, que já foi assessor da Contag na Bahia; Adilson Araújo, presidente da Central dos Trabalhadores do Brasil-CTB da Bahia, que foi convidado; professor Nivaldo Dutra, professor Fábio, Charque, Madalena, Thalita, Karina, Cosme, Ediane, Gilmar e Thais, assessores da Fetag e educadores/as da escola; Rodney, que já colabora com a Escola desde a primeira turma; Generosa, consultora da Fetag, Suziane, Tonhão e Vânia, dirigentes sindicais e educadores da Rede; Amarildo, Assessor da Contag e educador da Escola; Viviane, Educadora Popular da Escola e Assessora da Fetase; Juraci, Secretário de Formação da Contag; os diretores da Fetag/BA, Zé Doutor, Zefinha, João da Cruz, Rita e Jean Carlos.

do educando mais idoso e participativo, Antônio (conhecido como Seu Toinho).

Os imprevistos

Como em todos os processos educativos, o curso de multiplicação criativa na Bahia também foi marcado pelos imprevistos; eles nos ensinaram a replanejar e reorientar caminhos.

Logo no primeiro módulo, tivemos que ajustar datas e horários. Mudar datas se tornou um grande desafio para cumprir prazos e metas, já que iniciamos o curso com um atraso significativo. Durante o curso, foi necessário fazer modificações na programação, pois estávamos em período eleitoral e, no dia que seria realizada a **noite cultural*, Dilma estava em Salvador com Lula para um comício e metade da turma argumentou ser oportuno substituir a noite cultural pelo comício, e assim foi feito: parte da turma foi ao comício e a outra parte ficou no local do curso.

*Espaço de produção cultural e lazer que tem como objetivo promover intercâmbio, revelar talentos artísticos e culturais dos educandos/as.

No segundo módulo, tivemos mais mudanças: tínhamos programado oficinas noturnas, tivemos que realizar uma delas no horário previsto para o passeio pedagógico que estava planejado e não pôde ocorrer; a outra teve que ser cancelada por perceber que alguns integrantes da equipe e da própria turma já não tinham condições de continuar trabalhando no horário que já se avançava.

O terceiro módulo foi mais tranqüilo, não tivemos que fazer adaptações, apenas dar conta de fazer acontecer o que foi planejado.Os imprevistos ensinam a rever o que ficou decidido, aprimorar e mudar aquilo que precisa ser mudado.

As oficinas de autoformação e sua contribuição para construção dos módulos

A primeira oficina de autoformação teve início com uma reflexão acerca do processo formativo, das individualidades e do sentimento de grupo, necessária para a realização de um trabalho coletivo, em que o Secretário de Formação Jean enfatizou a importância da Rede de Educadores e Educadoras e como "o tema Enfoc" foi debatido com profundidade e interesse durante o Congresso da Fetag/BA, na comissão temática de formação e organização sindical. A partir daí, foi realizada uma reflexão sobre o que queremos com a Enfoc estadual. Perceber o envolvimento político no processo formativo apareceu como um argumento muito forte, principalmente por se tratar de um ano de eleições governamentais e de ter ocorrido o congresso na Federação da Bahia. Iniciar a 2ª turma durante este processo era extremamente desafiador, a ponto de alguns dirigentes e diretores acharem incoerente pensarmos em iniciar o I módulo naquele momento. Isso foi posto por não podermos contar com todos os participantes da Rede de Educadores/as e também pelo fato de os educandos/as do curso estarem totalmente envolvidos nas campanhas eleitorais, podendo ter um alto índice de evasão no decorrer do processo. Mas, diante do cumprimento das datas, deveríamos fazer os três módulos ainda em 2010 e já estávamos em agosto. Assim definimos as possíveis datas e passamos a discutir o I módulo propriamente dito.

Optamos por não dividir a equipe, por irmos planejando, todos juntos, cada etapa. Tivemos como ponto de partida a matriz do I Curso Estadual, pois, para partimos do que já vinha sendo construído no Estado neste processo formativo, era preciso considerar tudo o que anteriormente se construíra. Após olhar para a matriz, avaliamos o que deveria sair e o que deveria continuar a mudar ou melhorar. Listamos também nomes de pessoas da Federação e de parceiros que

poderiam contribuir, desenvolvendo algumas das temáticas do I módulo.

A primeira oficina de autoformação foi constituída envolvendo muito sonho, muita criatividade, mas com a percepção de que era preciso manter os pés no chão apesar de crer que, se não ousar, pouco se constrói. Desse modo, definimos por uma matriz intensa e cheia de atividades, mas também acordamos ações decisivas: descrever a matriz com os temas, participantes, colaboradores e as metodologias utilizadas.
A segunda oficina de autoformação, diferente da primeira, teve início com uma profunda avaliação do I módulo: o que foi planejado e o que foi realizado. E isto foi muito forte, porque os imprevistos no decorrer do I módulo foram grandes. Em função disso, muito do que foi planejado para o II módulo teve que ser reconstruído ou modificado.

Pensamos então na logística, na equipe de apoio, no papel de cada um que estaria acompanhando o módulo, no material didático, em oficinas noturnas e mais: extrapolamos o âmbito do módulo e pensamos na estratégia formativa do estado e nas necessidades a serem atendidas. Dessa forma, debatemos profundamente sobre os espaços intermediários, *os polos e delegacias sindicais**, e sobre a estrutura que este tipo de formação teria. Pensamos na realização de um Encontro Estadual de Formação no Estado, para articular todos que já haviam passado pelos processos formativos da Escola.

* Os polos sindicais são estruturas regionais independentes, com estatuto próprio que atendem aos sindicatos; estes são filiados à Federação.

* Delegacias sindicais também são estruturas regionais, porém as delegacias são dependentes, é uma espécie de extensão da Federação. Tanto polo quanto delegacias funcionam tecnicamente da mesma maneira, com um assessor regional que atende aos sindicatos, prestando-lhes assessoria técnica e política.

A oficina de autoformação passa a ter um caráter de reflexão, e os formados passam a ter um olhar de educador/a investigativo, que reflete e busca solucionar os problemas; não mais na condição de educandos/as, agora, enquanto educadores/as, pensam em qual a melhor forma para se atingir os objetivos do curso e como formar novos educadores/as, "multiplicadores/as criativos" da estratégia formativa da escola.

A última oficina teve o caráter de reafirmar o que já tínhamos percebido nos módulos anteriores e que não foi possível reparar. Neste sentido, discutimos a evasão da turma, a participação da Rede, as reuniões avaliativas no decorrer do módulo, os grupos de trabalho e os encaminhamentos para a formatura.

A oficina se tornou muito mais do que um espaço para construir os módulos. E efetivou-se como um espaço de aprendizagem, de formação, de reafirmação e articulação da Rede de Educadores/as Populares da Enfoc na Bahia.

> É preciso construir materiais mais didáticos, com mais ilustrações, com uma linguagem de fácil compreensão; devemos construir esse material (Educador da Rede).

A vivência coletiva, aprendizagens e amizades construídas

Em uma caminhada de três módulos de apenas cinco dias cada um, fica difícil imaginar a possibilidade de construir sólidas amizades ou que a vivência coletiva seja algo significativo. Isso não seria possível se estivéssemos falando de processos educativos convencionais, tradicionais, em que os educandos/as seriam chamados de "alunos" e estes comparados a caixinhas vazias a serem preenchidas com vários conteúdos no decorrer do curso, e estes conteúdos não tivessem importância para suas vidas.

Mas aqui estamos falando de um processo educativo repleto de significados, onde a vivência coletiva nos ensina

mais do que os conteúdos propostos; não queremos com isso dizer que os conteúdos merecem destaque menor nesta abordagem, e sim reforçar a ideia de que aprendizagens se dão de várias maneiras e em todos os espaços; afinal, nesta Escola, quem ensina aprende e quem aprende ensina; é uma troca coletiva de saberes.

É preciso evidenciar também esse espaço como um lugar onde ocorrem os conflitos, sejam eles cognitivos ou pessoais e interpessoais. Eles acontecem nas oficinas de autoformação, no decorrer dos módulos do curso, entre os próprios educadores/as, entre os educandos/as, entre os diretores/as do MSTTR. Não vemos os conflitos apenas do seu lado negativo, mas em seu todo. Os conflitos aparecem geralmente frente à tomada de consciência, a uma aprendizagem ou nova reflexão. Assim como no conflito cognitivo, o decorrente das relações entre os sujeitos pode propiciar um amadurecimento ou desanimar; pode afastar uns dos outros ou aproximar. Em um espaço coletivo, os conflitos interpessoais são corriqueiros e revelam as diversidades, os diferentes que dialogam e se chocam; é dessa vivência que surgem as amizades, mas também as rivalidades e os laços que podem ser duradouros, independente da distância que separa os indivíduos com o término dos módulos dos cursos.

Os laços de amizade vão se construindo no decorrer do processo e extrapolam o âmbito do curso, inclusive com o auxílio de um recurso que é a Rede, mesmo que não seja compreendida em sua essência. Este é um processo de humanização dos sujeitos de que tanto necessitamos. Que foi vivenciado no decorrer de todo o curso, mas que apenas no último dia se tornou visível a todos, expresso em depoimentos.

> [...] muitos companheiros, amigos, camaradas, teve uns que a gente brincou mais, conversou mais, e tem gente

> aqui que vou continuar a trocar informações; quando eu digo camaradas é que tem gente aqui que (lágrimas) [...] (Educando 2).

> "Eu me lembro das noites do curso, quando a gente se reunia no quarto e discutia as coisas do Movimento, as coisas que foram tratadas no curso, ali começava a criar os novos vínculos de amizade, sempre se reunindo nos grupos em que se tinha mais afinidade, mas o que mais me chamou a atenção é que os grupos eram sempre grandes e por vezes estes grupos se juntavam; a união da nossa turma foi muito grande, existiam as chamadas panelinhas, mas éramos uma turma, a amizade é uma coisa muito forte, é o que ajudava a gente a voltar no próximo módulo, era uma espécie de motivação, a amizade nasce de uma forma que vai crescendo, e assim eu tenho grandes amizades aqui e eu vou levar pro resto da minha vida" (Educanda 1).

A afetividade é um ponto importante a ser considerado na construção do saber, nas aprendizagens e no desenvolvimento cognitivo. Os educadores têm o papel de mediação entre conteúdos, metodologias e relações com os educandos/as. As metodologias utilizadas também contribuem para a construção de uma vivência mais amistosa e, por vezes, amenizam; por outras, aumentam os conflitos.

As amizades construídas revelam que esta Escola é feita de gente e não de muros, que os educadores/as não exercem o papel de detentores do conhecimento e que os educandos/as se respeitam e constroem juntos essa Escola.

Vivendo um jeito diferente de fazer – metodologias participativas

Outro ponto que merece destaque são as metodologias utilizadas na escola que são metodologias participativas e distinguem a maneira como o curso é construído. Mais uma vez é necessário falarmos sobre coletividade e a construção coletiva do saber. As metodoogias utilizadas em um processo educativo contribuem para a configuração da pedagogia a que se propõe.

Os métodos e técnicas utilizados no curso estadual, em quase sua totalidade, são planejados coletivamente, pensados e relacionados aos conteúdos para alcançarem os objetivos a serem obtidos. Proporcionam a participação dos educandos/as.

Pode-se pensar que metodologias e técnicas articipativas sejam apenas aquelas referentes a trabalhos em grupos, mas não é apenas isso. Podem e devem ser também as exposições dialogadas, as leituras, os diálogos pedagógicos, desde que propiciem o envolvimento e a participação.

Gadotti (1995, p.31):

> [...] A metodologia é muito condicionada pelas condições concretas e materiais do local, inclusive. [...] Não faço uma exposição sistemática do tema como se já existisse uma resposta quase que mecânica a ele. O melhor é trabalhar o tema como quem também está aprendendo sobre ele, como quem está aprendendo junto [...].

Sendo assim, podemos afirmar que a postura do educador é pré-determinante da metodologia e da abordagem pedagógica; um educador que não tem a postura de detentor do conhecimento, consequentemente, proporcionará uma aprendizagem significativa. Adotar metodologias participativas é um princípio que advém de uma postura ética do educador que sabe que não é o dono do conhecimento e que não o usa para exercer autoritarismo, ele partilha seu conhecimento com os educandos/as e com eles também aprende.

Esse jeito de fazer possibilita que os educandos/as produzam e revelem talentos que até desconhecem.

E esse é o ponto mais forte dessas metodologias e técnicas, a possibilidade de pensar e fazer o novo, porque nada é dado como único e acabado, as possibilidades são várias e são apreciadas no decorrer do processo: a circularidade das cirandas, das rodas, das mandalas, as particularidades descobertas no coletivo; as músicas, as dramatizações, o júri simulado, dentre tantos outros.

> Eu me descobri uma artista, não sabia que podia fazer, mas depois que vim pra Enfoc descobri que posso fazer, que sou capaz (Educanda 2).

Esse descobrir-se indivíduo capaz, sujeito que possui saberes é parte importante do fazer educação, o ato de propiciar o resgate da autoestima usurpada, ou de reforçá-la, pode ser evidenciado também pelas cartas que os educandos/as fizeram logo no primeiro módulo para responder à pergunta: Como se sentiram ao fazer parte dessa escola, ao serem convidados e convidadas?

A maioria das cartas mostrava a satisfação por serem escolhidos para fazer parte da 2ª turma do curso estadual. Havia trechos em que os educando diziam: *"Fiquei muito feliz ao ser escolhida, dentre tantas pessoas no estado eu fui a escolhida para estar aqui, me senti uma pessoa muito importante"* (Educanda da 2ª turma estadual). Sentir-se parte integrante de um movimento, de uma turma, de um espaço como sujeito que constrói a história e não como um mero espectador depende muito da estrutura desse processo educativo, da pedagogia adotada e dos educadores/as que compõem esse ato educativo.

> A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação. Não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo "encha" de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes" e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de

> conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.
>
> Ao contrário da "bancária", a educação problematizadora, respondendo à essência do ser da consciência, que é sua intencionalidade, nega os comunicados e existência da comunicação. Identifica-se com o próprio da consciência que é sempre ser consciência de, não apenas quando se intenciona a objetos [...]. (FREIRE, 2005, p. 77)

A problematização é outro ponto que merece destaque, quando tratamos de metodologias chamadas "tradicionais". Dificilmente poderíamos possibilitar a problematização a partir das mesmas, pois estas se limitam à difusão; incidem na perspectiva das caixinhas a serem cheias de conteúdos, do conformismo e da aceitação, do não questionamento das coisas.

Em um processo educativo como este analisado, é preciso ter muito cuidado para não estarmos considerando e chamando suas metodologias de participativas se apenas reunirmos as pessoas em um mesmo grupo, impondo-lhes verdades absolutas, impedindo-as de questionar. Principalmente por ser o MSTTR o centro das discussões e dos conteúdos, podendo alguns pensarem que as discussões, ao colocarem o Movimento sob análise, estão gerando um processo de autoritarismo alienante, o que deixa de ser educação popular e de ser metodologia participativa.

Como identificar então se as metodologias utilizadas são participativas ou engessadas? E por que usar metodologias participativas? Parece resposta simples diante de tudo o que foi exposto acima, mas existe uma complexidade em torno das questões que nos remetem a outras perguntas. A serviço de quem está essa proposta educativa? Qual a sua finalidade?

Parece que aí reside à questão central de nossos questionamentos, estamos falando de uma educação popular, para trabalhadores e trabalhadoras rurais ou pessoas que estão diretamente ligados a essa classe, que tem por objetivo geral proporcionar a transformação política, mas o que parece interessante é a possibilidade de este lugar não proporcionar apenas a transformação política, mas também possibilitar um movimento de emancipação destes sujeitos que participam desta escola de formação.

Essa emancipação que vai sendo construída ou se pode esbarrar-se em uma consciência já cristalizada, que foi cunhada por aparelhos ideológicos do Estado, como a escola, a Igreja, e a rede de comunicação. Com isso, em alguns casos, só se atinge a emancipação política.

Grupos de Estudos Sindicais – GES

Os Grupos de Estudos Sindicais – GES são mais do que simples grupos que discutem temas do cotidiano sindical. Eles podem ser considerados "estratégia da estratégia formativa". Sim, pode parecer redundante, mas é afirmação necessária para evidenciar seu objetivo. Todo o itinerário formativo – cursos nacionais, regionais, estaduais, oficinas de autoformação – se justifica pela possibilidade da constituição de educadores/as e multiplicadores/as criativos que possam de fato contribuir com a formação daqueles que estão na base, trabalhadores e trabalhadoras rurais que configuram a classe dos trabalhadores/as do campo brasileiro.

Não temos um saldo positivo dos cursos passados, apenas experiências isoladas que não deram certo, sendo um dos principais motivos disso a ideia dos GES ser em uma reprodução do curso estadual. Agora temos um grande desafio: buscar caminhos para promover a multiplicação dos GES no estado, levando em conta o que descortinamos: as dificuldades e as possibilidades.

Dificuldades e possibilidades

O GES é o maior desafio da Escola de Formação mas, no momento, esbarra em alguns limites. Parece que

o maior deles é o ativismo, tudo se torna importante e prioritário quando se chega ao chão do STTR; todas as ações cotidianas são realizadas nos seus tempos limites; é preciso fazer, fazer e fazer, muitas vezes até se planeja, mas nem sempre se reflete sobre o planejado e a execução.

Para perceber as dificuldades com que os educandos da 2ª turma pudessem se deparar, foi proposta como atividade do segundo módulo a criação do GES que, neste primeiro momento, poderia ser realizado no sindicato para se fortalecer a ideia e depois chegar à comunidade. Isto para aqueles que não conseguiam fazer diretamente na comunidade. Os depoimentos a seguir reforçam nossas percepções:

> O GES não foi priorizado na agenda, e existe uma carência de maior integração entre comunidades e diretores do STTR (Educando 3).

> Para eu criar o GES faltou tempo, devido o acúmulo de várias reuniões como a previsão orçamentária, planejamento de trabalho e outras coisas que aparecem pra gente fazer (Educanda 3).

Percebemos que as dificuldades foram muitas, pois nem a metade da turma conseguiu fazer a primeira reunião para a formação do grupo de estudos sindicais. A compreensão do que venha a ser um GES também variou muito, e desmistificar que não é um curso não foi tarefa fácil, muitos pensavam que eles teriam que palestrar e conduzir todo o processo até encerrar o curso e certificar os participantes, assim como no curso estadual.

A maior justificativa para a não criação do GES foi a falta de tempo, a acumulação de tarefas, o excesso de viagens, de reuniões, ou seja, o ativismo do dia-a-dia. Convencer os demais diretores/as da necessidade de se criar GES também aparece como dificuldade. Neste sentido, formar o grupo seria uma tarefa a mais a ser realizada, o que necessitaria de mais tempo e dedicação.

Para aqueles que realizaram a tarefa, os desafios não foram poucos, e manter o grupo passou a ser o maior desafio.

> Os desafios, acredito que serão a abrangência desta escola, pois, com o grupo de diretores, é bem mais fácil, porém expandir poderá ser um desafio; nada que não poderá ser superado (Educando 4).

Existem outros desafios a serem superados, como: sensibilizar os demais diretores/as do STTR, que ainda não estiveram nos cursos de formação da Enfoc sobre a importância da estratégia formativa para priorizarem os GES e a formação sindical nas agendas, e fazer formação mesmo quando não houver financiamento externo.

> Para mim, o maior desafio é convencer os dirigentes e lideranças sobre tal importância e priorizar, dentre as várias ações, identificar pessoas que tenham compromisso, que demonstrem interesse para o GES ser levado a sério (Educando 5).

Para alguns não houve grandes dificuldades e, quando houve, os resultados positivos, superaram as dificuldades. A avaliação dos resultados foi muito boa, o entusiasmo dos participantes contribuiu para a continuação do grupo.

> Eu fui fazer a reunião no sindicato, mas eu não posso fazer o GES, porque o presidente do sindicato não deixa, ele é o dono do sindicato, mas não vou desistir, vou fazer na comunidade que moro (Educando 6).

> O GES lá está muito bom, a gente se reúne todo primeiro sábado do mês, no próximo encontro vamos falar sobre o Cadastro Nacional de Informações Sociais-CNIS, estamos precisando falar disso (Educanda 4).

Para pensar a estratégia, é preciso analisar as dificuldades e as possibilidades, é mais do que necessário problematizar esse espaço formativo que acontece na base e que é o objetivo maior de toda a formação que é chegar àqueles e àquelas que estão mais perto do cotidiano rural e mais distantes das discussões políticas do MSTTR. Estes sujeitos que dão força à luta e que são o motivo da luta precisam conhecer a política de formação sindical para melhor contribuir neste processo formativo.

Grupos de Estudos Sindicais na Bahia

Os grupos de estudos sindicais na Bahia tiveram início com a 1ª turma do curso regional, porém a ideia de GES's que se tinha era em um formato de curso que tinha início, meio e fim pré-definidos; desse modo, na mesma medida que os grupos iam sendo criados, eles terminavam, ficando apenas a ideia de criar novos grupos. Com a participação de novos educandos e educandas, a concepção de GES foi melhor entendida.

Com a 2ª turma estadual, obtivemos alguns resultados, foram criados alguns grupos no estado, destes em apenas um não havia compreensão de como conduzi-lo a funcionar. Dos grupos criados, todos envolveram parte da diretoria dos sindicatos. Existem grupos que se reúnem mensalmente e os que se reúnem de 45 em 45 dias. Os temas estudados variam muito, e vão desde previdência até o histórico do movimento sindical. Há vários relatos de não criação dos grupos que denotam desde a falta de tempo até ter coisas mais importantes para fazer. A criação dos grupos também esbarra na dificuldade financeira e aparece em alguns depoimentos:

> La a gente tá fazendo GES, mas demoramos de formar o grupo porque não tinha cadeira, e a gente optou por fazer no sindicato, então o sindicato comprou as cadeiras e já começamos o GES (Educanda 5).

Como resultados da atuação da 2ª turma, existem, até hoje: seis grupos de estudos sindicais nos municípios de Urandi, Morro do Chapéu, Itaguaçu da Bahia, Abaré, Bonito, Pojuca. O que chama a atenção é que houve participação de quase todos os polos sindicais e delegacias sindicais da Bahia no curso, com a participação de mais de 40 municípios, mas não conseguimos que nem um terço da turma formada criasse grupo de estudos sindicais.

No entanto, no discurso dos educandos/as, eles relatam a importância e o desejo de criar os grupos, veem a necessidade de levar para a base o conhecimento construído no curso e recriar esse processo formativo. Querem recriar no município um curso tal qual o estadual, daí a justificativa da falta de recurso e meios para criar o grupo.

> Criar o grupo foi muito bom, os participantes gostaram muito da ideia de ter reunião, para eles obter mais conhecimento, a facilidade foi o interesse de aprendizagem, para obter um conhecimento como foi fundado o movimento sindical, e não tive dificuldade porque todos que participaram pelo conhecimento que eles vão ter porque eu disse bem claro como seria o GES (Educando 7).

Esse processo formativo, proporcionado pela Enfoc, possibilita lançar mão de muitas reflexões que inquietam, fazendo com que os envolvidos permaneçam em constante conflito. Isto se deve principalmente pelo fato de estarmos lidando com um processo que possibilita a construção de novas concepções e consequentemente de uma nova consciência. O despertar de uma consciência de classe passa a acontecer e o indivíduo em conflito já não sabe se deve ou não se entregar à luta de classe; liberto e consciente de sua condição social, é inevitável o pensamento da negação, pois cresceu com dogmas hoje questionados.

> Na verdade, a vida cobra da pessoa uma nova postura para a qual não foram internalizadas estruturas prévias para sua

realização. Ao contrário, toda a bagagem psíquica, cultural e moral está estruturada para agir contra a postura exigida pela nova consciência, que tenta impor. O indivíduo está apto a aceitar a realidade, assumindo sua impotência diante de relações estabelecidas e predeterminadas. Por isso o indivíduo que se torna consciente é, antes de tudo, um novo individuo em conflito (IASI, 2007, p.36) .

Assim, o ato de criar ou não grupos de estudos sindicais pode estar além das condições financeiras, temporais e estruturantes; aponta-se, neste sentido, a necessidade de uma investigação acerca deste problema, para podermos conhecer o real motivo para a não criação dos grupos, mesmo quando os sujeitos desta escola afirmam o ensejo em criá-los.

Municípios que tiveram participação na Enfoc: Salvador, Varzedo, Nova Redenção, Conquista, Paramirim, Feira de Santana, Bom Jesus da Serra, Ribeira do Pombal, Pindobacu, Cafarnaum, Guanambi,Itaguacu, Barra, Araças, Ibipitanga, Jequié, Jacobina, Iraquara, Planaltino, Governador Mangabeira, Barreiras, Urandi, Morro do Chapéu, Itapicuru, Ourolandia, Valença, Caldeirão Grande, Malhada, Irecê, Seabra, Igapora, Milagres, Barro Alto, Ipiau, Lagedo do Tabocal, Bonito, Riachão das Neves, Abaré, Pojuca, Sebastião Laranjeiras, formosa do Rio Preto, Ibitiara, Dom Macedo Costa, Juazeiro, Almadina, Itabuna, Elisio Medrado, Marcionilio Souza, Marau, Tanque Novo.

A estratégia do estado para ampliar o número de GES

Devido ao pequeno numero de GES criados após a constituição e ação da I turma Estadual e agora com os poucos grupos criados após a formação da II turma, passamos a interrogar sobre o que não está saindo como o planejado e a pensar o porquê e como intervir para aumentar este índice de criação de GES.

Ao refletir, a Rede de educadores/as do estado e a secretaria de formação constituíram algumas estratégias para ampliar o numero de GES no estado. De início, pensaram em uma maneira de acompanhar e animar a criação dos grupos, quando cada educador iria acompanhar a região a que pertence, ajudando os multiplicadores/as criativos. Estes deveriam se reunir bimestralmente para discutir a formação no estado, de modo que será realizado o I Encontro Estadual de Formação na Bahia, para fortalecer a formação no estado e animar os multiplicadores/as criativos.

Outra estratégia é começar a pensar em cursos regionais pelo estado, visto que a dimensão territorial da Bahia é grande e o número de participantes nos cursos estaduais é pequeno diante da quantidade de sindicatos no estado. Outra necessidade é a maior aproximação dos sindicatos, possibilitando que maiores números de pessoas tenham acesso à formação sistematizada da Escola de Formação Sindical.

A ideia dos cursos nos polos sindicais e delegacias sindicais surge de uma atividade intermódulo da 2ª turma da região Nordeste, ao ir ao polo sindical da Chapada falar sobre Formação. Fizemos um encontro de dois dias apresentando a PNF, a Escola de Formação e a história do MSTTR. Neste encontro, os participantes sugeriram que, se fizesse um curso na região assim como se faz no estado, o fizesse com menos dias. Foi realizado, na oportunidade, um planejamento em que a formação foi o ponto principal.

A partir daí, a mesma ideia começou a aparecer nas diversas regiões. Todos pedem por formação e almejam participar da Enfoc. É ai que residem vários questionamentos: se todos querem formação, por que não fazê-la? O que justifica ser prioridade participar da formação, mas proporcioná-la não está como prioridade? Quais são as reais dificuldades com as quais esbarram os multiplicadores/as criativos para criar e manter os GES?

A Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc na Bahia

Falar em Rede na atualidade nos remete a pensar em internet e rede de computadores, interligados, que podem articular pessoas mesmo que a distância. A rede também pode ser aquela de pesca, de dormir, ou até mesmo aquela teia de aranha, pois todas pressupõem interligações por pontos que, unidos, formam um todo. Rede, originariamente exibe o significado de conjunto entrelaçado de fios, cordas, cordéis, arames, etc., com aberturas regulares, fixadas por malhas e nós, formando espécie de tecido aberto, destinado às aplicações, já presumivelmente "pré-históricas", quer de caça, quer de pesca, para fins de apresamento ou retenção do animal desejado. Todavia, ao longo do tempo, com o processo de modernização da sociedade, o conceito de rede passou por uma mudança de percepção, surgindo o que hoje chamamos de Rede Social. Sucintamente, pode-se dizer que as redes sociais constituem estruturas sociais compostas por pessoas ou organizações que se conectam, passando a estabelecer formas diversas de relações e a partilhar valores e objetivos.

Dentre as diversas características das Redes, uma é fundamental: a sua abertura e porosidade que possibilita relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes, tornando as redes não apenas outra forma de estrutura, mas

quase uma não estrutura, uma vez que parte de sua força está na habilidade de se fazer e desfazer rapidamente.[59]

Numa rede social, a conexão fundamental entre as pessoas se dá por identificação e, por esta razão, a identidade constitui-se nos limites da rede social, portanto, expectativas, confiança e lealdade são permanentemente mantidos e renegociados. O ponto em comum dentre os diversos tipos de rede social é o compartilhamento de informações, conhecimentos, interesses e esforços em busca de objetivos comuns. A intensificação da formação das redes sociais, nesse sentido, reflete um processo de fortalecimento da Sociedade Civil, em um contexto de maior participação democrática e mobilização social.

A Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc é, assim, uma rede social que se realiza mediante o compartilhamento de informações, conhecimentos, interesses e esforços em busca de objetivos comuns e contribui para o fortalecimento da Sociedade Civil, com maior participação democrática e mobilização social, fundamentando-se na identidade do sujeito, bem como nas suas concepções e práticas sindicais.
Pensar em rede é pensar na coletividade, no jeito de fazer juntos, é ter pessoas que se apoiam, que se ajudam, que constroem juntas. Essa coletividade permite reflexões decorrentes de uma diversidade de saberes e práticas que, na busca de convergências e enfrentamento de divergências, pode torná-las mais maduras, coerentes e consistentes. Porque se trata de um processo educativo que prima pela comunhão das pessoas, e acredita que todos têm algo a contribuir.

A Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc tem o papel de articular as pessoas, de alimentar e animar, fortalecendo a Escola, que não está restrita a muros e a salas de aula, mas em cada sujeito que a vivência.

[59] Thais Elislaglei Pereira Sival da Paixão – assessora da Fetag/BA e educadora da Rede da Enfoc

Como a Rede se articula

A Rede se articula de várias formas: ela pode se articular nacional, regional, estadual e localmente. O espaço que melhor garante a comunicação da rede é a internet, nos sites de bate-papo, nas trocas de e-mails e também por telefone. Neste sentido, a tecnologia tem ajudado muito na articulação e animação da Rede, porém os espaços que mais fortalecem a Rede são os de autoformação, como as oficinas de sistematização, oficinas de autoformação, seminários, dentre outros que possibilitam uma aproximação maior dos pares e fortalecimento da Rede. Na Bahia, a Rede ainda não desenvolveu meios para seu fortalecimento e articulação. Embora haja conversas sobre formação entre os educadores/as e os multiplicadores/as criativos, não é uma prática constante que permite uma discussão mais sistematizada sobre formação.

Existe ainda uma lacuna no que diz respeito à rede de educadores. Não há um diálogo sobre formação, sobre a escola e a comunicação; mesmo sobre outros temas, acontece esporadicamente. Percebe-se a necessidade de espaços que possibilitem essa aproximação dos sujeitos e, ao mesmo tempo, de animação da rede, carecendo assim de um estímulo, seja por parte da secretaria de formação ou da própria Fetag ou Contag.

> Eu não fiz GES, não deu, mas os meninos de Abaré fizeram, e me convidou pra ir lá, fazer o intercambio, qualquer coisa que aparecer me chama que eu vou (Educando 8).

A Rede que aparece mais forte no estado é informal e é formada pelos multiplicadores/as criativos que, com o término do curso estadual, continuam a manter contato, dialogam sobre formação e sobre GES.

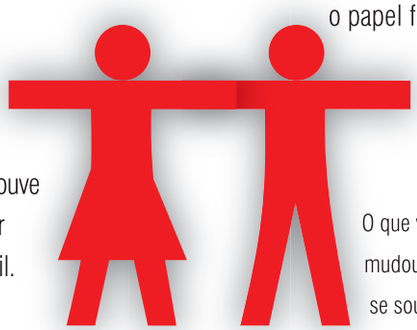
Sentimentos de pertencimento e aprendizagens

Esse lugar chamado rede possibilita novas aprendizagens, não restrito a educandos e educandas, mas como

educadores e educadoras que têm o papel de multiplicar conhecimentos. O sentimento de estar na rede, ou de ser rede é muito subjetivo, não basta alguém lhe dizer "agora você faz parte da rede", mas você precisa se sentir neste lugar. É preciso ter também o sentimento de coletividade, pois estar neste lugar é estar juntos, é fazer junto.

A sistematização é o lugar que melhor possibilita viver esse lugar, nela encontram-se novos conhecimentos, apreende-se um novo jeito de fazer, e as oficinas de sistematização são coagulações deste lugar, pois aproximam as pessoas e mostram como conseguimos avançar quando juntos.

Percepções das mudanças nas práticas político-sindicais



Perceber as mudanças nas práticas sindicais, frente à formação, é uma tarefa quase impossível; afirmar que houve mudanças e transformações sem olhar para si, sem fazer reflexões é tarefa fácil. No entanto, não é o que pretendemos. É então mediante de depoimentos que podemos tentar fazer uma reflexão acerca das mudanças que um processo formativo pode nos proporcionar.

É notório que ninguém sai de um processo educativo como iniciou, as mudanças acontecem, mas o que nos interessa saber é quais são estas mudanças, e se elas se refletem na prática. Para tentar entender melhor, foram feitas as perguntas abaixo, e os educandos/as as responderam.

Como vocês chegaram aqui? Quais foram as expectativas?

> Eu nunca tinha ouvido falar em Enfoc, e tudo foi novidade pra mim. Tudo que eu ouvi aqui eu tava precisando pra trabalhar com o trabalhador rural, tudo que eu ouvi aqui eu vou levar pra base (Educanda 6).

> Algumas pessoas têm me perguntado pra que participar, apreendi muitas coisas, são coisas que a gente aprende pra passar pra base (Educanda 7).

> Foi uma experiência maravilhosa, aprendi outras formas de atuar na base, através das experiências de outros sindicatos (Educanda 8).

> O que eu percebi é que hoje houve grandes mudanças e grandes transformações em mim, desde o dia que eu cheguei com a mensagem que eu tive é o que era os trabalhadores (...) como é que eu ia passar pros demais o que a gente apreendeu aqui, sai daqui mais forte, aqui conheci muitas experiências novas, e o mais importante a nossa amizade; acredito que há muita união no movimento, acredito que dias melhores virão, eu volto pro meu município transformado (Educanda 9).

Apesar dessas afirmações acima que demonstram o papel formativo da Enfoc, é o depoimento abaixo que nos permite afirmar a possibilidade da mudança na prática do cotidiano sindical.

> O que vocês fizeram com "João", lá nessa Enfoc, ele mudou muito, sua postura no sindicato hoje é outra, se soubéssemos que seria assim tinha mandado ele pra lá antes (risos) (Dirigente sindical).

A pessoa aqui chamada por João é um senhor que chegou à sua base e criou um Grupo de Estudo Sindical que até hoje está funcionando. O dirigente que fez o comentário afirma que houve uma grande mudança na atuação do educando/a. Com depoimentos de terceiros e com a atitude do educando em criar o grupo de estudos é possível afirmar que as mudanças acontecem, ora refletem na prática, ora ficam apenas na consciência que, em conflito, não atingem ou não encontram condições favoráveis para mudar a prática.

O que este processo formativo nos ensina

Dimensionar as aprendizagens de um processo formativo como o da Enfoc é configurar vivências, é

reafirmar as potencialidades de uma educação popular, a qual como dizia Freire "ninguém sabe tudo, ninguém tudo ignora, os homens apreendem em comunhão".

Podemos assim apontar três dimensões das aprendizagens obtidas:

A dimensão política:

Esta dimensão se configura nas aprendizagens, em torno das práticas político-sindicais, onde se confrontam as práticas e as concepções que se consolidam na estrutura sindical. Neste ponto, estão relacionados os debates em torno de a política sindical estar atrelada à política partidária e às centrais sindicais. Todas as decisões políticas assumidas pelo MSTTR passam pelas aprendizagens desta dimensão.

Dessa forma, no MSTTR não existe neutralidade política. O direito à democracia existe com a intencionalidade de contribuir com a evolução da luta sindical num contexto viável de soberania popular, em que predomina a luta em favor da classe dos trabalhadores. Neste caso, a afirmação de alguns militantes sobre a neutralidade partidária cai por terra, o que ele não deve é impor sua decisão política para os demais, mas deve sim mostrar a proposta política que defende como uma alternativa para a mudança social.

> O movimento sindical não pode permanecer politicamente neutro, porque a opção política de seus militantes de vanguarda determina inevitavelmente os rumos seguidos pelos sindicatos. Por isso, Trotsky estava certo ao ligar a viabilidade da independência e democracia sindical a uma opção revolucionária, o que implica a organização da vanguarda do proletariado nessa perspectiva (LETIZIA, 2007, p. 148).

Assim se configuram as aprendizagens adquiridas em torno da dimensão política, e nada é dado *a priori*, as concepções vão sendo construídas no decorrer do processo, mas a afirmação que se tem ao final é a de que o Movimento sindical não é parte isolada do mundo e que a luta de classes é condição *sine quo non* para atingirmos uma sociedade socialista e coloca o PADRSS como um ponto a ser alcançado pelo MSTTR.

A dimensão histórica:

A dimensão histórica vai de encontro às aprendizagens adquiridas ao longo do tempo, mas na Escola ela aparece configurada por uma história que os livros didáticos não nos possibilitam ler; é a história contada por seus sujeitos, pela visão daqueles que a vivenciaram, por aqueles que construíram o MSTTR.

É nessa dimensão que os educandos percebem que não há verdades absolutas, mas que há muito o que aprender com as vivências e com as experiências adquiridas por aqueles e aquelas que fizeram a história. Perceber o quanto, através da história, é possível aprender e o quanto é descortinado ao se conhecer a história de que hoje se faz parte é uma das aprendizagens adquiridas neste processo.

A dimensão humana:

A terceira e última dimensão nos aponta para uma questão bastante intricada, que envolve mais que a racionalidade e vontade dos sujeitos, envolve-os por inteiro. Podem perguntar se é possível falar de pessoas e não falar no humano; esse questionamento pode ser respondido com outro questionamento: em um mundo no qual os valores materiais são mais importantes do que as pessoas, o que prevalece? Os valores humanos ou os materiais?

Apesar do capitalismo nos tirar essa humanidade, nos reduzir e nos tornar embrutecidos diante da vida, é possível pensar em humanização, em sentimento, em afetividade, em gosto pelas relações com os outros, em reconhecimento das formas diversas de expressão humana. É o que nos aponta essa dimensão.

A Escola de Formação nos mostra que a afetividade ainda é um aspecto que mexe com as pessoas, que permite transformações e mudanças, e esta aposta se justifica e resulta em um jeito diferente de ser Escola; em uma Escola que não subjuga seus educandos/as, que vê as diferenças e semelhanças, e que estas podem contribuir na formação de cada um e cada uma.

O outro ponto dessa dimensão humana é a emancipação dos sujeitos, que se dá pela consciência e pelo reconhecimento enquanto oprimido.

> Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de ser mais. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser homem. Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática (FREIRE, 2005, p.58).

Assim, para essa libertação, o humano não pode ser dissociado do político; eles caminham juntos, pois é com a dimensão política que se inicia a luta pela emancipação.

Em busca da luta pela emancipação, os sindicatos contam com suas lideranças que encabeçam a luta. Tais lideranças têm uma opção política, e esta carrega um peso decisivo para o caminho do sindicalismo. Por isso, a questão político-partidária é tão importante para o movimento sindical, pois ela não pode reduzir a dimensão política à simples adesão partidária ou à não adesão partidária.

O sindicato não pode manter-se numa trajetória constante de luta pela emancipação dos trabalhadores a não ser que tal constância seja sustentada por uma vanguarda de militantes sindicais. Esta vanguarda nunca deixará de fazer uma opção partidária. E o tipo de opção partidária adotada

pela vanguarda é decisivo para a trajetória dos sindicatos. Por exemplo, as centrais sindicais ligadas aos partidos tradicionais do movimento operário têm enveredado pela colaboração com o capital, quer sob a forma de política reformista, quer sob a forma de integração do aparelho de Estado, atrelando-se a lideranças burguesas bonapartistas e demagógicas. E, paralelamente, a degradação maior ou menor da democracia interna tem feito parte da vida dessas centrais sindicais, acompanhando a evolução da luta de classes (LETIZIA, 2007, p. 148).

Desse modo, as três dimensões que interagem e se completam nos demonstram as aprendizagens que podemos alcançar com este processo educativo; nos ensinam que há muitas possibilidades, de modo que a poesia que segue pode exemplificar o que descrevemos acima. Ela foi escrita por uma equipe em um trabalho de grupo.

Produções como estas evidenciam as aprendizagens que foram sistematizadas no decorrer do curso, os educandos/as ali entram com saberes acumulados que durante o curso são compartilhados, são desconstruídos e reconstruídos a partir dos debates, das leituras e dos estudos realizados. Cinco dias de curso podem ser equivalentes a um mês; os conteúdos são condensados e articulados entre si, a metodologia utilizada é participativa, o que permite maior flexibilidade e abertura às discussões.

Evidencia o lugar do oprimido que, pela luta e consciência adquirida, por meio do conhecimento, pode deixar de ser explorado, submetido, sair da condição de oprimido, passando a ser cidadão em processo de constante busca pela emancipação política e humana – "ser mais", como propunha Freire - e a Enfoc aparece como um espaço capaz de promover esta mudança.

Escola é importante
Para o nosso aprendizado
Participando em três módulos
Saímos capacitados
Tiramos o véu da cara
Para não ser amedrontados

Nossa terra é muito rica
É preciso aproveitar
Combatendo o latifúndio
Que só quer nos explorar
Fortalecendo o movimento
Pra vitória conquistar

Fortalece a juventude
Pra nossa história acontecer
Não esquecendo as mulheres
Que lutam pra valer
Buscando seus direitos
E na história aparecer

O movimento está chegando
Ou será que já chegou
O povo está na luta
Defende o que conquistou
Ainda não foi tudo
Mas nossa estrela já brilhou

Com coração, carinho e consciência
Conhecimento e confiança também
Vivendo o movimento a cada dia
Com a certeza que nossa vitória vem
Na defesa da sabedoria dos povos
Que lutam para buscar o bem

(Educandos da II Turma Estadual)

CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICO-SINDICAL NO MATO GROSSO DO SUL

Ana Bisneto de Moura

Assessora Sindical e de Formação da Fetagri/MS
Colaboração: Rosilei Lopes de Oliveira, Secretária Geral do STR de Bodoquena. Suely Siqueira, ex-Secretária Geral do STRR de Antonio João

Introdução

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Mato Grosso do Sul, Fetagri/MS[60], foi fundada em 23 de fevereiro de 1979, pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Anaurilândia, Bataiporã, Coxim, Ivinhema, Iguatemi, Nova Andradina e Naviraí, e reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego sob n 308.079/79, em 23.05.79, tendo, como primeiro Presidente, Pedro Ramalho. Atualmente conta com 73 Sindicatos filiados com representação dos assalariados rurais e agricultores familiares.

No estado há 177 assentamentos que beneficiaram 29.811 famílias no período de 1984 a 2010, a maioria foi resultado da luta conjunta dos STTRs e Fetagri/MS, por outro lado, existem em torno de120 acampamentos com 12.000 famílias ligados à Federação no estado.

Desde o ano de 2005, vem trabalhando também na organização de associações de trabalhadores/as rurais sem terra para terem acesso a unidades produtivas através do crédito fundiário, como complementação das ações da luta pela terra. Atualmente há 50 unidades produtivas que contemplam aproximadamente 2.013 famílias, resultado do trabalho da Fetagri/MS/STTRs em parceria da Agraer.

O Estado de Mato Grosso do Sul foi criado em 1977, em decorrência da divisão do estado de Mato Grosso, sendo instalado no ano de 1979 e se encontra localizado na região centro-oeste, contendo uma área de 357.124 km2, com uma população de 2.449.341 habitantes, de acordo com estimativa de 2007. É composto por 78 municípios e sua capital é Campo Grande, com clima tropical e subtropical, fazendo fronteira com Bolívia e Paraguai.

Em Mato Grosso do Sul destacam-se as seguintes etnias: brancos (48,9%), negros (4,2%), pardos (45,2%), amarelos ou indígenas (1,7%). As principais atividades econômicas são: agricultura, pecuária e mineração (www.suapesquisa.com).

No estado temos duas Convenções Coletivas de Trabalho negociadas anualmente com a Famasul (Federação da Agricultura do Estado de MS) desde julho/1992, voltada aos assalariados e assalariadas rurais do estado e a outra com o Sindicato das Indústrias de Fabricação de Açúcar e Álcool do estado de Mato Grosso do Sul, voltada aos trabalhadores e trabalhadoras rurais do setor sucroalcooleiro desde 2003.

[60] Doravante Fetagri/MS

A Fetagri/MS, por meio da Secretaria de Assalariados, Política Sindical e Formação, com apoio da Contag, realizou o Curso Estadual de Formação Político-Sindical no decorrer do ano de 2010, com base nos princípios e metodologia da Política Nacional de Formação-PNF.

A Enfoc é um espaço de debates e de reflexões sobre a política sindical e de estudos sobre temas relativos à problemática do campo. Constitui um lugar também de troca de experiências para conhecer mais o local em que milita, e assim contribuir com as mudanças, tendo o PADRSS e a PNF como guias. A Escola é orientada pelos princípios da Educação Popular comprometida com os interesses dos trabalhadores e trabalhadoras do campo. Os saberes dos educandos/as em interação com os conhecimentos dos colaboradores/as geram debates durante os cursos desenvolvidos em diversos âmbitos.Na Enfoc, ensino-aprendizagem se dá a partir do cotidiano e da problematização das bandeiras de lutas, de modo que se aprimorem as capacidades multiplicadoras-criativas dos educandos e educandas em suas áreas de atuação.

O presente texto busca sistematizar a formação político sindical desenvolvida pela Enfoc no Mato Grosso do Sul, cujo objeto são as vivências do 2º. Curso Estadual da Enfoc e a constituição e animação dos Grupos de Estudos Sindicais – GES e da Rede de Educadores(as) Populares no estado. A sistematização buscou identificar a coerência desse processo formativo bem como os desafios que encontra quando a ação multiplicadora criativa se impõe aos educadores/as para subsidiar a prática sindical. A ênfase desta sistematização é dada ao relato e reflexão trazida pelos educandos/as sobre a vivência no curso estadual.

Foi utilizado como eixo temático da sistematização a seguinte pergunta: como as vivências desenvolvidas durante o curso de formação, a constituição dos GES e a Rede de Educadores/as Populares no estado têm contribuído para as mudanças de concepções e práticas no âmbito do MSTTR?

Para nortear o desenvolvimento da sistematização, foram elaboradas as seguintes perguntas orientadoras:

- O que está mudando em mim enquanto educadora/a do MSTTR?
- Que mudanças são percebidas a partir do processo formativo relacionadas a espaços de poder e atuação sindical?
- De que forma a construção e materialização dos GES dialogam com princípios norteadores da Proposta Nacional de Formação?
- Quais os desafios e oportunidades para a efetivação da ação multiplicadora na base?
- Estou conseguindo colocar em prática o meu aprendizado? Como?
- Que estratégias estão sendo utilizadas para criação, acompanhamento e animação da Rede de Educadores/as e dos GES?
- Com qual conceito de rede nós estamos trabalhando?
- Que estratégias foram realizadas para o desenvolvimento do curso estadual de formação no que diz respeito às metodologias, planejamento, resgate de simbologias, na realização e recriação de um processo crítico e criativo?
- Como eu me vejo na Rede de Educadores/as estadual e quais os desafios deste espaço?

Oficinas de preparação para os módulos

Cada módulo foi precedido de uma oficina de preparação, com duração de dois dias cada uma, contando com a participação de educadores e educadoras da 1ª turma da Enfoc. Foram momentos de análise, avaliação, troca de experiências, levando à autoformação dos participantes.

Elas possibilitaram planejar todo o processo do curso, pensar e repensar os conteúdos, a metodologia, o

material didático e pedagógico que seria utilizado em cada módulo. Foram momentos muito ricos, pois reunir uma equipe de educadores e educadoras que se dedicaram coletivamente e respeitosamente à preparação e realização do curso. Deixou de ser apenas uma pessoa realizando esse trabalho (EU equipe), passando a ser um diálogo entre várias ideias (equipe), que fluíam e procuravam interar-se, resultando em um produto final que foi a matriz pedagógica de cada módulo do curso.

No decorrer do I módulo, percebemos que as dificuldades foram grandes, mas a vontade de vencer, aprendendo, foi maior nos capacitandos/as, desconstruindo conceitos e práticas para construir novos conceitos e novas práticas sindicais, com uma visão crítica para transformação da realidade.

Realização do Curso Estadual de Formação

O curso estadual com a 2ª. turma foi realizado durante o ano de 2010, em 3 módulos de 5 cinco dias cada um, com os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

- Contribuir com a formação de militantes do MSTTR, de modo que aprimorem sua capacidade multiplicadora, criativa e potencializadora da ação formativa, em suas áreas de atuação.

Objetivos específicos:

- Socializar e aprofundar referenciais teóricos, políticos e ideológicos que fundamentam e alimentam os ideais e a luta sindical e popular.
- Reavaliar e fortalecer a luta sindical, numa visão e ação transformadoras, estimulando processos de mudanças de atitudes, comportamentos e práticas individuais e coletivas, coerentes com as exigências de implementação do PADRSS.
- Favorecer a experimentação, sistematização e apropriação de novas metodologias e práticas pedagógicas que realimentem a prática formativa do movimento sindical.
- Contribuir para a constituição de uma Rede de Educadores/as que assuma e implemente o projeto de formação do MSTTR.

Comissões de trabalho

Uma das novidades do jeito da Enfoc fazer formação configura-se pelo envolvimento dos educandos/as. Estes assumem atividades com o curso. Para que este se torne espaço de autoaprendizagem é importante que os educandos/as desenvolvam de forma criativa suas atribuições. Nesse sentido, em todos os módulos foram criadas as seguintes comissões:

- **Educação Ambiental** – propor elementos práticos possíveis de serem adotados de forma criativa durante o evento, para contribuir com a formação do grupo e refletir sobre os cuidados com a vida das pessoas e do planeta.
- **Organização e Apoio** – contribuir para que os acordos efetivados coletivamente, tais como horários, espaço e arranjo em sala fossem cumpridos.
- **Animação e Lazer** – Animar o "astral" da turma, proporcionando um ambiente de integração e amizade.
- **Sistematização** – ajudar a coordenação com o registro das atividades e da caminhada da formação durante o módulo, criando subsídios para a sistematização.
- **Avaliação** – Criar espaços de reflexão sobre a autoaprendizagem e preparar as avaliações gerais de cada módulo e do curso como um todo.

Temas trabalhados

No I módulo, realizado no período de 23 a 27 de agosto, foram trabalhados os seguintes temas:

1. PNF e Enfoc (vídeo da escola), com o objetivo de conhecer os princípios, metodologia e Itinerário Formativo.

2. Sistemas de sociedade / modos de produção
   - Escravismo, feudalismo, capitalismo, socialismo.
     A categoria **trabalho** nos diferentes sistemas/modos de produção e a importância dele na construção de identidades e de relações sociais, com o objetivo de: identificar e refletir sobre os distintos sistemas sociais, suas características e vestígios no Brasil; aspectos das relações sociais de gênero e alguns aspectos dessas relações na contemporaneidade; compreender a formação das identidades e das relações sociais e os papéis e identidades socialmente construídos por meio do trabalho produtivo e reprodutivo.

3. Estado e sociedade
   Conceito e origem do estado; relação entre estado, sociedade e ideologia, com o objetivo de compreender a origem e o papel do estado ao longo da história e como este produz e reproduz as relações desiguais.
   O estado brasileiro e seu projeto hegemônico, com o objetivo de compreender como se deu a construção do ente em foco e entender as diferentes formas de concebê-lo na contemporaneidade.

4. Grupos de Estudos Sindicais – GES, com objetivo de criar o GES nos municípios, como trabalho intermódulo.

No II módulo, realizado no período de 01 a 05 de novembro de 2010, foram trabalhados os seguintes temas:

1. Gênero – Conceito de gênero e suas relações sociais de poder, com o objetivo de entender como o patriarcado se estabeleceu em nossa sociedade e a categoria gênero como elemento de ruptura das relações de dominação na contemporaneidade.

2. História do Movimento Sindical no Brasil e no estado para conhecer a origem do sindicalismo brasileiro e como ele se desenvolveu no estado de Mato Grosso do Sul.

3. Concepções e correntes sindicais no Brasil – com o objetivo de conhecer as principais correntes sindicais existentes e já extintas no Brasil.

4. Painel sobre Ações e Práticas Sindicais – visando evidenciar as ações que são efetivadas na base sindical, com ênfase nas transformações que estão ocorrendo nas práticas do sindicato.

5. Democracia representativa e Democracia participativa – para discutir os conceitos de democracia representativa e participativa, contextualizando a situação brasileira e o movimento sindical. Refletir sobre a participação do MSTTR nas eleições.

O III e último módulo foi realizado no período de 13 a 17 de dezembro de 2011, após resgate da memória do segundo módulo e apresentação, pelos educandos/as, da atividade inter-módulo, que foi a criação dos GES. No terceiro foram abordados os seguintes temas:

1. Desenvolvimento – conceitos e concepções - para entender o desenvolvimento na visão dos vários pensadores conservadores e comparar com outras correntes de pensamento humanísticas.

2. Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PADRSS – com o objetivo de conhecer os principais elementos que compõem o PADRSS e como contribuir para sua implementação.

3. Território e territorialidade – para entender as bases conceituais sobre território e territorialidade e sua relação com o contexto da luta sindical.

4. Agricultura Familiar – com o objetivo de entender seu conceito, sua multifuncionalidade, bem como a dicotomia com a agricultura patronal.

No I módulo do curso, tivemos a participação de todos os diretores e diretoras da Fetagri/MS na abertura e no encerramento das atividades, demonstrando o apoio político ao desenvolvimento da formação através da Enfoc, e a importância da Escola como elemento de transformação da prática sindical.

Atividades realizadas durante os módulos

Participação política – Eleições partidárias

A participação dos educandos e educandas durante o I módulo do curso, em um comício, onde estiveram presentes Dilma (candidata à Presidente da República), Lula (Presidente da República), Alberto Broch (Presidente da Contag) e outras autoridades, foi muito importante. Além disso, houve a visita dos educandos/as ao comitê político do companheiro Geraldo Teixeira de Almeida, presidente licenciado da Fetagri/MS, à época, candidato a deputado estadual pelo MSTTR/MS, quando houve a oportunidade de ouvirem a fala do Presidente da Contag e do candidato a deputado estadual, que enfatizaram a importância da participação de candidatos do MSTTR na disputa de cargos políticos para contribuir com a implementação do PADRSS. Essa participação política serviu para desencadear um debate durante o curso sobre as eleições, projetos políticos e o papel do MSTTR no processo.

Noite cultural

O passeio na Feira Central, em Campo Grande, levou o grupo a conhecer aspectos da cultura, especialmente da culinária campo-grandense. Campo Grande é marcada pela diversidade cultural, resultado da soma de povos que fizeram do Centro-Oeste brasileiro um rico encontro de tradições e costumes. Capital de um estado que concentra a segunda maior comunidade indígena do Brasil, a cidade abriga diversas etnias, principalmente em razão dos emigrados dos países de fronteira. O destaque da feira central é o sobá, maior contribuição da colônia japonesa, receita que "faz a cabeça" da população campo-grandense há décadas, e que, nos últimos anos, virou uma verdadeira mania. O sobá tem como base um macarrão feito artesanalmente e um caldo especial que leva omelete cortado em tirinhas, bastante cebolinha verde e carne de porco bem frita. Usa-se shoyo a gosto ou pedacinhos de gengibre. Também se destaca na feira o espetinho de carne bovina.

Essa atividade foi aproveitada no curso para a discussão da cultura e identidade dos povos.

Visita pedagógica

No terceiro módulo, foi realizada uma visita pedagógica ao Assentamento Santa Mônica, em Terenos-MS, a 35 Km de Campo Grande. Logo cedo, o ônibus estacionou em frente ao Hotel Internacional para nos transportar até o local do assentamento. A emoção da maioria começou logo na entrada, pela beleza da natureza, pois o lugar é rodeado de morros e matas.

Partindo de um questionário elaborado por todos, divididos em grupo por tema a ser pesquisado, foi feito o levantamento da realidade desse assentamento em relação à organização, produção, comercialização,

infraestrutura, saúde, educação e meio ambiente, e cada grupo apresentou no dia seguinte, as informações seguidas de debate.

Essa visita pedagógica proporcionou o conhecimento de uma experiência a ser recriada nos municípios dos educandos/as. Constatamos que é válido, nas próximas oportunidades, organizar melhor o local a ser visitado e aprofundar mais o debate com base nas informações levantadas para que os acertos sejam multiplicados e os erros sejam evitados nas “bases” dos educandos e educandas.

Metodologias participativas

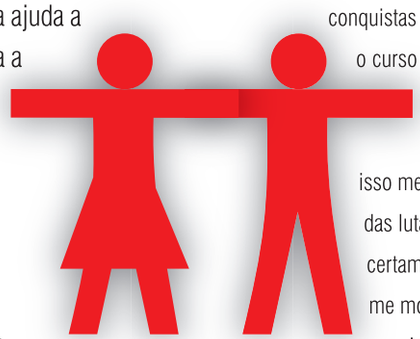
Durante a realização do curso, utilizamos uma metodologia pautada na construção coletiva, acompanhada de dinâmicas que permitiram aflorar a criatividade dos educandos/as, proporcionado-lhes maior compreensão e produção sobre os temas abordados.

Os testemunhos de lideranças históricas contribuíram para que todos pudessem refletir sobre o cotidiano e passassem a almejar mudanças nas suas ações sindicais. Um painel sobre "Ações e práticas sindicais", teve como objetivo evidenciar as ações que são efetivadas na base sindical, com ênfase nas transformações que estão ocorrendo nas práticas sindicais.O painel contou com a contribuição do companheiro Silvio dos Santos Menezes, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ribas do Rio Pardo, que se encontra no primeiro mandato e fez o curso da Enfoc Estadual da 1ª. turma em 2009 e o companheiro Sebastião Freitas da Silva, Presidente do STR de São Gabriel do Oeste, que conta com três mandatos e que estava fazendo este curso estadual. Ficou claro, neste painel, a influência da Enfoc no estímulo às mudanças das práticas sindicais e na vida pessoal dos que passam por ela. Temos muito que aprender com a experiência dos dirigentes veteranos e dos novatos. Testemunham a vontade de mudar e de acertar, o compromisso cada vez maior com a luta coletiva dos trabalhadores e trabalhadoras rurais que faz os dirigentes sindicais se constituírem protagonistas de mudanças.

A mística é um importante instrumento pedagógico capaz de contribuir para a transformação cultural do indivíduo e para a consolidação de uma identidade; uma prática capaz de alimentar a sensibilidade das pessoas para questões sociais e estimular a cidadania dos participantes. Entretanto, ela ainda é pouco utilizada nas ações de formação desta Federação.

No curso estadual, procuramos introduzir esse importante instrumento pedagógico na abertura do I módulo, com uma mística enfocando a importância do conhecimento: três pessoas com os olhos vendados foram conduzidas por outra pessoa com camiseta da Enfoc, representando a Escola, depois foram retiradas as vendas, apresentando tarjetas com os seguintes dizeres: capacitação, conhecimento e troca de experiência, ou seja, ao passar pelo curso da Enfoc, os dirigentes e lideranças sindicais, bem como funcionários e assessores/as do MSTTR passam a ter uma nova visão sobre o mundo.

A mística, quando presente nas ações de formação político-sindical, desperta nas pessoas a solidariedade e o sentimento de responsabilidade pela luta sindical, bem como identificação com o MSTTR. Ela ajuda a humanizar as relações e contribui para a visão crítica da realidade.



A metodologia contribui também para as relações de amizade que vão se construindo e se firmando cada vez mais, e nelas se concretizam sentimentos e valores que fortalecem a nossaRede de Educadores e Educadoras Populares, tornando-a consistente, enquanto busca fortalecer nosso processo de transformação.

Quantos de nós, ao chegar, não se precipitou a "julgar" um companheiro(a) e depois descobriu nele grandes afinidades? Na chegada ao curso, um bom dia, tudo bem, bem tímido, bem acanhado. No meio do processo, já sensibilizados, percebemos que o nosso convívio mudou. Tantos afetos são manifestados sem preconceitos, tantos abraços e hoje quantas saudades.

A Enfoc, por intermédio desses cursos de formação político–sindical, contribui para que a maioria dos participantes desenvolva a capacidade de uma reflexão mais ampla sobre o nosso discurso e a nossa prática, enquanto dirigentes, lideranças, assessores e funcionários deste Movimento sindical, despertando mudanças significativas de atuação na base. Por outro lado, temos clareza que algumas pessoas, mesmo passando pelo curso, mudam pouco ou nada mudam em sua prática sindical. O curso indica os caminhos, mas, para que se estabeleça a vontade de mudança, outros fatores também contribuem, como revelam os depoimentos a seguir relacionados:

Depoimentos sobre o que mudou nas pessoas e na prática sindical delas.

Através do curso muitos conceitos foram mudados, conceitos estes que vinham de uma formação ideológica negativa, onde certos valores, a verdadeira história das conquistas é distorcida pela classe dominante, e com o curso foi possível conhecer a história de outro ângulo, o sindicalismo no Brasil, onde começamos o que conquistamos, enfim, isso me fez refletir sobre o quanto é possível, através das lutas, quão forte somos quando organizados, e certamente minhas concepções mudaram, o curso me motivou muito, vejo que minha participação no movimento é fundamental. Estou colocando em prática o que aprendi no curso da Enfoc, acredito que tem muito a ser feito ainda, mas tenho conseguido aos poucos ajudar os trabalhadores /as (Educanda 1).

O curso me proporcionou conhecimento em estratégia, companheirismo e virtude. Tenho levado o conhecimento que adquiri na Escola aos associados, com intuito de enriquecer o nosso movimento, lembrando todas as bandeiras de lutas em atividade com sinceridade (Educando 1).

Através do curso, conheci a real História do Brasil, desde a época dos nômades até o presente, época do capitalismo, vejo que tudo se passou de uma maneira onde o que prevalece é o domínio de poucos sobre muitos. Mudou minha maneira de ver e entender o mundo, as pessoas e muito mais (Educando 2).

O Curso Estadual mudou em mim a maneira de pensar, pois temos que nos unir, compartilhar o saber e assim fazer crescer a nossa categoria que é agricultura familiar (Educanda 2).

"O Curso Estadual mudou a minha visão da realidade, existe caminhos longos a percorrer e aprender a cada dia" (Educanda 3).

Ter conhecido a história de luta do MSTTR desde o início até os dias de hoje faz-me entender o que estou fazendo e o que poderei fazer para a minha base, minha comunidade, com conhecimento e como lutar para termos acesso às políticas públicas. Hoje tenho convicção que transformei a minha ação (Educanda 4).

Quando iniciei a minha caminhada dentro do MSTTR, não sabia qual era o meu papel, simplesmente esperava que os problemas chegassem até mim para procurar uma solução. Hoje, fazendo parte deste processo formativo da Enfoc, não só passei a conhecer o meu papel dentro do MSTTR, mas também a buscar soluções antes dos problemas chegarem, pois sei da importância de minha participação nessa construção (Educando 4).

Grupo de Estudos Sindicais – GES

Em Mato Grosso do Sul não conseguimos criar Grupos de Estudos Sindicais – GES na 1ª. Turma do Curso Estadual, por isso, com esta 2ª. Turma, constituímos a estratégia da criação dos GES, como uma atividade intermódulo, solicitada no final do I módulo do curso e apresentada ao início do II, de forma a que os seus "produtos" e os processos criados para obtê-los contribuíssem para o desenvolvimento do II módulo. O esforço na formação dos GES representou uma contribuição para o fortalecimento da ação sindical, mas também contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento pessoal de cada educando(a).

Foram criados 13 GES. O que chamou a atenção foi o comprometimento, o entusiasmo e a criatividade dos educandos e educandas na construção da metodologia para criação destes grupos, que receberam várias denominações: "Tecendo o saber", "SI-TU-AÇÃO", "Amigos da terra", "Harmonia", "Despertar", etc. Foi criada até uma logomarca do GES "SI-TU-AÇÃO", do município de Terenos.

Os relatos dos educandos e educandas destacaram o perfil de cada grupo, agenda de reunião, inclusão de quilombolas nos grupos e como se deu a criação de cada GES. Informaram, ainda, que alguns grupos discutiram temas, tais como: o que é a Enfoc, o Papel do GES, Plano de Desenvolvimento dos Assentamentos, Projeto de Saneamento Básico, Saúde no município, entre outros. Refletimos, porém, que não basta a criação dos GES, o desafio maior é quanto à animação e continuidade desses grupos como um componente importante no Itinerário da Enfoc, dando surgimento a novas lideranças e dirigentes sindicais na base, para contribuir com a implementação do PADRSS e fortalecimento das ações do Movimento Sindical. Para isso acontecer, é preciso que a Federação e os Sindicatos apoiem politicamente estes grupos, para que eles estimulem a criação de outros.

É preciso continuar reforçando o papel, a atuação e animação dos GES nos seus espaços de atuação. Verificamos que, apesar do ativismo sindical, quando há empenho e compromisso, encontramos tempo para estudar, analisar, discutir e propor, e o GES é um espaço importantíssimo para isso.

A 2ª. Turma Estadual da Enfoc criou um Orkut denominado GES PANTANAL, com o objetivo de troca de experiências sobre a criação e seu funcionamento. A internet tem sido um meio importante de comunicação, porém precisamos saber utilizar este espaço, como um meio de integração e ensino-aprendizagem, mediante socialização das experiências.

O GES é um grupo de estudo que visa fortalecer as relações com trabalhadores e trabalhadoras rurais na base, são orientados pelos mesmos princípios da Enfoc, que se encontram no PADRSS, na PNF e no PPP.

Temos o exemplo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bandeirantes que não tinha trabalho algum de base, e com a participação da funcionária neste curso, criou, um GES num assentamento e, a partir daí, tem realizado reuniões e debates acerca de assuntos e problemas da comunidade, buscando soluções para os mesmos.

O MSTTR como um todo deve garantir recursos para realizar encontros estaduais e regionais dos GES para troca de experiências, avaliação do seu funcionamento, levantando as dificuldades e traçando as estratégias para seu funcionamento e disseminação nos municípios.

"O GES é a ligação do Sindicato com a base para o fortalecimento da ação sindical".

Depoimentos sobre os GES

> Criamos dois GES no município, porém difícil é conciliar o tempo dos participantes, mas o que há de bom é a vontade de todos. Reativaremos o GES, o mais rápido possível. (Educando 5).

> O GES é um exemplo do que estudei e que hoje é realidade no meu município (Educando 6).

Rede Estadual de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc

Um dos objetivos do Curso Estadualfoi de contribuir para a constituição de uma rede de formadores que assumissem e implementassem o projeto de formação do MSTTR no estado. Pelos depoimentos de alguns educadores/as percebe-se a motivação e interesse em serem multiplicadores/as dessa estratégia para a formação de novas lideranças e dirigentes sindicais e, consequentemente, o fortalecimento da luta sindical.

> Ser uma Educadora Popular e fazer parte da Rede de Educadores/as da Enfoc no estado de Mato Grosso do Sul mudou a minha ação dentro do MSTTR. Dentre alguns fatos importantes, o de poder dividir opiniões, sem ter que me preocupar se a minha opinião vai ou não prevalecer, de poder trabalhar em grupo sem ter que tomar a frente e querer que somente o meus "eu", minhas ideias e meu propósitos sejam o roteiro final (Educanda 5).

> Na Rede de Educadores(as) me vejo como responsável pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais, sinto a necessidade de repassar o que aprendi, vejo que através de mim muitas coisas podem ser mudadas, inclusive na mentalidade do trabalhador que hoje se vê como um coitado, que se envergonha de suas origens, porém dentre os desafios, acho que o maior, no meu caso, é a locomoção, e às vezes a falta de contato direto com os trabalhadores/as (Educanda 6).

> Agora, favorecidos pela formação da Enfoc e pelo fortalecimento da Rede de Educadores e Educadoras, somos capazes de dar continuidade aos Cursos Estaduais e animar os GES criados nas bases com o intuito de garantir a formação de um maior numero de trabalhadores e trabalhadoras rurais, como se fôssemos células, nos dividindo e nos multiplicando cada vez mais (Educanda 6).

Este é o ponto de partida: apropriar-se da experiência vivida e dar conta dela, compartilhando com os outros o aprendizado, pondo um sentido histórico e contextual aos fatos vivenciados, fazendo deles objeto de transformação, assim temos uma visão mais profunda das experiências que realizamos, com intuito de melhorar nossas práticas.

Atualmente, por mais que se queira superá-las, existem muitas dificuldades para a Fetagri/MS operacionalizar e animar a Rede de Educadores/as do estado, para que pessoas que se envolveram com a estratégia da Enfoc possam fazer o trabalhão de multiplicação criativa no estado, pois a Secretaria de Organização e Formação é responsável também pelo trabalho com os assalariados/as rurais. Tem-se ainda a questão dos recursos financeiros. Para fazer com que a Rede funcione, faz-se necessário que a Diretoria da Federação priorize de fato a formação político -sindical, de acordo com os princípios e metodologia da Enfoc.

Para isso, precisa ser criada a Secretaria Específica de Organização e Formação Sindical, de acordo com decisão do 4º. Congresso Estadual de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, com estrutura física, pessoal e recursos, para estar à frente do trabalho de formação, articulando e animando a Rede de Educadores/as do estado de Mato Grosso do Sul. A Rede deve ser composta por todas as pessoas que participaram dos cursos de formação político-sindical da Enfoc, que estejam comprometidas com a estratégia de multiplicação criativa de acordo com a Política Nacional de Formação e tenham disponibilidade de participar de encontros da Rede no estado, na região e em nível nacional, para atender as demandas de formação, contribuir com a realização de cursos, seminários e animação dos GES no estado.

Impactos gerados na conclusão do curso

No dia da formatura, percebemos a satisfação e alegria dos educandos e educandas com o importante ato que tem muito significado na vida de cada um, pois muitos nunca passaram por uma formatura em sua vida e mesmo que já tenham passado, esta é uma formatura diferente, contagiante, envolvente e que valorizou a todos igualmente.Os formandos/as firmaram solenemente seus compromissos, no momento do juramento, com a tarefa de "multiplicar" na base. No encerramento do curso, os educandos e educandas expressaram:

QUE BOM!!

- Que foi um grupo bastante produtivo;
- A visita pedagógica, a formatura e a equipe de coordenação;

- Conteúdo do curso e a integração dos participantes;
- Conhecimento adquirido no curso.

QUE TAL??

- Colocar em prática tudo que aprendemos;
- Continuarmos nossa amizade;
- Compartilharmos os bons resultados do GES de cada município.

Como parte da avaliação final do curso, utilizamos a técnica pedagógica de elaboração de uma carta para uma pessoa querida, descrevendo os sentimentos com relação ao curso, sem saberem que essas cartas serviriam de avaliação. As cartas foram lidas pelos educandos e educandas que se dispuseram a fazer a leitura. Foi um momento de muita emoção e reflexão, de choros e risos.

Parte de relatos das cartas:

> É com grande prazer que comunico a você a conclusão do curso da Escola Nacional de Formação da Contag - Enfoc, neste 17 de dezembro de 2010. Para mim e, acredito, para todos nós sindicalistas, vai ser um passo importante para conscientização da nossa classe de trabalhadores/as rurais não só do nosso estado de Mato Grosso do Sul, mas para todo o Brasil. De minha parte, acredito que precisamos aprofundar o nosso GES "Despertar" e vermos até aonde vai chegar. No mais, quero transmitir a emoção que tive numa visita pedagógica que fizemos. Não sei como os outros se sentiram, mas para mim, ao chegar no Portal do nosso objetivo, parece que estávamos em outro mundo (Educando 8).
>
> No dia de ontem me formei como educador e multiplicador da Enfoc. Vou sentir falta da alegria que nos guiou durante todo o curso. Da família que foi formada aqui dentro desta sala; quero dizer ainda, que é tanta alegria que já nem tenho mais a vergonha e nem mais o medo que sentia de me relacionar com pessoas estranhas. Esses "estranhos" já não são mais desconhecidos, são agora meus parceiros na luta pela igualdade (Educando 9).
>
> Prezados Senhores Diretores ..., não quero que os Senhores façam os trabalhos sozinhos, mas que acordem os trabalhadores para a realidade, que a união faz a força... Nós, recém-educandos da escola Enfoc, estamos à disposição dessa Federação para fazermos reunião dentro de nossas bases, para levarmos a verdade e resultados adquiridos através de nossa união, esclarecimentos de dúvidas e a divulgação dos trabalhos conquistados pela nossa luta constante no Movimento Sindical. Temos que mostrar para a sociedade que a reforma agrária dá certo, traz economia para o município e as famílias passam a ter uma vida digna com fartura em suas mesas....Tem que ser levado até aos trabalhadores para que eles saibam que os créditos, habitação rural, fomento, a escola rural e outras são conquistas do Movimento, através de mobilizações e de várias negociações com os governantes de nosso País (Educanda– carta dirigida aos diretores e diretoras da Fetagri/MS).
>
> Agradeço aos trabalhadores rurais de São Gabriel do Oeste por ter depositado em mim a confiança de poder representá-los e aos trabalhadores rurais do Brasil, por terem aprovado no 8º. Congresso Nacional de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, a criação da Enfoc – Escola Nacional de Formação da Contag. Mesmo com a concepção de que um sindicalista não é formado por uma escola, mas sim por sua postura, conceito e espírito de luta, a Escola me tem proporcionado um resgate da história do Brasil e maior conhecimento da história do Movimento Sindical. De todo o meu coração, venho agradecer por ter feito parte e ter sido parte desta Escola, na 2ª. turma do MS. Com muito orgulho e comprometimento de levar os conhecimentos à frente, é que recebo nesta data o meu diploma de formatura da Escola (Educando 10 - carta dirigida ao Presidente da Contag).

> Fiquei honrada por esta oportunidade que me foi concedida para participar da Enfoc, multiplicando assim o meu saber e por isso hoje sou uma educadora e estou pronta para compartilhar o meu saber e aprender mais... Obrigada pela oportunidade de estar no Sindicato. Confesso que não sei tudo, mas quero aprender e estar me preparando, para assim, juntos, fazermos a diferença (Educanda 8).

> Venho, por meio desta, agradecer pela oportunidade que me deu de participar desta maravilhosa capacitação que vai me ajudar no desenvolvimento do trabalho no STTR, lugar que tenho o imenso prazer de passar conhecimento e receber. Também, não há nada mais gratificante do que essa troca de saberes..., nem tenho as palavras certas para expressar tudo que significou este curso para nós. Com a permissão de Deus, iremos multiplicar esse conhecimento que adquirimos nesse curso. Confesso que não foi fácil vencer os obstáculos, mas nunca devemos desanimar, temos que ser perseverantes sempre (Educanda 9).

Pelos depoimentos dos educandos/as que passaram pelo curso, percebem-se mudanças reveladas nas suas atitudes, gerando um despertar para qualificar a sua ação sindical. Para manter o entusiasmo nessas pessoas, é preciso dar continuidade à animação do processo por intermédio da Rede de Educadores(as).

Considerações finais

Esta sistematização nos conduz à reflexão da importância de reorganizar e manter a Rede de Educadores e Educadoras Populares estadual, coordenada pela Secretaria de Organização e Formação da Federação, para manter acesa a chama desse novo jeito de fazer formação que a Enfoc tem proporcionado, fazendo chegar à formação político-sindical até às comunidades, constituindo e animando a criação dos Grupos de Estudos Sindicais – GES.

Um Movimento Sindical forte depende de dirigentes e lideranças que tenham visão crítica do todo e do específico para contribuir com o processo de organização e mobilização da categoria, fortalecendo a ação sindical em busca das conquistas dos direitos e no atendimento aos interesses dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, mediante a implementação do Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário. Depende, por sua vez, da ação de uma base ampla, consciente e forte.

[... ninguém sabe tudo;
ninguém ignora tudo.
Todos sabemos algo;
Todos ignoram algo (FREIRE, 1997, p.37).

"Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão". (FREIRE, 2005, p. 44)

CURSO ESTADUAL DE FORMAÇÃO POLÍTICO-SINDICAL: A EXPERIÊNCIA NO RIO DE JANEIRO

Silvia Helena De-Zan

Assessora da Regional Sudeste da Contag,Educadora Popular da Enfoc, Técnica em Contabilidade

Ezaquiel Siqueira da Conceição

Secretário de Formação e Organização Sindical da Fetag/RJ

Introdução

O primeiro Sindicato de Trabalhadores Rurais do Brasil foi criado no Rio de Janeiro, em 23 de outubro de 1938, em Campos dos Goytacazes e reconhecido pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) em agosto de 1946.

Ele nasceu em meio à problemática provocada pela instalação das grandes usinas de açúcar que exploravam a mão de obra de camponeses. Foi precedido pela criação do partidão (PCB), das Ligas Camponesas, das lutas das pastorais sociais e demais grupos que defendiam a causa dos trabalhadores.

O MSTTR no estado se construiu a partir de muitas lutas e pautando a defesa e representação dos homens e mulheres do campo, sendo, por consequência, palco de muitas conquistas dos trabalhadores ao longo dos tempos, em um cenário de grandes confrontos e conflitos.

A Fetag/RJ participou da fundação da Contag, sediada no Rio de Janeiro, capital do país na época, onde permaneceu até final dos anos 60, quando se mudou para Brasília.

Não poucas são as bandeiras de luta do movimento sindical no estado, destacando-se a Reforma Agrária que advém da luta histórica e ainda é complexa e polêmica, pois, como mexe nas estruturas da sociedade, não tem a simpatia de grande parte dela; embora compreenda ser primordial para o desenvolvimento econômico, social e ambiental do campo.

Muitos dos desafios históricos ainda se fazem presentes e até se ampliaram, por exemplo, a questão da fragilidade com que a Federação empreende a luta política, somada às divergências internas que vêm de longos anos e ainda marcam sua história recente.

Ela precisa de uma direção com muitas iniciativas para criar ferramentas, desenvolver a luta e superar os desafios, transformando-os em oportunidades condutoras para as conquistas que os trabalhadores e trabalhadoras do Rio de Janeiro precisam para viver e produzir no campo.

É importante também investir em formação para gerar conhecimentos criadores de oportunidades, pois as pessoas passam a conhecer sua história, compreender seus limites e aprender a superar os desafios e assim serem capazes de se motivarem para transformar sua realidade com ações e atitudes modificadoras.

Com foco nessa afirmação, a Federação e os Sindicatos filiados têm na Enfoc a oportunidade de construir novas práticas e saberes a partir do desenvolvimento de processos formativos; as pessoas podem rever e analisar suas práticas com um olhar crítico, e sobre elas promover mudanças.

A Federação do Rio de Janeiro também foi pioneira nos processos formativos. Em 1989 desenvolvia um amplo programa de educação sindical e até publicou cartilhas referentes a esta formação. Considerava educação sindical uma das principais necessidades do MSTTR, o que nos motiva a refletir com mais cuidado sobre os problemas que a Fetag/RJ vive na atualidade.

O que nos desafia?

A situação da Fetag/RJ é bastante desafiadora, há muito tempo não consegue se estabelecer enquanto entidade sindical forte. É importante lembrar que esta Federação já foi uma das mais importantes do sistema Contag. Consideramos que uma das possíveis razões pode ter sido a retirada dos serviços que prestava em parceria com o estado. Neste caso, o fim do convênio com o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social - INAMPS, sua principal atividade, contribuiu para o enfraquecimento do trabalho de assistência à base, pois como o INAMPS era o que motivava os trabalhadores a procurar os serviços do sindicato, não havia mais razão para que estes o procurassem e,enquanto isso, a Federação não teve força política para mantê-los mobilizados. Sofreu problemas sérios de dívidas (teve que vender o patrimônio) por causa de deficiências na gestão e divergências políticas das lideranças. Além disso, a população do campo diminuindo e se concentrando nas cidades-polo, também contribuiu para o enfraquecimento dos Movimentos que atuam no campo, especialmente, a Federação do Rio de Janeiro.

O incentivo ao turismo colaborou fortemente para o êxodo rural, as pessoas migram para o entorno das áreas turísticas com objetivo de ter emprego e renda, e, quando não os alcançam, passam a adensar as periferias das cidades sem perspectivas de vida para a família.

Tudo isso contribuiu para o crescimento desordenado das cidades turísticas e para o declínio da produção, e hoje, o estado que foi o 2º mercado consumidor do país, não tem produção de alimentos suficiente para abastecê-lo, embora possua grandes áreas abandonadas ou distribuídas em sítios e chácaras que servem apenas para sediar finais de semana de famílias de empreendedores de outras áreas; com isso não se cumpre a função social da terra, evidenciando a urgente necessidade de se implantar a reforma agrária neste estado.

O Rio de Janeiro fica ao leste da região Sudeste e ocupa uma área de 43.696,054 km², sendo pouco maior que a Dinamarca. Sua capital é a cidade de mesmo nome. O estado do Rio de Janeiro é formado por muitas etnias e povos e tem uma população numerosa em relação à sua área, representada por 15.993.583 habitantes.

A economia do estado advém da prestação de serviços, da indústria e tem pouca influência da agropecuária.

Um percentual de 62,1% do seu PIB representa a prestação de serviços em áreas como telecomunicações, audiovisual, tecnologia da informação - TI, turismo, turismo de negócios, ecoturismo, seguros e comércio. Em seguida, com 37,5% do PIB, vem a indústria - metalúrgica, siderúrgica, gás-química, petroquímica, naval, automobilística, audiovisual, cimenteira, alimentícia, mecânica, editorial, têxtil, gráfica, de papel e celulose, de extração mineral, extração e refino de petróleo. A agropecuária, respondendo por apenas 0,4% do PIB, é apoiada quase integralmente na produção de hortaliças da Região Serrana e do Norte fluminense. No passado, cana-de-açúcar e depois o café já tiveram considerável impácto na economia local.

O estado do Rio de Janeiro é a segunda maior economia do Brasil, perdendo apenas para São Paulo, e a quarta da América do Sul, tendo um Produto Interno Bruto superior ao do Chile, com uma participação no PIB nacional de 15,8% (2005 – Fundação CIDE e IBGE).

O que nos fortalece?

Apesar dos problemas que tanto nos desafiam e da atual fragilidade política da Federação, alguns sindicatos ainda apostam que é possível reverter a situação e vêm investindo em ações (como no caso das propostas pela Enfoc), que ajudem a entender a problemática atual e a procurar caminhos que auxiliem a fortalecer o MSTTR no estado, a reconquistar a confiança que ainda há da base. Por isso é importante para nós a contribuição de alguns parceiros e das Centrais e, principalmente, do apoio incondicional da Contag.

Com esse esforço coletivo (base, lideranças, Contag e Centrais), é possível que a Federação recupere sua capacidade representativa e mobilizadora e continue participando e desenvolvendo ações importantes que vêm propiciando sua resistência. Como exemplo, podemos apontar os cursos da Enfoc, ações de implementação do Programa Nacional de Crédito Fundiário - PNFC, ações de reforma agrária e a participação nas ações de massa do MSTTR.

A realização de processos formativos propostos pela Enfoc foi oportuno para que a Federação pudesse reunir lideranças e dirigentes em momento de debates e construção de novos conhecimentos. Além disso, proporcionou uma proximidade com a base e animou alguns sindicatos participantes a continuarem buscando formas de enfrentar os desafios da atualidade.

Mesmo considerando a dificuldade em identificar sujeitos que pudessem participar como educandos/as dos processos formativos posteriores e também os obstáculos da Federação em oferecer apoio e monitoramento a eles, observamos que a formação contribuiu muito, provocando mudanças de fácil percepção, inicialmente no comportamento dos grupos e posteriormente nas atitudes e intervenções de cada educando/a. Os testemunhos evidenciaram a cada momento vivido impactos e descobertas do "eu", da "minha prática", e o mais interessante: daquilo que "não estou percebendo ou fazendo". Isso se confirma a partir de algumas iniciativas dos educandos/as que vamos relatar posteriormente com referência à Rede de Educadores/as Populares no estado e os GES. Talvez a formação seja o caminho mais curto para que a Fetag/RJ se (re)estruture, retome seu papel e acima de tudo continue "escrevendo", com sua prática político-sindical, a rica história interrompida há algum tempo.

Nossa história é fruto da ação dos sujeitos que passaram por aqui, portanto podemos reescrevê-la a partir da ação dos novos sujeitos.

Sistematização, uma oportunidade de reviver a experiência

A Sistematização busca retratar a *realização e as vivências dos módulos do curso estadual, bem como as estratégias para criação e animação do GES e Rede,* sendo instrumento facilitador da continuidade da formação político-sindical no estado do Rio de Janeiro, podendo esta contribuir para o aprofundamento da estratégia da Escola, levando em conta os seus referenciais e itinerários.

Com isso, criará espaços para intensificar os debates sobre o Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário (PADRSS), Política Nacional de Formação da Contag (PNF) e Projeto Político Pedagógico (PPP).

Enquanto rememora, o Curso Estadual também possibilitará resgatar, registrar e preservar os acontecimentos referentes à formação e aos momentos da história dos trabalhadores e trabalhadoras, contribuindo para o fortalecimento (empoderamento) do Movimento Sindical.

Essa sistematização ainda se constitui em instrumento de estudo e aprofundamento capaz de intensificar o processo formativo, aproximar os sujeitos da história do MSTTR e fortalecer o papel da militância para a transformação da sociedade.

Definiu, então, como eixo temático: *Como a nossa prática educativa tem contribuído para a mudança no espaço coletivo da nossa ação sindical?*

Oficinas de autoformação

Antecederam o Curso Estadual momentos de preparação dos módulos a serem realizados. Estes instantes aconteceram internamente na Fetag/RJ com a participação do responsável pela formação, da assessora da Fetag/RJ e de mais uma educadora que se formou na etapa regional e objetivaram ainda identificar os temas, colaboradores e programação dos módulos. Não houve aprofundamento e reflexões sobre os temas, os momentos vividos anteriormente e as atividades a serem desenvolvidas durante os módulos, conforme proposto pela Enfoc, logo, não se pôde consolidar a equipe pedagógica nem a Rede de Educadores/as Populares no estado. Percebemos que esses momentos não foram suficientes para que trabalhássemos com total segurança durante os módulos da formação, mas contribuíram para que tivéssemos minimamente uma sequência lógica para desenvolvermos os temas, debates e reflexões.

Reafirmamos a necessidade de realizar adequadamente as oficinas de autoformação antes da realização de cada módulo, principalmente no sentido de aprofundar os temas, avaliar, analisar e reviver o módulo anterior para propor e construir a realização do próximo.

Os Sujeitos da Ação

A base do MSTTR no Rio de Janeiro é formada por assentados/as, acampados/as, agricultores/as familiares, assalariados/as rurais, quilombolas, extrativistas do mangue, entre outros. Toda essa diversidade de representatividade foi assegurada no curso, marcando as diferenças e singularidades do grupo que, ao serem trabalhadas, pontuaram identificações que configuraram a identidade do grupo. De sujeitos formalmente educados aos educados pela dura realidade que a vida impõe; de oportunidades à coragem de sonhar; de quem percebe a quem gostaria de compreender, essas foram as marcas do grupo que "escreveu" este momento da formação no estado.

Todas essas diferenças não esconderam um interesse comum de muitos que ali estavam: a "luta pela terra", presente em cada gesto e em cada intervenção.

Muitas vezes os temas não despertaram curiosidade e interesse, porque não faziam parte do cotidiano, mas, talvez façam parte do futuro dos que conquistarão a terra. Isso ficou muito presente nos debates e discussões sobre os diversos temas. O sonho de acesso à terra ou de se consolidar nela sobressaia aos olhos e sentimentos dos acampados/as e dos assentados/as da reforma agrária.

Tudo isso influiu na maneira com que o curso chegou a cada um, sendo mais uma vez ressaltada a diversidade entre eles, embora a proposta da Escola os tenha envolvido e proporcionado descobertas importantes e momentos reflexivos voltados para os espaços de atuação de cada educando/a.

Essas situações vivenciadas, além de desafiadoras, nos mostram caminhos e possibilidades para dar

continuidade aos processos formativos no estado. Conhecer os sujeitos e a sua realidade são elementos primordiais para pensar e definir os processos formativos (temas, místicas, diálogos e visitas pedagógicas).

Com tanta diversidade, não foram poucas as surpresas e as descobertas durante os três módulos do curso. As experiências de vida marcaram os debates e os depoimentos, fazendo com que ficasse mais evidente que a diversidade pode levar o grupo a unir-se e fortalecer-se, fazendo-o produtivo a partir de ferramentas comuns como entusiasmo, alegria, exemplos de luta e muita persistência. Assim todos ensinaram a todos e aprenderam com todos.

> Pessoas que se relacionam, se agrupam de acordo com interesses, se movimentam e lutam.

Místicas

Foram momentos de identificação do grupo com os temas e situações debatidas, proporcionaram interação e avivaram a relação das pessoas com a história. Todos puderam sentir que realmente são parte dela e o mais importante: que constroem a história a partir das suas ações e reações.

As místicas e as dinâmicas de grupo ofereceram a oportunidade de as pessoas se despirem de preconceitos e deixarem seus sentimentos se manifestarem, fazendo com que os depoimentos e contribuições fossem muito verdadeiros, transparentes e emocionados.

> Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (FREIRE, 1996, p. 25).

O Curso Estadual de Formação Político-Sindical

> Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1987, p.39).

A busca pelo despertar do sentimento de pertencimento e o trabalho coletivo foram marcas iniciais do Curso Estadual no Rio de Janeiro. Não só se buscou desenvolver a noção e sentimento de pertencer entre os educandos/as, mas também entre colaboradores/as e educandos/as, atentando-os para o importante papel que estavam assumindo a partir daquele momento naquele espaço.

O I módulo do Curso Estadual de Formação teve como eixo temático ESTADO, SOCIEDADE E IDEOLOGIA. Os educandos/as puderam debater e aprofundar a relação entre as pessoas e os interesses que as fazem se agrupar ou se separar em momentos de luta e de disputa. Os grupos de trabalho propiciaram a identificação de interesses comuns e mobilizadores das ações conjuntas no MSTTR e na sociedade.

A importância de compreender o espaço em que vivemos e de onde viemos, além de entender como se dá a divisão de classes na sociedade, as relações de trabalho e identidade também foram objetos desse módulo, mostrando que é tarefa do movimento contribuir na formação dos trabalhadores/as para a construção de uma nova sociedade, de cidadãos conscientes não atendidos pela sociedade atual e que, só quando o movimento se torna forte, organizado e atuante, mexe com as estruturas do poder.

Essas reflexões remetem para o aprofundamento do debate sobre a atuação do Movimento Sindical, suas responsabilidades e missão junto aos que representa, mostrando que as estruturas sindicais não existem sem as pessoas responsáveis pelo fortalecimento ou pelo enfraquecimento das organizações.

Com referência ao PADRSS, o debate demonstrou muita "surpresa" por parte dos educandos/as, o que deixou clara a distância existente entre eles e o PADRSS, fruto da ausência de trabalho junto à base pela Federação e Sindicatos a que nos referimos anteriormente. Isso mantém viva cada vez mais a preocupação com relação à situação do Movimento Sindical no Rio de Janeiro.

A Enfoc é constituída em um momento primordial para fortalecer as alternativas de que o Movimento precisava para dar poder aos seus militantes. A forma como a Enfoc desenvolve seus processos formativos pode ser o caminho para superar o grande desafio de revigorar a Fetag/RJ. A partir da formação, pode ser possível incentivar e agregar mais pessoas nessa empreitada e fazer dessa vontade uma realidade.

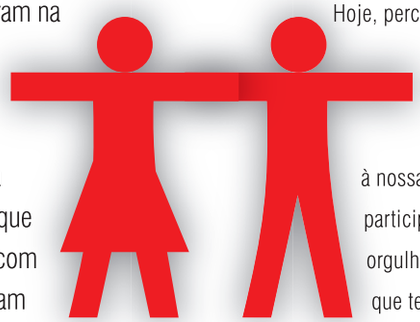
Os debates mostraram que os caminhos existem, mas precisam ser trilhados por pessoas (sujeitos) dispostas a se transformarem na medida em que atuam para modificar algo que desejam.

A metodologia adotada proporcionou um alinhamento dos saberes, minimizando as diferenças de ritmos e tempos, natural de um processo formativo que se baseia pela metodologia da construção coletiva do conhecimento, instigando os educandos/as a serem proativos do processo formativo, fazendo com que todos tivessem algo a ensinar e aprender. Este sentimento facilitou a condução do módulo e garantiu igualdade de condições entre o grupo, enquanto o mesmo ia se integrando e se sentindo parte de um novo lugar, onde as experiências e vivências substituem os certificados, diplomas e graduações.

Esse novo jeito de ser escola que a Enfoc adota promove mudanças e propõe aos educandos/as um novo fazer sindical e uma nova percepção de transformação da sociedade
Essa percepção já marcada no PADRSS propõe a

transformação da sociedade a partir do reconhecimento do campo como espaço de mudança, geração de renda e sustentabilidades para os homens e mulheres que ali estão, partindo de ações concretas de valorização da agricultura familiar, consolidação da reforma agrária e de políticas para os assalariados/as rurais. Nessa concepção, a garantia da qualidade de vida, o reconhecimento das culturas, costumes e saberes do campo proporcionam que ele não seja um espaço de atraso, mas um local onde o desenvolvimento acontece de acordo com as ações e atitudes de mudança dos sujeitos que o habitam.

O II módulo foi marcado por uma importante visita à história do Movimento Sindical e também a nossa ação e prática atual. Sujeitos que contribuíram na construção dessa história, Pedro Porfírio e Bráulio Rodrigues deram testemunho de suas lutas, das prisões, da repressão que sofreram na época da ditadura e dos desafios por que passaram. Essas narrativas mexeram com os sentimentos das pessoas e trouxeram reflexões pertinentes sobre a atual situação vivida pelo Movimento Sindical no estado.



> Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém (FREIRE, 1996, p. 12).

Todas as experiências compartilhadas influenciaram no comportamento e visão dos educandos/as; mais importante foi o reconhecimento do lugar escola diferente, onde as diferenças geram oportunidade de participação e novas descobertas que serão ferramentas de mudança no cotidiano.

A história de militância dos colaboradores/as trouxe a necessidade de compartilhar a história de militância dos educandos/as e as mudanças ocorridas a partir do aprendizado no I módulo da Enfoc. Isso os levou à integração e liberdade em expor os sentimentos e as opiniões, fazendo com que aqueles mais tímidos passassem a se expressar, inclusive expondo seus temores, ansiedades e expectativas.

A mudança interior se deu na direção da consciência crítica dos sujeitos e descoberta de novas práticas e de novo olhar para o futuro, considerando os costumes, a cultura e jamais negando a história de luta dos companheiros e companheiras que nos precederam e se doaram na luta pela transformação da sociedade em algum momento de nossa história.

> Hoje, percebo que uma formação politizada deve perfazer o caminho de todo ser humano, o entendimento do porquê de tudo que gira ao nosso redor deve caminhar paralelo à nossa trajetória de vida. Quero, depois de participar das atividades de formação da escola, orgulhar-me de ser quem me tornei: uma pessoa que tenta entender o mundo, participando ativamente de lutas políticas, nunca tendo 100% de certeza, mas tendo a convicção de que nada construirei sozinha e sim participando de uma Rede (Educanda 1).

O fortalecimento e consolidação da agricultura familiar foi tema relevante no III módulo, assim como as políticas e programas voltados para o desenvolvimento sustentável. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - Pronaf, o Programa Nacional de Credito Fundiário - PNCF, o Programa de Aquisição de Alimentos 0150 – PAA e o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE foram debatidos como oportunidades viáveis para os agricultores/as melhorarem a renda familiar.

A reforma agrária, principal demanda do MSTTR no estado, também foi abordada mais uma vez como principal frente de atuação política para o

fortalecimento da luta, melhoria da renda e por ser uma oportunidade de as famílias permanecerem no campo com melhor qualidade de vida.

Outra questão considerada importantíssima pelos educandos/as é a necessidade cada vez maior de produzir alimentos mais saudáveis, o que pode ser implementado a partir de processos de produção agroecológica. O cooperativismo, forma coletiva de construir, produzir, comprar e vender foi também objeto de muitos debates durante o III módulo do curso. Os educandos/as o compreenderam como uma saída viável para homens e mulheres que desejam permanecer no campo e que precisam se fortalecer e aprimorar sua capacidade organizativa.

Atividades intermódulos

As atividades intermódulos fizeram com que os educandos/as voltassem às bases comprometidos com a Escola e que tivessem a oportunidade de conhecer/descobrir a história do sindicato local. Ao partilharem as atividades, os educandos/as perceberam o quanto o Movimento Sindical do Rio de Janeiro foi importante na luta mais geral da sociedade, pois puderam ouvir de lideranças e ver locais onde foram travadas muitas lutas, e assim perceberem a importância do estado para a história do Movimento Sindical no país.

Isso nos remete mais uma vez ao exposto anteriormente com relação aos desafios atuais que o Movimento do Rio de Janeiro enfrenta atualmente. Também chamou a atenção dos educandos/as, que na maioria não conheciam a história do sindicato, a luta dos companheiros/as para construir o Movimento e enfrentar os conflitos da época. Com isso, afirmamos mais uma vez a importância da estratégia formativa da Escola e sua contribuição no resgate de toda a história do Movimento, na formação das novas lideranças e na construção coletiva do conhecimento.

Rede de Educadores e Educadoras Populares e Grupos de Estudos Sindicais – GES

A criação, consolidação e fortalecimento da Rede e dos GES desafiam a Federação e os Sindicatos.

Quanto aos GES, no Sindicato do Majé existe um espaço de animação, agregando quatro diretores que fizeram os cursos da escola e que estão discutindo como articular a constituição do GES nas comunidades. A Federação e o STTR de Teresópolis estão se reunindo para articular a criação de GES nas comunidades de Teresópolis; este sindicato tem boa estrutura e desenvolve trabalhos na base. Os STTRs de Cabo Frio e Barra Mansa também estão conversando sobre a criação dos GES. Estas iniciativas podem girar em favor da criação da Rede de Educadores/as Populares, pois estão ligadas à estratégia decorrente do processo formativo.

Dentre os desafios, um que se apresenta mais recentemente para a Escola é como manter as pessoas mobilizadas no entorno das estratégias de transformação que a mesma estimula, pois muitas que fazem os cursos migram para outros movimentos, ou saem do MSTTR por outras razões; a busca de emprego nas cidades, por exemplo, tem sido uma delas. Outros motivos também são gerados por decorrência do descumprimento dos critérios de participação que a Escola orienta, que nem sempre os sindicatos têm à disposição, entre seus associados/as, pessoas que se "encaixam" nesses perfis.

Não que a seleção seja inadequada, mas pela urgência em assegurar que a estratégia de formação da Enfoc seja recriada e ampliada no estado, assegurando assim a continuidade do processo formativo, fortalecendo e consolidando a Rede e os GES.

> A Enfoc me mostrou que o Movimento Sindical precisa de pessoas preparadas, por isso voltei a estudar (Educando 1).

Considerações finais

Considerando todo o processo formativo, percebemos que alguns elos se separaram e impediram a continuidade. A Sistematização revelou que o distanciamento da Federação da base somada à ausência de trabalhos formativos têm contribuído muito para a descontinuidade e quebra da sintonia das lideranças que fazem os cursos e que este fato é a principal causa do rompimento desses elos. Outro fator visibilizado pela sistematização foi a indicação dos educandos/as com o propósito de cumprir metas e não de construir e consolidar o processo formativo no estado.

Em relação aos temas, nem sempre corresponderam aos interesses comuns dos educandos/as, mas despertaram para a crítica e o desejo de mudança. Enfim, a partir das discussões e debates, houve uma reflexão da prática atual e das mudanças necessárias a ela.

Embora a Rede e os GES não estejam consolidados (apenas iniciativas), existem alguns espaços de animação que precisam ser valorizados, fortalecidos e identificados como espaços de convergência para fazer com que a formação tenha continuidade e seja estratégica no sentido de reestruturar a Federação.

Tendo em vista a não realização das oficinas de autoformação, a construção coletiva do processo ficou prejudicada, embora isso não tenha ficado muito evidente durante o desenvolver dos módulos.

Recomenda-se que a Federação e Sindicatos realizem com mais intensidade trabalhos de base, em especial a continuidade aos processos formativos, buscando consolidar a Rede, os GES e outras atividades no intuito de retomar o que no passado próximo foi prática recorrente do MSTTR do Rio de Janeiro. Considerar a diversidade e os interesses comuns dos sujeitos também é orientação importante para fortalecer e reafirmar estrategicamente esses processos.

CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICO-SINDICAL EM SANTA CATARINA

Nicole Nicolluzi

Coordenadora de Jovens do STTR de Irineópolis – SC, Ensino Superior Incompleto - 4º semestre Engenharia Ambiental

Introdução

O objeto desta sistematização é o processo de multiplicação criativa da formação político-sindical na Enfoc/Contag em âmbito estadual: Curso Estadual, Grupos de Estudos Sindicais (GES) e Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc, em Santa Catarina.

O Curso de Formação de Santa Catarina aconteceu em três módulos: o I módulo no período de 24 a 25 de maio; o II módulo de 21 a 25 de junho e o III módulo de 02 a 06 de agosto de 2010, no Centro de Capacitação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santa Catarina – Cecatru.

Os participantes foram selecionados pelas regionais da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina – Fetaesc[61], a partir dos critério definidos pela federação e, dentre estes, a prioridade para as pessoas que têm disponibilidade para se comprometer com a continuidade do processo de formação.

A sistematização tanto dos cursos estaduais quanto dos Grupos de Estudos Sindicais, interligando com a Rede, traz mais significado para o processo formativo e dá mais visibilidade aos avanços da formação e organização do MSTTR no estado.

Chegar às bases com o processo formativo é o objetivo da Enfoc. Muitas vezes os agricultores/as em suas casas não conseguem perceber o que se passa a sua volta. Então a formação tem a tarefa de se aproximar um pouco mais de cada trabalhador/a rural, sem discriminação alguma, seja ele jovem, homem ou mulher.

Esse processo de sistematização busca informar como é a prática sindical, refleti-la e, com isso, senti-la mais intensamente, sendo descrito o que aconteceu no processo formativo de modo a dar origem a um produto que servirá de alicerce ao MSTTR, reforçando aprendizagens e alimentando a prática.

Isso possibilita que os educandos/as percebam o que muda neles e nas relações sociais; no modo de agir na sociedade, perante os acontecimentos e também na maneira de tratar os seus semelhantes: familiares, amigos e companheiros/as. A sistematização, mediante perguntas orientadoras, proporcionou uma reflexão sobre o que mudou em mim e o que mudou na minha atuação sindical. Preocupou-se também em instigar os educadores/as a um processo de busca e relação com teorias, associando-as às realidades dos educandos/as e instigando-os a

[61] Doravante Fetaesc.

descobrir: o que valeu para as aprendizagens e para a convivência? A formação propõe-se dar um alicerce para que todos tenham mais clareza do pertencimento a uma classe, a classe trabalhadora, que se "defronta" com um processo de desenvolvimento excludente e aponta um modelo alternativo de desenvolvimento sustentável e solidário.

No processo formativo, guiado por uma matriz pedagógica, que leva em conta o acúmulo de experiências práticas e teóricas do MSTTR, a sistematização tem o papel de registrar e problematizar os momentos vividos e partilhados pelos educandos/as, educadores/as e pessoas que fazem parte indiretamente do processo formativo, procurando perceber as mudanças nas ações cotidianas e estratégicas em seus espaços de militância.

O objetivo é fazer a sistematização do curso estadual com a descrição, análise e interpretação do processo, e que isso permita uma proposição para a prática sindical.

Objetivos específicos

- Descrever o que se faz neste processo educativo, visibilizando as relações criadas nos momentos do curso estadual;
- Conhecer e aprender com as atividades pedagógicas proporcionadas pela práxis educativa;
- Potencializar a compreensão da riqueza das culturas regionais com a troca de experiências;
- Refletir sobre as práticas sindicais do dia a dia;
- Propor caminhos para que a educação sindical possa acontecer também nas comunidades/bases sindicais;
- Fazer valer o compromisso de união da Região "Sul Sem Fronteiras".

Eixo central:

Como a nossa prática formativa tem contribuído para a transformação no espaço coletivo da ação sindical?

Perguntas orientadoras:

1. Quais os principais conteúdos trabalhados no curso, e quais as estratégias metodológicas utilizadas para tal?
2. Como o pedagógico trabalhou a integração entre conteúdos e técnicas para desenvolvê-los?
3. O que o processo formativo despertou em mim enquanto militante?
4. O que mudou na vivência dos militantes nas comunidades rurais após a vivência do curso?
5. Qual a importância de se ter uma prática coletiva, o que e como aprendo com o outro nesse processo?
6. Os temas que foram propostos nos cursos desafiam uma política sindical voltada aos agricultores/as familiares?
7. A criação dos GES aconteceram? Se aconteceram, como ocorreram e como ajudaram para que o processo formativo avançasse? De que forma eles dialogam com a Proposta Nacional de Formação?
8. Como a Rede de Educadores/as se articula nesse movimento?
9. Em que a Rede contribui para o avanço da ação sindical?

A equipe de sistematização do processo formativo foi formada por três pessoas: uma com responsabilidade mais direta, que acompanhou todos os módulos e, junto a esta, mais duas pessoas que contribuíram nos processos de formação e sistematização para gerar um produto final. Essa equipe contou também com apoio da primeira equipe de sistematização do processo formativo anterior.

Para a continuidade da sistematização, foi necessário um envolvimento de todas as instâncias do sistema confederativo, envolvendo associados/as e suas organizações, já que o Itinerário Formativo da Enfoc abrange todas elas. Isso pressupõe:

- o incentivo para a criação e funcionamento dos GES, a infraestrutura para o funcionamento da Rede e o apoio da Federação para que a equipe se encontre, planeje e execute o ato de sistematizar;
- a inserção das pessoas envolvidas no processo de formação com toda a sua diversidade cultural, étnica e demais diferenças que encontramos no estado;
- o relato de práticas e vivências dos educandos/as junto às ações sindicais;
- informações sobre a relação dos educandos/as entre eles no processo do curso e também sobre a relação entre os educandos/as-educadores/as;
- uma narrativa do processo formativo, ou seja, a construção de um material sobre as experiências vivenciadas pelos sujeitos, aliando-as a teorias, conceitos e relação entre eles, gerando um texto descritivo e interpretativo das experiências desses sujeitos;

Os registros que aconteceram durante o curso e no acompanhamento do processo formativo extracurso (GES, Redes), realizado por uma equipe formada com esta finalidade especifica, junto aos educandos/as, correspondem a um dos materiais que ofereceram dados para a sistematização.

Organização do funcionamento do processo e reconhecimento dos participantes

Todo curso de formação realizado pela Fetaesc tem uma intencionalidade política, social, cultural necessária para a formação da consciência e preservação da qualidade de vida de cada participante. Participam dos cursos agricultores e agricultoras, militantes com vivências e experiências diferentes, vindos de todas as regiões do estado.

Em todo começo, na abertura, é apontado o que será trabalhado no desenvolver das atividades, já chamando atenção para as questões que devem ser aprendidas para ser um militante que ajude na construção de melhor qualidade de vida no campo e de um sindicalismo atuante. A seguir são apresentados depoimentos de alguns dirigentes da Fetaesc que participaram da abertura do primeiro curso estadual em Santa Catarina:

- Ser militante é ir em busca das soluções e não esperar pelos outros. É acreditar no que se faz. Deve-se buscar conhecimento e passar esse conhecimento para outras pessoas (Educando 1).
- Para ser um bom dirigente sindical, é preciso formação para conhecer melhor o que acontece na região de atuação e na sociedade; ter em mente que nunca sabemos o suficiente (Educando 2).
- A formação sindical é fundamental para o movimento sindical ter reconhecimento e respeito de todos (Educanda 1).
- As visitas pedagógicas são excelentes recursos para a troca de conhecimentos (Educanda 2).
- Talvez muitos de vocês possam estar se perguntando: O que eu estou fazendo aqui? Mas deem tempo ao tempo, pois a formação é processual, não emitam nenhuma opinião precipitada (Educando 3).
- A formação sindical trabalha numa linha de pensamento que reforça o conceito de que devemos ser valorizados pelo que somos e não pelo que temos (Educanda 3).
- A formação é um instrumento para fortalecer o MSTTR, pois oferece muitos subsídios para os processos de negociação e mobilização (Educando 4).
- A formação é um ótimo instrumento para qualificar nossas intervenções nos diversos espaços de disputas políticas (Educando 5).
- A Fetaesc está participando ativamente e construindo a Política Nacional de Formação (PNF) desde 2005. Tem como desafio multiplicar o trabalho junto a suas bases (Educanda 4).

Podemos perceber, pelas falas dos participantes, que a formação é um suporte para a luta na busca dos direitos; a formação abre espaços políticos dentro do

próprio movimento sindical. A Fetaesc, juntamente com a Contag, está organizando e participando desse processo, realizando os cursos da Enfoc no estado.

Vemos que há necessidade de envolvimento de todo o conjunto sindical nos processos de formação, principalmente a força de vontade das lideranças sindicais de base, aqueles que estão dia a dia junto com o agricultor/a, sentindo de perto suas necessidades, frustrações e, especialmente, as alegrias pelas conquistas. Entendemos que, para melhorar a organicidade entre as instâncias sindicais, faz-se necessário utilizar estratégias de integração e conexão entre todos, como tem se proposto a fazer a Enfoc, em seu Itinerário Formativo. Por sua vez, é grande a preocupação da Escola em reconhecer as pessoas na sua integralidade: seus saberes, sentimentos, expectativas.

A mística se faz importante nos cursos de formação, pois cumpre o papel de sensibilizar e integrar os participantes e ainda dar indicações do que será trabalhado, de maneira que todos estejam concentrados em torno de um tema e do interesse que desperta em todos. Nesse sentido, preocupados com a inserção no MSTTR e com a integração entre os participantes, a mística se faz necessária para que se entenda que, com uma Rede de Educadores e Educadoras, estaremos interligados, e que precisamos uns dos outros para concretizar nossas ações. É importante, ainda, reconhecer que o que cada um de nós fizer vai refletir em toda a Rede, pois cada experiência pode se tornar referência.

Na mística inicial do curso em análise, foi trabalhada a necessidade de, em 43 anos de luta da Contag, criar uma Escola de formação entendendo que a Escola é um instrumento para fortalecer as práticas sindicais com o objetivo de formar lideranças, dirigentes, assessores/as e funcionários/as do MSTTR. A Fetaesc, considerando que a formação sindical é uma estratégia política para formação de suas bases, também assume, em 2006, a Enfoc como parte de sua estratégia de formação política e prática sindical. Educando jovens, mulheres, pessoas da terceira idade, sem distinção de raça, etnia ou cor, a Enfoc convida a todos e todas para se sentirem parte do MSTTR. Com os sujeitos diversos que reúne, sejam militantes, lideranças, assessores e educadores, acredita na transformação do que se tem hoje para uma sociedade mais justa e igualitária. Portanto, a Enfoc reconhece que cada liderança que se desafia a entrar no processo de formação possui sonhos, anseios, angústias e, principalmente, a vontade de multiplicar os conhecimentos com uma formação transformadora junto às bases. Cada participante chega com sua singularidade e a diversidade enriquece o grupo. Nesse sentido, a mística tem se mostrado instigadora e animado a caminhada da formação no Curso Estadual de Santa Catarina.

Seguindo a matriz pedagógica reconstruída, em conjunto, pela Rede de Educadores e Educadoras no estado, os primeiros conteúdos trabalhados foram: Estado, Ideologia e Sociedade.

No decorrer do processo formativo, foram criadas quatro equipes de trabalho envolvendo os participantes. Essas comissões possibilitaram aos educandos/as vivenciarem o princípio do aprender fazendo, além de estimular o exercício da criação e recriação em um permanente diálogo com a prática formativa vivenciada. As equipes foram divididas em:

EQUIPE 1 – Organização e Educação Ambiental

Em sintonia com a programação do curso, estimulou o cumprimento de procedimentos acordados coletivamente, como a questão dos horários e a organização dos espaços ocupados pelo processo de formação.

EQUIPE 2 – Animação, Cultura e Lazer

Contribuiu com a construção dos espaços e momentos de lazer coletivo e de confraternização do grupo, organizando noites culturais, místicas e animando o grupo.

EQUIPE 3 - Sistematização

Responsabilizou-se por realizar os registros das vivências da turma nos processos formativos, evidenciando as falas, percepções, conflitos, consensos e dúvidas. Esta equipe apresentou uma síntese dos trabalhos realizados. Contou com o apoio de procedimentos e técnicas do processo de sistematização descritas na apostila, que fazia parte do material didático utilizado durante o curso. E também contou com educandos/as da Equipe Regional para dar apoio.

EQUIPE 4 – Avaliação

Foi responsável por animar a turma para a avaliação das vivências do processo formativo, sugerindo dinâmicas e dirigindo um olhar crítico sobre o ensino-aprendizagem, em momentos específicos durante o curso.

Essa equipe apresentou sínteses dos dias de trabalho, contando também com procedimentos e técnicas do processo de avaliação sugeridos no material didático fornecido aos educandos/as. Contou também com o apoio dos educandos/as que passaram pelo processo formativo regional, e hoje compõem a Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc.

Definidas as formas de trabalho e as responsabilidades para o melhor desenvolvimento do curso de formação, os educandos/as foram instigados a relatar quais as suas expectativas quanto ao andamento do curso.

Expectativas dos educandos/as:

> Ampliar o conhecimento sobre sindicalismo, sobre suas aplicações no dia a dia do sindicato, esclarecendo as dúvidas. Tudo isso é necessário para que possamos levar às bases este conhecimento, fortalecendo as práticas sindicais junto à sociedade e ao poder público (Educando 6).

Essas expectativas puderam ser atendidas no decorrer do curso, e os próprios educandos/as percebem quando há mudanças. Apenas com a vivência do curso é possível instigar maneiras de ser diferente; o processo de formação desafia, e os educandos/as são os desafiados. Ainda neste trabalho voltaremos a falar sobre o que mudou na vivência dos educandos/as.

Cada educando(a) que vem para o curso é uma liderança que desperta na comunidade e que geralmente ajuda o sindicato no fortalecimento da luta dos trabalhadores e trabalhadoras do campo; com mais ou menos experiência nas diversas áreas de atuação, estas lideranças revelam o que conhecem sobre formação sindical:

- É a preparação, organização e troca de conhecimentos sobre a atuação sindical, bem como suas lutas e conquistas, buscando formas de inovação e fortalecimento das ações sindicais junto às bases, com o intuito de repassar-lhes este conhecimento, fortalecendo as estruturas do MSTTR desde as suas ações nas comunidades (Educanda 5).
- É uma organização que traz conhecimentos aos trabalhadores/as rurais que, unidos, buscam melhorias, reconhecimento e respeito de todos (Educando 7).

A Árvore Sistematizadora, orientada por uma educadora popular da Rede, tem como propósito conhecer melhor o grupo utilizando a simbologia da árvore para integrar ainda mais os educandos/as e a percepção das expectativas. As questões foram respondidas e relacionadas às partes da árvore. As questões: 1) O que faço? 2) O que sou? Foram alocadas nas raízes da árvore. A questão 3) O que trago? Foi colocada no caule e a questão 4) Os sonhos, foram colocados na copa da árvore.

A Árvore Sistematizadora

ÁRVORE SISTEMATIZADORA – o que mais apareceu:

Raízes		Caule	Copa
O que eu faço?	**O que eu sou?**	**O que eu trago?**	**Os sonhos**
• Sou militante; • Sou comunidade; • Sou família; • Sou agricultor/a familiar/ trabalhador/a; • Sou humana com os erros e acertos.	• Sou sentimentos; • Determinado com o ditado “eu quero, eu posso, eu consigo”; • Um militante da agricultura familiar em busca de cidadania, de uma sociedade mais justa e solidária.	• Vivências; • Paz e alegria; • Curiosidade e a “mala vazia”; • Motivação; • Paciência; • Esperança; • Dúvidas; • Coragem; • Amor ao MSTTR.	• Agricultura digna/ valorização; • Agroecologia; • Direitos iguais para todos/ justiça social e respeito pela vida; • Sociedade organizada.

Com o processo de construção da Árvore Sistematizadora, os educandos e educandas manifestam os saberes que trazem consigo de forma dinâmica e integradora, que animam o desenvolver do curso. Esta arvore é construída por pessoas que fazem parte de comunidades, que percebem as dificuldades e alternativas vivenciadas trazendo contribuições que, pensadas em conjunto, podem se tornar realidade, garantindo a qualidade de vida para o homem e a mulher do campo.

Como o curso é realizado em três módulos, os educandos/as têm desafios e tarefas a desenvolver em suas bases (atividades intermódulos), nos intervalos dos módulos: saem com perguntas e voltam com respostas, além de novos questionamentos.

Estudar "História, Concepção e Prática Sindical" se faz imprescindível na formação. Através da mística inicial, usando um baú como símbolo da história e das lembranças que trazemos ao longo desses anos de luta, os educandos/as foram instigados a fazer uma viagem no tempo para resgatar as memórias das lutas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais deste país, mais especificamente do estado de Santa Catarina, bem como as raízes, as origens, as histórias de cada um dos educandos/as.

O resgate da memória é de muita importância para a construção da IDENTIDADE – a identidade do colono, do camponês, do trabalhador e da trabalhadora rural, da agricultura familiar, da militância no MSTTR. Esta identidade expressa um jeito de ser, de trabalhar, de viver e de lutar. A memória proporciona uma volta própria, uma lembrança, e não deixa que se apaguem as experiências adquiridas para que as gerações futuras possam dar continuidade à história das lutas e conquistas dos trabalhadores/as rurais.

A memória histórica constitui um fator de identificação humana: é a marca ou sinal de uma cultura. Reconhecemos em nossa memória o que nos distingue e o que nos aproxima. Identificamos a história e os seus acontecimentos mais marcantes, desde os conflitos às iniciativas comuns. E a identidade cultural define o que cada grupo é e o que nos diferencia uns dos outros.

Com essa caminhada, o grupo encontrou a afirmação de sua identidade. A ligação entre memória e identidade é tão profunda que o imaginário histórico-cultural se alimenta dela para se reconhecer e se autossustentar como expressão particular de um determinado povo. No caso, faz da simbologia da TERRA fonte geradora de vida e de esperança. Terra-mãe, dela viemos e para ela retornaremos. Assim, falar em memória nos remete a nossa identidade que vem da TERRA. Enquanto militantes do MSTTR e agricultores/as, que lutam pela vida digna dos trabalhadores/as rurais deste país, somos filhos da Terra.

Foram também lançadas aos educandos/as perguntas para que os instigassem à expressão do conhecimento que tinham sobre o sindicalismo. Também foi utilizada a dinâmica da "Estrada do Tempo[62]" para que os educandos/as pudessem se remeter a períodos históricos e assim ajudarem na construção coletiva dos assuntos em questão. O quadro a seguir sintetiza o que foi apresentado:

[62] Dinâmica na qual se desenha a estrada com os períodos dos anos que inicia o MSTTR e se escreve a concepção dos educandos/as.

Onde e como surgiu o STTR?	Por que surgiu o STTR?	Qual o papel do STTR?	Qual o papel dos dirigentes?	Quais as dificuldades e as potências que encontramos nos sindicatos em que atuamos? Como agimos?
O sindicalismo rural surgiu na Europa, em 1640. No Brasil, iniciou com a vinda dos imigrantes a partir de 1900. O sindicalismo no estado teve início em 1967 com cinco associações para constituírem a Fetaesc em 1968.	Pela necessidade de representação, defesa e reivindicação dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Para também defender os trabalhadores/as rurais da repressão e discriminação.	Defender a agricultura, buscando melhores condições de vida para o meio rural. Ajudar na criação de projetos que garantam a sustentabilidade do homem, mulher, jovem... no meio rural.	Reivindicar, defender e representar os trabalhadores/as rurais e seus direitos, organizando, coordenando e transmitindo aos agricultores/as as informações necessárias.	• Dificuldades: compreensão sobre o que é e quem é o STTR. • Como agimos: buscando informações para transmiti-las à base, no dia a dia, informando as políticas públicas aos agricultores/as para que façam uso desses recursos, negociando e indo à luta pelos direitos.

Percepção histórica do MSTTR pelos educandos e educandas

É importante frisar que em todo o momento os educandos trazem aos encontros de formação os registros e as memórias de suas vivências de base através de fotos, documentos, relatos, entre tantas outras riquezas. Depoimentos sobre sentimentos de perda dos companheiros/as militantes comovem os participantes em todo o processo formativo.

Assim, identifica-se que os participantes apresentam, cada um, a partir de sua atuação no MSTTR, algum conhecimento da história do Movimento Sindical e também – parte mais importante do processo da formação sindical – eles possuem a vivência da militância, sentindo a cada dia as dificuldades e potencialidades dos trabalhadores/as rurais e do MSTTR e qual o seu papel a ser cumprido.

É necessário entender como aconteceram as lutas, as conquistas, em geral, os processos de construção do MSTTR e de todo o sindicalismo, para que haja compreensão e aquisição de novos argumentos para as lutas cotidianas e contemporâneas do MSTTR; para entender como estávamos em outros momentos, como estamos e o que queremos; quais as necessidades para a garantia da qualidade de vida do homem e da mulher do campo.

Percebe-se que os educandos/as do curso ocupam, em maior parte, um papel de liderança em suas bases, contribuindo nas comunidades religiosas, nas entidades públicas municipais, conselhos municipais, na participação de organização de cooperativas e associações, além do sindicato. Essas tarefas são importantes na medida em que oportunizam o aprendizado de escutas dos anseios comunitários. Para melhor compreender, traremos abaixo a visão

dos educandos/as sobre os conselhos e as suas participações como militantes:

> É importante fazer parte dessas instâncias. Essa participação abre espaços para que as decisões sejam conjuntas nas demandas, na fiscalização, avaliação, garantindo a participação popular junto ao poder público, garantindo o bem-estar social e uma vida fraterna. Essa participação garante a liberdade de opinião e garantia da qualidade de vida para o homem e a mulher do campo. Porém esses espaços nem sempre representam uma democratização (são fechados). É nesse momento que deve entrar a força do sindicalismo, dando subsídio para interferir, provocando mudanças e garantindo a melhoria da qualidade de vida (Educando 8).

Os participantes, em todo o decorrer do processo formativo, trocam experiências e compartilham as preocupações com o sindicalismo e com a vida do homem, da mulher e dos jovens do campo. Dessa forma, foi realizada uma reavaliação e instigação de fortalecimento da luta sindical, numa visão de prática transformadora, estimulando mudanças de atitudes, comportamentos coerentes com a concepção e as exigências do PADRSS.

Pensar em um desenvolvimento sustentável que parta das comunidades, locais e territoriais é a aposta do MSTTR, viabilizando a realização dos GES em um movimento endógeno, sem ser um modelo pronto, e sim um movimento "dinâmico", que pense a especificidade local, contribuindo com instâncias diferentes e ajudando a afirmação de elementos da base, "articulando-os" conforme a realidade de cada espaço.

Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural, Sustentável, Solidário – PADRSS

A formação para o MSTTR não deve ser pensada em "moldes", mas como um projeto que seja construído em todas as suas etapas, favorecendo a integração da diversidade cultural, econômica, social e sustentável do campo. Esse é um projeto alternativo de "desenvolvimento", que questiona os sucessivos modelos de desenvolvimento, que sempre colocaram o mercado acima de tudo. Em contraposição a essa tendência, o projeto defende a importância da atenção aos homens e mulheres de todas as idades, raças, etnias e às suas vidas. É um projeto alternativo de desenvolvimento "rural", "sustentável", "solidário". Estimula o equilíbrio na relação entre o ser humano e a natureza. Compreende o ontem como espaço permanente de reflexão na construção do agora, na perspectiva de gerações futuras. Contrapõe a lógica da individualidade, da competitividade capitalista, inserindo valores fundamentais como a cooperação, igualdade, fraternidade, inclusão e justiça social.

Fundamentos do PADRSS:

- Realização de uma ampla e massiva reforma agrária; ruptura de um modelo de desenvolvimento excludente, concentrador de terra e renda, na busca da democratização do poder político, econômico e social com a inserção produtiva;
- A ampliação, valorização e fortalecimento da agricultura familiar com capacidade de geração de emprego e renda, produção de alimentos de baixo custo e baixos danos ambientais e fortalecimento do setor comercial;
- Geração de renda e postos de trabalho no campo; formação e melhora do espaço rural, programação de qualificação profissional e reconversão produtiva;
- Estímulo às atividades rurais não agrícolas; implica conceber o rural não mais como espaço exclusivo de produção primária.

Referenciais para a implantação do PADRSS:

- Participação política e gestação democrática na comunidade;
- Articulação local, regional, territorial com o global e o rural com o urbano;
- Estímulo à participação efetiva do MSTTR nos processos políticos eleitorais;

- Abordagem em práticas transversais de gênero, geração, raça e etnia;
- Garantia da segurança alimentar;
- Defesa e ampliação dos direitos trabalhistas e previdenciários;
- Respeito à autodeterminação das populações tradicionais.

Principais desafios para ampliação do PADRSS:

- Ampliar e qualificar a luta do Movimento sindical;
- Tornar as unidades familiares de produção em efetivos espaços de desenvolvimento sustentável e de fortalecimento da agricultura familiar;
- Fortalecer as ações locais e a articulação entre as ações do MSTTR;
- Impulsionar o fortalecimento dos princípios de democracia e equidade;
- Romper com a rotina.

Expectativas:

- Que trabalhe mais a base, mostrando-se ativo, competente, firme e forte;
- Que se mantenha mais participativo na busca de projetos e soluções alternativas;
- Que busque atrativos beneficiando os sócios e fortalecendo as entidades;
- Que procure lideranças mais comprometidas e responsáveis;
- Que dê atenção aos problemas vividos e sentidos pelos/as agricultores/as.

O PADRSS é de fundamental importância na ação das lideranças sindicais, visto que o sindicalismo e a agricultura familiar não podem ser pensados sem planejamento a curto, médio e longo prazos. O desenvolvimento rural depende não só da produção e comercialização, necessita abranger as esferas econômica, ambiental, social e cultural, para que seja sustentável; também deve considerar o sujeito em sua complexidade e natureza, para que seja justo e solidário.

O "caminhar" da sociedade e da agricultura, os processos que se construíram na história e como se encontram na atualidade são movimentos que a formação não pode perder de vista. A partir do processo formativo, busca-se este entendimento e a reconstrução de novas formas, estratégias de ação e práticas de desenvolvimento na agricultura que respeitem a sustentabilidade presente no projeto. Visa à construção comunitária e sugere a constituição dos GES e das Redes de Educadores/as Populares da Enfoc.

Os educandos e educandas são desafiados a organizar os GES[63] e a fomentar as Redes. Os GES, em primeiro lugar, partem das comunidades, das bases de cada STTR, têm função de ser parte da Rede, pois, sem GES, a Rede perde em sentido.

[63] Introdutoriamente, GES é um espaço coletivo de trabalhadores e trabalhadoras rurais fortalecidos na própria base (local de convivência e trabalho dos agricultores/as), no qual discutem a ampliação do trabalho dos Sindicatos de Trabalhadores/as Rurais, a partir das necessidades de cada grupo que tem suas especificidades.

Para falar sobre os GES, há uma experiência que trago presente para reflexão:

Logo que os educandos/as fazem a formação, são motivados a provocar discussões nas bases. No município de Irineópolis, a instigação partiu da provocação do presidente do STTR feita aos jovens a estudar, a partir do programa Jovem Saber. O grupo iniciou pequeno, com jovens ente 15 e 20 anos de idade. O grupo sentiu necessidade de abranger o conhecimento sobre sindicalismo e sociedade, o que vinha agregando durante a formação do Jovem Saber. A forma encontrada por estes jovens foi a multiplicação do conhecimento por meio da melhor e mais próxima ferramenta de ensino de que dispunham: as escolas municipais, nas localidades rurais, nucleadas com ensino fundamental. A comissão de jovens do STTR (formada pelos primeiros jovens) elaborou o Projeto Sindicato, para ser implementado na escola que previa o estudo do sindicalismo, da estrutura sindical e o paralelo, que se dá na sociedade, com o Movimento sindical e a história da agricultura. A comissão contou com a parceria do STTR e da Secretaria Municipal de Educação que dá apoio aos jovens, devido às demandas de implantação dos projetos de Educação do Campo (uma conquista do MSTTR).

Por intermédio de várias metodologias, os jovens aperfeiçoavam a formação com pesquisas e trabalho com dados (foi realizada uma pesquisa sobre "o que o jovem pensa sobre o campo" e "qual a perspectiva de sua permanência no campo"; essa pesquisa trouxe preocupação para o grupo, pois mais de 50% dos entrevistados revelaram que pretendiam sair do campo e 30% dos que queriam permanecer no campo não enxergavam alternativas para tal). Essa pesquisa movimentou os jovens que se preocuparam com a realidade buscando, junto às entidades públicas e privadas, como o sindicato, a Secretaria Municipal de Educação, a Federação dos Trabalhadores/as na Agricultura do Estado de Santa Catarina, Prefeitura Municipal e a abertura no espaço de "palavra livre" da Câmara Municipal de Vereadores, soluções para incentivo da permanência do/a jovem no campo, e principalmente a melhoria na educação do campo, visto que este trabalho foi realizado nas turmas de sétima e oitava séries do ensino fundamental (jovens entre 13 e 15 anos de idade). Os jovens que participaram desse primeiro grupo também ganharam espaços consideráveis para a atuação do STTR, participando das formações nos âmbitos estadual, regional e nacional, ajudando o sindicato nas lutas por melhorias no campo.

Atualmente o sindicato continua investindo na formação e na criação de GES, com fundamento na primeira experiência realizada com os jovens. Agora o desafio é provocar os diretores e lideranças das comunidades para fazer a formação sobre o que é realmente ser uma liderança e também qual é o papel de cada um dentro do Movimento sindical, considerando toda a história que o MSTTR tem com suas conquistas. Fazer com que todo agricultor/a entenda-se como parte das conquistas e se faça presente nas lutas que virão pela frente é despertar o interesse de provocar mais e mais mudanças. Reflete-se que pode ser feito mais pelos trabalhadores/as, enxergando como primeiro passo que a diretoria e as lideranças encampem (vistam a camisa) e divulguem, ajudem a aumentar o Movimento, a fortalecê-lo.

Tarefa básica para a fomentação dos GES descrita pelos participantes: cada participante em sua comunidade é responsável por transmitir conhecimento aos demais, nos diferentes espaços (Igreja, associações) pedindo apoio, contribuição e ajudando também conforme a necessidade.

Os GES têm continuidade e podem ser um forte instrumento para a melhoria da qualidade de vida, conforme os sonhos dos educandos/as que participam desse processo. Com esse exemplo, todos os participantes da formação podem ser instigados a fomentar os GES.

As Redes, dentro do Movimento sindical, ganham força com os trabalhos realizados pelos GES, mas não é só isso. As Redes se constituem na formação que perpassa todo o Movimento sindical, são contextualizadas, mas podem se estender às diversas instâncias do Movimento, com suas experiências que podem ajudar na prática sindical.

A expansão e consolidação da Rede de Educadores/as é de fundamental importância para uma nova etapa do sindicalismo, destruindo conceitos dogmáticos (que não acompanham a evolução dos processos educativos) e que não atendem à realidade de cada trabalhador(a) que aposta nessa força de organização. A Rede, por sua vez, deve chegar a todas as instâncias educativas do MSTTR, estabelecendo conexões entre as bases sindicais e destas com o Movimento na sua totalidade. Diversificam-se as ações e as metodologias das Redes, em seus diferentes ambientes, mas gradativa e dialeticamente vão se adequando aos princípios do processo formativo dados pela Política Nacional de Formação – PNF e pelo Projeto Político Pedagógico – PPP: "Com o andar da carruagem é que as abóboras se ajeitam".[64] Cada porção da Rede tem uma especificidade para atender às realidades regionais e locais, criando-se práticas formativas adequadas, diversificadas que fortaleçam a prática sindical, mas levando à base a cara do MSTTR, que é formado por uma pluralidade enorme no Brasil todo.

No estado de Santa Catarina, a Rede é assumida por aqueles que fizeram parte dos processos formativos regionais e nacionais. São estes que estão apoiando as construções dos processos formativos, que fomentarão os GES e darão estrutura para a interligação entre Contag e base. A partir da formação estadual, a Rede ganha mais educadores/as que, juntamente com aqueles que já a integravam, se tornam responsáveis por sua consolidação.

As práticas educativas e formativas, orientadas por metodologias com estratégias de educação em perspectiva popular e libertadora encontradas na PNF, orientadas pela Enfoc, e as especificidades que cada grupo traz à formação dão suporte a uma grande Rede que se faz em processo contínuo de ação e adesão. Assim podemos comparar este processo de multiplicação a uma teia de aranha que vai sendo tecida (no nosso caso, cada educando/a e educador/a é uma aranha que ajudará na multiplicação da teia), abrangendo os seus arredores por meios diversificados, que forma uma grande teia interligada em diversos pontos. Deve-se observar, contudo, que qualquer ação ou qualquer danificação em um dos fios desta Rede poderá atingir toda a teia, fortalecendo-a ou enfraquecendo-a.

Considerações finais

O Curso Estadual de Formação do Estado de Santa Catarina não termina com a sua realização ocorrida entre 24 de maio e 06 de agosto de 2010, pois este foi apenas um começo da formação de educandos/as que vêm tendo e terão ação junto aos trabalhadores e trabalhadoras rurais.

A sistematização possibilitou a construção deste trabalho que seguiu e refletiu sobre a matriz pedagógica orientadora do curso. Foram então trabalhados a organização e o funcionamento do processo formativo; o reconhecimento dos participantes, suas vivências, as tarefas e conteúdos que cada um aprendeu no decorrer

[64] Ditado popular da região.

das atividades; considerações sobre como cada um atua na sua base, o que pode ser mudado e como a formação provoca essa mudança. Provocou-se a memória, trazendo ao conhecimento dos educandos/as a história do MSTTR e o reconhecimento de cada um dentro da História, as alternativas de participação dos educandos/as nas suas áreas de atuação. Discutiu-se como a defesa de um projeto de desenvolvimento rural sustentável e solidário, o fortalecimento dos GES e, por sua vez, a alimentação da Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc podem interligar toda a luta e história do Movimento sindical que dão origem ao MSTTR e à estrutura sindical.

Nota-se que, após o processo de formação, alguns educandos/as saíram da formação estadual e não conseguiram formar os GES; talvez pelo fato de que, muitas vezes, as linhas de um sindicalismo antigo, que esquece que temos um projeto e que ele deve ter ênfase no fortalecimento do MSTTR, ainda resistem fortemente mesmo após a formação. Os educandos/as saem da formação e, quando chegam à base, por vezes, não são compreendidos nesta nova forma de pensar/agir; também existem os casos em que os próprios educandos/as não dão sequência ao aprendizado, apenas se acomodam.

As perspectivas são muitas, no entanto o mais importante é fazer com que o Movimento seja dialético, instigador e provocador para que aconteça e possibilite uma prática sindical mais intensa, contextualizada e abrangente com a consolidação de GES e Redes, que são dispositivos estratégicos para a implantação do PADRSS. A formação propicia a integração de saberes que ajudam a ajustar as estratégias de luta, principalmente quando isso se dá a partir da vivência da prática sindical. O conhecimento é um "produto" que serve e servirá como substância para esta prática.

Com esse caminho traçado pelos educandos/as e educadores/as que ensinam e aprendem de forma conjunta no processo formativo da Enfoc aqui relatado, acredita-se que foram respondidas as perguntas que orientaram o nosso trabalho, atingido os nossos objetivos e o desafio do eixo central da sistematização que foi a problematização de como a prática formativa tem contribuído para a transformação no espaço coletivo da ação sindical. Esperamos que todos possam, ao ler este trabalho, também se sentir desafiados a olhar em sua volta e refletir sobre como podem contribuir na luta por dias melhores.

A MULTIPLICAÇÃO CRIATIVA ENTRELAÇANDO PRÁTICAS E SABERES NO RIO GRANDE DO NORTE

Jocelia Maria da Silva
(Jocelia Silva)

Trabalhadora Rural, Diretora do STTR e da Fetarn, Licenciada em Pedagogia, Cursando Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional.
Colaboração: Maria Darione David Lima, Educadora Popular e Assessora Sindical da Fetarn, Técnica Agrícola

Introdução

O texto a seguir trata sobre o Curso Estadual de Multiplicação Criativa desenvolvido pela Enfoc, no Rio Grande do Norte, no período de 2009 a 2010. O Curso faz parte da Estratégia Formativa da Enfoc e acontece em três módulos de cinco dias cada, com atividades intermódulos.

O processo formativo começou nos cursos nacional e regional. Este foi recriado como curso estadual pelos educandos/as. A equipe de sistematização é formada por educadoras e educadores que vivenciaram tanto o Curso Estadual como também o II Curso Regional Nordeste da Enfoc.

O objeto definido para a sistematização foi a *vivência* do curso estadual, a constituição e animação dos GES, e a atuação da Rede de Educadores/as Populares no estado, com a expectativa de encontrar aspectos que levem à reflexão da prática diária dos educandos/as e aos seus diversos afazeres da luta sindical que aponta para possíveis mudanças a partir da vivência na Escola.

Utilizamos as seguintes perguntas orientadoras nesta sistematização para desdobrar o eixo temático da sistematização:

- Como aconteceu a recriação do processo formativo no curso estadual e nos GES?
- Como os multiplicadores/as criativas se sentiram frente a esse novo fazer?
- Que mudanças são percebidas a partir desse novo fazer criativo no espaço da ação militante?
- Quais os desafios e impasses para a efetivação da ação multiplicadora na base (GES)?
- Como os educadores/as da Rede se veem neste espaço formativo, e quais os desafios deste lugar?

Ressaltamos que nosso objetivo geral é descrever e refletir sobre como o curso estadual, GES e Rede, com o intuito de subsidiar e apontar os avanços e impasses do processo, formula orientações para a prática sindical; e também destacar o diferencial que a escola está proporcionando aos envolvidos na ação multiplicadora na base, através da implementação dos GES e na consolidação da Rede de Educadores/as Populares do estado.

No Rio Grande do Norte, a sistematização aconteceu durante o Curso Estadual da Enfoc, ao descrever suas vivências, a partir dos eixos norteadores e perguntas orientadoras do projeto estadual de sistematização; ao verificar, pela sistematização, os avanços e impasses manifestados durante os processos formativos do

MSTTR, especialmente no curso estadual, GES e atuação da Rede de Educadores/as Populares, no Estado, de forma a encontrar subsídios para repensar e transformar a prática sindical. A sistematização poderá, por sua vez, proporcionar à Rede do estado elementos para estimular a criação dos GES em todos os polos sindicais do RN, bem como fazer o monitoramento destes grupos para perceber seus avanços e limitações.

Encontraremos algumas dificuldades de compreensão da estratégia formativa por parte de alguns dirigentes sindicais que não participaram do processo; temos ciência de que haverá certa relutância em valorizar e apoiar a caminhada formativa da Enfoc no estado. No entanto, julgamos que se faz necessário realizar esses momentos formativos, que são também avaliativos. Com a participação e apoio das secretarias de formação e organização da Contag e da Fetarn, promoveremos e seguiremos impulsionando debates e discussões sobre PNF e as estratégias que envolvem o PPP, a partir do trabalho de formação e sistematização no estado.

Como o "público" a quem se destina o produto da nossa sistematização é em especial dirigentes, assessores/as, multiplicadores/as criativos de base, trabalhadores e trabalhadoras rurais de base, um dos resultados da sistematização é estimular este público a refletir sobre o seu fazer sindical para aprender com as experiências vividas.

A sistematização também deve estimular a reflexão sobre os conteúdos programáticos, concepções e métodos utilizados na formação, sobre os produtos e suas finalidades, bem como de aprender a fazer uso de instrumentos facilitadores de registro dos processos vivenciados. No processo que aqui relatamos, fizemos uso de recursos metodológicos como: diário de campo, escuta orientada, que facilitou a polifonia e visitas de monitoramento a alguns GES, para sentir o andamento do processo multiplicador na base.

Vivendo uma experiência com a Enfoc

Curso Regional Nordeste

O curso aconteceu de julho a outubro de 2009 em três módulos, de sete dias cada um: o I módulo foi realizado em Beberibe, CE; o II módulo em João Pessoa, PB e o III módulo em Barra de São Miguel, AL. Respectivamente, as temáticas desenvolvidas foram: "Estado, Sociedade e Ideologia"; "História, Concepção e Prática Sindical" e "Desenvolvimento Rural Sustentável". Contou com a participação de cerca de 95 educandos/as. Na composição da turma dos educandos/as, estiveram trabalhadores/as que estão na direção das entidades sindicais, assessores/as e trabalhadores/as rurais de base.

As pessoas envolvidas nesse processo de formação e capacitação política em sua maioria são militantes do MSTTR e ainda se encontram na luta, porém outras se afastaram por motivos como: passaram pela Enfoc e a Escola não passou por elas, ou seja, não se identificaram com o Movimento, nem absorveram a sua proposta político-sindical; outros se afastaram porque se dirigiram a outros espaços da sociedade como Cooperativas de Assistência Técnica, ONGs, ou até mesmo a espaços governamentais.

Também existem situações em que alguns dirigentes não conseguem dialogar de forma mais proativa, no sentido de compreender as motivações e questões que um processo formativo dessa natureza impacta nas pessoas. Estimular mudanças requer compreensão sobre a realidade em que as pessoas estão inseridas, considerando seus tempos e as condições objetivas para essa tomada de consciência. Não perceber esses processos gera incompreensões que por vezes acabam em conflitos.

Preparação do Curso Estadual

O Curso Estadual de Formação Político-Sindical é uma ação da multiplicação criativa dos cursos da Enfoc

e, em todos os estados, tem sido pensado levando-se em conta os princípios que constam na PNF e no PPP da Escola. O curso que analisamos neste texto aconteceu no Mardunas Centro de Eventos no Município de Nísia Floresta/RN. Foi realizado em têS módulos, combinados com oficinas de autoformação, que aconteceram antes e depois dos módulos. Reuniu assessores/as da Fetarn, convidados, dirigentes sindicais, lideranças, funcionários/as e parceiros do MSTTR.

Nossa primeira atividade foi reunir o Coletivo de Formação e Organização Sindical da Fetarn, para socializar os processos formativos já vivenciados pelos assessores/as, dirigentes sindicais e funcionários/as do MSTTR no estado. O Coletivo de Formação teve papel fundamental na preparação e desenvolvimento do curso e na sensibilização de participação dos polos sindicais, ao indicarem os participantes do curso, orientado pelo perfil já elaborado pela Enfoc, que respeita sempre a participação de mulheres e jovens.

Após uma apresentação da importância da multiplicação criativa da ENFOC no estado, o Coletivo passou a discutir o perfil dos participantes para o curso, discriminado em seguida:

- Sujeito que propõe, incentiva;
- Que dialoga e constrói coletivamente;
- Que é multiplicador/a criativo/a;
- Que se sente sempre um aprendiz.

"Os Coletivos são espaços de debate, reflexão, proposição e orientação de rumos a partir das deliberações congressuais. Lugares, meio onde se discutem temas referentes ao fortalecimento do sindicalismo rural. Estes são compostos por dirigentes sindicais da CONTAG, Federações e Sindicatos.

O Coletivo de Formação e Organização Sindical da FETARN é constituído a partir do polo sindical, e este, em reunião, define os membros que farão parte do Coletivo. Mobilizadores Sociais do Projeto Dom Helder Câmara são formados por 19 jovens que atuam nos municípios de atuação do PDH – 10 municípios da região do Médio Oeste do RN –, na perspectiva de atuar no fortalecimento da união com as entidades parceiras e na promoção e consolidação de um projeto de gestão sustentável das comunidades e assentamentos beneficiários. Trata-se de investir na organização social, sindical e associativa, na produção e na comercialização, no acesso ao crédito, na comunicação, interagindo na acessibilidade, controle, monitoramento e gestão de políticas, respeitando e preservando o meio ambiente, as diversidades locais com transversalidade de gênero, geração, raça e etnia.

"Aprender é desafio que não se acaba. Por mais que se saiba, é um engano pensar que não se tem mais nada a aprender. Pessoas são seres imperfeitos, precisam sempre do movimento da troca para manterem-se vivos. Somos eternos aprendizes"(MERREM, 1995, p. 1).

Outro passo importante foi definirmos e socializar junto ao Coletivo de Formação e Organização Sindical as oficinas de autoformação que ocorreriam entre os módulos do curso.

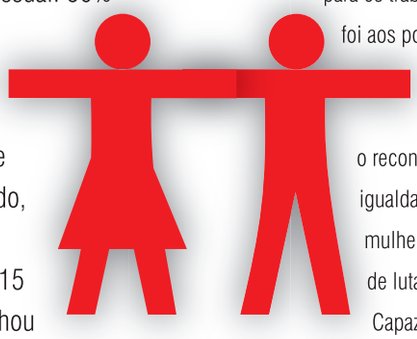
Essas oficinas foram realizadas de modo a avaliar cada módulo passado e planejar o seguinte, tentando explicitar tensões e aparar arestas.

Como o curso foi pensado

O curso estadual, como já dissemos, é uma recriação dos cursos da Enfoc. Na reunião do Coletivo de Formação, saiu como definição o seguinte:

- Quarenta Participantes – 35 educandos/as e 05 pessoas de apoio (assessoria e direção);
- Três participantes por polo regional (são 12 polos atuantes no estado, sendo que um polo só mandou dois participantes);
- Duas vagas para mobilizadores/as sociais do Projeto Dom Helder Câmara – PDHC;
- Três vagas para integrantes do Coletivo de Formação e Organização Sindical.

Dentre os participantes há trabalhadores/as rurais; sócios/as ou não do sindicato; jovens e mulheres participantes dos coletivos; mobilizadores/as sociais do PDHC; participantes do Projeto Saúde Reprodutiva. Isso levando em conta a decisão congressual: 50% de participação de mulheres.



O primeiro módulo foi realizado do dia 02 a 06 de agosto de 2010 e trabalhou a unidade temática "Estado, Sociedade e Ideologia"; o segundo módulo foi realizado nos dias 11 a 15 de outubro do mesmo ano, e trabalhou a unidade temática "História, Concepção e Prática Sindical"; já o terceiro módulo foi realizado nos dias 06 a 10 de dezembro de 2010, e vivenciou o conteúdo temático "Ação Sindical e Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário".

A metodologia utilizada durante o curso foi bastante diversificada, tentando sempre estimular a participação, o entrosamento/integração e reflexão do público. A mística e a dinâmica foram alguns dos recursos mais utilizados para gerar o sentimento de pertencimento do grupo. Também utilizamos a dança circular, a mandala, apresentações dialogadas, apresentação visualizada, recursos audiovisuais, palestras, trabalhos em grupo e cirandas literárias.

O conteúdo foi discutido na reunião do Coletivo de Formação e Organização Sindical e aprofundado nas oficinas de autoformação, orientado pelo eixo temático Ação sindical e desenvolvimento rural sustentável e solidário; unidades temáticas: Estado Sociedade e ideologia e eixos pedagógicos: Memória e identidade/ Pedagogia para uma nova sociabilidade.

Olhares sobre o curso

> Ouvia falar da escola de formação sindical, sabia de sua importância, mas não imaginava tamanha dimensão. Adquiri muito conhecimento nestes dois módulos. E poder levar um pouco da história do movimento sindical para a base é muito gratificante, pois tomei conhecimento das angústias, das dificuldades, mas também pude mostrar para os trabalhadores/as que aquela visão de sofrimento foi aos poucos se modificando e que só cabe a nós até onde iremos chegar. Conquistamos muito, mas ainda queremos muito mais. Queremos o reconhecimento da classe trabalhadora rural, a igualdade de gênero, a liberdade de expressão das mulheres e a Escola nos passa essa mensagem de luta, de capacidade, e assim me sinto capaz. Capaz de transformar através dessa política de formação em nosso novo avanço. E é isso, não teria palavras suficientes para dizer tudo que significa estar no movimento sindical (Educanda 1).

> Depois de participar do I módulo do curso, sinto-me mais confiante no que faço, no que falo, tenho mais força na minha militância, tenho sempre força pra dar um passo a mais adiante. Hoje eu entendo a formação sindical como uma ferramenta que me possibilita ajudar os companheiros na caminhada, nas atividades nas comunidades. Eu sou filiada ao sindicato desde 1992, mas, mesmo antes de ser sócia, eu já participava das reuniões, das brigas pela posse de terra. O meu sonho sempre foi um pedacinho de terra onde pudesse tirar o meu próprio sustento, mas até hoje não consegui. Voltando um pouco no tempo, nos morávamos na terra de fazendeiros que cobravam por fora pela moradia e meu pai botava roçado grande e trabalhávamos muito, mas pouco se tinha neste tempo,

não se falava nem se pensava em organização sindical, em direito a terra, reforma agrária, estas palavras eram proibidas por causa da ditadura, rejeição política e medo de ser expulso das terras da fazenda onde morava. Hoje, no 3º dia do II módulo, eu tenho outra visão da história do Movimento de lutas, de como no passado distante os camponeses já se organizavam e lutavam juntos por um país justo e igualitário. Os colaboradores/as do dia 12 foram muito importantes para o nosso aprendizado. A Rosa do Ceará nos levou a uma viagem no tempo, onde pude refletir sobre a construção da nossa identidade camponesa, sobre a identidade individual de ser homem, ser mulher, ser militante, assim como nessa identidade coletiva que nos une enquanto categoria (Educanda 2).

Desafios e aprendizados dos multiplicadores/as criativos

O nosso maior desafio é que as pessoas que vivenciaram o processo formativo da Enfoc compreendam que o GES deve ser assumido por elas e vivenciado junto às comunidades e, ainda, que toda a estrutura do MSTTR o assuma como um organismo que dá vida ao Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais. Por meio do GES, o MSTTR estará chegando às comunidades, com seus processos educativos orientados pelos princípios da PNF, abraçados pela Enfoc, reforçando as culturas e estruturas organizativas locais e, ao mesmo tempo, ganhando força para a condução das lutas da categoria dos trabalhadores e trabalhadoras rurais.

Compreendendo os Grupos de Estudos Sindicais – GES

O GES é um dos espaços de discussão sobre o MSTTR, e suas várias formas de lutas e políticas compõem o Itinerário da Enfoc para dialogar com os trabalhadores e trabalhadoras de base. O GES também é orientado pela Política Nacional de Formação - PNF e pelo Projeto Político Pedagógico - PPP, componentes importantes desta estratégia que tem o Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário –

PADRSS como referencial político. Pensando na perspectiva da ação multiplicadora e criativa da Escola, foi proposta, como atividade intermódulo, a formação do GES no estado.

Segue o depoimento de Elizamar– Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Parelhas/RN, que está vivenciando o GES.

> Somos aquilo que almejamos e mais fortes ainda naquilo que buscamos... após um grande esforço e muita ajuda, consegui chegar ao Curso Estadual de Formação; a princípio me senti muito pequena diante de um universo sindical gigante, mas fui me encontrando aos pouco e, no decorrer do curso, me senti em casa, conheci um novo jeito de ser Escola, onde fiz amizades eternas, aprendi ensinando, e me tornei multiplicadora, e isso é simplesmente sensacional. Apostei no GES que vem se concretizando dia após dia, e minha alegria foi maior quando fui escolhida diante de tantos em todo estado para ser parte do Curso Regional Nordeste. Nossa, que felicidade... e que responsabilidade! mas tudo bem, estou me preparando para a militância, e vivo da certeza de que este é o meu lugar, estou radiante, com sonhos múltiplos e com desejos de transformações perceptíveis ao meu olhar... E, diante de tudo isso, tenho a plena certeza de que não fui eu quem escolhi o Movimento, mas foi ele que me escolheu... Estou felicíssima por ser parte integrante desse barco recheado de descobertas e contemplado por um desejo coletivo de mudança.

Ação da Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc no Rio Grande do Norte

A Rede teve papel fundamental no curso do estado, de forma a apoiar todo o processo vivenciado,especialmente porque alguns educadores/as tiveram dificuldades em contribuir com o curso estadual. A fala a seguir denota a importância da rede nesse processo vivenciado no estado.

> Rede é o espaço de atuação dos educadores e educadoras que participaram do itinerário da Enfoc, sendo que este espaço não se limita ao estado, ela acontece onde as pessoas estão. Como exemplo, podemos citar a participação de Rosa, do estado do Ceará, que colaborou nos três módulos do curso no estado do Rio Grande do Norte.
>
> A Rede é espaço que se gera no curso, mas não percebemos... Não damos conta de que ela ta lá... Durante o Itinerário Formativo, apareceu "tímida", pouco visível... Mas só foi possível vê-la, quando ela começou a embalar, quando mesmo distante foi possível ouvir os seus ruídos, a sua voz... Essa é uma Rede que sente... Sente amor, angústia, choro... E mais: risos, superação... Só é Rede quem se sente Rede... Como Rede ela balança e como nem todo balançar é tranquilo, também nos impõe desafios... Desafios que, com amor, entrelaçados nos braços da amizade, superam os medos... A Rede é contínua. Contínua porque ela não se acaba com a formatura dos educandos e educandas, mas permanece se concretizando nas angústias, nas falas e nas práticas que se manifestam, nos momento que precisamos agir... Em presença ou distantes, estamos sempre juntos. Juntos em pensamentos, consoantes de acreditar que é válido o esforço de fazer a caminhada, que é árdua, mas transforma o lugar onde estamos e a nós mesmos, ainda que seja difícil essa transformação.

A Rede é um resultado que colheremos permanentemente por meio das pessoas que se sentem Rede, independe do espaço em que se manifesta como MSTTR e como Enfoc. Mesmo entendendo que ela se faz dentro do movimento sindical, nada impede que ela o ultrapasse, aglutinando também os que já se foram do Movimento, mas que mantêm seus sentimentos integrados ao embalar dessa Rede.

Para ser Rede, a pessoa precisa estar imbuída de sentimento de pertencimento a este lugar-movimento, mesmo que venha, em alguma oportunidade, a ficar fora dele, desse espaço MSTTR. Porém, nem todas as pessoas do Movimento serão Rede e isso é um processo que vai sendo percebido ao tempo de cada pessoa e forma como ela se vê.

Rede é espaço de animação, integração, socialização e construção coletiva de saber.

Considerações finais

A experiência formativa no Estado tem oportunizado fazer da sistematização instrumento político-pedagógico, que promove aprendizagem, impulsiona a revisão de caminhos percorridos e reorienta ações e estratégias para multiplicação criativa das atividades da formação até às bases do Movimento.

Reforçamos a ideia de que a sistematização se constituiu também em um instrumento de comunicação que possibilitou falarmos da vivência no curso, dos sentimentos, das limitações, dos amores e sabores da vida. Com ela podemos levar outras pessoas que não tiveram oportunidade de conhecer o lugar de transformação política, que é a Enfoc, a conhecerem o curso de formação, sua metodologia e os seus desdobramentos. Também é possível ver e avaliar nossa prática político-sindical, perceber a necessidade de promover mudanças nos aspectos que debilitam e tensionam os trabalhadores e trabalhadoras que dela participam e reforçar as características que aproximam os sujeitos e dão força à implementação das estratégias por eles definidas.

CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA EM ALAGOAS

Thiago Santos Gomes

Agricultor Familiar, Secretário do Meio Ambiente da Fetag/AL

Introdução

No início, a formação do MSTTR em Alagoas teve forte influência da Igreja Católica e de articulações ligadas aos comunistas que faziam trabalho de base. Passou também por um momento onde o Ministério do Trabalho[65] era quem orientava as ações formativas, e estas eram destinadas somente às direções das entidades sindicais. A formação do Ministério destinava-se, especialmente, para a transmissão de informações que fortaleciam o corporativismo no MSTTR.

Por outro lado, o Partido Comunista Brasileiro – PCB tinha meta de criar sindicatos para fortalecer as suas estratégias. Muitas lideranças ligadas ao PCB[66] tentaram, por volta de 1963, criar uma Federação dos Pequenos Agricultores, evidenciando a disputa de concepção sindical que havia entre os dois grupos liderados, um pela Igreja e também ligado ao estado e o outro pelo senhor Manoel Salustiano do PCB. No entanto, as lideranças ligadas à Igreja eram maioria nos Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.

Com o golpe, Manoel Salustiano foi preso e assumiu o senhor José Benedito da Silva, um interventor ligado à Igreja e ao poder econômico local. Ele tinha como objetivo administrar os sindicatos sob a orientação da ditadura militar.

Um dos primeiros sindicatos de trabalhadores rurais criados foi o de Pão de Açúcar, em 1962. Foi exstinto durante o golpe militar e voltou em 72 com a influência da Igreja. Em pouco tempo, houve um rompimento com a Igreja, porque ela tinha um perfil conservador e queria que se defendesse o interesse privado. Eu fiz parte desse primeiro. (Pedro Lúcio Rocha).

A formação sindical tratava somente sobre administração para atender as políticas de proteção ao estado; só podia participar de política partidária se fosse aliado à hegemonia política. As atividades de formação sindical tratavam de ensinar a fazer ata, relatório, balancete, orientavam sobre os deveres dos diretores e do trabalhador, com destaque para "respeitar as autoridades e não fazer greve".

[65] Doravante MT

[66] Em Alagoas era Gilberto Soares e Rubens Colaso; em Maceió, na área rural, era Lindauro Costa (Pão de Açúcar) que foi preso pela ditadura militar; e Jose Amilton Maciel, que era do movimento estudantil, também ligado ao PCB. Tinham ainda os companheiros Jose Novais e Jose Correia, também militantes do PCB que atuaram no sertão do estado.

As mensalidades eram destinadas às despesas com medicamentos, com os associados. Mas também havia uma "formação informal", aquela que não ficava evidente, mas que tinha como foco contestar a ditadura. Eram feitos boletins e distribuídos nos sindicatos para os trabalhadores que frenquentavam as feiras livres; com as lideranças mais esclarecidas, realizavam encontros às escondidas nos fins de tarde, e muitas vezes também era possível promover encontros com os estudantes. Tínhamos que ser estratégicos, realizávamos reuniões, convidávamos o coronel, ele fazia a palestra e, quando ia embora, continuávamos em reunião discutindo os problemas dos trabalhadores/as e montando nossas estratégias. Era assim que resistíamos à dominação do estado.

A formação sindical em Alagoas, na época da ditadura militar, aconteceu assim. Era feita em combinação com o MT. Após a ditadura, ficamos atrelados a este Ministério até 1988. Tudo que fazíamos tinha que ter o consentimento do Ministério. Ele dizia qual o tipo de formação e nem tudo que se aprendia podia passar essa orientação, era uma maneira de manter o modelo de formação direcionada. Para fazer uma assembléia de convenção coletiva, muitas vezes as empresas forçavam a participação deles para manter o controle. O movimento sindical não podia nem pensar em se envolver com a política partidária. A política era obedecer às determinações do MT.

Depois da ditadura, na década de 90, a formação em Alagoas teve continuidade, inicialmente era voltada para a parte relacionada com a organização sindical, desde a elaboração de atas, estatutos e parte financeira. Ainda nessa década, com a criação do projeto político do MSTTR, segue seu processo formativo através do Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PDLS. Foi um programa com ênfase na agricultura familiar, voltado para o aprimoramento das lideranças e dirigentes do MSTTR nos processos de proposição, negociação e monitoramento de políticas públicas nos espaços locais.

Nesse período, algumas ações de capacitação especialmente com a juventude, chegam com mais força à base e "movimenta" a juventude a querer ser parte do Sindicato.

Mais recentemente (2006), o MSTTR cria a Enfoc e esta passa a desenvolver um Itinerário Formativo que conduz a estratégia da Enfoc até à base. Esta requer comprometimento individual de cada militante que participa das atividades, mas, sobretudo, comprometimento institucional (conjunto das organizações sindicais) com os desdobramentos do processo. A estratégia formativa da Enfoc combina duas dimensões muito expressivas para a luta sindical: formação sindical com forte conteúdo político e ideológico, que ajuda na formação da consciência das lideranças; uma formação a partir das frentes e lutas: seus significados, concepção e pertinência na relação com o projeto macro de sociedade que almejamos construir. A outra dimensão é a formação de educadores/as, com vivências de metodologias de construção coletiva, ressignificação da mística, dos símbolos e da luta.

Participam dos cursos todas as pessoas que atuam no MSTTR (dirigentes, lideranças, assessorias e funcionários) e o constituem.

Esse processo de formação e reflexão, bem distinto do primeiro, está orientado pelo eixo pedagógico "Memória e identidade pedagógica para uma nova sociabilidade" e tem nos dado a oportunidade de rever, reorientar e reconstruir a prática política do MSTTR, com o propósito de transformação da prática e concepção político-sindical dos sujeitos que o constituem. Isso tem gerado um processo que vem alimentando o espírito de luta e

a leitura crítica dos contextos e práticas por parte dos dirigentes dos STTRs e Fetag/AL.

A sistematização se afirma enquanto parte da estratégia formativa e busca fortalecer, problematizar e construir recomendações e orientações para a luta e estratégia formativa do MSTTR. Com esta sistematização, iremos explicitar, construir a memória e refletir sobre a experiência vivenciada no curso estadual e no processo a partir dele desencadeado.

Apropriação da estratégia formativa

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de Alagoas[67] tem reconhecido e se apropriado das estratégias educativas construídas na Enfoc e as recriado, visando à transformação da prática político-sindical no estado de Alagoas, bem como a transformação dos sujeitos mediante a contribuição da formação político-ideológica e da reflexão sobre a prática dos militantes e das estruturas das quais são membros, por meio da sistematização. Com isso busca fortalecer o movimento sindical para lidar com os desafios impostos pelo contexto no qual desenvolve sua ação militante.

O Curso Estadual da Enfoc, em Alagoas, tem como participantes dirigentes sindicais dos STTRs, cujo perfil se identifica com o propósito da Escola e assume a responsabilidade pela multiplicação criativa dos conhecimentos e da estratégia até chegar às comunidades e municípios, que é seu maior propósito. A capacidade de alcance está no envolvimento dos educandos/as com este propósito: criando os GES, possibilitando um processo de leitura crítica da realidade local, sindical e social, fortalecendo a capacidade de articulação, formação e discussão das questões relacionadas aos trabalhadores/as do campo.

Se fôssemos representar ou construir uma imagem que melhor comunicasse como se deu o curso de formação sindical em Alagoas, construiríamos uma árvore, representando a Escola de Formação, onde, na raiz, estariam situadas as oficinas de autoformação e os demais momentos compondo as demais partes da árvore. Foram nessas oficinas que construímos, juntos, as matrizes do curso estadual, depois de amplos debates. A cada módulo realizamos uma oficina para planejar, partindo de um eixo temático. Fomos, então, definindo quais os conteúdos mais relevantes a serem abordados e indicando possíveis palestrantes para fazer as explanações e orientar os debates dos conteúdos dos módulos. Participaram da oficina os educadores/as egressos dos cursos nacional e regional da segunda turma e os educadores/as da primeira turma que já haviam realizado o primeiro curso no estado.

Durante as oficinas, um dos momentos mais fortes foi quando, na construção da matriz, houve a inversão do eixo temático, colocando no primeiro módulo "História, concepção e prática sindical", em meio à convergência, divergência e decisões democráticas tomadas nas oficinas de autoformação que foram a base para o desenvolvimento do curso estadual.

A sistematização cuida para que todo esse processo não se perca: a vivência, as experiências, pois, com a memória escrita, olhando para o objeto e as subjetividades que no interior dele foram se constituindo, garantimos que nossos erros possam ser reorientados e os acertos sejam reproduzidos e, assim, junto aos trabalhadores/as rurais do estado de Alagoas, construir rumos para que dias melhores possam ser reais e não somente utopia.

Metodologias participativas

Os sindicatos, acreditando e apostando no processo de formação política e ideológica do MSTTR, indicaram

[67] Doravante Fetag/Al.

dirigentes sindicais para constituir a segunda turma, a maioria jovens, entre estes homens e mulheres, assegurando também participação de pessoas da terceira idade. O conjunto da direção da Fetag/AL participou de forma efetiva da realização do curso na abertura, quando do recebimento de participantes, a maioria dos diretores se fez presente, e alguns deles participaram em momentos de reflexão sobre os temas como facilitares das discussões. O Secretário de Formação e Organização Sindical, além de acompanhar todo o processo, participou atentamente do curso para se apropriar das metodologias e da estratégia política da Enfoc; facilitou a discussão sobre as organizações do MSTTR, contribuindo com uma leitura crítica sobre a história de luta, as conquistas e os desafios da atualidade. Da mesma maneira, procedeu o Secretário de Meio Ambiente. Este, além de fazer parte da equipe que estruturou todo o curso, assumiu a estratégia de sistematização, refletindo sobre a temática, a estratégia política da Enfoc e construindo os momentos metodológicos para a reflexão das temáticas do curso. Junto à equipe de relatoria, instigou a problematização das abordagens sobre a realidade da prática cotidiana das direções das entidades sindicais.

A integração da turma foi muito forte, uma vez que a vivência entre eles foi favorecendo a construção de um ambiente que os aproximava cada vez mais nos debates, nos momentos de dinâmicas e também no assumir tarefas com o processo formativo. As metodologias participativas também foram proporcionando acolhimentos que geravam a aprendizagem e construção coletiva dos conhecimentos, sempre primando pela horizontalidade dos saberes.

Durante o processo, lançamos mão de vários recursos pedagógicos. Entre estes, as **mandalas** – uma dinâmica que nos deu a oportunidade de, durante a construção conceitual e debate dos conteúdos, ir sistematicamente formando um processo onde é possível revisitar as abordagens, as aprendizagens, impressões e inquietações resultantes da construção do conhecimento; as **apresentações lúdicas** e criativas que revelaram talentos e foram aprimorando o fazer de maneira a contribuir para que os educandos/as adentrassem cada vez mais no curso, explorando os conteúdos e partilhando os conhecimentos.

A **linha do tempo** foi um recurso pedagógico que orientou os educandos/as a construírem uma visão sistemática de todo percurso formativo, explicitando o "fio ideológico" e marcando as épocas, acontecimentos, conteúdos, contextos e lutas que marcaram a trajetória de luta do movimento e construção da sociedade.

As **cartas** foram um recurso também muito utilizado, pois, como são escritas livremente, oportunizaram os educando/as a expressarem seus sentimentos sobre a vivência, problematizando conteúdos, avaliando o processo e ainda destacando o que ficou confuso, inconcluso, enfim, este recurso foi utilizado de várias maneiras, para dar conta de aspectos do processo de ensino-aprendizagem.

Os **diálogos pedagógicos** – maneira pela qual se vivencia as dinâmicas de aprofundamento dos conteúdos – possibilitam que, no grande grupo, se dialogue sistematicamente e de forma crítica sobre os conteúdos, aprendizagens e sentimentos mobilizados em cada momento do curso.

Outros recursos como **músicas, dinâmicas, filmes** foram compondo o jeito de fazer e fortalecer as relações afetivas entre os educandos/as, abrindo caminhos para as abordagens durante o curso, especialmente do tema "trabalho e a realidade dos assalariados/as rurais".

O método da **exposição dialogada** facilitou a compreensão e deu foco à abordagem dos conteúdos

Para assegurar que tudo fosse registrado, criamos uma **equipe de relatoria** e, juntos, durante as abordagens dos conteúdos, fomos responsáveis por problematizar as temáticas socializadas. Com a leitura crítica e sistemática sobre o vivido, foi se construindo e se levantando as questões mais relevantes para facilitar a compreensão do grupo.

Vivência – Curso Estadual de Formação Sindical

Demandas por uma formação libertadora (emancipando sujeitos e transformando realidades)

A formação desenvolvida a partir da experiência da Enfoc tem gerado muitas expectativas e demandando mais ações similares, que decorrem, em grande medida, pelo "despertar dos militantes" que a Escola tanto provoca nas suas atividades. Há muito tempo não se fazia formação política para e com os sujeitos do MSTTR em Alagoas, especialmente com estas características.

Em vista disso, o curso estadual se estruturou mediante os objetivos:

Objetivo geral: Contribuir com a formação de militantes do MSTTR, de modo a aprimorar sua capacidade multiplicadora criativa e potencializadora da ação formativa em suas áreas de atuação.

Objetivos específicos:

Socializar e aprofundar referenciais teóricos, políticos e ideológicos que fundamentam e alimentam os ideais e a luta sindical popular.

Re-avaliar e fortalecer a luta sindical, numa visão e ação sindical transformadoras, estimulando processos de mudanças de atitudes, comportamentos e práticas individuais e coletivas, coerentes com as exigências de implementação do PADRSS.

Favorecer a experimentação, sistematização e apropriação de novas metodologias pedagógicas que realimentem a prática formativa do movimento sindical.

Contribuir para a constituição de uma Rede de Educadores/as que assuma a implementação do projeto de formação do MSTTR.

Para tornar possível a realização desses objetivos, houve um comprometimento de todos os envolvidos no processo, desde a realização das oficinas de autoformação, realização dos módulos, acompanhamento das atividades intermódulo e criação dos GES.

O curso foi organizado em três módulos, manteve-se o conteúdo, mas não se seguiu a sequência dos eixos propostos pela Enfoc, foi adotada outra ordem. No I módulo, o eixo foi História, Concepção, Estrutura e Prática Sindical; no II, Sociedade, Estado e Ideologia e, no III, Desenvolvimento Rural Sustentável. Cada módulo teve sua intencionalidade guiada por uma ideia-força expressa nos objetivos, de maneira a potencializar aquilo que queremos alcançar com os temas na relação educando e educador.

> Eu te confesso que estou empolgado com a formação que a Fetag realizou e tive a oportunidade de participar. Foi cansativo, porque foram três módulos de cinco dias: o 1º em abril, o 2º em junho e o 3º em julho, mas o cansaço foi superado dada a importância de cada momento e a descontração dos participantes. Está de parabéns a Contag por ter criado a Enfoc, e a Fetag por ter abraçado o desafio de formar os dirigentes sindicais do estado. E para mim é uma alegria ver a participação da juventude que está no MSTTR tão empolgada, além de estar tendo a oportunidade de conhecer melhor a história do surgimento das lutas como a criação das Ligas Camponesas. Vimos também

que houve muita repressão contra os trabalhadores que tentavam se organizar e até muitos companheiros foram executados na tentativa de enfraquecer o Movimento. Mas nem assim conseguiram desanimar aqueles que sonhavam com uma organização forte para melhor cuidar dos interesses e direitos da classe trabalhadora (Educando 1).

I módulo – eixo temático: História, Concepção, Estrutura e Prática Sindical

Este eixo temático foi trabalhado juntamente com os eixos pedagógicos que o transversalizaram: Pedagogia para uma Nova Sociabilidade e Memória e Identidade. Este tema foi apoiado pelo recurso pedagógico "linha do tempo", trabalhada de várias maneiras. Primeiro fixamos um painel enorme na parede, lembrando uma linha reta, destacados de forma temporal, no qual, com datas e marcos históricos, vão sendo abordados os conteúdos do curso. Com esta linha do tempo, à medida que a discussão avança, os educandos/as vão interagindo: ora questionando informações já contidas, ora agregando outras. Também a utilizamos para auxiliar na autocrítica sobre o processo de ensino-aprendizagem, no qual os participantes revisitam toda a caminhada formativa.

Como foi cada momento

Introduzindo o I módulo, foi feita uma mística para acolhimento, apresentação dos participantes e da equipe de coordenação do curso, levantamento das expectativas e, em seguida, uma abertura política e organização das equipes de trabalho.

O I módulo foi importante para criar um ambiente de corresponsabilidade e comprometimento com os objetivos do curso, por isso primamos por fazer uma apresentação detalhada do itinerário formativo e da estratégia da Escola, sua intencionalidade e pretensões com a multiplicação criativa no estado – cursos estaduais e GES, destacando o papel dos educandos/as no desdobramento do processo junto às comunidades e municípios.

Os primeiros temas

Para compreender a história mais recente da sociedade, é importante fazer um mergulho na história da humanidade e perceber os momentos que marcaram mudanças, quais as razões dessas mudanças e como a sociedade foi reagindo e construindo os meios de sobrevivência. Buscou-se também encontrar, nessa história, a origem do sindicalismo, seu papel, motivações e as lutas que lhe deram significado. Para oportunizar aos educandos/as maior entendimento sobre a luta camponesa, foi convidado Jose Correia – presidente do STTR de Pariconha-AL, para dar seu testemunho sobre como foi sua vivência no Movimento. Ele trouxe uma abordagem da história do MSTTR no Nordeste, especialmente em Alagoas, e falou da influência da Igreja e do PCB, das perseguições aos militantes de esquerda e de sua participação nas greves do ABC Paulista.

Depois disso, a gente sabe que as Ligas foram de suma importância para o movimento estar onde está hoje. Se não tivesse tido essas pessoas que sofreram e morreram, o Movimento não teria a força que tem hoje. Mesmo sendo perseguidos e massacrados, eles continuavam se reunindo. Tivemos o prazer de conhecer companheiros do MSTTR de Alagoas que repassaram as dificuldades para chegar a essa organização e como surgiu aqui no estado a criação dos primeiros sindicatos (Educando 2).

Com esse curso, eu pude ter o conhecimento de como surgiu o movimento sindical, e por que surgiu, quais foram os caminhos percorridos e como foi difícil; da resistência que houve na época; aprendi que muita gente deu sua própria vida na defesa dos trabalhadores como Margarida Alves e outros (Educando 3).

Foi um dos momentos mais importantes da minha vida, como dirigente sindical. Foi nesse curso de formação que

> consegui ver o Movimento com outros olhos, lembrando que já está no meu sonho este de ver um mundo melhor para todos os/as trabalhadores/as rurais, devido ser a classe mais sofrida, eu que o diga como é trabalhar no campo, sei que é difícil nossa sobrevivência. Foi na Enfoc que aprendi muitas coisas; é certo que antes da Escola a gente tinha que aprender na roça. E Com a Escola tudo ficou mais fácil (Educanda 1).

> Aprendi a história do sindicato do qual faço parte, que até então não sabia, é o trabalho intermódulo que tive que pesquisar do primeiro presidente até o atual. Entendi um pouco sobre modos de produção, sistemas de governo em cada período da história, nessa construção do movimento das lutas das mulheres que até têm dificuldade para fazer parte e ser aceitas de fato e direito, porque sabemos que existem muitas divergências para romper esse tabu (Educanda 2).

As discussões sobre as Centrais Sindicais no Brasil também foram foco de discussão deste I módulo. A discussão foi apoiada pelo filme sobre a CONCLAT, com a colaboração de um moderador que foi explorando as imagens, conteúdos e contextualizando sobre o momento político que o país vivia. Foram evidenciados os elementos da história, das concepções sindicais e das formas de atuação das centrais sindicais no Brasil. Ao final dos debates, os educandos/as destacaram que o filme fez um chamamento para a importância da união e da luta da classe trabalhadora.

Ainda no I módulo, o senhor Antônio Viturino – Vice-Presidente da Fetag/AL e o senhor José Correia do STTR de Pariconha, um dos primeiros sindicatos fundados no estado, discorreu sobre a história de resistência do MSTTR em plena ditadura militar. Para esses momentos, contamos com a contribuição do senhor Francisco Urbano, ex-presidente da Contag. Pretendia-se, com este momento, ajudar os educandos/as a compreender quais foram as motivações que deram origem a primeira organização sindical nacional no campo: a Contag.

Destaque da fala do Urbano.

> Quem fala sobre história, seja ela camponesa ou qualquer outra, tem um viés político daquilo que você pensa que acredita. Tem quem conta nossa história com viés equivocado, que por razões políticas conta de uma forma diferente. Não existe verdade absoluta, existe o fato. Informação é conhecimento e conhecimento é poder, bem maior que o dinheiro. Surgimento da luta e do movimento, onde não tínhamos a liberdade e oportunidade no movimento sindical. Um passo muito importante foi a criação das secretarias na Contag.

Interação dos educandos/as - Uma mulher jovem perguntou se as mulheres participavam do movimento quando a Contag foi criada e um colaborador respondeu:

> A trabalhadora rural era dependente do marido, a orientação era essa, as mulheres eram sócias do sindicato só quando o marido não era sindicalizado (Colaborador 1).

Grupos de Estudos Sindicais – GES

Esse momento visou a aprimorar o olhar do MSTTR como articulador da participação dos trabalhadores/as do campo na gestão e formulação de políticas públicas para a construção das transformações na relação estado\sociedade civil.

As discussões sobre a democracia e participação foram as mais fortes deste momento, com destaque para a contribuição do movimento no período de redemocratização do país e os avanços quando propôs um projeto alternativo para o campo brasileiro.

Sobre os GES, fez-se uma ampla discussão, retomando a estratégia e itinerário da Enfoc, para aprimorar entendimentos sobre sua finalidade e refletir sobre a importância de sua constituição. Este momento buscou estimular nas pessoas a vontade de seguir adiante com estratégia, lançando mão de seus conhecimentos, e assim contribuir com a mudança necessária à pratica sindical.

Depoimentos de alguns educandos/as

> Fiquei sabendo de vários acontecimentos da história do movimento sindical, que não era do meu conhecimento, conheci novas pessoas com pensamentos diferentes e de várias partes de nosso estado (Educando 4).

> Enfoc é uma Escola que realmente transforma. Nunca saímos dela da mesma forma que entramos; aprendi o verdadeiro sentido de ser sindicalista, pois ser sindicalista não é somente fazer pelos agricultores o que puder, e sim tentar fazer algo mais, buscar, lutar, entender, ajudar, ensinar, aprender. É estar realmente ao lado do agricultor e fazer com que ele saiba que você está ao seu lado. Na Enfoc sentimos isso nas palestras dos militantes mais velhos, com suas histórias gostosas de se ouvir, nos ensinamentos e nas brincadeiras, a todo momento estamos aprendendo e ensinando; um sentimento forte vai se criando em nosso interior: é um sentimento muito bom o qual temos vontade de expressar o mais rápido possível. Esse sentimento é o de repassar o que se aprendeu na Enfoc (Educando 5).

II Módulo – eixo temático: Sociedade, Estado e Ideologia

Retomamos nesse momento muitas das discussões do modulo anterior, especialmente sobre a formação da sociedade, estado e democracia e entramos na discussão sobre capitalismo. Para introduzir a discussão, foi apresentado o filme "Tempos Modernos" (Charles Chaplin) para refletir sobre trabalho e relações de trabalho na sociedade capitalista.

> Vivemos uma grande experiência eu e outros companheiros. Tivemos a oportunidade de participar das atividades da Enfoc, onde conheci muitos amigos e aprendi muita coisa. Tivemos momentos especiais de troca de experiências e vimos como era o movimento sindical antes, pela histórias contadas, filmes e fotos. Vimos o filme de Charles Chaplin (Tempos Modernos) e fizemos debates fortes sobre o capitalismo e conhecemos um pouco mais sobre o feudalismo. Durante esse encontro, fomos uma grande família maravilhosa. Jamais esqueceremos tantos momentos bons que vivemos (Educando 6).

Nesse módulo foi feita ampla discussão sobre a Política Nacional de Formação – PNF, destacando os princípios, os referenciais e entramos na discussão sobre a concepção de sistematização para introduzir a discussão acerca da a importância de registrar nossa história, pois aprendemos, com o exercício de sistematizar nossa vivência na Escola, que a história tem muito do pensamento de quem conta e de quem escreve. Por isso, muitas vezes tentamos encontrar na história nossas lutas, conquistas, e quase sempre não a encontramos. Esta é uma lição, um aprendizado que não podemos esquecer. Os relatos das atividades intermódulos foram elucidativos da reflexão sobre a PNF.

Atividades intermódulos – relato da vivência

> Para mim foi como uma escada onde subi várias etapas da minha vida de forma positiva. Foi por meio dela que conheci realmente o significado de sindicalismo; a transformação foi radical e imediata, pois percebi o quanto estava regredindo o tempo todo. Então, para mim, Enfoc é símbolo de crescimento informativo e dinâmico. Sem contar que foi através dela que encontrei coragem para divulgar e fazer acontecer a história do movimento em meu sindicato. Me sinto extremamente orgulhosa de ter feito parte de uma escola tão ampla e profunda com relação ao MSTTR (Educanda 3).

Nessa caminhada formativa, tivemos a oportunidade de analisar criticamente as diferentes formas de trabalho e como este se apresenta ao longo da história e vai se modificando à medida em que as máquinas e as relações na sociedade também vão mudando para se adaptar ao conjunto e à conjuntura.

Memória e identidade – nesse momento, uma educanda chamada Vera, jovem trabalhadora rural assalariada, fala de sua experiência de trabalho.

Na ocasião, o foco foi a relação de trabalho no campo. Fizemos um recorte temporal sobre ontem, hoje, destacando os desafios e as condições que temos para construir as formas de superação.

Além da Vera, o senhor Nelson também contribuiu com seu testemunho. O Nelson é um agricultor familiar que nos agracia com uma prosa de quem vive de plantar, colher, cuidar da família e da terra.

Construção da identidade camponesa no Nordeste

> Parei de estudar com oito anos, porque não tinha roupa pra ir pra escola e os outros iam mangar de mim (Educanda Assalariada).
> Tu, meu velho caboclo, sois o braço da nação (Colaborador 2).

As formas de ocupação agrária, as resistências, os conflitos que definiram a história da região e os problemas que a marcam até hoje, em especial o estado de Alagoas, também foram referidos neste II módulo. Estudamos os conflitos atuais, a concentração de renda, problemas típicos da região desde a sua colonização.

O tema de identidade regional foi estudado em grupos como forma de problematizar um pouco mais as questões e tirar ensinamentos que orientarão as discussões seguintes a serem estudadas no III módulo.

Em seguida com a ajuda de um diálogo pedagógico, moderado por um educador da Rede de Educadores/as Populares da Enfoc em Alagoas, compreendemos questões relativas ao tema a partir de elementos textuais dos diversos gêneros, tais como jornais, revistas, poemas etc. Este momento foi de muita descoberta sobre o Brasil – destacando as várias fases de desenvolvimento do espaço agrário e as influências culturais, as tradições e como tudo isso vai influenciando a vida dos trabalhadores/as do campo. Esse momento foi finalizado com os educandos/as vendo o documentário chamado O Migrante (Carlos Machado) que traz um olhar sobre a realidade dos trabalhadores/as rurais assalariados/as e deu vida a um fervoroso debate carregado de falas emocionadas descritas em síntese abaixo.

> Não tenho tudo que quero mas amo tudo que tenho (Educanda 4).
>
> O homem hoje quer ser maior que a natureza (Educando 7).
>
> Tá aprendendo e não vai exercer o que aprendeu (Educanda 5).
>
> Em vez de ficar feliz porque tá fortalecendo a base, aí fica criticando e não dá valor (Educanda 6).
>
> Tem sindicato que só trabalha pra si próprio (Educando 8).
>
> O que diferencia o homem da mulher são características biológicas (Educanda 7).
>
> Pra primeiro você amar seu pai, sua mãe, seu esposo, seu filho você tem que se amar porque senão você não ama ninguém (Educanda 8).

O MSTTR e as eleições partidárias

Esse momento foi construído para possibilitar aos educandos/as uma compreensão maior sobre as disputas políticas, as relações de poder e as forças políticas do estado, que vem ao longo da história de formação do estado de Alagoas.

Para essa ocasião, contamos com a participação do presidente da Fetag/AL,Genivaldo Oliveira da Silva, que fez uma abordagem da conjuntura política no estado, falando das candidaturas e dos projetos em disputa, destacando qual projeto representa os interesses da classe trabalhadora.

GES, atividades intermódulo e estratégias

> Já pensei até em desistir, mas não vou fazer isso fácil, porque tudo que conquistei foi com meus esforços, e vou

enfrentar todos os obstáculos acreditando em mim e na minha força de vontade (Educanda 9).

Reforçamos o papel político do GES e tiramos as orientações para formação dos grupos de estudos. Sobre a atividade intermódulo, foi recomendado que cada educando/a fizesse uma pesquisa nos seus respectivos municípios sobre as experiências de desenvolvimento rural para auxiliar as discussões do III módulo do curso, que será sobre desenvolvimento rural sustentável e solidário e as estratégias de construção e implementação do PADRSS.

Algumas frases que sintetizam os sentimentos da turma:

Nós nunca sabemos de nada. Cada dia que passa, aprendemos mais um pouquinho (Educando 9).

Por mais que a gente esteja fazendo muito, sempre dá pra fazer um pouquinho mais (Educanda 9).

Vocês acham que vocês não são capazes, mas eu quero dizer que você é capaz (Educando 10).

A avaliação do módulo foi feita em sintonia com a sistematização, para colher informações sobre a vivência e as sugestões de aprimoramento do módulo seguinte.

O tema "trabalho", no segundo módulo, esteve presente no centro do debate na construção do processo.

Alguns depoimentos de sentimentos e vivência coletivos.

Aqueles momentos que vivenciamos foram inesquecíveis, lembro bem de cada trabalho em grupo, das peças teatrais, das discussões, enfim das criatividades em cada trabalho apresentado, eu não podia esquecer de forma alguma do jornal enfocando e do correio da amizade, onde cada um expressava o sentimento de amizade que ali estava construindo (Educando 10).

Aqueles depoimentos de como surgiu o movimento sindical nos dava ainda mais vontade de lutar. Nos filmes, sorrisos e brincadeiras; muitas vezes conseguimos aprender até mesmo brincando. Enfim, a formatura, um compromisso e um sentimento de saudade (Educando 11).

> Nessa escola eu aprendi principalmente que ser um educador é estar buscando conhecimento e levando para o nosso meio. Me refiro também à base, onde aprendemos e trocamos experiências dessas que só quem vive pode sentir (Educando 12).

III Módulo-eixo temático: Ação, Desenvolvimento Rural, Sustentável e Solidário

Este foi o último encontro da turma, pelo menos enquanto educandos/as da 2ª turma do curso de formação política da Enfoc, em Alagoas. Tudo parecia ficar mais intenso, pois a emoção pela formatura e ao mesmo tempo o sentimento de saudade já contagiava toda turma no primeiro dia do reencontro. Então começamos celebrando este momento com uma dinâmica que refletia sobre o sentimento.

Entramos no tema com mais facilidade, pois o assunto já havia sido tratado nos módulos anteriores e o facilitador do tema era o educador popular da Rede da Enfoc (Evandro), também assessor da Federação, que nos acompanha desde o primeiro momento e nos dá força o tempo todo sobre o quanto é importante assumir esse processo com muita responsabilidade.

Seguimos com as discussões em oficinas temáticas: uma sobre economia solidária, outra sobre agroecologia e uma mais geral sobre ruralidade e territorialidade. Todas aconteciam ao mesmo tempo e se repetiram em outros períodos, para assegurar que todas as pessoas se apropriassem bem destas discussões, tão importantes para as práticas produtivas na agricultura familiar.

Objetivamos com as oficinas mobilizar nas pessoas o sentimento de cuidado com a natureza e com os valores de cooperação e solidariedade. Também promover a troca de experiências organizativas e produtivas sobre desenvolvimento rural sustentável.

Na sequência, quando todos já haviam participado das oficinas, foi proporcionado um momento no qual todos partilharam suas impressões sobre as discussões nas oficinas. Este momento deu seguimento às discussões sobre desenvolvimento e focou nos debates sobre políticas públicas – limites e desafios para a ação sindical.

Nesse momento, a secretária de política agrícola e a de juventude da Fetag/AL fizeram a moderação do tema, destacando a problemática de implementação das políticas em Alagoas e destacaram a importância do MSTTR trabalhar com mais força a implementação do nosso projeto – PADRSS.

Na ocasião, o foco do debate foi o PADRSS, com destaque para as potencialidades, os avanços e os desafios.

Compôs também este momento a discussão sobre a organização sindical, refletindo especialmente a importância do seu fortalecimento, para que esta consiga responder aos desafios da categoria. Tal reflexão foi facilitada pelo secretário de Formação e Organização da Fetag/AL.

Ao final do curso, foram construídas recomendações comuns para o desenvolvimento da estratégia formativa da Enfoc inspirada na PNF, para que os educandos/as, nos seus espaços de militância, possam seguir a caminhada, criando GES e multiplicando criativamente o que aprenderam durante todas os módulos do curso.

Rede de Educadores/as Populares e Grupos de Estudos Sindicais – GES

Estamos em processo de organização da Rede. Em Alagoas há um grupo de pessoas já formadas pela Enfoc, que embora não estando tão ativamente no processo, contribuem à medida que podem. Contudo temos um bom grupo de educadores/as

comprometidos com Formação. O que falta é criar uma rotina de Rede para estimular e fortalecer o sentimento de pertencimento à Rede, pois as pessoas mesmo dizendo que fazem parte da Rede, ainda se sentem muito sós. Apesar disso, a Rede conseguiu dar conta de realizar o curso estadual.

Boa parte dos educadores compõem o quadro de funcionários/as e diretores/as da Fetag/AL e dos STTRs; e são estes que devem assumir a responsabilidade pela processo formativo, inclusive estimulando os multiplicadores/as criativos a criarem os GES.
Para trazer a Rede para a construção do curso, foi feito um momento onde as pessoas da Rede foram colocando tarjetas no interior de uma Mandala, seus sentimentos expressos mediante as seguintes questões – o que falta e quais compromissos assumo. Traçamos abaixo uma síntese do que foi mais expressivo.

O que falta?

Mais seriedade com o que a Escola propõe, mais solidariedade, mais compromisso, amor; mais união, desenvolver, compartilhar; mais iniciativa, mais atitude, apoio, programação, mais tempo, mais companheirismo, coragem, recurso, disponibilidade, assumir os erros, dinamismo.

Qual o compromisso?

Disposição, união, mobilização, atitude; vencer, levar até a base, força de vontade, empenho, fazer acontecer, participação, parceria, disposição, abraçar a luta, multiplicar e recriar.

Essas "faltas" revelam que a Rede ainda precisa se fazer enquanto Rede, não podemos tratar apenas como desabafo, mas como um querer criar as condições para que as coisas mudem. Precisamos criar mais oportunidades para que as pessoas da Rede se sintam mais acolhidas – é a partir do que une, que a gente vai construindo nossa identidade de trabalhadores/as rurais e nos sentindo parte desse todo que é o MSTTR. Os laços que nos unem, quando. Os que se consolidam são fortalecidos pela amizade, e esse sentimento de amizade nos faz querer nos encontrar outras vezes. É este sentimento de pertencimento que falta. Quando nos sentirmos parte da Rede, esta será fortalecida; então teremos também um MSTTR forte.

Grupos de estudos sindicais – GES

Esse passo do processo de formação é fundamental para a consolidação da formação como autêntica e libertadora; que emancipa sujeitos e transforma realidades; é neste momento que a socialização de saberes, a construção coletiva de novos conhecimentos permitem o acesso à base. Com os GES, há uma formação que busca ler a realidade local, partilhar as leituras dos sujeitos que ali vivem e atuam; conhecer e refletir sobre o espaço onde esses sujeitos juntos transformam a realidade.
Nossa estratégia foi discutir junto aos educando/as a importância dos grupos de estudo e estabelecermos um prazo para os constituirmos. Sendo assim, vamos subsidiar estes grupos com informações que potencializem o debate nas reuniões de estudo.

> A Enfoc realmente é um lugar de transformação que nos faz um verdadeiro sindicalista e aprendi que temos que multiplicar, alimentar o nosso público, fazendo com que eles se sintam capazes e valorizados (Educando 13).

> Compadre, eu sou um multiplicador popular e isso tudo é a forma que estou saindo dessa escola, escola essa que nunca se acaba e temos esse dever de dar continuidade (Educando 14).

> Nessa escola eu aprendi principalmente que ser um educador é estar buscando conhecimento e levando para o nosso meio; me refiro também à base onde aprendemos e trocamos experiências dessas que só quem vive pode sentir (Educando 15).

Considerações finais

A sistematização para o processo de formação político-sindical é vista como um instrumento relevante, pois ela guarda elementos e desencadeia um processo que busca a transformação - um movimento que irá realizar transformações maiores. O objeto, curso estadual, rede no estado e GES são espaços de formação que fazem parte da estratégica formativa da Enfoc e, nestes espaços, buscamos compreender as histórias de vida e lutas do povo camponês e como estes se organizam para viver e lutar. Este povo que busca a garantia e a promoção de seus direitos e sonha com a construção de uma nova sociabilidade, pautada em relações mais justas, mais humanas e democráticas.

A sistematização busca, a partir do objeto, refletir sobre tudo isso a partir de "leituras" feitas pelas próprias pessoas que o construiu e o vivenciou. Por isso que as expressões de dificuldade em se constituir a acompanhar os GES, de estimular a identidade da Rede, por falta de tempo para dedicar-se a isto, como também os tempos de estudos e debate sobre questões da formação e da prática sindical aparecem tão fortes nos depoimentos. Da mesma maneira, os depoimentos dos educandos/as durante as vivências no curso. Contudo a sistematização tem, no seu objeto, potenciais a serem explicitados: na memória que foi trazida ao curso por aqueles que são parte, elementos para a mudança de atitude, de forma a atuar com mais intensidade no MSTTR, e a compreensão do campo de disputa política e das conjunturas nas quais nos relacionamos, no passado e atualmente.

ENFOC, UM JEITO DE SER ESCOLA REPERCUTINDO NO CURSO ESTADUAL DO TOCANTINS

Vanubia do Nascimento Leal

Agricultora, sócia do STTR de Esperantina, Trabalhadora Rural, Educadora Popular da Enfoc, Serviço Social

Introdução

> "Em nosso caminho a ser percorrido, a luta é que faz valer o esforço." (Alf Lahne).

Este trabalho é produto da sistematização das práticas de formação político-sindical de trabalhadores/as rurais vivenciadas durante os Cursos Estaduais de Formação Político-Sindical da Enfoc no Estado do Tocantins. Os trabalhadores/as rurais já sofreram muito por terem seus direitos de posse da terra violados, direitos estes que lhes assegurariam a possibilidade de trabalhar e viver com dignidade. O texto procura mostrar que já houve muitos avanços com o trabalho desenvolvido através da Enfoc, reunindo educandos/as e educadores/as em diálogos de conhecimentos, fortalecendo cada um dos participantes dos processos educativos para enfrentar maiores desafios postos às suas práticas e avançar com muita persistência e luta. Tem como objetivo principal sistematizar as práticas e as vivências dos cursos estaduais da Enfoc/TO. Os objetivos específicos são: registrar os acontecimentos da formação político-sindical; identificar os avanços e/ou desafios ocorridos no processo formativo do MSTTR, para que assim possamos avaliar, repensar e potencializar nossa prática sindical; construir material sobre as diversas experiências desenvolvidas durante o processo de formação sindical no estado, e socializar as diferentes práticas educativas desenvolvidas no processo de formação da Enfoc.

Para a orientação deste trabalho, vários foram os questionamentos que direcionaram as nossas buscas e reflexões ao realizar o estudo, tais como:

- Quais as mudanças surgidas a partir dos processos formativos no MSTTR relacionadas a espaços de poder e atuação sindical e decorrente dos processos?
- Que estratégias foram realizadas para o desenvolvimento dos cursos estaduais de formação, no que diz respeito às metodologias, planejamento, resgate de simbologias na realização e recriação de um processo educativo crítico e criativo (cursos nacionais e regionais)?
- Quais as percepções dos sujeitos diante da sua participação nos cursos da Enfoc?

Para realizar a sistematização, utilizamos como procedimentos metodológicos registros dos momentos da formação, buscando organizá-los, construir narrativas e realizar reflexões sobre as experiências. Isto ocorreu de forma coletiva e processual, possibilitando apropriar-nos de recursos como registro fotográfico, relatórios dos

módulos, entrevistas, falas/depoimentos dos educandos/as, cartas elaboradas durante as formações.

Todo o processo metodológico foi muito rico e favoreceu o sujeito a expressar suas interpretações do processo formativo. Ao sistematizar, percebemos a diversidade de pensamentos, ações e situações ocorridas, mas orientados por um só propósito de, refletindo os processos desenvolvidos, pensar as ações futuras.

O curso de formação, objeto desta sistematização, foi realizado em três módulos de cinco dias cada, em Palmas/ TO.

Ao iniciarmos esse processo de sistematização, é importante reafirmar que avançamos muito com as atividades da Enfoc, que vem sendo realizadas em todo o Brasil. Ocorreram mudanças importantes nas formas de fazer formação e nos sujeitos que dela participaram, o que permitiu garantir resultados concretos.

Os processos formativos contribuíram para que os educandos/as tivessem uma nova visão sobre o seu cotidiano, desenvolvendo a capacidade crítica e criativa de entendimento e ação sobre a realidade como militante/dirigente do movimento sindical. Porém ainda se faz presente nossa preocupação frente às fragilidades vivenciadas no dia a dia da luta sindical e dos processos formativos. Por outro lado, sentimos um vazio ao não percebermos iniciativas por parte dos sindicatos, que deveriam estar envolvidos em divulgar a Enfoc em seus territórios de atuação, tirando, das vivências dos processos formativos, subsídios capazes de reorientar estratégias e novas práticas sindicais_

O Curso Estadual de Formação Político-Sindical da Enfoc no Tocantins

O curso de formação para a multiplicação criativa realizado em Palmas, capital, acolheu a segunda

O estado do Tocantins é o mais novo da Federação e está localizado na região central do País, tendo Goiás como fronteira ao sul, Mato Grosso a oeste, Pará ao norte, Maranhão e Piauí ao norte, e Bahia ao leste. Tem uma população aproximada de 1 milhão e 300 mil habitantes, distribuídos em 139 municípios, ocupando uma área de 320 mil km^2. Embora esteja integrado legalmente à Amazônia e seja componente da região Norte, sua vegetação é, em sua maioria, constituída pelo cerrado e por uma pequena parte de mata de transição da Floresta Amazônica. Tem clima quente e uma estação chuvosa bem definida de outubro a abril. Ao longo de anos, foi habitado por emigrantes dos estados do Maranhão, Piauí e Ceará, por mineiros e goianos e, nos últimos quinze anos, por gaúchos. É um estado onde a principal atividade econômica é a pecuária.

Nos anos 70, a construção da BR 153 ligando o sul ao norte trouxe muitos investidores, pecuaristas, madeireiros, mineradores, o que veio desencadear, na década de 80, grandes conflitos de terra no estado, principalmente na região do Bico do Papagaio, onde concentram-se as melhores terras que eram habitadas, quase na sua totalidade, por agricultores familiares nas condições de posseiros. Com o lançamento do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), os projetos em andamento no estado, como ferrovia, hidrovia e hidrelétricas buscaram consolidar em curto espaço de tempo o Tocantins como o maior corredor de exportação do País e, com isso, outras atividades econômicas passaram a ser opções de novos investidores, como biocombustíveis, siderurgias, exploração de minérios.

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Tocantins foi fundada em 1988, com sede na Capital, Palmas. Sua direção é composta por 12 secretarias e 05 diretores regionais, e busca atender uma demanda de 70 sindicatos filiados, distribuídos em 110 municípios. Ressaltamos que, embora a Federação exista há mais de 20 anos e tenha representação em mais de 100 municípios, não consegue responder a contento às demandas que se apresentam em razão das limitações financeiras e na infra-estrutura.

turma de educandos/as selecionados em 2010 com o propósito de aprimorar os conhecimentos de dirigentes e lideranças sindicais para implementar nosso Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário, promovendo a capacitação de militantes com o objetivo de atuar e defender a classe trabalhadora nos diversos espaços de poder, bem como ampliar e articular as lutas sindicais.

A construção da segunda turma e o desenvolvimento das práticas de formação contou com a participação de dirigentes assessores/as e militantes das seis regiões do estado - **Região Norte, Médio Araguaia, Bico do Papagaio, Apa-Cantão, Sudeste, e Região Central** – com trinta e cinco (35) educandos/as. Eles mostraram-se muito presentes nos primeiros momentos; a ansiedade, as expectativas de muito aprender e as emoções estavam presentes nas falas dos educandos/as. Foi colocada a importância da Enfoc, um processo fantástico que, cedo ou tarde, cria condições para que algo aconteça; é um processo que leva realmente o sujeito a descobrir/construir sua identidade e encontrar elementos para a transformação de suas práticas no espaço coletivo e, o mais importante, à transformação de si mesmo.

No processo de ensino e aprendizagem, todos são estimulados à participação, e a construção coletiva do conhecimento tem a co-responsabilização de educandos/as e educadores/as. O ponto de encontro entre as vontades, os olhares e as ações individuais e coletivas que se dá a partir dos trabalhos das comissões, possibilita a efetivação do aprender mediante a experiência, como diz Freire: "Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo"(FREIRE, 2000, p. 26).

É estimulado o exercício constante da criação, recriação e do diálogo no âmbito da prática formativa vivenciada. As comissões de trabalho constituídas no decorrer dos cursos foram:

Educação ambiental – levou ao grupo informações educativas possíveis de serem adotadas individualmente nas práticas ambientais. Vale ressaltar os trabalhos de conscientização realizados através da comissão. Os educandos/as acabam levando consigo a consciência de guardar no bolso até o papel da bala, para não poluir o meio ambiente.

Organização – em sintonia com a programação do curso, promoveu acordos coletivos em questão de horários e organização do espaço da escola.

Animação e lazer – ao passo que os trabalhos caminhavam, a equipe de animação e lazer foi se fortalecendo em ações criativas que possibilitaram a integração, o fortalecimento na participação, mantendo em alta o astral da turma com músicas, dinâmicas, brincadeiras, o trabalho em equipes com respeito às diferenças, momentos de lazer coletivo e confraternização do grupo.

Sistematização – animou a turma para a sistematização permanente da vivência do processo formativo, evidenciando as falas e percepções quanto ao ensino e aprendizagem. No final de cada dia e no último dia do curso, foram promovidos os momentos de síntese, contribuindo com os diálogos pedagógicos[68].

Avaliação - no decorrer dos módulos, ficou evidenciado o entusiasmo da turma para a avaliação permanente da vivência do processo formativo, sugerindo dinâmicas dirigidas ao ensino e aprendizado.

[68] Diálogos pedagógicos são espaços especialmente planejados para aprofundar reflexões sobre os temas trabalhados e construir sínteses e articulações, entre temas e subtemas, explicitando o encadeamento lógico entre eixos e unidades. Caderno Textos Pedagógicos-Enfoc III Turma.

A sistematização se constituiu como parte da formação; apresentou-se como um espaço em que os educandos/as conseguem retomar alguns temas que mais lhes chamam a atenção durante o curso. Neste momento, os educandos/as são convidados a expor, de forma criativa, os aprendizados adquiridos, o que contribui para que eles possam trazer novas reflexões, gerando outros aprendizados.

Conteúdos, discussões, compreensões na construção da aprendizagem

No início do processo formativo, a mística não conseguiu motivar por inteiro os educandos/as, mesmo entendendo ser inerente ao processo pedagógico de formação do movimento sindical. A maioria não conhecia o significado da mística e, como sua simbologia nos prepara e predispõe à criatividade, mostra a identidade e recorda momentos das lutas vivenciadas, inspirando a militância e dando sentido à construção coletiva e fortalecimento do MSTTR. Assim, aos poucos, "mistérios" foram compreendidos pelos educandos/as, na medida de sua incorporação aos conteúdos programáticos trabalhados nos módulos estaduais da Enfoc.

Dentre os temas abordados, tivemos: Estado e Ideologia, Modos de produção, História do Movimento Sindical, Gênero, geração raça e etnia, Constituição da população do estado; Conflitos agrários no estado - "o latifúndio e a resistência dos trabalhadores rurais"; Os grandes projetos de desenvolvimento e seus impactos na região; Expansão da fronteira agrícola no estado e Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PADRSS. Também foram aprofundados nos cursos estaduais os princípios norteadores da PNF e do PPP.

É interessante destacar que todos que participam dos Cursos da Enfoc revelam que "não conseguem mais ser os mesmos". É notável que os participantes passam a ter mais autoconfiança no agir. Os dirigentes, assessores, educadores/as, educandos/as e militantes que participam não ficam parados diante das injustiças e acabam mais fortalecidos pela reivindicação de direitos de inclusão social, participação nas políticas públicas, tornando-se mais dispostos para desafiar sua capacidade no agir em prol do fortalecimento do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – MSTTR. Passam a ter uma visão de mundo diferenciada e necessária para construir um mundo mais justo, com inclusão social, com direitos e deveres, em meio a uma diversidade de culturas e formas de ser. É possível, sim, realizar mudanças construindo uma nova percepção e novo jeito de ser, sustentados em um coletivo em cada espaço onde se estiver.

A Enfoc possibilita mudanças, melhora o senso crítico, torna as pessoas mais solidárias e companheiras e destaca o quão importante é o trabalho e a importância da participação coletiva do sujeito. Há muito trabalho a ser feito para dar continuidade ao processo formativo no qual conseguimos viver.

As repercussões do processo formativo da Enfoc sobre práticas sindicais do MSTTR

O processo pedagógico do curso estadual privilegiou a interação de saberes ao reconhecer aqueles que se constituem a partir das vivências ao tratar os temas abordados nos módulos. Os mais velhos na militância do movimento sindical resgataram suas vivências de forma concreta e apaixonante, deixando os mais jovens sensibilizados com a necessidade de transformação da realidade. Transformação a ser alcançada através das lutas sindicais, pela construção de uma sociedade igualitária, como proposto no PADRSS.

> Só tenho dois anos de militância, comecei pelos cursos estaduais - Enfoc, onde também descobri minha verdadeira identidade. Não consigo mais ser a

> mesma, estou ficando alucinada com o Movimento, as estratégias e metodologia de ensino. Fico toda arrepiada e emocionada com a trajetória e os resgates das memórias do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – MSTTR. A Enfoc é tudo de bom (Educadora 1).

> A Enfoc tem despertado a necessidade de desdobrar processos formativos e de transformação da realidade, conduzindo à emancipação de sujeitos. No Tocantins existem novas lideranças que exercem posição de articulação com as secretarias nos espaços constituídos para multiplicação de políticas formativas, como o "educando da - Enfoc-2010" que hoje é presidente de sindicatos na cidade Darcinópolis, Palmeiras do Tocantins, Wanderlândia, Peixe e Caseara. Antes dos cursos da Enfoc, não havia a mínima condição pelas palavras e nem pelas ações (Educador 1).

Relata ainda que em seu município há inúmeras máquinas e equipamentos que seriam úteis para a comunidade, mas que estão sucateados, porque os gestores públicos não dão a devida importância à questão de desenvolvimento social sustentável, e que as pessoas não querem participar dos conselhos municipais, porque não há uma remuneração, e que, enquanto as pessoas tiverem essa visão capitalista, a Ecosol (projeto de economia solidária no Tocantins coordenado pela ECO-CUT, Escola Centro-Oeste de Formação Sindical da CUT) nunca irá acontecer de verdade, e que uma coisa fundamental é a questão de formação e capacitação para que haja realmente essa mudança tão esperada de comportamento e pensamento na sociedade.

Nos três módulos estaduais, tivemos temas interessantes desenvolvidos com a colaboração de Willian Clementino e João Palmeira. Esses levaram à pergunta: Qual a minha visão e posição política? É importante dirigir esta pergunta a cada um para que mudanças aconteçam, de forma a fortalecer a classe dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. O papel do sindicato é promover a formação política, possibilitando que suas lideranças aprimorem sua atuação em defesa

da classe trabalhadora e na proposição de políticas específicas para o campo.

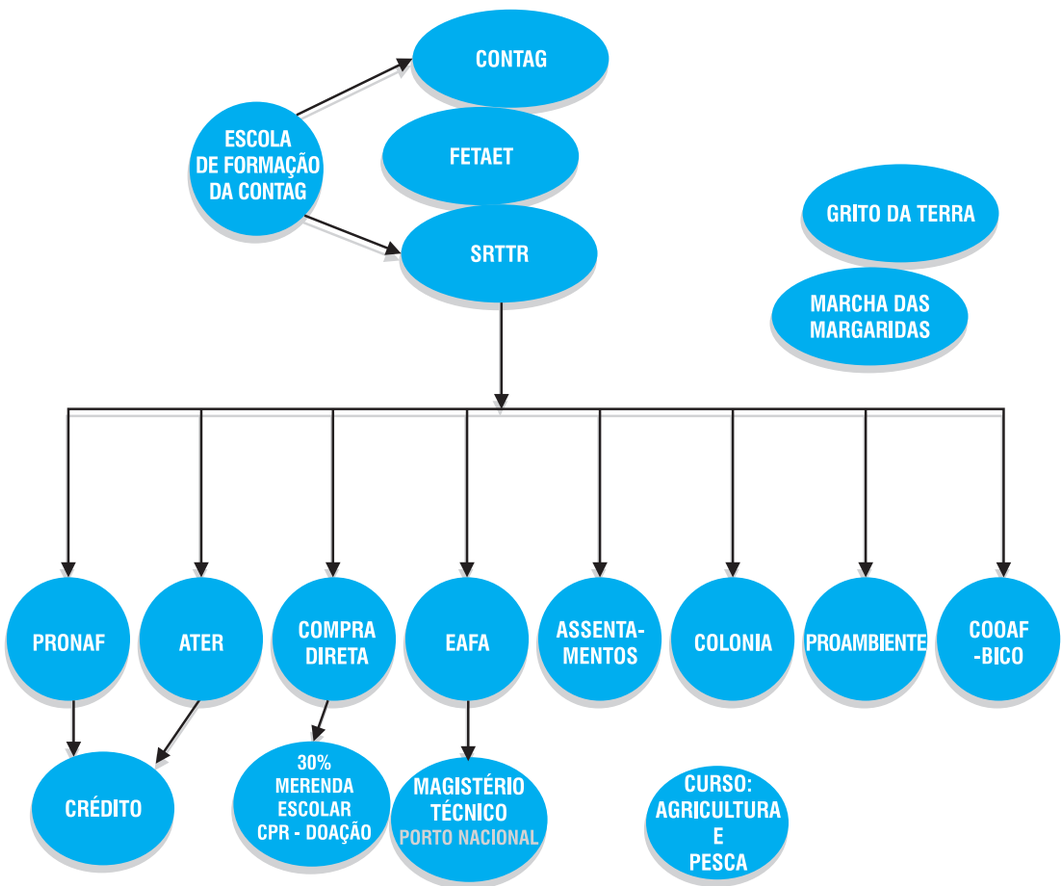
É preciso que se faça uma reflexão sobre a atual situação dos partidos políticos, quando a maioria é fisiológica; os trabalhadores/as precisam se organizar na base dos movimentos sindicais e sociais e se unir na hora de escolher representantes em nível municipal, estadual e nacional para defender seus interesses e buscar políticas públicas que favoreçam o trabalhador e a trabalhadora rural e resultem no fortalecimento dos Sindicatos, Federações e da Confederação.

Dia do Trabalhador Rural em Esperantina-TO: Memórias, conquistas e lutas dos trabalhadores/as rurais

Uma das formas definidas para abordar as lutas e conquistas dos trabalhadores/as no estado foi trazer à lembrança dos educandos/as o que se passou em Esperantina, palco de luta pela terra.

Nesse dia, foram apresentados o histórico da luta pela posse da terra no município de Esperantina e as diversas conquistas do trabalhador rural. Isso resultou em um trabalho de conscientização política sobre a necessidade da luta por políticas públicas dirigidas ao trabalhador/a rural. Houve denúncia sobre a falta de interesse do poder público em atuar em favor do trabalhador e trabalhadora rural, em pensar no seu bem-estar.

A figura a seguir deu margem para reflexões sobre as instâncias de ação do Movimento, estratégias e mobilizações que se repetem regularmente e que são recriadas em resposta a necessidades conjunturais e políticas (programas, projetos, ações) com as quais essas instâncias vêm lidando.



> O que se precisa é uma maior organização por parte dos trabalhadores e trabalhadoras, que falta a aplicação dos conhecimentos adquiridos nas capacitações, que falta alguém começar, e que as pessoas do movimento sindical possuem um conhecimento e é preciso valorizar esse conhecimento (Educadora 2).

Queremos registrar que a Enfoc nos possibilita a realização de processos educativos de forma transformadora, que a formação nos revela e/ou nos leva a descobrir e ao mesmo tempo afirmar nossa cultura e identidade. A Enfoc tem também despertado a necessidade de debater e produzir consensos quanto ao sentido das lutas pela construção de uma sociedade que dê espaços para formas de viver e conviver solidárias, como as experimentadas nos processos de formação que promove.

Esperávamos encontrar mais facilidade para trabalhar o processo educativo em 2010, evitando equívocos cometidos em 2009, no percurso formativo da Primeira Turma Estadual. Acreditávamos haver mais clareza política por parte das direções sobre a importância da formação de dirigentes e lideranças para o fortalecimento da nossa ação sindical local. Estamos convencidos de que tal fato se deve ao ainda limitado conhecimento por parte de dirigentes sindicais sobre a Política Nacional de Formação da Enfoc.

Percebemos a dificuldade encontrada em cada sindicato em conseguir lideranças com o perfil orientado pela Escola ,para garantir a qualidade desejada em nossos cursos. Tem sido muito difícil promover a fase preparatória dos cursos, no que concerne à parte metodológica, aos recursos pedagógicos e à construção temática, em razão de não termos à disposição da formação uma equipe pedagógica, bem como a Rede de Educadores/as como colaboradores/as nesse processo.

Foi identificada uma lacuna na realização do curso, pois não foi realizada a atividade intermódulo, o que representou prejuízo ao processo formativo e impediu o exercício de uma ação direta dos educandos/as nas suas bases. Atribui-se essa lacuna à construção das oficinas de autoformação, que não pensou as atividades intermódulos, que proporcionariam a continuidade do processo formativo nos períodos que antecedessem o segundo e terceiro módulos.

Ainda não superamos as dificuldades frente ao desafio de criar os GES. Na verdade, para o GES acontecer no TO, é necessário mais esclarecimento nos cursos estaduais, na Federação e nas bases STTRs sobre o que eles representam. Há também necessidade de realizar atividades formativas envolvendo e pensando ações continuadas que ponham em contato educandos/as das diversas turmas que passaram pela formação no estado do Tocantins.

Precisamos ampliar os debates sobre criação, funcionamento e avaliação dos GES. Em Esperantina, região do Bico do Papagaio, a direção do STTR tem manifestado interesse na criação dos GES. Há um grupo de militantes que participaram da Enfoc e tem vontade de fazer acontecer os GES, mas que precisam de apoio teórico para maior envolvimento nas atividades desenvolvidas em suas bases – STTRs. Percebe-se que os educandos/as, embora tenham vivenciado o processo formativo, sentem-se inseguros em formar GES.

A Enfoc poderia contribuir muito com Federações que têm dificuldade e ainda não criaram os GES, se criasse um mecanismo que os orientasse mediante uma parceria entre Contag/Federações; mecanismo que pudesse disponibilizar informações sobre as formas de funcionamento dos GES de todo o país, compartilhando e divulgando atividades e experiências.

Temos ainda um grande desafio pela frente: fortalecer nossa Rede no estado, com o envolvimento de colaboradores/as e educadores/as da Enfoc, pois ela

está bastante fragilizada. Ainda não conseguimos sensibilizar um grupo maior de voluntários, seja do MSTTR, instituições e/ou entidades que se dispusessem a integrar a Rede, com a finalidade de articulação e organização para reescrever a história do MSTTR no estado, dimensionando suas conquistas no contexto local e desenvolvimento do País, e que os temas a serem abordados fossem escolhidos a partir da realidade e da necessidade de empoderamento das organizações locais em conformidade com as demandas existentes.

Há necessidade de mais esclarecimentos e comunicação a todos do MSTTR sobre os conteúdos e orientações do Itinerário Formativo da Enfoc como um todo

Nos anos 80, a região norte de Goiás, conhecida por "Bico do Papagaio", foi palco de grandes conflitos agrários no país, quando os trabalhadores/as rurais resistiram bravamente à pressão do latifúndio organizado pela UDR - União Democrática Ruralista. No início dos conflitos, não existia sindicato na região; a Igreja Católica era a única aliada dos trabalhadores/as rurais naquele momento, e tinha sobre seu comando o Padre Josimo Tavares, assassinado em 1986, a mando dos fazendeiros da região.

A maioria dos sindicatos do Bico do Papagaio foi fundada rapidamente para dar suporte organizacional e defender os agricultores dos grileiros, pois, diferente de muitas outras regiões, essa era ocupada por agricultores havia vários anos. Existem, na região, muitos povoados formados por famílias que eram despejadas arbitrariamente e obrigadas a ficar às margens das estradas. Até hoje continua viva a marca da organização sindical do Bico, "A Coordenação Sindical", onde é feito um calendário de reuniões dos sindicatos da região para discutirem as pautas das suas demandas e ações estratégicas para o conjunto dos sindicatos envolvidos. Essas experiências precisam passar a habitar a memória dos mais jovens e também dar subsídio para o que se quer construir de agora em diante. Portanto, tanto os GES, quanto a Rede de Educadores e Educadoras Populares no estado, são espaços que podem viabilizar aprendizagens a partir de relações mais intensas com esse passado e maior comprometimento com o futuro.

Apesar dos pesares, temos uma avaliação positiva sobre o que foi aqui apresentado, com a consciência de que precisamos continuar refletindo nossas ações e significados atribuídos ao que realizamos. Vimos que é necessário construir novos aprendizados sobre aquilo que somos com o propósito de desafio à capacidade para a mudança no falar e agir, na ação individual e coletiva e também na organização, nos diversos âmbitos da estrutura sindical. O que ainda não foi conquistado está por vir, pois a Enfoc é como uma semente boa para germinar plantada em terra fértil.

CURSO ESTADUAL DE FORMAÇÃO POLÍTICO-SINDICAL NO RIO GRANDE DO SUL

Barea, Rudimar

Camponês, Vice-Presidente do STTR de Ciríaco, Membro da Comissão Estadual de Jovens da Fetag/RS. Técnico em Agropecuária Ecológica, Cursando Ensino Superior de Filosofia

Introdução

O leitor é desafiado a adentrar nesse texto que é uma produção de vivências do curso realizado pelo movimento sindical de trabalhadores/as rurais. O cerne do trabalho se encontra a partir dos relatos das vivências que têm fundamentação teórica no seu corpo. Esta introdução é apenas a casca deste produto que por hora tem que ser bem entendida, pois é o ponto de partida da leitura. "Toda árvore tem em sua essência a semente, casca, cerne e suas ramas, flores e frutos". Fazendo essa analogia, desafia-se a encontrar no texto que segue a proteção do cerne que fundamenta as vivências; admirar as flores, colher os frutos e destes tirar as sementes que podem ser plantadas em toda e qualquer parte. Que a organização seja fundamento para a realização de mudanças estruturais na sociedade em que vivemos, em busca da igualdade e solidariedade.

Como diz Freire (1997), espero que não deixe de ler este texto "se" não é de mesma opinião, "porque o livro não lhe agrade, porque o livro não coincida com suas aspirações político-pedagógicas, isso é um direito que lhe assiste. De qualquer maneira, porém, é sempre bom ler textos que defendem posições políticas diretamente opostas às nossas" (p. 5).

Segundo o autor, ainda "aprendemos também não apenas com o diferente de nós, mas até com o nosso antagônico." Assim, de maneira dinâmica, faça uma boa leitura com um olhar crítico que possa contribuir e ir além do que está proposto, já que o que está dito está dito e sobre isso podemos apenas refletir, julgar e agir. Essa é a práxis pedagógica que deve percorrer todo o processo de escrita.

O objeto desta sistematização é o Curso Estadual de Formação Político Sindical, os Grupos de Estudos Sindicais (GES) e a estruturação da Rede de Educadores/as Populares da Enfoc-Contag.

O curso do Rio Grande do Sul realizou-se em quatro módulos. O primeiro módulo no período de 1º de maio a 14 de maio de 2010; o segundo, dias 13 a 16 de julho; o terceiro, dos dias 14 a 17 de setembro e o quarto, de 9 a 12 de novembro, no Instituto de Formação São Miguel (IFSIM), na cidade de Porto Alegre - RS.

O público foi estabelecido de acordo com as regionais sindicais do Estado, que indicaram os militantes a fazerem a formação. Um dos critérios estabelecidos no estado foi a escolha de pessoas que tenham disponibilidade de dar continuidade ao processo de formação.

A sistematização tem sua origem nos trabalhos populares e se torna muito importante por considerarmos que retoma e faz uma reflexão sobre os conteúdos das práticas formativas, tanto dos cursos quanto dos (GES) que, interligados com a Rede, vão adquirindo mais força e conseguem fazer avançar o processo militante e organizativo do MSTTR.

> A sistematização, ao envolver os sujeitos da experiência de trabalho popular, num processo de conhecimento/teorização do seu fazer, gera aprendizados individuais e coletivos, solidificando a pertença ao grupo/organização, qualificando a prática e permitindo a comunicação dessa práxis com outros sujeitos e coletivos populares. Isso acontece porque a sistematização viabiliza um processo de reflexão sistemático e crítico da prática, a partir da rigorosidade no método e teoria de análise, proporcionando, dessa forma, o estreitamento dos laços entre o conhecimento e a utopia da emancipação humana (PALUDO e BEATRICI, 2007, p. 6).

Toda prática sistematizada contribuirá para a construção da "nova sociedade" que é tema de fundo que perpassa na Escola. Com o passar do tempo, é notada a importância de se chegar às bases com o processo formativo. Enquanto os nossos agricultores estão em suas casas, muitas vezes fica difícil perceber o que se passa a sua volta. Então a formação tem a tarefa de se aproximar um pouco mais de cada trabalhador/a rural, seja jovem, assalariado, aposentado, mulheres, sem diferenciação nenhuma.

O processo de sistematização busca extrair dados de como é a prática sindical, bem como senti-la, sendo descrito o que aconteceu no processo formativo, dando origem a um produto que servirá de alicerce ao MSTTR, reforçando aprendizagens e alimentando a prática. Isso possibilitará que os educandos/as percebam o que muda neles e nas relações sociais; no modo de se portar perante a sociedade e perante os acontecimentos, também na maneira de tratar o seu semelhante, familiar e amigos. Optou por uma pergunta motivadora que induz à reflexão sobre o que mudou em mim? E o que mudou na minha atuação sindical? Também para que os educadores/as façam um processo de busca, do que valeu para a aprendizagem e a convivência com os educandos. A formação tem que dar o alicerce para que todos tenham a clareza do pertencimento a uma classe, à classe trabalhadora, que "defronta" e aponta um modelo alternativo de desenvolvimento sustentável e solidário.

No processo formativo guiado por uma matriz pedagógica, pensada através do acúmulo de experiências práticas e teóricas, a sistematização tem o papel de registrar e problematizar os momentos vividos e partilhados pelos educandos/as e pelas pessoas que fazem parte indiretamente do processo formativo, procurando identificar as mudanças nas suas ações cotidianas e estratégicas.

> O objetivo central é fazer a sistematização do curso estadual, com o resgate do processo, análise e interpretação, e que esta permita uma proposição para a prática sindical.

Como objetivos específicos, foram definidos:

- Resgatar o que se faz dentro desse processo educativo, trazendo as memórias das relações criadas nos momentos do curso;
- Conhecer e aprender com as práticas educacionais proporcionadas pela práxis educativa;
- Potencializar a cultura e a riqueza regional, com a troca de experiências;
- Refletir sobre práticas do dia-a-dia, no espaço do campo e no meio urbano;
- Propor que a ação da educação sindical aconteça também nas comunidades/bases sindicais através dos GES e das redes;
- Fazer valer o compromisso de união da Região Sul Sem Fronteiras.

A sistematização foi orientada pelo eixo temático:

Como a nossa prática formativa tem contribuído para a transformação do espaço coletivo da ação sindical?

Este eixo foi desdobrado nas perguntas orientadoras que seguem:

1. Como o pedagógico trabalhou a integração entre conteúdos e técnicas para desenvolvê-los?
2. Quais os principais conteúdos trabalhados no curso, e quais as estratégias metodológicas para tal?
3. O que o processo formativo despertou em mim enquanto militante?
4. Como acontece a vivência nas comunidades rurais após a vivência do curso?
5. Qual a importância de se ter uma prática coletiva, o que aprendo com o outro nesse processo?
6. Os temas que foram propostos nos cursos corresponderam aos interesses dos agricultores/as familiares?
7. A criação dos GES aconteceram? Se aconteceram, como ajudaram para que o processo formativo avançasse? De que forma eles dialogam com a proposta nacional de formação? Como a Rede se articula neste movimento?
8. A Rede de Educadores/as Populares é pertinente? Em que ela contribui para o avanço da ação sindical? Com qual conceito de Rede estamos trabalhando?

Para assegurar a viabilidade da sistematização, a equipe foi formada por uma pessoa fixa, que acompanhou todos os módulos de formação, mais 2 ou 3 multiplicadores/as que contribuíram no processo de formação, bem como no processo de sistematização para gerar um produto final. Essa equipe contou ainda com apoio do grupo que se responsabilizou pelo primeiro processo de sistematização.

A continuidade da sistematização exige um envolvimento de todas as esferas do nosso sistema confederativo, que sai do associado para o sindicato, passando pelos espaços microrregionais, pela federação e ainda instâncias regionais e nacional.
A continuidade corresponde à implementação das mudanças sugeridas pelos educandos/as que indiquem uma prática participativa e construtora de melhores processos de sindicalismo.

A federação deu apoio para que a equipe se encontrasse, planejasse e executasse o ato de sistematizar; também deu incentivo para a criação e funcionamento dos GES e ainda a infraestrutura para o funcionamento da Rede.

Para o desenvolvimento da sistematização, houve o cuidado de inserção, de alguma maneira, das demais pessoas envolvidas no processo de formação – no período 2010-2011 – representando a diversificação cultural, étnica e demais características que marcam a diversidade da população do estado. Foi realizado o relato de práticas de formação e vivências dos educandos/as no âmbito das práticas sindicais, ganhando importância a relação entre eles no processo do curso e também a relação dos/as educandos/as educadores.

Por meio de narrativas das situações do processo formativo, foi criado um material extenso sobre as experiências vivenciadas, aliando-as às teorias e conceitos, gerando um texto descritivo e interpretativo das experiências e expectativas dos sujeitos.

Os registros que aconteceram durante o curso estadual e no acompanhamento do processo formativo extracurso (GES e REDE no Estado) realizados por uma equipe de educandos/as, formada com esta finalidade específica, correspondem a um dos materiais que oferecem dados para a sistematização.

Curso Estadual de Formação de Lideranças Sindicais

Com 50 pessoas das diversas regiões do Rio Grande do Sul, iniciou-se o curso de formação sindical da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura no Rio Grande do Sul – Fetag/RS.

O curso é sequência da insistência da Federação em conjunto com a Confederação dos Trabalhadores da Agricultura (Contag) e dos sindicatos em fazer a formação para os dirigentes sindicais. Nos primeiros anos, a formação ocorria com muita dificuldade, devido aos problemas de locomoção, além da repressão sofrida pela ditadura militar, dentre outros empecilhos. O movimento, com o passar dos anos, ganhou força e a formação foi uma das grandes propulsoras dessa força; fez com que as lutas ganhassem corpo e se intensificassem; incentivou lutas pela melhoria da qualidade de vida da classe trabalhadora. Com a clareza de sua importância, em 2010, a formação – curso estadual – ocorreu em quatro módulos de quatro dias, em Porto Alegre, e também com tarefas intermódulos, em casa.

Cada módulo obedeceu a uma matriz pedagógica e, no decorrer desse registro, se procurou especificar os temas trabalhados. O processo pedagógico da Escola faz com que os educandos/as também sintam-se parte da construção coletiva das vivências e da história. Buscando a valorização do "Eu", foram usadas três perguntas que seguem com algumas respostas básicas que caracterizam o grupo que participou do processo de formação do Rio Grande do Sul.

QUEM SOU EU?	O QUE FAÇO?	O QUE SONHO?
• Jovem / Adulto / aposentado. Homem / mulher. • Tradicionalista. • Trabalhador. • Ator social inconcluso. • Humilde. • Familiar: Pai e mãe. • Educador. • Companheiro/a • Feliz. Dinâmico. • Agricultor que tenta melhorar a tecnologia da produção. • Crítico.	• Agricultor. Pecuarista/ Produtor de alimento. Cozinheiro. • Lutador / Unificador/ Mobilizador. • Marceneiro. • Fidelidade aos/às companheiros/as • Agentes de comunidades. • Assistência técnica. • Cuido da família. • Estudantes, Informatizados. • Pensadores. • Lazer familiar. • Preservador da natureza.	• Ser liderança. Comunicativo. Bem visto. • Desenvolvimento rural. Vida digna. • "Fé" em um mundo melhor. • Deixar um legado • Sucessão rural. Valorização da agricultura familiar. • Saúde, educação e trabalho. • Protagonismo da juventude. • Harmonia com homem/ natureza. • Aperfeiçoamento. • Ter família. • Igualdade / Justiça.

Toda essa diversidade, encontrada "de cara", anima a caminhada na busca coletiva do conhecimento. Especificamos a coletividade, porque o curso não tem um molde, não tem receita e está sempre sujeito, disposto a mudar, a ter dinamizados os seus conteúdos, dando vida à matriz pedagógica orientadora, conforme os interesses do grupo que dele participa, construindo em conjunto para dar mais dinamicidade à sistematização. "Fazer com o povo é, acima de tudo, respeitar cada um e cada coletivo como sujeitos de suas próprias vidas, como seres de sentimento, pensamento e ação, capazes de fazer história" (PALUDO e BEATRICI, 2007, p. 11).

O curso de formação busca teorias para relacionar as práticas vivenciadas cotidianamente pelos agricultores e sobre elas o debate acontece com muita riqueza. Durante esse trabalho, traremos os principais debates do curso de formação.

O processo de formação começa pelo estudo da estrutura em que a sociedade vem se constituindo desde seus primórdios, especificando a formação dos sistemas que mais predominaram até os dias atuais (comunismo, feudalismo, burguesia, capitalismo, socialismo e neoliberalismo). Explanado o assunto, entra o debate; os educandos/as então dão o seu parecer sobre o tema. Destacaremos alguns apontamentos feitos por eles:

> Temos a compreensão de que vivemos explorados pelo capitalismo neoliberal, desigual; somos desunidos e competimos entre nós. Consumismo, egoísmo, limitação, falta de conhecimento, relações autoritárias, organização piramidal são características de nossa sociedade hoje. Temos um modelo de ideologia para formar nossas cabeças. Mudanças rápidas, com altas tecnologias! É interessante o jogo que a mídia faz para pôr os produtores rurais contra o pessoal da cidade, e os da cidade contra os agricultores. A grande massa se transforma em destruidora e dominadora do meio ambiente. A qualidade de vida está cada vez menos disponível ao trabalhador/a (Educando 1).

> Enxergamos, nos modelos socialista e cooperativista, saídas para as nossas crises, porém, não conseguimos desenvolver, em nossas propriedades, práticas que nos qualificariam para fazer opções, para decidir com a contabilidade gerencial das nossas atividades. Para isso, os agricultores precisam estar qualificados, ter educação de boa qualidade e também ter assistência técnica (Educando 2).

Mauro Luís Iasi, na introdução da obra importantíssima de Max Beer; *História do socialismo e das lutas sociais* aponta o quanto é importante chegar a essa compreensão:

> Quando somos capazes de compreender nossa sociedade como parte da história, podemos compreender o processo pelo qual ela se tornou o que é e, dessa maneira, tentar entender o movimento que conduz à possibilidade de superação da sociedade capitalista e da emancipação humana (IASI, 2006, p. 7).

Os educandos/as fizeram esse esforço de entender um pouco a sociedade, e depararam-se com uma realidade cruel:

> Nós, agricultores, não conhecemos bem a nossa propriedade e o mundo em que vivemos é massificador. Temos consciência de que não podemos perder a autonomia sobre a nossa produção (Educando 3).

Compreender a situação que vivemos é o primeiro passo segundo Gramsci, importante, mas ainda é necessário dar o passo seguinte que é o de ser reflexivo e crítico, pois ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, é participar de uma concepção de mundo imposta, mecanicamente por um grupo social.[69]

[69] Aprofundamento em GRAMSCI, Cadernos do Cárcere;

A formação trabalha com a autoestima militante. A dinamicidade dessa reflexão faz com que todos participem e manifestem seu olhar sobre a sua vivência, como podemos ver em alguns dos apontamentos feitos:

- Com o sistema capitalista, perdemos a dimensão do ser humano; um olhar para o "nosso ser" nos dá chance de nos construirmos como seres humanos em missão.
- A alienação está tão impregnada em nossas vidas que muitas vezes não conseguimos enxergar o que se passa em nossa volta. Nossa humildade tem que prevalecer.
- Os problemas dos outros não são maiores ou menores que os nossos. O que muda é a forma de vê-los e enfrentá-los.
- Não é a sociedade que deve definir o que é certo, não há um caminho único para fazer as coisas.
- Temos todo tempo do mundo para ser felizes, apenas na hora da morte é que vamos perceber o que não fizemos.

As afirmações reatam o compromisso de mudança que fica na veia do militante que toma consciência de seu lugar no mundo, da situação em que seus contemporâneos vivem e dos desafios para atuação na base[70].

A relação entre Estado e Sociedade é trabalhada visto que temos um sistema maior que orienta o Estado, e este é constituído pelo povo. Para entender melhor o que significa Estado e Sociedade, citamos Engels:

> O Estado não é, pois, de modo algum, um poder que se impôs à sociedade de fora para dentro; tampouco é "a realidade da ideia moral", nem "a imagem e a realidade da razão", [...]. É antes um produto da sociedade, quando esta chega a um determinado grau de desenvolvimento; é a confissão de que essa sociedade se enredou numa irremediável contradição com ela própria e está dividida por antagonismos irreconciliáveis que não consegue conjurar. Mas para esses antagonismos, essas classes com interesses econômicos colidentes não se devorem e não consumam a sociedade numa luta estéril, faz-se necessário um poder colocado aparentemente por cima da sociedade, chamado a amortecer o choque e a mantê-lo dentro dos limites da "ordem". Este poder nascido da sociedade, mas posto acima dela, se distanciando cada vez mais é o Estado (ENGELS, 2000, p. 190).

Além do Estado que é criado pela sociedade e que de certa forma, como descreve Engels, se distancia da sociedade (do povo), temos o governo que deveria dar conta de fazer essa mediação. Seja na esfera federal, estadual ou municipal, o governo articula os poderes legislativo e judiciário. A administração pública é o conjunto de atividades diretamente destinadas à execução das tarefas consideradas de interesse público comum. Tem a função de complicar com a estrutura burocrática. Na Constituição federal, artigo 5, temos: "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade."[71] A criação de leis e direitos para a população até pode ser de grande importância, desde que o povo tenha conhecimento e possa usufruir destes direitos concedidos.

A análise com a qual nos defrontamos indica que o povo brasileiro está desordenado, desinformado. A maioria da população está muito preocupada em fazer seus afazeres de trabalho e acaba não tendo essas informações e a grande mídia priva o povo de

[70] Sempre que essa expressão "base" for citada no trabalho estará sendo referida ao lugar de onde cada educando vive.

[71] Constituição federal, artigo 5°.

seus direitos de acesso. O modelo capitalista não traz igualdade econômica, social e ambiental.[72] Como enfrentar esse sistema que oprime os trabalhadores? Lutar sozinho parece ser banal, então é notória a necessidade de participar de coletivos: grupos, movimentos sociais, fóruns, redes que possam pensar e refletir juntos sobre a real situação que a classe trabalhadora vive, adotando medidas, ações que provoquem mudanças na vida cotidiana em busca da igualdade, solidariedade, soberania do povo.

Precisamos de lideranças e um líder sindical, sugeriram os educandos/as do curso. Estes precisam ter uma visão de futuro e ajudar a melhorar a nossa consciência política de cidadão. Atuar, lutar para a redução das desigualdades sociais, participar mediante mecanismos diversos de controle e expressão pública (conselhos, manifestações...); ajudar os diferentes órgãos governamentais a controlar os gastos públicos e atuar com transparência, contribuindo para reduzir a corrupção e fazer com que o povo saia da sua alienação. Para Ernesto Rafael Guevara de la Serna, o Che, a libertação do homem implica concretamente "a solução das contradições que conduzem à sua alienação" (LOWY, 1999. p. 52). Resolver essas contradições passa a ser o desafio diário de cada educando/a.

Com vista nos direitos dos trabalhadores rurais, varias práticas dos sindicatos contribuem pra que o avanço de melhorias no campo aconteça. Quando se escuta o ditado; "uma andorinha só não faz verão", podemos entendê-lo ele como um recado que desperta-nos do sono da individualidade. pois como afirma Engels e Marx no livro *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*: "Os interesses da sociedade são absolutamente superiores aos interesses individuais, e entre outros deve-se manter uma relação justa e harmônica" (ENGELS, 2000, p. 201). Eis agora uma experiência de união dos trabalhadores rurais de Santo Antonio das Missões; uma experiência de luta e união:

Grito da Terra Municipal – propositor de pautas municipais pela agricultura familiar

> O mundo parece feio, mau e sem esperança. Este é o desespero tranquilo de um velho que vai morrer ali dentro. Mas justamente eu resisto e eu sei que vou morrer na esperança. Mas esta esperança é preciso construí-la (SARTRE, 1988, p. 24).

Santo Antônio das Missões, regional Missões II, tem um exemplo magnífico de organização, com o Grito da Terra Municipal. Com doze mil habitantes, mais de três mil agricultores se reúnem para reinvidicar os seus direitos.

Para o educando Robson, que é liderança atuante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, liberado para o trabalho de extensão de base, o evento, que se realizou em 2006, 2007, 2008, obteve êxito em todos os anos, com melhorias para agricultura. Ele cita como exemplo o aumento da verba destinada para a agricultura que em 2006 era de apenas 1%, atualmente está em quase 5 %. Notam-se avanços na área da educação e da saúde da população rural, várias outras melhorias aconteceram com essa atividade puxada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

O sindicato realiza as reuniões de base para levantar demandas. A partir dessas reuniões, a diretoria avalia, qual será a melhor forma para reivindicação dos direitos. Segundo o próprio Robson, essa maneira de trabalhar a pauta dos agricultores não obteria êxito, se não tivessem acontecido os gritos municipais nos primeiros anos. O grito foi um grande motivador para que o avanço acontecesse.

[72] Embora haja muitos problemas,observam-se algumas conquistas, como por exemplo o SUS (Sistema Unificado de Saúde), a Previdência Social dentre outros, ocorreram no Brasil na última década.

Devemos construir a esperança para ser presente na organização e resistência, a nossa cultura e o modo de ser agricultor/a familiar (no curso de formação a mística tem essa função de deixar acesa a chama). Tendo em vista que a luta traz resultados podemos acreditar nessa experiência como ponto de referencia, para conseguir as melhorias de vida e da comunidade com a esperança no peito e as vitórias nas mãos calejadas. Não importa se estamos em um município, na região ou no estado. Mostrar a força de organização é mostrar que tem dificuldades e que elas podem ser superadas, basta acreditar.

Os tempos atuais (século XXI) requerem a formação de um cidadão mais consciente, responsável e sensível, que pense globalmente, e encontre formas estratégicas de agir localmente; que seja capaz, de interferir e modificar a realidade social a partir de sua comunidade, tornando-se sujeito de sua própria história. Segundo Gramsci é o "momento da critica e da tomada de consciência".

Depois de todo esse esforço de apresentação de elementos históricos da sociedade, não tem como não falar do próprio produtor rural, que por sua vez esta organizado pelos seus sindicatos, suas microrregiões, federação, regional e nacionalmente representado pela Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura).

Os educandos/as, a partir de um olhar sobre as suas realidades, trazem a reflexão de que as decisões estão muito centralizadas nos diretores especialmente nos presidentes das diversas instâncias organizativas; a transparência ainda deixa a desejar. Os votos em assembléias são por aclamação, o que dificulta a manifestação do povo. Podemos enxergar a não manifestação direta como concordância com o que está sendo proposto, ou com o que esta sendo feito pelas direções sindicais, desde que isso resulte em uma atuação conjunta. A crítica já serve para aperfeiçoar. Quanto, aos associados, sua participação deve ser ativa, dando opiniões, posicionando-se de modo construtivo. As criticas são construtivas e, mais do que criticar, é importante saber aceitar as críticas. Uma das condições essenciais da participação é sentir-se responsável. E que segundo Marx "a crítica das armas não destrua a arma da crítica". Cada opinião tem um valor, a postura do ser humano deve ser critica, mas a nossa fala deve sempre estar muito próxima das nossas ações. A participação dos jovens é muito importante.

Verificamos que os educandos do curso ocupam um perfil de lideranças nas comunidades e em outros lugares de atuação, contribuindo como catequistas, ministros das comunidades, conselheiros para produção, agentes voluntários de saúde dentre outros. Essas tarefas são importantes na medida em que oportunizam o aprendizado da escuta dos anseios comunitários, a sensibilidade com as dificuldades do outro(a) e o compromisso.

A busca e o compartilhamento do conhecimento são constantes no grupo que se preocupa com o sindicalismo. Com uma teia (Rede) que é formada pela família sindical todos se deparam com a condição de que estamos interligados e precisamos uns dos outros para concretizar nossas ações, e que, o que cada um de nós fizer vai refletir em toda a rede, pois cada experiência é uma experiência que se torna referência.

Procuramos identificar, nessa sistematização, como os educandos estão sendo atingidos por essas novas informações e conhecimentos que estão tendo possibilidade de compartilhar na formação da Enfoc? O que está mudando nas práticas e como isso é percebido pelas comunidades, pelas famílias, pelas pessoas?

> Sem dúvida, há mais conhecimento sobre a causa sindical, mais participação e preocupação com as causas defendidas e com os associados. Estamos nos construindo militantes mais comunicativos, mais maduros capazes de dar mais valor ao que cultivamos; hoje há mais idéias para fazer trabalho no município e maior autoconfiança.

O conhecimento e a busca do conhecimento agora são mais incessantes para muitos militantes. Observa-se o desenvolvimento de posturas sérias, com maior firmeza nas decisões, mais participação voluntária e capacidade de dialogar com mais argumentação. Há, contudo, menos tempo para ficar com a família. Esta foi uma tensão apontada.

O interesse em participar de eventos tem também sido maior; em aprender e ficar feliz por estar fazendo algo que é parte do dia a dia, da vivência. Muitos sindicatos têm se mostrado disponíveis a ampliar os espaços para atuação. As reuniões regionais, os cursos, o trabalho com mulheres, jovens, crianças e adultos têm ocorrido com frequência. Da mesma forma, há a capacitação de novas lideranças, muitas delas passando a fazer parte da diretoria e até serem presidentes de sindicatos. A Enfoc estadual conseguiu abrir mais os espaços para as pessoas exporem as ideias e para que o STTR seja mais eficaz nas suas ações; a ajudar nos problemas do cotidianos do agricultor/a.

Os temas propostos na formação correspondem à realidade das bases sindicais? Essa pergunta orienta toda a formação proposta no Curso Estadual. Todos estão ligados com a realidade dos educandos(as). O conhecimento das leis ajuda para o desenvolvimento das tarefas e lutas no dia a dia do município. Ajuda a melhor compreender a vida e os relacionarmos com a família, com os vizinhos, comunidades e sociedade. Em parte, os assuntos não atingem, contudo, as demandas imediatas dos agricultores. E aí fica como tarefa de cada educando ir em busca da sua particularidade.

Os educandos são desafiados a refletir sobre a primeira formação e a sua vida.

> Em um primeiro momento gera um pouco de medo, ansiedade, dúvidas, mas acima de tudo a percepção de que temos de estar na busca do conhecimento. Com experiências diferentes, aprendemos que os ideais podem ser realizados.

> Inicia uma mudança profunda de paradigmas, pois em geral estamos todos condicionados a uma determinada realidade localizada; e a uma visão determinista das coisas.
>
> O curso possibilita que possamos expandir os horizontes, assumir uma forma holística de olhar para fenômenos como o da vida, do conhecimento, do ser humano; uma visão mais ampla de Estado e da realidade sindical.
>
> Passamos também a querer nos relacionar e atuar para além das nossas fronteiras regionais (Sul Sem Fronteiras), promovendo maior integração nas nossas lutas.
>
> O curso propicia capacidade de pensar o planejamento da propriedade e da nossa prática sindical, reconhecendo o jovem e a mulher como trabalhadores, superando preconceitos de raça, vendo que as diferentes etnias se complementam e dão uma riqueza grande à cultura regional.

Se o curso proporciona os educandos a serem líderes, cada vez mais melhorando a ação sindical está cumprindo com um dos seus objetivos pois Conforme as perguntas orientadoras, desperta o interesse de liderança atuando nas suas bases. Quem é capaz de escolher seu próprio destino é autor de sua própria história. Muitas vezes é preciso ter coragem para mudar o caminho e experimentar o novo.

Os educandos são desafiados no processo formativo a fazer uma pesquisa em sua cidade e responder a um questionário com a finalidade de ter um conhecimento mais profundo das conjunturas locais, regionais e inclusive das comunidades onde atuam. Para Freire.

Processos educativos que se pretendem críticos agregam texto e contexto, pois o ato de conhecimento, criador e político recusa a repetição e a reprodução. Cria e recria sobre as experiências vividas por aprendizes-ensinantes e ensinantes-aprendizes;

reconhece o mundo imediato que os reúne, observando especialmente seus problemas, necessidades, diversidade social, cultural e os vínculos que o constitui como parte de contextos mais amplos. Freire fala em aprendizes-ensinantes por reconhecer que estes não são vazios de conhecimento e por dar-se conta de que a curiosidade que manifestam nos atos educativos pontua questões singulares e formas de conhecer que provocam o outro, o ensinante-aprendiz, a problematizar o seu ensinar e, portanto, a mais aprender, além de reforçar sua responsabilidade ética, política e profissional de manter-se em formação permanente (FREIRE, 1997).

Seguem as perguntas com as respectivas respostas;

1. Como estão estruturados os moradores da nossa comunidade e município? Existem associações, cooperativas ou outras formas de organização? Cite-as e explique como funcionam.

Há cooperativas, clubes de mães, sindicatos, quiosques (ponto de vendas dos agricultores) associações, farmácia caseira organizada pelas mulheres (AMADECOM), condomínios. Todas as experiências mostram a mobilização do povo, sendo que uma parte da população não participa das organizações e, no caso do Sindicato, muitos são sócios, mas não têm claro qual é a importância dessa entidade. As associações funcionam como forma de reivindicação em torno de um ideal e as cooperativas em prol da melhoria, da qualidade, da aquisição e distribuição da produção.

As associações são vistas pelos educandos como um instrumento de luta e organização. Apenas 40% dos educandos participam de outras organizações além do MSTTR, porém o grupo atribui que

> A decadência da agricultura familiar muitas vezes se da pela falta de informação e a falta de aprimoramento dos conhecimentos, quem se estrutura e investe na propriedade consegue o sucesso financeiro e o progresso de vida".

Também enxerga-se que muitas vezes as pessoas participam fielmente das reuniões por interesses próprios e não pela conscientização.

Como o jovem não está permanecendo no campo, isso prejudica o funcionamento das organizações, pois se espera que os filhos assumam o papel que a família cultiva. A liderança não está incorporada e nem tem como estar, pois muitas vezes não é incentivada. O que motiva as pessoas a participar são interesses econômicos, incentivos financeiros; isso preocupa os educandos(as), então, a busca de novas alternativas de motivar os agricultores está aberta.

2. Como acontece a organização da produção na comunidade e município? De forma individual ou coletiva? Existem experiências alternativas?

Cerca de 80% dos educandos relataram que a produção no município é feita de forma individual; os outros participantes pontuaram a organização comunitária que possibilita a comercialização da produção:

- Feiras livres; venda diretamente do produtor ao consumidor;
- Feiras agropecuárias municipais; vendas mais organizadas de produtores para outras associações;
- Cooperativas incentivando a comercialização;.
- PAA (Programa de Aquisição de Alimentos);
- Merenda Escolar;
- Programa de garantia de preço mínimo;

A observação dos educandos/as é de que a lógica do capital impossibilita ou dificulta a ação coordenada dos agricultores. E os camponeses/as ficam amarrados na hora de comercialização dos seus produtos. Atravessadores fazem o jogo do capitalismo e contribuem para que não sejam organizadas as vendas e compras dos produtos agrícolas.

3. Quais as principais culturas produzidas na minha comunidade? Onde são comercializadas? Quem produz? Agricultura Familiar ou patronal?

Pecuária de leite, pecuária de corte, fumicultura, produção agroindustrial (bolacha, vinho...), hortifrutigranjeiros, orizícola, carvão, silvicultura, hortaliça, hortigranjeiros, integrados, bioenergia...

A persistência e trabalho são fundamentais para o bom andamento da produção. Nas diversas regiões, percebe-se que todas as atividade citadas tanto podem ser cuidadas pela agricultura familiar, como podem ser direcionadas para a agricultura patronal. A comercialização é feita de forma "integrada"[73] e também por intermédio de cooperativas, feiras, dentre outras.

4. Qual é o perfil das pessoas que vivem na comunidade e como se organizam (crianças, jovens, homens, mulheres, aposentados)?

A maioria dos que vivem no campo são homens e mulheres com mais idade, porém, com a implantação do ensino médio, da internet no campo e facilidade de acesso ao crédito, percebe-se que há maior índice de permanência de jovens na área. Isso se atribui a algumas regiões, ainda não é uma uniformidade no campo, pois temos exemplos de regiões onde tem pesquisas que apontam apenas 5% dos jovens permanecendo no campo.

Há uma forte resistência em encarar o trabalho na roça pelo preconceito de ser agricultor. Nesse caso, as mulheres não têm força suficiente para trazer o parceiro para morar no campo, e os meninos não conseguem mulheres que adquiram paixão pela agricultura! O interior não pode virar uma chácara. O interior deve ser compreendido como espaço de se viver, além de ser um lugar de lazer e de descanso.

[73] O termo integrado é reconhecido no meio rural quando os agricultores têm sua produção ligada diretamente à alguma firma específica. Ex: um plantador de fumo tem um contrato de um ano para a sua produção com uma empresa x de tabaco; automaticamente, ele poderá negociar a sua safra apenas com essa firma x.

5. Como a população participa da vida política e democrática no município? Existem conselhos? Quais são? São atuantes? A população participa?

Existem representantes de comunidades que estão inseridos nesses conselhos. Em algumas situações, participam apenas no papel. Alguns são mais atuantes e outros não.

6. Qual é o orçamento anual do meu município? Como ele é distribuído (educação, saúde, obras, agricultura, folha de pagamento)? Quem define as prioridades e esta distribuição?

Em praticamente todas as cidades, quem define para onde vai o orçamento são as câmaras de vereadores. A revolta do educando é expressa, quando descobre que, por mais que a maior parte da renda saia da agricultura, o que volta para a própria é uma pequena parte. Exemplos de má distribuição de renda foram explanados, variando conforme as regiões.

7. Identifique uma propriedade de agricultura familiar que você considere bem estruturada e que esteja se viabilizando economicamente e outra com dificuldades.

Visite-as e identifique os motivos desta diferença, observando pontos como:

- **Tamanho da propriedade**: (área) varia com a região e a cultura realizada; o tamanho da propriedade não diz o quanto a família está bem ou mal organizada.
- **Cultivos (diversificação x monocultura)**: existem diferenças e há sucesso; a diversidade deixa claro como a sustentabilidade melhora as condições de vida na roça. A diversificação não deve ser apenas de um cultivo como, por exemplo, só frutas.

- **Infraestrutura (maquinários, benfeitorias)**: estar estruturado não significa ter as melhores máquinas, ter as melhores tecnologias, o que importa realmente é o planejamento de cada propriedade.
- **Mão de obra (integrantes da família e/ou contratados):** está cada vez mais escassa. Há famílias que agregam a mão de obra nas épocas de safra.
- **Gestão da propriedade**: a gerência deve ser feita pelo grupo familiar, e planejada dia a dia, pois as situações divergem e são complexas. Poucas famílias investem no estudo da gestão da propriedade.
- **Relação pais e filhos (sucessão rural):** a conscientização da família em incentivar para que os jovens permaneçam no campo é muito importante. O jovem tem que estar totalmente ligado com a família e não pode, em nenhum momento, querer forçar um novo jeito de trabalhar a terra quando há resistências dos familiares. Não podemos obrigar os jovens a ficar no meio rural. O jovem tem que ser respeitado na sua decisão de trabalho. Muitos jovens não vão embora por opção, e sim por necessidade.

A tarefa foi cumprida pelos educandos/as e trouxe uma grande contribuição para o andamento do curso. Provocou uma grande reflexão que não vai ser aprofundada neste trabalho, mas merece um destaque como perguntas que ficaram:

1)	Será que a monocultura atinge sucesso na agricultura familiar?
2)	É possível encarar a agricultura sem paixão por ela?
3)	O que fazer após o levantamento dos recursos do município, sabendo de onde saem os recursos e para onde vão? Como é feita a divisão?
4)	O que é desenvolvimento agrícola?
5)	Quando olhamos apenas pela produção, será possível definir etapas no desenvolvimento agrícola?

As perguntas permeiam todo o desenvolver do curso e desafia o educandos/as a fazer e refazer sempre essas mesmas perguntas para a atuação na prática sindical formativa e transformadora.

> Tão famintos estavam os homens na fila por um pedaço de pão que o trigal gemia na pressa de maturação (CARVALHO, 1975).

Uma das grandes questões que aparece de fundo é o impasse entre tecnologia atrasada X tecnologia avançada, da qual os educandos/as tiram as suas principais impressões.

Tecnologia avançada	Tecnologia atrasada
• Não protege o meio ambiente. • Usa a ciência. • Utiliza jovens especializados. • Planeja a propriedade.	• Cuida do meio ambiente. • Não usa insumos. • Conserva o solo. • Utiliza mais mão de obra.

Ambas as tecnologias são de interesse da agricultura familiar, não podemos desconsiderar os saberes da experiência do povo nem descartar os avanços da ciência e suas tecnologias. Precisa-se levar em conta a degradação do meio ambiente, concentração de renda e o bem-estar das famílias.

O produtor por muitas vezes fica no meio do famoso sanduíche; de um lado, as grandes empresas que são donas dos pacotes tecnológicos e, do outro, os atravessadores. Uma proposta para fazer a diferenciação é a união, a organização. Precisamos de um projeto diferente que faça com que a produção seja diferenciada e que os agricultores saiam do meio do sanduíche, para conseguir se libertar do pacote. Isso não precisa acontecer do dia para a noite.

Seria fácil identificar como as propriedades estão e como elas deveriam estar, mas isso tudo não é num passe de mágica, tem que respeitar os passos de transição e ter claro o que queremos; se isto não estiver claro, não teremos sucesso no nosso objetivo. Temos que olhar os diferentes com suas particularidades.

É importante junção da agricultura avançada com tecnologias que faça uma agricultura com gente e com qualidade de vida no campo. Encontrar um meio que dê a sustentabilidade ao nosso projeto é o nosso desafio.

Cada vez mais os líderes sindicais estão sendo chamados para participar dos conselhos municipais. Visto isto, é preciso que tenham formação, pois é para defender a classe trabalhadora que são chamados; além de defender, têm que ajudar, dar direção aos conselhos que são importantes para o crescimento municipal de forma participativa.

Os cursos realizados pelo MSTTR vêm dando conta de formar essas pessoas, a fim de que elas participem e contribuam com as administrações, com as organizações e, principalmente, com os trabalhadores e trabalhadoras. As lideranças, atuando em conjunto, ajudam no desenvolvimento e no fortalecimento de todas as esferas sociais. O trabalho de toda liderança pode mudar o comportamento de muitas pessoas que se espelharam no seu serviço prestado à comunidade, em vista de mudanças e desenvolvimento.

Progresso e transformação têm que andar em conjunto. Precisa-se pensar seriamente na transformação da sociedade, tendo em vista a implantação de nosso Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidario (PADRSS).

Desenvolvimento passa por vários conceitos, um deles é que é uma mudança boa. Também deve ser pessoal, comunitário, local, territorial, regional, nacional, nos parâmetros agrícolas, econômico, social, político, ecológico, sustentável, solidário.

Os estudos sobre desenvolvimento iniciaram a partir do século XVIII; com a antropologia, na visão de evolucionismo; na sociologia, baseada nos conceitos de Marx e na economia como modernização.

Desse período em diante, veremos brevemente como a agricultura avançou no sul do Brasil:

1960 – 1970: o uso de maquinários agrícolas é insistente e dá início à ambição de cultivar grandes áreas de terra com soja e grãos em geral.

1970 – 1980: a revolução verde ganha força, muitas pessoas fizeram uma mudança brusca de hábitos e acabaram "quebrando a cara."

De 1980 – 1990: o desenvolvimento social enfatiza a problemática da educação; é o período do início da globalização dos assuntos[74], da ascensão da informática. As comunidades rurais passam a dispor de energia elétrica. Há mudança de constituição brasileira, fim do regime militar e também as conquistas dos movimentos sociais.

De 2000 a 2010: na agricultura se busca muito o acompanhamento da melhoria genética para gastar menos e ter mais produção. A tecnologia é aliada da economia; "a tecnologia a favor de todos os campos" (será?)[75]. A transgenia vem se aprofundando durante esses anos, mas alguns agricultores têm como alternativa a agroecologia. São alternativas que devem ser levadas em conta, pois trabalham com os recursos da própria propriedade. O desenvolvimento é a

[74] O que acontece em um determinado ponto do mundo em pouco tempo vira notícia mundial pela internet e os meios de comunicação cada vez mais modernos e instrumentalizados.

[75] Questionamento que fazemos ao modelo de tecnologia!

comunidade quem faz acontecer, organizada na família, nas associações, nas cooperativas; são pensadas ações locais para aproximar os agricultores a um desenvolvimento sustentável.

Temos que ter demandas concretas para lutar pelas melhorias de qualidade de vida. Os grupos estão voltados aos interesses próprios, não pensam um sistema. Ex.: quem quer melhoria para a produção de pêssego, não se preocupa com as outras melhorias sociais necessárias.

O desenvolvimento é pensado em nível nacional e restrito às questões da economia, sem considerar o desenvolvimento pessoal, comunitário, local, regional... Criam-se agendas de desenvolvimento sem maiores considerações à agricultura. Não se pode falar em desenvolvimento sem se falar em sustentabilidade, que vise avanços do ponto de vista econômico, ambiental e social.

Os avanços que temos ainda são pouco valorizados; são poucos os espaços oferecidos para nós e, se não forem valorizados, podem ser desviados.É preciso criar ou fortalecer os conselhos e os espaços que discutam o direcionamento das verbas públicas.

Precisamos pensar o desenvolvimento sustentável que parta das comunidades, onde todos os trabalhadores e trabalhadoras tenham um espaço de discussão, que pode ser fomentado em GES, um grupo que seja articulado como "movimento", que não tem um molde pronto e que vai se perpetuando conforme a realidade de cada espaço específico. Não é mais uma forma institucional de organização[76]. Esse espaços de GES culminam nas Redes, uma ramificação desses organismos sociais que têm muito a contar e deixar como troca de aprendizagem para o Brasil inteiro.

[76] Sem necessidade de representação jurídica (CNPJ) e dentre outras burocracias para ser considerada legal perante a sociedade.

Talvez aqui mais um passo se dá no Movimento Sindical dos Trabalhadores/as Rurais do Brasil, o fortalecimento de Grupos de Estudos Sindicais nas comunidades/ localidades específicas fazem com que a instituição cresça, pois, a medida que tem mais lideranças para atuarem em conjunto, é mais fácil de se unir forças e ganhar a conscientização do povo da comunidade. Com a relação de Rede, os grupos não se sentem sozinhos e somam forças para unificar a causa dos trabalhadores/as que tem suas especificidades, mas que lutam contra um modelo, uma estrutura posta que exclui os mais fracos e oprimidos.

PADRSS

Como o que havíamos visto até agora não culmina em nenhum "modelo", o Movimento Sindical dos Trabalhadores/as na Agricultura pensa um projeto que é flexível, que está apto a mudanças, e que essas mudanças venham das bases, dos grupos de discussão, das sugestões que são fortalecidas nas redes.

Esse é um projeto alternativo de "desenvolvimento", pois questiona os sucessivos modelos de desenvolvimento, que sempre colocaram o mercado acima de tudo. Em contraposição a essa tendência, o projeto defende a importância da atenção aos homens e mulheres de todas as idades, raças, etnias e suas vidas. É um projeto alternativo de desenvolvimento "rural", "sustentável", "solidário". Estimula o equilíbrio na relação entre o ser humano e a natureza. Compreende o ontem como espaço permanente de reflexão na construção do agora, na perspectiva de gerações futuras. Contrapõe a lógica da individualidade, da competitividade capitalista, inserindo valores fundamentais como a cooperação, a igualdade, a fraternidade, a inclusão e a justiça social.

O PADRRS tem objetivos e já história no MSTTR e por isso já acumulou algumas lutas dos trabalhadores do

Brasil inteiro, do qual fica descrito no quadro abaixo um pequeno resumo:

Principais reinvidicações:

- Realização de uma ampla e massiva reforma agrária; ruptura de um modelo de desenvolvimento excludente, concentrador de terra e renda, na busca da democratização do poder político, econômico e social, com a inserção produtiva;
- A ampliação, valorização e fortalecimento da agricultura familiar, com capacidade de geração de emprego e renda, produção de alimentos com baixo custo e baixos danos ambientais; fortalecimento do setor comercial;
- Geração de renda e postos de trabalho no campo; formar e melhorar o espaço rural, programação de qualificação profissional e reconversão produtiva;
- Estimulo às atividades rurais não agrícolas; implica conceber o rural não mais como espaço exclusivo de produção primária.

A busca de consolidação do PADRRS passa por grandes construções do movimento sindical e exige:

- Participação política e gestação democrática na comunidade;
- Articulação local, regional, territorial com o global e o rural com o urbano;
- Estímulo à participação efetiva do MSTTR nos processos políticos eleitorais;
- Abordagem em práticas transversiais de gênero, geração, raça e etnia;
- Garantia de segurança alimentar;
- Defesa e ampliação dos direitos trabalhistas e previdenciários;
- Respeito à autodeterminação das populações tradicionais.

O PADRRS, não é um processo pronto, cabe aqui repetir mais uma vez para que fique clara a sua condição de existência e por isso ele apresenta alguns desafios elencados já pela sua existência prática e vivida pelos agricultores/as e líderes sindicais do campo na agricultura familiar;

Principais desafios para ampliação do PADRSS:

- Ampliar e qualificar a luta do movimento sindical;
- Transformar as unidades familiares de produção em efetivos espaços de desenvolvimento sustentável e de fortalecimento da agricultura familiar;
- Fortalecer as ações locais e a articulação entre as ações do MSTTR;
- Desenvolver princípios de democracia e equidade;
- Romper com a rotina;
- Rever as práticas de relação de poderes;
- Incorporar mudanças percebidas no ambiente social;
- Ir além de denúncia de problemas e contestações;
- Convencer os dirigentes, funcionários, assessores do MSTTR, de que é possível outra forma de viver e de produzir.

Todos os desafios levantados ainda podem ser muito pouco pelo muito que representa a causa dos trabalhadores/as rurais, mas é com o andar do processo que as aprendizagens vão acontecendo e ajudando a melhorar a prática sindical, ajudando mutuamente na melhoria de vida no campo, que é formado por pessoas cheias de alegria, sabedoria, sonhos, amor e carinho pela terra, pela arte de produzir alimento e alimentar uma nação que muitas vezes não para a fim de pensar de onde veio e para onde quer ir.

Atores sociais no desenvolvimento e redes

Durante o percurso pedagógico, houve também um momento em que os trabalhos de grupo foram orientados pela pergunta: qual é o papel social do militante sindical?

A pergunta conduziu a uma discussão sobre os atores sociais e o capital social que configuram hoje na sociedade, especificamente na vida rural. Os atores sociais podem ser compreendidos como aqueles que atuam nas organizações presentes em nossas comunidades, dentre elas os nossos sindicatos, a Igreja, as cooperativas dentre outras. Os atores sociais devem estar em prol do bem comum da comunidade, promovendo a participação cidadã, articulando políticas públicas que cheguem a todos os municípios. Assim como nos fala Gramsci;

> Se uma nação ou um grupo social que atingiu um grau superior de civilização pode (e, portanto, deve) "acelerar" o processo de educação dos povos e dos grupos sociais mais atrasados, universalizando e traduzindo de modo adequado a sua experiência [...] (GRAMSCI, 1999, p. 86)

Podemos, nesse momento de reflexão provocada por Gramsci, entender como o grupo social tem o entendimento do funcionamento do sistema no qual vivemos e as condições que são oferecidas para os trabalhadores e para quem é "dono" do negócio. Fazer essa reflexão e multiplicar o nosso conhecimento, é tarefa, "dever", como movimento orgânico, para a universalização do entendimento mútuo e o fortalecimento do capital social, constituído pela massa trabalhadora para sairmos do "berço",[77] porque estar no berço, para Gramsci, assim como para Max Beer, é estar alienado;

> A mais perversa armadilha da alienação é acreditar que "sempre foi assim" e, portanto, "sempre será assim". A consciência imediata, presa a particularidade da época em que vive, tende a transformar em naturalidade os contextos sociais, culturais, históricos, justificando a inevitabilidade das formas sociais estabelecidas. [...] Em tempos de humanidade desumanizada, de desordem sangrenta, nada deve parecer natural, por que nada pode parecer impossível de ser mudado (BEER, 2006, p.07).

Ernesto Che Guevara atribui essa tarefa para a juventude quando afirma que "ser jovem é viver uma época que passa e lutar por transformações que ficam".[78] Dessa forma, precisa-se fortalecer o capital social que é uma troca de confiança, capacidade de ação conjunta, solidariedade, cooperação, sentimento de comunidade até a formação dos atores sociais. O capital social é a capacidade que o povo tem de se organizar (sindicatos, associações, cooperativas...). O capital econômico se deposita nos bancos, o capital humano está dentro da cabeça das pessoas (seus ideais) e o capital social então reside na estrutura das suas relações. Para construir capital social, o indivíduo precisa se relacionar com os outros, ser em conjunto com os demais. Mas antes é preciso fazer o passo de se reconhecer dentro do mundo. Adentramos na concepção de homem baseado em que Freire nos diz " Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem"(FREIRE,1983, p.14) e aqui me auxilio de um grande autor da ética e da libertação humana, pensador latino-americano Enrique Dussel:

> Em primeiro lugar, devemos ver como cada homem, estando em seu mundo, situa seu poder-*ser* a partir de sua facticidade. [...] Em segundo lugar, os círculos constitutivos da facticidade [...] e os horizontes projetivos do ad-veniente vão sendo incluídos uns em outros, desde os mais estreitos até o ultimo mais transcendental: desde a mesmidade [...], passando pelos grupos de *ser*-com-outros, até chegar à cultura [...] e a totalidade da humanidade num presente dado. Em terceiro lugar, [...] o ultimo horizonte é sempre o poder-*ser* ad-veniente ("futuro": o que me com-preendo agora poder-*ser*, no porvir) que se dá na com-preensão dialética como movimento de totalização histórica, histórica que nunca termina, a não *ser* no caso de cada um (com sua morte), na humanidade como história universal (DUSSEL, 1977, p. 61- 63).

[77] GRAMSCI em uma passagem escrita nos cadernos do cárcere diz: "Mas o berço não é a vida. Alguns gostariam que ficássemos sempre no berço" GRAMSCI, 1999, p.89

[78] LOWY, Michael. O Pensamento de Che Guevara.

Logo que possamos nos compreender dentro de cada realidade e dentro do círculo do qual vivemos e convivemos, sozinhos e com outros grupos, pode-se chegar a ser-conjunto de maneira prática na construção do novo, do coletivo em busca dos sonhos já citados acima.

Na construção, o povo, a comunidade ganha corpo e em conjunto, atuando no GES, ou em Rede, aos poucos toma consciência de sua alienação. Para os municípios terem êxito, os atores sociais têm que estar organizados em varias áreas, não só na agricultura. As agroindústrias são espaços que estão demonstrando dar certo, porém os educandos/as trazem os problemas que algumas enfrentam. A questão da legalização é um dos principais problemas.

Através de redes sociais, pessoas estabelecem laços com outras pessoas, formando redes de relações interligadas umas com as outras. As redes, em primeiro lugar, são formadas por pessoas que coordenam os grupos de estudos sindicais; esses coordenadores repassam as informações a respeito do debate de cada região, com suas dificuldades e avanços. Atores sociais devem estabelecer laços com outros atores visando trocar informações ou construir iniciativas em conjunto. As redes não são organizações oficializadas, nem tampouco fixas: são laços de confiança e informações que podem ser mudados para e na luta conjunta. As redes têm grande eficácia. O movimento sindical tem grande influência nesse movimento, sendo o propulsor. Ele tende a dar suporte às discussões. Isso é o que o estudo sistemático do curso também aponta como perspectiva de manutenção da chama que acende o gosto pela luta dos trabalhadores rurais e a classe trabalhadora acesa.

As redes podem ter "nós" mais fortes que centralizam informações e as relações com outros atores. Os "nós" das redes podem representar também certa dominação de alguns indivíduos sobre os demais. A tarefa de todos os envolvidos na rede é de dinamizar para que os nós sejam apenas amarras das organizações, não que sejam neutralizadores do conhecimento. As redes estabelecem uma relação muito forte para o desenvolvimento dos atores sociais.

Os laços fortes são construídos com mais tempo, têm intensidade emocional e de trocas; os laços fracos são aqueles que não têm muito investimento. Quais são os laços mais proveitosos para os indivíduos e para pensar o desenvolvimento? Este questionamento pode parecer inoportuno, mas possibilita e aponta, segundo os educandos/as, que precisamos de um planejamento a curto, médio e longo prazo que seja dinâmico, que possa ser avaliado e, se for preciso, volte ao ponto de partida.

Algumas cooperativas e associações são exemplos de organização para o melhor escoamento da produção. Outras estão pensando apenas na lógica do capital. Cada município tem suas potencialidades, as organizações em sua maioria não estão dispostas em conjunto ou as próprias prefeituras não dão o apoio para a organização, pois pode ser que não seja de interesse das administrações. Não constituem redes.

A transparência é fundamental para que os laços sejam fortalecidos com envolvimento, conhecimento, determinação, aperfeiçoamento, agregação de valor dentre outros. As Redes de Educadores/as têm muita força e podem transformar o Movimento "complexo", cheio de riquezas, para partilhar com todo o seu corpo, unificando-o.

Todo líder precisa ser comunicativo

A comunicação é um meio importante para ser levado em consideração no Movimento Sindical: os índios usavam o fogo e a fumaça. Na Idade Média, eram usados os arautos (pessoas que transmitiam mensagens ao povo), intermediando a comunicação.

Depois vieram os correios. Agora há a TV, o rádio, o telefone e o computador. Embora esses aparatos tecnológicos atuais não estejam ao nosso alcance, precisamos avançar na comunicação para que todos consigam receber e compreender nossa mensagem.

A expressão é um elemento fundamental para que tenhamos um bom andamento nas nossas atividades, no trabalho com os agricultores/as. Os educandos/as, na formação da Enfoc, são desafiados a fazer experiências como o teatro, programa de rádio, telejornal, música, dentre outras atividades de expressão corporal.

Os educandos se integraram muito bem e todos participam atentamente nas discussões, em brincadeiras, sem perder o foco em questão. De modo geral, têm feito bonitas apresentações, cabendo destaque a uma poesia que retrata a beleza e a importância da mulher, trabalho apresentado por uma educanda:

Poesia da agricultora rural

Mulher terra

Certamente a tua singeleza
Tua simplicidade e beleza
Da flor do campo copiou?
Ou quem sabe, mulher rural
Essa graça tão natural
Foi a flor que te roubou?

Que o mistério prevaleça,
Que nenhuma se envaideça,
Foi o mundo quem ganhou.
Ao resgate, campesina
Deus te deu a garra por sina
E guerreira te batizou.

Parideira como a mãe terra
Teu ventre fértil encerra
O filho que o amor gerou
Teus braços e teu colo
São generosos como o solo
Que a semente fertilizou.

De tuas mãos brotam flores,
Chás que suavizam dores,
Pães que a fome aplacou.
E teus braços que são berços
À noite desfiam terços
Nas preces que decorou.

Tuas mãos, às vezes bandeiras
Desfraldam-se altaneiras
Nas lutas que abraçou!

Principais características do líder elencada pelos participantes do curso:

- Conhecer a si mesmo, suas possibilidades e suas limitações;
- Ter coragem e confiança;
- Reconhecimento das contribuições das pessoas, preocupação sincera com o bem-estar;
- Ter habilidade e servir de inspiração;
- Auto-motivação;
- Saber ouvir;
- Motivar os outros;
- Ser Justo e Honesto;
- Buscar conhecimento;
- Ter coragem e confiança;
- Ter empatia;
- Atuar em rede.

Todos os educandos foram desafiados a ir até as bases do município para investigar todos os serviços sociais realizados no município. Também foi agregado a um dos questionamentos o de perceber como o próprio sindicato está atuando no município. E é dessa maneira que o curso vai dando sequência integralmente entre educandos e educadores.

Os conteúdos que os educandos trouxeram para o debate se referem a práticas diárias que acontecem nos municípios e que por muitas vezes a população não tem conhecimento. Destacamos os conselhos que em todos os municípios foram citados dentre várias outras organizações como cooperativas e associações, estas as mais citadas.

Os sindicatos, no nosso caso, um dos temas a serem aprofundados, também foram estudados com muito carinho por cada educando. Constatamos que, com o estudo dos próprios sindicatos, os educandos conseguem perceber tudo o que podem mudar e tudo o que há de bom no sistema sindical. Destacamos, a seguir, alguns tópicos que são o desejo de todos para que os sindicatos atendam às demandas dos agricultores/as:

- *Que haja normas nos estatutos para trocar pelo menos 50% da diretoria, em cada eleição;*
- *Que seja conscientizador da importância de pertencer a uma classe;*
- *Que seja reivindicador de assistência técnica de qualidade para os associados;*
- *Que trabalhe mais a base, de forma ativa, competente, firme e forte;*
- *Que seja mais participativo na busca de projetos e soluções alternativas;*
- *Que busque atrativos beneficiando os sócios e fortalecendo as entidades;*
- *Que forme lideranças mais comprometidas e responsáveis;*
- *Que tenha atenção com os problemas vividos e sentidos pelos agricultores/as;*
- *Que atue no sentido do fortalecimento do PADRSS e das redes;*
- *Que seja multiplicador de ações.*

Todos os caminhos apontados em um primeiro momento precisa passar pelo crivo da formação crítica, historicista e cultural. Segundo Fernandes, "As sociedades humanas sempre se encontram em permanente transformação, por mais 'estáveis' ou 'estáticas' que elas pareçam ser" (FERNANDES, 1979, citado em IANNI, 2004, p. 226). A formação tem que dar conta de situar os próprios protagonistas da educação no movimento sindical de ir buscar referências que deem o suporte teórico sobre os vários fatores que influenciaram o movimento e a luta que idealizou.

Movimento histórico e lutas:

> É necessário que a classe que representa, em cada época, a possibilidade de mudança esteja preparada e seja capaz de conduzir ações revolucionárias de massa, capaz de derrubar a antiga ordem que persiste. Nesse sentido, essas condições subjetivas incluem a capacidade de formulação de estratégias a partir da leitura de cada contexto histórico determinado, o desdobramento em planos táticos que materializem essa estratégia e a construção dos meios organizativos adequados que permitam os vínculos essenciais com a classe que transita objetivamente no desenvolvimento de sua consciência (BEER, 2006, capa).

Podemos falar da história de várias maneiras: a história como está escrita, como ela é contada e como nós a percebemos. No movimento sindical, que é objeto deste trabalho, temos uma história muito bonita que foi vivida e contada por pessoas de mãos calejadas do cabo da enxada; história cheia de conquistas que hoje ajudam a melhorar a vida no campo.

Nos anos mais recentes, tivemos uma Revolução Industrial, que propiciou a implementação de máquinas no campo e na cidade. Ao mesmo tempo, o trabalhador vem perdendo o controle de sua produção, começando a trabalhar como as indústrias exigem. A industrialização substitui, em grande proporção, a mão de obra braçal pelo maquinário. No Brasil, temos um passado a considerar, com o latifúndio e a escravidão, com a libertação dos escravos e o surgimento da classe operária, como antecedente a essa industrialização no campo.

Em 1892, trabalhadores realizaram o 1º Congresso Socialista Brasileiro com o objetivo de buscar outra forma de organização: a de um partido socialista.
A identidade de classe começa a ganhar força: a classe operária trabalhadora, que se divide pelas suas áreas, em um primeiro momento, é liderada pelos operários de fábricas, que faziam suas greves na luta pelos seus direitos. Começam, então, a surgir os sindicatos e, a partir de 1935, começam a ser criadas as centrais. A discussão apresenta argumentos de que todos os sindicatos sejam unidos.

No período de 1938 -1940, foi criada a Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), que até os dias de hoje ainda pondera várias questões trabalhistas. Durante um bom tempo, a organização dos sindicatos foi em Confederação – Federação – Sindicatos; atualmente

temos regionais que separam essas estruturas e também centrais. As centrais legalizadas no Brasil são: CUT (Central dos Trabalhadores do Brasil); FS (Força Sindical); CTB (Central dos Trabalhadores do Brasil); UGT (União Geral dos Trabalhadores); NCST (Nova Central Sindical dos Trabalhadores) e CGTB (Central Geral dos Trabalhadores do Brasil).[79]

O Brasil é muito grande com assuntos e demandas muito diferentes. Em alguns estados, falar em crédito é brincadeira, pois parte dos trabalhadores nem terra possuem. Em outros estados, é a reivindicação principal. As centrais começaram a se organizar em 1981; vários sindicatos se filiaram às centrais, mas uma grande parte não. Embora as centrais existissem, na prática não tinham o reconhecimento legal; mesmo assim, continuaram atuando e se fortalecendo, mas sempre buscando o reconhecimento formal.

Toda essa estrutura é importante e serve para que se garanta as grandes conquistas que o movimento sindical já conquistou em prol da classe trabalhadora. Várias organizações serviram de referência para que a partir dos anos 60 surgissem os movimentos agrários, dentre deles a Fetag, que hoje é nosso meio de atuação na defesa dos agricultores/as.

A Fetag/RS organiza a categoria dos trabalhadores/as rurais que compreende os agricultores/as familiares, assalariados/as, pecuaristas familiares, meeiros/parceiros e todas as pessoas que têm ligação com a terra e que se congregam (como classe) a partir de uma ideia e de uma missão:

> Coordenar e mobilizar a categoria dos trabalhadores rurais, a partir dos problemas sentidos e vividos, centrando a ação na construção de um modelo alternativo de desenvolvimento, tendo presente a organização e o crescimento da consciência de classe, cujo objetivo maior é uma sociedade mais justa e igualitária

A missão é quem dá o suporte para as estratégias e táticas sugeridas por Beer (2006), na orientação da categoria. A seguir pontuaremos as categorias defendidas pela organização, onde todos os educandos/as, de uma forma ou de outra, por estarem envolvidos no movimento geral, acabam colaborando; além disso, apontaremos alguns desafios para os educandos/as e o MSTTR, na sua complexidade e amplitude.

Os sistemas políticos podem ajudar a avançar a luta do homem do campo, porém precisamos ser mais atuantes. É importante sabermos que estamos em uma sociedade de classes e somos a classe trabalhadora. E que o capitalismo só vive se puder explorar.

A conjuntura política muda. As relações sociais também mudam e o fazem muito rapidamente. Temos que repensar a questão política, e insistir na formação. Segundo Gramsci; "a repetição é o meio mais didático, mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular [...] trabalhar de modo incessante para levar intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas, isto é, para dar personalidade ao amorfo elemento de massa" (GRAMSCI, 1999, p. 110). Tomar consciência e usar os vários instrumentos de informação para garantir que os trabalhadores/as recebam informações é importante. O meio mais amplo de informação, hoje, está na internet, onde podemos escolher as informações. De mãos juntas, todos os cursandos estão desafiados a se ligar em rede e a fazer um grupo de estudos sindicais – GES – e esse vai ajudar a fortalecer as experiências sindicais na luta pelos melhores dias no campo e na cidade. A criação da Rede de Educadores e Educadoras é a tarefa que complementa o funcionamento de cada GES; este será difundido para todos os educandos/as que ficarem interligados a uma rede nacional que unirá as diversidades culturais, que possibilitará as mudanças estruturais na nossa sociedade.

[79] Existem outras centrais não legalizadas, Para obterem o certificado de legalização as centrais cumpriram os seguintes critérios: 1) filiação de no mínimo cem sindicatos distribuídos nas cinco regiões do Brasil; 2) filiação de sindicatos em no mínimo cinco setores de atividade; e 3) filiação de no mínimo 5% dos sindicalizados em âmbito nacional no primeiro ano (cerca de 300 mil trabalhadores sindicalizados), devendo atingir 7% em dois anos. Fonte: http://forumdotrabalho.blogspot.com/2009/04/centrais-sindicais-do-brasil.html

Categoria	Principais pontos de consideração
Assalariados/as rurais:	Estima-se que existem 200 mil assalariados/as rurais no RS, sendo que, destes 50% não têm carteira assinada. Reverter este quadro é uma das grandes lutas dentre outras que seguem como principais bandeiras.
Mulheres:	As mulheres fortalecem o sindicalismo e ajudam na luta pelos direitos. Suas principais lutas foram ter o reconhecimento de sua profissão que, por mais que façam o trabalho do lar e acompanhem o marido na roça, não tinham o reconhecimento; a igualdade de gênero ainda é um dos principais desafios do sindicalismo.
Juventude trabalhadora rural:	Criada em 1981, na Federação, com força de mobilização para luta e reivindicação dos direitos; trabalha o foco da sucessão rural com um conjunto de desafios: geração de renda; educação do campo; cultura e lazer; meio ambiente; políticas públicas.
Aposentados/as:	A luta primeira é pela qualificação da aposentadoria. O principal desafio é o respeito e valorização da experiência e conhecimento acumulado ao longo dos anos; espaço de convivência e lazer para a terceira idade.
Saúde:	As primeiras lutas dos trabalhadores foram em referência à saúde. A luta permanece na busca de recursos em igualdade, direito ao SUS, formação de conselhos que contemplem a população rural.
Educação:	"A educação faz com que as pessoas sejam fáceis de guiar, mas dificeis de arrastar; fáceis de governar, mas impossíveis de escravizar" (BROUGHAM, 1828-1992, p. 113 citado em SANTOS, 1994, p. 441). Formar lideranças é tarefa do MSTTR, se compreende que sem formação não se consegue avançar na luta de classes. Desafio: a educação do campo e no campo, a construção de diretrizes em fundamento à educação do campo e o fortalecimento de espaços diversos de educação.
Habitação:	Casa e terra na agricultura são indispensáveis. A demanda por habitação é grande. A criação de cooperativas de habitação tem que avançar e serem geradas condições para que todos tenham onde morar e morar bem.
Política agrícola:	Uma das frentes mais importantes da Federação, na sua luta, são aquelas vistas como necessárias para o cotidiano do campo, como o sistema troca-troca, a sanidade animal, o custeio para as lavouras e muito mais.
Crédito fundiário:	A reforma agrária é muito importante para uma democratização das terras. Os agricultores têm a produção e fazem a produção, porém as grandes empresas se apossam das iniciativas dos agricultores. Temos que fazer análises constantes da conjuntura em que vivemos.

Mudando paradigmas no processo educativo

A educação pela qual os educandos/as e educadores/as perpassaram é nova. Essa proposta vem da Enfoc, demanda apontada pelo 9° Congresso Nacional em 2005.[80] "Com a proposição de ser um lugar de reflexões permanentes sobre o seu fazer educativo e concomitante sobre a prática sindical" (ENFOC, p.19) a Escola segue os princípios da Política Nacional de Formação.

As características da formação é orientada pelos princípios da PNF. Nela encontramos como fundamentos básicos: construir e desenvolver um sistema de formação político-sindical; estimular o processo formativo nas diversas áreas temáticas; estimular e desenvolver uma metodologia que respeite a pluralidade de ideias e qualificar o debate sobre concepção sindical e toda a sua respectiva ação.[81]

[80] Juntamente com a Escola nasce a Sistematização que seria uma apropriação coletiva do Movimento sobre a ação da Escola.

[81] Ver referência completa; PNF,(CONTAG)

Com essas características, a formação que aconteceu no estado do Rio Grande do Sul ganhou cara nova e se configura como uma educação popular libertadora como nos indica Freire, na análise que faz da relação entre educando e educador:

> Elas incluem a questão do ensino, da aprendizagem, do processo de conhecer-ensinar-aprender, da, autoridade, da liberdade, da leitura, da escrita, das virtudes da educadora, da identidade cultural dos educandos e do respeito devido a ela. Todas essas questões se acham envolvidas nas relações educadora-educandos (FREIRE, 1997, p.51).

O fato de conhecer-ensinar-aprender traz o novo e quebra os paradigmas de que é só o professor que sabe e o "aluno"[82] recebe as informações. Aqui o processo inverte e o conhecimento é conjunto, e ainda mais em uma perspectiva conjunta que desafia a educação: a "permanente disposição em favor da justiça, da liberdade, do direito de ser. A nossa entrega à defesa

[82] **Aluno** (do latim *alere* "desenvolver, criar") é o indivíduo que recebe formação de um professor. A-luno (não tem luz).

dos mais fracos, submetidos à exploração dos mais fortes. É importante, também, neste empenho de todos os dias, mostrar aos alunos como há boniteza na luta ética" (FREIRE, 1997, p.52). Podemos entender dessa forma que a educação tem sentido quando ela atende às questões éticas que dialogam com o povo.

O curso proporcionado pela escola fomenta o que Paulo Freire, após identificar que o homem é um ser racional, chama de a Raiz da Educação:

> O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (FREIRE, 1983, p.14)

Fazendo esse reconhecimento e colocando-se nos mais diferentes espaços, a educação acontece e passa a contaminar as diversas áreas de formação da confederação e federação como aconteceu com o IFSIM (Instituto de Formação Sindical Irmão Miguel)[83] que já tinha uma sistemática com os cursos de formação que iniciaram ainda antes da proposta político-pedagógica da ENFOC. O IFSIM tem por objetivo principal a capacitação de dirigentes e lideranças sindicais de trabalhadores/as rurais; para que estes possam auxiliar na coordenação e execução das ações do movimento sindical de trabalhadores/as rurais; utiliza-se dos princípios filosóficos da pedagogia da alternância/pedagogia dos projetos; da prática/teoria/prática; do fortalecimento da militância através da mística; do estímulo à democracia interna; e da formação de cidadãos, agentes políticos e lideranças. E que passa, a partir da formação e orientação da Enfoc, a apostar também nos GES propostos pelos educando/as nas suas bases de atuação e também das Redes que mantêm o fluxo de informações pertinentes à atuação militante.

Nessa caminhada de retomada da formação, o Rio Grande do Sul e os outros dois estados do Sul (Paraná e Santa Catarina) construíram juntos no Curso Regional Sul da Enfoc a magnífica simbologia do SUL SEM FRONTEIRAS que serve como estratégia para o Movimento na região.

A turma apresentou uma carta-proposta para os presidentes das Federações dos três estados na qual a turma se compromete juntamente, com as Federações, na motivação para abolir as fronteiras de cada estado visando à unificação da luta na região, que tem muita semelhança em seus períodos históricos e também no clima que proporciona atividades agrícolas idênticas.

Sendo assim, a turma segue após a formação com mais do que uma tarefa, com um compromisso: o de romper com as fronteiras da região Sul. Compromisso esse que ficou expresso no Juramento da turma:

> Nos comprometemos a exercer a educação sindical, como instrumento de multiplicação, ação e transformação.
>
> A ensinar aprendendo e aprender ensinando, transformando o aprendizado em ascensão da esperança.
>
> A fazer da formação sindical um instrumento de construção coletiva da cidadania, com poder e autonomia social no campo.
>
> A transpor as fronteiras de nossos estados, entrelaçando conhecimentos e culturas, bem como estreitando laços, para desenvolvimento da educação sindical na região Sul.
>
> A ser instrumento para romper com as amarras do capitalismo, e construir o desenvolvimento sustentável, solidário, justo e com liberdade.

[83] Ver toda a história, objetivos, dentre outros elementos importantes que se constituem na página: http://www.fetagrs.org.br/nx/index.php?option=com_content&task=view&id=173&Itemid=180

Nos comprometemos a permanecer na luta, para fazer de nosso país uma pátria repleta de paz, natureza farta e cidadania plena para todos e todas.

No juramento fica expresso o compromisso de ir além das fronteiras, o legado do Sul Sem Fronteiras, depois da Enfoc regional, não se separou da formação dos três estados, e sempre que a formação seja em qual for o espaço que aconteça (seja em um GES, na Rede, cursos de formação nos STTRs ou formação das categorias...), o Sul Sem Fronteiras é referência para "conectar-se no debate político na base em relação à formação e organização sindical" (ENFOC, p.128).[84] Assim o Sul Sem Fronteiras se constitui dentro da formação como estratégia de unificação da luta e como marco de referência para dar ânimo à Rede de Educadores/as que fomentam a formação em seus municípios (seja em GES ou formações pontuais). Com esse jeito de ser Escola, a educação é transformadora para a prática político-sindical.

[84] Ver mais sobre o Sul Sem Fronteiras ; ENFOC: repercussões de um jeito de ser escola.

Considerações finais

Ao chegar ao fim deste trabalho, é hora de voltarmos e analisar se o nosso objeto foi atendido. Todo o trabalho foi realizado na perspectiva de descrever as angústias, problemáticas e vivências do Curso Estadual do Rio Grande do Sul. A partir da sistematização, percebemos que muitas questões levantadas pelos educandos só terão respostas quando forem enfrentadas na prática do dia a dia de cada um.

De forma descritiva, as perguntas orientadoras foram respondidas em um movimento de ida e volta, dos educandos/as e dos educadores/as. Para entender melhor, os educandos/as questionam e os educadores/as também questionam. Não têm o conhecimento já formado, pronto, não têm receita, a metodologia é aprender junto, ir em busca do conhecimento coletivo. O conhecimento no grupo não é ato de poder (eu sei), é partilha,[85] onde todos podem ser saciados não importa o número de pessoas, não importa a quantidade de

[85] Referência da partilha realizado por Jesus Cristo (Mateus 14. 15-21).

conhecimento de cada um, o que realmente importa é que todos participem da construção coletiva que vai ajudar a atuação do MSTTR.

Alguns limites ficam ainda vistos que, como diz Dussel, "a finitude temporalizante vive sua alteridade histórica por determinações eletivas que tragicamente o lançam num dos múltiplos caminhos possíveis" (DUSSEL, 1977, p.80). Como os caminhos são trilhados pelos trabalhadores e está em constante mudança histórico-cultural, econômica, ambiental que vivemos, nossos limites têm que ser ultrapassados diariamente com olhar crítico sobre a realidade.

"Agir localmente e pensar globalmente" é uma frase, um dito popular difundido em nosso meio; parece ser simples, mas, fazer a crítica de nós próprios, às vezes parece ser mais difícil do que criticar o outro. Olhar para dentro de cada um. Olhar para dentro do Movimento do qual participamos e com criticidade sinalizar erros e acertos para trilhar os caminhos da justiça social e da igualdade é o que aponta a sistematização.

A sistematização do curso proporcionou um conhecimento novo, que é a junção de elementos vivenciados, entrevistas, perguntas e respostas que dialogam com autores que trabalham na perspectiva da educação popular libertadora. A sistematização reflete no contexto do movimento sindical, que se desenvolve em várias fases com muita pluralidade. Que este trabalho possa ajudar a todos que se dedicam à educação popular e ao fortalecimento dos Movimentos Sociais que trabalham na perspectiva da melhoria da qualidade de vida e equidade social do homem.

VIVENDO UMA EXPERIÊNCIA: CURSO ESTADUAL DE MULTIPLICAÇÃO CRIATIVA EM SERGIPE

Maria José Moura Santos

Trabalhadora Rural,Diretora da Fetase e Suplente da Diretoria do STTR de Cumbe/SE
Colaboração: Engrácia Viviane Rodrigues,Agnes Santos Melo e Sanadia Gama dos Santos,Assessoras da Fetase

Introdução

O MSTTR, em todo o Brasil, tem vivenciado desde 2006 um intenso processo de formação político-sindical para dirigentes, assessorias e trabalhadores/as rurais através da Enfoc. A estratégia formativa é orientada pelos seguintes princípios: da permanente articulação entre prática e teoria; da formação pluralista, crítica e criativa; da avaliação sistemática da ação social e da prática formativa; da interdisciplinaridade do conhecimento.

Em Sergipe, o MSTTR é sensível a essa estratégia de formação político-sindical, que visa contribuir com a transformação e emancipação dos sujeitos, por meio de reflexões sobre um fazer educativo que estimula a construção de uma sociedade igualitária, tendo como orientação o PADRSS.

Ciente da demanda permanente e crescente de formação de militantes e novas lideranças, assumiu um grande e importante desafio de realizar a formação no estado, refletindo a sua própria prática sindical e, para que todo esse processo desencadeado com a Enfoc não se perca no tempo, é preciso que registremos as reflexões, os sentimentos vivenciados

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Sergipe (Fetase)[1] é a maior organização sindical do meio rural sergipano e também de todo o estado, congregando 74 sindicatos e representando, aproximadamente, 200 mil trabalhadores e trabalhadoras rurais.

A Fetase possui uma trajetória de lutas pela melhoria de vida do homem e da mulher do campo, que vem sendo construída desde a década de 60. Foi uma das federações estaduais a participar da criação da Contag e também da construção do PADRSS.

Participou ainda da criação da Enfoc e desenvolve processos formativos orientados pela concepção da Escola, a qual tem nos orientado também a sistematizar nossa vivência durante todo o processo de formação para melhor compreendê-lo, aprimorá-lo e fortalecê-lo.

Na Fetase, temos investido na criação de Grupos de Estudos Sindicais – GES, fazendo acompanhamento e definindo as estratégias de atuação da Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc em Sergipe.

[1] Doravante Fetag/SE

por todos os sujeitos desse processo formativo. Isto só é possível por meio da sistematização, tendo como concepção aquela que deve ser assumida, construída pelas pessoas que vivenciaram e vivenciam esse processo; é um instrumento pedagógico que favorece a apropriação da experiência formativa vivenciada e nos proporciona realizar uma leitura crítica das práticas sindicais; possibilita identificar os entraves para o avanço dos GES e atuação da Rede de Educadores e Educadoras Populares do Movimento e assim avaliar de que modo a formação tem contribuído para uma ação sindical que busque uma vida digna para os sujeitos do campo.

Assim, a sistematização de práticas como o curso estadual, a formação dos GES, e a atuação da própria Rede de educadores visa dar andamento e apoiar a caminhada formativa da Enfoc no estado de Sergipe.

Como se deu o processo formativo

Curso Estadual

Os cursos aconteceram em três módulos de 05 dias cada e discutiram temas centrais que nos ajudam a conhecer o passado, a entender o presente e a construir estratégias para um desenvolvimento rural sustentável e solidário. Os três módulos aconteceram entre os dias 23 e 27 de agosto, 25 e 29 de outubro e de 29 de novembro a 03 de dezembro de 2010, tendo como eixos pedagógicos: Memória e Identidade e Pedagogia para uma nova sociabilidade. Eixo temático no 1° módulo: Estado, Sociedade e Ideologia; no 2° módulo: História Concepção, Estrutura e Prática Sindical e, no 3° módulo: Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário.

No I módulo, em consonância com o eixo temático Estado, Sociedade e Ideologia, foram realizadas discussões sobre a Política Nacional de Formação (PNF) e o Projeto Político Pedagógico (PPP), com destaque para reflexões dos seguintes princípios: compreensão do ser humano em sua totalidade; permanente abertura aos vários saberes; reconstrução da mística de mudança social; permanente articulação entre prática e teoria; formação pluralista crítica e criativa; avaliação sistemática da ação social e da prática formativa; interdisciplinaridade de conhecimentos. Outros temas foram discutidos ainda, como: Campo, Sujeitos e Identidade: dilemas da invisibilidade.

Na socialização das atividades intermódulos, percebemos que alguns educandos/as não conseguiram continuar a mobilizar e articular a realização dos GES em seus municipios da forma que foi encaminhada no I módulo. Mesmo assim, no contato com a diretoria, falaram sobre a importância da criação dos GES, como eles os entenderam e sobre o compromisso da apropriação de maior conhecimento para a sua criação.

Ao final do módulo, fizemos uma conversa com os educandos/as sobre a vivência no módulo com duas perguntas orientadoras, intercaladas por canções, de modo que estimassem expressar os sentimentos, compondo um balanço sobre as expectativas reveladas antes e depois da vivência no curso.

Sentimentos como curiosidade, desejo de aprender coisas novas e medos predominaram nos relatos. As mudanças e transformações, ocorridas no percurso feito, foram satisfatórias, como revelam as falas dos educandos/as, cujos relatos ocasionaram reações de satisfação, entusiasmo, desejo de transformação e mudança de mentalidade e de comportamento. Freire (2000) afirma que a existência humana não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco nutrir-se de falsas palavras**,** mas de palavras verdadeiras. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo. É nesse espaço de dialogicidade que os educandos/as

expressam suas vivências e sentimentos em relação àquilo que eles aprendem na escola e lhes concede capacidade de mudança e desejo de transformar sua realidade local.

O II módulo iniciou com uma mística, trazendo para os educandos/as os elementos do eixo temático: História – Concepção, Estrutura e Prática Sindical, fazendo a apropriação da "memória" do I módulo, trazendo elementos de ligação do I módulo para o II, mostrando que ambos dialogam entre si, com a proposta formativa da Escola e intertextualizam os temas trabalhados. Para o II módulo, a proposição da atividade intermódulo foi a criação e constituição dos GES, levando as pessoas a despertarem e compreenderem a importância de criá-los, sendo este um espaço de crescimento e fortalecimento das lideranças.

Desde o início do I módulo, essa turma demonstrou cumplicidade, união e carinho entre o grupo. Essas características eram notadas por todos os educadores(as), o que contribuiu para o aperfeiçoamento do processo e levou a resultados significativos para a Escola, como o aprendizado da importância de trabalhar em grupo, o respeito às diferenças, entre outros.

No III módulo, aprofundamos o tema Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário e contamos com a contribuição de diversos colaboradores/as que estudam a temática.

Além disso, fez-se a relação entre a exposição dialogada e as experiências práticas, quando a turma teve a oportunidade de visitar as duas experiências de produção da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), no município de Areia Branca – SE.

Esse processo – teoria e prática – provoca nos educandos/as a reflexão-ação-reflexão abordada por Freire (2000) em sua metodologia da educação popular, que os leva a enxergar uma nova concepção de mundo e os incita a repensar suas práticas no cotidiano do Movimento Sindical. O referido autor diz que é no trabalho, na

ação-reflexão que as pessoas se fazem. Esse processo despertou os educandos/as a perceberem, com as experiências vivenciadas, a oportunidade de criticidade na relação com o mundo exterior e com os conteúdos abordadas neste módulo. Para a Escola, isso é significativo e importante, pois é no aprender a fazer fazendo que se percebe as potencialidades, fragilidades e a capacidade de avaliar as práticas cotidianas na base, para assim reconstruir um novo caminho, sustentado na perspectiva do projeto de sociedade que sonhamos construir.

Para explicitar como essa experiência tocou as pessoas que a protagonizaram, seguem dois relatos de educandos/as:

> Tudo o que falaram aqui tivemos uma prova de uma comunidade organizada. Quando o STTR dá apoio, dá certo. A integração da associação busca um projeto comunitário de produção e vemos que dá resultados (Educando 1).

> Tem alguém que compartilhamos e para ser educador/a popular precisamos ouvir e para isto é preciso estar com pensamento limpo. O aprender não devia ser em um momento só. Os educadores/as somos todos nós (Educanda 1).

O exemplo do segundo depoimento foi expresso por uma educanda durante sua avaliação no final do curso. Ela consegue se reconhecer como educador/a ao final do processo.

A socialização da atividade intermódulo no III módulo foi a apresentação das experiências de GES constituídos nos municípios. Durante a apresentação dos relatos, identificamos que a constituição dos GES foi feita de diversas formas, a partir da realidade local, seu contexto, e a partir da necessidade vista pelo animador.

Esse último módulo encerrou-se com a solenidade de formatura, quando os formandos firmaram o compromisso de serem multiplicadores/as criativos, articulando-se e se propondo efetuar em todas as atividades formativas que forem desenvolver os princípios e as metodologias da Política Nacional de Formação, o que reforçou ainda mais a importância do curso para o MSTTR em Sergipe.

Recursos pedagógicos e temas trabalhados

As estratégias de formação que orientam o Curso Estadual estão articuladas com a matriz dos Cursos Nacional e Regionais, porém com uma dinamicidade no seu fazer pedagógico adequado à necessidade e especificidade do MSTTR de Sergipe. No curso estadual, utilizamos vários recursos para facilitação da aprendizagem e muitos destes serviram diretamente à sistematização como: diários, cartas, fichas de sistematização, mandala, círculos de conversas, leitura do caderno de textos, vídeos, músicas, oficinas de polifonia e observação participante frente à exposição dialogada, músicas, poesias. Todos estes recursos serviram aos dois processos: formação e sistematização.

Oficina de autoformação

No Curso de Multiplicação Criativa, os educadores/as do Curso Nacional e Regional de Sergipe (diretores e assessoria), assumem papel de colaboradores/as facilitando determinados temas e também coordenando o processo metodológico durante todo o processo formativo.

Na construção da matriz do curso, sentimos a necessidade de dialogar coletivamente para a escolha dos colaboradores/as e propostas de temas. Esses temas são discutidos com a equipe de assessoria e diretoria que forma a Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc, em Sergipe, e em sintonia com os eixos da escola.

O desafio é garantir a ampliação e funcionamento da Rede, com a presença dos demais educandos/as que concluíram os cursos nacionais e regionais da Escola para fortalecer ainda mais o processo formativo no estado.

Critérios de escolha dos educandos/as para a Terceira Turma Estadual da Enfoc

A indicação de pessoas para compor a participação na Enfoc Sergipe se deu por meio dos polos sindicais[86] que poderiam indicar até oito pessoas, para compor uma turma de 37 pessoas, contendo: jovens, mulheres, idosos, mobilizadores do Projeto Dom Hélder Câmara[87] e estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Ao adotar esse critério, a Fetase contribuiu para consolidar a Rede de Educadores e Educadoras nos polos que se manifestaram para participar da Escola. Este momento de despertar das lideranças sindicais de Sergipe foi importante para a Rede, especialmente, porque entre estas lideranças estão pessoas que fazem licenciatura em educação do campo.

O significado da sistematização para o MSTTR

Muitas vezes o que fazemos vai ficando esquecido, por não termos tido o cuidado de registrar os acontecimentos e vivências durante e após as experiências formativas.

Por isso as oficinas de sistematização são momentos em que nos convidamos a expressar nossos sentimentos e aprendizagens que mais marcaram as vivências durante o curso, como também os avanços e limites, para contribuir com o aprimoramento político e metodológico das atividades que a Escola desenvolve. Afinal a sistematização tem também o papel de registrar momentos de vivências na Escola e apontar caminhos para o aperfeiçoamento da estratégia.

A realização da Oficina de Sistematização durante o III módulo do Curso Estadual se deu pela necessidade que o grupo sentiu de registrar momentos e falas que expressassem os significados do processo formativo na vida das pessoas. Na oficina trabalhamos com as seguintes questões: **O que mudou em mim enquanto multiplicador/a do MSTTR? O que mudou no espaço coletivo da minha atuação militante?**

Para maior envolvimento do grupo, a facilitação dessa oficina realizou-se a partir de "provocações" mediadas pelas facilitadoras e embaladas por músicas e canções que ajudavam nas reflexões. Síntese das principais questões refletidas na oficina:

O que significou esta caminhada para cada educando/a?

> União, sabedoria, compreensão, desafio, compromisso, responsabilidade, respeito, sustentabilidade, caminhada, expectativa, educação, continuação, recomeço, progresso, persistência, aprendizado, mudança (Educando 2).

Quais as expectativas dos educandos/as em relação à Enfoc?

> Eu tive o prazer de estar aqui com curiosidade. Quando eu peguei o questionário, vi a palavra transformação.

[86] O polo sindical não faz parte da estrutura formal do MSTTR, é uma estratégia para facilitar os trabalhos do Movimento por intermédio da divisão regional. Cada polo em Sergipe agrega cinco regiões do estado por meio de seus sindicatos filiados. Estes se reúnem para discutir pautas relacionadas à sua região e possuem autonomia entre si.

[87] O Projeto Dom Hélder Câmara (PDHC) atua em parceria com organizações não governamentais (ONGs), entidades sindicais do MSTTR, agricultores/as familiares, assentados/as da reforma agrária e comunidades tradicionais. Na sua essência, o Projeto Dom Helder Câmara é constituído de ações voltadas para o desenvolvimento sustentável no semiárido do Nordeste do Brasil, articulando as dimensões sociopolíticas, ambientais, culturais, econômicas e tecnológicas e reconhecendo as diferenças estruturais e culturais e os processos de conservação. A parceria da Fetase com o PDHC é de acompanhamento a mobilizadores sociais cujo papel é motivar, sensibilizar, orientar, conscientizar as comunidades e associações comunitárias no seu processo de organização social e produtiva. O mobilizador também é articulador das políticas públicas, ou seja, um agente que ajuda no processo de construção da cidadania dos agricultores/as, assentados/as e comunidades tradicionais, para que as famílias conheçam as políticas públicas, os programas e projetos e possam acessar créditos, serviços e benefícios.

Ao chegar aqui, vi que a Enfoc é o lugar de transformar. Vejo que a maioria sai daqui transformado (Educando 3).

Eu já estou há um tempinho no MSTTR e, quando fui convidado a participar da Enfoc, com certeza percebi que seria muita experiência (Educanda 2).

Acho que a Enfoc é resumida em uma só expressão: *o outro lado da moeda*. Mostra a realidade que vivenciamos. Vejo que a Enfoc se resume nessa expressão. Minha expectativa era curiosa, querendo saber se daria conta do recado (Educanda 3).

Aprendi, desenvolvi ao falar. Eu tremia muito, ficava bastante nervosa, não me arrependi e agora vou passar pra minha base (Educanda 4).

Saio consciente de que não é preciso fazer texto, é preciso que saiamos sabendo o que é o MSTTR. O que aprendemos aqui levaremos pra nossa base (Educando 4).

Vim da base com uma fome como a de um mendigo. Na primeira turma da Enfoc, eu estava em outros espaços pra dormir e, quando chegava da UFS, acompanhava algumas discussões. Ficava maravilhada. Na segunda turma, acompanhei um pouco e cada vez mais com desejo de mulher grávida. E quando apareceu a proposta da terceira turma, vim com vontade de me transformar. O conhecimento é contínuo e aprendemos todo dia. O que aprendi de saberes foi imenso (Educanda 5).

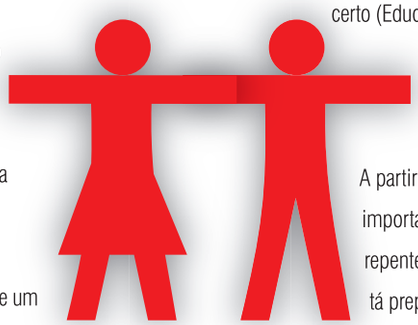
As expectativas geram curiosidades e sentimentos diversos em cada pessoa. É nessa mistura de expressões e desejos que a resposta surge no decorrer da vivência, do clima de interação e na descoberta feita em cada momento vivenciado na escola. Para Freire (1983, p. 75), "É necessário romper com a forma depositária de transmissão, transferência de valores e conhecimentos, onde a relação existente entre professor e aluno é de um sujeito narrador, detentor do saber absoluto e pacientes ouvintes". O mesmo autor ressalta ainda a importância de contextualização dos temas ao cotidiano e valores dos educandos/as.

Como está sendo a experiência de ser educando/a da Enfoc?

Aprendemos compartilhando sofrimento, experiências de vida. A escola também é uma família que temos em casa; você não está aqui sozinho, mas sempre com alguém (Educando 5).

Minha expectativa é passar tudo o que aprendi (Educando 6).

Minha experiência foi muito boa. Antes eu via as coisas de forma negativa e agora posso acreditar que tudo pode dar certo (Educanda 6).



A experiência da Enfoc está sendo a preparação do terreno. Estamos na base. A partir do momento que colocamos a ideia, é importante. Sair do sistema onde degrada e de repente recuperar é recomeçar novamente. O terreno tá preparado, então mãos à obra (Educando 7).

O aprendizado é algo contínuo e inacabado. É no aqui e agora da realidade proposta que os educandos/as despertam interesses, constroem conceitos, desconstroem ideias e vislumbram um novo cenário dentro da sua realidade. É nessa descoberta que as inquietações, sonhos e desejos surgem, com a vontade de lutar por um mundo justo e igualitário, mas também a vivência pode causar um impacto de querer fazer o novo sem encontrar metodologias prontas. Daí a importância de encarar o processo com naturalidade e equilíbrio.

Frente às mudanças, como melhorar as ações no MSTTR?

A partir da Enfoc, pude entender mais a base que assumi. Antes era somente arquivar documentos e agora posso assumir melhor a pasta que adotei. A partir de agora posso fazer isso.

Levar pra base o conhecimento e fora conquistar as políticas públicas e lutar pelos espaços nossos (Educanda 7).

Mudamos muito. Temos um compromisso de levar pra todas as comunidades, de passar para a educação. Não é só hoje com o MSTTR, e sim com o município (Educando 8).

Grupos de Estudos Sindicais – GES

Nos três módulos discutimos sobre a importância dos GES como parte do Itinerário Formativo da Escola, enquanto espaço de diálogo sobre as lutas sindicais e o cotidiano da vida dos trabalhadores/as. Mesmo contando com o apoio da equipe da Federação, houve dificuldades para a construção dos GES no município, em razão de não haver uma metodologia específica e pronta que oriente os passos para esta construção. Neste processo, é necessário o animador possuir iniciativa, criatividade e dinamismo para que os primeiros passos dos GES se constituam. Além disso, é importante usar as estratégias de mobilização para garantir a presença e participação dos grupos. Isso não requer quantidade, e sim iniciativa e vontade de fazer. A equipe da Fetase elaborou um roteiro para registro do trabalho dos GES com fichas de apropriação, de inscrição dos participantes e de avaliação.

O papel dos GES é oportunizar aos sujeitos – homens e mulheres – condições efetivas para que consigam compreender o seu papel militante e buscar superar a condição de dominação a que estão submetidos e buscar romper com velhas práticas. Os GES devem instigar esses sujeitos a partirem da leitura de mundo para trabalhar com o conhecimento e a superarem preconceitos e discriminações de gênero, geração, raça, etnia e região geográfica.

Cada educando/a retornou para seus espaços de militância com a tarefa de realizar atividades intermódulos para criação de GES, mas, devido as dificuldades de encontrar espaço na agenda sindical, muitos não conseguiram realizar a atividade. A rotina dos sindicatos não oportuniza a realização de atividades continuadas, entre outras razões. Mesmo assim, já se percebe pequenos frutos que vão maturando e desabrochando por iniciativa dos trabalhadores e trabalhadoras rurais.

Durante o processo de socialização da atividade do GES, os sentimentos também foram externados pelos educandos/as da Enfoc a partir das experiências trazidas de suas bases, conforme os relatos abaixo:

O GES é a semente de transformação e através dela é regar. É preciso matar o sentimento de medo, de covardia e de desespero pra que ela brote com força (Educanda 8).

O sentimento é de que esse grupo vem a se formar. Esse grupo de GES vai ser multiplicador, vamos dar continuidade ao processo e ao PADRSS. Cada momento que passa tem incentivo. Sonhos que viram realidade para a realização do GES em nossa base (Educanda 9).

Meu sentimento é sentir a necessidade de formar o GES (Educanda 10).

Estes sentimentos sobre a importância dos GES levaram à reflexão sobre as razões, sobre o porquê dessa importância:

O desafio foi bom. Tivemos experiência boa de luta e também de aprender muito com eles. O GES é muito bom para a comunidade, para aprofundar mais e passar conhecimentos pra comunidade. Acho que o GES é uma continuidade do que aprendemos (Educando 9).

O desafio é conscientizar para participar. O sentimento é o poder de conhecimento dessa participação (Educando 10).

O sentimento de GES é dialogar união e não pensar em si próprio para fazer o PADRSS acontecer. Não é fácil colocar

> na base o que aprendemos. Tem que se doar pra dialogar e levar o conhecimento ao trabalhador (Educanda 11).

É no espaço da Escola que os educandos/as aprendem e socializam seus sentimentos e experiências vividas durante o curso. A expressão transcende o interior de cada um e resulta no desejo de fazer diferente a ação. O GES corresponde a uma dessas formas de transformar a ação.

O processo de animação para constituição do GES inicia durante a formação dos educandos/as, ressaltando sempre a importância e o compromisso da multiplicação, socialização das discussões e dos temas trabalhados durante o tempo-escola.

O Estado de Sergipe possui atualmente 11 GES. Discorreremos sobre alguns deles.

Um exemplo de criação de GES está no município de Poço Verde, localizado no centro-sul do estado; este já possuía antes um grupo constituído, mas depois de algum tempo se desarticulou. Com a proposta da atividade intermódulo do curso estadual, os educandos/as de Poço Verde, que foram desta turma da Enfoc, decidiram reativar este GES com apenas nove pessoas. Um dado interessante é o fato de todos serem jovens e não estarem sindicalizados. Este grupo se reúne mensalmente aos sábados e a discussão inicial foi pautada em torno da história do MSTTR. Muito importante também é que eles vêm fazendo visitas práticas em um assentamento de reserva ambiental, sujeito a se transformar em parque ecológico. Como resultado das críticas a esta realidade posta, e discutindo juntamente à pessoa responsável pelo assentamento, o grupo sentiu a necessidade de realizar um seminário no município sobre o uso dos agrotóxicos e sobre o Código Florestal. Além disso, este grupo está em processo de sindicalização.

A partir da experiência e sucesso desse grupo, o sindicato de Poço Verde já multiplicou essa estratégia formativa, criando mais quatro grupos no município. Outrossim, o STTR realizará um encontro de formação para apresentar a Enfoc aos participantes dos GES, bem como seus objetivos e estratégias formativas.

Outro exemplo de criação de GES está no município de São Cristóvão, região do Vale do Cotinguiba. A provocação de criar o GES no município surgiu em 2010, pela necessidade de reunir aquicultores/as e agricultores/as da região, por ser um local de criação de aquíferos. Este grupo vem se reunindo às quintas-feiras e discute temas como o resgate do MSTTR, suas lutas e desafios. Além disso, eles agregam professores da Universidade Federal

de Sergipe, que contribuem na discussão sobre as áreas estuária e ribeirinha. Devido às dificuldades que o STTR e a associação de aquicultores têm enfrentado em continuar trabalhando em áreas de antigas salinas na criação de camarão e espécies nativas, o GES conseguiu sensibilizar a Universidade Federal de Sergipe (UFS) para, em parceria, fazer uma pesquisa de como os aquicultores familiares podem produzir as espécies citadas de forma sustentável, causando menor impacto possível ao meio ambiente e melhorando a qualidade de vida dos trabalhadores e trabalhadoras na aquicultura.

Por fim, o exemplo mais recente de criação de GES está no município de Cumbe que, a partir da atividade intermódulo da terceira turma regional da Enfoc – que foi socializar a estratégia formativa da escola e divulgar e estudar o caderno da Marcha das Margaridas – as bases sindicais foram estimuladas e mobilizadas para leituras, debates, estudos. Dessa forma, na sequência dessa atividade, foi criado o primeiro GES do município de Cumbe. O grupo é composto por 11 pessoas e existe em sua composição dirigentes do sindicato e trabalhadores/as rurais associados e não associados.

Nesse sentido e depois das experiências relatadas acima, podemos afirmar que a formação do GES gera prática e impele o grupo a realizar ação concreta que extrapola o espaço restrito da reunião. O GES, enquanto parte do itinerário da Escola, visa estabelecer vínculos com o cotidiano sindical, de modo a trazer a realidade para a reflexão coletiva e ao mesmo tempo transformá-la.

Rede de Educadores e Educadoras Populares da Enfoc em Sergipe

A Rede de Educadores e Educadoras Populares do estado de Sergipe é formada por diretores/as da Federação, dos STTRs, coordenadores/as de polo sindical, secretaria de formação e assessores/as.

Nessa Rede, temos encontrado diversos desafios para sua ampliação e fortalecimento, contudo, Sergipe vem conseguindo superar alguns dos percalços encontrados e a realização da 3ª Turma da Enfoc Estadual foi fundamental para isso. Esta atividade foi realizada por meio de recursos financeiros próprios. Isto demonstra o comprometimento da Fetase quanto ao processo de formação para os trabalhadores/as rurais. Ressaltamos ainda que a Rede, composta pelos educadores/as formados nas primeiras turmas, contribuiu sobremaneira no incentivo à participação mais efetiva dos educandos/as dessa terceira turma, por meio dos depoimentos nas reuniões de sindicatos e polos sindicais, relatando as benesses do processo de formação, bem como reconhecendo a importância da Enfoc na prática sindical, no sentido de possibilitar aos seus militantes um conhecimento mais aprofundado a respeito da história do MSTTR, além de, com isso, contribuir para ações mais qualificadas.

Nesse sentido, a diretoria da Fetase e seus assessores/as têm avaliado a importância de realizar de um grande encontro que reúna as três turmas que passaram pela Enfoc estadual, com o objetivo de avaliar todo o percurso feito, seus impactos em cada um/a e provocar uma reflexão profunda em torno da constituição da Rede no estado. Além disso, a Federação sente a necessidade de reunir colaboradores/as que contribuíram com as atividades da Escola para agregarem-se a esta Rede, contribuindo para o seu fortalecimento e também para que a formação aconteça como um processo contínuo e permanentemente apresente subsídios para a luta sindical e prática militante do MSTTR.

Considerações finais

A contribuição da sistematização em todo o percurso formativo do curso estadual nos aponta novos rumos para "o fazer educativo" de nossa prática formativa, pois é no momento em que proporcionamos espaços de reflexão e diálogo com as vivências da Escola que descobrimos, pela expressão dos sentimentos das

pessoas, suas inquietações e avanços de compreensão, por serem parte dessa Rede Enfoc, que muitas transformações estão ocorrendo em nosso meio.

Entretanto, faz-se importante avaliar o processo feito e não deixar perder essa chama que ficou acesa durante a vivência da Escola nesses 15 dias de tempo-escola. O desafio para nós se situa no fortalecimento dessa rede que é necessária para garantir suporte eficaz para a continuação do processo formativo nas bases, na constituição do GES e em todos os momentos de atuação e luta liderada pelos nossos dirigentes sindicais.

Com isso, a Federação e os sindicatos do estado de Sergipe precisam repensar as estratégias formativas nas bases, garantindo o acompanhamento das estruturas já construídas e remodelando o projeto político-pedagógico como instrumento norteador que permeará o nosso fazer formativo de agora em diante.

Referências da Singularidade

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação.* São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

BEER, Max. *História do Socialismo e das Lutas Sociais.* Tradução Horácio de Melo São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral: Pulus, 1991

BROUGHAM, Henry Peter. Discurso (1828), 1992, p. 113. IN: SANTOS, J. A. N. Matriculando a Educação na escola da qualidade total. Revista Universidade - a busca da qualidade. IBRAQS. v.1, n.1. mar./abr. São Paulo, 1994.

CARVALHO, Horácio Martins. *Comunidade de Resistências e de Superação.* Curitiba: Peres Ltda., 2002.

_____. Angustiado trigal. IN: _____ Pássaros da Liberdade. São Paulo, edição do autor, 1975.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA – CONTAG. *Enfoc:* Escola Nacional de Formação, lugar de transformação política. Brasilia: CONTAG, 2008.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA – CONTAG. *Política Nacional de Formação.* PNF. Brasilia. CONTAG, 2008.

_____. *Projeto Político Pedagógico da Formação do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais.* Brasília: Contag; Fetags; STTRs, 2008.

_____. *Revista da Contag 40 anos.* Publicação referente ao 40º aniversário. Brasília: Contag, 2003.

ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO DA CONTAG – ENFOC. *Relatórios dos Módulos do Curso de Formação de Educadores e Educadoras em Desenvolvimento Rural Sustentável.* Curso Estadual de Formação da CONTAG. ARACAJU: Enfoc Sergipe, 2010.

_____. *Relatos de educandos e educandas.* São Cristóvão: Enfoc Sergipe, 2010.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. CONTAG-RJ. Relatórios e documentos. Disponível em: http://www.fetagrs.org.br/nx/index.php?option=com_content&task=view&id=173& Itemid=180. Acesso: 05 jul/2011.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA NO ESTADO DA BAHIA – CONTAG BA. Disponível em: http://www.fetag-ba.org.br/fetag.php?pg=content&id=186 data de. Acesso EM: 14 de agosto de 2011.

_____. *Repercussões de um jeito de ser escola.* Raimunda de Oliveira Silva (org) et al. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – Contag, 2010. 166 p. (Experiências Enfoc 1)

ENGELS, Friedrich. *A origem da família,* da propriedade privada e do Estado. Tradução de Leandro Konder. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

FALKEMBACH, Elza M. F. *Sistematização, uma arte de ampliar cabeças.* In: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE-MMA/PDA, 2006. (Série Sistematização 11).

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – FETAG-RJ. *Arquivos da Fetag-RJ*. Rio de Janeiro, 2008.

FÓRUM DO TRABALHO. *Centrais sindicais do Brasil.* Disponível em: http://forumdo trabalho.blogspot.com/2009/04/centrais-sindicais-do-brasil.html. Acesso: 05 jul/2011.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

_____. *Educação e Mudança*, 12 .ed. São Paulo: Fazer Terra, 1983.

_____. *Educação como prática da liberdade.* 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. P*edagogia da Autonomia.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Professora sim, tia não:* cartas a quem gosta de ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

_____ e BETTO, Frei. *Essa escola chamada vida.* Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Pedagogia da Autonomia:* saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. Paulo. *A importância do ato de ler:* em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir ET AL. *Pedagogia:* diálogo e conflito. 4.ed.,São Paulo:Cortez,1995.

GRAMSCI, Antonio. 1891-1937 *Cadernos do Cárcere.* Volume 1. Introdução ao estudo da Filosofia. A filosofia de Benedito Croce. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

IANNI, Octavio. *Florestan Fernandes:* Sociologia Crítica e Militante. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

IASI, Mauro Luis, *Ensaios Sobre consciência e emancipação.* São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. Apresentação: Nada deve parecer impossível de ser mudado. In. BEER, M. História do Socialismo e das lutas sociais. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

LETIZIA, Vito. Marx, os Marxistas e a relação sindicato-partido-socialismo: seu passado e seu futuro. In NÓVOA, Jorge (Org.). *Incontornável.* Marx. São Paulo: UNESP, 2007.

LOWY, Michael. *O Pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

MATO GROSSO DO SUL. *Informações sobre o estado.* Disponível em: www.ms.gov.br. Acesso: 07 jul./2011.

_____. *Informações sobre o estado.* Disponível em: www.portaldoms.com.br. Acesso: 07 jul./2011.

MERREM, Alexandre B. *Educador e Aprendiz.* Disponível em: http://www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/merrem.htm. Acesso em: 30 jun./2011.(28 de novembro de 2005).

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA – MST. *O legado de Che Guevara:* Jornada de Solidariedade e de Trabalho Voluntário. São Paulo: Maxprint Ed. Graf. Ltda., [199_].

MOCHOVICT, Luna Galano. *Gramsci e a Escola*. São Paulo, Ática, 1992.

PALUDO, Conceição e BEATRICI, Rodrigo Ferronato. *Sistematização de Experiências de Trabalho Popular.* Ronda Alta: Fundep, 2007.

PÉREZ, Manolo Monereo. *Che Guevara:* contribuição ao pensamento revolucionário. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

RIO DE JANEIRO. *Informações sobre o estado.* Disponível em: http://www.rj.gov.br/web/guest;jsessionid=45F71866FB2264657E79B883465075C8.lportal3. Acesso em 18. Ago.2011.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). Dicionário Paulo Freire. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Aprendizagens, desafios e perspectivas

Iara Duarte Lins

Assessora de Organização e Formação, Educadora Popular, Advogada

Raimunda de Oliveira Silva

Assessora de Organização e Formação, Coordenadora Pedagógica, Historiadora

Esta segunda publicação deixa evidente que a Enfoc deve manter como prioridade, em sua estratégia pedagógica, a sistematização, visto que por meio dela conseguimos dar vozes aos sujeitos que vivenciam o dia a dia da luta sindical e promover mudanças nas práticas sociais. Essas vozes nos mostram quais mudanças estão acontecendo a partir desse meio de fazer formação, em que os princípios da educação popular permeiam o fazer pedagógico, e o ensinar/aprendendo é inerente a todo o processo formativo, respeitando as diversidades e buscando construir uma nova sociabilidade.

Além de identificarmos a importância da sistematização para a redefinição de caminhos, tanto para a formação quanto para a prática sindical, quando estes se mostram frágeis, esta modalidade de investigação nos possibilita constatar que a produção de conhecimentos proporcionados pela inserção no Itinerário Formativo da Escola, seja no âmbito nacional, regional, estadual, municipal ou comunitário contribui para o empoderamento individual e coletivo dos seus educandos/as e educadores/as. Possibilta a democratização do conhecimento, uma inserção mais eficaz no espaço da atuação militante e uma reflexão sobre o mundo em que vivem esses educandos/as e educadores/as.

Outro caminho que nos pareceu acertado na elaboração desta segunda publicação foi identificar as singularidades que agregaram os textos produzidos por alguns estados, em razão das convergências por eles demonstradas nos modos de recriar a formação. Ao olharmos para as quatro singularidades, percebemos como a multiplicação criativa tomou forma e jeito, dando cor e tempero necessários para a consolidação da Enfoc.

Na primeira singularidade, *O itinerário formativo reiventado*, vimos como mudar o itinerário formativo da Escola foi importante para fortalecer as lideranças que estão nos sindicatos, consequentemente mais próximos dos trabalhadores/as rurais. *Os espaços intermediários* foram responsáveis pela animação e construção dos GES; a formação de equipes pedagógicas serviu para entrelaçar as demais secretarias na consolidação da Rede de Educadores/as Populares da Enfoc, e a criação de diversos GES nas comunidades, identificados nesta singularidade, mostra que estamos no caminho da expansão do Movimento. Na singularidade *Matriz pedagógica*, fica evidente que o conhecimento adquirido mediante os temas aprendidos pelos educandos/as possibilitaram resgatar a identidade camponesa desses sujeitos, fazendo-os compreender qual o seu papel enquanto representantes dos trabalhadores/as rurais. E, por fim, a singularidade *Entrelaçando práticas e saberes*, *relato da vivência* foi a que congregou o maior número de estados. Relata como se deu todo o processo formativo da multiplicação criativa, desde a escolha dos participantes até o momento tão esperado da formatura, momento este sempre carregado de emoções e de esperança, especialmente a de que homens e mulheres do campo têm o direito de adquirir conhecimentos. A Enfoc é uma escola de inclusão.

Com esse novo jeito de ser Escola e de compreender o mundo, os educadores/as populares da Enfoc têm vários desafios a percorrer. A criação e animação dos GES são os maiores desafios a serem enfrentados por esta Rede de Educadores/as Populares. É nas comunidades rurais que o conhecimento trabalhado precisa se enraizar; é lá que as lideranças sindicais vivem e se envolvem com a disputa de poderes; é nesses espaços que as necessidades dos trabalhadores/as rurais são criadas e precisam ser reconhecidas.

Sabedores desses desafios e acreditando nesse caminhar – que é a formação acontecer em processo e chegar às comunidades através do GES –, os textos apresentados nesta coletânia demonstram, para o MSTTR, a importância da formação, uma vez que é por meio do processo formativo que os educandos/as e educadores/as participam do resgate da história do Movimento, dos enfrentamentos, das conquistas obtidas, e isto reforça o respeito e a credibilidade em relação às entidades que fazem o Movimento – Sindicatos, Federações e Contag.

Uma reflexão sobre o cuidado

Elza Maria Fonseca Falkembach,Doutora em Ciências Humanas

Introdução

O texto tem por objetivo refletir sobre o trabalho com o conhecimento possibilitado pela sistematização e analisar como essa forma de investigação, de práticas sociais, afeta os sujeitos das práticas, levando-os a mudanças nas suas relações consigo e com os outros e motivando-os a um cuidado de si que torna mais intensa sua convivência com seus pares e com suas práticas. Procura evidenciar, também, como esse cuidado de si vai granjeando espaço em processos formativos, como o da Enfoc/Contag, e como passa a fazer parte das vivências e expectativas dos educandos/as e educadores/as da Escola, ao ponto de poder ser considerado um direito para sujeitos que se dedicam à ação social, nos mais diversos espaços da vida social.

Um trabalho com o conhecimento

Os processos de formação político-sindical liderados pela Enfoc desde a criação da Escola, em 2006, tem se orientado por princípios que os tornam densos e, ao mesmo tempo, acolhedores. Inspirados na educação popular, com a qual aprendem a fazer a crítica aos contextos onde se inscrevem e a refutar uma tradição pedagógica, reprodutora de relações pouco abertas ao diálogo, que ainda predomina em muitas escolas brasileiras, esses processos tornam-se criteriosos para lidar com as diversas formas de expressão da vida social e com os sujeitos que as expressam. Não encobrem, em seus currículos, os fios de uma história que merece repúdio, porque vivida e contada “desde cima”, sob a ótica

das elites responsáveis pela expropriação das riquezas naturais e humanas criadas neste "nosso" Brasil, desde a longínqua colonização até os dias atuais. Enfatizam, por sua vez, uma história recontada, "desde baixo", a partir daqueles e daquelas que, enquanto geram riquezas materiais e formas inéditas de viver e conviver, procuram resistir à referida expropriação.

Com isso, esses processos de formação mostram como sujeitos e culturas que se encontram, na exploração e no sofrimento, têm criado sentido para "viver a vida" com esperança. Esperança na possibilidade de transformar as relações sociais de opressão e de vencer a invisibilidade a que foram condenados/as, mediante essas mesmas relações. Até porque muitos deles protagonizaram momentos dessa história enfrentando relações de poder, aparentemente inflexíveis e imutáveis, mas que desmoronaram frente à pressão da sociedade civil. Referimo-nos às relações de poder que predominaram durante as ditaduras militares da segunda metade do século XX, no Brasil e em outros países latino-americanos, como enfocam alguns textos que esta coletânea reúne.

Outro ponto a destacar na trajetória da Enfoc é sua disposição a enfrentar preconceitos e a fazer da tolerância à diversidade um atributo político que traz para a prática educativa o diálogo e a disposição de bem lidar com os conflitos que permeiam as relações humanas, sabendo distinguir aquelas que de fato oprimem daquelas que perturbam pelas tensões que provocam entre companheiros.

Paulo Freire (1992, p. 39), o renomado educador popular que tem inspirado os passos da Enfoc, nos apresentava a tolerância como "a virtude revolucionária que consiste na convivência com os diferentes para que se possa melhor lutar contra os antagônicos". E apontava nas histórias de nossos países, momentos em que a virtude da tolerância, que é capaz de afastar das relações humanas e sociais o sectarismo, sem impedir que elas se mantenham radicais, foi empalidecida pelas dificuldades de conhecimento e de relações de nossas instituições sociais. Dificuldades de perceber que a conjuntura, então vivida, demandava muito mais a aproximação para criar estratégias próprias de lutas por libertação, forjadas na discussão e no diálogo, entre esses diferentes, do que a persuasão e o dogmatismo dirigidos a criar falsa unidade ao reproduzir pensamentos, estratégias e ações construídos em tempos e situações diferentes daquelas que deveriam ser enfrentadas na contemporaneidade.

A Enfoc tem afastado da sua formação político-sindical as atividades fragmentadas, as repetições e, como afirmamos, a reprodução. No lugar disso, tem criado processos continuados dotados de convivência criativa e atenta à possibilidade de uns aprenderem com os outros, enquanto criam. Em razão disso, quanto mais lidar com a diversidade de saberes, sujeitos e vivências, mais elementos confluirão para animar as atividades educativas que integram esses processos. É o que vemos na denominada "multiplicação criativa" que ocorre nas diferentes instâncias do seu "itinerário formativo": cursos, oficinas Rede de Educadores e Educadoras Populares e Grupos de Estudos Sindicais, todos permeados por densos diálogos pedagógicos. Nesses casos, não se propõe a repetição, mas a constituição de uma atitude de voltar-se à ação, criando novas configurações para os espaços educativos.

Não é sem razão que a Enfoc, a cada atividade que alcança realizar, renova a esperança de se constituir em ferramenta da Contag, das Federações e dos Sindicatos para a construção de um sindicalismo ativo e combatente capaz de intervir no processo de desenvolvimento do meio rural brasileiro, de forma a tornar mais democrático o acesso à terra e mais solidárias e sustentáveis as relações que sobre ela são criadas. Quer contribuir para que o Movimento Sindical leve à frente suas lutas estratégicas, ou seja:

> a realização de uma ampla e massiva reforma agrária; a ampliação, valorização e fortalecimento da Agricultura Familiar; a ampliação dos direitos trabalhistas e previdenciários; a política permanente de valorização do salário mínimo; a proteção infantojuvenil e erradicação do trabalho escravo; defesa de uma educação do campo diferenciada pública e gratuita; a saúde integral pública e gratuita; o respeito à autodeterminação das populações tradicionais; a preservação dos biomas e recuperação de áreas degradadas; a superação das desigualdades e de todas as formas de discriminação, especialmente as fundadas no gênero (ENFOC, 2008, p.27).

Com isso, a Enfoc estará atuando de forma a conservar abertos alguns caminhos que levam a uma convivência respeitosa entre os humanos, suas sociedades e natureza; para que, de fato, eles tenham na "terra" um lugar que acolha os "filhos da terra".

A sistematização na Enfoc

A sistematização passa a ser procurada pela Enfoc para potencializar a intencionalidade de, em seus processos formativos, afastar a mera reprodução de conhecimentos e persuasão dos educandos e educandas à assimilação de blocos de conhecimentos descontextualizados e distantes da pulsação da vida. O interesse da Escola dirige-se, então, a unir a negação, a construção e a reconstrução de conhecimentos com o exercício da aprendizagem; a impulsionar "o saber observar", o "o saber pensar", mas também "o saber agir" e, para que isso aconteça, não teme a mudança.

Procura ter presente o processo formativo que realiza desde que foi criada e o faz, não só para recordar. Ao analisar "porções" dessa formação, quer "digerir a multiplicidade de conhecimentos" que condensa e os faz crescer, conhecimentos que são trabalhados de forma associada à recuperação da memória da prática político-sindical "histórica" do MSTTR. Espera com isso melhor conhecer a maneira do Movimento conceber e fazer política e oferecer-se como "recurso" intelectual que o auxilie a reconhecer suas debilidades, perdas e tensões, mas também a identificar as conquistas e ensinamentos que poderá incorporar e fazer uso para enfrentar, com força e criatividade, o que há por vir.

Reconhece que a sistematização constitui-se um dispositivo da educação popular que favorece a realização desse conjunto de pretensões e permite que educadores/as e educandos/as problematizem suas práticas educativas e sobre elas construam/reconstruam conhecimentos e aprendizagens. Esta modalidade de investigação consiste, portanto, em um trabalho do pensamento, realizado por coletivos sociais que são/fazem parte de práticas, transformadas em objeto de conhecimento, na medida em que eles as problematizam. Esses coletivos assumem, na sistematização, o estatuto de sujeito/objeto; investigam e são, concomitantemente, investigados. Os conhecimentos e aprendizagens gerados, mediante a sistematização, impulsionam mudanças no âmbito das práticas e nos sujeitos dessas. Como afirma Torres (2010, p. 22),

> podemos definir la sistematización como una autorreflexión que hacen los sujetos que impulsan una experiencia de acción social o educativa, a partir del reconocimiento de los saberes que ya poseen sobre ella y de un esfuerzo colectivo e intencionado por reconstruirla, de comprender los contextos, factores, sentidos y elementos que la configuran, con el propósito de fortalecerla y transformarla.
>
> (…) la sistematización busca mejorar la propria práctica: generar ajustes, desplazamientos y cambios necesarios para que el programa o proyecto sistematizado gane en eficacia social y riqueza cultural.

Na medida em que a problematização/reflexão vai pôr em evidência os sucessos, mas ainda os problemas,

tensões, e os significados, nem sempre coincidentes, que os sujeitos que integram essas práticas atribuem às mesmas, há uma desestabilização que passa a demandar "ajustes, deslocamentos e mudanças", como apontado pelo autor, para que as práticas alcancem "eficácia social e riqueza cultural". Por sua vez, esse movimento se estende aos sujeitos das práticas, porque a quebra da estabilidade recai também sobre eles, já que revela sucessos, e até insucessos em relação às expectativas que tinham quanto às formas de relação construídas no interior das práticas e com os sentidos que acreditavam impulsioná-las em meio aos contextos por onde atuavam. Tal constatação faz com que esses sujeitos se defrontem com a incômoda sensação de incompletude.

Já há algum tempo que, ao refletirmos sobre isso, nos deparamos com a densidade teórico-prática e ético-política de um processo como o de sistematizar práticas sociais. E também com a necessidade de, não só levarmos a termo processos de sistematização, mas, concomitantemente a essa prática investigativa, assumirmos outra tarefa que é a de refletir sobre o que se passa com os sujeitos das práticas quando constituem coletivos ao sistematizá-las e se dispõem a produzir conhecimentos de forma intencional. É, então, que vamos procurar por autores que nos auxiliam a teorizar sobre "a sistematização como experiência" e sobre "a ética do cuidado na relação do sujeito com o conhecimento", que essa modalidade de investigação propicia.

A sistematização como experiência

Ao conceber o texto "Enfoc, uma forma de vida", publicado no primeiro volume da série "Experiências da Enfoc", dedicamos alguns momentos para refletir sobre os significados do termo "experiência" presentes em obras de autores com os quais já há algum tempo temos nos identificado quanto à abordagem de temas relevantes para o trabalho que desenvolvemos com a sistematização na educação popular. Além de Paulo Freire, pensador que vem iluminando a educação popular latino-americana e, em especial, a prática da Enfoc, e que trata a experiência como "uma situação existencial refletida" (MOLINA, 2008, p. 186), são as contribuições de Michel Foucault que mais têm nos instigado nesta reflexão.

A característica de "intensidade", sempre presente nas concepções de "experiência" expressas nos escritos do autor, leva-nos a fazer associações com "o que se passa" com os sujeitos quando esses se deixam tomar pelo trabalho do pensamento, forjado em práticas de sistematização (o que tem nos levado a conceber a sistematização como experiência). Da experiência saímos transformados, dizia o pensador francês. Após a sistematização, "já não somos os mesmos", afirmam os sujeitos das práticas com os quais interagimos em trabalhos com essa modalidade de investigação, o que pode ser ilustrado pelo fragmento do poema de Celma Moreira da Silva (2010):

> Na sistematização mergulhamos na prática
> E quando emergimos,
> Não só saímos impregnados com seus elementos,
> Como deixamos "fragmentos de si".
> E na construção,
> Na sua soma final,
> Encontramos um "novo Eu"

Essas transformações podem dar-se no plano do sujeito mas, como nos traz Revel (2005, p. 49), com base em estudos da obra de Foucault, a experiência "é plena somente na medida em que escapa à pura subjetividade, isto é, que outros podem cruzá-la ou atravessá-la". Em seus derradeiros estudos, segue Revel, o autor vai situar a experiência no campo político, vai reconhecê-la como momento da transformação, como resistência a relações de poder

e a formas de modelar os sujeitos, que os submetem, que os oprimem. É, então, que ele reforça o já sugerido por pensadores como Nietzsche, com quem dialogou. Assim, podemos inferir: é preciso negar essas condições que "paralisam" as pessoas, as culturas, as sociedades para que possamos construir/reconstruir.

Nietzsche, em reflexões sobre a educação já apontava: [...] "a primeira virtude do homem é ousar ser ele mesmo. É preciso triunfar sobre si mesmo, isto é, sobre a natureza que lhe foi inculcada e o tornou inepto para a vida", ou seja, retirar a amarras para abrir-se para a vida. (DIAS, 2003, p. 67). Assimilar o passado, mas deixando emergir a "força plástica de um homem, de uma nação, de uma civilização [...]", quer dizer, "a capacidade de crescer, agir e criar". (p. 61).

Foucault, por sua vez, ressalta como a experiência torna possível, inclusive, a recusa "a ser o que se é". Não para negar-se, apenas, mas para recusar uma forma de ser sujeito com a qual esse está em dissonância, porque está lhe impossibilitando um bem viver.

Ao seguir seus estudos, o autor vai mostrar que, no campo da experiência, há possibilidade de se reunirem três elementos: "um jogo de verdade, relações de poder, formas de relação consigo e com os outros" (FOUCAULT, 2004, p. 231; CASTRO, 2009, p. 162). E que esses três elementos estão muito próximos uns dos outros; um afeta o outro ao ser abordado, mas há como dar mais peso à análise de um ou outro, conforme a situação. Nesta perspectiva e levando em conta as demandas e os feitos da sistematização, é que pretendemos pensar um pouco mais sobre a relação do sujeito consigo e com os outros; tratar do cuidado de si; refletir sobre a relação do sujeito com o conhecimento e sobre suas aprendizagens, e ainda sobre as condições que passam a ser criadas, mediante os achados da sistematização para sua vigorosa participação nas relações de poder.

A ética do cuidado

O interesse pelo conhecimento que a sistematização é capaz de engendrar, entre aqueles e aquelas que dela participam, tem em muitos casos levado esses sujeitos a intensificar sua reflexão sobre si. Primeiro, porque o conhecimento os sensibiliza, por revelar faces das suas vivências ainda não percebidas e por problematizá-las (apontar fatos, práticas e pensamentos que colocam problemas para as mesmas). Segundo, porque o conhecer gera desdobramentos sobre a constituição dos sujeitos – sobre o ser si. Afeta seus gestos, emoções, atitudes, interesses e, inclusive, reordena suas prioridades.

Paulo Freire recomendava aos educadores/as com quem se relacionava que trabalhassem a curiosidade dos seus educandos/as. Alertava para a necessidade de, em processos educativos, essa curiosidade transformar-se de ingênua em epistemológica, ou seja, tornar-se metódica e exigente (FREITAS, 2008, p. 119). Poderíamos com ele sugerir, para favorecer essa passagem, que os/as educandos/as passassem a preocupar-se não apenas com o "o que" e "o como" dos fenômenos estudados, mas especialmente com o "como assim", com o entendimento dos seus condicionamentos. Afirmava, por sua vez, que a possibilidade de acesso ao conhecimento, de forma mais "apurada", poderia favorecer o "Ser mais", "aprimoramento individual necessário ao convívio coletivo" (VASCONCELOS; BRITO, 2006, p. 176); vocação do ser humano "afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada" (p. 177). Seu alerta mesclava, então, uma preocupação de cunho epistemológico e o trato com os campos ético e político do viver.

Michel Foucault, desde outra perspectiva, dedicou parte de sua obra perguntando sobre o ser si. Sua preocupação com a conversão dos indivíduos em sujeitos, ou seja, com os distintos modos de

subjetivação, o levou ao campo da ética, desde onde desenvolveu estudos sobre a relação do sujeito consigo mesmo, sobre o cuidado de si. Segundo o autor (FOUCAULT, apud REVEL, 2005, p.85),

> no curso de sua história, os homens jamais cessaram de se construir, isto é, de deslocar continuamente sua subjetividade, de se constituir numa série infinita e múltipla de subjetividades diferentes, que jamais terão fim e que não nos colocam jamais diante de alguma coisa que seria o homem.

Esse deslocamento contínuo se dá, assevera o autor, em razão das determinações históricas, mas também devido à experiência que leva o sujeito a um trabalho consigo mesmo, a práticas de autoconstrução. "Ocupar-se de si" e "conhecer-se", à moda dos gregos, na Antiguidade clássica, são formas que esse trabalho assume enquanto vai se dirigindo à autoconstrução. E não se constitui como um trabalho que subtrai o sujeito da convivência. Pelo contrário, o leva ao cuidado do outro.

A citação de Revel (2005, p.34), estudiosa da produção de Michel Foucault, constitui-se em uma boa síntese do que procuramos esclarecer:

> Na Antiguidade clássica, o cuidado de si não está em oposição ao cuidado dos outros: ele implica, ao contrário, relações complexas com os outros porque é importante, para o homem livre, incluir na sua "boa conduta" uma justa maneira de governar sua mulher, suas crianças ou sua casa. O *éthos* do cuidado de si é, portanto, uma arte de governar os outros e, por isso, é essencial tomar cuidado de si pra bem governar a cidade.

Nesse período, a dimensão política do cuidado de si se manifesta de forma contundente, entre os gregos (principais "referências" para o estudo da ética, nas obras de Foucault). A grande preocupação pedagógica concentrava-se, então, em possibilitar o uso de técnicas para exercitar o cuidado de si e o aprendizado sobre si. Esta era uma forma de o indivíduo preparar-se para governar. "Era preciso aprender sobre si mesmo, cuidar de si mesmo, para que fosse possível dedicar-se a cuidar dos outros, a conduzi-los" (GALLO, 2008, p. 183). Um bom governante seria aquele capaz de ter domínio sobre si, pois esse aprendizado o levaria a desdobrar essa relação no trato com os outros e com a cidade.

No denominado período helenístico (fim do século IV aC ao fim do século I aC), a dimensão política do cuidado vai perder espaço para a ética, identifica Foucault. O trabalho sobre si passa a ocorrer mediante técnicas que priorizam o "conhecimento de si" em detrimento do "ocupar-se", o que vai deslocando o foco da preparação daquela elite que era educada para governar, da política para a filosofia. A preocupação pedagógica, nesses tempos, será a de orientar as práticas de cuidado para a experimentação de uma forma de vida que pudesse ser vista, lembrada e desejada como uma obra de arte, uma estética de existência.

O contato com o legado de Foucault e com produções que vêm acontecendo em torno de sua obra tem levado nosso pensamento a dispensar muita atenção para identificar como se apresentam os campos da ética e da política nos espaços do trabalho que realizamos com o conhecimento, na educação popular e na sistematização, especialmente. Esta atenção vai alojar-se no movimento de cada prática acompanhada. A observação das formas de convivência, presentes nos cotidianos dessas práticas, leva-nos a perguntar, então: quais as condições que os homens e mulheres que essas práticas reúnem dispõem para agir com liberdade na criação de formas de convivência em que a reciprocidade represente uma característica marcante? O que isso produz sobre

eles e elas? Como constroem aprendizagem e lidam com o conhecimento a partir dessa convivência?

Essas considerações e interrogações vão reportar-nos ao processo de formação da Enfoc, especialmente à Rede de Educadores e Educadoras Populares, criada nos espaços desta Escola. Que forma de convivência tem sido gerada no âmbito desses processos educativos e como essa Rede tem ajudado a modelá-los? Até que ponto as práticas de cuidado que a Rede incita asseguram continuidade às relações construídas nos cursos promovidos pela Escola e ajudam sua expansão por meio da multiplicação criativa que permite a realização de novos cursos e a chegada da formação às comunidades rurais, por meio de Grupos de Estudos Sindicais?

Os textos que esta coletânea reúne podem ser lidos sob este foco. Se assim feito, sem dúvida, teremos muitos elementos para incitar os diálogos pedagógicos da Escola e para aprimorar o trabalho que cada educando/a tem realizado sobre si, com a presença de seus pares, no sentido de mais conhecer para construir condições de exercer, com "eficácia social" e política e "riqueza cultural", sua militância.

Para prosseguir nossa reflexão, cabe retomarmos as contribuições de Gallo (2006, p. 188) sobre "cuidar de si e cuidar do outro", desenvolvidas com o olhar dirigido ao campo da educação, pois elas nos auxiliam a melhor compreender a dimensão de prática coletiva (e de mútua dependência dos sujeitos) atribuída por Michel Foucault a essa forma de trabalho consigo.

> Aí está a reciprocidade de uma ação ética baseada num cuidado de si e num cuidado do outro, em que o jogo da construção da liberdade só pode ser jogado como um jogo coletivo, de mútuas interações e relações, em que as ações de uns implicam em ações de outros. Um jogo em que uns se fazem livres, aprendendo da liberdade dos outros; em que uns se fazem livres na medida em que ensinam a liberdade aos outros.

Temos explícito, na relação conjecturada, um jogo em que o dar-se conta de si move o "eu" na direção de um "nós" e forja uma teia de relações entre os sujeitos que, ao mesmo tempo, vai tecendo uma forma de vida, por meio de técnicas, práticas e processos que os aproximam e afastam, acolhem e provocam e, com isso, desencadeia comportamentos, atitudes, convivência, gera aprendizagem e expande a sociabilidade.

O cuidado como direito

Uma forma de vida pautada na reciprocidade e concebida na experimentação, já afirmava Foucault (1994, p.4), "pode dar lugar a relações intensas que não se parecem a nenhuma daquelas que são institucionalizadas"; (...) "pode dar lugar a uma cultura e a uma ética".

Uma forma de vida, assim forjada, é jogo incessante, atestamos. Como tal, é possível "acontecer", desde que mantida sob crítica e reconstrução, nos mais variados espaços da existência humana, inclusive nos espaços formais de instituições como a escola, a família, o sindicato, o movimento social, reinventando cotidianos, promovendo a expressão e interação de distintos sujeitos e impulsionando mudanças. É espaço de diálogo; é prática de liberdade que toma forma de uma cultura; é espaço de cuidado (FALKEMBACH, 2011).

Participar dessas experiências humanas, experiências/experimentação, dá ao sujeito a condição de trabalhar o conhecimento sem a pressão de processos disciplinares, prescrições, currículos fechados e normas descontextualizadas. Permite fazer do diálogo dispositivo de comunicação e interação entre os

sujeitos dos processos educativos e desses com os conhecimentos (inter e transdisciplinaridade); os induz a fazer escolhas, definir temáticas, currículos, metodologias e formas de avaliação em seus processos educativos.

Constitui-se, também, em oportunidade de viver a educação sem afastar-se das práticas sociais e políticas que protagonizam e dos coletivos que integram. Enfim, uma forma de vida assim cunhada dá lugar a esse sujeito ocupar-se de si, elaborar-se, transformar-se, encontrar "jeitos de ser" que não levem à negação de si, nem à exclusão do outro; trabalhar-se para conduzir-se bem no espaço privado e na cena pública; cuidar-se.

Os modos como essas "formas de ser" e de "bem viver" têm sido praticadas nos processos formativos da Enfoc remetem a algo que foi conquistado por coletivos organizados, atentos e responsáveis. É por esta razão que a Escola tanto zela por suas conquistas que já não podem ser suprimidas das vidas de educando/as e educadores/as populares que, hoje, também se organizam em Rede.

Essas conquistas, por sua vez, vão granjeando visibilidade à medida que se apresentam recriadas em outras vivências, até mesmo fora da Escola. Adquirem status de "direito". "Direito" ao cuidado; cuidado de si, esse que dá maior intensidade à relação do sujeito consigo mesmo, e à possibilidade de, em liberdade, traçar estratégias de relação com os outros e com o ambiente social e natural do seu tempo. E que faz, do conhecimento, fonte de alimentação para esses sujeitos, de modo que frutifiquem nas práticas por eles protagonizadas.

Referências

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault:* um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador.* 3. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

ENFOC – Escola Nacional de Formação da CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. *Política Nacional de Formação – PNF.* Brasília: CONTAG, 2008

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. *O caso da Enfoc/ Contag, uma escola sindical no Brasil:* sistematização em processo. Porto Alegre: Simpósio de Pesquisa Ação Participante 2011. [comunicação]

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. In: _____. *Dits et écrits*. Paris: Gallimar, 1994. p. 163-167. v.4. Disponível em: <http//www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>. Acesso em: 2 mar. 2003.

_____. Polêmica, política e problematizações. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.) *Foucault:* ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 225-233. (Ditos e Escritos, V)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança:* um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Curiosidade epistemológica. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 186-187.

GALLO, Silvio. Cuidar de si e cuidar do outro: implicações éticas para a educação dos últimos escritos de Foucault. In: GONDRA, José; KOHAN, Walter (Orgs.). *Foucault 80 anos.* Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 177-190.

MOLINA, Rosane Kreusburg, Experiência. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 186-187.

REVEL, Judith. *Foucault, conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

SILVA, Celma Moreira. Sistematização. In: SILVA, Raimunda de Oliveira et al. *ENFOC, repercussões e um jeito de ser escola*. Brasília: CONTAG, 2010.

TORRES, Alfonso Carrillo. Educación Popular y producción de conocimiento. In: *La Piragua*, CEAAL, n. 32, Panamá, 2010. p. 8-25.

VASCONCELOS, Maria Lucia Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires. *Conceitos de educação em Paulo Freire.* São Paulo: Vozes, 2006.

Siglas

AL – Alagoas

AMADECOM – Associação das Mulheres Agricultoras Comunitárias para o Desenvolvimento

ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural

BA – Bahia

CE – Ceará

CGTB – Central Geral dos Trabalhadores do Brasil

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento

CONCLAT – Conferência Nacional da Classe Trabalhadora

CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

CTB – Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil

CUT – Central Única dos Trabalhadores

ECO-CUT – Escola Centro-Oeste de Formação Sindical da CUT

EFA – Escola Família Agrícola

EMAFOR – I Encontro Estadual de Formação Sindical

ENAFOR – Encontro Nacional de Formação Sindical

ENCLAT – Encontro Nacional da Classe Trabalhadora

ENFOC – Escola Nacional de Formação da Contag

EPIFOR – Encontro Piauiense de Formação

ES – Espírito Santo

ESFOSGO – Escola Estadual de Formação Sindical de Goiás

FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional

FETAEG – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás

FETAEMA – Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura do Estado do Maranhão

FETAEMG – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais

FETAES – Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado do Espírito Santo

FETAESC – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina

FETAESP – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo

FETAET – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Tocantins

FETAG – Federação dos Trabalhadores na Agricultura

FETAG/AL – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Alagoas

FETAG/PI – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Piauí

FETAGRI – Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura do Estado do Pará

FETAGRI/MS – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Mato Grosso do Sul

FETAG/RJ – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio de Janeiro

FETAGRO – Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Rondônia

FETAG/RS – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul

FETAPE – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco

FETARN – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio Grande do Norte

FETASE – Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Sergipe

FETRAECE – Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura do Estado do Ceará

GES – Grupos de Estudos Sindicais

GESB – Grupos de Estudos Sindicais de Base

GO – Goiás

GTB – Grito da Terra Brasil

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFSIM – Instituto de Formação Sindical Irmão Miguel

INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social

MA – Maranhão

MASTER – Movimento dos Agricultores Sem Terra

MG – Minas Gerais

MS – Mato Grosso do Sul

MST– Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MSTTR – Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

MT – Ministério do Trabalho

MTPS – Ministério do Trabalho e Previdência Social

NCST – Nova Central Sindical de Trabalhadores

OCB – Organização das Cooperativas do Brasil

PA – Pará

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PADRSS – Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PDHC – Projeto Dom Helder Câmara

PDLS – Programa de Desenvolvimento Local Sustentável

PE – Pernambuco

PI – Piauí

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNF – Política Nacional de Formação

PNFC – Programa Nacional de Crédito Fundiário

PPP – Projeto Político Pedagógico

Projeto PROTEGER – Projeto que atende às comunidades ribeirinhas atingidas pelas enchentes do rio Madeira e também às famílias em situação de vulnerabilidade social nos distritos do Baixo Madeira.

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PT – Partido dos Trabalhadores

RJ – Rio de Janeiro

RN – Rio Grande do Norte

RS – Rio Grande do Sul

RO – Rondônia

SC – Santa Catarina

SE – Sergipe

SP – São Paulo

STTR – Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

SUS – Sistema Único de Saúde

TO – Tocantins

UGT – União Geral dos Trabalhadores